

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

ESCRITÓRIOS MODELO DE ARQUITETURA e URBANISMO:

HISTÓRIA COLETIVA DE UMA ENTIDADE ESTUDANTIL

CLÁUDIA MARIA BRAGA RIBEIRO

Orientador

Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

SANTOS

2021

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

ESCRITÓRIOS MODELO DE ARQUITETURA e URBANISMO:

HISTÓRIA COLETIVA DE UMA ENTIDADE ESTUDANTIL

CLÁUDIA MARIA BRAGA RIBEIRO

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Doutorado em Educação da Universidade Católica de Santos, como parte das exigências para obtenção do título de doutora em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira.

Orientador

Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

SANTOS

2021

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

claudia.braga@unisantos.br

[Dados Internacionais de Catalogação]
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
Maria Rita de C. Rebello Nastasi - CRB-8/2240

R484e Ribeiro, Claudia Maria Braga
Escritórios modelo de arquitetura e urbanismo : história
coletiva de uma entidade estudantil / Cláudia Maria
Braga Ribeiro ; orientador Luiz Carlos Barreira. --
2021.

468 f. ; 378 il., 372 color.

Tese (doutorado) - Universidade Católica de Santos,
Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação,
2021.

Inclui bibliografia

1. Movimento estudantil de Arquitetura e Urbanismo.
2. Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo.
3. Ensino, pesquisa e extensão em Arquitetura e Urbanismo.
4. Pedagogias Urbanas. I. Barreira, Luiz Carlos. II.
Titulo.

CDU: Ed. 1997 -- 37(043.2)



Figura 1: Escultura A da FAUS.
Fonte: Acervo da autora

Dedicatória

Ao amor, que inspirou Bambace e Lucília a manifestá-lo na mútua alegria de me dar à luz, e segue sendo o meu caminho;

À minha equipe de trabalho e aprendizado – estudantes, funcionários, professores e gestores da Universidade Católica de Santos;

Aos estudantes do Escritório Modelo Grupo Reviver, que se dedicam até hoje a fazer arquitetura do lado de fora, porque sabem que o sonho nunca acaba.

Agradecimentos

Sou grata:

Ao infinito campo cósmico de todas as possibilidades que aprendi a chamar de Deus(a), pela vida longa, saudável, perfeita e plena que me deu e mantém até hoje, fonte de momentos de indescritível prazer e experiências absolutamente magníficas e indispensáveis de dor, algumas delas relacionadas a este trabalho;

Aos meus pais, José Roberto Bambace Ribeiro e Lucília Maria Braga Ribeiro [*in memoriam*] pela sabedoria com que me educaram e pela boa vida de estudante permanente que me proporcionaram;

À Universidade Católica de Santos, pelo patrocínio integral desta jornada acadêmica de quatro anos, que a tornou economicamente viável e tranquila, e a Debora Oliveira, que sempre me acolheu nos momentos de desespero burocrático;

À equipe do Programa de Pós-Graduação em Educação, sobretudo a Alexandre Saul, pela escuta perfeita, e aos meus três orientadores – Dra. Ivanise Monfredini, Dr. Moisés Kuhlmann e Dr. Luiz Carlos Barreira, este que me acolheu quando da perda de minha mãe, para me guiar com maestria até aqui;

Aos estudantes organizadores da XXII SAU da FAUS, que me levaram à palestra de Rodrigo Alonso, oportunizaram o tema do meu doutorado e me colocaram nesta história incrível;

À equipe da FAUS, sobretudo aos colegas Cleber Ferrão e Cesar Bargo, que me jogaram sem piedade nem bússola na mata fechada deste doutorado, certos de que iria sobreviver;

A José Maria Macedo, pela profundidade de sua tese de doutorado sobre a FAUS, que me ajudou a abrir um caminho nesta mata;

Aos professores da FAUS Augusto Campos, Fabio Serrano, Juan Arribas, Mônica Viana, Rafael Ambrósio e Clarissa Duarte de Castro Souza, pelas entrevistas que me concederam;

Às estudantes do ensino médio do Liceu Santista Isabela Barros dos Santos e Roberta Frangakis Diniz, pela participação nas pesquisas de iniciação científica¹ “Levantamento das Atividades de Extensão da FAUS –2008 a 2018” e “Projeto do Manual de Pesquisa e Extensão na FAUS”, que muito contribuíram com este trabalho;

À equipe do Instituto Elos, por me permitir cursar a etapa extramuros do curso de imersão Guerreiros Sem Armas;

A Rodrigo Rubido Alonso, que permitiu que eu transcrevesse sua palestra no MIS Santos e sempre respondeu prontamente às minhas dúvidas;

A Bruno Matinata, pela colaboração no *Projeto FAUS Ilustra Elos* e na busca de imagens para a tese;

A Alexandre Esteves, pelas entrevistas, pelo acesso aos vídeos dos SeNEMAUs, pela disponibilidade em contribuir com a identificação dos participantes, e pelo valor que atribui ao

¹ Realizadas por meio do Programa de Educação Científica para o Ensino Médio do IPECI/UNISANTOS, contempladas com bolsas PIBIC/CNPq e CAPES.

trabalho desde o início;

A Mariana Gauche e Natasha Gabriel, pela entrevista conjunta que me concederam e revisaram juntas com o maior cuidado;

A Edgard Gouveia Júnior, pela fala de duas horas sobre o tema desta pesquisa, que me concedeu no meu ateliê, em São Paulo;

A Heloisa Bergamin e demais membros do Escritório Modelo Mosaico, que me ajudaram a compreender o contexto atual em que esta pesquisa se insere;

Aos professores da FAUUSP Caio Santamore² e Karina Leitão³, que me incluíram em uma visita de Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social (ATHIS)⁴ com seus alunos de pós-graduação, o que ampliou meu entendimento dos cursos de extensão que encabeçam na FAUUSP;

Ao professor Reginaldo Luiz Nunes Ronconi⁵, pela entrevista concedida no Canteiro Experimental da FAUUSP sobre práxis no ensino de arquitetura e urbanismo;

Aos professores da FAU Mackenzie que me acolheram no Seminário de ATHIS de 2019, permitindo que registrasse parte do evento;

A todos os pesquisadores que se dedicaram ao tema da extensão em arquitetura e urbanismo e aos que o farão depois, principalmente Maria Eliza Maira [*in memoriam*] e Valeska Peres Pinto, que quando integrantes da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) apoiaram a formação dos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU).

E principalmente àqueles que, de maneira invisível para a academia, mas indispensável para mim, dispenderam energia, tempo e dinheiro para cuidar de mim e de meu pai com carinho até o fim desta pesquisa: meus irmãos -Maria Elizabeth e José Antônio – e meus amigos apoiadores - Adriane Castilho, Gabriel Tomba, Gil Rodrigues, Ligia, Lúcia, Leda, Luiz Tavares, Luciano Bortoletto, Maria Heloneuda, Roseni, Rosangela Vasconcelos, e tantos outros, que seriam necessárias mais duas folhas para mencionar.

² **Caio Santamore**, professor doutor no Departamento de Tecnologia (AUT) do curso de graduação da FAUUSP e na área de Concentração Habitat do Programa de Pós-Graduação (PPG-AU) da FAUUSP. Membro da ONG de Assessoria Técnica Peabiru, que faz trabalhos comunitários e ambientais desde 1998. Atua em planos, projetos, pesquisas e extensão universitária, em temas relacionados à habitação de interesse social e assentamentos precários, com levantamentos e intervenção, processos participativos, assessoria e assistência técnica.

³ **Karina Oliveira Leitão**, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPA (1999), é professora da FAUUSP. Mestrado pelo Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - PROLAM-USP (2004) e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela FAUUSP (2009). Desde 2002, é pesquisadora do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da FAUUSP, que coordenou entre janeiro de 2016 e março de 2020. Tem foco suas pesquisas em Habitação Popular, Políticas Públicas Urbanas e Impactos de Grandes Projetos

⁴ A respeito das diretrizes de atuação em **ATHIS**, ver Lei 11.888 de 2008.

⁵ **Reginaldo Luiz Nunes Ronconi**, graduado na FAUS da Universidade Católica de Santos (1987), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos da USP (1995) e doutorado pela USP (2002). É professor da graduação e da pós-graduação na FAUUSP. É idealizador do Canteiro Experimental da FAUUSP, onde trabalha processos integrados para a formação do arquiteto e urbanista. Coordena o LCC - Laboratório de Culturas Construtivas. Tem experiência em assessoria a comunidades organizadas e escreve sobre formação do arquiteto.

Aqui se encontra o perigo das escolas: de tanto ensinar o que o passado legou – e ensinar bem – fazem os alunos se esquecerem de que seu destino não é o passado cristalizado em saber, mas um futuro que se abre como vazio, um não saber que somente pode ser explorado com as asas do pensamento. Compreende-se então que Barthes tenha dito que, seguindo-se ao tempo em que se ensina o que se sabe, deve chegar o tempo quando se ensina o que não se sabe...” (Rubem Alves)

RESUMO

Investiga-se a contribuição coletiva dos estudantes da Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo [FeNEA] na transformação de sua formação acadêmica, excessivamente elitista e teórica, por meio de atividades extramuros. A ênfase recai na trajetória histórico-pedagógica do Grupo Reviver – Escritório Modelo da Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos – e na participação de seus membros [1] na elaboração do Projeto de Organização dos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo – POEMA; [2] nos seminários nacionais [SeNEMAUs] de consolidação dos escritórios modelo realizados em 1997 e 1998; [3] na criação de uma metodologia de ação social para atender comunidades tradicionais perversamente incluídas no processo capitalista de produção do espaço; [4] na elaboração de estratégias de cocriação de projetos públicos coletivos; e [5] no exercício democrático da profissão de arquiteto urbanista. Utiliza-se documentos dos acervos do Diretório Acadêmico Michael Leaders, do HABITAF AUS e do Instituto ELOS, publicações nas revistas especializadas e entrevistas com professores gestores e estudantes da FAUS que ocuparam posições de liderança na FeNEA. Estas fontes são abordadas a partir dos conceitos de “lógica histórica” (Edward Palmer Thompson), “história problema” (Jacques Furet), “história como construção em um campo de possibilidades” (Maria do Pilar Vieira, Maria do Rosário Peixoto, Yara Khoury), “história oral” (José Carlos Sebe Bom Meihy, Leandro Seawright), “memória coletiva” (Jacques Le Goff), “memória/esquecimento” (Paul Ricoeur), “tradutibilidade /intradutibilidade” (Walter Benjamin), desenvolvidos no grupo de pesquisa do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira. A colaboração do Grupo Reviver na consolidação dos Escritórios Modelo da FeNEA em todo o Brasil é revisitada a partir de atas, vídeos e cadernos dos SeNEMAUs, que registram a pedagogia seminal desenvolvida para os escritórios modelo, a partir das experiências exitosas do ENEA Santos e da revitalização do Museu de Pesca de Santos, disseminadas nos Encontros Nacionais [ENEAs] e Latino-americanos [ELEAs] da FeNEA.

Palavras-chave: Movimento estudantil de Arquitetura e Urbanismo. Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo. Ensino, pesquisa e extensão em Arquitetura e Urbanismo. Pedagogias Urbanas.

ABSTRACT

It investigates the collective contribution of students from National Federation of Students of Architecture and Urbanism [FeNEA] in transforming their academic education, excessively elitist and theoretical, through extramural activities. The emphasis is on the historical-pedagogical trajectory of the Reviver Group – Model Office of Architecture and Urbanism of the Faculty of Architecture and Urbanism of the Catholic University of Santos – and on the participation of its members [1] in the elaboration of the Organization Project of the Model Architecture Offices and Urbanism – POEMA; [2] in the SeNEMAUs consolidation of the model offices carried out in 1997 and 1998; [3] in the creation of a social action methodology to serve traditional communities perversely included in the capitalist process of space production; [4] in the elaboration of co-creation strategies for collective public projects; and [5] in the democratic exercise of the profession of architect urban planner. Documents from the collections of the Michael Leaders Academic Directory, HABITAF AUS and ELOS Institute, publications in specialized magazines and interviews with managing professors and FAUS students who occupied leadership positions at FeNEA are used. These sources are approached through the concepts of Historical Logic [THOMPSON, Zahar, 1991]; Problem History, [FURET, Gradiva, 1986]; History as construction in a field of possibilities, [VIEIRA, PEIXOTO and KHOURY, Ática, 1995]; Oral history, (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020); Collective memory, [Le Goff, UNICAMP, 2003]; Memory/forgetting [RICOEUR UNICAMP, 2018.]; Translatable/untranslatable [BENJAMIN, Brasiliense, 1985]; developed in the research group of Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira. The collaboration of Grupo Reviver in consolidating FeNEA's Model Offices throughout Brazil is revisited through SeNEMAUs minutes, videos and notebooks, which record the seminal pedagogy for model offices developed from the successful experiences of ENEA Santos and the revitalization of the Museum of Santos Fisheries and disseminated through the National [ENEAs] and Latin American [ELEAs] Meetings of the National Federation of Students of Architecture and Urbanism.

Keywords: Area student movement. Model Offices of Architecture and Urbanism. Teaching, Research and Extension in Architecture and Urbanism. Urban Pedagogies.

LISTA DE FIGURAS DO CORPO DO TRABALHO

Figura	Título	Pág.
Figura 1	Escultura: A da FAUS. Fonte: Acervo da autora	04
Figura2	Caderno do II SeNEMAU. Fonte Arquivos do DA Michael Leaders	58
Figura3	Logotipos de 28 EMAUs. Fonte: FeNEA Regional S. Paulo – 04/06/2018.	61
Figura4	Painel produzido pelo professor Maurício Nogueira Lima no atelier da FAUS, com ajuda dos estudantes e cartaz da programação da Semana da FAUS 198 Fonte: MACEDO, 2020, p. 167.	71
Figura5	Comissão plena desenvolvendo projeto PEDAGÓGICO DA FAUS, 2000. FONTE: MACEDO, 2020. p. 203.	74
Figura 6	Organização conceitual do projeto pedagógico da FAUS, formulada pela Comissão Plena em 200.Fonte: MACEDO, 2020, p.204	74
Figura7	Capa do documento HABITAF AUS LABORATÓRIO DE HABITAÇÃO DOSSIÊ – 1995 com selo da biblioteca da FAUS	79
Figura 8	Cartão Postal frente Arquivos do D.A. Michael Leaders	80
Figura 9	Cartão Postal verso. Arquivos do D.A. Michael Leaders	80
Figura 10	Três documentos do XIX ENEA. Fonte: Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS.	97
Figura11	XIX ENEA SANTOS'95 Tema Fonte: Arquivo no Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS UNISANTOS.	99
Figura12	XIX ENEA SANTOS'95 Subtemas. Fonte: Arquivo no Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS UNISANTOS	99
Figura13	XIX ENEA. Programação. Fonte: Arquivo no Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS UNISANTOS.	99
Figura14	Edgard Gouveia Júnior, bioarquiteto do Tibá. Disponível em: https://yip.se/profiles/edgard-gouveia-junior/	107
Figura15	Marcia Gouveia, arquiteta, colega de Edgard na FAUS e no Tibá. Fonte: Acervo pessoal de Alexandre Esteves	107
Figura16	Maria Elisa Meira e Valeska Pinto. Fonte: https://youtu.be/JwsxNrkORlk	113
Figura 17	Valeska Pinto [a esquerda] e Maria Elisa Meira no auditório do CREA Disponível em: http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1394 Acesso 5 Ago. 2019	114
Figura 18	Valeska Pinto e Maria Elisa Meira na Conferência do Habitat II, Istambul 1996, Disponível em https://youtu.be/JwsxNrkORlk Acesso 23 Set 19	114
Figura 19	Edifício da Escola de Marinheiros, hoje museu de pesca de santos. Disponível em http://jornalperspectiva.com.br/santos-e-suas-historias/de-escola-de-marinheiros-a-museu-de-pesca/ Acesso em 19/09/2021	120
Figura 20	Prédio do Museu de Pesca por volta de 1945, antes de sua restauração. Fonte: Museu do Instituto de Pesca.	120
Figura 21	Museu de Pesca de Santos em Ruínas. Fonte: Arquivos do Instituto Elos	122
Figura 22	Reinauguração do Museu de Pesca de Santos. Fonte: Instituto Elos	122
Figura 23	Kaká Werá Jacupé em ritual do ENEA Santos. Fonte frame do Vídeo ENEA Santos 1995. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Onpmgfjkpuc Acesso em 18/ 09/ 21	127
Figura 24	Kaká conduz Roda dos sonhos na praia. Disponível em: https://www.kakawera.com/agenda-de-kaka-wera?pgid=k8j1t7o8-6698e633-b736-473e-a64c-87cfde0d4590 Acesso 03 2019	127

Figura 25	As professoras de restauro, Cássia Magaldi e Leila Diégoli, em roda de conversa com estudantes, Fonte: Arquivos do Instituto Elos.	132
Figura 26	Grupo de estudantes reunido no seu escritório do Museu de Pesca de Santos. Fonte: Arquivos do Instituto Elos	132
Figura 27	Vista geral da Sala do Barco na Ala lúdica do MPS projetada pelo EMAU Reviver. Disponível em https://www.turismosantos.com.br/?q=pt-br/node/1591 Acesso 1 Mai 2019	134
Figura 28	Quarto do Capitão, na Ala lúdica do Museu de Pesca de Santos, projetada pelo EMAU Reviver. Disponível em https://www.turismosantos.com.br/?q=pt-br/node/1591 Acesso 1 Mai 2019	134
Figura 29	Diorama do Museu de pesca, projetado pelo Grupo Reviver com participação dos Acesso res do Instituto de pesca, do cenógrafo Silvio Galvão e da sociedade santista. Disponível em https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca	134
Figura 30	Criança na Ala lúdica do Museu de Pesca de Santos. Disponível em https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/ Acesso em 18/09/21	135
Figura 31	Ala lúdica do Museu de Pesca de Santos. Disponível em https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/ Acesso em 18/09/21	135
Figura 32	Utensílios de origem indígena utilizados pelas comunidades caiçaras santistas até o século passado, doados para o acervo do Museu de Pesca de Santos. Disponível em: https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/ Acesso 1 Mai 19	135
Figura 33	o esqueleto da baleia. Disponível em: https://www.queroviajarmais.com/pontos-turisticos-de-santos/ Acesso 1 Mai 2019	136
Figura 34	Esqueleto da baleia visto do caixilho de vidro projetado pelo grupo Reviver. Disponível em: https://www.google.com.br/travel/entity/key/Choli-qDONG6jo20ARoNL2cvMTFiNjZoaGp4axAE?ei=JbYjYY_GNbPhIsYP242QiA4&sa=X&ved=0CAAQ5JsGahcKEwjonOy4ienzAhUAAAAAHQAAAAAQAw&ts=CAESABoGCglaABIAKgQKABoA Acesso 1 Mai 2019	136
Figura 35	A sala do museu antigo, que mantém as características museográficas anteriores; restaurada com o auxílio de memória oral de visitantes e do SENAI. Disponível em: https://www.cidadeecultura.com/museu-do-instituto-de-pesca-em-santos/santos-cultura-museu-de-pesca-sala-dos-tubaroes-ft-monica-doll-costa-bx/ Acesso 1 Mai 2019	137
Figura 36	Museu de Pesca de Santos. Ala de exposições temporárias no térreo, coleção de tubarões. Disponível em https://www.cidadeecultura.com/museu-do-instituto-de-pesca-em-santos/santos-cultura-museu-de-pesca-sala-dos-tubaroes-ft-monica-doll-costa-bx/ Acesso 2 Jul 2019	138
Figura 37	Painel de vidro no piso do MPS concebido pelos estudantes para abrigar o diorama. Fonte: Acervo do Instituto Elos	140
Figura 38	Peça do diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do Instituto de pesca e estudantes – Polvo. Disponível em: http://www.silviogalvao.com.br/repertorio/repertorio092.html Acesso 22 Mai 19	140
Figura 39	Peça do diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do Instituto de pesca e estudantes. Disponível em: http://www.silviogalvao.com.br/repertorio/repertorio085.html Acesso 22 Mai 19	140

Figura 40	Peça do diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do Instituto de pesca e estudantes. Disponível em: http://www.silviogalvao.com.br/repertorio/repertorio088.html Acesso 22 Mai 19	140
Figura 41	Peça do diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do Instituto de pesca e estudantes. Disponível em: http://www.silviogalvao.com.br/repertorio/repertorio091.html Acesso 22 Jul 2019	140
Figura 42	Peça do diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do Instituto de pesca e estudantes. Disponível em :http://www.silviogalvao.com.br/repertorio/repertorio087.html Acesso em 27/07/2021:	140
Figura 43	Primeira geração de integrantes do Grupo Reviver, quando estudantes. Da esquerda para a direita: Edgard Gouveia Júnior [mentor], Rodrigo Alonso, Mariana Gauche, Natasha Gabriel, Alexandre Esteves e Renato Leal. Fonte: Vídeo do II SeNEMAU	142
Figura 44	Frente e verso do Cartaz de divulgação da UAV. Fonte: Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS.	148
Figura 45	Prédio da FAU UFAL no campus de Maceió Foto: Viviane D. Disponível em https://pt.foursquare.com/v/fau--faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo/4dc2fe217d8b14fb45ed2b7e?openPhotoid=5464868d498e9ae46c3e1409 Acesso em 30/07/2021	155
Figura 46	Interior da FAU UFAU. Disponível em: https://fau.ufal.br/fotos-fau Acesso em 30/07/2021	155
Figura 47	Interior da FAU UFAU. Disponível em: https://fau.ufal.br/fotos-fau Acesso em 30/07/2021	155
Figura 48	Foto aérea do Campus da FAU UFAU. Fonte Google Maps Acesso 1 Jul 2019.	156
Figura 49	Prédio de Laboratórios de Desenvolvimento da Criatividade na FAUUFAL inaugurado em 2019. Foto: Janyelle Vieira. https://ufal.br/ufal/noticias/2019/7/fau-ganha-bloco-de-desenvolvimento-da-criatividade Acesso em 27/07/2021	156
Figura 50	Edifício do recentemente criado Laboratório de Desenvolvimento da Criatividade na FAUUFAL inaugurado em 2019. Foto: Janyelle Vieira. https://ufal.br/ufal/noticias/2019/7/fau-ganha-bloco-de-desenvolvimento-da-criatividade Acesso em 27/07/2021	156
Figura 51	Imagem de abertura do Website do LABiboca. Disponível em: https://labiboca.wixsite.com/labiboca Acesso em 30/07/2021	156
Figura 52	Convite para apresentação do Projeto Arquitetônico de um Centro de Apoio à Colônia de Pescadores de Porto de Pedras, Disponível em https://www.instagram.com/beco.emau/?hl=pt Acesso em 27/07/2021	156
Figura 53	Post EMAU BECO no Instagram em 2018. Disponível em: https://www.instagram.com/beco.emau/?hl=pt Acesso 11 Abr. 2021	157
Figura 54	Post EMAU BECO no Instagram em 2018. Disponível em: https://www.instagram.com/beco.emau/?hl=pt Acesso 11 Abr. 2021	157
Figura 55	Equipe do BECO da FAU UFAL. Disponível em https://www.instagram.com/beco.emau/?hl=pt . Acesso 11 Abr. 2021	157
Figura 56	Imersão de fim de semana do EMAU BECO. https://www.instagram.com/beco.emau/?hl=pt Acesso 11 Abr. 2021	157
Figura 57	Logo do EMAU BECO, da FAU UFAL Disponível em: https://www.instagram.com/beco.emau/?hl=pt Acesso 11 Abr. 2021	157

Figura 58	Revista Ímpeto: Arquitetura e Urbanismo., N 5/ DEHA UFAL, out/2015. Disponível https://issuu.com/petarqufal/docs/revista_mpeto_n_5 Acesso 11 Abr. 2021	157
Figura 59	Renato Leal, o estudante/professor do Grupo Reviver da FAUS. Fonte Impressão de tela do Vídeo I SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	159
Figura 60	Estudantes simulam Teoria do Monomotor. Fonte Impressão de tela do Vídeo I SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	159
Figura 61	Estudantes simulam a Teoria da Turbina. Fonte Impressão de tela do Vídeo I SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	159
Figura 62	O primeiro grupo semente, seguido de mais dois grupos, todos atrelados ao coordenador XHY. Fonte Impressão de tela do Vídeo I SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	160
Figura 63	Cada grupo pizza com profissional e um estudante responsável pelo financeiro. Fonte Impressão de tela do Vídeo I SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	160
Figura 64	Natasha Gabriel faz comentário: “Dai, uma vez por mês os Grupos Pizza se reúnem e fazem uma Pizzada!” Fonte Impressão de tela do Vídeo I SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	161
Figura 65	Renato da FAUS apresenta teoria da oscilação. Fonte Impressão de tela do Vídeo I SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	162
Figura 66	Roda de conversa no Encontro Mineiro de Estudantes de Arquitetura, em Uberlândia MG, durante o primeiro workshop sobre o POEMA. 1997 Fonte: Acervo Alexandre Esteves	163
Figura 67	Entrada do CAC UFPE Foto: Reprodução / TV Globo. Disponível em https://g1.globo.com/pe/paranaguacu/educacao/noticia/2019/01/22/sisu-2019-tem-14284-vagas-em-seis-instituicoes-de-paranaguacu.ghtml Acesso 05 jul. 2020	166
Figura 68	Áreas de estudo dos workshops do II SeNEMAU: Fonte: Google Maps	167
Figura 69	Mapa de Igarassu. Google Maps Acesso 3 Jul 2019	167
Figura 70	Leteiro IGARASSU. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	168
Figura 71	Grupo de estudo em IGARASSU. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	168
Figura 72	Dona Nida, do Maracatu Estrela. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	168
Figura 73	João e Nilcio Dias em IGARASSU. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	168
Figura 74	Leteiro RECIFE ANTIGO. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	169
Figura 75	Paisagem urbana, edifícios. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	169
Figura 76	Paisagem do Recife Antigo. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	169
Figura 77	Escultura suspensa em praça. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	169
Figura 78	ILHA DE DEUS em 2020. Disponível em https://www.brasildefatope.com.br/2020/01/09/historia-da-ilha-de-deus-e-contada-pelas-mulheres Acesso 21 Set 2019	170
Figura 79	Leteiro ILHA DE DEUS. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	171

Figura 80	Ilha de Deus -Barco de pesca. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	171
Figura 81	Lixo nas margens e urubu. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	171
Figura 82	Habitações a beira d'água. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	171
Figura 83	Área portuária do Recife, com navios e armazéns ao fundo. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	172
Figura 84	Barco onde Natasha Gabriel mostra mapa da região e prepara estudantes para a visita técnica Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo A. Esteves.	172
Figura 85	Estudantes acompanham a fala de Natasha. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves.	172
Figura 86	Em Brasília Teimosa, paisagem com barco branco atracado em primeiro plano e residências Fonte Impressão de tela do Vídeo II SeNEMAU. Acervo Alexandre Esteves	172
Figura 87	Rodrigo Alonso - ao centro, com a mão no joelho - com grupo do GSA. Fonte: Acervo do Instituto Elos	176
Figura 88	Elos: Abraço coletivo. Fonte: Instituto Brookfield.	179
Figura 89	Participação segundo Paulo Freire. Fonte: elaborado pela autora	183
Figura 90	Os sete passos da Filosofia Elos. Disponível em : https://institutoelos.org/jogooasis/ Acesso em 21/09/2021	187
Figura 91	Participante do GSA entra em uma comunidade tradicional santista de olhos vendados, guiada por alguém mais experiente. Fonte. Acervo do Instituto Elos	188
Figura 92	ETAPA OLHAR. Encontrar beleza na comunidade. Fonte: Acervo do Instituto Elos	189
Figura 93	ETAPA AFETO. Descobrir quem está por trás da beleza. Fonte: Acervo do Instituto Elos	190
Figura 94	ETAPA SONHO. Roda de sonhos em uma comunidade tradicional. Fonte Acervo do Instituto Elos	191
Figura 95	Moradores projetando playground através de maquetes. Fonte: Instituto Elos	193
Figura 96	Grupo manipula material previamente elaborado para as maquetes. Fonte: Acervo do Instituto Elos	194
Figura 97	Caiçara que tem habilidade com bambu trabalha no mobiliário do playground. Fonte Acervo do Instituto Elos	195
Figura 98	Crianças de uma comunidade caiçara brincam no playground de bambu. Fonte: Acervo do Instituto Elos	197
Figura 99	Celebração após construção de uma horta coletiva e pintura de um mural em um bairro de Amsterdam. Fonte: Acervo do Instituto Elos.	199
Figura 100	Duas creches creche construída com acompanhamento do elos no mesmo local. Fonte: Acervo do Instituto Elos	200
Figura 101	Paralelo entre os sete passos da Filosofia Elos e a pedagogia freireana. Fonte: a autora. 2017	203
Figura 102	Trama conceitual freireana de educação libertadora. Fonte: SAUL.	205
Figura 103	Heloisa Bergamin. Fonte : Acervo pessoal de Heloisa Bergamin.	206
Figura 104	Mesa do Fórum de ATHIS da FAU MACK. Disponível em http://www.athis.org.br/forum-athis/ Acesso 22 Jul 19	210
Figura 105	Banca escolhida por Cláudia Braga para sua tese. Fonte: Redes sociais	229

LISTA DE QUADROS DO CORPO DO TRABALHO.

	Título	Pág.
Quadro 1	Documentos selecionados sobre extensão na FAUS, de 1987 a 2005. em ordem cronológica. Fonte: Acervo do Diretório Acadêmico Michael Leaders. Pesquisa realizada com apoio do IPECI, em 2018/19. Quadro organizado por Isabela Barros dos Santos e Roberta Frangakis Diniz, com orientação da autora.	40
Quadro 2	Links de documentação dos SeNEMAUs a partir de 2011. Fonte	63
Quadro 3	Documentos selecionados sobre extensão no HABITAF AUS, de 1987 a 2005, em ordem cronológica. Fonte: : Acervo do HABITAF AUS. Pesquisa realizada com apoio do IPECI, em 2018/19. Quadro organizado por Isabela Barros dos Santos e Roberta Frangakis Diniz, com orientação da autora.	78

LISTA DE GRÁFICOS DO PREÂMBULO

	Título	Pág.
Gráfico 1:	O tripé da universidade extensionista. Fonte: Concepção e elaboração da autora.	23
Gráfico 2	Relação dos Escritórios Modelo com a Universidade. Fonte: Concepção e elaboração da autora.	24
Gráfico 3	Relação dos Escritórios Modelo com a sociedade. Fonte: Concepção e elaboração da autora.	25
Gráfico 4	Princípios dos EMAUs definidos pelo Movimento Estudantil. Fonte: FeNEA, 2007, s/p. Elaboração da autora.	28
Gráfico 5	Diferença entre laboratórios de extensão e EMAUs em termos de organização. Fonte: POEMA, página 17. Disponível em http://www.fenea.org/poema . Elaboração da autora.	29
Gráfico 6:	Mosaico de imagens sobre a atuação do grupo Reviver, depois Instituto Elos Fontes: Fotos de 1 a 7, vídeos dos SeNEMAUS; 8 a 13, acervo do Instituto Elos; foto 14, MACEDO, 2020, p. 167; foto 15, acervo pessoal Alê Esteves; foto 16, https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/ . Mosaico elaborado pela autora.	30
Gráfico 7	Agradecimento aos entrevistados. Fonte: Esteves, 2019. Elaboração da autora	33

LISTA DE SIGLAS E APREVIATURAS

ABEA	Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura
ATHIS	Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social
CAC	Centro de Artes e Comunicação
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAU	Comissão de Especialistas de Ensino em Arquitetura e Urbanismo
COREA	Conselho Regional de Estudantes de Arquitetura
CONFEA	Conselho Federal de Estudantes de Arquitetura
COLEA	Conselho Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo
ComOrg	Comissão Organizadora
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
CNDU	Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano
CNPQ	Conselho Nacional de desenvolvimento científico e tecnológico
D.A.	Diretório Acadêmico
DEHA	Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado
DIEPE	Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da FeNEA
EMAU	Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo
ENEA	Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura
ELEA	Encontro latino-americano de Estudantes de Arquitetura
GFAU	Grêmio Estudantil da FAUUSP
GAMHA	Grupo de Assessoria a Movimentos por Habitação
GSA	Guerreiros sem Armas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
INTERFAUS	Jogos Universitários de Arquitetura
FABLAB	Laboratório de fabricação digital
FAUS	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos
FAUs	Faculdades de Arquitetura e Urbanismo
FAUUSP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
FPIC	Função Pública de Interesse Comum
FENEA	Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo
GSA	Guerreiros Sem Armas. [curso do Instituto Elos]
GT	Grupo de Trabalho
HABITAF AUS	Laboratório de Assentamentos Humanos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos
IC	Iniciação Científica
IES	Instituição de Ensino Superior
IPECI	Instituto de Pesquisas Científicas da UNISANTOS

IPS	Instituto de Pesca de Santos
IT	Iniciação Tecnológica
LABHAB	Laboratório de Habitação
LABIBOCA	Laboratório de Intervenções em Bairros e Ocupações de Alagoas
LIBELU	Liberdade e Luta
MD	Ministério da Defesa do Governo Federal do Brasil
ME	Movimento Estudantil
MEC	Ministério da Educação
MPS	Museu de Pesca de Santos
PEABIRU - TCA	Peabiru – Trabalhos Comunitários Ambientais
POEMA	Projeto de Orientação aos Escritórios Modelos de Arquitetura e Urbanismo
NPJ	Núcleo de Prática Jurídica
OBSERVA BS	Observatório da Baixada Santista
ONG	Organização Não Governamental
PET-ARQ	Programa de Treinamento Especial em Arquitetura e Urbanismo
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PRODESAN	Progresso e Desenvolvimento de Santos
RMBS	Região Metropolitana da Baixada Santista
SENEMAU	Seminário Nacional de Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo
TGI	Trabalho de Graduação Interdisciplinar
UAV	Universidade Aberta de Verão
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESP	Universidade do Estado de São Paulo
UNICRUZ	Universidade de Cruz Alta
UNIMONTE	Universidade Monte Serrat
UNISANTA	Universidade Santa Cecília
UNISANTOS	Universidade Católica de Santos
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
USINA CTAH	USINA - Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado
USP	Universidade de São Paulo

Sumário

SUMÁRIO	19
1. <u>PREÂMBULO.....</u>	23
1.1. ESCRITÓRIOS MODELO: RELAÇÃO COM A UNIVERSIDADE E COM A CIDADE	23
1.2. PREMISSAS DOS ESCRITÓRIOS MODELO DA FENEA.....	26
1.3. <u>PROPOSTA DE TRABALHO.....</u>	34
1.3.1. O PROPÓSITO DE FORTALECER VÍNCULOS DOS ESTUDANTES COM A EXTENSÃO	34
1.3.2. LUGAR DE FALA E OBJETIVOS	37
1.3.3. PRINCIPAIS FONTES DOCUMENTAIS	38
1.3.4. COMO TRATAMOS AS FONTES ORAIS	43
1.3.5. IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES ORAIS	44
1.3.6. FONTES AUDIOVISUAIS.....	48
1.3.7. SELEÇÃO E REORDENAÇÃO DO CONTEÚDO	50
2. <u>DEMOCRATIZAÇÃO DAS FAUS</u>	52
2.1. DEMOCRATIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR [IES].....	52
2.2. DEMOCRATIZAÇÃO E PROGRAMAS DE FINANCIAMENTO	54
2.3. SE A PERIFERIA NÃO VAI À IES, A IES VAI À PERIFERIA	56
2.4. DEMOCRATIZAÇÃO DAS IES: AÇÕES EM MÚLTIPLAS ESCALAS.....	57
2.5. DEMOCRATIZAÇÃO DAS IES: O PAPEL DOS EMAUs	60
2.6. DEMOCRATIZAÇÃO DAS IES: O ESCRITÓRIO MODELO GRUPO REVIVER.....	63
3. <u>A FAUS.....</u>	65
3.1. PRIMÓRDIOS DA FAUS.....	65
3.2. A CRIAÇÃO DA FAUS	66
3.3. PROJETO PEDAGÓGICO DA FAUS E SUAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS	66
3.4. FRACASSO DA PRIMEIRA TENTATIVA DE INTEGRAÇÃO DEPARTAMENTAL.....	68
3.5. AS TRÊS LONGAS CRISES DA FAUS [1982, 1990 E 2000]	69
3.6. HABITAFUS: A CRIAÇÃO (1983).....	76
3.7. HABITAFUS: INVESTIGAÇÃO DE CONTINUIDADE	77
3.8. HABITAFUS: O DOSSIÊ	79
3.9. HABITAFUS: A PRIMEIRA RETOMADA, ENTRE 2004 E 2005.....	82
3.10. HABITAFUS: A SITUAÇÃO ATUAL.....	85
<u>ENTREMEIO: EDGARD GOUVEIA JÚNIOR, PRIMEIRA GERAÇÃO DA FENEA</u>	87
4. <u>MOVIMENTO ESTUDANTIL NA FAUS</u>	88

4.1.	AS GREVES NA FAUS	88
4.2.	AMPLIAÇÃO DO MOVIMENTO	89
4.3.	DIVERGÊNCIA COM A FENEA.....	91
<u>ENTREMEIO: RODRIGO ALONSO, LÍDER ESTUDANTIL DA FAUS E DA FENEA</u>		<u>94</u>
<u>5. O ENEA SANTOS [1995]: ARQUITETURA DO LADO DE FORA</u>		<u>95</u>
5.1.	TEMA, SUBTEMAS E PROGRAMAÇÃO	97
5.2.	OFICINAS E WORKSHOPS	100
<u>ENTREMEIO: REGINALDO RONCONI NOS ENSINA QUE FORMA = ESTRUTURA.....</u>		<u>102</u>
5.3.	CONCEPÇÃO DOS WOKSHOPS DO ENEA SANTOS.....	105
5.4.	UM MENTOR COM EXPERIÊNCIA “FORA DA CAIXA”	105
5.5.	TIBÁ INFLUENCIA ESTUDANTES DA FENEA	106
5.6.	APROVAÇÃO PERANTE A DIRETORIA DA FENEA.....	107
5.7.	A PRIMEIRA GERAÇÃO DE ESTUDANTES	109
5.8.	UMA “DUPLA INFERNAL” DA ABEA	112
<u>ENTREMEIO: GESTORES RELATAM FALTA DE APOIO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS AO ESCRITÓRIO MODELO DO GRUPO REVIVER</u>		<u>117</u>
<u>6. MUSEU DE PESCA DE SANTOS.....</u>		<u>120</u>
6.1.	ESCOLHA DE UM ESPAÇO PARA ATUAR	121
6.2.	FORMALIZAÇÃO DO GRUPO REVIVER.....	122
6.3.	UM TUTOR QUE “DEIXA FAZER”	123
6.4.	INFLUÊNCIA DE UM MENTOR INDÍGENA	125
<u>ENTREMEIO: NATASHA GABRIEL FALA SOBRE A METODOLOGIA DO GRUPO REVIVER.....</u>		<u>128</u>
6.5.	REALIZAÇÃO DE UM SONHO COLETIVO	129
6.6.	MPS: QUEBRA DE PARADIGMAS E APRENDIZADO PEDAGÓGICO.....	130
6.7.	CASSIA MAGALDI E LEILA DIÉGOLI APOIAM O REVIVER	131
6.8.	ALA LÚDICA RECEBE APOIO DA PETROBRAS	133
6.9.	COCRIAÇÃO DE PROJETOS COM A SOCIEDADE.....	135
6.10.	DIORAMA DO MPS COMO EXEMPLO DE PROJETO PARTICIPATIVO	139
6.11.	GRUPO REVIVER, FIBRA EM TODOS OS PAPÉIS	141
<u>ENTREMEIO: MARIANA GAUCHE E A UNIVERSIDADE ABERTA DE VERÃO.....</u>		<u>143</u>
<u>7. A UNIVERSIDADE ABERTA DE VERÃO [2000]</u>		<u>144</u>
7.1.	criação da universidade aberta de verão.....	144

7.2.	UAV COMO UNIVERSIDADE PARALELA	145
7.3.	UAV EXIGE SISTEMATIZAÇÃO METODOLÓGICA	147
8.	<u>SEMINÁRIOS NACIONAIS DOS ESCRITÓRIOS MODELO - SENEMAUS</u>	150
8.1.	SEGUNDA GERAÇÃO DE ESTUDANTES	150
8.2.	DOCUMENTAÇÃO DOS SENEMAUS EM VÍDEO	150
8.3.	ESTUDANTES DA FAUS NA CONCEPÇÃO DOS SENEMAUS	151
8.4.	INFLUÊNCIA DO ENEA SANTOS [1995] NO II SENEMAU [1998]	151
8.5.	O PRIMEIRO SENEMAU – MACEIÓ, ALAGOAS [1997]	154
8.5.1.	FAU UFAL, SEDE DO PRIMEIRO SEMINÁRIO	154
8.5.2.	OS PAINÉIS DO PRIMEIRO SENEMAU	158
	<u>ENTREMEIO: ALEXANDRE ESTEVES NO 1º WORKSHOP DE UBERLÂNDIA</u>	163
8.6.	II SENEMAU – RECIFE, PERNAMBUCO [1998]	165
8.6.1.	FAU UFPE, SEDE DO II SENEMAU	165
8.6.2.	OS WORKSHOPS DO II SENEMAU	166
8.6.5.	WORKSHOP EM RECIFE ANTIGO	168
8.6.6.	WORKSHOP EM ILHA DE DEUS	169
9.	<u>LEGADO PEDAGÓGICO DO GRUPO REVIVER, FORMALIZADO NA FILOSOFIA ELOS.....</u>	173
9.1.	REVIVER E ELOS: UMA CONTINUIDADE PEDAGÓGICA.....	175
9.2.	PREMISSAS ÉTICO-FILOSÓFICAS DESTA PEDAGOGIA	176
9.3.	“AS PESSOAS NÃO SÃO MASSA DE MANOBRAS PARA NÓS”	177
9.4.	PARADIGMA DA ABUNDÂNCIA E <i>O MELHOR DOS MUNDOS</i>	180
9.5.	DA ESTRATÉGIA DE LUTA À ESTRATÉGIA DE CONVITE	182
9.6.	PARTICIPAÇÃO ABERTA E DIÁLOGO HORIZONTAL.....	183
9.7.	APLICAÇÃO EM ÓRGÃOS PÚBLICOS.....	185
9.7.	OS SETE PASSOS DA FILOSOFIA ELOS.....	186
9.7.1.	PRIMEIRO PASSO: OLHAR.....	188
9.7.2.	SEGUNDO PASSO: AFETO	189
9.7.3.	TERCEIRO PASSO: SONHO	191
9.7.4.	QUARTO PASSO: CUIDADO.....	193
9.7.5.	QUINTO PASSO: MILAGRE	196
9.7.6.	SEXTO PASSO: CELEBRAÇÃO.....	198
9.7.7.	SÉTIMO PASSO: RE-EVOLUÇÃO.....	200
9.8.	CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTRATÉGIAS PARTICIPATIVAS DE AÇÃO SOCIAL	201
9.9.	POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS FREIREANAS NA METODOLOGIA ELOS.....	202
	<u>ENTREMEIO: HELOISA BERGAMIN, ESTUDANTE DO EMAU MOSAICO</u>	206
10.	<u>REFLEXÕES VOLTADAS PARA O FUTURO DA EXTENSÃO NA FAUS.....</u>	208
10.1.	O SELO EMOCIONAL DA EXTENSÃO	209

10.2.	CONTRIBUIÇÕES PARA EQUILIBRAR O TRIPÉ DAS UNIVERSIDADES	209
10.4.	ENTUSIASMO DOS ESTUDANTES EM EXPERIMENTAR A REALIDADE	217
10.5.	O PAPEL DOS ESTUDANTES NA CRIAÇÃO DO HABITAF AUS.....	217
10.6.	UMA DIFERENÇA COM RELAÇÃO AO LABHAB FEBASP	220
10.6.1.	RETOMADA DO HABITAF AUS PELOS ESTUDANTES	221
10.7.	DIFICULDADES DOS ESTUDANTES EM PARTICIPAR DE INICIATIVAS DE EXTENSÃO ATRELADAS AO ESTADO 222	
11.	<u>POSFÁCIO</u>	<u>228</u>
11.1.	A BANCA	228
11.2.	AMPLIAR A CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	230
11.3.	ATENUAR O CARÁTER LAUDATÓRIO DO TEXTO E REFORÇAR O ASPECTO HISTÓRICO E CIENTÍFICO DA PESQUISA.....	233
12.	<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>235</u>
12.1.	LIVROS.....	235
12.2.	TESES ACADÊMICAS	237
12.3.	ENTREVISTAS	238
12.4.	FONTES WEB GRÁFICAS	238
13.	<u>APÊNDICES.....</u>	<u>253</u>
13.1.	APÊNDICE 1: ENTREVISTAS	253
13.1.1.	ENTREVISTA COM REGINALDO RONCONI	253
13.1.2.	ENTREVISTA COM NATASHA GABRIEL E MARIANA GAUCHE	276
13.1.3.	ENTREVISTA COM EDGARD GOUVEIA JUNIOR	309
13.1.4.	ENTREVISTA COM ALEXANDRE ESTEVES	346
	O POEMA É O PROJETO DOS EMAUS EM FORMA DE LAGARTA, QUE SE TRANSFORMOU NO SENEMAU	346
13.1.5.	FALA DE HELOISA BERGAMIN	350
13.1.6.	ENTREVISTA JUAN CABELLO ARRIBAS	355
13.1.7.	ENTREVISTA COM RAFAEL AMBRÓSIO	366
13.2.	APÊNDICE 2: VÍDEOS.....	377
13.2.1.	VÍDEO ENEA SANTOS 1 9 9 5	378
13.2.2.	VÍDEO DO I SENEMAU. 27 A 29 DE JANEIRO DE 1997, MACEIÓ – ALAGOAS.	384
13.2.3.	VÍDEO DO II SENEMAU.01 A 04 DE FEVEREIRO DE 1998, RECIFE -PERNAMBUCO.....	409
13.3.	APÊNDICE 3: TEXTOS HUMANOS DEMAIS PARA MOSTRAR NA ACADEMIA	441
13.3.1.	MOMENTO PANDÊMICO EM PRIMEIRA PESSOA: VIVENDO NO LIMITE	441
13.3.2.	TRAJETÓRIA PESSOAL.....	449

1. PREÂMBULO

Nosso trabalho – *Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo: história coletiva de uma entidade estudantil* – foi desenvolvido entre 2017 e 2021 no Programa de Pós-graduação (PPGE) da Universidade Católica de Santos, sob orientação do professor Luiz Carlos Barreira, doutor em Filosofia e História da Educação. Nosso intuito foi contar a fase inicial da história desta entidade estudantil, a partir do ponto de vista dos estudantes que dela participaram, e para atingi-lo fizemos uso de "documentos humanos"⁶.

1.1. Escritórios Modelo: relação com a universidade e com a cidade

A universidade se baseia no tripé formado por pesquisa, ensino e extensão, e o escritório modelo estudantil aqui estudado é prioritariamente uma entidade de extensão.

Gráfico 1: O tripé da universidade extensionista



Fonte: Elaboração da autora

Observamos que, quando há integração entre as áreas do tripé, os Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAUs) se beneficiam, pois aproveitam as interfaces entre as atividades de ensino e pesquisa para criar pontes com suas ações de extensão.

⁶ Referência aos documentos-testemunho, ou seja, testemunhos dados por alguém (não importa quem) sobre qualquer coisa (acontecimentos que marcaram a vida de quem testemunha, por exemplo). Os historiadores-oralistas, por exemplo, trabalham com esse tipo de documento, mas não apenas eles.

Gráfico 2: Relação dos Escritórios Modelo com a Universidade



Fonte: Elaboração da autora

Quando há curricularização da pesquisa, na hora de prestar serviço às comunidades extramuros, os EMAUs aplicam os conhecimentos adquiridos nas outras duas “pernas” do tripé para enriquecer suas experiências reais de “arquitetura do lado de fora”⁷.

Uma das líderes do EMAU Mosaico, Heloisa Bergamin, mencionou em palestra no Mackenzie as diversas conexões que este escritório faz para desenvolver coletivamente seus projetos:

Como fazer projetos? Como fazer projetos coletivamente? Entram muitas mãos de alunos, entram muitas mãos de professores, entram muitas mãos de cidadãos, e principalmente muitas coisas da realidade comum, do poder público, outras instituições, outras demandas. Então, a gente vai construindo isso – o EMAU mesmo – como uma forma de ampliar o nosso campo de visão e ampliar nossas ferramentas de trabalho. (BERGAMIN⁸,2019, s/p)

Esta ampliação de visão e de ferramentas de trabalho, criada a partir das diversas interfaces que os EMAUs estabelecem com entidades da sociedade civil e do Estado para desenvolver projetos de extensão nas comunidades, muito se assemelham às redes de contatos que os escritórios profissionais estabelecem entre si e com o mercado.

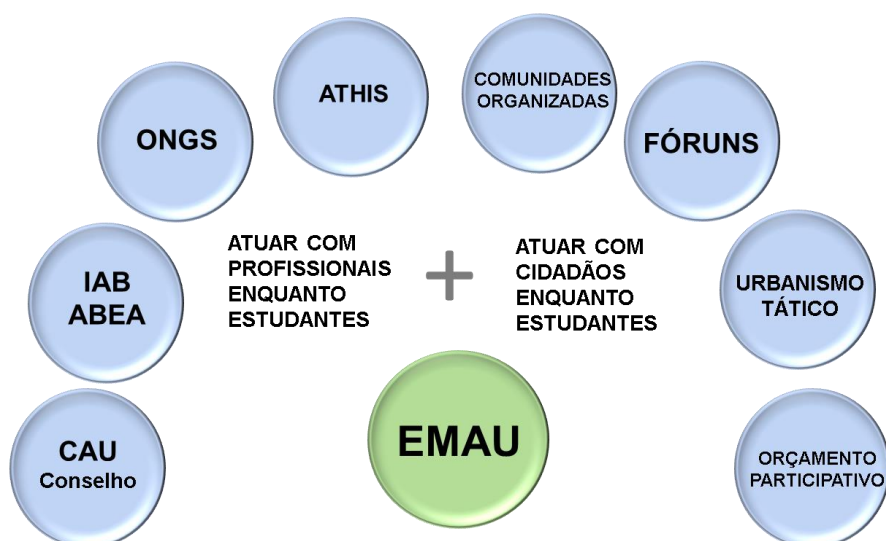
Dependendo do vulto do projeto e de suas características, os EMAUs da Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (FeNEA) podem trabalhar em conjunto com outros coletivos autônomos de estudantes não ligados diretamente à federação e desenvolvem, muitas vezes, parcerias com LABHABs e LABURBs da sua ou de outras universidades. De maneira geral, são estas as principais interfaces com as entidades intramuros universitários, mas as ligações com grupos de pesquisa e as

⁷ Termo cunhado pelo estudante Spetto para o ENEA Santos, em 1995.

⁸ Referência disponível na íntegra nos apêndices desta tese.

experiências de curricularização⁹ se fortalecem cada vez mais, apoiadas pela legislação específica. Capacitam os estudantes a entenderem antecipadamente a importância do “network” que mantêm com outras entidades e os preparam para enfrentar, depois de egressos, os desafios iniciais do mercado de trabalho inerentes ao exercício da profissão. A presença do canteiro experimental¹⁰, lugar de “colocar a mão na massa” e desenvolver experiências diretas com os materiais, tem se mostrado uma das principais interfaces de apoio aos projetos extensionistas dos Escritórios Modelo. Nele os estudantes entendem que *forma = estrutura*¹¹ e, ao ensaiarem processos reais de execução, compreendem que o erro e a reformulação os fazem chegar ao acerto e ao êxito.

Gráfico 3: Relação dos Escritórios Modelo com a sociedade



Fonte: Elaboração da autora

Quanto às interfaces com a sociedade, o EMAU atua direta e prioritariamente com comunidades organizadas, buscando, por meio do diálogo horizontal, a troca entre os conhecimentos produzidos intramuros e todos os conhecimentos informais gerados pelo contato direto com o meio urbano, a partir da vivência da cidade, do bairro e da comunidade.

⁹ Acreditamos que a curricularização da extensão e da pesquisa, que teve início na FAUS em 2021, deva colaborar para reconectar a educação formal de sala de aula com as possíveis experiências diretas da cidade oferecidas através do HabitaFaus, levando os estudantes a se interessarem mais pela educação e pela pesquisa, vistas como formas de dar suporte à sua atuação extramuros.

¹⁰ Na UNISANTOS, já dispomos também deste recurso.

¹¹ Expressão cunhada por Reginaldo Ronconi, coordenador do canteiro experimental da FAUUSP por décadas, até 2021.

Os estudantes dos EMAUs dão preferência e exclusividade às comunidades organizadas, pois a organização prévia ajuda a construir saberes que vão contribuir com o andamento dos projetos e com a autossuficiência dos moradores em suas intervenções posteriores no bairro.

Frequentam fóruns nacionais e internacionais que debatem questões específicas de arquitetura e urbanismo, sobretudo aqueles organizados pela FeNEA, pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) e Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA), que inclusive apoiou a FeNEA na criação dos escritórios modelo. Participam da organização de eventos e debates em paralelo com essas entidades. Também frequentam outros fóruns mais gerais, voltados a questões sociais e ambientais mais amplas, sempre em busca de conhecimento que possam aplicar nas ações junto às comunidades.

Assumem uma postura crítica ao colaborarem em ações de “urbanismo tático” com outros estudantes, ou de reuniões de orçamento participativo organizadas pelas administrações municipais, a fim de atrair a atenção do Estado sobre certas questões que consideram importantes, mas julgam estar sendo por ele negligenciadas.

Com apoio da lei, atuam em projetos de Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social (ATHIS) desenvolvidos por entidades profissionais em comunidades organizadas, onde participam de equipes interdisciplinares, ligadas às prefeituras locais ou em parceria com ONGs.

1.2. Premissas dos Escritórios Modelo da FeNEA

Existe – e é importante ressaltar – uma semente freireana nos EMAUs. Por isso, um dos critérios adotados para escolher seus parceiros é a forma como se dá a relação com as comunidades. Esta preocupação fica muito clara no POEMA – Projeto de Organização dos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo –, que começou a ser pensado no início da década de 1990, e onde figura a seguinte citação consagrada de Paulo Freire:

Educar e educar-se na prática da liberdade não é estender algo desde a “sede do saber” até a “sede da ignorância” para salvar, com este saber, os que habitam nesta. (FREIRE, 1968, p. 93, apud FeNEA, 2006, p. 13).

Como Freire, os membros dos EMAUs não apreciam o termo extensão, embora o utilizem por não terem encontrado outro mais apropriado. Na sua opinião, a universidade não é a única “sede do saber”, e suas ações junto ao restante da sociedade

não estendem conhecimento formal e técnico à “sede da ignorância”, com o intuito de “salvar pessoas”. Na verdade, opõem-se a posições hierárquicas, acreditam firmemente na troca de saberes distintos e na relação dialógica e horizontal entre universidade e sociedade.

Durante o 21º Seminário sobre Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (SeNEMAU), em 2017, a FeNEA publicou a primeira carta aberta dos EMAUs, como uma espécie de marco da consolidação dessa entidade estudantil, em que assim os define:

O EMAU é uma organização estudantil que pauta a produção do espaço sob perspectivas contra hegemônicas, emancipatórias e pedagógicas, acreditando que a organização popular e participação comunitária exercem um papel de transformação social fundamental para construir outros projetos de sociedade. (FeNEA Primeira Carta Aberta aos EMAUs, XXI SENEMAU. 2017, p.1)

Em 2017, quando cursávamos nossa primeira disciplina no PPGE, ministrada por Alexandre Saul, tivemos contato com a concepção freireana dos termos “contra hegemônico”, “emancipatório” e “pedagógico”. Na ocasião, traçamos um gráfico em forma de dupla estrela¹² que estabelecia um paralelo entre o conceito de *Educação Humanizadora* de Freire e os *Sete Passos da Filosofia Elos*, do Instituto Elos – ONG que os estudantes do EMAU Reviver criaram depois de formados.

A partir desta trama conceitual, surgiu aos poucos a ideia de estudar as pedagogias que os EMAUs criaram para suas ações sociais nas comunidades, a partir da visão dos estudantes. Após o exame da qualificação, esta ideia se fortaleceu, pois a banca examinadora nos orientou a fechar o foco do trabalho e dar ênfase à construção metodológica dos grupos de extensão da FeNEA – os chamados Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo.

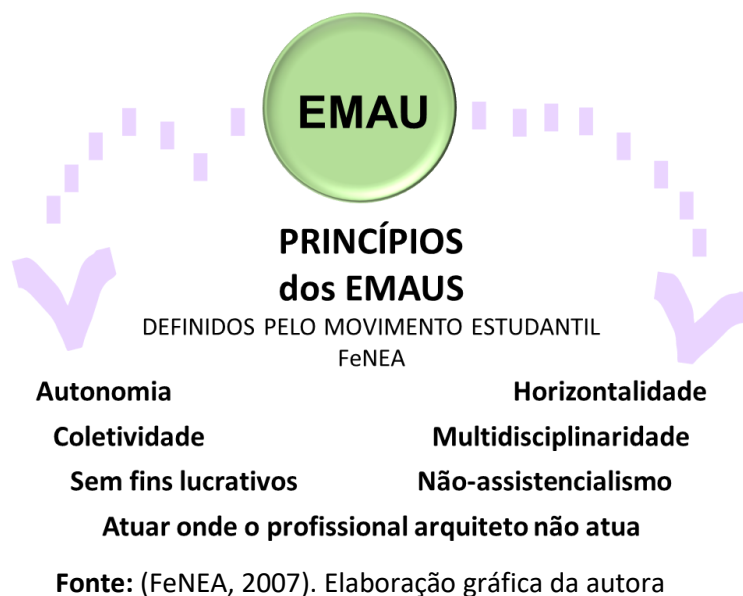
Como esta orientação estava em conformidade com nosso desejo inicial, começamos a trabalhar as entrevistas já realizadas, no sentido de relatar o processo de construção captando as nuances entre as visões das nossas fontes, o que enriqueceu o resultado.

Tomada esta decisão, nos baseamos no POEMA para identificarmos o ideário comum a todos os EMAUs, e focamos nos princípios norteadores de suas ações: [1] **Autonomia**

¹² Ver figura 101. Paralelo entre os sete passos da filosofia Elos e a pedagogia freireana, na página 203 deste documento.

da comunidade e dos estudantes na escolha e condução dos projetos; [2] **Horizontalidade** nas relações com as comunidades, com os professores e com a universidade; [3] **Coletividade**, no sentido de priorizar e dar voz à comunidade [comunidade] e tratar dos assuntos comuns, evitando soluções individualizadas e preconcebidas; [4] **Multidisciplinaridade**, alcançada a partir do trabalho conjunto com entidades extra e intramuros, com grupos de outras especialidades, seus tutores e estudantes-membros; [5] **Ausência de fins lucrativos**, para não onerar as populações carentes, não inviabilizar os projetos e não competir com os escritórios profissionais; [6] **Não assistencialismo**, negando a postura salvífica presente nas associações beneficentes religiosas que se dedicavam a ações sociais anteriormente; [7] **Atuar onde os profissionais não atuam**, respeitando a orientação das entidades de classe de não criar intersecções ou sobreposições com escritórios profissionais no mercado comercial.

Gráfico 4 Princípios dos EMAUs definidos pelo Movimento Estudantil

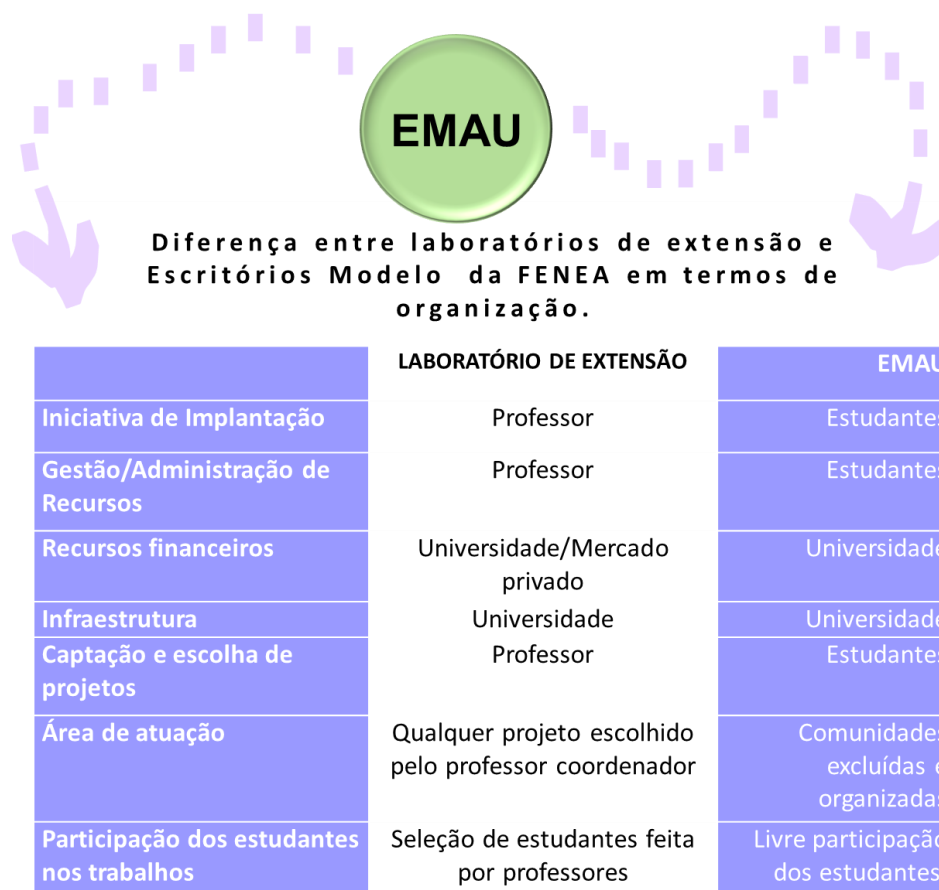


Outra forma de identificar os EMAUs foi distingui-los das demais instituições universitárias de extensão, criadas pela universidade e geridas por professores. Segundo o POEMA, para ser um EMAU, os estudantes consideram imprescindível que o grupo tenha sido concebido, criado e formalizado pelos próprios alunos, por meio do Diretório Acadêmico (D.A.) ou da FeNEA, e que a gestão e administração dos recursos seja feita pelos estudantes.

Embora seja desejável e esperado que a universidade contribua com bolsas e outros aportes financeiros ou de infraestrutura, como sala, mobiliário e computadores

necessários ao desenvolvimento das atividades do escritório, não são admitidas interferências na captação e na escolha dos projetos, funções atribuídas aos estudantes. Capacidade e liberdade de decisão são pontos de suma importância, vistos como garantia do seu protagonismo.

Gráfico 5: Diferença entre laboratórios de extensão e EMAUs em termos de organização.



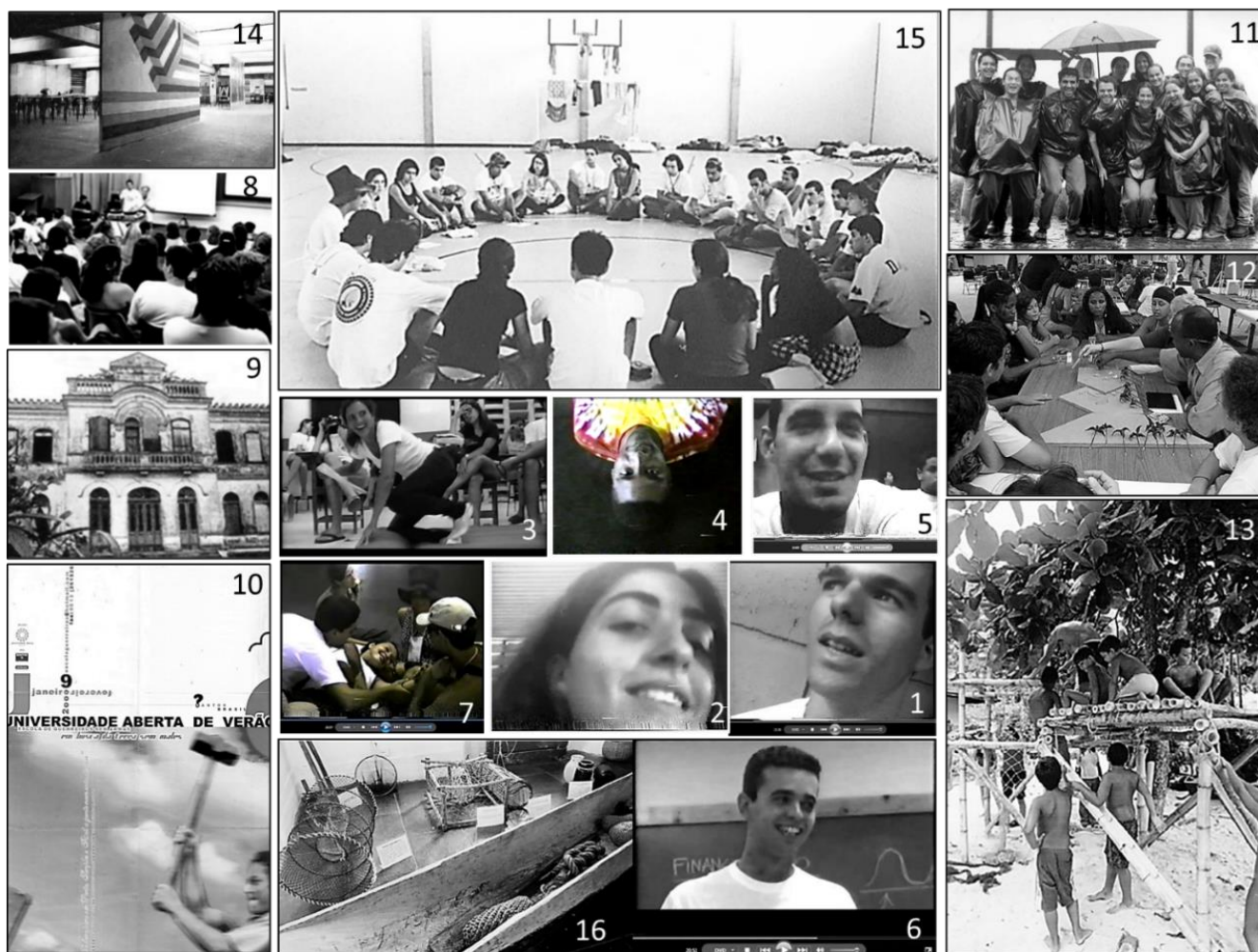
Fonte: POEMA, página 17. Disponível em <http://www.fenea.org/poema>

As áreas de atuação são comunidades excluídas e organizadas e a participação dos estudantes é livre desde o primeiro semestre do primeiro ano, o que constitui uma das principais diferenças com relação às organizações estudantis do direito [NPIs] e da psicologia, que só permitem a participação de estudantes mais experientes, que estejam cursando os últimos semestres do curso. Pode-se dizer inclusive que há um interesse especial com relação aos calouros, com atividades desenvolvidas especificamente para este público no início do ano letivo em quase todas as FAUs que possuem EMAUs.

Neste trabalho, nossos leitores vão se deparar com 354 figuras que buscam aproximá-los dos nossos entrevistados e do grupo mais amplo de estudantes a que pertenciam,

que frequentava os mesmos eventos e compartilhava dos mesmos ideais, com quem mantêm contato até o presente. Destas, selecionamos apenas 16, que apresentam os membros do EMAU Reviver da FAUS entrevistados pela autora entre 2018 e 2020 – que muito colaboraram para a qualidade e profundidade desta pesquisa – e alguns dos principais projetos em que estiveram envolvidos.

Gráfico 6: Mosaico de imagens sobre a atuação do grupo Reviver, depois Instituto Elos



Fontes: Fotos de 1 a 7, vídeos dos SeNEMAUS; 8 a 13, acervo do Instituto Elos; foto 14, MACEDO, 2020, p. 167; foto 15, acervo pessoal Alê Esteves; foto 16, <https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/>. Mosaico elaborado pela autora.

Iniciamos apresentando Rodrigo Rubido Alonso [foto 1], que relatou em 2017, no Museu da Imagem e do Som (MIS) de Santos, como um certo escritório modelo de extensão criado por estudantes da FAUS – o Grupo Reviver – tornou-se mais tarde o Instituto Elos, onde trabalha até hoje, em companhia de Mariana Gauche [2] e Natasha Gabriel [3]. Depois, chamamos Edgard Gouveia Júnior [4], arquiteto formado quando o EMAU

Reviver foi criado, que abandonou o que fazia para se tornar mentor do grupo e realizar com ele o restauro do Museu de Pesca de Santos (MPS).

Em seguida anunciamos Alexandre Esteves [5], conhecido no movimento estudantil como Alê, que nos disponibilizou dois vídeos históricos¹³ dos primeiros SeNEMAUs. Fonte importantíssima desta pesquisa, com os vídeos de Alê pudemos mergulhar nas imagens da época e construir uma ideia possível – entre tantas outras igualmente viáveis – de como foi o momento inicial dos EMAUs, e de como se deu, por meio de workshops [15], a transmissão da metodologia utilizada no MPS para outros EMAUs que queriam utilizá-la para atender comunidades organizadas. Ele e Edgard foram sócios fundadores do Instituto Elos, do qual se desligaram anos depois para seguirem outros caminhos, mantendo a amizade com Rodrigo, Natasha e Mariana, que permanecem no instituto até o momento presente.

Renato Leal [6], que só conhecemos por meio do I SeNEMAU, figura entre os eleitos por ser membro do Grupo Reviver e da comunidade FAUS, e um excelente estudante-professor. Neste seminário, demonstrou ser extremamente criativo na forma leve e participativa de dividir com os colegas sua experiência sobre como estruturar um escritório modelo. Aliás, a preocupação com a forma de envolver os estudantes era fundamental nestes encontros, cuidadosamente “gamificados” por Edgard. Na imagem [7], destacamos uma atividade de sensibilização corporal realizada no II SeNEMAU, com base na obra da artista brasileira de vanguarda Lygia Clark, indício de que os estudantes pesquisavam experiências “fora da caixa” para sensibilizar e criar coesão entre os participantes.

E findas as apresentações das pessoas que relatam, em suas falas, uma interessante versão da *história coletiva desta entidade estudantil chamada Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo*, passamos à representação dos espaços que ajudaram a transformar com suas ações: a FAUS, o MPS e as comunidades da Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS).

Primeiramente, a FAUS, representada por meio de seus espaços mais abertos ao público: o ateliê [14] onde o Grupo Reviver se reunia, destacando o painel do artista

¹³ Os vídeos encontram-se decupados nos apêndices deste trabalho.

Maurício Nogueira Lima em primeiro plano, e o auditório [8], mostrando uma das assembleias realizadas para ampliação do quadro de participantes do projeto do Museu de Pesca de Santos, quando este se encontrava em ruínas, estado visível na figura [9]. Durante o projeto de restauro elaborado pelo grupo na década de 1990, alguns instrumentos de pesca foram doados pelas comunidades caiçaras do litoral santista para o acervo do museu, conforme a foto [16].

Em seguida, destacamos um projeto pedagógico denominado *Universidade Aberta de Verão: Escola de Guerreiros sem Armas*, curso de formação criado e realizado pelo grupo em 2000, com apoio da prefeitura de Santos. Voltado a pessoas que desejam trabalhar na área social, é aqui representado por seu cartaz de divulgação [10]. A foto [11] mostra Rodrigo ao centro de um grupo de “*guerreiros sem armas*”, como são chamados os integrantes da atual *Escola de Guerreiros sem Armas*, nome mais simples assumido pela Universidade Aberta de Verão, atualmente tratada entre os participantes e organizadores pela sigla GSA. Este curso de formação de lideranças sociais ampliou sua rede de contatos, assumiu alcance internacional e se mantém ativo desde 2000.

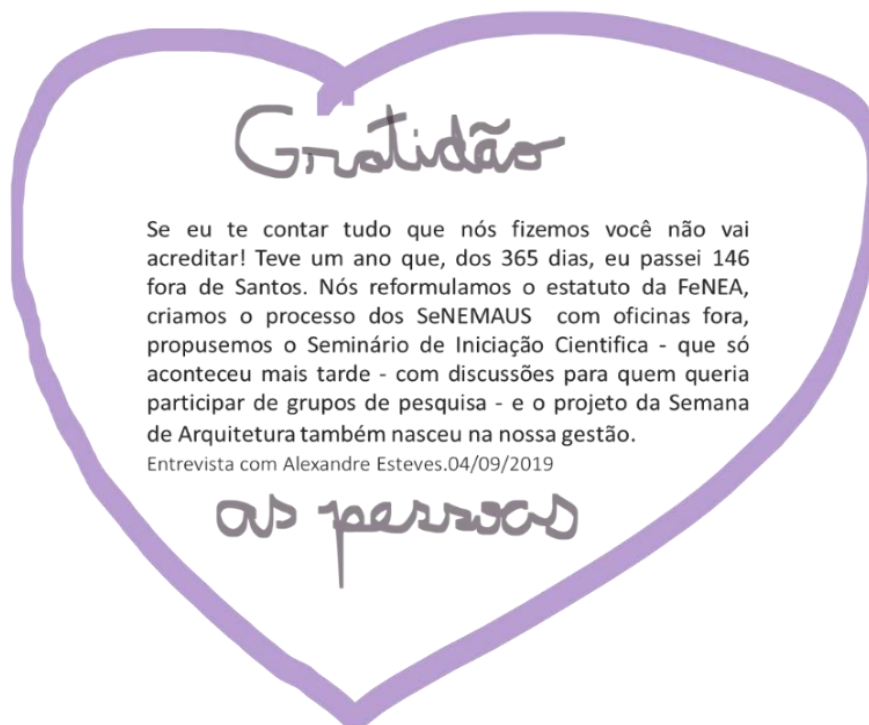
Nas imagens seguintes, apresentamos algumas intervenções realizadas pelo Grupo Reviver depois que este já havia se transformado em Instituto Elos: na foto [13], um parquinho para crianças desenvolvido com estruturas de bambu em comunidade caiçara, técnica que os moradores conhecem bem; na [12], reunião realizada no SESC Santos com pessoas de uma comunidade para a criação coletiva de um projeto de parque infantil por meio de maquetes.

Encerramos este prelúdio com uma fala em que Alê Esteves relembra que tudo teve início quando alguns estudantes da FAUS resolveram participar da comissão organizadora do ENEA Santos¹⁴, e logo em seguida se tornaram gestores do D.A. Michael Leaders, da FAUS, e líderes da FeNEA, onde ocuparam cargos de diretoria geral e regional. Juntos, estes estudantes da FAUS contribuíram com o processo de estruturação dos SENEMAUs, que até hoje e dão sustentação aos escritórios modelo do Brasil. Também propuseram o seminário de iniciação científica e a Semana de

¹⁴ Edição 1995 do encontro nacional realizado anualmente pela FeNEA.

Arquitetura da FAUS, que igualmente perduram até agora. E, depois de graduados, fundaram o Instituto Elos.

Gráfico 7: Agradecimento aos entrevistados.



Fonte: Elaboração da autora

Alê comenta que no auge da sua atuação na FeNEA, depois de participar da reestruturação do estatuto da federação, houve um ano em que passou 146 dias fora de Santos, participando dos conselhos e reuniões, dando workshops de metodologia para EMAUs e participando de atividades de gestão da entidade. Rodrigo, que foi diretor geral da entidade, teve que ficar mais dois anos na FAUS, pois os professores não abonavam suas faltas quando tinha que viajar a serviço da FeNEA. Mariana e Natasha foram diretoras do D. A. Michael Leaders por duas gestões consecutivas. E Edgard deixou de estudar na Alemanha para monitorar o grupo.

Registramos nosso agradecimento a estas pessoas, não só pela sua colaboração para este trabalho, mas também pela importante contribuição ao curso da FAU Santos e à sua história. Cremos que o DNA de extensão da FAUS foi por elas renovado, primeiro com as realizações do Grupo Reviver e depois do Instituto Elos, com base no vínculo de seus membros com o HABITAF AUS, como será explicitado no decorrer deste trabalho. Boa leitura.

1.3. PROPOSTA DE TRABALHO

1.3.1. O propósito de fortalecer vínculos dos estudantes com a extensão

Antes mesmo de entrar na FAUS, como discentes, já conhecíamos a importância das atividades de extensão desenvolvidas pelo HABITAFUS, o LABHAB desta escola, criado na década de 1980, e antes de sermos admitidas no doutorado, já tínhamos em mente um tema: o Instituto Elos, ONG criada por egressos da FAUS, que desenvolve projetos de extensão junto às comunidades tradicionais caiçaras da Baixada Santista. O interesse pelo assunto surgiu em outubro de 2016, a partir de palestra ministrada por Rodrigo Rubido Alonso, sócio fundador e atual coordenador do Instituto Elos, na *XVIII Semana de Arquitetura* da FAUS, que, com sua autorização, gravamos e transcrevemos¹⁵.

A partir desta transcrição fizemos outros estudos, e percebemos que o DNA de extensão da FAUS não vinha só dos professores responsáveis pela criação do HABITAFUS, simultânea à do LABHAB da Belas Artes, o primeiro do gênero no Brasil. Havia também forte mobilização dos estudantes ligados ao diretório acadêmico, que tiveram papel relevante nas ações de extensão da escola e foram responsáveis pela criação das oportunidades mais significativas de envolvimento da FAUS com a comunidade santista. Para percebermos a atuação **proativa dos estudantes**, bastou tomarmos conhecimento dos projetos de auxílio aos moradores da Vila Socó, de revitalização do Museu de Pesca de Santos, e de levantamento para intervenções nas comunidades caiçaras da Baixada Santista, divulgados nos jornais locais da época.

Cientes desta importância do HABITAFUS, optamos por tornar pública uma experiência que deu continuidade a esta experiência extensiva: o Escritório Modelo Reviver, grupo de extensão criado por estudantes da FAUS entre 1995 e 2000. Influenciadas por leituras propostas pelo orientador, que nos mostraram a importância de contar a história vista de baixo, optamos por adotar a visão dos estudantes sobre a sua experiência, a partir das falas de seus membros e de documentos dispersos na FAUS que reunimos, para devolver à comunidade FAUS sua história extramuros. Pretendemos com isso reavivar

¹⁵Em 2017 transcrevemos, com autorização do autor, a palestra *A história que nos fez Elos*, e desenvolvemos o projeto gráfico **FAUS ilustra ELOS** em parceria com Paulo von Poser, envolvendo cerca de 30 estudantes e 4 professores da FAUS, para publicação do texto em e-book. Em 2018, o texto foi aprovado pela Editora Leopoldianum, da UNISANTOS, para ser editado fisicamente em comemoração dos 50 anos da fundação da FAUS e 20 do Instituto Elos. No entanto, a edição foi descontinuada em decorrência da pandemia do coronavírus.

nesta comunidade os anseios de **fazer arquitetura do lado de fora**.

Em 2018, sob a orientação de Ivanise Monfredini, fomos contempladas com bolsa integral da mantenedora, e o programa do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (IPECI) nos forneceu o apoio de duas estudantes pesquisadoras do ensino médio, Roberta Lemoneitar Diniz e Isabela Barros. Juntas, levantamos documentos originais relevantes nos arquivos do diretório acadêmico (D.A.), que nos levaram a crer que o Escritório Modelo da FAUS desenvolveu uma abordagem própria para desenvolver ações sociais e projetos em comunidades, que influenciou toda uma geração de escritórios modelo em nível nacional.

Estes documentos nos levaram a nomes que se tornaram fontes, e estas nos decifraram o Projeto de Orientação aos Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (POEMA), documento com diretrizes que, a partir de 1993, norteou a formação dos grupos que estruturaram este tipo de entidade estudantil.

Este documento circulou nos encontros estudantis e nas universidades, onde foi editado até 2007, mas tornou-se praticamente obsoleto a partir de 1997/98, pois a partir de então os membros de Escritórios Modelo passaram a se encontrar anualmente nos SeNEMAUs, fóruns nacionais de troca de experiências, que passaram a guiar suas ações. Fornecida inicialmente por Alexandre Esteves, esta informação alterou ligeiramente o foco desta pesquisa, levando-nos a estudar detalhadamente os workshops extramuros realizados nos dois primeiros SeNEMAUs e a compreender sua importância seminal para a divulgação e consolidação das metodologias de extensão empregadas pelos Escritórios Modelo nas comunidades. A documentação nos revelou que este processo pedagógico teve por base a metodologia empregada pelo Grupo Reviver no projeto de revitalização do Museu de Pesca de Santos (MPS), depois aprimorada por meio de intervenções urbanas realizadas pelos demais EMAUs do Brasil em favelas, bairros periféricos e comunidades. Esta descoberta nos fez eleger o EMAU da FAUS como tema central desta pesquisa, para melhor estudar os resultados da aplicação desta metodologia na cidade de Santos e avaliar seu potencial de aplicação na FAUS, para ações de extensão envolvendo grupos de pesquisa da UNISANTOS na Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS).

Ao pesquisar o tema EMAUs nas publicações *Cadernos de Pesquisa, Educação e Realidade, Educação e Sociedade, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* e *Revista*

Brasileira de Educação, a partir das palavras-chave [EXTENSÃO] – [EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA] – [ESCRITÓRIOS MODELO] – [EMAUS], não foi obtido nenhum resultado nos últimos 10 anos. Nos bancos digitais de teses e dissertações acadêmicas, confirmamos se tratar de um campo de pesquisa praticamente inexplorado.

Após cogitarmos abandonar o tema por falta de dados, localizamos na revista *Cadernos ABEA* vários artigos abordando a práxis dos escritórios modelo, escritos por seus membros. Esta publicação da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura (ABEA), classificação B5 na *Qualis CAPES*, tornou-se a fonte impressa mais específica da pesquisa sobre o tema. Iniciada em 1991, a partir do Caderno 12 publicou uma série de textos temáticos disponibilizada para o livre uso acadêmico. Assim, incentivadas pela leitura destes artigos e respaldadas pela experiência do Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Junior, optamos por permanecer estudando os escritórios modelo, e abrir o tema para ser trilhado por outros pesquisadores. Para fazê-lo, solicitamos transferência para a linha de pesquisa 2 - *História e Historiografia da Educação*, e em 2019 adotamos o professor Moysés como orientador.

Este considerou oportuno pesquisarmos o Movimento Estudantil Unificado, a partir da União Nacional dos Estudantes [UNE], e o movimento de área, a partir da Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo [FeNEA]. Ao fazê-lo, percebemos que nossas preocupações centrais – elitização da universidade e o não cumprimento de suas funções sociais – eram questões muito anteriores à década de 1960, quando os estudantes sugeriram incluir a reforma universitária nas reformas de base do então presidente João Goulart, e continuávamos procurando abrir caminho na pesquisa.

Após nos liberar para a qualificação em dezembro de 2019, Moisés Kuhlmann foi desligado do curso. Em março de 2020, o Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira¹⁶ nos acolheu no seu grupo de pesquisa – *Formação de Sujeitos: História, Cultura, Sociedade* – com a leveza e a fidalguia que lhe são características. E levou-nos à qualificação em setembro de 2020.

¹⁶ Barreira tem experiência na área de História e Historiografia da Educação, com ênfase nos seguintes temas: intelectuais, instituições educacionais, imprensa de educação e **ensino e formação do ser social**, entre outros, sobre os quais tem trabalhos apresentados em eventos, capítulos publicados em coletâneas e artigos publicados em periódicos especializados. É pesquisador nos seguintes grupos de pesquisa: FSHCS - Formação de Sujeitos: História, Cultura, Sociedade, vinculado à Universidade Católica de Santos Unisantos.

Depois da qualificação, focamos na construção coletiva da metodologia de ação social formalizada pelo Grupo Reviver. Assim, os estudantes da FAUS – egressos, atuais e futuros – tornaram-se protagonistas e, ao mesmo tempo, público-alvo da nossa investigação, que deseja valorizar a memória da comunidade FAUS e fortalecer sua identidade extensionista. Foi possível, então, retomar a motivação inicial da pesquisa. A seguir, descreveremos sumariamente o método híbrido, baseado em fontes documentais, orais e audiovisuais, que utilizamos para desenvolver o tema. Explicaremos como as utilizamos na apresentação dos resultados desta pesquisa.

1.3.2. Lugar de fala e objetivos

O conhecimento histórico está ligado à época de sua produção, ao presente do historiador, que é sempre novo. Se o presente é sempre novo e reinterpreta de forma nova o passado, a verdade do passado será também sempre nova, pois dominada pela novidade do presente. (MEIHY, 1996)

Ao construir esta narrativa histórica, entre tantas possíveis, para analisar processos não formais de formação do arquiteto urbanista desenvolvidos extramuros, optamos por apoiá-la na teoria histórico-crítica, baseada em uma visão materialista, histórica e dialética do humano, tendo como referência a educação libertária/humanizadora proposta por Paulo Freire (FREIRE, 1968) em seus escritos.

Não ignoramos que ela está inevitavelmente impregnada não só de compreensões do passado individuais e coletivas, mas também de experiências presentes e utopias futuras, pessoais e comuns aos grupos a que pertencemos, permanentemente transformadas e reconstruídas (mas não determinadas) pelo nosso lugar de fala, com as implicações subjetivas e filosóficas – lógicas, ilógicas e ideológicas – que dele decorrem. Manifestam-se no texto nossas conexões com a cidade de Santos desde o nascimento, nossas vivências juvenis da ditadura civil militar e da reconquista das liberdades civis, o contato com os movimentos sociais pela redemocratização do país, entre os quais crescemos, e a repulsa pela realidade socioeconômica hegemonicamente neoliberal que enfrentamos como profissionais da área de educação.

É a partir deste solo totalmente contaminado que nos propomos a: [1] Abrir espaço para a reflexão sobre o tema da extensão entre estudantes e professores da comunidade FAUS; [2] Construir uma síntese histórica que conecte as informações entre si e com a realidade de forma coerente e, se possível, instigante, sem pretensão de neutralidade

ou racionalização; [3] Explicitar as bases de informação que elegemos em detrimento de outras igualmente possíveis e fazer uso delas, da nossa vivência e da nossa imaginação para estabelecer parâmetros de semelhança/contraste/continuidade/ruptura entre as evidências, capazes de abrir conexões entre esta narrativa e outros discursos atuais sobre o tema; [4] Narrar os eventos ocorridos, as ideias que os sustentaram, as pessoas e grupos que as criaram, e os resultados a que chegaram, analisando como este processo modificou o contexto de extensão em arquitetura e urbanismo da década de 1990 no Brasil; [5] Divulgar a influência do Grupo Reviver da FAUS neste contexto; [6] Contribuir para que as atividades de extensão na FAUS retomem a força e a importância que tiveram nas décadas de 80 e 90 do século passado.

1.3.3. Principais fontes documentais

A análise das entrevistas e dos documentos se apoia em leituras propostas pelos orientadores e discussões teóricas vivenciadas nos grupos de pesquisa e nos seminários do PPGE, experiência que nos leva a destacar os seguintes conceitos empregados na análise do objeto deste estudo: [1] *Lógica Histórica*, proposto por E.P. Thompson em *A miséria da Teoria* [Zahar, 1981]; [2] *História Problema*, proposto por Françoise Furet em *A oficina da História* [Lisboa, Gradiva, 1986]; [3] *História como construção em um campo de possibilidades*, proposto por Vieira, Peixoto e Khoury em *A pesquisa em História* [Ática, 1995]; [5] *História oral* (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020); [6] *Traduzibilidade /intraduzibilidade*, proposto por Walter Benjamin [*A tarefa do tradutor*, Belo Horizonte, Fale/UFMG, 2008]; [7] *Memória/esquecimento* como dimensão da condição histórica, proposto por Paul Ricoeur [Editora da Unicamp, 2007]; [8] *Memória coletiva*, proposto por Jacques Le Goff em *História e Memória* [Editora da Unicamp, 2003]; [9] *Método de Pesquisa e de Exposição em Marx*, exposto no Posfácio (Nachwort) (1873) de *O Capital e outros escritos* e aplicado em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* [Boitempo, 2011].

No campo da arquitetura e do urbanismo, desenvolvemos estudos temáticos sobre extensão baseados nos conceitos de: [1] *Pedagogia Urbana* (SOUZA, 2006); [2] *Cidade educadora* (TRILLA, 1999); [3] *Arquiteto-professor* (POMPÉIA, 2007); [4] *Educação Cidadã* (GOHN, 2010). Especificamente sobre Escritórios Modelo de Extensão em arquitetura e urbanismo, obtivemos poucos resultados nas bases de dados acadêmicos online. Localizamos algumas teses de doutorado e mestrado sobre outras formas de

extensão na área de arquitetura e urbanismo, e um mestrado sobre Escritórios Modelo (TONSIG, L. 2019) não disponível na rede. Recorremos também aos arquivos do Diretório Acadêmico Michael Leaders, da FAUS, e diversas publicações sobre Escritórios Modelo disponíveis na rede, tais como o *POEMA* - Programa de Orientação aos Escritórios Modelo e os *Cadernos dos SeNEMAUs*.

Os trabalhos da pesquisadora Amanda Ruggiero, nos arquivos do falecido Prof. Dr. Jorge Caron (1936 - 2000), localizados no CEDOC do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, seguem sendo uma fonte importantíssima sobre o tema, com diversos estudos deste professor emérito, criador do primeiro LABHAB, sobre educação em arquitetura e urbanismo.

Mediante as limitações de circulação impostas pela pandemia, não foi possível acessar as atas referentes às reuniões e encontros da FeNEA, arquivadas possivelmente na Biblioteca da UnB, em Brasília, ou na sede do IAB, em São Paulo, o que nos distanciou dos detalhes políticos da relação entre o Grupo Reviver e a FeNEA, mas acreditamos que, devido à riqueza das entrevistas, não houve comprometimento dos resultados.

Nos acervos do Diretório Acadêmico Michael Leaders, da FAUS, e no HABITAF AUS foram bastante frutíferas, e resultaram na seleção de 44 itens de interesse para a pesquisa, que digitalizamos e ordenamos com apoio do programa de pesquisa do IPECI para o Ensino Médio.

Quadro 1 Documentos selecionados sobre extensão na FAUS, de 1987 a 2005. em ordem cronológica.

Nº	DATA	Entidade	Nº pág.	Título	Conteúdo	Acervo
01	19/11/1987	INDIVIDUO	01	Cartão Postal enviado para o LAB HAB da FAUS	Frente: Arco do Triunfo. Verso: Breve comentário sobre as diferenças entre os laboratórios de pesquisa em Paris e em Santos	D. A. Michael Leaders
02	01/04/1992	FAUS	01	Logotipo INFOFAUS	Material gráfico. Sem aplicação posterior registrada.	D. A. Michael Leaders
03	1994	D. A. FAUS	02	FAUSZINE	Colagem original frente e verso formato A4 , em folder, com charges políticas e assuntos gerais da FAUS.	D. A. Michael Leaders
04	Março 1995	UNISANTOS	02	UNISANTOS urgente nº 8	Assuntos gerais da universidade, inclusive extensão	D. A. Michael Leaders
05	05/05/1995	FENEA	01	OF.C.XIX E. OFIC. 0018 Ofício da Comissão para o XIX ENEA	Providencias para o Encontro nacional de Estudantes de Arquitetura – Santos.	D. A. Michael Leaders
06	19/05/1995	FENEA	01	OF.C.XIX E. OFIC . 0012 Ofício da Comissão para o XIX ENEA	Encontro nacional de Estudantes de Arquitetura – Santos	D. A. Michael Leaders
08	13/06/1995	FENEA	01	OF.C.XIX E. OFIC. 0039 Ofício da Comissão para o XIX ENEA	Encontro nacional de Estudantes de Arquitetura – Santos	D. A. Michael Leaders
07	26/06/1995	FENEA D.A FAUS		Convocatória para o COREA Santos	Realizado na FAUS entre 07 e 08 de julho de 1995. Conselho Regional de Entidades de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo	D. A. Michael Leaders
08	16 a 23 /07/1995	COMORG ENEA FAUS E FENEA	27	Caderno XIX ENEA Santos'95	Cronograma de atividades, do XIX Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura e urbanismo. Temas, subtemas,	D. A. Michael Leaders
09	16 a 23 /07/1995	COMORG ENEA FAUS E FENEA	01	Cartaz ENEA Santos'95	. Convocação para as oficinas do XIX ENEA	D. A. Michael Leaders
10	16 a 23 /07/1995	COMORG ENEA FAUS E FENEA	01	Folder ENEA Santos'95	. Convocação para as oficinas do XIX ENEA	D. A. Michael Leaders
11	16 a 23 /07/1995	D.A FAUS	01	Cartaz de divulgação	XIX ENEA Santos: Arquitetura do lado de fora	D. A. Michael Leaders
12	03 a 06 de 09/1995	D. A. FAUS	10	Manuscrito de reunião	Sobre o CONEA Salvador	D. A. Michael Leaders
13	1995/1996	FENEA	03	As diretorias e seus projetos	Gestão 95/96. Menciona POEMA e EMAUs	D. A. Michael Leaders
14	Março de 1996	FENEA		Jornal Mural da FENEA	Convocação para participar em encontros	D. A. Michael Leaders
15	07/09/1996	D.A FAUS	05	Manuscrito de reunião	Sobre organização do CONEA Florianópolis,	D. A. Michael Leaders
16	Ano de 1997	D. A. FAUS	12	Manual do Bixo	Assuntos gerais da FAUS voltados à integração dos calouros.Formato A5, Encadernado /Grampeado.	D. A. Michael Leaders

17	Década de 1990	FENEA D. A FAUS	01	Manuscrito	Chamamento para os calouros	D. A. Michael Leaders
18	Década de 1990	FENEA	01	Logotipo FENEA	Desenho a mão livre em guardanapo, com explicação do histórico e autoria da criação do logo.	D. A. Michael Leaders
19	Década de 1990	D. A FAUS	01	Logotipo Dino FAUS	Material gráfico. Imagem colorida	D. A. Michael Leaders
20	Década de 1990	D. A. FAUS		Logotipo 5ª Semana de Arquitetura	Material Gráfico aplicado à Recepção de Palestrantes.	D. A. Michael Leaders
21	Década de 1990	D. A FAUS	01	Logotipo do D. A. FAUS	Foto do professor estilizada e letras artísticas. Colorido.	D. A. Michael Leaders.
22	Década de 1990	FENEA		1º Caderno SENEMAU/Incompleto	Seminário nacional sobre escritórios Modelo de arquitetura e Urbanismo.	D.A. Michael Leaders
23	Jan/ fev. 2000	UNIVERSIDADE ABERTA/ GSA		Cartaz de divulgação	Universidade Aberta de verão – Escola de guerreiros sem armas santos Brasil – Programação, chamamento e contatos	D.A. Michael Leaders
24	Mai de 2000	D. A. FAUS	08	FAUZINE	Assuntos gerais da FAUS	D. A. Michael Leaders
25	02 a 07 de junho 2001	D. A. FAUS	02	FAUSZINE Edição Especial	33 anos da FAUS e assuntos gerais	D. A. Michael Leaders
26	Ano de 2003	D. A. FAUS	incompleto	Manual do Bixo	Assuntos gerais da FAUS voltados à integração dos calouros. Formato A5, frente e verso. Encadernado /Grampeado	D. A. Michael Leaders
27	Julho 2005	FENEA	Checa r	Caderno ENEA SP	Páginas 22/23 sobre EMAUs	D. A. Michael Leaders
28	Ano de 2005	D. A. FAUS	30	Manual do Bixo	Assuntos gerais da FAUS voltados à integração dos calouros. Formato A5, frente e verso. Encadernado /Grampeado	D. A. Michael Leaders
29	2005/2006	FENEA	36	Caderno FENEA	Encadernado formato A5 Papel Kraft original. Diversos assuntos.	D. A. Michael Leaders
30	2006	FENEA		Adesivo EREA	Imagem de peixe com fundo amarelo	D. A. Michael Leaders
31	Ano de 2013	D. A. FAUS	30	Manual do Bixo	Assuntos gerais da FAUS voltados à integração dos calouros. Formato A5, frente e verso. Encadernado /Grampeado.	D. A. Michael Leaders
32	Ano de 2014	D. A. FAUS	14	Manual do Bixo	Assuntos gerais da FAUS voltados à integração dos calouros. Formato A5, frente e verso. Encadernado /Grampeado.	D. A. Michael Leaders
33	Ano de 2017	D. A. FAUS	26	Manual do Bixo	Assuntos gerais da FAUS voltados à integração dos calouros. Formato A5. Encadernado /Grampeado.	D. A. Michael Leaders

Fonte: Acervo do Diretório Acadêmico Michael Leaders. Pesquisa realizada com apoio do IPECI, em 2018/19. Quadro organizado por Isabela Barros dos Santos e Roberta Frangakis Diniz, com orientação da autora.

Dentre eles selecionamos as três principais fontes primárias desta pesquisa:

- HABITAF AUS – Laboratório de Habitação. Dossiê – 1985, Acervo do HABITAF AUS, FAUS. Exemplar único, não digitalizado.
- Documentos originais diversos sobre a organização executiva do ENEA Santos. Acervo do Diretório Acadêmico da FAUS
- Documentos originais diversos sobre o EMAU Reviver. Acervo do Diretório Acadêmico da FAUS; parcialmente digitalizados pela autora.

As outras três nos foram cedidas pelo Instituto Elos:

- Vídeos dos primeiros SeNEMAUs – Acervo de Alexandre Esteves (copiados para CD, disponíveis com a autora). Parcialmente transcritos pela autora.
- Publicações dos primeiros SeNEMAUs – Acervo de Alexandre Esteves (digitalizados, disponíveis com a autora)
- Fotos das atividades do EMAU Reviver da FAUS – Acervo do Instituto Elos (parcialmente digitalizadas pela autora).

As principais fontes secundárias por nós utilizadas foram:

1. **Teses e dissertações, localizadas em catálogos e fichários de arquivos e bibliotecas:**

- Tese de Reginaldo Ronconi (2002) sobre Canteiros Experimentais em Arquitetura e Urbanismo;
- Tese da professora Dra. Maria Amélia [Mel] Leite sobre a aprendizagem tecnológica do arquiteto (2005)
- Tese de Roberto Pompeia (2006) sobre Laboratórios de Habitação – LABHABs em Arquitetura e Urbanismo;
- Dissertação de Thomás Lotufo sobre Canteiros Experimentais (2014) e outras formas de extensão nas FAUs;

2. **Anais de encontros e artigos acadêmicos publicados em revistas sobre ensino de arquitetura:**

- **Caderno 12 ABEA** - ANAIS Seminário Nacional de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 11 a 13/05/1993.
- **Caderno 14 ABEA** - ANAIS 1º Seminário Nacional sobre Extensão Arquitetura

e Urbanismo, Campinas, 23 a 25/05/1995. Edição temática que apresenta os anais do I Seminário Nacional sobre Extensão em Arquitetura e Urbanismo, realizado em Campinas em 1993. O evento durou cinco dias e reuniu mais de 30 universidades, além de membros da FeNEA e participantes independentes, e destacou três temas centrais para esta pesquisa: [1] Universidade e Extensão; [2] Universidade e Sociedade; [3] Limites e Possibilidades de Ação. Com a participação de duas estudantes de ensino médio do grupo de pesquisa do IPECI, fez-se uma pré-seleção dos números que contêm artigos sobre EMAUs e selecionaram-se outros, de temas correlatos.

- **Caderno 41 ABEA - (2017)** Temática versa sobre Ensino e Aprendizagem Presencial e o Papel Social do Arquiteto e Urbanista. Relata os resultados de seminário realizado em Brasília, com duração de cinco dias, que reuniu 56 universidades.

1.3.4. Como tratamos as fontes orais

No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada. (PORTELLI,1996, p.7)

A ideia de fazer entrevistas surgiu neste trabalho antes do contato com os textos de história oral¹⁷. Porém, a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira, historiador de formação, nos apresentou novos e ricos conhecimentos sobre história oral, a partir das leituras propostas e debates no grupo de pesquisa, e passamos a procurar uma forma de incorporá-los neste trabalho, embora a maior parte das transcrições das gravações já estivessem prontas. Optamos por tentar enriquecer a escrita dos textos fazendo uso da produção teórica de MEIHY e HOLANDA [2007] e MEIHY e SEAWRIGHT [2020], embora cientes de que seria impossível escrever *a posteriori* um projeto de história oral

¹⁷ Provavelmente por influência do mestrado desenvolvido sob orientação da geógrafa Profa. Dra. Maria Adélia de Souza, no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC]. O pensamento era singelo: como a pesquisa trata de tema recente e a maioria dos sujeitos envolvidos está viva, entrevistas possibilitarão o levantamento de dados novos, que podem ser cruzados com os documentos da época encontrados no acervo do D. A. Michael Leaders.

com base no grupo NEHO da USP, que o coloca como premissa da pesquisa.

Lemos, por indicação de Barreira, *Augusto & Lea: Um caso de (des)amor em tempos modernos* [MEIHY, Contexto, 2006] e *Canto de morte Kaiowá: história oral de vida*. [MEIHY, Loyola, 1991], excelentes exemplos de passagem do código oral para o escrito, que segundo a metodologia do grupo NEHO se baseia em quatro fases distintas: [1] transcrição, [2] textualização, [3] escolha do tom vital e [4] transcrição (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020 p.129). Com base nas leituras teóricas do grupo e na sua produção literária, percebemos a efetividade desta práxis e passamos a questionar se dispúnhamos da "*sabedoria que ativa o sentido íntimo do ato de transcriar*", para produzir "aproximações capazes de superar a cópia, a paródia ou imitação, dando senso estético ao texto" (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020 p.130). Aprofundamos o mergulho no tema com a leitura de Haroldo de Campos¹⁸, sumidade no tema da transcrição poética, e tomamos consciência da complexidade do processo, o que nos levou a abandonar a ideia de fazê-lo. Optamos pela transcrição, com retirada dos vícios de oralidade – o que deu maior fluência aos textos –, depois revisada e com aprovação pelos autores.

Tentamos também considerar, sempre que possível, os passos finais do processo: análise, arquivamento, devolução social (MEIHY; HOLANDA, 2007 p.30). Disponibilizamos na íntegra as entrevistas principais, que figuram nos apêndices, e as demais receberam transcrição parcial, com os mesmos critérios de tratamento e aprovação.

Optamos por incluir no exemplar impresso do acervo da biblioteca da UNISANTOS um CD com as gravações das principais entrevistas e os dois vídeos dos SeNEMAUS. Esperamos que este material, assim como aquele disponibilizado nos apêndices, possa um dia ser útil a outros pesquisadores.

1.3.5. Identificação das fontes orais

- O primeiro integrante do Grupo Reviver com quem tivemos contato direto foi Rodrigo Rubido Alonso, a partir de palestra ministrada por ele na Semana de Arquitetura da FAUS, para a qual fomos convidados pelos estudantes da FAUS em 2017. Embora

¹⁸ CAMPOS, H. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*, FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2011

devamos a ele a primeira boa impressão sobre o Grupo Reviver, foi **Alexandre Esteves**¹⁹ (Alê) quem nos concedeu a primeira entrevista, realizada em 2019, no seu simpático escritório na Vila Madalena, São Paulo, aonde voltamos mais uma vez. Alexandre é formado pela FAUS, foi membro da Diretoria Regional da FeNEA e do Escritório Modelo Reviver, e desenvolveu workshops nos ENEAs sobre Escritórios Modelo. Foi entrevistado duas vezes em 2019 e auxiliou a autora na identificação dos participantes do II SeNEMAU. Apesar de as gravações originais das entrevistas terem se extraviado devido a falhas de um HD externo, utilizamos trechos transcritos para a qualificação para criar um entremeio: *Alexandre Esteves no 1º workshop de Uberlândia*, que consta desta versão final. As ideias centrais de suas atividades como diretor da Federação e membro do EMAU, contidas nas anotações, contribuíram para a compreensão geral do tema e para o texto final.

Com base neste relato compusemos uma primeira rede de contatos²⁰ para futuras entrevistas, que inicialmente reunia líderes da FeNEA e estudantes de outros EMAUs que tinham participado da consolidação dos SeNEMAUs. Tomamos contato com toda esta rede nos vídeos dos seminários. Mas, como optamos por focar no Grupo Reviver, entrevistamos somente arquitetos(as) urbanistas membros deste grupo, que, quando estudantes na década de 1990, eram ligados à FeNEA e envolvidos na criação dos SeNEMAUs e na divulgação da metodologia do MPS para os demais EMAUs. São eles:

- **Edgard Gouveia JÚNIOR:** Entrevistado em 03/03/2020 no ateliê da autora, em São Paulo. Graduado pela FAUS e especialista em jogos interativos pela UNIMONTE, ajudou na consolidação inicial dos Escritórios Modelo e na discussão do Projeto de Orientação dos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (POEMA). Foi coordenador do EMAU Reviver e membro fundador do Instituto Elos, de onde saiu para atuar individualmente com jogos interativos e estratégias de formação de comunidades. Possui uma visão completa do desenvolvimento das iniciativas de extensão da FAUS, desde o HABITAF AUS, e participou ativamente das greves ocorridas na FAUS entre o fim

¹⁹ Nome que nos foi sugerido por documentos encontrados no Diretório Acadêmico da FAUS, em pesquisa realizada com estudantes no âmbito do Programa de Educação Científica para o Ensino Médio do Instituto de Pesquisas Científicas IPECI/UNISANTOS entre agosto de 2018 e julho de 2019.

²⁰ Neste contexto, Alê funcionou como o “ponto zero” da pesquisa, no sentido que o grupo NEHO da USP dá ao termo.

da década de 1980 e o início da década de 1990. Sua entrevista contribuiu para compreender a participação dos estudantes nos rumos que a escola tomou neste período e sua continuidade até os anos 2000. Edgard identifica vários grupos de estudantes envolvidos na FeNEA durante o período inicial de criação do POEMA e dos EMAUs, associando-os a suas universidades de origem, e que, como ele, participaram do que aqui optamos por denominar como ***primeira geração dos Escritórios Modelo***. Sua entrevista, na íntegra nos apêndices, fornece uma rica visão panorâmica de quase 15 anos de movimento estudantil de área ligado aos EMAUs. Gerou um entremeio e contribuiu para a construção de vários trechos deste texto: *Um tutor que ‘deixa fazer’; Um mentor com experiência ‘fora da caixa’; Tibá influencia estudantes da FeNEA; Aprovação perante a diretoria da FeNEA; A primeira geração de estudantes; As pessoas não são massa de manobra para nós; e Uma ‘dupla infernal’ da ABEA.*

- **Mariana GAUCHE e Natasha GABRIEL:** Formadas pela FAUS em 2000, foram diretoras do diretório acadêmico da FAUS em gestões consecutivas, sócias fundadoras do Grupo Reviver, organizadoras ativas dos SeNEMAUs e sócias fundadoras do Instituto Elos, onde atuam até hoje. Optaram por conceder entrevista juntas, na sede do Instituto Elos, situado a três quadras da FAUS, evento que contou também com a participação de Bruno Matinata, membro do instituto responsável pela área de comunicação, que participou com a autora do projeto FAUS Ilustra Elos. A entrevista é rica em detalhes sobre a metodologia do MPS e contribuiu para a construção de vários trechos deste texto.

- **Rodrigo Rubido ALONSO:** Formado pela FAUS, foi diretor do Diretório Acadêmico Michael Leaders, diretor geral e regional da FeNEA, sócio fundador do Elos. É o atual coordenador do Instituto. Ministrou a palestra “A Estória que nos fez Elos”, que levou a autora a escolher os Escritórios Modelo como tema deste trabalho. Optamos por utilizar o texto transcrito da palestra, que teve duração de uma hora e versou sobre o tema deste trabalho, dispensando o procedimento de entrevista.

No início de março de 2020, dias antes da determinação de bloqueios e distanciamento social exigida pela pandemia do coronavírus, já havíamos realizado entrevistas com três integrantes do Grupo Reviver considerados centrais desta rede: estivemos com Natasha Gabriel e Mariana Gauche no dia 6 daquele mês (em dupla), e dia 9 com Edgard Gouveia

Júnior (individual). Os resultados destas conversas foram parcialmente apresentados na qualificação e as entrevistas, posteriormente transcritas e aprovadas pelos colaboradores, se encontram nos apêndices deste documento.

Durante a pesquisa nos bancos de dados acadêmicos, localizamos quatro integrantes da primeira geração de professores envolvidos com a criação de laboratórios de extensão contemporâneos do HABITAF AUS da década de 1980, que atuaram como coordenadores e/ou tutores de LABHABS ou Canteiros Experimentais. São eles: Profa. Dra. Maria Amélia [Mel] Devitte Ferreira D’Azevedo Leite²¹; Prof. Dr. Reginaldo Ronconi²², Prof. Dr. Roberto Pompéia²³ e Prof. Dr. Yopanan Rebelo ²⁴.

Travamos contato com Mel no dia 16 de maio de 2019, durante a mesa do II Pré-Fórum Regional de ATHIS e Extensão Universitária: Passado, Presente e Futuro, realizado na FAU Mackenzie. Na ocasião, gravamos com sua autorização a sua fala, em que discorreu sobre a importância da lei de curricularização da extensão para ampliarmos as iniciativas como ATHIS, EMAUs, LABHABS e demais formas de conexão da universidade com a sociedade civil, a fim de gerar propostas reais de inclusão mais justa da população menos atendida pelo Estado na economia e na sociedade, dando a elas melhores condições de trabalho e de participação na vida pública.

Entrevistado pela autora, Ronconi enfatizou que, embora o canteiro experimental tenha colaborado em diversas ocasiões com grupos de extensão da FAUUSP, esta não é a sua

²¹ **Profa. Dra. Maria Amélia [Mel] Devitte Ferreira D’Azevedo LEITE:** coordenadora do Laboratório do Habitat da FAU/PUC-Campinas (1991 - 1999) e professora-orientadora do Laboratório de Habitação LABHAB FAU Belas Artes de São Paulo (1981 - 1986). É doutora (2005) e mestre (1998) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo.

²² **Prof. Dr. Reginaldo RONCONI:** idealizador do Canteiro Experimental da FAU USP, que desenvolve processos integrados para a formação do arquiteto e urbanista e coordena o LCC – Laboratório de Culturas Construtivas. Tem graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FAUS (1987), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos da USP (1995) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela USP (2002).

²³ **Prof. Dr. Roberto Pompéia:** Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela USP (2007), desenvolve pesquisas e ministra cursos e palestras na área de Geometria das Estruturas e na formação de estudantes. É sócio da SAGARANA Projetos de Arquitetura e Educação. Atua na área de extensão na Escola da Cidade, leciona na Universidade Monte Serrat (UNIMONTE) e na Faculdade das Américas (FAM). Sua tese sobre LABHABS foi amplamente utilizada nesta tese.

●²⁴ **Prof. Dr. Yopanan Conrado Pereira Rebelo:** Possui graduação em Engenharia Civil pelo Mackenzie (1972), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP (1993) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP (1999). Foi professor da FAUS e participou dos projetos do HABITAF AUS. Seus textos nos ajudaram a compreender a relação entre os professores engenheiros das FAUs e os LABHABS, através do desenvolvimento de estruturas experimentais.

principal função, e sim introduzir atividades práticas na formação dos estudantes, a fim de lhes proporcionar conhecimentos que aumentem sua confiança quando da atuação profissional²⁵. Como a maioria dos trabalhos desenvolvidos no canteiro estão atrelados a disciplinas, sobretudo as de projeto e estrutura, Ronconi aponta dificuldades de conciliá-los diretamente com atividades extramuros, que possuem um tempo diferente de realização, incompatível com aquele das disciplinas. Um trecho central da sua fala sobre o futuro da extensão nas FAUs foi encolhido para figurar no texto principal, como entremeio. Transcrita na íntegra, sua entrevista figura entre os apêndices.

A mesa do II Pré-Fórum Regional realizado na FAU Mackenzie em 2019 nos colocou também em contato com Heloisa Bergamini, do EMAU Mosaico, da FAU Mackenzie. Aproveitamos então para entrevistá-la, por se tratar de uma liderança estudantil ligada a um EMAU da FeNEA sediado em uma FAU particular. Isso nos permitiu fazer um paralelo com os líderes do EMAU Reviver, transpondo esta experiência para o espaço tempo atual. Efetuamos duas gravações com a estudante no campus principal da FAU Mackenzie, que geraram um entremeio: *Heloisa Bergamin, estudante do EMAU Mosaico*.

1.3.6. Fontes audiovisuais

Na sua entrevista inaugural, Alê foi categórico ao afirmar que, depois da criação dos seminários nacionais de escritórios modelo de arquitetura e urbanismo da FeNEA (SeNEMAUs), para troca de informações entre os estudantes membros, o Programa de Orientação aos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (POEMA) tornou-se obsoleto. Embora se mantivesse como um documento referencial, por conter os princípios básicos dos EMAUs, sua atualização mostrou-se menos eficiente que o contato nos encontros, mais dinâmico, intenso e direto. Diante desta revelação, vinda de alguém que vivenciou o processo, a autora optou por se dedicar mais ao estudo dos primeiros SeNEMAUs, cuja importância mostrou-se inegável, e interrompeu seus esforços em localizar edições atualizadas do POEMA, pois foi informada que a última mudança fora realizada pela Gestão 2005/2006.

Alê também relatou ter em seu poder duas fitas VHS originais que documentavam os

²⁵ RONCONI, Reginaldo. *Entrevista com Reginaldo Ronconi*. [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, 23 p., 2019

dois primeiros SeNEMAUs, realizados no fim da década de 1990, dos quais havia participado, material que nos disponibilizou na sua segunda entrevista²⁶. A etapa final do texto deste trabalho foi profundamente marcada pelo acesso a três vídeos documentários que registram encontros históricos da FeNEA relacionados ao nosso tema: o do I SeNEMAU, realizado em Maceió [1997], o do II SeNEMAU, em Recife [1998], e o do Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo [ENEA] realizado em Santos [1995], localizado na internet.

Dar forma documental e palatável a este tipo de fonte nunca antes trabalhada foi um desafio enfrentado com prazer, que nos permitiu optar pelo que denominamos de decupagem *invertida*. E aqui se faz necessária uma explicação. Em cinema e televisão, decupagem implica dividir um roteiro em cenas, sequências e planos numerados, para facilitar sua filmagem. Aqui, invertemos o processo e, a partir da gravação pronta, identificamos as cenas, sequências etc. para facilitar a compreensão do tema, e dar ênfase ao peso temporal dado a cada tomada, revelando as intenções contidas nos cortes.

A forma detalhada de tratar os vídeos, transcrevendo as falas e identificando seus oradores sempre que possível, revelou-nos o protagonismo dos membros do Grupo Reviver da FAUS não só nos dois primeiros encontros, realizados em Maceió e Recife. Segundo entrevistas, esse protagonismo se estendeu por todo o processo inicial de consolidação dos EMAUs em nível nacional. Considerando o fato de os workshops externos do II SeNEMAU terem sido, em paralelo com o projeto do Museu de Pesca de Santos, os embriões do método de ação social que aqui estudamos, optamos por realizar quadros elucidativos e estudos complementares para organizar melhor as informações sobre eles e entender o porquê da escolha das áreas de Recife onde ocorreram. Como já tínhamos entrevistado quatro dos estudantes da FAUS presentes ao II SeNEMAU, na costura do texto tentamos valorizar conexões entre as entrevistas realizadas e estes vídeos, que esclarecem detalhes sobre a construção coletiva da metodologia que nos dispusemos a estudar.

Agradecemos a disponibilidade de Alexandre Esteves em identificar conosco a rede de

²⁶ Devido ao isolamento social imposto pela pandemia do coronavírus, a decupagem deste material disponível no apêndice, só ocorreu após a qualificação realizada em setembro de 2020.

participantes do II SeNEMAU, alguns profundamente envolvidos na segunda geração dos Escritórios Modelo, e lamentamos não ter podido expandir a partir dela o desenho do grupo de entrevistados, devido à reclusão imposta pela pandemia e à proximidade do prazo para a conclusão desta pesquisa.

1.3.7. Seleção e reordenação do conteúdo

Na qualificação, apresentamos a pesquisa de forma aberta, para que a banca pudesse colaborar de forma ampla com o trabalho. Mas, no momento da defesa, nos foi sugerido transmitir de forma concisa e ordenada apenas a compreensão final que passamos a ter da experiência pedagógica do EMAU Reviver, sem nos determos, no momento, ao contexto que a envolve, expressado nos capítulos da qualificação sobre movimento estudantil, movimentos sociais e reforma urbana.

Nas duas próximas seções – **Democratização das FAUs e A FAUS** –, discorreremos sobre a democratização das Instituições de Ensino Superior [IES], das faculdades de arquitetura e urbanismo em geral e da FAU Santos em particular. Para trazer o leitor para a intimidade deste assunto, buscamos relacioná-lo com os primórdios da FAU Santos, motivo de incluirmos um pequeno resumo da história desta instituição – onde lecionamos desde 2013 –, datando a sua criação e mencionando as principais influências do seu projeto pedagógico.

Na seção 4 – **Movimento Estudantil na FAUS** – procuramos mostrar como as paralizações longas que caracterizam as três principais crises da escola influenciaram na formação dos estudantes extensionistas do grupo Reviver e na escolha do seu mentor.

E nas seções seguintes – **ENEA Santos: Arquitetura do Lado de Fora e Museu de Pesca de Santos** –, apresentamos os resultados da pesquisa relativos ao nosso tema central: a experiência de extensão praticada pelos EMAUs. Abordamos a participação dos membros do Grupo Reviver – o EMAU dos estudantes da FAUS – na gestão do Diretório Acadêmico Michael Leaders, na organização do ENEA Santos, na experiência de revitalização do Museu de Pesca de Santos e no processo de estruturação dos Escritórios Modelo, fazendo uso de metodologias de discussão pública e criação coletiva de projeto por eles desenvolvidas no MPS, durante os anos iniciais do curso, em parceria com seus colegas, seu tutor e seus professores.

Expomos na sétima e oitava seções – **Universidade Aberta de Verão e Seminários**

Nacionais dos Escritórios Modelo – a estruturação dos escritórios modelo da FeNEA, a criação dos princípios éticos que os caracterizam, a atuação individual e coletiva dos estudantes na troca de saberes realizada nos SeNEMAUs a partir de 1994 e sua relação com os Encontros Nacionais (ENEAs) e Latino-americanos (ELEAS) de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo e dos Conselhos Regionais (COREAS) e Federais (CONFEAS).

Na nona seção – **Legado pedagógico do Grupo Reviver** –, apresentamos um dos principais frutos do trabalho pedagógico do Grupo Reviver: a Filosofia Elos. Na décima seção – **Reflexões voltadas ao futuro da extensão na FAUS** – nos permitimos uma digressão utópica sobre como pode vir a ser a extensão na FAUS mediante a curricularização da pesquisa e da extensão ora em curso, imaginando que o HABITAF AUS seja protagonizado por estudantes. Levantamos ainda algumas possibilidades atuais de ampliar as ações extramuros em arquitetura e urbanismo, a partir de experiências já em curso de residências voltadas à Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social (ATHIS), ou de programas propostos pelo governo federal.

Na seção 11, **Posfácio**, discorremos sobre as contribuições da banca para o aperfeiçoamento deste trabalho e nos **Apêndices**, localizados na seção 13, incluímos, além das entrevistas e das decupagens dos vídeos, um relato da nossa trajetória pessoal artística e um texto que relata, em primeira pessoa, alterações na nossa vida acadêmica em decorrência da pandemia do coronavírus, mundialmente vivenciada durante os anos de 2020 e 2021.

2. DEMOCRATIZAÇÃO DAS FAUS

Aqui salientamos a importância dos programas de financiamento estatais para que os estudantes da periferia da nossa região metropolitana – a RMBS – possam frequentar as Instituições de Ensino Superior; comentamos porque a extensão universitária pode ser uma forma de levar as IES à periferia; descrevemos algumas formas de ações multiescalares de atuação estudantil, entre as quais destacamos os Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo, foco desta pesquisa.

2.1. Democratização das Instituições de Ensino Superior [IES]

Ao examinar a produção documental dos seminários estudantis realizados entre 1965 e 1968, constatamos que a União Nacional dos Estudantes (UNE) se opôs firmemente aos acordos MEC-USAID, pacote de termos de cooperação técnica entre Brasil e EUA firmados naquele período²⁷. Os documentos escritos em paralelo à tramitação da Lei 5.540/68 deixam claro que o movimento estudantil entendia que o acesso às Instituições de Ensino Superior necessitava ser ampliado, pois atingia apenas uma ínfima parte da população brasileira. Também se depreende da leitura desses documentos a visão dos estudantes de que o projeto de lei favorecia o aumento progressivo das instituições privadas para ampliação do sistema universitário brasileiro, em oposição ao modelo de ensino público e gratuito por eles desejado.

Os estudantes acreditavam que, apesar de ampliar o número de vagas no ensino superior, o projeto agravaria a elitização no acesso à universidade. Por esta razão, submeteram emendas e adendos ao texto original, com intuito de minimizar este efeito. Durante o período estudado, foram localizadas duas publicações em jornais internos do movimento estudantil que apontam vitórias parciais dos estudantes no processo, mencionando alterações na proposta original do Estado, decorrentes desta oposição.

Na *Declaração da Bahia*²⁸, observou-se que estes não apenas tentavam modificar o

²⁷ A respeito dos acordos MEC-USAID, ver <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acordo-mec-usaid>

²⁸ No início da década de 1960, os estudantes organizados lutavam por uma universidade menos seletiva e classista e que não defendesse o *status quo*. (...) A UNE esteve, de modo geral, envolvida com várias questões emblemáticas do país, inclusive na luta por mudanças significativas nas universidades; sua posição evidenciou-se no cenário histórico ao realizar os I, II e III Seminário Nacional da Reforma Universitária. Realizaram-se respectivamente em Salvador, em 1961; em Curitiba, em 1962; e em Belo Horizonte, em 1963. Nestes seminários foram produzidos documentos históricos e significativos: A Declaração da Bahia; a Carta de Curitiba e a Luta Atual pela Reforma Universitária. (ROCHA, 2005, s/p)

projeto original, mas possuíam um projeto utópico alternativo – um sonho juvenil coletivo – em que a Universidade Brasileira aparecia como entidade pública e gratuita, voltada ao meio que a criou, totalmente integrada à sociedade e com flexibilidade para acompanhar as transformações sociais.

Ecos deste sonho, que não foi possível levar adiante em 1968, ainda persistem em setores da população brasileira, que veem a educação pública e gratuita de qualidade – nas IES e em todos os níveis – como centro do projeto de democratização da sociedade brasileira. Embora a Constituição de 1988 tenha trazido contribuições significativas para que isso ocorra, este projeto ainda não se concretizou.

Muitos jovens estudantes do Brasil, por perceberem seu acesso ao nível superior como um privilégio, veem a democratização da universidade como condição *sine qua non* para construirmos juntos um futuro melhor para todos e participam de ações concretas no extramuros da universidade. Estas iniciativas de servir de forma direta a sociedade ocorrem através de laboratórios de extensão, escritórios modelo, FABLABS universitários etc. Por meio destes é possível, por exemplo, desenhar material didático específico para estudantes cegos, participar de fóruns sociais de discussão sobre a legislação urbana, construir creches, praças e playgrounds em comunidades, ajudar a remover populações de áreas de risco em situações emergenciais, criar abrigos para moradores de rua etc.

Há quem avalie que tais iniciativas de atuação em escala micro são gotas d'água no oceano de carências brasileiras, incapazes de colaborar de forma significativa para solucioná-las. Ainda que saibamos que as grandes oportunidades de mudanças positivas surgem quando instâncias de escala macro do poder – municipal, estadual e sobretudo federal – assumem posições favoráveis e encabeçam esta democratização, percebemos que as redes de cooperação em múltiplas escalas são a maior força de que dispomos para minimizar, juntos e a partir de agora, a segregação, o abandono, a falta de oportunidades e de recursos públicos nos setores mais frágeis da cidade e da sociedade. Estas redes podem reunir desde microscópicas iniciativas individuais até grupos suprapartidários de ativistas, coletivos temáticos, ONGs e agentes públicos ligados aos

Disponível em <https://www.google.com/search?q=carta+da+Bahia+UNE&oq=carta+da+Bahia+UNE&aqs=chrome.69i57j33i22i29i30i4.7961j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso 14/01/2022

setores mais democráticos do poder instituído. Quando agem de forma coerente e conectada, produzem mudanças bastante significativas – inclusive orçamentárias –, que contribuem para instigar as instâncias em escala macro a colaborar com a transformação, respeitando os caminhos apontados pela sociedade civil.

2.2. Democratização e programas de financiamento

O acesso à educação é direito inegavelmente assegurado pela Constituição Federal (BONETI, 2003) e uma das formas mais efetivas de democratizar o país. Enquanto não há prevalência das universidades públicas e gratuitas, faz-se necessário tornar as IES mais acessíveis às camadas populares e trazer muitos estudantes da periferia para estudar nelas. Entre 2005 e 2014, houve crescimento significativo no número de bolsas do PROUNI, e o Brasil vivenciou a experiência enriquecedora de contar com a presença de alunos de diferentes faixas de renda nos cursos superiores pagos.

É evidente que isso só ocorreu porque grupos se mobilizaram para participar de conselhos gestores deliberativos, elegeram representantes que defenderam fielmente esta causa e depois acompanharam estes representantes eleitos para exigir que assim o fizessem. A democracia representativa e participativa dá trabalho, mas também dá resultados. E quais são eles? Segundo Rubens Pinto Lyra, "a participação significativa da sociedade nas representações conselhistas é requisito indispensável para tornar sua intervenção eficaz no que consideramos ser o mais importante resultado da ação desses conselhos: o aprofundamento e a ampliação da democracia, através da socialização da política" (LYRA, s/d, s/p).

Manter formas vantajosas, consequentes e contínuas de financiamento estudantil possibilitou por um período que muitas/os jovens com rendas familiares baixas tivessem acesso ao nível superior de ensino, concluíssem seu processo de formação e se mantivessem na profissão, realizando plenamente o sonho coletivo de acesso à universidade. Mas, para que ocorresse, o MEC precisou reconhecer a importância de tal sonho, criar linhas de crédito seguras, financiamento e bolsas.

A experiência recente tem mostrado que o vaivém da nossa democracia ainda em processo de consolidação sujeita os bolsistas a regras de financiamento estatal instáveis, que podem se tornar extremamente desfavoráveis em momentos de retrocesso, nos quais os canais participativos, quando não são desativados, sobrevivem em ritmo de

resistência. Longos períodos desfavoráveis provocam evasão em massa dos estudantes vindos da rede pública com renda per capita familiar de até três salários-mínimos, e provocam o esvaziamento de muitos cursos pagos. Ou seja, o sonho coletivo de acesso à universidade só perdura enquanto a ampliação democrática durar.

Em última instância, a destinação de verbas para este projeto coletivo da sociedade encontrou respaldo na equipe do MEC entre 2005 e 2014. Mas a postura de quem está em determinado momento no ministério, como é sabido, reflete a postura no poder federal, ao qual responde. Por isso, quando o governo federal mudou, o sonho acabou.

Na ótica dos brasileiros de baixa renda beneficiados por esta política pública, aqueles subsídios significativos deveriam ser mantidos para sustentar sua continuidade, justificada pelo esforço social realizado por eles e por suas famílias. Mesmo que tais políticas ainda não possam garantir a colocação destes jovens recém-formados/as no mercado de trabalho, são elas que ampliam as oportunidades de melhor inserção social.

Quando a participação democrática é permitida e incentivada, amplia-se o caminho legal possível para o acesso mais democrático às IES com a oferta regular e vantajosa de programas de financiamento como o PROUNI, as bolsas do FIES, as cotas, o INCLUIR etc., que permitem a inclusão de diferentes grupos sociais e étnicos nas instituições de nível superior, em um país onde “as instituições privadas representam cerca de 90% das IES” (SILVA e SANTOS, 2017). Rubens Pinto Lyra considera ainda que, além disto, “a presença de entidades da sociedade nos conselhos confere, *ipso facto*, maior transparência à administração. Tal presença amplia, potencialmente, as chances de se inibir a corrupção; pode favorecer uma mais justa alocação do fundo público e contribuir para um menor desperdício e mais eficiência nos serviços prestados” (LYRA, s/d, s/p).

Como discentes, tivemos o prazer de vivenciar o acesso de alunos da cidade informal, de bairros periféricos e das áreas mais distantes e quase suburbanas da RMBS à FAUS entre 2013 e 2016. O resultado desta ampliação de público enriqueceu a comunidade acadêmica intramuros – inclusive os professores – por meio da imprescindível experiência urbana de todos, da amizade e da convivência democrática, da ampliação do sentido de diversidade, de alteridade e de aprendizado conjunto. Neste período, alguns projetos envolvendo bolsistas do período noturno foram premiados, porque eles agarraram com afinco esta oportunidade, o que facilitou sua acolhida no mercado

formal da profissão, ainda bastante elitista.

É impossível imaginar de que forma esta ampliação democrática da experiência acadêmica e profissional afetaria o ensino de arquitetura e urbanismo, a formação dos estudantes e dos futuros docentes na FAUS, caso tivesse sido duradoura. Mas, quando mal começávamos a perceber os reflexos positivos desta mudança, a alteração radical das políticas públicas de financiamento estudantil provocou o retrocesso, apesar dos descontos parciais oferecidos pela nossa universidade comunitária.

Sabemos que muitas das posições de poder – em nível técnico e político – exigem nível superior. Isto torna evidente o quanto a democratização do acesso às universidades se reflete na democratização do Estado e do país como um todo. Mas que fazer quando as instâncias superiores de poder são menos favoráveis e o financiamento míngua? Procurar outras formas.

2.3. Se a periferia não vai à IES, a IES vai à periferia

Para alguns estudantes, levar a universidade para a rua representa uma forma concreta e possível de democratização das FAUs. Buscam atuar em bairros menos atendidos pelo poder público nas diferentes áreas da cidade, por meio de ações de extensão em favelas, visitas técnicas ao centro histórico, pesquisas em comunidades caiçaras etc.

Fazer *arquitetura do lado de fora*, longe das quatro paredes da sala de aula, exige coragem para que a experiência na cidade que não lhes pertence possa trazer surpresa e entusiasmo, e o medo do desconhecido seja superado pela curiosidade. A experiência comprova que há muita vitalidade urbana e beleza em territórios periféricos, apesar das carências e da violência reinantes. Fazemos nossas as palavras de Jorge, quando afirma: “A vitalidade das ruas é o melhor sinal de sobrevivência de qualquer cidade do mundo. (...) Lamentamos o progressivo esvaziamento do sentido do viver as ruas como formação cultural e social do Brasil ou como espaço de gestação da cultura urbana brasileira” (JORGE, 2015, p. 79).

Independentemente do grupo social de origem, alguns estudantes das faculdades de arquitetura e urbanismo se questionam – ainda que de forma intuitiva – como é possível minimizar o processo de segregação nas cidades em geral e nas universidades, em particular. Estes idealistas também interrogam os professores, buscando ações capazes de tornar a cidade um espaço mais democrático, justo e sustentável, e menos segregado

para se viver. É bem verdade que nem sempre conseguem lutar por estes objetivos comuns da forma como lutam por seus objetivos individuais. Por outro lado, quando conseguem se organizar no âmbito coletivo em diferentes escalas, desde a organização do diretório acadêmico até o movimento estudantil de área em nível nacional, suas utopias conseguem maior sustentação, e não enfraquecem, alcançando excelentes resultados por meio da extensão.

2.4. Democratização das IES: Ações em múltiplas escalas

Com a formação acadêmica ainda muito distante das atividades práticas, alguns estudantes demonstram interesse duradouro por atividades extensivas. Em geral, focam sua atuação extramuros em questões contemporâneas ligadas à arte e cultura urbanas e aos espaços públicos, trabalhando na interface entre suas atividades individuais cotidianas e a vida coletiva na cidade.

Embora não sejam a maioria, os que abraçam livremente experiências extensivas na graduação acompanham fóruns virtuais de discussão urbana, discutem as pautas mais urgentes da cidade e buscam contribuir com a superação dos conflitos urbanos. Participam de forma autônoma das atividades organizadas pelo diretório acadêmico e leem sobre temas como habitat e violência, ilegalidade urbanística etc. Figuram entre as referências vivas mais lidas por estes estudantes Ermínia Maricato e Rachel Rolnik, pelo enfrentamento teórico-prático de temas de seu interesse e soluções criativas que apresentam em fóruns e *lives* para resolução de conflitos em territórios onde não há presença efetiva do Estado.

Alguns ativistas permanecem por muitos anos no movimento estudantil, atuando em coletivos de extensão, Laboratórios de Habitação, FABLABs e Escritórios Modelo, onde aprendem a transformar – juntos e radicalmente – a forma de tratar nossos assuntos urbanos comuns, e descobrem que a mudança começa a partir de nós mesmos. Quando persistem ativos, com a maturidade alcançada com a práxis, tornam-se capazes de protagonizar ações sociais mais amplas com bastante autonomia e passam a questionar seus docentes, checando suas posições teóricas e práticas. Desafiá-los pode ser de crucial importância para provocar também as transformações intramuros que desejam, o que é muito salutar para o corpo docente.

Para ampliar e diversificar seu campo profissional de atuação futura, buscam:

- **Participar** de ações sociais em diferentes escalas da cidade, ou ajudar a criá-las; produzir mudanças físicas nos espaços possíveis, e mudanças de organização e de sentido na microescala social que vivenciam. Se não puderem ser duradouras, efêmeras.
- **Olhar** o coletivo de forma semelhante àquela que utilizam para superar desafios pessoais, com persistência, dedicação e coragem. E com os mesmos ideais éticos.
- **Dar caráter de urgência** à mudança e captar recursos – por meio de campanhas de financiamento coletivo – para viabilizar de forma independente seus projetos. Mostram-se conscientes que a sociedade já atingiu abundância necessária para solucionar seus problemas, caso contrário não haveria tantas forças obscuras e escusas tentando desviar a riqueza coletiva para cofres pessoais.
- **Construir** para seus coletivos – através da rede digital – redes multiescalares complexas e globalizadas de mobilização, integrando de forma digital experiências locais, regionais e internacionais.
- **Criar sinergias** fortes entre estas práticas multiescalares, para favorecer a eficiência logística, a solidariedade pública e condições favoráveis à ajuda mútua, inclusive em escala global.

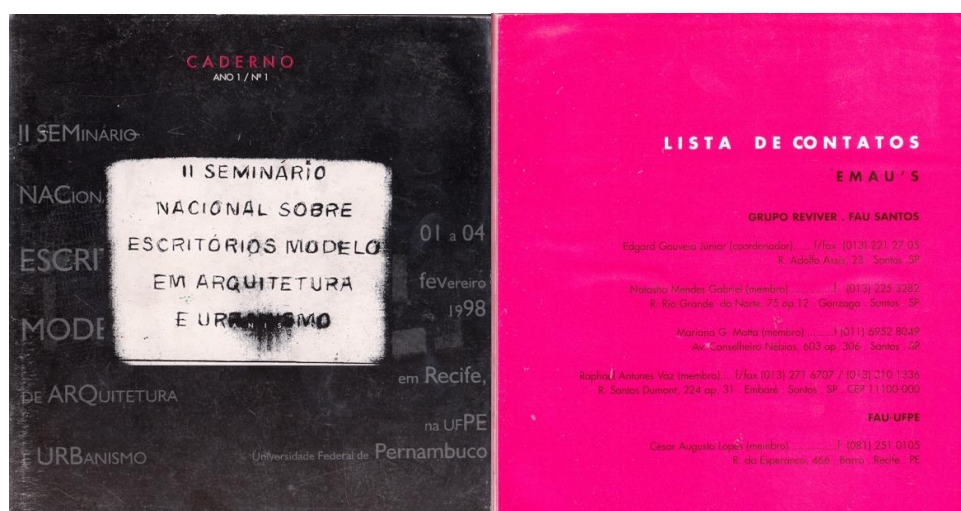


Figura 2 Caderno do II SeNEMAU, no qual participaram seis estudantes do Grupo Reviver.
Fonte: Arquivo no Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS

- **Organizar escritórios modelo** para estruturar sua ação de extensão, penetrar com urgência em pontos críticos da cidade e intervir para reconectá-los de forma mais democrática. Agir nos pontos onde a dispersão, a segregação e a interdição tentam manter a soberania, a disciplina, a governabilidade. É fácil identificá-los,

pois “têm em comum entre si o fato de que sempre visam à submissão, ao ‘adestramento’, ao amansamento (ou à domesticação), e ao enquadramento subalterno dos corpos e das mentes” (CF. FOUCAULT, 2001).

- **Associar pesquisa e extensão e publicar artigos que avalizem sua práxis.** Editada pelo GFAU da FAUUSP, a revista *Contraste* publica artigos sobre temas urbanos contemporâneos, de professores e alunos, organizados de forma graficamente exemplar. Muitos deles relatam experiências relacionadas a grupos de extensão.

Na FAUS, os alunos procuram:

- **Fazer iniciação científica** em grupos de pesquisa como o Estúdio Multidisciplinar, liderado por professores da sequência de projeto da FAUS, ou do Grupo Patrimônio e Pertencimento, liderado por César Bargo Perez, além daqueles oferecidos por outros cursos da UNISANTOS.
- **Participar de projetos de cunho extensivo**, como o Observatório da Baixada Santista, inicialmente liderado até 2021 por Monica Vianna e Lenimar Rios, com forte adesão não só de professores de urbanismo da FAUS, mas de estudantes e professores do curso de Direito e de outras áreas de conhecimento da UNISANTOS.
- **Participar de coletivos estudantis autônomos** como o Urbanize-se, que, entre 2017 e 2019, realizou estudos teóricos extracurriculares, palestras e eventos em áreas públicas no centro de Santos e participou de assembleias públicas de discussão da Lei de Uso e Ocupação do Solo [LUOS]. Em todas estas atividades se articulou na UNISANTOS e em diversas universidades santistas com professores e estudantes de cursos de arquitetura e de outras especialidades, inclusive egressos da FAUS.
- **Criar grupos de extensão históricos, como o HABITAF AUS e o Escritório Modelo Reviver**, com grande autonomia dos estudantes, que atuaram em soluções de grande envergadura – como no socorro a Vila Socó e na revitalização do Museu de Pesca de Santos [MPS] – e projetos menores, que afetaram muitas pessoas.

2.5. Democratização das IES: O papel dos EMAUs

Os Escritórios Modelo da Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo – EMAUs – foram criados pelos estudantes para promover a democratização da universidade e da profissão e favorecer a ampliação do seu significado social. Resultaram de um longo percurso do movimento estudantil iniciado em 1960, com o Iº Seminário Nacional de Reforma Universitária da UNE, marco histórico inicial desta pesquisa.

Entre as resoluções apresentadas na ***Declaração do Paraná***, durante o II Seminário Nacional de Reforma Universitária, realizado em Curitiba em 1962, surge a proposta de inclusão da Reforma Universitária entre as famosas “Reformas de Base” do governo de João Goulart (MENDES Jr., 1982, p.64).

A partir da divulgação deste documento, “termina, nas suas linhas gerais, uma fase de fundamentação teórica da Reforma Universitária” (MENDES Jr., 1982, p.65). Em seguida, os estudantes se mobilizam para alcançar seus ideais de autonomia e participação a partir de um movimento conhecido como *a greve de um terço*, cuja “reivindicação básica era que os estudantes passassem a ter representantes nessa proporção em todos os órgãos colegiados de direção das faculdades e universidades, isto é, nas congregações, nos conselhos universitários e nos conselhos técnicos” (MENDES JR 1982, p. 66).

Em 1964, após a queda de João Goulart, a Reforma Universitária tomou outro rumo, e o movimento estudantil teve suas atividades suspensas pelas forças repressivas do Estado. Foram necessárias duas décadas para que os *Escritórios Modelo* pudessem se consolidar, usufruindo das conquistas da gestão democrática do Estado – anistia, retomada do Estado de Direito e promulgação da Constituição de 1988.

Escrita com a participação dos movimentos sociais urbanos organizados, esta carta magna possibilitou o apoio legal e institucional às iniciativas de participação organizada na vida pública tão esperada pelos estudantes, que puderam retomar suas associações e atividades. Neste período de abertura política particularmente favorável, eclodem as Organizações Não Governamentais (ONGs). Registra-se a presença de estudantes nos grandes fóruns mundiais que discutem as questões ecológicas associadas às grandes causas sociais globalizadas e nossos jovens podem voltar a contribuir coletivamente com a sociedade. O movimento estudantil se beneficia ao compartilhar informações com estudantes de outros países.

A década de 1990 assiste à retomada das atividades extramuros na universidade como um todo, sobretudo nos cursos histórica e pedagogicamente ligados à cidade, como o de arquitetura e urbanismo, em que já existiam desde meados de 1980 os LABHABs do curso da FAU Belas Artes de São Paulo e da FAU da Católica de Santos.

Em 1993, a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura (ABEA), sempre atenta a tudo que ocorre no campo da educação e em contato com os estudantes organizados da área, promove em Florianópolis o Seminário Nacional de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, durante o qual se decide realizar um seminário específico sobre extensão entre os dias 23 e 25 de maio de 1995, em Campinas (SP). Os Anais do 1º Seminário Nacional sobre Extensão em Arquitetura e Urbanismo estruturaram as diretrizes para a atividade extensiva nas FAUs das universidades brasileiras.



Figura 3 Logotipos de 28 EMAUs. Fonte: FeNEA Regional S. Paulo – 04/06/2018

Neles, a ABEA reconhece a importância da FeNEA na estruturação da extensão nos cursos de arquitetura e urbanismo e destaca esta entidade estudantil como sua principal interlocutora na discussão sobre extensão com os estudantes. Assume também, em parceria com a FeNEA, o papel de reestruturar os órgãos de extensão das FAUs.

Maria Elisa Meira e Valeska Pinto – duas professoras ligadas à ABEA e dedicadas à pesquisa pedagógica nas FAUs – apoiam a FeNEA em um projeto interno de organização de uma entidade de extensão gerida por estudantes com autonomia, que após dois anos de gestão resulta na criação dos *Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo*.

Realizado em 1997, o 1º Seminário sobre Escritórios Modelo [SENEMAU], evento oficial promovido pela federação em Maceió, Alagoas, contou com a participação de Maria Elisa em uma mesa redonda que reunia também professores da UFAL. A partir deste seminário empreendido pelos estudantes que haviam criado o POEMA – denominados primeira geração dos EMAUs –, estes passam o bastão para a segunda geração, que dará continuidade ao movimento, ampliando-o.

A gestão 2004/2005 da FeNEA se incumbiu de divulgar o POEMA, rediscutido, reelaborado e reescrito pelos estudantes nos Encontros Nacionais [ENEAs] e nos SeNEMAUs de 1994 a 2004. Durante o ano de 2005, a federação promoveu a publicação da *Primeira Carta Aberta aos Escritórios Modelo* e sua “distribuição aos estudantes, com o objetivo de consolidar o Escritório Modelo como importante atividade de extensão na formação dos futuros arquitetos e urbanistas do país” (FeNEA, s/d, s/p). Desde sua criação até então, todos os *Escritórios Modelo* têm seus estatutos fundamentados no POEMA – documento baseado na pedagogia freireana, que propõe estreita relação entre teoria e prática, diálogo horizontal, participação e respeito ao repertório sociocultural das comunidades.

Em julho de 2007, por meio da *Carta de definição para Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo*, os princípios destes escritórios são amplamente divulgados: “autonomia, horizontalidade, coletividade, multidisciplinaridade, não assistencialismo, atuação onde o profissional arquiteto não atua e ausência de fins lucrativos” (FeNEA, 2007). Conforme pudemos perceber nos vídeos que documentam os primeiros SeNEMAUs, tal divulgação pretendia, entre outras finalidades, apontar as diferenças de organização entre EMAUs e laboratórios de extensão geridos pelos professores, discutidas no primeiro SeNEMAU (Alagoas, 1997) e no segundo (Pernambuco, 1998). Em 2017, os EMAUs comemoraram 20 anos de existência ininterrupta com 44 entidades ativas canceladas pela FeNEA, cobrindo todas as regiões do Brasil.

Muitas vezes, a extensão nos Escritórios Modelo é favorecida por atividades desenvolvidas em canteiros experimentais, como o que foi idealizado por Reginaldo Ronconi na FAUUSP, por ser um espaço de aprendizado onde não existe separação entre teoria e prática nem entre forma e estrutura, e o estudante põe a mão na massa: “O canteiro não é o lugar da atividade prática em detrimento da atividade intelectual. É o lugar da atividade plena” (RONCONI, 2005, p. 145). Consideramos os canteiros

experimentais semelhantes em mais um ponto aos EMAUs: em ambos “os projetos são diferentes, não fazem parte do repertório de ninguém, e basta isso para que a atenção de todos esteja inteira” (RONCONI, 2005, p. 154).

QUADRO 2 – Links de documentação dos SeNEMAUs a partir de 2011		
Ano	Edição	Localidade/ Link Caderno do SENEMAU
2011	XV SeNEMAU Brasília - DF	http://senemaubrasilia2011.blogspot.com/
2012	XVI SeNEMAU Fortaleza – CE	https://issuu.com/camilamatos/docs/senemau_caderno_apresenta_o_paa_imprimir
2013	XVII SeNEMAU Porto Alegre – RS	https://www.archdaily.com.br/br/01-125741/al-borde-no-senemau-porto-alegre-2013
2014	XVIII SeNEMAU Florianópolis – SC	https://senemaufloripa2014.wixsite.com/senemau/oqueesenemau
2015	XIX SeNEMAU São Paulo – SP	https://issuu.com/comorgsenemausp/docs/senemausp15_caderno_de_patrocinio
2016	XX SeNEMAU Cuiabá – MT	https://issuu.com/motiro/docs/caderno_de_patric_niop
2017	XXI SeNEMAU Anápolis – GO	https://issuu.com/senemaualanapolis/docs/tema_final
2018	XXII SeNEMAU São Luís – MA	https://issuu.com/senemausz/docs/edital_participante
2019	XXIII SeNEMAU Uberlândia – MG	https://www.archdaily.com.br/br/920812/seminario-nacional-de-escriptorios-modelos-de-arquitetura-e-urbanismo-senemau
2020	XXIV SeNEMAU Rio de Janeiro– RJ	Perante a pandemia do coronavírus, a ComOrg 2020 adiou o evento. https://emaubrico.wixsite.com/abricoufrj/senemau-2021
2021	XXV SeNEMAU	Nada consta até o momento na internet
2022	XXVI SeNEMAU	Nada consta até o momento na internet

Fonte: <http://www.fenea.org/senemau-1>. Atualização realizada pela autora através da rede.

2.6. Democratização das IES: O Escritório Modelo Grupo Reviver

Esta pesquisa tem como tema central o Grupo Reviver, EMAU da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos que valorizou a experiência direta com a cidade e ampliou as vivências em comunidades, promovendo em suas atividades a *arquitetura do lado de fora*. A partir da experiência de seus membros no projeto coletivo do Museu de Pesca de Santos, uma *Metodologia de Aprendizagem em Ação Social* foi desenvolvida e teve ampla repercussão no território nacional e na América Latina, a partir da década de 1990.

Ao participar de atividades como ativistas e pesquisadores, este coletivo percebeu que não adiantava repassar a responsabilidade pela construção da vida, da cidade e da realidade nacional que sonhavam às instâncias macro políticas de poder. Passaram, então, a colocar suas habilidades a serviço da cidade, buscando dar solução aos

problemas que identificavam do lado de fora da sala de aula. A revitalização do Museu de Pesca de Santos foi a primeira obra de referência do grupo na tarefa coletiva de transformar o mundo que viviam no mundo que sonhavam. A situação de aguda degradação do museu após um ataque de cupins exigia urgência, e convidar mais pessoas para participar permitiu que a situação mudasse mais rapidamente. Nas obras menores que se seguiram – creches, praças, mirantes e playgrounds em comunidades santistas –, a urgência da ação permaneceu, porque as pessoas se encontravam em dificuldade. Surgiu desta urgência a capacidade de obter diferentes tipos de apoio da sociedade, e a compreensão de que a eficácia política de uma ação surge da articulação de frentes de combate situadas em escalas distintas (SOUZA, 2006 p. 196).

Ciente da experiência do HABITAF AUS, o grupo contribuiu de forma criativa e singular com a estruturação do movimento estudantil de área organizado pela FeNEA, participando da formalização estatutária da federação e da criação dos EMAUs. Paralelamente, seus membros participaram na gestão do D. A. Michael Leaders da FAUS, da Organização do XIX ENEA, em Santos, da consolidação nacional dos EMAUs e da expansão deste conceito na América Latina. Por meio do Instituto Elos, deram continuidade a esta experiência como profissionais, ligados a redes internacionais de pesquisa e desenvolvimento de metodologia na área social. Muitos de seus membros ainda participam da transformação de bairros na cidade de Santos e de outras cidades do mundo de forma ativa. Apesar dos pontos onde ainda beiramos o caos, suas ações alcançaram avanços significativos e se tornaram realidade através desta práxis contra hegemônica, que busca uma cidade mais justa, acessível e sustentável para todos.

Como estudantes e depois de formados, sua atuação contribuiu de forma coerente e ativa para: [1] ampliar o atendimento da população por arquitetos urbanistas; [2] elevar na sociedade a compreensão e o interesse pelo nosso fazer profissional; [3] ampliar as atribuições da nossa profissão com a criação de novos campos de atuação; [4] trazer para dentro da FAUS e demais universidades conectadas à FeNEA novos desafios e experiências; e [5] estimular o desenvolvimento de outros escritórios modelo no Brasil.

3. A FAUS

Para esta seção, selecionamos algumas informações primorosamente coletadas, ordenadas e analisadas por José Maria de Macedo Filho em sua tese de doutorado *PROJETO FAUS – Ensaio no campo ampliado do ensino de arquitetura em São Paulo*, defendida em 2020, na FAUUSP. Macedo, que é egresso da FAUS e lecionou no projeto de arquitetura na escola até 2021, nos fala sobre a formação do arquiteto nas universidades brasileiras e analisa historicamente a construção do projeto pedagógico da FAUS.

Àqueles que querem conhecer profundamente o projeto pedagógico da FAUS e todas as nuances de sua formação, recomendamos a leitura na íntegra da tese de José Maria. Pinçamos aqui apenas as informações indispensáveis à compreensão do contexto em que se deu a formação dos estudantes do Grupo Reviver, em meados da década de 1990, respeitando o foco desta pesquisa.

3.1. Primórdios da FAUS

Segundo Macedo, durante a expansão das IES privadas na década de 1970, ocorreu no Brasil um “movimento de migração docente dirigido pela FAUUSP” (MACEDO, 2021), no qual se estabeleceram alianças pedagógicas, políticas e ideológicas de influências múltiplas, simultâneas e multidirecionais na relação de ensino e aprendizagem, entre instituições e grupos de docentes e discentes. Neste contexto, a FAUS recebeu, entre outras, influência da FAUUSP²⁹ e da UnB³⁰ na construção de seu projeto pedagógico. A seguir, falaremos sobre a intenção de preparar quadros técnicos para a PRODESAN³¹, presente na criação da FAUS, as principais influências presentes em seu projeto pedagógico, o fracasso da sua primeira tentativa de integração departamental e as três grandes crises ocorridas em 1982, 1990 e 2000, que marcaram sua história.

²⁹ A FAUUSP foi criada em 1948 a partir do antigo curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica. As reformas curriculares de 1962 e 1968 consolidaram a formação única do arquiteto e urbanista e introduziram formalmente sequências de disciplinas de comunicação visual, de desenho industrial e de paisagismo na grade curricular. Disponível em <https://www.fau.usp.br/institucional/historico-e-edificios/> Acesso em 01/11/2021

³⁰ A Universidade de Brasília foi inaugurada, em 21 de abril de 1962, com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país. Disponível em <https://www.unb.br/a-unb/historia> Acesso em 01/11/2021

³¹ Progresso e Desenvolvimento de Santos S/A, empresa de economia mista que atua com a prefeitura de Santos em ações de desenvolvimento da cidade. Disponível em <http://www.prodesan.com.br/pagina-exemplo/arquitetura-e-urbanismo/> Acesso em 01/11/2021

3.2. A criação da FAUS

A FAUS teve seu estatuto registrado no cartório de pessoas jurídicas da comarca de Santos em 1968, antes mesmo de o governo federal liberar a abertura de novos cursos superiores privados, em 1969. Foi concebida como “uma instituição não governamental de ensino superior, de pesquisa e estudo no campo da arquitetura e do urbanismo, e de divulgação científica, técnica e cultural” (FORTIS, 2004, p.17 *apud* MACEDO, 2020, p.89). Teve seu curso de arquitetura aprovado pela Câmara de Ensino Superior em janeiro de 1970 e, embora a homologação só tenha acontecido em maio, seu primeiro vestibular ocorreu em fevereiro do mesmo ano.

A concepção da escola por Oswaldo Corrêa Gonçalves veio responder principalmente à demanda da recém-criada PRODESAN por quadros técnicos na Baixada Santista, mas supriu também a demanda reprimida daqueles estudantes que, embora aprovados nos vestibulares das escolas existentes no Estado de São Paulo – FAUUSP e Mackenzie – ficavam na lista de espera aguardando por vagas (MACEDO, 2020, p. 88).

3.3. Projeto pedagógico da FAUS e suas principais influências

Macedo dedica o terceiro capítulo de sua tese a “demonstrar o gradual processo de consolidação política e pedagógica da FAUS, em um cenário de vigilância militar, controlando e reprimindo estudantes e professores” (MACEDO, 2020, p. 20). Aponta duas influências que polarizaram a FAUS no momento da sua criação: [1] as pedagogias instrumentais e desenvolvimentistas que buscavam padronizar o ensino superior nas universidades, materializadas através dos acordos MEC-USAID, e [2] “as teorias marxistas fortemente difundidas nos meios intelectuais e estudantis deste período” (MACEDO, 2020, p.77). Considera que “esta polarização foi mediada através da articulação política entre grupos de professores e estudantes que enfatizavam o papel social do arquiteto, ao mesmo tempo que buscavam novas formas de atender as demandas sociais por infraestrutura, equipamento e habitação” (MACEDO, 2020, p.77), que estão diretamente associadas às atividades de extensão, e desde muito cedo fizeram parte do DNA da FAUS. Neste e em outros capítulos, Macedo afirma que houve maturidade e colaboração ativa dos estudantes na superação das crises e na consolidação pedagógica da escola.

No segundo capítulo – DOBRAS, item 2. 2, *Refugiados do ensino* –, Macedo explica que o corpo docente da FAUS foi composto por colegas de Oswaldo Corrêa Gonçalves nos quais ele depositava inteira confiança, na sua maioria “professores e ex-alunos da FAUUSP, muitos impossibilitados de lecionar na Universidade de São Paulo devido a dificuldades impostas pelo regime militar” (MACEDO, 2020, p. 91). Comenta que suas indicações foram canceladas na mantenedora por Dom David Picão, o que lhe rendeu a alcunha de “bispo vermelho” (MACEDO, 2020, p. 91). Esta influência uspiana inicial se faz sentir até o presente, no papel central que o ateliê assumiu no projeto pedagógico da FAUS e no coração dos estudantes, que mais de uma vez o defenderam firmemente da ameaça de compartimentação.

Em entrevista concedida a José Maria, Zamboni³² atribui grande peso ao projeto da UnB na formação conceitual da FAUS. Esta obra pedagógica coletiva de Darcy Ribeiro e outros intelectuais de peso, que tanto incomodou os adeptos do acordo MEC-USAID, continha uma “proposta de libertação dos modelos convencionais, dando maior autonomia e liberdade de participação aos estudantes na escolha de seus caminhos, inclusive na formulação dos exercícios e do curso” (MACEDO, 2020, p.94). Certamente menos óbvia que a uspiana, mas igualmente essencial, esta influência da UnB foi trazida por Mayumi Watanabe³³ e Sérgio Souza Lima, que então trabalhavam em Brasília, desenvolvendo projetos com sistemas pré-fabricados em companhia de Lelé³⁴ e Niemeyer (MACEDO, 2020, p.94). Esta influência teria tornado a FAUS “um pouco diferente do que Oswaldão tinha imaginado” (ZAMBONI, s/p, 2016, *apud* MACEDO, 2020, p. 94). A troca entre UnB e FAUS ocorreu também em sentido inverso, quando Abrahão Sanovics e Júlio Katinsky – então professores da FAUS – colaboraram na criação dos cursos de Desenho Industrial e Comunicação Visual da UnB.

³² ZAMBONI, Orpheu. *Entrevista com Orpheu Zamboni*. [Entrevista concedida a] José Maria de Macedo Filho. São Paulo, 06/06/2016.

³³ Mayumi Watanabe de Souza Lima nasceu no Japão em 1934. Fez sua graduação em arquitetura, e o mestrado na área de História e Filosofia da Educação. Trabalhou com grandes nomes da arquitetura nacional, como Vilanova Artigas, Joaquim Guedes e Lina Bo Bardi. Elaborou uma série de projetos de escolas públicas para o país, tendo participado da construção de algumas delas. Colocava seus alunos em contato com as favelas no primeiro ano de estudo, buscando a politização dos estudantes. Filiada ao Partido Comunista, teve importante papel na discussão sobre a atuação profissional dos arquitetos a partir da crítica ao modo de produção capitalista. Publicou dois livros: *Espaços Educativos, uso e construção* (Brasília, MEC/CEDATE, 1986) e *A Cidade e a Criança* (São Paulo, Nobel, 1989). Faleceu em 1994. Disponível em <https://www.arquitetasinvisiveis.com/mayumi-souza-lima/> Acesso em 19/01/2022

³⁴ Arquiteto João Filgueiras Lima, conhecido nacional e internacionalmente por Lelé.

3.4. Fracasso da primeira tentativa de integração departamental

A importância da participação político-pedagógica dos estudantes pode ser sentida desde a primeira tentativa de integração departamental na FAUS, ocorrida na década de 1970. Em 1971, com base nos princípios de participação e autonomia da pedagogia freireana adotados pelos professores Mayumi Watanabe e Francisco de Oliveira para os departamentos de Tecnologia e História, os estudantes enviaram relatório oficial à Dra. Ruth Wolf, inspetora federal de ensino, no qual contestavam um episódio de reprovação em massa nas disciplinas de projeto. O documento, que denunciava procedimentos pedagógicos, metodológicos e avaliativos dos professores de projeto, provocou a visita da inspetora à FAUS, que resultou em abertura de classes especiais para os reprovados (MACEDO, 2020, p. 110). Como a reabertura não ocorreu, outro documento foi enviado, desta vez ao então ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, denunciando o descaso da diretoria e cobrando providências.

Para garantir a democratização no processo de revisão e apresentação de novas propostas, a quarta reunião plenária da FAUS (18/10/71) sugeriu a organização de “comissões com arquitetos-professores, estudantes e profissionais de pedagogia, com o objetivo de integração dos departamentos” (MACEDO, 2020, p. 111), além de plenárias quinzenais, mensais e semestrais. Os estudantes reivindicavam que a integração departamental incluísse “programação integrada dos cursos, os processos de desenvolvimento dos mesmos, bem como os sistemas de avaliação” (MACEDO, 2020, p. 111). Na plenária seguinte (2/11/1971) foi proposta a criação do Grupo Assessor de Programação Interdepartamental [GAPI], composto paritariamente por seis professores, três de cada departamento, e seis alunos do Diretório Acadêmico da FAUS, o que aconteceu efetivamente.

Porém, uma nova reprovação em massa nas disciplinas do Departamento de Projeto, que participava do GAPI com três professores, acabou por agudizar as divergências ideológicas e pedagógicas entre os três departamentos da FAUS na questão da integração departamental, provocando a saída de Mayumi Watanabe, Ronaldo Duschenes e Orpheu Zamboni, que se demitiram em agosto de 1971.

3.5. As três longas crises da FAUS [1982, 1990 e 2000]

A história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos é marcada por três fortes crises, associadas a alterações propostas pela mantenedora em decorrência de mudanças efetuadas pelo MEC na legislação das IES, todas seguidas de paralisações.

A primeira teve início dez anos após a abertura do curso, em 1980, quando, beneficiado pela lei de anistia, Jon Maitrejean regressa do exílio e assume a direção da FAUS. Segundo Maitrejean, a FAUS era então “uma escola incrível, completamente aberta, no meio da cidade (...). Uma faculdade que funcionava 24 horas por dia, permitia o encontro. As reuniões e discussões, acadêmicas ou políticas, eram pretexto para o encontro e para a vivência coletiva³⁵” (MACEDO, 2020. p. 158).

Naquela época, o acesso ao campus não era controlado e a FAUS contava com muitas áreas abertas de convívio, entre elas o pergolado, onde os estudantes organizavam festas que invadiam a madrugada, frequentadas também por ex-alunos e jovens que não pertenciam à comunidade acadêmica. Não é difícil imaginar o quanto essa liberdade contrastava com as restrições impostas à sociedade brasileira pelo regime civil militar de exceção, e como esse contraste gerava conflitos constantes – alguns disciplinares, outros não – de diferentes magnitudes. A vizinhança, por exemplo, protestava com frequência contra o barulho daquelas “festas degeneradas” que se estendiam pela madrugada e, esporadicamente, representantes da mantenedora Sociedade Visconde de São Leopoldo (SVSL) tinham de intervir para evitar que a escola fosse invadida pela Polícia Militar.

Na FAUS havia uma lista sêxtupla de professores indicados pela comunidade acadêmica para o cargo de direção. Finda a gestão de Maitrejean, foi conduzido ao cargo de direção pela mantenedora, em 31/12/1981, Noêmio Xavier, que não constava da lista. Pelo contrário, nela “o professor Maitrejean tinha ampla maioria de votos para ser reconduzido à direção da escola” (MACEDO, 2020, p. 163). Assim eleito, antes de assumir o cargo, Noêmio solicitou: [1] Alteração do regimento interno da FAUS; [2]

³⁵ Provavelmente o diretor comemorava o fato porque a FAUUSP, onde lecionava antes do exílio, ficara inicialmente isolada, com perda de parte da sua força política, quando transferida, em 1968, da Rua Maranhão, região central da capital paulista, para a Cidade Universitária, na zona oeste da cidade.

Reformas no prédio da FAUS; [3] Contratação somente de professores de Santos” (MACEDO, 2020, p. 161).

Em decorrência, houve uma paralisação de cerca de 90 dias, que se tornou notória e despertou o interesse da imprensa local, e o estado de crise se estendeu por todo o primeiro semestre de 1982. Segundo Macedo, a mantenedora SVSL via a greve como “um ato de indisciplina dos estudantes apoiado pelos professores” (MACEDO, 2020, p. 1661). Ao perceber a gravidade da situação, os estudantes reuniram todas as publicações – quase diárias – da mídia impressa em um dossiê conhecido como “Livro Azul”, e com isso permitiram que informações detalhadas sobre essa primeira crise chegassem até nós.

Em junho de 1982, a mantenedora suspendeu o vestibular do meio do ano e publicou uma portaria de revisão do regimento interno, que instituiu que a FAUS permaneceria fechada das 23h30 às 7h30. Em resposta, os estudantes criaram a *Comissão de Defesa da FAUS* e organizaram várias ações de repúdio. A comunidade acadêmica angariou apoio de diversas entidades da sociedade civil, entre elas o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Sindicato dos Arquitetos, que se manifestaram em defesa da escola. Percebendo que a FAUS estava em risco, Oswaldo Corrêa Gonçalves, fundador e diretor da escola por décadas, declarou: “É importante não tomar nenhuma atitude sem antes conversar com todos, alunos e professores. Senão nos desentenderemos, e a escola, é preciso que se diga, está muito visada. A FAUS, por outro lado, não é só nossa (...), mas também é da comunidade” (GONÇALVES, *apud* MACEDO, 2020, p. 166). Estes novos fatos acenderam ainda mais o embate entre a FAUS e a mantenedora, e a discussão passou a atingir largamente a sociedade santista. José Maria Macedo assim comenta o fato em sua tese de doutorado:

A crise detectada pela SVSL, em função dos fatos de ordem disciplinar, agora tomava proporções gigantescas, do ponto de vista político, unindo corpo docente e discente contra a mantenedora e o diretor da escola. Estudantes e professores suspenderam as atividades acadêmicas e instalaram um fórum permanente para debates de natureza política, pedagógica e ideológica, matizados por questões de ordem econômica. (MACEDO, 2020 p. 164)

Em paralelo às assembleias, debates e reuniões realizados durante os 90 dias de paralisação, José Maria relata que estudantes e professores “organizaram atividades de extensão com objetivo de avançar alguns pontos que vinham sendo discutidos desde os fóruns da década anterior [1970].” (MACEDO, 2020, p. 166). Entre 14 e 19 de junho de 1982, em plena crise, os estudantes realizaram, em companhia do professor Maurício Nogueira Lima, uma *Semana Cultural* aberta ao público, na qual foram expostos trabalhos de extensão comunitária. Todas estas iniciativas acabaram por desembocar na criação do HABITAF AUS, LABHAB da FAUS criado em maio de 1982.

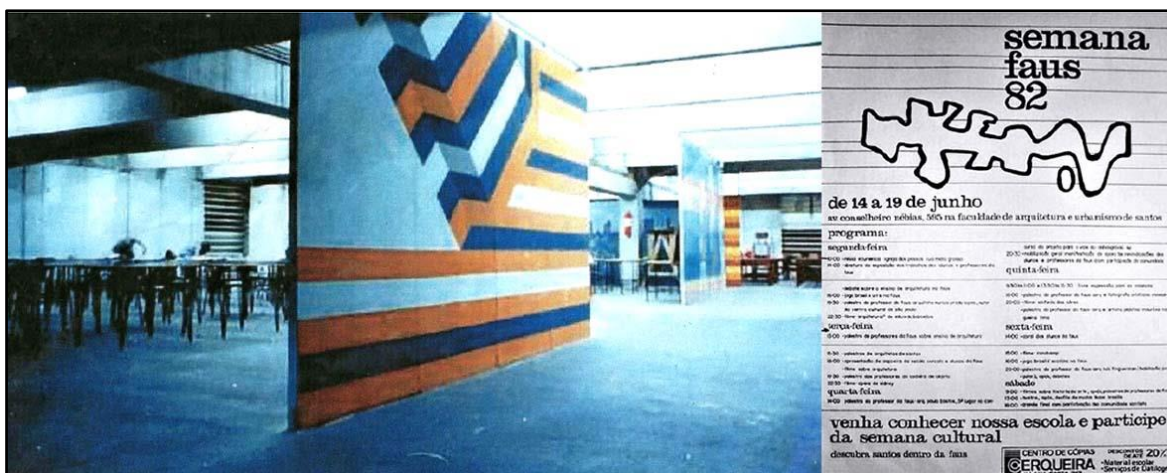


Figura 4 Painel produzido pelo professor Maurício Nogueira Lima no ateliê da FAUS, com ajuda dos estudantes, e cartaz da programação da Semana da FAUS 1982 Fonte: MACEDO, 2020, p. 167

Mas esta não foi a única crise de grandes proporções que marcou a vida da FAUS. Na década de 1990, “as comemorações dos 30 anos de atividades da FAUS ocorreram durante uma greve geral de professores e estudantes que durou aproximadamente seis meses” (MACEDO, 2020, p. 200).

Em 1999, outra paralisação se deu devido à decisão da mantenedora de “dissolver o curso vespertino, oferecido desde a fundação da FAUS, para criar um curso de arquitetura noturno, (...) com a redução da carga horária de 6 horas/aula para 4 horas/aula” (MACEDO, 2020, p. 200). Embora o currículo da FAUS tivesse carga horária muito acima da exigida então pelo MEC e a mudança tenha sido ditada por alterações empreendidas pela reitoria em resposta a novas diretrizes do ministério, “o colegiado de professores posicionou-se contra e recebeu apoio imediato do corpo discente. Paralisaram todas as atividades da escola em defesa da história e da garantia e melhoria da qualidade de ensino” (MACEDO, 2020, p. 200). Docentes e estudantes associavam a

qualidade do curso à carga horária dita excessiva, que gerava ganhos tanto na formação dos estudantes quanto na atuação dos professores.

Instaurou-se, durante esta paralisação, um fórum de debates para reestruturar o currículo do curso, ficando assegurada a manutenção da carga horária e das práticas pedagógicas vigentes até que o novo projeto pedagógico fosse criado (MACEDO, 2020, p. 201). A pressão do movimento provocou mudanças nos quadros da FAUS, trazendo Júlio Artigas e Cassia Magaldi para a direção e vice direção, respectivamente. O desafio que se impunha era “elaborar propostas para aumentar a qualidade do ensino praticado pela escola, em conformidade com as alterações propostas no estatuto da UNISANTOS, aprovado em junho de 2000” (MACEDO, 2020, p. 20)³⁶.

Para dar início aos trabalhos, formou-se uma comissão plena³⁷ e uma comissão executiva³⁸, existindo na primeira três representantes estudantis e na segunda apenas um. Além das quinze reuniões realizadas por elas no decorrer do ano 2000, ocorreram outras, em que comissões menores discutiram assuntos específicos. Elaborar o novo projeto pedagógico da FAUS exigiu esforços de todos os envolvidos para atender simultaneamente: [1] ao novo estatuto aprovado pela UNISANTOS em 25/07/2000; [2] à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1994; [3] às diretrizes curriculares da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) aprovadas pela Comissão de Especialistas em Arquitetura e Urbanismo (CEAU). Para tanto, no primeiro semestre de 2000 foram discutidas diversas pautas necessárias ao levantamento e diagnóstico da situação, assim elencadas por Macedo³⁹:

- Participação do corpo docente e discente no processo de avaliação;
- Informações didáticas e pedagógicas sobre outras FAUs no Brasil e no exterior;

³⁶ Na ocasião, estava em pauta também o documento *A Escola Católica no Limiar do Terceiro Milênio*, da Congregação das Escolas Católicas, Roma, Vaticano, 1997.

³⁷ A Comissão Plena reunia a nova diretoria, todos os chefes de departamento e “sequências”, que somavam cerca de 13 professores, um representante do Núcleo de Apoio Pedagógico da UNISANTOS [NAP] e três representantes estudantis.

³⁸ Presidida pelo professor Paulo de Melo Bastos e integrada por Paulo von Poser, Leira Diôgeli, Gino Caldatto, Cassia Magaldi e Paula Rodrigues Andrade [estudante]. [MACEDO, 2020, p. 201]

³⁹ Trabalho elaborado com base em documentos originais não publicados e elaborada em 2000 pelas próprias comissões.

- Palestras com profissionais que tinham experiência na elaboração de projetos pedagógicos de outras FAUs⁴⁰;
- História da FAUS UNISANTOS;
- Diagnóstico da FAUS UNISANTOS; elaborado pelos departamentos e pela representação estudantil.

Em agosto de 2000, a comissão executiva entregou os seguintes documentos:

- Síntese de diagnósticos e propostas apresentadas pelos departamentos e sequências das FAUS;
- Síntese e conclusão das palestras proferidas;
- Panorama dos cursos internacionais de arquitetura e urbanismo;
- Quadro sintético sobre faculdades brasileiras de arquitetura e urbanismo e mudanças curriculares na FAUS⁴¹ (FAUS, 2000, s/p).

O segundo semestre foi tomado pela elaboração das propostas para o novo projeto pedagógico. Em setembro de 2000, o relatório final foi entregue e analisado pela FAUS.

Pela forma como certos temas foram discutidos nas plenárias, tais como integração vertical e horizontal e avaliação com participação discente, somos levados a crer que esta experiência coletiva de 2000, de greves prolongadas e trabalhos pedagógicos, representam um *continuum* no movimento docente e discente por melhoria de qualidade de ensino na FAUS, que favoreceu a formação pedagógica dos estudantes durante estas três décadas.

Em reunião realizada na FAUS em 2021, durante a crise de fechamento do Campus Boqueirão, o decano professor Fabio Serrano afirmou que este histórico de mobilização permanente dos corpos docente e discente da escola em torno do projeto pedagógico faz parte do DNA da FAUS, e se reflete nas plenárias recentes de discussão continuada sobre renovação do currículo e do projeto pedagógico, que tivemos oportunidade de vivenciar.

⁴⁰ Entre os convidados estava Minoru Naruto, da FAU USP, orientador da autora no Trabalho de Graduação Interdisciplinar [TGI]; Elvan Silva, da FAU URGs; Frank Svensson, da FAU UnB; e Wilson Ribeiro dos Santos, da FAU PUCCAMP.

⁴¹ Projeto Político Pedagógico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Relatório Final das Atividades do Ano de 2000, Apud MACEDO, 2020, p. 204.

As entrevistas realizadas nos confirmaram que tais experiências didáticas, ricas e singulares, marcaram profundamente os estudantes do Escritório Modelo Reviver, foco desta investigação. A própria escolha de Edgard Gouveia Júnior como mentor do grupo confirma esta influência, que transparece nas entrevistas. Citaremos apenas o caso de Natasha Gabriel, que relata conhecer toda a história de trabalho permanente de reelaboração do projeto pedagógico da FAUS, além de ter participado ativamente quando estudante deste processo, com Mariana Gauche, Rodrigo Alonso e Alexandre Esteves.

Não por acaso, Natasha coordena atualmente o Núcleo de Design do Instituto Elos, responsável pelo desenvolvimento das metodologias dos cursos oferecidos pela ONG. Conta para isso com um parceiro muito criativo, Ricardo Oliveros, estudante egresso da FAUS dez anos antes, igualmente ativo nas greves da sua geração, ao lado de Edgard Gouveia Júnior.



Figura 5 Comissão plena desenvolvendo novo projeto pedagógico da FAUS, 2000. Fonte: Macedo, 2020. P. 20.,



Figura 6 Organização conceitual do projeto pedagógico da FAUS, formulada pela comissão plena em 2000. Fonte: MACEDO, 2020, p.204

Concluimos que a vivência acadêmica dos estudantes da FAUS, nestas duas gerações e nas imediatamente seguintes, é povoada de memórias destas três grandes mobilizações. Essa conjuntura colaborou para fortalecer o pertencimento dos estudantes entre si, reforçando sua identidade de grupo e com relação à FAUS. Estas reminiscências são transmitidas por relatos orais de professores da FAUS que se formaram na escola na década de 1980, superaram muitas crises e participaram diretamente do HABITAF AUS, mas também pela documentação sistematizada pelos estudantes durante os eventos relatados.

ENTREMEIO: Augusto Campos, Fábio Serrano e o HABITAFUS

Augusto: Nos anos 70 e 1980, a FAUS era agitada. Foi a terceira faculdade do Estado inteiro. A disputa era de 10 para um. Tinha uma repercussão quase nacional, vinha gente do Brasil inteiro estudar aqui. Era muita agitação. A FAUS tinha outra visão. Grande parte dos alunos vinha de fora, de São Paulo ou do interior, e morava na casa de veraneio da família. Esse pessoal trazia uma visão diferente para a escola. Na primeira turma, entraram apenas seis ou sete alunos da Baixada Santista. Hoje o curso está regionalizado. No comecinho, só tinha a FAUUSP, o Mackenzie e nós. Depois abriu São José, Belas Artes, e daí mudou o perfil dos alunos. [...] No meu tempo entravam 70 alunos por turma em período integral, mas tinha exame semestral. Eram dez semestres de 70 alunos, então eram 700 alunos. Chegamos a ter 80 professores, e até as disciplinas teóricas tinham no mínimo dois. Isso aqui fervilhava. [...]

Serrano: A universidade dava uma bolsa para os alunos do HABITAFUS. Eles entravam pagando a mensalidade integral, e depois se candidatavam para o laboratório. A bolsa não era integral, era um desconto de cerca de 50% na mensalidade. Nem todo mundo que se candidatava recebia a bolsa, porque tinha um limite imposto pela verba. Por isso, eram relativamente poucos os alunos que participavam. Tínhamos os alunos bolsistas e os voluntários. Alguns ficavam como voluntários por um ano, até ter direito a serem alunos-bolsistas. [...]

Pensando sobre essa parte pequena dos alunos que se envolviam no HABITAFUS, na verdade a diversidade sempre existiu no alunado. Uma parte dos alunos nunca deu a menor bola para o trabalho social, ligado à função do arquiteto ante a sociedade. Para essa parte, entrava por um lado e saía pelo outro [apontando o ouvido]. Eles vinham do interior e tinham uma mentalidade de

fazendeiros. Deviam estar no Mackenzie, mas estavam aqui. Eu tinha colegas de turma que tinham horror quando os professores falavam em fazer trabalhos na área social. Diziam: “Não vou lá, não tem nada a ver comigo”. Ficavam indignados só de ouvir. Sempre existiu isso, e ainda existe, porque a formação deles como cidadãos ignora esse abismo social. Embora estejam em um curso que fala que a profissão do arquiteto deve se preocupar com isso, eles fingem que não estão vendo. [...]

Os que participavam do HABITAFUS tinham uma mania, que eu sempre me batia contra: queriam levantar tudo, todos os problemas habitacionais nas suas mais complexas relações, em vez de focar em problemas pontuais. Eu sempre dizia: “Vocês querem matar um elefante para fazer um botão!” Pretendiam levantar tudo para chegar no detalhe, e se perdiam nos levantamentos. [...]

Naquela época, as favelas eram de barracos de madeira, então ficava muito mais fácil de você reurbanizar, refazer o arruamento, acabar com becos sem saída. [...] Foi o que o HABITAFUS propôs no Maré Mansa... e depois uma aluna nossa, que entrou na equipe da prefeitura do Guarujá, deu continuidade. Se você vê, hoje, como ficou a planta, ele tem um arruamento bastante regular e quase não se diferencia do entorno. Aliás, só se diferencia porque o entorno é de alto padrão, na Praia de Pernambuco. O terreno era uma área de jardim do loteamento e quem habitava eram os funcionários que trabalhavam nas residências do condomínio: domésticas, jardineiros e biscateiros da praia. Foi possível instalar toda a infraestrutura e hoje está tudo asfaltado. O loteamento perdeu essa área e o assentamento foi realmente urbanizado. (SERRANO, Fábio, CAMPOS, Augusto, entrevista de 04 out. 2019)

3.6. HABITAF AUS: A criação (1983)

Faremos aqui um breve histórico da formação deste laboratório de extensão e das fases – ora mais significativas, ora menos – de sua produção, buscando destacar o protagonismo dos estudantes no seu desenvolvimento.

Como atesta documento oficial, o LABHAB da FAUS é o segundo do gênero no Brasil: “surgiu documentadamente em maio de 1982, através da proposta do Professor Walter Maffei de se organizar um núcleo de pesquisa e projeto no campo da Habitação” (RICCOY, 1985, p.5). Na placa de identificação da sala sede, lê-se: *Laboratório de Assentamentos Humanos*, termo que engloba, além da habitação, sua inserção urbana. Desde a abertura, o HABITAF AUS contempla projetos de desenho urbano e discussões bastante ampliadas sobre urbanismo, com foco não só na cidade de Santos, mas em toda a RMBS.

Entre 1983 e 1984, a presença de dois professores da Faculdade de Belas Artes de São Paulo (FEBASP) no corpo docente da FAUS – Antônio Domingos Battaglia e Joan Villà – foi um dos fatores responsáveis por divulgar na escola a experiência do LAHAB daquela instituição, quando o diretor da FAUS era ainda o arquiteto Oswaldo Correa Gonçalves. O documento *HABITAF AUS – Laboratório de Habitação. Dossiê – 1985* manifesta oficialmente, no capítulo quatro, a filiação do LABHAB da FAUS ao da FEBASP, que teria ocorrido durante seu processo de formação: “Esta proposta e as possibilidades de atuação e funcionamento deste órgão foram baseadas nas experiências já realizadas na década de 60 e 70 e no processo de formação do Laboratório de Habitação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Belas Artes de São Paulo” (RICCOY, 1985, p.5).

O fato de a socióloga Martha Waldman, esposa de Joan Villà, dispor de alguns contatos junto à Arquidiocese de São Paulo também contribuiu. Ao enviar uma carta à mantenedora da FAUS, a presidente da Comissão de Justiça e Paz, Margarida Genovais, colega de Marta, fez uma ponte fundamental, que facilitou a rápida aprovação do laboratório. Foi esta colaboração da Igreja progressista que, aliada à presença daqueles tutores experientes, contribuiu para o sucesso e a rápida institucionalização do laboratório.

Porém, após a saída destes primeiros mentores, e de um grupo de estudantes que lhes dava voz, o LABHAB se ressentiu e teve sua atividade bastante reduzida. Reginaldo

Ronconi, estudante da FEBASP na época das paralisações que culminaram com seu fechamento temporário em 1985, nos relatou que teve dificuldade em se matricular em outras escolas para terminar o curso de arquitetura, por seu perfil de ativista, mas foi prontamente aceito na FAUS⁴². Criador e responsável por muitos anos pelo Canteiro Experimental da FAUUSP, Ronconi, que concluiu sua graduação em arquitetura na FAUS, afirma que havia, na ocasião, semelhança de propósitos e alinhamento político-pedagógico entre as duas escolas.

3.7. HABITAF AUS: Investigação de continuidade

Em sua tese, Pompéia afirma que

“o HABITAF AUS durou um ano e meio, no máximo”, e em meados de 1985, quando o professor Joan Villà se desligou da FAUS para assumir o LABHAB da Unicamp e aqueles estudantes do grupo inicial se formaram, o LABHAB da FAUS encerrou suas atividades por falta de estímulo tanto da escola quanto dos professores” (POMPÉIA, 2006, p.29).

Em suas pesquisas, o pesquisador não teve acesso a nenhuma documentação sobre a história deste LABHAB, nem de suas atividades, nem de seu encerramento. Não encontrou registro dos trabalhos científicos executados, nem dos resultados obtidos. O único documento encontrado relatava que “no ano de 2003, alguns professores tomaram a iniciativa de reativá-lo” (POMPÉIA, 2006, p.29), o que contribuiu para o entendimento de que o HABITAF AUS estivera desativado desde 1995 até 2003. Acreditou, portanto, que esta experiência de extensão não poderia contribuir para novas formas de atuação da universidade, nem favorecer a criação de experiências semelhantes [POMPÉIA, 2006, p. 29].

Foi, no entanto, através da tese de Pompéia que compreendemos a importância do HABITAF AUS para a história do ensino de arquitetura no Brasil. Por isso aproveitamos nosso vínculo docente com a FAUS para tentar preencher este vazio documental por ele mencionado, a partir de pesquisa realizada entre agosto de 2018 e agosto de 2019, com a participação de Roberta Lemoneitar Diniz e Isabela Barros⁴³ e apoio do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio do IPECI. Depois de levantarmos os arquivos do Diretório Acadêmico Michael Leaders, da biblioteca do Campus Boqueirão e do próprio HABITAF AUS, localizamos e digitalizamos os seguintes documentos originais das

⁴² RONCONI, Reginaldo. *Entrevista com Reginaldo Ronconi*. [Entrevista concedida a] Cláudia Braga. São Paulo.

⁴³ Estudantes secundaristas do Liceu Santista.

décadas de 80 e 90 do século passado, que organizamos em um drive:

Quadro 3: Documentos selecionados sobre extensão no HABITAFUS, de 1987 a 2005, em ordem cronológica

Nº	DATA	Entidade	Nº pág.	Título	Conteúdo	Acervo
01	29/08/1992	CEPAU	06	Proposta de Regimento	Proposta de Regimento do Centro de Pesquisa e Extensão em Arquitetura e Urbanismo aprovada pelo Conselho departamental da FAUS	Habita
02	06/04/2004	HABITAFUS	02	Ata de Reunião	Formulação inicial deste Laboratório; Diálogo Participativo com os cursos de artes e comunicação.	Habita
03	06/04/2004	HABITAFUS	02	Proposta de reforma e adequação do espaço físico	Modificações propostas e planta baixa.	Habita
04	13/10/2004	HABITAFUS		Ata de Reunião	Normas para o uso de seu espaço físico bem como dos equipamentos.	Habita
05	2004	HABITAFUS Cláudia Ventura.	21	Relatório de Atividades 2004 Contém planta do HABITAFUS	Descrição dos projetos de pesquisa, atas de toas as reuniões, relatórios de acompanhamento de pesquisas, Programa da Semana de atividades e certificado.	Habita
06	21/02/2005	HABITAFUS	05	Equipe do HABITAFUS e Regimento Interno	Descreve equipe e detalha o regimento	Habita
07	09/03/2005	HABITAFUS	02	Súmula de Reunião	Súmula da reunião realizada dia 09/03/2005	Habita
08	Sem data	HABITAFUS	08	Proposta de Regimento Interno	28 artigos do regimento proposto	Habita
09	Sem data	HABITAFUS	02	Projeto de Iniciação Científica	Bairro do Valongo, Santos. Prof. José Maria Macedo	Habita
10	09/05/2005	HABITAFUS	02	Projeto de pesquisa	Plano de pesquisa para aprovação. Prof. ^a . Denise Ruprecht sobre Moradia em cortiços na Cidade de Santos.	Habita

Fonte: Acervo do HABITAFUS. Pesquisa realizada com apoio do IPECI, em 2018/19.

Quadro organizado por Isabela Barros dos Santos e Roberta Frangakis Diniz, com orientação da autora.

A leitura destes documentos aos quais Pompéia não teve acesso fornece fortes indícios de que as atividades do HABITAFUS não foram interrompidas, mas sugere que, quando o grupo de estudantes que se mobilizou inicialmente para a criação do HABITAFUS se formou, nunca mais houve a mesma potência nos trabalhos. Isso sugere ao leitor que o entusiasmo dos fundadores não influenciou suficientemente as gerações seguintes de professores e alunos. Mas veremos que estas novas fontes revelam outros fatores adversos, que contribuiriam igualmente com o arrefecimento das atividades.

3.8. HABITAF AUS: O dossiê

O mais completo dos documentos encontrados na pesquisa do IPECI intitula-se *HABITAF AUS – Laboratório de Habitação. Dossiê – 1985*. O volume em formato A4, encadernado em couro preto com letras douradas, reúne diversos documentos originais

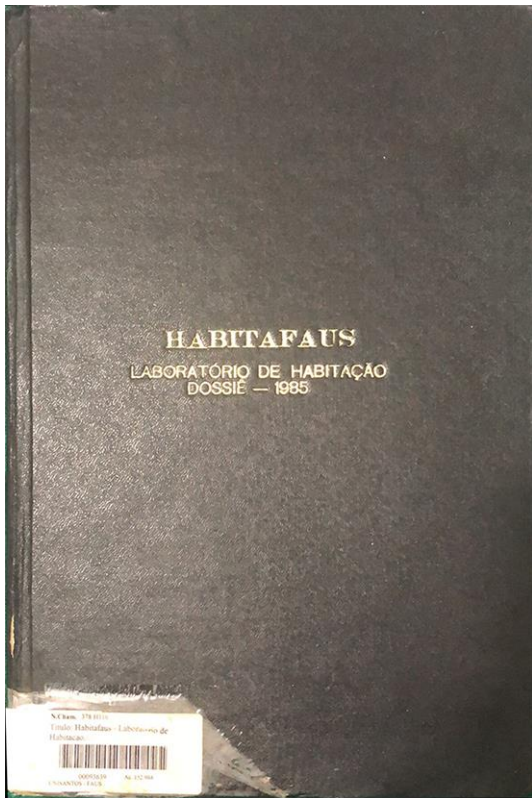


Figura 7 Capa do documento HABITAF AUS laboratório de habitação dossiê – 1985, com selo da biblioteca da FAUS. Fonte: Acervo do HABITAF AUS

e cópias de recortes de jornais diários de Santos, documentando a trajetória do LABHAB da FAUS desde o primeiro projeto, realizado em 1983, até as últimas atividades desenvolvidas pelo grupo inicial de fundadores em 1985, ano em que provavelmente, como indica o título do volume, foi organizada esta compilação, infelizmente não datada.

Supomos que este dossiê não pode ser localizado por Pompéia por se tratar de um exemplar único reprografado, que foi retirado da Biblioteca da FAUS por conta de legislação federal específica que impedia livros não originais nos acervos. Na ocasião, foi entregue à diretoria do HABITAF AUS, que

o manteve fechado no armário do próprio LABHAB por mais de uma década, sem acesso público, onde foi localizado pela autora – intacto – em 2017. Pompeia afirmou também que os estudantes do HABITAF AUS não tinham se dedicado à organização de registros acadêmicos, mas estamos certas de que esta visão mudaria se tivesse tido acesso ao dossiê de 1985.

A pesquisa deste autor nos revela ainda que os LABHABs históricos da Belas Artes e da Unicamp não têm arquivos organizados da década de 1980, nem das pesquisas, nem dos trabalhos desenvolvidos, enquanto o L'HABITAH [de Campinas, SP] e o LABHAB da FAUUSP os possuem (Cf. POMPÉIA, 2006). Supomos que os últimos tiveram mais motivação para registrar suas experiências acadêmicas., pois devido a uma maior permanência temporal, alcançaram um período de intensa valorização dos laboratórios

de extensão nas FAUs do Brasil, após a retomada democrática.

Entre os responsáveis pela elaboração do dossiê identificamos o professor Oswaldo Correia Gonçalves, então diretor da FAUS, o professor orientador do HABITAFUS, arquiteto Nilton Riccoy, e quinze alunos: Alberto J. da Mota; Ana Cláudia Salles Campbell; Angeles de J. Blanco Lon; Débora Blanco. B. Dias; Gino Caldatto Barbosa; Marilu Lopes Santos; Maruen C. Hatem; Naicir C. Rebellato; Neusa Shimura; Ney Caldatto Barbosa; Renato C. de Jesus; Sandra M. S. Garcia; Terezinha de J. Gravato; Walid de C. Hatem; e Ricardo Caseiro Duarte. Destes, Gino e Nei Caldatto Barbosa lecionaram nos cursos de graduação e pós-graduação da FAUS até junho de 1919, e Débora Blanco Bastos Dias, na sequência de urbanismo, até 2021.

Inicialmente, durante a primeira etapa da pesquisa, esse dossiê pareceu confirmar o ano de 1985 como data de encerramento das atividades do laboratório. Mas, quando trabalhamos o acervo do Diretório Acadêmico da FAUS, encontramos um cartão postal endereçado ao “Laboratório de Habitação da FAU Santos” postado em 19/11/1987, cerca de dois anos após a data tida por Pompéia como a de suposto encerramento das atividades do HABITAFUS.

Em excelente estado de conservação, a peça gráfica retrata o arco do Triunfo, na cidade de Paris. A remetente – que assina somente Nádia – realiza provavelmente viagem de estudos, pois menciona contato com laboratórios e bibliotecas e compara os laboratórios parisienses aos do Brasil. Cremos que pertencia ao corpo docente da FAUS, pois deseja boa sorte aos estudantes dos dois últimos semestres, que, em seguida, iriam apresentar Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI).

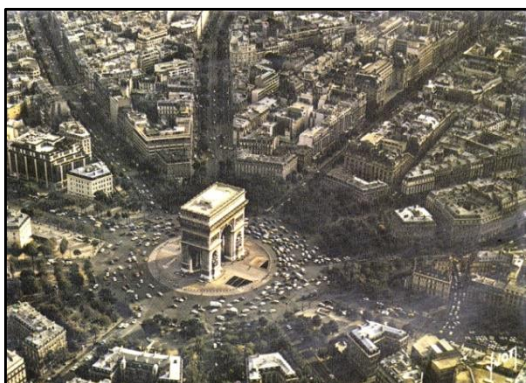


Figura 8 Cartão postal frente. Fonte: Arquivos do D.A. Michael Leaders



Figura 9 Cartão postal verso. Fonte: Arquivos do D.A. Michael Leaders

Paris, 16 de novembro 1987. Pessoal do Laboratório de Habitação:

Aqui em Paris as coisas são um ‘pouquinho’ diferentes. Os laboratórios funcionam muito mais baseados nas pesquisas e teses individuais. O coletivo serve para o desenvolvimento das questões teóricas que cada um precisa para sua própria pesquisa. Mas depois a gente conversa mais. A cidade é linda, apesar de eu ficar dentro das bibliotecas...

Boa sorte pro pessoal do TGI. Beijijos.

Este cartão postal nos levou a investigar melhor as atividades deste laboratório com Fábio Serrano, professor que ocupava a direção da escola na ocasião da saída de Villà e participou da reunião de criação do HABITAFUS. Serrano afirmou que o LABHAB nunca interrompeu suas atividades, sempre ligadas à habitação social, embora tenha caído de ritmo após a saída de Villà.

Aparentemente esta situação não aconteceu só no HABITAFUS. Quando coordenava o LABHAB de Campinas (L’HABITAH), em 1998, Maria Amélia [Mel] Leite percebeu que este laboratório estava muito atrelado à sua pessoa, como o da FAUUSP à de Ermínia Maricato e os LABHABs da FAU Santos e da Unicamp a Joan Villà, e vislumbrou o risco de este atrelamento ameaçar sua continuidade. Para garantir sua permanência, “preparou, antes de sua saída, uma equipe capaz de [o] encaminhar de forma independente. Como resultado, o L’HABITAH tornou-se uma instituição autônoma” (POMPÉIA, p. 30). Cremos que se a transição de Villà tivesse sido tratada da mesma forma, o HABITAFUS teria sofrido menos danos após sua saída.

Durante os oito anos da gestão de Serrano, este gestor, que se dedicou por décadas à regularização de assentamentos precários junto à prefeitura de Guarujá, nunca negligenciou o LABHAB da FAUS: “Sempre procurava organizar e estabelecer métodos de trabalho, e participava de reuniões mensais do laboratório, onde eram discutidas as atividades” (SERRANO, 2019, s/p).

Declarou em entrevista que, após a saída de Villà, o professor de estruturas Yopanan Rebelo, a professora de projeto de arquitetura Cristina de Castro Melo e o chefe do departamento de projeto de arquitetura, Walter Maffei, deram continuidade às atividades do laboratório. Destaca que Maffei exercia grande liderança entre os professores e que existiam bolsas de cerca de 50% do valor da mensalidade para os estudantes membros do LABHAB. Associa a atuação discreta do HABITAFUS por décadas e sua atividade pouco expressiva às práticas de pesquisa ali dominantes, que davam demasiada ênfase aos levantamentos, e pouco resultavam em termos de

projetos concretos. Acredita que, mesmo assumindo essa dinâmica mais lenta, o LABHAB da FAUS interferia positivamente no aprendizado dos estudantes, por envolvê-los com a cidade por meio da prática da extensão. Quando perguntado se havia um número significativo de alunos envolvidos, afirma que 15 estudantes, em média, se reuniam semanalmente no laboratório para discutir as diferentes atividades desenvolvidas extramuros, em vários municípios da Baixada Santista.

Serrano cita como exemplo de envolvimento do grupo o trabalho de urbanização realizado em uma comunidade que se instalou irregularmente nos jardins do Maré Mansa, um condomínio de alto padrão na praia de Pernambuco, no Guarujá. Demonstra prazer em nos mostrar no *Google Maps* como ficou a implantação do projeto, desenvolvido durante sua gestão como diretor da FAUS. Os barracos de madeira que caracterizavam o assentamento foram deslocados para se adequarem ao novo arruamento desenhado pelos estudantes, que perdura até hoje: “São ruas retilíneas asfaltadas, traçadas em malha, com calçadas e guias bem definidas. O assentamento foi transformado em bairro regular de padrão intermediário, com todas as casas em alvenaria, abrigando famílias de média renda” (SERRANO, 2019, s/p). A estudante que liderou o projeto no HABITAF AUS continuou colaborando com a sua conclusão depois de formada, como membro da prefeitura do Guarujá. Sempre que se encontram, ela insiste para escreverem um livro juntos, relatando esta vivência.

Em entrevista, Augusto e Serrano comentam que, na década de 1980, conviviam no ateliê da FAUS estudantes filhos de fazendeiros do interior paulista e filhos de operários e sindicalistas urbanos de São Paulo e Santos, e relatam que essa disparidade no perfil de renda dos alunos repercutia na forma como estes viam as ações sociais de extensão. Segundo eles, estes últimos se interessavam muito mais pelo HABITAF AUS que os primeiros.

3.9. HABITAF AUS: A primeira retomada, entre 2004 e 2005

Na referida pesquisa documental realizada, encontramos atas de reuniões, relatórios e outros documentos que confirmam ter ocorrido, entre junho de 2004 e maio de 2005, uma tentativa de reativar o HABITAF AUS, exatamente como Pompéia menciona em sua tese de doutorado, defendida em 2006.

Estes documentos, agora disponíveis, permitem inferir que a retomada do HABITAF AUS

foi uma iniciativa dos professores Ana Cláudia Ventura, José Maria Macedo⁴⁴, Monica Viana⁴⁵, Roberto Chain, Joaquim Britto, Carlos Lineu, Carlos Antunes e Cássia Magaldi, que subscrevem a ata da “primeira reunião” do “novo Habitafaus”:

“Esta é uma Ata Aberta de Reunião do novo Habitafaus, que foi realizada em 06/04/04 para que seja divulgada entre professores e alunos da FAUS, a fim de que tomem conhecimento da *formulação inicial* deste Laboratório e **participem com sugestões, troca de experiências e propostas** para desenvolvimento de projetos” (HABITAF AUS, 1995, s/p. Grifo da autora)⁴⁶

Pelo termo *formulação inicial* percebe-se que o chamamento parte deste grupo de professores com a clara intenção de expandir a proposta de retomada do LABHAB aos colegas e estudantes: “Há um Regimento Interno do Laboratório que **deve ser lido por todos** onde se explicita melhor seus Objetivos, Áreas de Atuação, Temas de Estudo e Organização Interna. [...]. [HABITAF AUS, Ata de Reunião, 06/04/2004, s/p.]

A ata da primeira reunião de retomada estipulava:

- Perfil: Valoriza a “integração pedagógica”, mediante presença de representantes de todas as sequências, e a “oportunidade de estabelecer um diálogo com a comunidade (professores e alunos) a partir de ações efetivas e/ou reflexivas”;
- Dinâmica: Sugere o funcionamento do laboratório a partir do conceito de “rede”, que “possibilita um sistema aberto, participativo, com vários agentes envolvidos”;
- Associações: Propõe pesquisar os laboratórios de outras instituições, entre eles o extinto laboratório de técnicas construtivas da Unicamp, ONGs que atuassem na região e ex-alunos recém-formados interessados em participar do laboratório;
- Semana de Atividades: Prevê para o mês seguinte encontro para “troca de experiências com outros laboratórios com programas interdisciplinares afins e um resgate da memória do *antigo Habitafaus* [Profs. Gino e Ney⁴⁷]” (grifo nosso);
- Espaço físico: Sugere ocupação imediata da antiga sala dos professores, no 1º andar, pré-disponibilizada, para a qual já se fizera solicitação de reforma e de equipamentos e mobiliário mínimos necessários para o funcionamento;
- Agenda para reuniões do conselho: Prevê uma reunião mensal oficial do conselho,

⁴⁴ Atualmente professor doutor da sequência de projeto de arquitetura da FAUS.

⁴⁵ Mônica Augusta Viana, doutora na área de urbanismo e responsável pelo Observatório da Baixada Santista [OBSERVA-BS], ambos professores atualmente muito ativos na FAUS.

⁴⁶ Ata de Reunião, 06/04/2004.

⁴⁷ Professores Gino e Ney Caldatto, que quando estudantes participaram do grupo que criou o HABITAF AUS

aberta a todos os professores;

- Indicação de suplente: Indica o Prof. José Maria Macedo como substituto de Ana Cláudia Ventura, na coordenação [Ata da primeira reunião do novo Habitafaus, 06/04/2004, s/p.].

A temática da extensão parece não ser central no documento, sendo tratada apenas no primeiro item, de forma indireta: “Oportunidade de estabelecer um diálogo com a comunidade (professores e alunos) a partir de ações efetivas e/ou reflexivas” (HABITAF AUS, 2005, s/p).

A semana de atividades prevista em ata realmente ocorreu, como comprova o Relatório de Atividades de maio a dezembro de 2004, assinado pela professora coordenadora Ana Cláudia, onde se encontram documentados o programa e o certificado do evento. Os grupos de pesquisas existiram e as pesquisas sobre moradia em cortiços em Santos, da Prof.^a Denise Ruprecht e no Bairro do Valongo em Santos, do Prof. José Maria Macedo, provavelmente foram realizadas como previsto, embora não se tenha localizado os dossiês completos.

De acordo com documento oficial timbrado de 21 de fevereiro de 2005, a equipe formalizada para a retomada do HABITAF AUS era composta pelos seguintes docentes:

- Professora responsável: Prof.^a Ana Cláudia Ventura;
 - Representante das disciplinas de "Projeto Arquitetônico": Prof. Carlos Antunes;
 - Representante das disciplinas de "Urbanismo e Planejamento": Prof.^a Monica Viana. Suplente Indicada: Prof.^a Débora Blanco;
 - Representante das disciplinas de "Teoria": Prof.^a Cássia Magaldi;
 - Representante das disciplinas de "Desenho do Objeto": Prof. Roberto Chain;
 - Representante das Disciplinas de "Plástica": Prof. José Maria Macedo;
 - Representante das Disciplinas de "Tecnologia": Prof. Joaquim Britto.
- (HABITAF AUS, 2005, s/p.)⁴⁸

Como atestam os documentos, embora a equipe tenha sido formalmente empossada e os responsáveis tenham encaminhado documentação completa e regimento interno para a coordenação da FAUS em agosto de 2004, o LABHAB não foi institucionalizado pela universidade: “Foi discutida ainda por todos os presentes a falta de incentivo e

⁴⁸ Documento denominado Equipe do HABITAF AUS.

recursos aos professores e alunos envolvidos em pesquisa no laboratório e principalmente a não institucionalização do laboratório no Regimento da Universidade. (...). Este problema gera uma série de dificuldades para o andamento de todo o laboratório” (HABITAF AUS, 2005, s/p)⁴⁹.

Embora não conclusiva, esta documentação leva a supor que a falta de institucionalização por parte da mantenedora, e as dificuldades dela resultantes para a liberação dos recursos necessários ao bom andamento do laboratório, foram as prováveis causas para o insucesso desta retomada, empreendida por professores aparentemente bastante envolvidos.

3.10. HABITAF AUS: A situação atual

Nos dias de hoje, está ligado ao OBSERVA-BS, grupo de pesquisa da UNISANTOS liderado até 2021 pela Professora Dra. Mônica Antônia Viana, com participação ativa da Profa. Me. Lenimar Rios e diversos outros professores ligados à sequência de urbanismo da FAUS.

Em 2020, os professores doutores Juan Cabello Arribas⁵⁰ e Rafael Ambrósio⁵¹ encabeçavam o HABITAF AUS. Juntos, tentaram transformá-lo com apoio dos estudantes em um escritório modelo, porém sem sucesso. Na ocasião, a mantenedora manifestou o desejo de autossustentação econômica do LABHAB, diante dos cortes sucessivos de verbas de pesquisa e extensão impostos pelo governo federal. Os professores buscaram com afincado realizar parcerias que garantissem a entrada de recursos para os projetos, tentando inclusive convênios com as prefeituras locais, igualmente sem sucesso⁵². Juan

⁴⁹ Súmula da reunião de 9/03/2005.

⁵⁰ Doutor em Projetos Arquitetônicos pela Universidade Politécnica de Madrid (2010), graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Politécnica de Madrid (1998). Professor de Projetos Arquitetônicos na FAUS e na UNIP. Líder do Grupo de Pesquisa *Superestúdio Transdisciplinar*, focado na análise e crítica do projeto desde diferentes âmbitos de produção arquitetônica, ambiental, cultural, paisagística e pedagógica, e no comportamento socioambiental das comunidades palafíticas da cidade de Santos. Finalizou o Pós-doutorado na PUC-Rio, com pesquisa sobre Sérgio Bernardes. Desenvolve prática independente como arquiteto desde 2010 no seu escritório *Fazemos Arquitetura*, na cidade de São Paulo.

⁵¹ Arquiteto urbanista, professor de Urbanismo da Universidade Católica de Santos, com mestrado na USP, especialização pelo Institute for Housing and Urban Development Studies-IHS/Erasmus University (Rotterdam/HOL). Doutor em direito urbano pela UNISANTOS. Como estudante, participou diretamente da formulação do Programa de Orientação aos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (POEMA), desenvolvido pela FENEA. Na área acadêmica, dedica-se à organização comunitária de cortiços no Centro de Santos e outras áreas carentes. Participa do CAU São Paulo, é vereador suplente pelo Partido dos Trabalhadores em Santos.

⁵² Sobre o assunto, ver detalhes na entrevista de Rafael Ambrósio, reproduzida nos apêndices.

Arribas, que participava de um grupo de pesquisa transdisciplinar muito procurado pelos estudantes de toda a UNISANTOS, fez a seguinte afirmação em entrevista: “Estou animando as pessoas para que, quando mandarem um projeto de IC [Iniciação Científica] ou de IT [Iniciação Tecnológica] para ganhar uma bolsa, já pensem como essa pesquisa vai reverter sobre a sociedade, ou seja, não adianta fazer um projeto ‘cabeçudo’ de pesquisa científica se ele não vai ter uma compensação social” (ARRIBAS, 2019, p.357). Nesta linha de pensamento, que rege inclusive a atuação de seu escritório profissional, advertiu: “A pesquisa hoje em dia, mais do que nunca, e no Brasil, tem que provocar extensão com a comunidade” (ARRIBAS, 2019, p. 357).

Em 2021, este LABHAB esteve sob a coordenação de duas professoras doutoras da sequência de urbanismo ligadas ao OBSERVA BS, Mônica Antônia Viana e Clarissa Duarte de Castro Souza, mas pouco pudemos apurar sobre esta gestão, devido às restrições impostas ao convívio social pela pandemia do coronavírus.

ENTREMEIO: Edgard Gouveia Júnior, primeira geração da FeNEA

Lembro quando vi o Rodrigo na faculdade pela primeira vez, com cara de novinho. Nem sabia quem era, mas perguntei: “Você não vai para o ELEA⁵³?” Ele ficou meio sem ação, acho que não era muito fã, mas, na hora, foi. E isso, segundo ele, mudou a vida dele. Aliás, mudou a vida de todo mundo.

Fui apresentando o grupo primeiro para os encontros, e só depois convidei para conhecer o CONEA⁵⁴, senão eles ficavam só na bagunça e não na discussão. Acho que foi assim que eu passei o bastão da primeira geração para a segunda. O Alê Esteves era “CDF”. Apesar de ser meio malandro e gostar de beber, gostava muito de estudar. Foi um cara que abraçou bastante. O Rodrigo Rubido foi da mesma gestão da FeNEA que o Renato Leal. Foi diretor-geral, e o Renato, diretor de pesquisa, acho. Montaram um time muito bom e fizeram uma gestão incrível!

Nesse momento já tinha o Grupo Reviver. E eu já era formado. Saí de Santos, fui para o Tibá, no Rio de Janeiro, e lá eu completei a minha terceira fase de formação. A primeira foi minha experiência na FeNEA, onde desenvolvi atividades mais técnicas de políticas nos COLEAS e em laboratórios de habitação. E a segunda foi quando comecei a organizar os ENEAS. Fazia o desenho estratégico, junto com alguns amigos, entre eles o Mauro Resnitsch, da UFRJ, o Túlio, da PUC de Campinas, o Humberto, o Arthur, o Paulinho, eles eram nomes fortes. Foi assim que comecei a mexer com design de eventos. Nossa ideia era pesquisar como os encontros podiam ser mais mágicos, porque, se eram mágicos para nós, não eram para muita gente. Pesquisávamos como fazer para as faculdades que não se conversavam passarem a conversar, para as pessoas ficarem amigas mais rápido etc. O Mauro, que era do Rio, tinha um olhar mais

romântico do encontro, e se juntou com o Túlio, que também gostava de ficar construindo comunidade. Uma vez fizemos um acampamento em Parati, reunindo várias faculdades, e o Túlio fazia de tudo para agregar. Chamava as pessoas para fazer as coisas e ia propondo: “Você pega a madeira, você vai buscar água...” Tudo isso nós fomos percebendo depois, eu e o Mauro, só prestando atenção.

Mas a minha contribuição específica, tanto para o Reviver quanto para a FeNEA, foi este olhar mais criativo e utópico, “fora da caixa”, que era entender que arquitetura podia ser muito mais. Com este olhar de jovem menos politizado, mas que quer questionar de verdade, eu chamava os outros: “Vamos usar o poder que a gente tem. E se e a gente usar essa mesma energia para fazer transformação?”. Nossas festas eram uma energia! Se aqui todo mundo é apaixonado por arquitetura – e disso não temos dúvida –, por que nos encontros não se faz nada sério de arquitetura? Porque nas oficinas de maquete, fotografia etc. era sério, era onde acontecia mais arquitetura, e melhor.

Ao mesmo tempo, entendi que o encontro nacional era o que reunia mais gente do Brasil inteiro. Nesta época, de duas mil a três mil pessoas. Era muito estratégico! Aquilo que fizéssemos lá, os encontros disseminariam. Se essas faculdades de arquitetura inteiras quisessem mudar o Brasil, a gente mudaria, mas enquanto estudantes, porque depois que a gente entrar para o mercado, não consegue mais fazer. Nós precisamos mudar o Brasil. Eu tinha essa coisa muito clara para mim e trouxe para a FAUS: “Vamos mudar o mundo aqui e agora, enquanto estudantes”. Para mim, a semente do Grupo Reviver veio deste lugar. (GOUVEIA Jr, 2020)

⁵³ Encontro Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e urbanismo.

⁵⁴ Conselho Nacional de Estudantes de Arquitetura e urbanismo.

4. MOVIMENTO ESTUDANTIL NA FAUS

Interessa-nos mostrar que tal compreensão foi fator central para a criação do Escritório Modelo Reviver da FAUS, que conseguiu ampliar durante a sua atuação o espaço da prática e da extensão na formação dos estudantes. Mais ainda, o Grupo foi capaz de aprofundá-la por meio de: [1] sua vivência nas discussões sobre o projeto pedagógico da escola, ocorridas durante as paralisações que marcam sua história e se tornaram como que um DNA da FAUS, algo que a identifica; [2] sua participação crescente na FeNEA, onde muitos de seus membros foram diretores; e [3] sua participação no diretório acadêmico (D.A.) Michael Leaders, também em posições chave. Para tanto, faz-se necessário conhecer um pouco da atuação do grupo no movimento estudantil de área, o que se fará a seguir.

4.1. As Greves na FAUS

Edgard Gouveia Júnior – hoje arquiteto urbanista formado pela FAUS e especialista em jogos interativos pela UNIMONTE – ingressou na FAUS em 1988 e concluiu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em 1993. Quando estudante, envolveu-se desde o primeiro ano no movimento estudantil de área e, com o tempo, passou a integrar as lideranças da FeNEA. Na FAUS participou como estudante da discussão de criação dos EMAUs, em projetos de extensão e na organização de greves, e depois de formado foi convidado pelos estudantes a liderar três projetos importantes por eles desenvolvidos na segunda metade da década de 1990 da FAUS: o projeto de revitalização do Museu de Pesca de Santos (MPS), o Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo [ENEA] Santos e o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo [EMAU] Grupo Reviver, projeto coletivo de extensão estudantil, objeto central deste estudo.

Em entrevista concedida à autora em março de 2020, Edgard declarou que estas experiências na FAUS e na FeNEA mudaram sua vida e foram de suma importância para os caminhos profissionais que trilhou posteriormente. A riqueza de detalhes com que as descreveu nos permite analisar estes eventos sob a ótica dos estudantes.

Segundo Edgard, no início de cada greve muitos estudantes iam para as ruas, mas, com a permanência da paralisação, a maioria esmorecia e acabava por deixar de ir à escola, trocando o movimento pelas praias do litoral norte. Percebendo a gravidade da situação

e a inércia da maioria dos professores e estudantes, um grupo concluiu que paralisar as aulas e fechar a avenida em frente ao prédio da FAUS não era o suficiente, e resolveu pensar o que mais poderia fazer para mexer com as pessoas e com a cidade. Faziam parte deste grupo – liderado por Ricardo Oliveros, Márcia Gouveia e o próprio Edgard – Rodolfo Onaka e Caio Ribas, entre outros, que juntos se dedicaram a entender mais a fundo o processo de paralisação para transformá-lo. Inicialmente, a ideia central era organizar as greves para atrair mais estudantes para o movimento, dando mais peso às mudanças capazes de melhorar as condições de ensino na FAUS, tanto física quanto pedagogicamente: “Começamos a desenhar a greve, como se fosse divertido. Lembro de um movimento que ficou bem famoso: A FAUS ‘tá maus’. Foi o movimento que revolucionou, porque todo mundo se deitou para a gente e fez tudo que a gente queria.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 315).

Este grupo desenvolveu diversas ideias, que pôs em prática com o apoio dos demais estudantes e de alguns professores que davam ênfase à relação da FAUS com a cidade. Citamos como exemplos o professor Paulo von Poser, da sequência de Mensagem, que levava os estudantes do primeiro ano para desenhar a cidade, e as professoras Cassia Magaldi e Leila Diégoli, da área de patrimônio, que depois participaram ativamente do projeto do Museu da Pesca de Santos (MPS).

Edgard organizou oficinas que envolviam muito design estratégico e fez de tudo para que as reuniões fossem mais atraentes: “Começamos a transformar as assembleias de greve, que normalmente são a pior coisa que existe, até fazê-las ficar bem divertidas.” Segundo Edgard, por ser muito bom de discurso e falar fluentemente em público, Ricardo Oliveros teve um papel preponderante nesta transformação: “Durante a assembleia, o Ricardo usava o slogan ‘A FAUS tá maus’, fazia receitas, lia horóscopo para as pessoas. (...) Aparecia todo elegante, todo gay, sempre de echarpe, e eu ficava no meio da multidão, só observando, lendo tudo”. (GOUVEIA Jr., 2020, p.316).

4.2. Ampliação do movimento

Fazia claramente parte da estratégia deste grupo ampliar o debate sobre a greve no âmbito extramuros, para os estudantes serem mais ouvidos dentro da instituição. Apoiadas pelos colegas e reverberadas pela mídia, estas iniciativas foram tomando vulto e abriram inicialmente um espaço de diálogo com a instituição: “O reitor chamou a

gente rapidinho para conversar, nem precisamos pedir uma reunião com ele”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 316).

Uma das ideias estratégicas inicialmente empreendidas foi pintar a escultura que fica bem em frente à faculdade: “Pintamos a escultura do A da entrada – que tradicionalmente era vermelha – metade de amarelo, e escorremos o vermelho como se fosse sangue, deixando uma poça. (...) Até saiu na capa do jornal!”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 315). Vendo que isso impactou os estudantes e a mídia, o passo seguinte foi transpor as pinturas da porta da escola para os postes do canteiro da avenida: “Fomos pintando todos os postes da Avenida Conselheiro Nébias, naquela parte mais fininha, dentro do Jardim (...). Paramos a avenida inteira, não só o trecho em frente à faculdade, só que ninguém reclamava (...). E logo veio a televisão, o jornal, a rádio”. (GOUVEIA Jr., 2020, p.316). A terceira ideia, que acabou pondo em xeque a postura dos professores, foi chamar arquitetos famosos para dar oficinas na FAUS durante a greve: “O Ruy Ohtake veio dar palestra na faculdade e adorou a proposta. Então, falou para o Oscar Niemeyer, e ele também veio (...). Pensei: “A gente vai ter a aula que a gente quer!”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 316)

Aparentemente esta iniciativa dos estudantes tinha o intuito de mudar a postura de alguns professores que não se mostravam muito ativos perante a mobilização. Na visão de Edgard: “Eles faziam greve mesmo: não iam lá na FAUS, nem na reitoria. Ficavam na sala dos professores esperando a gente se mexer”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 315). Difícil avaliar se a intenção destas oficinas com arquitetos de renome internacional era provocar esses professores para trazê-los para o movimento ou simplesmente puni-los por não o fazer. Edgard assim comenta a reação docente: “Os nossos professores começaram a ficar desesperados, com medo de que a reitoria não os deixasse voltar ou, se continuasse assim, tivessem que voltar sem aumento”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 316). E, com o desenrolar da greve, afirma que “(...) a reitoria também ficou com medo, porque percebeu que estávamos ficando muito populares”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 316)

Segundo afirma, as estratégias de luta deste grupo de estudantes para atingir seus propósitos, embora eficientes, acabaram por criar um sentimento de medo entre os cabeças do movimento, que temiam represálias: “Deu medo. A gente tinha uma estratégia de triangular as coisas, porque vivia numa situação meio de ‘007’. Eu achava

que podiam expulsar a gente”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 316). Este sentimento cresceu quando Márcia Gouveia recebeu um telefonema anônimo que atribuiu aos gestores da universidade, e passou a temer que membros da sua família que trabalhavam na administração da instituição pudessem ser prejudicados por sua atuação no movimento: “Desesperada, ela queria largar tudo!” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 316). Para superar esta crise, os estudantes passaram a adotar outras formas de abordagem: “Vamos fazer design. Vai doer mais se a gente fizer umas coisas bem sutis que eles não imaginam, nem sabem de onde vem. E, com isso, a gente bombava de sair nos jornais!” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 316).

No entendimento deste líder estudantil, a opção pela sutileza teve êxito acima do esperado, levando a outras conquistas, além das pretendidas. Edgard comenta: “Mas a gente venceu tudo. Ele [o reitor] reformou o laboratório de fotografia, comprou dez máquinas novas e, daí para frente, tudo o que pedimos, ele fez”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 317). Às conquistas físicas somaram-se outras, mais duradouras e pessoais: “A partir desta fase pegamos uma tecnologia de greve e de repente me toquei: ‘Cara, isto dá para mudar o mundo!’”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 317). Esta opção se repetiu na greve seguinte, quando os estudantes resolveram desenvolver atividades de extensão durante as longas paralisações: “Vamos fazer isso direito. As favelas precisam da gente. Vamos fazer na greve o que temos feito no HABITAFUS!”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 317)

Somando as experiências de design estratégico ligadas ao primeiro momento com as ações de extensão do período final das greves, o líder estudantil pôde se preparar para o trabalho que viria a realizar com o Grupo Reviver:

Daí nasce, para mim, o ‘Guerreiros Sem Armas’ [GSA]. Entendi que podíamos fazer arte e construir! Fizemos murais, intervenções nas favelas, pintamos, fizemos projetos – na época eram projetos – quando eu ainda era estudante. E tudo isto faz um link com a fase do Tibá, quando eu já não estava mais na faculdade, e vim fazer o ENEA Santos. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 317)

4.3. Divergência com a FeNEA

Enquanto militante do movimento estudantil de área, Edgard acreditava que a participação dos estudantes era decisiva na transformação urgente pela qual o Brasil precisava passar, e se indignava porque, nestes primeiros anos da década de 1990, as

INTERFAUS⁵⁵ lotavam, mas o público dos Encontros Nacionais da FeNEA não ultrapassava 300 estudantes. Então transformou sua indignação em ativismo, e passou a redesenhá-los com foco na mudança de cultura:

Então percebi que precisava atrair mais gente para os encontros, e comecei a estudar isso. Os meus amigos – a Alis e o pessoal – eram muito politizados, mas eu dizia: “não, não é isso”, e comecei a procurar outras formas, a focar nos ENEAS e em mudança de cultura. Eu era bastante popular, primeiro porque não tinha nenhum negro e eu era um negro alto, que fazia jogos e brincadeiras e jogava voleibol. Então todo mundo vinha muito para cima de mim e minha voz era bastante ouvida. Precisava trazer mais gente para os ENEAS e comecei, eu mesmo, a fazer designs e defendê-los nos CONEAS. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 312).

Nessa fala, fica explícita uma divergência entre Edgard e os demais integrantes do seu grupo da FeNEA quanto ao caminho que o movimento estudantil deveria tomar para colaborar efetivamente com a mudança do país. A politização do movimento, defendida pela então diretora da entidade – Alis – era muito distante do caminho de transformação que ele vislumbrava. Na sua visão, os laboratórios de habitação e extensão tinham uma proposta politizada e político-partidária que, embora necessária, não respondia a seus anseios. Esta divergência estratégica tornou-se mais clara na década seguinte, com a trajetória que sua vida profissional assumiu inicialmente no Tibá e depois no instituto Elos, acentuando-se posteriormente na sua carreira solo.

Como Edgard ingressara no movimento estudantil em 1988, parece-nos provável que tenha se sentido na *obrigação* de participar da luta política, para deixar de ser “um alienado cooptado pela burguesia”, como apregoavam então as lideranças da Libelu (Liberdade e Luta, uma das correntes de então). Talvez por isso não lhe interessasse mais enveredar por esta estratégia de luta, que tivera seu auge quando os estudantes, encurralados pela falta de liberdades democráticas mínimas, pela violência imposta pela ditadura civil-militar às ações do movimento estudantil e consequente desmantelamento de suas entidades, se viram obrigados a apelar para a luta armada, com consequências nefastas para si, como tortura e morte pela causa, e resultados

⁵⁵ Jogos universitários que reúnem as escolas de arquitetura, normalmente no campus de uma FAU do interior, por uma semana.

traumáticos para a sociedade, com retração quase completa por duas décadas, trabalhando exclusivamente na clandestinidade.

Embora reconhecida como necessária para alcançarmos a abertura política com garantias democráticas que a Constituição de 1988 nos proporcionou, esta etapa heroica e extremamente sofrida estava aparentemente superada, o que permitia buscar legitimamente outras possibilidades de caminho, menos sofridos, a se trilhar. O movimento poderia se ampliar a partir de estratégias de adesão mais livres, de convites múltiplos à participação dos estudantes, que pudessem atingir inclusive os menos extremistas, mas não menos radicais, afastados pelos traumas das décadas anteriores.

Ao assumir o papel de designer de eventos da FeNEA, Edgard deu a estes um caráter mais leve, sem perder, porém, a profundidade da experiência radical de propor ações reais, no contato direto com populações em situação de risco, garantido pelos workshops. Deu às atividades internas dos encontros um caráter quase festivo, mas diferente da festividade oferecida pelos eventos esportivos, que ele via de forma bastante crítica: “O INTERFAU lotava porque que era farra – sexo, drogas e ‘rock-and-roll’ – e um pouquinho de esporte”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 312) A referência principal foram as festas que ocorriam nos próprios encontros da FeNEA: “Se a gente usasse as nossas festas? As palestras às vezes estavam lotadas, mas a coisa mais poderosa que tinha nos encontros eram as festas. Eram uma energia! Por que não usar essa mesma energia para fazer transformação?” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 314)

Por esta e outras declarações, percebemos que o projeto de modernização e ampliação do Movimento Estudantil [ME] empreendido pelo grupo da FeNEA liderado por Edgard remetia a uma mudança maior – de paradigmas culturais e de mentalidade – cuja intenção era convidar toda a classe estudantil a participar da transformação mais ampla do país, apoiada na cooperação, no fazer juntos.

ENTREMEIO: Rodrigo Alonso, líder estudantil da FAUS e da FeNEA

Hoje eu me dou conta, mas a gente era bem 'sem noção'. Meu pai ameaçou de me tirar da faculdade várias vezes. Eu saía de casa às cinco horas da manhã e chegava em casa às duas horas da madrugada e achava que estava fazendo pouca coisa! Então, a gente era muito entregue a tudo isso. A Mariana, que também é uma das fundadoras, ela tinha que trabalhar para pagar a faculdade, só que o que ela fez? Ela conseguiu bolsa na faculdade e pegava o dinheiro que o pai dela mandava de São Paulo para pagar as contas, se sustentar, e foi trabalhar no museu⁵⁶. Ela enganou os pais para poder fazer isso!

Então, como é que a gente se deu conta, eu não sei dizer, talvez com muita obstinação. E com muito apoio também. Isso foi muito legal. Nós pensamos assim: "A gente está no primeiro, segundo ano, como é que a gente vai projetar o museu?"

Então, primeiro tivemos que engajar os professores, os profissionais. A gente falou: "Não vai dar tempo de ler todos os livros, de aprender tudo que precisamos para projetar o museu... Como a gente faz, então? Vamos atrás das melhores pessoas, vamos entrevistá-las, pedir o apoio delas." E era isso que a gente fazia.

Fomos mapeando quem a gente ia apresentar para o museu, de quem a gente gostava, e depois pedíamos conversas, entrevistas. Fomos para São Paulo diversas vezes entrevistar arquitetos, gerentes de museus, e as pessoas nos recebiam muito bem. A gente ia pedindo, e vinha muito apoio, também. Ser estudante é muito legal por conta disso. Quem tem experiência, em geral, adora dar informação para um estudante interessado. A gente era bem recebido em todo lugar. As pessoas não só nos recebiam para dar entrevistas, mas às vezes vinham para Santos para apoiar. Davam projetos! O cálculo estrutural, por exemplo, quem fez foi um ex-professor da FAUS.

Nós também sofremos alguns boicotes. Tinha os professores que apoiavam e os que nem queriam abonar nossas faltas: "Ah! Quem vocês pensam que são? Tenho certeza de que vou te bombar por falta!"

Mas não adiantava. Para a gente era a aventura da nossa vida! A gente não estava fazendo isso por obrigação, estava realizando um sonho. Era outra coisa! Era uma entrega absoluta. Eu me meti em todos os Encontros e não dei conta. Entre CONAM e CONEA, foram sete. Mas, do nosso grupo, fui o único que terminei em sete anos. O resto terminou em seis, ou em cinco. E posso dizer que sou preguiçoso também.

Teve muitos amigos nossos que tinham participado do museu, mas depois que a gente entregou o projeto e fundou o Elos, disseram: "Vocês são loucos! Como vocês vão viver?"

A gente se virava para fazer as coisas! A gente "amassou barro" uns dez anos. Depois que a gente se formou, moramos todos juntos na mesma casa por cinco anos, dividindo as contas. Tinha os cinco integrantes que moravam, mas nunca tinha só nós em casa. Chegava a época de férias, os amigos do movimento estudantil vinham "de mala e cuia" passar as férias com a gente, vinham lá de Maceió, Porto Alegre. No museu a gente viveu muito isso. Até hoje, na nossa casa, sempre tem gente. Virou cultura. E hoje, é curioso... já teve casos deles virem pedir emprego para nós.

O Elos hoje tem vinte pessoas contratadas. Mas teve um caminho para chegar até aí. E não dá para explicar logicamente como a gente conseguiu. O principal acho que foi esta obstinação e, mais do que isso, a paixão por realizar um sonho, que aí você não mede esforços, você não põe na ponta do lápis. Está em outro lugar.

(ALONSO, 2018, s/p)

⁵⁶ Projeto do Museu de Pesca de Santos, participando como membro do Grupo Reviver.

5. O ENEA SANTOS [1995]: ARQUITETURA DO LADO DE FORA

“Arquitetura do lado de fora” significa uma profunda compreensão de que teoria e prática formam um corpo único, indissociável na formação e na atuação profissional do arquiteto urbanista.

O termo foi cunhado por Spetto, estudante da FAUS, com base no teórico Bruno Zevi, e aceito pela comissão organizadora do ENEA Santos 1995 como tema-título do evento. Ao adotá-lo, os estudantes queriam sinalizar que o encontro não se restringiria a atividades intramuros. Promoveria workshops nas comunidades caiçaras do município, um diferencial que os organizadores queriam valorizar, pois concretizava uma tendência internacional levantada no Encontro Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (ELEA) Chile, onde pela primeira vez os estudantes latino-americanos – entre eles três santistas da FAUS – tinham se questionado sobre como poderiam atuar em projetos reais como estudantes.

O XIX ENEA foi realizado na cidade de Santos, entre 16/07/1995 e 23/07/1995. Segundo documentos levantados nos arquivos do Diretório Acadêmico Michael Leaders, da FAUS⁵⁷, Santos conseguiu trazer o XIX Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura para a cidade a partir de uma proposta da diretoria do D.A. Michael Leaders encabeçada por Natasha M. Gabriel e Mariana Gauche, recém-empossada e bastante ativa, que propôs inúmeras atividades externas na cidade, inclusive em assentamentos caiçaras fora da malha urbana.

Em entrevistas à autora, ambas afirmam que, na ocasião, sabiam da existência do HABITAF AUS e da importância das atividades desenvolvidas por sua equipe junto às comunidades santistas na década de 1980, mas que durante seu período de formação na FAUS este LABHAB estava fechado. Mesmo assim, o D.A. optou por dar caráter de extensão ao projeto do evento, e acolheu o tema-título sugerido pelo estudante Spetto: *Arquitetura do lado de fora*. O projeto venceu e foi escolhido, segundo Edgard, pela força do tema:

Só depois que eu já estava no Tibá, que já tinha saído da FAUS, nós conseguimos trazer o Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura

⁵⁷ Em pesquisa realizada com apoio do IPECI da UNISANTOS, como parte do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio [ICEM], que contou com a participação das estudantes Isabela Barros dos Santos e Roberta Frangakis Diniz, bolsistas do mencionado programa.

para Santos, uma cidade pequenininha, que não tinha nada, quando era sempre numa capital, de preferência no Nordeste, coisa que ninguém jamais tinha imaginado que podia acontecer. Nós ganhamos pela proposta! Quem escreveu o caderninho com a proposta do ENEA foi o Spetto.⁵⁸ (GOUVEIA Jr, 2020, p. 317)

Forte espírito crítico manifesta-se no Projeto do XIX ENEA com relação à estrutura acadêmica de ensino na FAUS, especificamente por não contemplar a vivência direta e cotidiana da cidade. Em documento oficial da comissão organizadora do evento (COMORG) assinado por Natasha, valoriza-se toda a experiência anterior das ações realizadas durante as paralisações da FAUS e tenta-se retomá-la para mudar os rumos do ensino na escola: “Com o tema *Arquitetura: lado de fora*, estaremos fazendo uma crítica à nossa formação demasiadamente acadêmica e cerrada em si mesma” (COMORG ENEA SANTOS, 1995, s/p.). O texto destaca a relação entre teoria e prática: “A extensão de serviços à comunidade e, mais do que isso, a fundamental importância da prática estreitamente vinculada à sala de aula estará sendo discutida em vários eventos” (COMORG, 1995, s/p.)⁵⁹.

Por isso, quando os estudantes do D.A. Michael Leaders passaram a integrar a COMORG do XIX ENEA, convidaram alguns ex-alunos célebres da geração anterior para participar: Edgard Gouveia Júnior e Ricardo Oliveros.

O teor poético, utópico e coletivo da proposta se manifesta em citações de Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Lina Bo Bardi⁶⁰ e Bruno Zevi. Entre estas, ressaltamos a de Lina, transcrita de um pronunciamento oral de 11 de junho de 1979: “Comer, se sentar, andar, falar, ficar sentado tomando um pouquinho de sol... A arquitetura não é somente uma utopia, mas é um meio para alcançar certos resultados coletivos”. Segundo a arquiteta, estes resultados estão imbricados com as possibilidades democráticas e horizontais de convívio: “Vejo a cultura como convívio, livre escolha, como liberdade de encontros e reuniões. Gente de todas as idades, velhos, crianças, se dando bem. Todos juntos”.

⁵⁸ Posteriormente, Spetto montou a equipe de artistas visuais que trabalharam na abertura das Olimpíadas no Brasil, no Rio de Janeiro, a convite do diretor do evento, Fábio Soares.

⁵⁹ Comissão para o XIX Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo, OF.C.XIX E. OFIC 0018,1995, datada de 30 de maio 1995. Arquivos do D.A. Michael Leaders.

⁶⁰ Arquiteta urbanista (Roma, 1914 - Brasil, 1992) responsável por diversos projetos culturais de suma importância, entre eles o restauro do SESC Pompeia e o projeto do MASP, ambos na cidade de São Paulo, Brasil.

O cerne do ENEA Santos, cujo projeto está a meio caminho entre a esperança imaginativa da utopia e a responsabilidade social do engajamento político, encontra-se na concepção de arquitetura como experiência coletiva, que implica responsabilidade social do arquiteto para com a construção de uma nova sociedade. Os estudantes apresentam esta ideia usando o conceito de arquitetura que Lina difundia: “A arte para ela não é inocente e carrega consigo responsabilidades sociais. Sua arquitetura não é uma arquitetura fácil. Possui simplicidade, aparente ingenuidade, pureza, porém está é a linguagem para a construção de uma nova sociedade” (PEREZ, 2007, s/p).

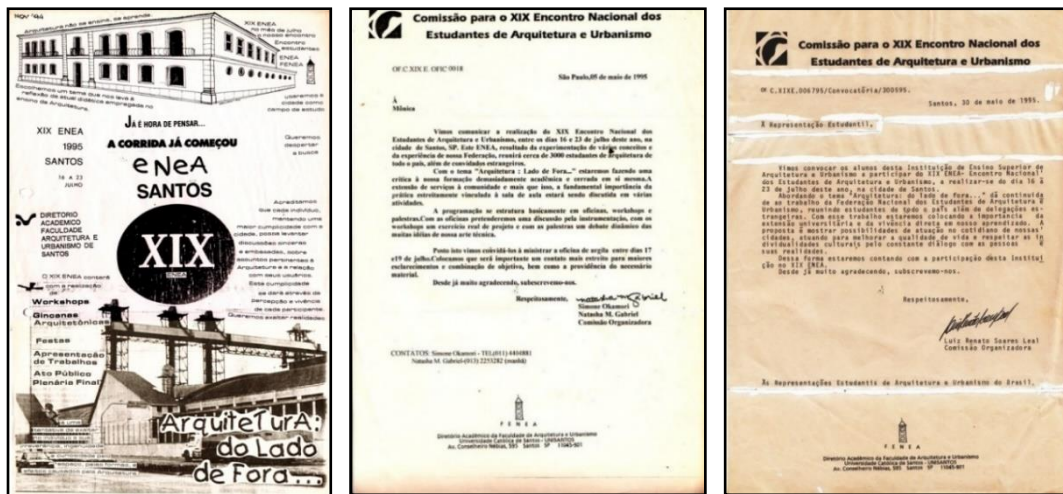


Figura 10: Três documentos do XIX ENEA. Fonte: Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS.

5.1. Tema, subtemas e programação

Dentre os temas em pauta no encontro, teve destaque a necessidade de ampliar efetivamente a atuação do arquiteto urbanista na sociedade brasileira, atingindo populações nunca contabilizadas como clientela dos projetos desta classe de profissionais. A proposta educativa aí contida sugeria intensificar as práticas de extensão no curso da FAUS, para gerar projetos que atendessem as áreas carentes da cidade e capacitar os estudantes a atuarem nesta área quando profissionais. Esta abordagem ampliava o significado de unir teoria e prática na formação dos estudantes por meio dos workshops dos encontros da FeNEA, reforçada por Natasha Gabriel no ofício de convite aos líderes dos workshops. Na convocatória enviada à representação estudantil em nível nacional, por Luís Renato Soares Leal, também membro da comissão, lê-se: “Com este trabalho estaremos colocando a importância da extensão universitária e da vivência direta em nosso aprendizado” (COMORG, 1995, s/p.). Segundo este documento, a proposta era atuar “para melhorar a qualidade de vida e respeitar as individualidades

culturais pelo constante diálogo com as pessoas e suas realidades” (COMORG, 1995, s/p.).

O tema central do ENEA Santos – extensão universitária – teve continuidade através da criação do EMAU da FAUS, chamado Grupo Reviver, com a presença de Leal, Edgard e Natasha Gabriel na equipe.

Após introduzir esse tema a partir de citação de Bruno Zevi⁶¹, que enfatizava a proposta de “trazer a cidade para o encontro e o encontro para a cidade”⁶², a COMORG⁶³ propunha cinco subtemas amplos interligados entre si e com a cidade-sede: Habitação Popular, Paisagem Urbana, Cultura e Identidade, Meio Ambiente e Patrimônio Histórico. Não é possível avaliar o quanto estes subtemas, assim como os objetivos acadêmicos e culturais, foram mantidos à risca e abordados na íntegra. Mas, em sua palestra no Museu da Imagem e do Som (MIS) Santos⁶⁴, Rodrigo confirma que o tema “*Arquitetura do lado de fora*” foi explorado em toda a sua amplitude.

A realização do workshop da Ilha Diana⁶⁵, entre os dias 17 e 19 de julho de 1995, exigiu que pranchetas da FAUS atravessassem de barco a entrada do porto na madrugada do dia anterior, para dar mais conforto aos participantes. O ENEA realizou-se na Escola Estadual Dona Escolástica Rosa, no bairro da Ponta da Praia, Santos, conforme previsto, onde ocorreram praticamente todas as atividades internas programadas, inclusive refeições, enquanto os workshops foram realizados in loco, nas comunidades, permitindo o contato com a população caiçara local. (Cf. ALONSO, 2017).

O documento previa oficinas pela manhã, workshops e plenárias à tarde, e ainda palestras e festas à noite. As plenárias seriam quatro: as tradicionais, de abertura e encerramento, e mais duas, temáticas: de sistematização dos trabalhos e sobre o ensino de arquitetura e urbanismo, tema muito caro aos estudantes da COMORG.

⁶¹ Bruno Zevi (1918* 2000†) Arquiteto e urbanista italiano, conhecido por seus trabalhos como historiador e por sua crítica da arquitetura modernista.

⁶² Projeto do XIX ENEA Santos, 1995

⁶³ Os ENEAs são coorganizados pelas Comissões Organizadoras locais, conhecidas como ComOrgs, geralmente constituídas por estudantes das cidades-sede.

⁶⁴ Realizada durante a Semana de Arquitetura da FAUS, em 2017, transcrita pela autora.

⁶⁵ Ilha Diana é um bairro na parte continental de Santos, uma colônia de pescadores com acesso apenas por barco. Até 2015, aproximadamente 56 famílias residiam no local.

Embora o projeto não nos permita saber realmente o que ocorreu, nos revela detalhes de como seus organizadores idealizaram o ENEA Santos. Por outras fontes, vimos que este encontro, que previa reunir inicialmente entre 2.500 e 3.000 estudantes, teve cerca de 870 participantes. Os organizadores não se manifestaram, posteriormente, sobre as prováveis causas. Sua análise demonstra acuidade de conteúdo com a realidade local e sintonia de seus redatores com os principais temas profissionais, sociais e políticos em pauta na época, sustentados pela teorização de arquitetos que representavam a vanguarda da classe profissional.

TEMA

*"Existe um elemento físico e dinâmico na criação e apreensão da quarta dimensão como o próprio caminhar; é a diferença que existe entre fazer esporte e ver os outros que jogam, entre dançar e ver dançar, entre amar e ler romances de amor...
...onde quer que exista uma perfeita experiência espacial a ser vivida, nenhuma representação é suficiente, devemos nós ir, ser incluídos, tornarmo-nos e sentimo-nos parte e medida do conjunto arquitetônico. Devemos nós próprios mover-nos. Todo o resto é didaticamente útil, praticamente necessário, intelectualmente fecundo, mas é mera alusão e função preparatória dessa hora em que, todos nós, seres físicos, espirituais e sobretudo humanos, vivamos os espaços com uma adesão integral e orgânica. Será esta a hora da arquitetura."*

BRUNO ZEVI

Arquitetura: do lado de fora...

Figura 11 XIX ENEA SANTOS'95 Tema Fonte: Arquivo no Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS UNISANTOS.

SUBTEMAS

Com a proposta de trazer a cidade para o encontro e o encontro para a cidade, recuperaremos a discussão acumulada em torno dos temas dos cinco últimos ENEA's. Esta será nossa base para o desenvolvimento do tema central. Para isso, as discussões serão focadas nos seguintes subtemas:

- **Habitação Popular**
- **Patrimônio Histórico**
- **Paisagem Urbana**
- **Melo Ambiente**
- **Cultura e Identidade**

Dessa forma embasaremos as grandes problemáticas da Arquitetura contemporânea.

Figura 12 XIX ENEA SANTOS'95 Subtemas Fonte: Arquivo no Diretório Acadêmico Michael Leaders, FAUS UNISANTOS.

PROGRAMAÇÃO								
JULHO 95	DOMINGO 16	SEGUNDA 17	TERÇA 18	QUARTA 19	QUINTA 20	SEXTA 21	SÁBADO 22	DOMINGO 23
MANHÃ	RECEPÇÃO	OFICINAS	OFICINAS	OFICINAS	GINCANA	COREA's	ATO PÚBLICO	LIVRE
		ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
TARDE	JANTAR	WORKSHOP	WORKSHOP	WORKSHOP	WORKSHOP	PLENÁRIA DE ENSINO	PLENÁRIA FINAL	DESPEDIDA
		JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	JANTAR	
NOITE	ABERTURA	PALESTRA	PALESTRA	PALESTRA	SISTEMATIZAÇÃO	CONEA	ENCERRAMENTO	DESPEDIDA
	FESTA	FESTA	FESTA	FESTA	FESTA	FESTA	FESTA	

Figura 13 XIX ENEA. Programação. Fonte: Arquivo no D.A. Michael Leaders, FAUS UNISANTOS.

5.2. Oficinas e workshops

Em entrevista, Natasha Gabriel afirmou que foi a principal responsável pela organização das oficinas do ENAE Santos: “Organizei todas as oficinas e garanti o público (...). Foram as que mais deram certo na história de todos os ENEAs, pelo menos era isso que eles contavam. Foi um sucesso” (GABRIEL, 2020, p. 286). Relatou sua preocupação em diversificar as propostas e torná-las interessantes para garantir o público, pois aconteceriam no período da manhã e as festas invadiam a madrugada: “As oficinas eram muito legais e bem variadas. Oferecemos desenho em aquarela, história em quadrinhos, cartum, produção de bonecos de espuma com o Jandi, construção de forno com o Tomaz Lotufo” (GABRIEL, 2020, p. 286).

Segundo comentou, a parte mais inovadora foram os workshops nas comunidades, quando quase mil estudantes de arquitetura vivenciaram a cidade: “Neste ENEA nós levamos as pranchetas para a rua. Acho que foi inovador. É, a gente fez de tudo!” (GABRIEL, 2020, p. 287). Esta vivência no ENEA impulsionou sua história posterior, levando-a a participar de ações sociais em comunidades, no Museu de Pesca de Santos e nos SENEMAUS, como integrante do Grupo Reviver, e depois se profissionalizar nesta área, no Instituto Elos: “Levamos os estudantes nos cortiços, na Bacia do Mercado, no Dique da Vila Gilda para ver as palafitas. Fomos para o Museu de Pesca em ruínas, e até fizemos uma instalação cultural com o Ricardo Velasco⁶⁶” (GABRIEL, 2020, p. 287).

O grupo responsável pela organização dos workshops do ENEA Santos nas comunidades – Edgard Gouveia Júnior, Rodrigo Rubido Alonso, Natasha Gabriel, Alexandre Esteves e Ricardo Oliveros etc. – seguiu o rastro do ELEA Chile e empreendeu uma inovação importante: centrou sua atenção na programação de workshops nas comunidades, com intuito de desenvolver projetos. Percebendo que o ENEA Santos representava uma grande chance de viabilizá-los, Edgard, que era dez anos mais velho que os demais e bem mais experiente, preparou o grupo para transpor diversos obstáculos que foram surgindo no caminho. Historicamente, este foi o primeiro evento da FeNEA a incluir workshops em comunidades na sua programação.

⁶⁶ Arquiteto, professor da Universidade Católica de Santos

O sucesso desta empreitada se deve à limitação de acesso às vagas e à forma como os estudantes interagiam com as comunidades: “Era uma semana de ação, que gerava a entrega de um projeto para a comunidade. Nem o HABITAFUS fazia isto em uma semana, nestes lugares todos” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 320). O apoio à COMORG do ENEA Santos nos workshops aproximou Edgard do grupo do D.A. e gerou o vínculo de confiança que o levou a convidá-lo para coordenar o EMAU Grupo Reviver.

ENTREMEIO: Reginaldo Ronconi nos ensina que forma = estrutura

Aqui, no canteiro experimental da FAUUSP, temos apenas um técnico, o Romerito, e muitas vezes é o olhar dele que nos conduz à solução de um determinado problema. Ele tem uma formação cultural, social e intelectual diferente da do estudante, que está olhando o mesmo problema, que é também diferente daquela do professor, que está olhando o mesmo problema. Se a gente pudesse congelar esses três olhares, teríamos a fotografia de uma produção cultural, acontecendo ali, naquele momento. É triste se a escola não absorve isso com um processo de formação. Não se produz conhecimento individualmente. Nós precisamos ter o rebatimento da nossa ideia em um outro plano, em outro ouvido, para ela poder passar por uma crítica.

Creio que o conhecimento é produzido socialmente. Se você escrever um texto ótimo, pintar um quadro maravilhoso e deixar na sua gaveta, jamais isso se tornará uma obra de literatura, uma obra de arte. Mas se isso for colocado socialmente, publicado, e as pessoas disserem “nossa, isso me comoveu, isso mudou minha vida”, aí sim você pode falar que é uma obra de arte.

A universidade, a faculdade, a escola, são lugares para se partilhar os mesmos interesses socialmente. Aqui queremos produzir conhecimento para fazer um mundo melhor, mais inclusivo, com menos desigualdade, embora não se possa garantir que ele será utilizado assim. Construimos nas escolas um território muito favorável à troca entre as pessoas, mas, simultaneamente, temos uma maneira de não deixar isso fluir culturalmente...

Eu coordenei o primeiro escritório de assessoria técnica aqui de São Paulo, o GAMHA, Grupo de Assessoria a Movimentos por Habitação, que durou 12 anos. Naquela época não existia ATHIS, mas nosso escritório sem fins lucrativos prestava assessoria a movimentos organizados na luta por habitação. Nem pensava em dar aulas, trabalhava só com os mutirões, mas no GAMHA recebíamos muitos estudantes, que chegavam na obra sem a menor ideia da diferença entre o que é cal, o que é cimento. Então, fazíamos ali um trabalho de formação. Quando entrei na FAU, é óbvio que eu não tinha na cabeça o desenho desse canteiro experimental, mas já tinha a ideia de que essa era uma questão importante a ser trabalhada.

O mutirão trabalha com as mesmas questões que enfrentamos aqui no canteiro experimental, mas lá existe uma urgência, que aqui procuramos evitar. No mutirão tudo tem que ser rápido, mas no canteiro nada tem data, e a gente deseja o erro, porque errar é uma oportunidade de compreender o caminho. Quando se acerta de primeira, como saber se aquele é o caminho certo? Como repeti-lo? Quando se erra, acabamos detalhando o caminho. O erro é importantíssimo para a construção do conhecimento.

Os laboratórios das FAUs de uma forma geral, o escritório modelo e o canteiro experimental em particular, constroem no estudante uma segurança da ação. Se no canteiro ele constrói uma parede e ela cai, depois a reconstrói e aprende como fazê-la, sai daqui transformado, tanto como pessoa quanto como arquiteto – e, como construtor, muito mais! É uma experiência que empodera. Aqui ele faz o tijolo, o concreto, mede

uma granulometria, faz sondagem de solo. Tudo que vai ser tecnicamente refinado mais tarde, ele experimenta. É como pegar, pela primeira vez, farinha e ovos e conseguir transformar em um bom espaguete. O estudante se liberta! Sai da posição de consumidor ignorante. Torna-se mais crítico. Adquire confiança na ação e segurança nas decisões.

Os jovens que recebemos hoje aqui não construíram o seu carrinho de rolimã, estão cada vez mais distantes dessa vivência. As escolas públicas têm um claro compromisso com a sociedade, e as confessionais também. Quando batizamos o estudante aqui como arquiteta ou arquiteto, estamos dizendo para a sociedade que estão prontos para agir. Avalizados para trabalhar bem nela e com ela, para fazer direito tanto técnica quanto eticamente. Esta é uma obrigação que a escola tem.

Aqui no canteiro, tudo foi construído por estudantes, este projeto ordenou a cabeça de todas as turmas. Neste temos cerâmica armada, pré-moldado, argamassa armada, taipa, tijolos feitos com resíduo etc. Eles voltam aqui, de vez em quando, para ver o lugar. Têm orgulho deste trabalho de construção. Impossível fazer arquitetura sem um olhar interessado na construção, compromissado com esse fazer. Ser um bom arquiteto, ter orgulho do seu ofício e fazê-lo bem é vital. No mutirão é assim também. São raros os mutirantes que vendem quando está pronta. Há uma sedimentação do esforço, um orgulho de terem construído e administrado a própria casa, participado do projeto, discutido as soluções. Tudo isso se resume em respeito humano. Temos que desenvolver cada vez mais respeito nas relações profissionais e sociais.

Aqui na escola temos um coletivo que se chama "FAU Social", e alguns alunos que

tentam organizar um escritório modelo, mas não sei se do ano passado para cá este EMAU foi para frente. Vieram conversar algumas vezes comigo, depois não voltaram mais. Ambos têm uma bandeira que é agitada muito radicalmente: não querem saber de professor. Querem andar sozinhos, só vêm aqui se têm um problema sobre o qual não conseguem entender nada. Acho até positivo, mas seria melhor uma forma mais agregadora, um trabalho conjunto. Entendo um pouco a reação deles, porque nem todos os professores estão dispostos a esse tipo de relação mais horizontal com os alunos. Tem o Caio Santamore, a Karina Leitão, a Luciana... Podemos contar nos dedos, são 10% no máximo. Por isso compreendo o cuidado dos estudantes, eles têm receio de ficar escravos de um professor.

Fiz parte do laboratório de habitação da Belas Artes. Para mim, a escola podia ser muito mais do que essas caixinhas de disciplinas que a gente está obrigado a ministrar. Lá existia uma motivação da gente e dos professores, que era movida por situações reais, e todas aquelas situações que a gente tem que discutir em arquitetura estavam lá. Talvez não conseguíssemos fazer a ligação de todas imediatamente. Sei que havia algumas questões de teoria, de história, em que o link não surgia de imediato. Mas se procurássemos bem, se tivéssemos esse olhar, claro que o link seria realizado.

O Yopanan, o Lotufo, a Mel, eu... somos gambás que se reconhecem pelo cheiro. Temos olhares convergentes sobre o processo de formação do arquiteto urbanista e compreendemos que a arquitetura engloba o saber e o fazer num corpo único. Aqui, no primeiro ano, crio um mantra com os alunos: "*Forma é igual a estrutura*". Porque não existe

nada que não tenha uma estrutura que lhe dê a forma, nada! Um poema, uma música, um quadro, um desenho, uma obra de arquitetura. Então, por que achar que o saber estrutural está dentro do departamento de tecnologia? Não é isso, ver assim gera uma deformação. Me agrada discutir isso porque, se um dia eu resolver fazer uma livre docência, esse seria o assunto. Nós, gambás, temos isto como postura profissional. Prefiro chamar nossa formação de complexa, ao invés de generalista. Uma solução generalista pode ser efêmera ou superficial, enquanto a complexidade abre possibilidades ao profissional de trabalhar profundamente em um campo multifacetado. A força da solução multifacetada vem do arquiteto ter que mergulhar no problema real para bem compreendê-lo antes de criar o projeto, como Lelé fazia nos seus hospitais. Esse é o passaporte que a arquitetura nos dá. A escola de arquitetura poderia ser construída sobre problemas reais – não importa quantos ou quais –, que tivessem níveis orbitais diferentes. Em torno destes problemas, que fossem capazes de gerar interesses, os alunos teriam liberdade de criar trajetórias próprias. Um problema de restauro para discutir questões de história, um de circulação para discutir urbanismo, um de construção... não importa. Imagine as disciplinas de primeiro ano andando por aqui normalmente, como disciplinas que são. Então você vai colocando as disciplinas do segundo assim [rabisca seu pensamento] e as da pós-graduação vão andando por aqui. Então você traz um estudante de 17 anos para mergulhar nesse problema, e ele começa a fazer algumas disciplinas. Volta para esse problema e faz outra

disciplina. E vem para cá [problema], e vai para lá [canteiro/disciplina].

Outro mais velho, do quinto ano ou da pós-graduação, pode vir para esse problema e colaborar em uma disciplina. Com maior vivência, faz esta disciplina aqui, faz esta outra, e vai lá para o problema [risca órbitas no desenho]. E todas essas coisas orbitam simultaneamente em torno do objeto da ação, que é o projeto, o problema. Não podemos isolar os aspectos! Claro que é possível cercar algo para se olhar analiticamente, fechar o foco para saber como é o vínculo de uma estrutura, ou qual a referência teórica e histórica mais importante. Mas é essa complexidade como um todo que vai formar a arquitetura, ou não? Assim, estariam acontecendo aqui diversos desenhos simultaneamente, com a complexidade dos diferentes caminhos de cada um, porque as pessoas são diferentes. Aqui na FAU as classes estão mudando. Têm sotaques do Brasil inteiro e estão muito mais coloridas do que eram no passado. Aumentou o espectro da diversidade em todos os sentidos, e isso é super rico. Impossível querer que todos fiquem na mesma caixa, não é? Nesta estrutura flexível que imaginamos, ampliam-se as possibilidades de que estas experiências diversas gerem seu próprio caminho de formação, e de o canteiro experimental preparar as pessoas para entrarem nesses lugares. Os estudantes viriam aqui sempre, desenvolver soluções para aqueles problemas reais propostos. Claro que esta é uma mudança que dá medo. Os professores mais tradicionais temem se expor frente aos alunos, mas será que existe maneira melhor de ser professor? (RONCONI, 2019)

5.3. Concepção dos workshops do ENEA Santos

Compreendemos ser necessário detalhar como foram concebidos os workshops do ENEA Santos, sobretudo pela importância que tiveram posteriormente no primeiro e no segundo SeNEMAUs e no movimento estudantil de área como um todo, destacada em entrevistas realizadas com integrantes do Grupo Reviver. Outro aspecto considerado foi a contribuição destes workshops para que o grupo decidisse buscar rapidamente um local para atuar. Este acabou sendo definido como o Museu de Pesca de Santos, projeto iniciado pouco depois do encontro nacional, e que determinou inclusive o nome deste escritório modelo, como veremos a seguir.

5.4. Um mentor com experiência “fora da caixa”

Como já dissemos, consideramos os workshops em comunidades experiências inovadoras introduzidas pela FeNEA em 1995, por ocasião do ENEA Santos, sob influência do Encontro Latino-americano de Estudantes de Arquitetura [ELEA] Chile, realizado no mesmo ano. O que muitos não sabem é que Edgard já era formado quando foi convidado pelos estudantes a fazer parte da Comissão Organizadora (COMORG) do encontro de Santos e acumulava experiências “fora da caixa” antes de atuar no movimento estudantil: “Meu pai tinha uma casa no meio do mato, em uma barragem, perto de Parelheiros, do lado da aldeia indígena. Tinha que passar pelos índios para chegar lá. Tinha um monte de japoneses em volta, que plantavam chá e tinham granja.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 331). Edgard conviveu com estes sítios do entorno de Parelheiros, onde passava férias e quase todos os finais de semana. Ia passear e até almoçar com eles, que não falavam português. Seu pai também mantinha relação de amizade com caiçaras da região de Iguape e, quando criança, Edgard vez por outra ia fazer uma puxada de rede com eles. Além disso, suas irmãs prestaram auxílio à população de Santos em várias situações emergenciais, por meio ações sociais promovidas pela comunidade de Testemunhas de Jeová, à qual pertenciam.

Segundo afirma, aprendeu muito com todos eles, a partir do que chamou de exposição ao diferente: “Essa diversidade em que a gente foi vivendo me trouxe experiência (...) de ficar à vontade no meio da favela, com gente muito simples, e à vontade com gente muito rica.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 331). Conclui sua fala afirmando que os demais

integrantes do Grupo Reviver, por não terem gozado de experiências similares, conviveram bem como a metodologia que permaneceu até o fim das obras do Museu de Pesca, baseada nas etapas de percepção, reflexão, ação etc., “mas a base anterior – do olhar, do afeto, do sonho – eles não tinham vivido”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 332)

5.5. Tibá influencia estudantes da FeNEA

Quando terminou a FAUS, Edgard tornou-se bioarquiteto, o que ampliou sua visão da profissão e sua aprendizagem “fora da caixa” com uma experiência ecológica: “O Tibá foi uma formação incrível para mim. [...] mudei para lá [RJ] em 1993, quando eu e a Marcia [Gouveia] fomos contratados, mas já frequentava lá desde 1990.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 314).

Em língua Tupi, Tibá significa um lugar onde muitas pessoas se encontram. A proposta pedagógica do Instituto de Tecnologia Intuitiva e Bioarquitetura (Tibá), fundado em 1987 por Rose e Johan van Lengen⁶⁷, é desenvolver projetos educativos na área de bioconstrução associados a vivências holísticas. Estimulam jovens a trabalharem em harmonia com a natureza, como parte de um sistema vivo de preservação dos ambientes naturais.

No sítio Bom Jardim, antiga plantação de café na Serra do Mar, entre Rio de Janeiro e Petrópolis, são realizadas imersões longas e cursos de fim de semana, nos quais os participantes travam contato com a biodiversidade da região. Aprendem a coletar e identificar plantas, desenvolvem projetos sustentáveis com materiais naturais, como terra e bambu, e recebem noções básicas sobre ciências do solo, sempre de forma prática e conjunta, baseada em princípios filosóficos holísticos, entre outros conhecimentos.

A gente tinha muita valorização, por criar encontros muito humanos, fazer o pessoal se conectar, se apaixonar pela experiência. E por fazer tudo durar. Eram grupos que ficavam e duravam, não saíam. Isso vinha muito da gente do Tibá. Já existia na gente antes, e depois do Tibá, mais ainda. Santos ficou muito famoso na FeNEA por causa disso. Tanto é que eles [os estudantes da FAUS] viravam todos diretores gerais ou vice-presidentes (...) (GOUVEIA Jr, 2020, p. 327)

⁶⁷ Nascimento em 1930, em Amsterdã. Johan van Lengen, [autor do Manual do Arquiteto Descalço](#), se formou em arquitetura na Universidade de Oregon. Trabalhou na Secretaria de Desenvolvimento Social da ONU e depois em projetos de reurbanização no Brasil. Em 1987, ele e sua esposa compraram uma plantação antiga de café em Bom Jardim para instalar o Tibá. Disponível em ["Johan van Lengen, The Barefoot Architect"](#). Acesso em 27/08/2021

Envolvido com seu trabalho no Tibá, Edgard convidou sua colega Márcia Gouveia para colaborar na organização e no design das dinâmicas dos eventos da FeNEA, e os dois acabaram por contaminar positivamente os encontros com o “Building” de grupos que juntos aprenderam lá.



Figura 14 Edgard Gouveia Júnior, bioarquiteto do Tibá



Figura 15 Marcia Gouveia, arquiteta, colega de Edgard na FAUS e no Tibá.

A dupla expandiu o aprendizado que teve no Tibá aos integrantes do Reviver e a muitos outros estudantes ligados à federação: “Nós levamos muita gente da FeNEA para conhecer o Tibá. A gente lotava o Tibá, eu e a Marcia, convidando jovens do Brasil inteiro, que a gente conhecia nos encontros.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 314). Entretanto, nem todos tiveram, como ele, este contato direto: “O Rodrigo pegou esta época, ele foi quando eu já estava lá. A Mariana e a Natasha não chegaram a ir.”⁶⁸

5.6. Aprovação perante a diretoria da FeNEA

Atender as comunidades organizadas das favelas estava no cerne da proposta ressaltada pelos estudantes desde o início do movimento que criou os EMAUs da FeNEA. Mas, surpreendentemente, nos conselhos estudantis da federação – onde os estudantes tinham pleno poder de decidir – houve dificuldade para aprovar a proposta dos workshops. Por que a COMORG do ENEA Santos enfrentou severa oposição a esta ideia, que era a distinção primeira entre os EMAUs e as empresas juniores? Por que foi inicialmente barrada, onde era de se supor que seria imediatamente aprovada?

⁶⁸ A autora esteve no Tibá por duas vezes na década de 1990, quando Edgard fazia parte da equipe, e onde participou de vivências com *Rose Van Lengen* e Valdo Felinto, mas teve pouco contato com *Johan*.

Segundo Edgard, a FeNEA temia se responsabilizar pela iniciativa, por motivos muito semelhantes aos que impediam as universidades de fazê-lo: “Na época, a Alis era a diretora [da FeNEA] e ninguém comprou a ideia de fazer o encontro ‘do lado de fora’, porque, se uma pessoa tomasse um tiro ou fosse sequestrada numa favela, acabou-se a FeNEA”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 318).

Não é difícil imaginar que qualquer ato de represália ou violência que os estudantes pudessem vir a sofrer nestes territórios poderia ter implicações jurídicas e institucionais sérias. Supõe-se que, experiente no trato com lideranças locais desde 1988, Edgard não podia ignorar que em algumas comunidades estão postas regras específicas de comportamento, que os de fora podem por desconhecimento infringir, colocando-se em risco, e que isto ocorre sobretudo em territórios muito fechados, onde os grupos locais de poder estão diretamente ligados a milícias armadas do narcotráfico.

É fato decorrente ter se preocupado em preparar o grupo e ajudado a escolher corretamente os locais. Percorreu com os estudantes previamente os lugares aventados para os workshops, orientando-os: “Vim para Santos, peguei o Rodrigo, a Natasha, a Mariana e fomos ver as comunidades. Mostrei para eles como é que dava para fazer e onde e como dava para ir. Mostrei comunidades caiçaras, cortiços, favelas, o Dique da Vila Gilda...” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 318).

Além de orientá-los quanto aos locais de menos risco, resolveu se reconectar à FeNEA e participou de dois CONEAS naquele ano, para dar apoio ao grupo: “Então, mesmo estando fora da FeNEA, quando foi para fechar o ENEA eu voltei, porque sabia que, caso não voltasse, a Alis ia engoli-los (...). Era uma pressão pesada, e quando eu não ia, era mais pesada ainda.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 321). Este apoio colaborou para que os estudantes menos experientes não desistissem dos workshops, viabilizando-os. “Então, quando percebia que eles estavam quase desistindo, eu ia. E a cada dois meses tinha um. E todos pressionando para não fazer do lado de fora”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 321).

Por outro lado, todos estavam cientes que não seria viável levar os 870 inscritos aos locais escolhidos, e por isso optaram por limitar as vagas e exigir inscrição prévia. Quando nos falou sobre o design desta atividade, Edgard afirmou que “sabia que iam ser os melhores alunos do Brasil. Eram vários grupos, tinha a questão da inscrição e a gente fez toda essa coisa de propósito, e aconteceu exatamente como imaginávamos.”

(GOUVEIA Jr, 2020, p. 321). Enquanto os grupos inscritos chegavam comentando tudo que tinham vivenciado do lado de fora com entusiasmo, os demais argumentavam que não tinham lido sobre a obrigatoriedade da inscrição prévia, e protestavam. Edgard relata: “As pessoas nos xingavam, porque todo mundo queria ir e não podia. Fizerem até piquete na entrada dos ônibus”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 321). Mas, aos protestos, respondia: “Você vai no ano que vem, vai ter novamente em outra faculdade, porque isso realmente vai virar tradição!” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 321).

Aparentemente a inscrição prévia cumpriu vários papéis ao mesmo tempo. Conseguiu viabilizar economicamente a empreitada, minimizou os riscos de descontroles que um número excessivo de estudantes poderia causar nas comunidades e criou uma expectativa de retomada da experiência, espécie de demanda reprimida que os próximos encontros acabaram por responder.

Concluimos que diversas decisões estratégicas tomadas pelas lideranças possibilitaram a realização dos workshops nas comunidades, e percebemos que por trás de todas elas havia a intenção de associar uma visão extremamente positiva à empreitada, capaz de garantir sua continuidade nos encontros seguintes, o que realmente se efetivou.

No ENEA Santos (1995), Alexandre Esteves organizou junto com Natasha diversas atividades na cidade, e em seguida, como membros do EMAU Reviver, tiveram oportunidade de ampliar esta experiência sob a coordenação de Edgard, durante o projeto do Museu de Pesca. Em suas entrevistas, associam isto à experiência daqueles que reconhecem como “a primeira geração”.

5.7. A primeira geração de estudantes

Entre 1988 e 1992, período em que Edgard cursou a FAUS, não existiam os EMAUs: “Eu peguei os EMAUs porque eu continuei na faculdade e foi surgindo isso, mas os EMAUs foram uma oficialização que aconteceu na geração do Alexandre Esteves. A gente foi brigando com isso e eles continuaram brigando.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 311). Alexandre comenta: “Edgard tinha se formado em 1992. Ele teve contato com Ronconi e Lotufo, que foram referências para a primeira geração [dos EMAUs]. Edgard veio trazendo este bastão para nós.” (ESTEVES, 2019, s/p).

Em 1989, quando Edgard Gouveia Júnior estava no segundo ano da FAUS, participou do XIII ENEA, em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde se deu a aprovação do estatuto da FeNEA, criada no ano anterior em Belém do Pará. Esteve também no CONEA⁶⁹ de 1989, paralelo ao XIII ENEA, em que teve início a discussão sobre atividades práticas de extensão no ensino de arquitetura, que desembocou na proposta dos escritórios modelo. Por isso, é considerado da primeira geração dos EMAUs, que criou os princípios dos escritórios modelo de arquitetura e urbanismo e consolidou-os no POEMA⁷⁰. Perguntado sobre a primeira geração de estudantes envolvida com a criação dos EMAUs, Edgard respondeu:

O Luís Dias e o André Goldman, da USP, são nomes fortes no assunto, que continuaram muitos anos na FeNEA, e a Lara também participava. A Maura e o Tulio, da PUC de Campinas, alunos mais velhos, eram muito bons nessa discussão, e depois trabalharam na Usina. Lembro também da Laila e de um pessoal da Paraíba, e do Artur, de Belém, que fazia o papel do Baco nas festas. E não dá para esquecer da Silvia Rola, de Alagoas, que era uma piadista. O Mauro Resnytzky, do Rio de Janeiro, que agora deve estar em Hong Kong⁷¹, e o Paulinho, que hoje em dia é professor ou diretor da Universidade de Caxias do Sul. Lembro da Kiomi de Santa Catarina, e de outros. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 309).

Edgard relembra que, ao voltar para a faculdade depois deste CONEA, reabriu o laboratório de habitação da FAUS – HABITAF AUS – em companhia de Luca, estudante transferido da USP São Carlos para a FAUS, que o convidara a participar do encontro⁷². Juntos, os dois começaram a fazer projetos no Dique da Vila Gilda, área de ocupação com palafitas em Santos que já tinha sido foco da atenção deste LABHAB, que era historicamente gerido pelos professores: “Então foi um tesão ter que ir para a favela. A gente teve que se comprometer, porque não tinha ninguém que fazia *de fato*, nenhum professor orientando.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 310).

O “de fato” nesta fala nos levou a checar a real situação do HABITAF AUS. Apuramos, com base em depoimento do professor Fábio Serrano, diretor da FAUS no período, que o HABITAF AUS não estava oficialmente fechado. Serrano relata, inclusive, que acompanhava as atividades dos bolsistas mensalmente. Por isso supomos estar talvez presente nesta ação dos estudantes uma posição de desacordo com relação ao fato de

⁶⁹ Conselho Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo paralelo ao XIII ENEA, Belo Horizonte.

⁷⁰ Projeto de Orientação aos escritórios de Arquitetura e Urbanismo

⁷¹ Diretor fundador da Girimum Architects, é formado em arquitetura pela Federal do Rio de Janeiro, Master na Architectural Association School of Architecture, Londres. Reside e atua em Hong Kong.

⁷² Laboratório de extensão da FAUS criado paralelamente ao LABHAB da Faculdade Belas Artes, em 1985.

o laboratório estar sempre fechado, ou uma dissidência com relação à condução dos trabalhos deste LABHAB na época, que os levou a nominar a iniciativa como uma reabertura simbólica, que acabaria por levar posteriormente a uma mudança ainda mais radical: a criação dos EMAUs, onde o protagonismo e a liberdade de escolha dos projetos a serem desenvolvidos estão na mão dos estudantes, e não dos professores e gestores da universidade.

Em suma, a atitude política sugere que o LABHAB não conduzia suas atividades de extensão da forma como eles desejavam para poder participar. Ele e Luca começaram como estudantes da federação uma investigação sobre esta prática em comunidades, que Edgard levou para discutir nos CONEAS entre 1991 e 1992. Na época, diversas universidades do Brasil que faziam parte deste conselho já discutiam este caminho, entre elas a Federal de Pernambuco: “O pessoal de Pernambuco disparou na frente,” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 311). Talvez por isso o segundo SeNEMAU tenha ocorrido em Recife. “A USP de São Carlos também tentou armar alguma coisa, mas os mais fortes eram da FAU Pelotas, onde estavam a Alis⁷³ e a Nara Gilles”. (...) Então, ficaram as universidades de Pelotas e Campinas, a Federal de Pernambuco, a FAU Santos e a UFSC, de Santa Catarina (...)” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 309).

Lembramos ainda que este grupo pioneiro era bastante crítico e, independente da estratégia de ação que seus membros desejassem imprimir individualmente ao movimento, defendia uma posição técnica clara que Edgard fez questão de salientar: “Vamos fazer projetos de qualidade para as favelas”. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 311). Dele surgiram vários profissionais que se dedicam até hoje a este ideal, por meio de escritórios como PEABIRU-TCA e USINA, e diversos membros expoentes de equipes técnicas de prefeituras, que se dedicam às ações de Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social (ATHIS). Esta forma oficial de assistência técnica já existia desde os primórdios como ideia embrionária de expansão da atividade profissional do arquiteto urbanista e se manifestou no I SENEMAU. Teve sua primeira legislação aprovada em Porto Alegre, foi amplamente divulgada e valorizada na gestão de Luiza Erundina na

⁷³ Líder estudantil, diretora da FENEA no período.

Prefeitura de São Paulo e presentemente é especialidade oferecida em diversos estados brasileiros.

Salientamos também que os escritórios modelo da FeNEA são hoje reconhecidos em legislação específica como entidades capazes de desenvolver ATHIS, mas necessitam ainda de maior reconhecimento por parte dos órgãos profissionais da área, tais como IAB e CAU, para atuarem mais amplamente nas comunidades.

Concluimos que, na visão de Edgard, a missão da primeira geração de estudantes da FeNEA foi divulgar a ideia dos EMAUs e garantir o contato direto de seus membros com comunidades tradicionais e favelas: “A nossa parte foi popularizar essa história de fazer estes jovens trabalharem com favelas e populações tradicionais carentes, quando não tinha ninguém que estimulasse isso, em quase lugar nenhum.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 311).

5.8. Uma “dupla infernal” da ABEA

Duas mulheres aguerridas influenciaram os estudantes desta primeira geração na discussão do tema da extensão universitária, que desembocou nos EMAUs: Maria Elísia Meira e Valeska Peres Pinto⁷⁴. As duas eram muito atuantes na Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) e participaram juntas do *I Seminário Nacional sobre Extensão em Arquitetura e Urbanismo*, realizado entre 23 e 25 de maio de 1994 em Campinas, SP, cujos anais estão publicados no Caderno da ABEA número 14⁷⁵. No mesmo ano, Maria Elisa Meira⁷⁶ participou da Comissão de Especialistas de Ensino de

⁷⁴ Arquiteta e urbanista formada pela Brás Cubas em 1975, com especialização em Geografia Urbana e Mobilidade pela Sorbonne, Valeska Peres Pinto entrou na Cia. do Metrô de SP em 1985 e intensificou suas atividades em mobilidade urbana. Atualmente é coordenadora técnica da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) e coordenadora do Programa de Melhores Práticas da UITP América Latina. Disponível em <https://youtu.be/7PuHeguMVdY> Acesso em 03 ago.2021.

⁷⁵ Disponível em https://issuu.com/gogli/docs/caderno_14 Acesso em 10 jun. 2019

⁷⁶ Maria Elisa Meira, portuguesa de nascimento, chegou ao Rio de Janeiro aos oito anos. Formou-se arquiteta urbanista pela UFRJ em 1970 e especializou-se em Planejamento Urbano e Regional na COPI – RJ. Atuou na Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior [ANDES] e participou da criação do Sindicato dos Arquitetos do Rio de Janeiro e da Federação Nacional de Arquitetos [FNA], além de integrar várias gestões do IAB-RJ. Como docente da Universidade Federal Fluminense [UFF], criou o Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos [NEPHU], que atuava em favelas, estreitando elos entre teoria e prática. Refundou a ABEA em 1997 e assumiu a presidência da associação em 1989. Coordenou de 1991 a 1996 a Rede Internacional de Seminários Itinerantes de Planejamento Participativo e Habitat Popular e representou em 1996 arquitetos urbanistas brasileiros no Seminário da Confederação do Habitat II em Istambul. Em 1997 assumiu a sub coordenação da Cátedra da UNESCO Habitat e Meio Ambiente. Em 1999 participou do Congresso da UIA em Beijing, China, pouco antes de falecer em decorrência de um câncer em 30 de março de 2000. Publicou pela UNIMEP em 2001 *A Educação do Arquiteto e Urbanista - Reflexões*

Arquitetura e Urbanismo (CEAU). Esta comissão conduziu por meio da ABEA uma etapa de autoavaliação conjunta da área de ensino de arquitetura e urbanismo, principalmente em seminários regionais e nacional, realizados entre 1993 e 1994, com resultados publicados no documento *Ensino de Arquitetura e Urbanismo. Condições & Diretrizes*⁷⁷, do qual Meira é coautora. Este relatório subsidiou a “definição dos padrões de qualidade e o enunciado dos requisitos estabelecidos para a abertura e funcionamento dos cursos de Arquitetura e Urbanismo”, que por sua vez embasou “a nova base legal expressa nas Diretrizes Curriculares e Conteúdos Mínimos de 1994, e na nova LDB de 1996⁷⁸”. O convite para atuar nesta comissão demonstra que Elisa Meira era então uma forte referência entre os pensadores da formação profissional na área, tanto pela sua atuação na ABEA como por sua produção textual.



Figura 16 Maria Elisa Meira [a esquerda] e Valeska Pinto Fonte: FNA
<https://youtu.be/JwsxNrkORlkhtt/www.youtube.com/watch?v=JwsxNrkORIk>

da Professora Maria Elisa Meira, tendo Valeska Peres Pinto e Isabel Cristina Eiras como organizadoras. É autora de “Criatividade e Ensino de Arquitetura”, in “Cadernos Ensino do da ABEA” n. 3, Rio de Janeiro, ABEA, 1991; “Patrimônio Cultural e Formação Profissional”, in “Cadernos da ABEA” nº10, Rio de Janeiro, 1992; “Da forma ao conteúdo; a educação de arquitetos e urbanistas no Brasil. Projeto. n. 177. São Paulo: Projeto, 1994. E com Regina BIENENSTEIN, “Ensino da arquitetura para participação do usuário no desenho”. Projeto. n. 79. São Paulo: Projeto, 1985. Fonte: *Homenagem - Maria Elisa Meira – FNA*, de 21 de nov. de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JwsxNrkORIk> Acesso em 18/10/2021

⁷⁷ CEAU - Comissão de Especialistas de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. Amorim, L.M.E.; Claro, A; Meira, M.E.; Silveira, R.P.G.” *Ensino de Arquitetura e Urbanismo - Condições & Diretrizes*. SESu/MEC, Brasília-DF, 1994.

⁷⁸ Estamos nos referindo à *Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*, Disponível em http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ar_geral.pdf Acesso em 30 ago. 2021

Acesso 13 mai.2020

Na revista da ABEA, publicação que reúne o maior número de artigos que abordam os EMAUs, Meira publicou textos bastante críticos sobre educação nas FAUs e dedicou muitas linhas ao tema da extensão. Segundo consultamos nos Anais do I Seminário de Extensão, declarou que a postura da universidade é anti-extensionista e complementou: “Então, o que o João Amílcar sintetizou é que a extensão não é um conteúdo, a extensão é uma atitude.” (MEIRA, 1994, p. 26). Esclarece ainda que esta atitude não deve estar presente somente nos programas de extensão, mas também no ensino:

Na sala de aula, o que vem primeiro é a atenção crítica à necessidade social, que deve estar explicitada no programa do professor, na atitude do professor, na literatura que ele indica, no universo que ele aborda, na maneira pela qual ele trata o tema. Por outro lado, incentiva a criticidade também na pesquisa e nos estudantes. E que deve ser a mesma do aluno, quando ele pergunta – mas, e a tal da casa popular? Na cobrança e na própria atitude do aluno nós também vamos ter a atenção crítica às necessidades sociais, e assim também na pesquisa. (MEIRA, 1994, p. 26)

Como obtiveram muitas vitórias neste processo de promover a renovação do ensino de arquitetura e do urbanismo durante décadas, Edgard se refere a elas como “dupla infernal” e percebe influência delas na decisão dos estudantes da FeNEA de criar os EMAUs: “Em 1990, no ENEA São Paulo, e nos CONEAS ocorridos entre 1989 e 1991, nós [da FeNEA] começamos a discutir muito que o movimento estudantil tinha que focar nos EMAUs”. Edgard afirma que as duas professoras defendiam os escritórios modelo em contraposição às empresas juniores e colaboraram para que os estudantes compreendessem que “a briga era essa: você tinha que aprender na prática, mas não podia pegar trabalhos de escritório. E nós fomos um pouquinho nesta linha.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 310).



Figura 17 Valeska Pinto [a esquerda] e Maria Elisa Meira no auditório do CREA
 Fonte: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1394>



Figura 18 Valeska Pinto [a esquerda] e Maria Elisa Meira [a direita], na Conferência do Habitat II, Istambul 1996,
 Fonte <https://youtu.be/JwsxNrKORlk>

Meira preconiza que o órgão já começa a apresentar um olhar crítico sobre o tema da extensão e destaca que, devido à presença de colegas favoráveis ao tema no Ministério da Educação e Cultura (MEC) naquela gestão de 1994, “a primeira área de ensino a se manifestar neste campo será a área de arquitetura, através de sua entidade.” (MEIRA, 1994, p. 17). Prevê este pioneirismo das FAUs provavelmente com base no trabalho que pessoalmente já desenvolvia – com Valesca e demais membros da ABEA – junto aos estudantes na época. Esta relação foi iniciada por meio da ABEA, quando o fórum realizado em Campinas reacendeu a discussão específica sobre extensão universitária em arquitetura e urbanismo.

A partir deste contato com estudantes do setor interessados em desenvolver um projeto próprio por meio da FeNEA, Meira passou a colaborar com eles, chegando inclusive a participar do I SeNEMAU. Segundo nos colocou Alexandre Esteves, o vínculo direto desta arquiteta da ABEA com os estudantes da FeNEA durou até 1999, quando a estudiosa participou do III SeNEMAU, pouco antes de falecer.

No citado seminário, Valeska declara que “a extensão é uma porta de relação permanente entre a universidade e a sociedade, mas também se reveste internamente do aprimoramento do ensino e da educação como um todo.” (PINTO, 1994, p. 17). Este papel de aprimoramento do tripé da universidade como um todo se deve ao fato de que, através dele, “se ensaiam (...) as múltiplas formas de relação que existirão e se exercerão, por conseguinte, entre os profissionais e a sociedade.” (PINTO, 1994, p. 17). Valeska acredita que ensaiá-las é de suma importância para a construção de outras formas de relação universidade/sociedade, que refletirão positivamente nos desafios que nossa sociedade necessita enfrentar.

Elisa Meira e Valeska Pinto mantêm esta postura crítica por décadas. Em publicação de 1991, Maria Elisa qualifica a relação pedagógica diretiva utilizada no ensino de arquitetura como “um desastre total” (MEIRA, 1991, pag. 65-69 *apud* CARSALADE, 1997, p. 128)⁷⁹.

⁷⁹ “Os pressupostos pedagógicos são um desastre total. Uma única visão pedagógica, a diretividade que propõe a passagem do que sabe ao que não sabe, e coloca o saber como propriedade (de alguém) e não como espaço a ocupar”; “Estabelecendo modelos, referências a repetir, a refazer, a orientação pedagógica predominante não permite a elaboração própria a partir da experiência de cada um, da

Em 2001, dois anos após a morte de Meira, a ABEA se posiciona sobre a extensão na universidade, destacando-a como elemento importante não só enquanto atividade didático-pedagógica, mas também como transformadora da realidade social, por propiciar aos estudantes formação crítica, criativa e independente. Na opinião da entidade, esta formação seria fundamental para tornar a universidade um lugar privilegiado para construirmos juntos saber socialmente mais comprometido com o desenvolvimento social do país. (ABEA, 2001, s/p)⁸⁰

Elisa Meira foi homenageada em 2016 no *40º Encontro Nacional de Sindicatos de Arquitetos e Urbanistas da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas [FNA]*, que deu seu nome ao evento e a qualificou como “uma das grandes pensadoras da formação profissional no Século XX” (CAU-RS, 2016, p. 91) ⁸¹. Valeska empreendeu a pesquisa e fez a direção do vídeo produzido pela FNA e pelo Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul, com apoio do CAU-RS, do Memorial Luís Carlos Prestes e do Instituto Niemeyer.

capacidade de cada um. Diria com toda segurança que a relação pedagógica diretiva impede o ato criador” (Meira, 1991, pag. 65-69) *apud* CARSALADE, 1997, p. 128

⁸⁰ | Fórum Mundial de Educação – A Educação no mundo globalizado – outubro de 2001 – Porto Alegre – Brasil. Disponível em <http://www.forummundialeducacao.org/?p=1451> Acesso 20 ago. 2021. Sobre o assunto, ver também Memória do Fórum Mundial de Educação: alternativas para construir um outro mundo possível / Stela Rosa (Organização). - Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/me001023.pdf>

⁸¹ Disponível em <https://www.caurs.gov.br/author/gabriela-belnhak/page/91/>

ENTREMEIO: Gestores relatam falta de apoio da Universidade Católica de Santos ao Escritório Modelo do Grupo Reviver

Augusto⁸²: Uma parte da década de 1990 eu estava como vice-diretor do Oswaldo⁸³ e convivi com os alunos do Grupo Reviver. Eles eram excelentes, o que foi comprovado pelo trabalho que fizeram, inclusive posteriormente.

Pelo que sei da história, contada por eles mesmos, o Marco Antônio Batan⁸⁴, diretor do curso de comunicações da UNISANTOS que, na época, era do Rotary Club, fez em 1995 um “pedágio urbano” de dois reais para salvar o MPS: “Dois reais é pouco para salvar o Museu de Pesca”⁸⁵. Era um cara excelente, eu convivi bastante com ele na época na direção. Os alunos da arquitetura ficaram sabendo da campanha e entraram de cabeça nisso. Vieram pedir para eu dar o mínimo de estrutura, ver se eu autorizava. Foi tudo assim: eles fizeram “na raça”, se organizaram junto com o Marco Antônio, que foi abrindo um pouco as portas lá dentro. Acho que, na época, era a professora Maria Helena...

Serrano: ... Lambert⁸⁶, a vice-reitora.

Augusto: Eles vieram até mim, eu fui a ela, e a gente autorizou algumas coisas, inclusive que eles trabalhassem aqui na FAUS. Mas depois eles preferiram trabalhar lá, no Museu de Pesca. E levaram as pranchetas. Coisa meio clandestina, não é? Lá não tinha nada, órgão do Estado, sem convênio, aquela coisa. E o Edgard, que já não era aluno, vinha aqui e trabalhava de graça! Então a gente queria dar um mínimo de estrutura para eles. O tempo todo eles fizeram com miséria de apoio. Era uma miséria de apoio, digamos assim. Eu lembro bem quando eles fizeram a inauguração de um dos setores do projeto de recuperação do museu, depois de muita luta. O pessoal da reitoria foi ver, e depois me falou: “Você podia ter apoiado mais!” Se arrependeram porque este pessoal é de valor, mas aí os estudantes já estavam chateados, magoados...

Serrano: E depois a Petrobras apoiou.

Augusto: Os alunos mesmos iam atrás, provocavam reuniões lá em São Paulo,

⁸² Fabio Serrano, formado na FAUUSP, foi diretor e vice-diretor da FAUS nas décadas de 1980/90, quando supervisionou trabalhos do HABITAF AUS. Atuou como gestor na Prefeitura do Guarujá, onde foi pioneiro no desenvolvimento de urbanização de favelas. Professor decano da FAUS, ministra aulas no núcleo de teoria. Entrevista concedida à autora em 23/9/2019

⁸³ Oswaldo Correia Gonçalves, diretor da FAUS.

⁸⁴ Na década de 1990, Batan organizou uma campanha para conscientizar a população local sobre importância de se revitalizar o Museu de Pesca, que à época encontrava-se fechado havia oito anos. A campanha teve início em 1995 e foi batizada de “SOS Museu de Pesca”, com o objetivo de levantar recursos para revitalizar o imponente prédio que abriga o Museu.

<https://www.pesca.sp.gov.br/index.php/instituto/centro-de-comunicacao/noticias/302-ip-homenageia-publicitario-responsavel-por-campanha-em-prol-da->

[revitalizacao-do-museu-de-pesca](#) Acesso 14 de out 2019.

⁸⁵Uma homenagem póstuma ao professor universitário e publicitário santista Marco Antônio Batan foi prestada no Museu de Pesca, na cidade de Santos. <https://www.pesca.sp.gov.br/index.php/instituto/centro-de-comunicacao/noticias/302-ip-homenageia-publicitario-responsavel-por-campanha-em-prol-da-revitalizacao-do-museu-de-pesca> Acesso em 13 de out 2019.

⁸⁶ Maria Helena de Almeida Lambert, primeira mulher a ocupar o cargo de reitora na UNISANTOS, reconduzida por mais um mandato. Recebeu o título de Professor Emérito em 2011 pelos 40 anos de dedicação à UNISANTOS. <https://portal.unisantos.br/linhadotempo/themes/linhadotempo/laureados/maria-helena-almeida.html> Acesso em 14 out 2019

era uma coisa que a universidade tinha que ter apoiado. Numa época que os laboratórios aqui estavam “ao Deus dará”. Não existiam. Então, de certa forma, eles substituíram. Teve uma época que a diretora acadêmica era a Maria Helena...

Serrano: Maria Helena criou curso para idosos, e com ela o projeto da Fortaleza da Barra andou. Ela fez um trabalho social no bairro de Santa Cruz dos Navegantes, casado com a fortaleza, junto com o Secomandi⁸⁷. Ele tinha bastante prestígio na mantenedora, e usou este prestígio para pôr dinheiro no projeto. Isso hoje não existe mais.

Augusto: A outra era a Conceição Neves Gmeiner⁸⁸, uma alemã linha dura, de difícil diálogo, que enxergava que tinha que padronizar o custo dos cursos, a estrutura, me desgastei muito com ela.

Serrano: Ela reduziu o currículo da FAUS de seis horas-aula para cinco!

Augusto: E dizia: “Esse tipo de extensão, de jeito nenhum! Não é para a nossa entidade fazer!”. Com a Maria Helena não, ela era muito católica... Na época dela a coisa andou. Ela tinha essa visão...

Serrano: Mais social...

Augusto: Uma amiga minha, que trabalhou no comando do projeto da fortaleza na gestão da Maria Helena, era grande batalhadora das atividades de extensão da UNISANTOS. Eu trabalhei lá na fortaleza, como voluntário, na PEC. [...]

Na mantenedora existem conversas e objetivos que extrapolam a questão do curso, do ensino, da atividade social. Então, precisa ter umas pessoas que deem a cara da universidade, a cara católica. Esta época o reitor era o Chico Prado...

Serrano: ... de Oliveira Rebello.

Augusto: Ele era o salvador da pátria. Adorava o Oswaldão, tinha um carinho muito grande pelo curso de arquitetura. Ele nos dava prestígio. No final, a gente conseguia chegar nele e fazer passar as coisas. Só para dar uma ideia, nessa época os alunos queriam fazer formaturas fora do salão comum, que fizessem as pessoas perceber que o curso da FAUS estava preocupado com a cidade. Na gestão do Chico Prado, fizemos uma formatura na Fortaleza da Barra...

Serrano: E outra no Monte Serrat, lá em cima, e outra nas obras do Teatro Coliseu, quando estava em reconstrução. Tudo na gestão do Chico Prado.

Augusto: Havia uma estrutura que o pessoal – todo mundo – brecava, dizia “não, não, para tudo”. Daí chegava nele e Chico Prado dizia: “Eu vou. Se ninguém vai, eu vou. E basto eu para a formatura valer. Pode fazer lá que eu vou.” [Risos].

Serrano: Chico Prado era um cara muito interessante. Uma vez assumiu a prefeitura por um curto tempo – era vice e assumiu – e colocou o secretariado todo de estudantes. Ele era mente aberta

⁸⁷ Élcio Rogério Secomandi participou do projeto da UNESCO para tornar a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande Patrimônio Mundial da Humanidade. A fortificação será avaliada por uma comissão da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), assim como o Forte São João, de Bertioaga, e mais 17 outros fortes no País, para que juntas, as construções sejam consideradas bem seriado.

<https://www.unisantos.br/portal/noticias/patrimonio->

[envolvida-em-revitalizacao-e-projetos-de-valorizacao-da-fortaleza-da-barra-grande-unisantos-acompanha-processo-da-unesco-que-pode-tornar-edificacao-patrimonio-cultural-da-humanidade/](https://www.unisantos.br/portal/noticias/patrimonio-) Acesso em 14 out 2019.

⁸⁸ Conceição Neves Gmeiner, professora de História da Filosofia da UNISANTOS, foi vice-reitora acadêmica por dois mandatos. Escreveu A Morada do Ser, Edições Loyola. Esgotado. <https://www.travessa.com.br/a-morada-do-ser/artigo/9c76a36e-c522-4392-a51e-258ad02b779b> Acesso em 14 out 2019.

como o Oswaldão, não tinha fechamento ideológico.

Augusto: Nessa época a universidade ainda tinha gente envolvida com a comunidade, e por causa delas não ficava presa só na estrutura de ensino. Isso, para arquitetura, era muito importante. A formatura era importante para dar esse caráter. Eu nunca me esqueço a da Fortaleza. Para muitas pessoas, foi a única vez que elas foram lá, porque o filho estava se formando. O curso era visto de forma diferente pelas pessoas – era um

evento que envolvia os parentes – porque depois todo mundo comentava, então você saía daquela sequência...

Serrano: ... daquela coisa burocrática, de cumprir o currículo. Era um curso que dava uma visão de mundo.

Augusto: E tudo isso partia dos alunos. Eles vinham com a proposta. Nessa época, era o aluno que organizava. Nesses momentos, a gente conseguia aparecer para a cidade, e eles se sentiam orgulhosos: “Minha formatura foi inesquecível!”

Alexandre Esteves⁸⁹: O Reviver não era nada, ele não era da universidade até a hora em que a gente começou a sair no jornal de tudo quanto é lado, e eles tiveram que nos assumir. Serrano e Augusto foram figuras fundamentais para que nós fizéssemos as coisas. A universidade pagava todas as minhas viagens enquanto eu era diretor da FeNEA. Nunca era passagem aérea, era de ônibus, mas pagavam traslado, estadia e alimentação. A gente era “bocado”. Não tinha medo. Mas eles gostavam da gente. Eles foram como pais. Tiveram paciência para não nos podar. Uma das nossas referências teóricas eram as propostas de Ítalo Calvino. Ele usava o símbolo da água que transborda, preenche e contorna. Tudo que se colocava na nossa frente, a gente contornava.

Mariana Gauche⁹⁰: Mas na época que vivemos o Museu de Pesca não tinha HABITA⁹¹, tanto que a gente foi até meio

nostálgico, porque queríamos usar a sala que era do HABITAFUS como a sala sede do museu. Um dia conseguimos um pedaço dessa sala com o Augusto, que era como se fosse a área de um banheiro. A gente trabalhava no ateliê, ou no próprio museu, e guardava as coisas do museu lá na sala. Mas uma segunda-feira – tem até fotos históricas – a gente chegou na faculdade de manhã e estava tudo aberto, porque iam fazer o laboratório de informática. Abriram, pegaram todas as nossas coisas, puseram tudo para fora. Foi... [silêncio]

Cláudia: Traumático...

Mariana: Histórico.

Natasha: Era sempre tudo muito difícil. Tudo que a gente queria não era viável. Se a gente queria fazer uma viagem, uma exposição, ir a um seminário ou organizar um, nunca tinha apoio. Nem apoio oficial técnico. Havia mais a disponibilidade e a boa vontade dos professores, o que não mudou muito, né? [risos]

⁸⁹ O professor Augusto Campos cursou, entre 1970 e 1975, a primeira turma da FAUS. Santista, fez carreira pública como gestor de urbanismo na prefeitura de Cubatão e lecionou na sequência de urbanismo da FAUS por décadas. Foi vice-diretor

da escola nas gestões de Oswaldo Corrêa Gonçalves, e encontra-se aposentado. Entrevista concedida à autora em 04 set. 2019.

⁹⁰ Entrevista concedida à autora em 06/03/2020

⁹¹ HABITAFUS, o LABHAB da FAUS

6. MUSEU DE PESCA DE SANTOS

O primeiro trabalho do Grupo Reviver enquanto escritório modelo da FeNEA foi realizado em um dos patrimônios históricos mais importantes e reconhecidos da cidade: o Museu de Pesca de Santos. O edifício ocupa um terreno na Baía de Santos que, no século XVIII, abrigara o Forte Augusto, aquele que cruzava fogo com a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, situada do outro lado do canal do estuário, no atual município do Guarujá. Em 1894, o Forte Augusto foi atacado e ficou em ruínas. Cerca de quinze anos depois, em 1908, a Marinha instalou no local a Escola de Aprendizes Marinheiros, e em 1931 o edifício abrigou a Escola de Pesca. Mais tarde, o Instituto de Pesca, ligado ao governo estadual e que pesquisa e estuda a vida marinha, foi para lá. Mas foi um Gabinete de História Natural vindo do Guarujá, ligado à Escola de Pesca, que deu início à história do museu.

O acervo desse antigo gabinete se constituía de material resultante de doações e alguns trabalhos elaborados por funcionários da própria repartição, e foi crescendo lentamente, sem uma linha museológica definida. Nessa época, o material existente se distribuía em apenas uma sala da parte superior do prédio do museu. Em 1936, o espaço se ampliou e o acervo passou a ocupar outra sala da mesma ala, com estantes improvisadas que, em 1939, foram substituídas por armários.



Figura 19 Edifício da Escola de Marinheiros, hoje Museu de Pesca de Santos. Nota-se então a ausência das duas palmeiras imperiais que marcam a fachada do conjunto no mínimo desde a década de 1940. Acervo da FAUS.

<http://jornalperspectiva.com.br/santos-e-suas-historias/de-escola-de-marinheiros-a-museu-de-pesca/> Acesso em 19/09/2021



Figura 20 Prédio do Museu de Pesca por volta de 1945, antes de sua restauração. Detalhe: vitrões de ferro ainda substituíam as originais venezianas (superiores) de madeira. Fonte: Museu do Instituto de Pesca

Em 1942, foram derrubadas as paredes divisórias de três salas do edifício para permitir exposição de um esqueleto de baleia de 23 metros, doado ao gabinete e que segue no local até hoje. Nesse mesmo ano, em que o edifício teve outras dependências ampliadas para abrigar as coleções de conchas, corais, peixes, aves marinhas etc., ganhou

extraoficialmente a denominação de “Museu”⁹², depois de ter lentamente formado uma grande coleção de espécimes marinhas do Atlântico Sul.

Fechado em 1987 devido a um ataque de cupins, o edifício só foi reaberto em 1998, após ser transformado em um dos melhores centros de educação ambiental do litoral a partir de um projeto desenvolvido com ampla participação da sociedade santista. O MPS recebe atualmente cerca de cem mil visitantes por ano⁹³. A história que narramos a seguir ressalta e detalha o protagonismo do Grupo Reviver nesse processo⁹⁴.

6.1. Escolha de um espaço para atuar

Depois de participar ativamente do ENEA Santos em janeiro de 1995, entre julho e agosto do mesmo ano Natasha Gabriel se envolveu mais diretamente com o Diretório Acadêmico da FAUS. (C. F. GABRIEL, 2020). Empolgado por ter levado os participantes do ENEA Santos a vivenciar a “arquitetura do lado de fora”, um grupo de estudantes da COMORG começou a pensar como poderia dar continuidade a esta experiência: “Passamos todo o segundo semestre procurando lugares onde poderíamos atuar, para experimentar montar um grupo de extensão universitária.” (GABRIEL, 2020, p. 287). Depois de visitar e mapear os lugares estratégicos trabalhados durante os workshops daquela edição do ENEA, escolheram trabalhar no Museu de Pesca.

Natasha relembra: “Me chamou muita atenção aquela estrutura toda, aquela fachada, o esqueleto da baleia (...). Tínhamos interesse em saber como estava a situação lá e fomos conhecer os diretores – Antônio Carlos Simões e Roberto da Graça Lopes.” (GABRIEL, 2020, p. 287). Edgard recorda que Natasha Gabriel e Rodrigo Alonso participaram da reunião promovida pelo Rotary Club de Santos para divulgar a campanha de apoio ao Museu, que estava promovendo junto a ONGs locais. O mote era “*Dois reais é pouco, quero meu Museu de Pesca vivo*”, e envolvia ações de pedágio e venda de selos nos semáforos da cidade. Segundo alega, a campanha rendeu apenas cerca de R\$ 10 mil, quantia irrisória para reconstruir o museu e, a partir dos relatos dos estudantes presentes à reunião, levantou-se a hipótese de que o Rotary já imaginava que a arrecadação não seria suficiente.

⁹² Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262e.htm> Acesso em 29/11/202

⁹³ Disponível em <http://www.vivasantos.com.br/museudepesca/pag/01.htm> Acesso em 29/11/202

⁹⁴ Este texto foi construído a partir de pesquisas desenvolvidas pela autora em conjunto com duas estudantes do primeiro semestre da FAUS, Monalisa Stopa de Mello e Luise, no Grupo de Pesquisa Patrimônio e Pertencimento da UNISANTOS, liderado pelo Prof. Dr. Cesar Bargo

Identificou na coleta de rua a intenção de divulgar publicamente o estado lastimável em que o patrimônio se encontrava e, com a visibilidade alcançada na mídia, pressionar o santista Mario Covas, então governador do Estado de São Paulo, a abraçar a causa e tomar as providências cabíveis. Mas este resultado não foi alcançado naquele momento.

Segundo avalia Edgard, o então diretor do Rotary teria adotado de início uma postura muito crítica, questionando como os diretores do museu tinham deixado a edificação chegar àquela situação. Associa o convite do diretor Roberto ao grupo liderado por Natasha à ideia inicial dos gestores ao convocar as ONGs, de reunir um coletivo de entidades em torno do problema: “Como a intenção era ter mais entidades fazendo, penso que o convite foi para dividir um pouco o poder do diretor do Rotary” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322). Nesse momento inicial, Roberto limitou o escopo do projeto solicitado aos estudantes aos móveis do museu: “Até onde eu lembro, ele pediu para elas fazerem um projeto de mobiliário e elas vieram me chamar.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322).



Figura 21 MPS em ruínas. Fonte: Instituto Elos



Figura 22 Reinauguração do MPS. Fonte: Instituto Elos

6.2. Formalização do Grupo Reviver

Em 1995, o grupo já havia realizado algumas pequenas iniciativas, mas ainda não estava formalizado. O fato de os diretores solicitarem um projeto para o Museu de Pesca de Santos em 1996, ainda que inicialmente bem simples, impulsionou o grupo a se organizar perante a universidade e a sociedade, para poder atuar de forma mais efetiva e obter apoio. Entusiasmado com a possibilidade de ver seu sonho realizado, passou a detalhar o projeto e se consolidou formalmente como Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU), nos moldes propostos pela FeNEA (GABRIEL, 2020). Segundo Natasha Gabriel, foi a intenção de resgatar esse patrimônio e devolvê-lo à cidade que determinou o nome do

EMAU: “Chamamos nosso grupo de ‘Reviver’ para trazer vida para esse patrimônio, resgatá-lo a partir das histórias e memórias das pessoas”. (GABRIEL, 2020, p. 289).

Com a solicitação desses primeiros clientes ilustres e a formalização do grupo como EMAU da FeNEA, surge a necessidade de ampliar a participação dos corpos discente e docente da FAUS no projeto: “Convidamos um grupo de estudantes para participar e tivemos clareza de que precisaríamos de apoio técnico.” (GABRIEL, 2020, p. 287). Realizaram então assembleias no auditório da FAUS para expor as características do projeto e abrir o convite dos diretores do museu à comunidade acadêmica. (Cf. GABRIEL, 2020)

Segundo Mariana Gauche, a tendência de os professores atuarem de forma bastante diretiva dentro da universidade levou-os a escolher um ex-aluno e não um docente para liderar o grupo recém-criado. (Cf. GUACHE. 2020). Composto, na sua maioria, por estudantes dos primeiros anos da FAUS, o grupo convidou um estudante mais experiente para lhe dar mais peso e ajudá-lo a conquistar apoio na faculdade: “Nós queríamos poder viver a arquitetura de outra forma, discutir mesmo. Então, tivemos esse cuidado de trazer alguém de fora – o Edgard – que pudesse respeitar esse processo.” (GAUCHE, 2020, p. 288). Por conhecê-lo desde antes da COMORG do ENEA Santos, tinham certeza de que ele não prejudicaria o sonho dos estudantes, de aprender arquitetura de forma mais prática e conectada à realidade (Cf. GAUCHE, 2020).

6.3. Um tutor que “deixa fazer”

Edgard associa o convite para participar do projeto do MPS à sua participação em projetos anteriores com os estudantes: “Penso que foram me chamar por causa do ENEA Santos, porque eu que treinei o grupo quando eles eram muito novinhos e ajudei a coordenar as atividades nas comunidades.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322). Destaca a coragem que demonstraram nas atividades de coordenação direta dos workshops do encontro e atribui a relativa facilidade com que enfrentaram a empreitada à sua inexperiência: “Na verdade, eu já sabia que tinha que ser gente que não sabia o que estava fazendo para dar certo. Como eles eram todos mais novos e não tinham ideia de como era difícil, ficou fácil para eles fazerem.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322).

Edgard fez previamente todo o design do evento, mas dialogava diretamente com sua equipe a cada final de atividade, para avaliar o ocorrido e dar novas diretrizes. Essa forma

horizontal de supervisão tornou os estudantes capazes de fazer o que nem os mais experientes faziam: “Foram eles que coordenaram os workshops., quando todo mundo, mesmo os mais velhos, morria de medo de fazer ações nas comunidades, inclusive os professores.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322). Essa maneira de trabalhar, que se repetiu dois anos depois, praticamente com o mesmo formato, nos workshops do II SeNEMAU, guarda em si um aspecto pedagógico fundamental para a aquisição de autonomia do grupo, destacado por seu mentor: “Esse é um processo de aprendizagem, não de ‘*ensinagem*’. Eu já tinha o design de como fazer a coisa de uma forma que eles mesmos tivessem a resposta.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322). Edgard assim descreve esse processo de aprendizagem: “Não precisavam ser professores, só precisavam dar a ‘missão-gincana’ e ter a resposta. Dá a missão – ‘vai e faz’ –, depois volta para se sentar junto e conversar, e vai adquirindo conhecimento.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322).

Tentando apreender esse processo de aprendizagem a partir da fala de Edgard, intuímos que a experiência e o conhecimento prévios não são pré-requisito para participar. As preexistências desejadas seriam vontade, coragem e propósito de fazer, aliados ao sentido maior que, enquanto humanos, atribuímos às nossas ações. Para coordenar a “*missão gincana*” – ação “gamificada” pelo mentor – não é necessário conhecer “tudo” antes, como os professores tentam fazer para se preparar. Por outro lado, apesar de o mentor em questão não ser professor no estrito sentido do termo, tinha larga experiência em comunicar seus conhecimentos, boa parte deles advindos da ação direta na realidade, além de formação acadêmica generalista (FAUS) e especializada (pós-graduação em jogos interativos).

Edgard fecha sua ideia afirmando: “Muito conhecimento do Elos veio deste lugar, do deixar fazer.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322). Isso implica confiar nos estudantes e lhes proporcionar ocasiões para ensaiar soluções próprias, com autonomia. Significa dar espaço às dúvidas e incertezas que a realidade coloca por si mesma nas experiências vividas, que, por causarem interesse, conflito e surpresa, exigem respostas, soluções.

Também fica claro que isso não significa largá-los sozinhos, sem apoio. Por isso, depois do “vai e faz”, acontece o “volta e conversa”. Mas como seria esta conversa? Pelo que foi descrito pelos entrevistados, uma reunião horizontal e dialogada, com hora para começar e sem hora definida para acabar, em que todos analisam suas ações e os resultados, para

sempre que necessário redirecionar a práxis, antes que os erros se repitam. Simplesmente um diálogo aberto de todos com todos, que explicita os conflitos e favoreça o consenso.

Edgard, que aprendeu bem cedo a aprender por si e para si com autonomia, age como um “mediador”, orientador ativo que, neste vaivém entre a experiência real e a orientação para a etapa seguinte, compartilha saberes estratégicos que favorecem a aprendizagem de todos, inclusive a sua.

6.4. Influência de um mentor indígena

Mas como fazer essa mediação? Em roda, sem pressa, com paciência, treinando a escuta, buscando juntos a solução, fazendo o máximo de conexões e utilizando maior número de recursos possíveis e disponíveis. A isso o grupo chama informalmente de “reunião de índio”. E de onde tiraram isso? Da proximidade com um consultor de origem indígena, Kaká Werá Jacupé⁹⁵, que está em contato com o grupo desde o ENEA Santos.

Natasha Gabriel conta que “a UAV, desde o começo, foi criada cruzando a metodologia que estávamos desenvolvendo no Museu com a *pedagogia indígena*. O Kaká sempre foi um inspirador para nós. Já era parceiro desde o início. No ENEA Santos estava presente e deu palestra.” (GAUCHE, 2020, p. 300). E Mariana completa: “Ele já estava conosco, desde lá de trás, quando já tínhamos esse desejo de cruzar a parte técnica, de processo, de chegada na faculdade, de projetar etc., com a parte de *desenvolvimento pessoal*.” (GAUCHE, 2020, p. 300).

Diante das diversas correntes pedagógicas de desenvolvimento pessoal existentes – de origem indiana, oriental, americana etc. – que já eram difundidas no país havia décadas, o grupo foi escolher uma mais próxima de nossa ancestralidade: “A pedagogia indígena veio para isso, para pensar como você traz esse desenvolvimento, esses ritos de passagem, essas coisas. Kaká veio acomodando, em cada etapa da metodologia [da UAV], este desejo, e segue conosco até hoje.” (GAUCHE, 2020, p. 300). Kaká Werá

⁹⁵ Kaká Werá (São Paulo, SP, 1963). Escritor e empreendedor social. De origem Tapuia, Kaká Werá dedica-se à literatura para difundir a cultura indígena, especialmente Tupi-Guarani. Temas como saberes tradicionais e ancestralidade estão presentes em sua produção e na condução do Instituto Arapoty, de Itapecerica da Serra, pelo qual Kaká forma jovens para serem agentes culturais. Entre suas produções literárias estão *Fabulosas Fábulas de Iauaretê* (1999), recomendado em 2010 pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), *O trovão e o vento* (2016) e *A Águia e o Colibri* (2019). Kaká também escreve peças teatrais como *Morená* (2010) e *O Menino Trovão* (2012)

Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641362/kaka-wera>
Acesso em 28 ago. 2021

Jacupé – indígena do povo tapuia, escritor, ambientalista e conferencista brasileiro que dirige o Instituto Arapoty⁹⁶ – não nasceu em uma aldeia indígena. Viveu sua infância na periferia de São Paulo, para onde seus pais migraram, vindos do interior de Minas Gerais. “Tornar-se indígena” foi uma espécie de decisão pessoal que tomou já adolescente, após a morte de seus pais, e que resultou na sua “adoção” por uma tribo.

Para tomarmos contato com o pensamento de Jacupé, resolvemos investigar um pouco melhor sua abordagem sobre o tema do sonho, que aparece constantemente nas entrevistas com os integrantes do grupo EMAU Reviver. Assistimos diversas videoconferências suas disponíveis na rede sobre o assunto e participamos presencialmente de uma roda de conversa conduzida por ele na 34ª Bienal de São Paulo, em dezembro de 2021.

Segundo Jacupé: “O sonho tem muitos níveis. E um dos níveis possíveis que o sonho pode nos levar é ao nível do ‘não-tempo’ – onde não tenho presente, passado e futuro.” (JACUPÉ, 2020)⁹⁷. Este estado, que pela descrição se inclui entre os estados meditativos, abre segundo ele algumas portas da percepção anunciatórias ou premonitórias. Mas não se trata de oráculo ou adivinhação, apenas de percepção de algo imanifesto na realidade, mas já manifesto no campo: “Nessa dimensão do não-tempo, realmente é possível captar *possibilidades* de situações ou fatos que estão no campo.” (JACUPÉ, 2020). Ao compreender estas informações como virtualidades, isto é, potencialidades que podem ou não se realizar, sinaliza que: “Se a pessoa ou a cultura tem realmente essa compreensão (...) de que a consciência pode atravessar [o campo], por meio do sonho, então ela [a consciência] traz essa informação antes que necessariamente venha a acontecer.” (JACUPÉ, 2020). Ressalta mais adiante: “Isso também não significa dizer que é inevitável.” (JACUPÉ, 2020). Utiliza como exemplo o Apocalipse do Evangelho de João para tornar mais concreto seu discurso, e demonstra o sincretismo presente na sua formação: “João entrou em um estado de percepção dessa dimensão, mas de uma

⁹⁶ Há 20 anos, organização que difunde os valores da cultura indígena através de videoconferências, palestras presenciais e outras mídias. Kaká foi o convidado do Roda Viva de 09/01/2017 <https://www.youtube.com/watch?v=iwU5KNMf014>; Seu especial: Medicina Indígena - Kaká Werá, de 16 de ago. de 2013 conta hoje com 19.850 visualizações https://youtu.be/uK_NzCqvtiU

⁹⁷ Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/> Acesso em 21 abr.2021.

maneira tão ampla que anteviu e captou algo que estava em curso, mas que, na escala do tempo do aqui-agora, levaria milênios para manifestar.” (JACUPÉ, 2020).

Por meio de vivências que desenvolve com grupos, transmite de forma prática esta concepção filosófica de sonho: “Eu costumo fazer a ‘Roda de Sonhos’ em vivências que realizo, seguindo a *ideia de que quem escuta não interpreta, só escuta*”. (JACUPÉ, 2020).

Com base nesta ideia, seria possível, segundo afirma, desobstruir o canal do sonho: “O que acontece é que, quando a pessoa narra o seu sonho, quando ela verbaliza, cria uma possibilidade de compreender o sonho. Quando ela narra, vai contando e, de repente, diz: ‘Ah! estou entendendo tal coisa’, porque desentope esse canal.” (JACUPÉ, 2020).

As pessoas aprendem a tornar o canal do sonho mais consciente e ativo, sem que lhes seja formalmente ensinado – através da vivência da roda, que parece ter um caráter pedagógico. Através delas, Jacupé busca desbloquear esse canal, para que se estabeleçam novas possibilidades de relações entre o campo onírico e a realidade. Ele as recomenda especialmente àqueles que estão mais afastados do mundo natural: “O problema do ser humano, da pessoa mais da cidade, é que esse canal onírico não é exercitado. Então ele não consegue compreender o sonho.” (JACUPÉ, 2020).



Figura 23 Kaká Werá Jacupé no ENEA Santos.
Fonte frame do Vídeo ENEA Santos 1995.



Figura 24 Roda do sonho conduzida por Kaká na praia

Desde o primeiro contato com Kaká, os membros do EMAU Reviver passaram a incluir a *Roda dos Sonhos* em seus programas de imersão para formação de pessoas que desejam atuar na área social, tais como a UAV e o GSA. Também levaram este aprendizado de valorização do sonho para o Instituto Elos, ao denominarem “sonho” um dos sete passos de sua filosofia, base pedagógica das ações sociais do grupo.

ENTREMEIO: Natasha Gabriel fala sobre a metodologia do Grupo Reviver

No início de 1995, quando entrei na FAUS, num belo dia de sol estava lá, na escadaria, quando o Renato Leal e o Rodrigo Alonso me convidaram para participar da comissão organizadora do ENEA Santos. Topei, e assumi a organização das oficinas. Teve aquarela, cartum, produção de bonecos de espuma, construção de forno etc., e foi um sucesso. A gente fez de tudo! Levamos os estudantes nos cortiços, na bacia do mercado, no Dique da Vila Gilda para ver as palafitas, e até pusemos as pranchetas da FAUS num barco para usar numa comunidade de pescadores. Aí, todo esse universo foi me impulsionando, aquela energia que rolou, e quando o encontro acabou, um grupo pós-ENEA passou o segundo semestre de 1995 procurando um lugar para atuar e experimentar montar um grupo de extensão universitária, para dar continuidade àquela experiência. Voltamos a visitar lugares estratégicos trabalhados no ENEA e encontramos o Museu de Pesca, que foi a porta de entrada para isso, a janela que se abriu e nós aproveitamos. Mas isso poderia ter acontecido em outro lugar da cidade, porque tudo que queríamos era a oportunidade de experimentar e aprender arquitetura de outra forma, para além das quatro paredes da faculdade. Desde o encontro ficou muito pulsante em nós essa vontade de projetar para pessoas reais, que moram nas palafitas, nas vilas de pescadores, enfim, não só para quem mora na praia. Queríamos ir além, viver a realidade na sua plenitude e na sua diversidade. No Museu de Pesca vivenciamos o processo metodológico de sair do zero, de um edifício em ruínas, para promover

um processo participativo, e mobilizar recursos para desenvolver um projeto envolvendo toda a sociedade em torno de uma causa. E isso vai além da arquitetura, porque transforma o arquiteto em um mobilizador social.

Se formos resgatar a construção dessa metodologia, o Guerreiros sem Armas é a união de tudo que vivemos nos anos anteriores, na perspectiva e no conceito de *arquitetura do lado de fora*. Reúne a perspectiva da participação social e o propósito de aprender no território à busca de incluir as pessoas no processo de projeção coletiva, para construção de um projeto de arquitetura. Em 1998 levamos o projeto do Museu para a Bienal Nacional e para a Bienal Internacional de Arquitetura, e em vários congressos e encontros, e ele se tornou uma referência.

Por outro lado, já existia o desejo de consolidarmos toda essa experiência metodológica de aprendizado, o que nos levou a criar a Universidade Aberta de Verão, em 2000. Quando surgiu o momento de consolidar a Universidade Aberta de Verão, fizemos uma junção destas experiências que vínhamos acumulando desde o ENEA Santos. No início focamos muito nos estudantes de arquitetura da América Latina, que eram a nossa rede por conta da FeNEA, mas depois a UAV se tornou a consolidação desse processo pedagógico para um público bem mais amplo, porque percebemos que essa metodologia pode servir a qualquer profissional que queira trabalhar com a vida real, com os desafios que temos na nossa vida, na nossa humanidade e no planeta.

6.5. Realização de um sonho coletivo

Em um dos painéis do II SENEMAU, Natasha mostra-se bastante preocupada com a atuação equivocada de alguns professores coordenadores de EMAUs nascentes, que estariam desvirtuando esses Escritórios Modelo, introduzindo paradigmas da universidade formal que não eram compatíveis com os princípios estabelecidos pelos estudantes para os EMAUs da FeNEA. Assim, conclama os grupos ali presentes – que tinham clara visão do cerne político da proposta dos Escritórios Modelo – a reagirem, colocando-se como responsáveis por garantir, em suas universidades, fidelidade ao rumo que pretendiam dar ao movimento. Por isso, os estudantes da FAUS que fundaram o EMAU Reviver optaram, como já vimos, por convidar Edgard Gouveia Júnior para tocar o Projeto do Museu de Pesca de Santos, devido à relação de confiança que estabelecera entre eles na COMORG do ENEA Santos. E, para participar das atividades do grupo, chamaram apenas aqueles mestres de sua total confiança, que já tinham experiência com extensão e lidavam melhor com a cidade, como Paulo Bastos, Mônica Viana e Paulo von Poser, e as duas grandes especialistas na área de patrimônio, Cassia Magaldi e Leila Diégoli.

Mariana sugere que essas propostas expressas para os Escritórios Modelo remetiam também às vivências – nem sempre diretas – que tinham absorvido das paralisações históricas da FAUS: “Queríamos experimentar uma nova forma de arquitetura, era isso que estava impulsionando esse questionamento que já vinha pulsando dentro da FAUS desde as greves, muito antes de eu estar na faculdade, (...) nos impulsionando desde antes mesmo do ENEA Santos.” (GAUCHE, 2020, p. 288). A busca desta arquitetura – por princípio plena, diversa, exploratória e inclusiva, que pretendiam aprender e praticar *do lado de fora* – torna-se “muito mais pulsante” quando Edgard Gouveia Júnior e Ricardo Oliveros retornam à FAUS, três anos depois de formados, para integrar a COMORG do ENEA Santos e dar continuidade às atividades extramuros, com os workshops nas comunidades. Sobre o tema, Natasha reafirma: “Queríamos ir além, vivenciar a realidade na sua plenitude e na sua diversidade, que não é só quem mora na praia, mas quem mora nas palafitas, nas vilas de pescadores, enfim, todas essas possibilidades.” (GABRIEL, 2020, p. 288).

É dessa relação com o movimento estudantil que os precedeu que surge o convite: “Sabíamos da história de trabalhos com grupos que o Edgard tinha desenvolvido, porque tinha também essa preocupação.” (GAUCHE, 2020, p. 288). Embora morasse no Rio e

estivesse prestes a ir estudar na Alemanha, quando o grupo pediu que ele passasse ao menos um tempo em Santos para lhe dar um apoio inicial, Edgard optou por renunciar aos seus estudos no exterior e mergulhou com eles no projeto.

6.6. MPS: quebra de paradigmas e aprendizado pedagógico

Levar as pranchetas para a rua foi uma vitória simbólica, uma ruptura, uma aventura de caráter experimental que materializou a *nova forma de aprendizagem* desejada. Para atingi-la, os estudantes conseguiram realizar o ENEA 1995 em Santos e levaram os workshops para as comunidades, montaram um escritório modelo autônomo – o EMAU Reviver – e se mobilizaram para desenvolver o projeto do Museu de Pesca, onde poderiam exercer plenamente esta nova forma de aprendizado tão sonhada, em que seriam protagonistas.

Muitos dos colaboradores do MPS – inclusive os diretores –, sensibilizados por este anseio, abriram caminho para o grupo. “Se você conversar com o Roberto da Graça Lopes e o Antônio Carlos Simões, que eram [os diretores] do Instituto de Pesca, vai adorar a conversa.” (GABRIEL, 2020, p. 289). Embora Natasha afirme que o processo vivenciado no MPS poderia ter se dado em qualquer outro espaço da cidade de Santos, reconhece que esta dupla de diretores foi muito sensível: “Foram pessoas que nos deram a oportunidade de experimentar, que acreditaram na juventude e compraram a ideia.” (GABRIEL, 2020, p. 289). Mariana ressalta que foi necessário que os diretores se permitissem sonhar para que o grupo conseguisse realizar um projeto coletivo de maior magnitude. Ela classifica essa mudança de postura dos diretores como uma quebra de paradigma: “Os diretores do museu achavam que não podiam sonhar, ousar tanto. Não tinham esse potencial de sonho, queriam só uma reforminha, e nós fomos os estimulando a sonhar mais. Isso quebrou vários preconceitos, como a sensação de não poder ir além, de não poder sonhar.” (GAUCHE, 2020, p. 293).

Para ampliar essa oportunidade e, junto com ela, o escopo do projeto, o Grupo Reviver optou por apresentar à diretoria do MPS um projeto mínimo, um médio e um ousado. Pretendiam assim aumentar a confiança de seus clientes que, inicialmente, demonstraram receio que o projeto não agradasse ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat). Conforme travaram conhecimento com a proposta dos estudantes, que previa engajar a sociedade santista no processo de

revitalização e construir um projeto participativo, os diretores permitiram que a ideia crescesse. Assim, o projeto solicitado em 1995 e inaugurado em 2000 deixou de ser uma simples reforma para se tornar algo muito maior, com a inclusão de novas propostas museológicas. (Cf. GABRIEL, 2020)

6.7. Cassia Magaldi⁹⁸ e Leila Diégoli⁹⁹ apoiam o Reviver

O sucesso do projeto se deve em parte ao acompanhamento das professoras de restauro da FAUS Cássia Magaldi e Leila Diégoli, duas sumidades na área de patrimônio que supriram voluntariamente a inexperiência técnica dos estudantes. Segundo declarou Rodrigo Alonso em palestra no MIS Santos, as professoras iam semanalmente ao museu, às quintas-feiras, orientar os estudantes no “escritório” a céu aberto que mantinham no estacionamento do local. (ALONSO, 2017). O resultado atingido, soma de tantos esforços, acabou por surpreender positivamente os diretores do museu e o técnico do Condephaat: “No dia que estávamos apresentando [o projeto] para os dois diretores, chegou o responsável técnico do Condephaat. (...) Quando fizemos a apresentação, ele estava lá, presente, e viu os três projetos. Ficou realmente surpreso. Adorou. Foi uma coincidência do universo.” (GAUCHE, 2020, p. 289)

Acreditamos que essa coincidência pode ter sido programada pelos diretores do MSP, que possivelmente não comunicaram a visita das presenças ilustres para não intimidar os estudantes. A reação favorável do Condephaat encorajou os diretores a apresentarem o projeto em São Paulo para o diretor do Instituto de Pesca, e a iniciativa foi crescendo: “O estudo preliminar teve a aprovação do Condephaat, passou pelo

⁹⁸ Cássia Regina Carvalho de Magaldi foi corresponsável pela gestão do Curso de Especialização em Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico, no nível Lato Sensu (janeiro 2001-junho 2019), e líder do grupo de pesquisa Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico da Universidade Católica de Santos. Professora responsável por diversas disciplinas sobre patrimônio cultural, restauro e tecnologia da restauração. Especialista em Restauração de Monumentos e Conjuntos Monumentais pela Universidade Complutense de Madrid (1978). Coordenadora do Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico do CAU/SP. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/2345829/cassia-regina-carvalho-de-magaldi>. Acesso em 11 nov.2020

⁹⁹ Leila Regina Diégoli foi presidente do Conselho Municipal de Proteção e Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo, de 2001 a 2003, e professora contratada da Universidade Católica de Santos de 1990 a junho de 2019. No curso de Arquitetura e Urbanismo ministrou aulas nas disciplinas Projeto de Restauro Arquitetônico I e II, foi chefe do Departamento de Teoria da Arquitetura de 1988 a 2002, coordenadora do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos entre 2006 a 2009 e do curso entre 2010 e 2013, além de docente integrante do Conselho de Ensino e Pesquisa entre 2010 a 2013 e coordenadora, em parceria com a professora e doutora Cássia Magaldi, do curso de especialização em Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico desde 1997.

diretor do Instituto de Pesca e, próximo ao período de eleição, o então governador Mário Covas aprovou uma verba para a reforma do museu.” (GABRIEL, 2020, p. 289). Rodrigo Alonso nos relata como o Grupo Reviver conquistou o apoio indispensável das duas especialistas:

A Cássia e a Leila eram nossas professoras de teoria e restauro na arquitetura da FAUS. Elas vinham muitas vezes ao Museu de Pesca porque tinham essa ligação com o patrimônio. Vinham alguns dias de manhã apoiar o projeto do museu. E o interessante é que tinham sido convidadas para participar via laboratório [HabitaFaus], mas sem o apoio da universidade, então não iam receber nada. Então não dava. Mas a hora que a gente falou que estava indo para o museu, montar o escritório lá, e que ia fazer o negócio até o fim, continuava não tendo ninguém para pagar, mas elas davam um jeito, se viravam para ir lá ajudar. Toda quinta-feira de manhã passavam no museu antes de ir dar aula na FAUS. As condições não mudaram, continuávamos sem apoio nenhum, só que agora nossa estratégia de chegar até elas mudou. E por alguma razão, elas de repente podiam estar lá com a gente. (ALONSO, 2017).



Figura 25 As professoras de restauro Cássia Magaldi e Leila Diégoli em roda de conversa com estudantes no Museu de Pesca de Santos (MPS)
Fonte: Instituto Elos



Figura 26 Grupo de estudantes reunido no “escritório” a céu aberto no Museu de Pesca de Santos: [1] André Sant’Ana, [2] Bia Pellegrini e [3] Rodrigo Rubido Alonso
Fonte: Instituto Elos

Natasha Gabriel também comenta a importância da colaboração das duas professoras: “Tivemos o apoio voluntário da Leila e da Cássia, que se disponibilizaram a ir ao museu, e do D.A. Michel Leaders. Estas eram as pessoas que mais apoiaram e que abraçaram a causa mesmo, em relação ao Reviver.” (GABRIEL, 2020, p. 278). Faz menção às dificuldades que o grupo enfrentou por falta de apoio da reitoria na época: “Foi muito

difícil, foi realmente um trabalho de resistência a gente emplacar um projeto destes de extensão universitária, e fazer o que a gente fez sem o apoio da universidade”. (GABRIEL, 2020, p. 278). O projeto mais ousado, que acabou por ser implementado quase na íntegra, conta com quatro alas, mas primeiramente destacamos a ala lúdica, por seu caráter absolutamente inovador para a época, reconhecido pelo investimento da Petrobras.

6.8. Ala lúdica recebe apoio da Petrobras

Da proposta de oficinas com crianças, público mais assíduo do museu, surgiu a ideia da ala lúdica do projeto, inaugurada em 29 de junho de 1998. Esta ala contou com o patrocínio da Petrobras, e foi assim comentada no site Novo Milênio: “Um dos principais projetos do grupo Reviver consistiu na transformação de uma grande área do Museu (mais de 25% de seu espaço de exposições) em espaço de aprendizado destinado basicamente, porém não exclusivamente, às crianças.” (IPS, 2011)

No projeto, os estudantes optaram por descobrir os arcos estruturais em tijolo, situados ao nível do porão do edifício, para integrá-los a este cenário museográfico lúdico, onde os visitantes podem “perceber quanta beleza e minúcias há na complexa e organizada vida sob as águas.” (IPS, 2011). A concepção da ala lúdica, um dos destaques do projeto do MPS, surgiu de lendas que foram resgatadas pelos estudantes. A principal cuidadora do MPS foi uma das pessoas ouvidas:

Fizemos toda uma pesquisa com os funcionários do museu e encontramos a dona Giselda, cuidadora lá, que conhecia todas as lendas do capitão que, supostamente, morava no museu e era um fantasma. Reunimos todos estes aspectos, que achávamos muito ricos, e trouxemos para a museografia também.” (GABRIEL, 2020, p. 292).

Conforme o site Novo Milênio, a ala lúdica compreende três salas (IPS, 2011):

- I. **Sala da Praia:** representação de quatro ecossistemas marinhos do litoral paulista (manguezal, costão rochoso, praia arenosa e fundo do mar) em um cenário que mostra a importância da preservação dos ambientes para o equilíbrio geral;
- II. **Sala do Barco:** sonhos com piratas, noções de navegação, de marinharia, regime de marés e ventos etc. A pesca, o mergulho, o uso do mar e a necessidade de uma convivência harmoniosa e construtiva do homem com o ambiente aquático;

- III. **Quarto do Capitão:** atração com base na figura lúdica de um antigo capitão, que, segundo a lenda, hoje seria um fantasma que protege o museu.



Figura 27 Vista geral da Sala do Barco na ala lúdica do MPS, projetada pelo EMAU Reviver. Disponível <https://www.turismosantos.com.br/?q=pt-br/node/1591> Acesso 21 jan. 2021.



Figura 28 Quarto do Capitão, na ala lúdica do MPS, projetada pelo EMAU Reviver. Disponível <https://www.turismosantos.com.br/?q=pt-br/node/1591> Acesso 21 jan. 2021.



Figura 29 Diorama do MPS, projetado pelo Grupo Reviver. Participação dos pesquisadores do IPS. Disponível em <https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca> Acesso 21 jan. 2021.



Figura 30 Criança na Ala Lúdica. Disponível em <https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/> Acesso em 18 set. 2021,

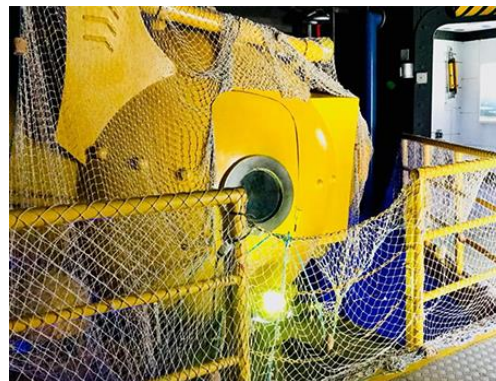


Figura 31 Ala lúdica do Museu de Pesca de Santos . Disponível em <https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/> Acesso em 18 set. 2021,

6.9. Cocriação de projetos com a sociedade

Favorecidos pela experiência dos diretores do Instituto de Pesca Roberto e Antônio Carlos – que se interessavam por educação ambiental ampliação de público – e auxiliados por Edgard Gouveia Júnior, os estudantes foram ampliando o projeto e integrando diversos aspectos: [1] diversidade de públicos, prevendo inclusão de pessoas com deficiências e adequação ao público infantil; [2] participação das comunidades tradicionais; [3] resgate do patrimônio histórico; [4] resgate da memória do museu por meio de relatos orais.



Figura 32 Utensílios de origem indígena utilizados pelas comunidades caiçaras santistas até o século passado, doados para o acervo do MPS. Disponível em <https://www.juicysantos.com.br/viagens/10-motivos-para-visitar-o-museu-de-pesca/> Acesso em 18 set. 2021,

Como os pescadores tinham um vínculo forte com o MPS, o grupo programou encontros nas comunidades caiçaras. Nelas foi possível resgatar, a partir do relato oral dos moradores mais antigos, fragmentos da memória do edifício, que eles tinham visitado quando crianças e onde agora levavam seus netos. Pelos relatos, notou-se que o museu, além de patrimônio histórico, era um patrimônio afetivo, e que as comunidades caiçaras eram as principais doadoras de seu acervo, o que exigiu uma pesquisa específica sobre a importância dele para quem o vivenciou.

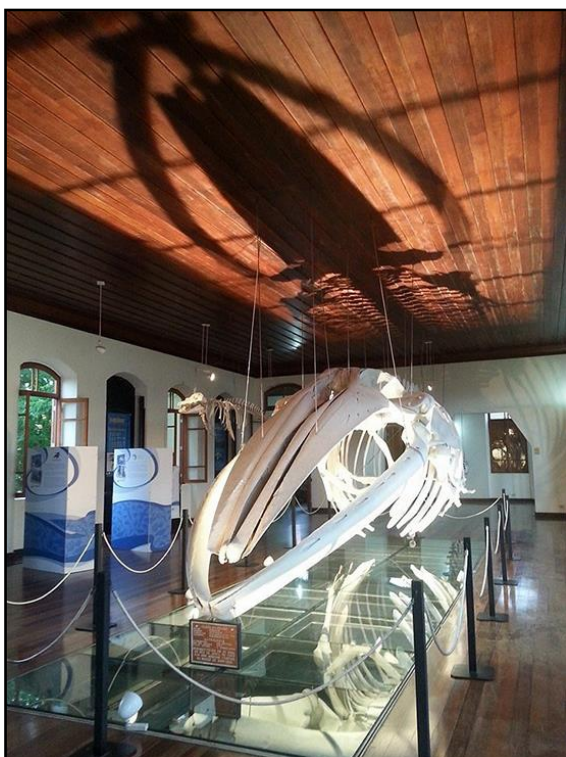


Figura 33: Esqueleto da baleia no MPS.

<https://www.queroviajarmais.com/pontos-turisticos-de-santos>. Acesso em 13 mar. 2020.

Figura 34: Esqueleto da baleia, visto do caixilho de vidro projetado pelo grupo Reviver MPS. Disponível em

<https://www.queroviajarmais.com/pontos-turisticos-de-santos>. Acesso em 13 mar. 2020.



“Quando estávamos correndo com o projeto, o governo autorizou e executou este piso sem o vidro previsto em projeto. Pensamos que seria muito difícil fazer com que o Estado, justo ele que não queria inicialmente investir nada, refizesse o que já estava feito, tendo trabalho dobrado. Parecia impossível, mas a gente foi que foi, e insistiu até abrirem o piso conforme o projeto. Isso foi uma quebra de paradigma. (GAUCHE, 2020, p. 293)

Para democratizar o acesso e ampliar o público, surgiu a proposta de acessibilidade universal e criou-se um espaço onde pessoas com deficiências visuais podem não só transitar, mas também “viajar na história do museu”. (CF GABRIEL, 2020).

Para projetar o “Museu Antigo” e dar caráter fidedigno a esta ala, estudaram fotos da museografia do edifício antes de este ser fechado¹⁰⁰, e mais uma vez escutaram a população de usuários: “Para além do que era exatamente correto, as pessoas se lembravam das luminárias, do piso de madeira etc., e trouxemos este resgate.” (GABRIEL, 2020, p. 290). Optaram por manter as luminárias originais e o mobiliário, que foi restaurado em parceria com o SENAI.



Figura 35: Sala do museu antigo, que mantém as características museográficas anteriores, restaurada com o auxílio de memória oral de visitantes e apoio técnico do SENAI.

Fonte: <https://www.cidadecultura.com/museu-do-instituto-de-pesca-em-santos/santos-cultura-museu-de-pesca-sala-dos-tubaroes-ft-monica-doll-costa-bx/> Acesso em 13 mar. 2020.

No processo, o grupo foi engajando diferentes agentes da sociedade santista para concretizar a premissa inicial de construir um projeto participativo, e cada segmento enriqueceu-o com o seu saber: “Os pesquisadores entraram com todo o seu conhecimento na área de biologia; as comunidades tradicionais, com toda a sua história, trazendo ainda alguns objetos.” (GABRIEL, 2020, p. 291)¹⁰¹. Paralelamente, procederam

¹⁰⁰ O MPS fica na Avenida Bartolomeu de Gusmão, 192, Ponta da Praia. Ficou interdito de 5 de fevereiro de 1987 (...) até 1998, quando reabriu após a recuperação do prédio e do acervo. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262a.htm> Acesso em 23 mar. 2020.

¹⁰¹ Inclusive, uma das doações para o museu foi uma rede de algodão feita pelos moradores da Praia do Góes. Feita como se fazia antigamente – com os chumbos de barro e a tintura do jacatirão, que gerou todo um processo de resgate deles, que foi muito legal. [GABRIEL, p13, 2020]

um resgate tanto do acervo do MPS quanto de imagens dele no Arquivo Memória.”¹⁰² Houve também participação de outras comunidades acadêmicas santistas, com experiências anteriores em atividades extramuros: “Também envolvemos diferentes grupos de universitários: o pessoal da arquitetura da FAUS e o da engenharia da Universidade Santa Cecília, junto com o engenheiro professor Pedro Marcão, que é professor da faculdade”. (GABRIEL, 2020, p. 291)

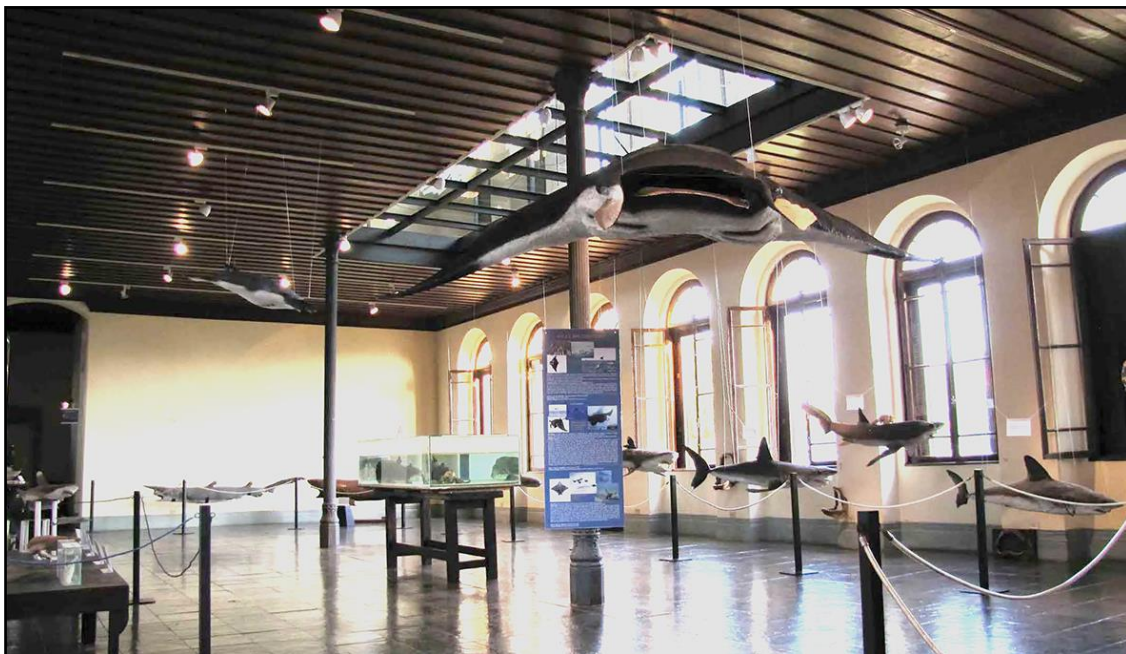


Figura 36 Museu de Pesca de Santos. Ala de exposições temporárias no térreo, coleção de tubarões. <https://www.cidadeecultura.com/museu-do-instituto-de-pesca-em-santos/santos-cultura-museu-de-pesca-sala-dos-tubaroes-ft-monica-doll-costa-bx/> Acesso em 13 mar. 2020.

O diorama – espécie de maquete hiper-realista dos ecossistemas marinhos santistas – surgiu das oficinas realizadas com os pesquisadores do IPS, localizado nos blocos anexos ao edifício central do museu, e para executá-lo foi chamado um especialista da TV Cultura em produções 3D, conhecido por ter criado, entre outros, o cenário do programa Castelo Rá Tim Bum: “Trouxemos também, quando fomos pensar a ala lúdica das crianças, um grande cenógrafo, o Silvio Galvão.” (GABRIEL, 2020, p. 291). Galvão¹⁰³ recebeu do grupo a proposta

¹⁰² A Fundação Arquivo e Memória de Santos é uma instituição que trabalha no gerenciamento dos arquivos públicos da Prefeitura de Santos e com a memória documental e iconográfica da cidade, garantindo a salvaguarda, a preservação e a disseminação desse patrimônio. Disponível em <http://www.fundasantos.org.br/page.php?203>. Acesso em 24 mar. 2020.

¹⁰³ Silvio Galvão é um cenógrafo experiente, que realizou diversos trabalhos e montagens de modelos museológicos: o Presépio Napolitano, no Museu de Arte Sacra de São Paulo; o Ecossistema Marinho com 490 modelos realistas, no Museu de Pesca de Santos; e a “A Lavagem do Ouro do Século XV”, no Museu da Moeda, da Fundação Itaú. Disponível em <http://www.ciflorestas.com.br/conteudo.php?id=9286> Acesso em 14 dez.2020.

de não colocar a mão em nada, e apenas preparar uma equipe de pessoas da cidade para fazer o diorama, sob a orientação dos biólogos: “Fizemos um AFETO ¹⁰⁴ com os pesquisadores para entender o que eles gostariam de ver naquele museu, o que seria interessante. E como ali cada um é especialista em um animal, em um ecossistema, era muito interessante conhecer também um pouco deste mundo da biologia.” (GABRIEL, 2020, p. 290).

A ideia dos estudantes era que, quanto mais a população participasse, mais cuidaria depois. Em seleção pública por aptidão, foram escolhidas sessenta pessoas, que Galvão formou e acompanhou no trabalho de execução do cenário, exposto sob um vidro, no piso da Sala da Praia. Ao combinar conhecimento científico, trabalho técnico apurado e caráter lúdico, o resultado superou as expectativas. No trabalho, o cenógrafo, os biólogos, os estudantes e colaboradores agiram de forma integrada, o que enriqueceu o processo de aprendizado dos envolvidos.

6.10. Diorama do MPS como exemplo de projeto participativo

Os biólogos do Instituto de Pesca tiveram participação importante na pesquisa dos quatro ecossistemas marinhos da região – o mangue, o costão rochoso, a praia e o fundo do mar – representados neste cenário 3D (Cf. GABRIEL, 2020), que, pelo grau de excelência alcançado, tornou-se peça-chave do museu, preferida pelo público. Como foi sugerido que Galvão ensinasse como executar as peças, o Reviver organizou um workshop de formação no SESC, para a população santista aprender a fazê-las.

Segundo Natasha, esta representação escultórica detalhada exigiu um tempo de pesquisa, para que os envolvidos fossem mergulhar e conhecer o costão. Depois, exigiu uma fase de construção de protótipos, quando foram ensaiadas com acompanhamento e aprovação dos biólogos as relações biológicas aprendidas *in loco*. Após a instalação sob o piso de vidro, criado especialmente para abrigá-lo, “o resultado foi tão real, tão fidedigno à realidade do ecossistema, que muitos biólogos vão lá, até hoje, e usam o diorama para dar aula.” (GABRIEL, 2020, p. 292)

¹⁰⁴ Termo que nomeia uma das etapas da metodologia de abordagem de projetos coletivos do Instituto Elos, advinda da experiência do grupo Reviver.



Figura 37 Pannel de vidro no piso do MPS *Concebido pelos estudantes para abrigar o diorama*



Figura 38 Peça do diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do IPS e estudantes



Figura 39 Peça do diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do IPS e estudantes



Figura 40 Peça do diorama do MPS. Diorama do MPS, concebido por Silvio Galvão, com pesquisadores do IPS e estudantes

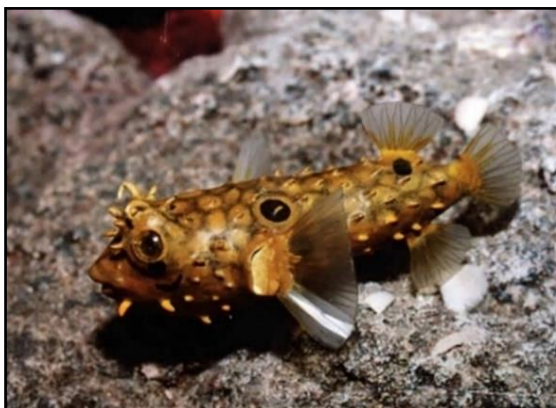


Figura 41 Peça do diorama do MPS. *Concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do Instituto de Pesca e estudantes*



Figura 42 Peça do diorama do MP, concebido por Silvio Galvão, com participação de pesquisadores do IPS e estudantes

Fonte das seis imagens acima: Site oficial do cenógrafo Silvio Galvão. Disponível <http://www.silviogalvao.com>. Acesso em 20 mar. 2020.

Pelo fato de o MSP não estar vinculado à Secretaria da Cultura, local que considera mais apropriado para o desenvolvimento do museu, Mariana demonstrou certa preocupação com o futuro do local: “A manutenção do MPS não é o que a gente sonha e o museu

continua fazendo parte da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, ou seja, não tem ninguém ligado diretamente à área de cultura na equipe.” (GAUCHE, 2020, p. 293). Ao fazer um balanço da participação do grupo no projeto, lembrou com certo pesar que todo o estudo de paisagismo não foi executado, o que ocorreu, segundo Natasha, “principalmente por falta de recurso.” (GABRIEL, 2020, p. 293).

Mariana esclareceu que, apesar de exitosa, a experiência de desenvolver esse projeto público de grande porte e complexidade trouxe algumas frustrações aos estudantes: “Foi pedra bem bruta que tivemos que lapidar. Tem coisas que ainda ficaram para uma próxima leva [risos], mas nos sentimos bem orgulhosos.” (GAUCHE, 2020, p. 293).

6.11. Grupo Reviver, fibra em todos os papéis

O grupo é unânime em afirmar que Edgard era seu membro mais visionário. Dava sempre a visão mais ampla da questão a ser enfrentada e os incentivava a criar soluções corajosas e criativas para problemas complexos. Aliás, esta era uma habilidade que Edgard sabia que tinha: “A minha contribuição específica, tanto para o Reviver quanto para a FeNEA, foi este olhar mais criativo – porque criativo todo mundo é – mais utópico, ‘fora da caixa’, que era entender que arquitetura podia ser muito mais.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 314). Ele mesmo se reconhece, através do grupo, como utópico e visionário: “Se você coloca todo mundo junto, um falando do outro, sempre o visionário era eu mesmo.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 343).

Acredita que os integrantes tinham perfis diferentes, que fortaleciam o grupo, e atribui a Natasha e a Mariana, desde o Museu de Pesca, uma preocupação permanente com a logística: “Sempre segurando, dando um passo atrás e segurando, se preocupando com a conta de luz, se vai ter papel no próximo encontro.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 343). Vê em Rodrigo uma habilidade conceitual extremamente útil para traduzir e explicar as coisas mais espaciais: “O Rodrigo gosta do conceito, das palavras. Ele é muito bom de conceito.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 343). Edgard se coloca na posição de comunicador eloquente e carismático, mas atribui a palavra final, avaliativa da performance do grupo, a Rodrigo: “Eu explico também, e as pessoas vão na minha, ficam sonhando na minha palestra. Mas depois que acabava, nós íamos perguntar para o Rodrigo: ‘O que foi que aconteceu?’ E era ele que parava e explicava.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 343). Edgard

ressalta que, apesar dos papéis que assumiam por necessidade do grupo, todos tinham habilidades tanto conceituais quanto práticas:

E o Alexandre já tem as duas coisas. Ele cuida da casa, não quer ficar parado no conceito. A Natasha gosta de escrever para passar para os outros, da metodologia. Já a Mariana gosta de tudo muito bem estruturado, com base, e o Alexandre bota fogo nisso. (...). Ele, por exemplo, pegou tudo isso e levou para os SENEMAUS. (...) Família, família, família. Nós fomos todos muito próximos... (GOUVEIA Jr, 2020, p. 343)



Figura 43: Primeira geração de integrantes do Grupo Reviver, quando estudantes.

Da esquerda para a direita: Edgard Gouveia Júnior [mentor], Rodrigo Alonso, Mariana Gauche, Natasha Gabriel, Alexandre Esteves e Renato Leal. Fonte: Vídeo do II SeNEMAU

ENTREMEIO: Mariana Gauche e a Universidade Aberta de Verão

Então, começamos a receber toda essa gente que vinha para cá e, num dado momento, em 1998, um grupo que estava fazendo uma reunião da COLEA aqui em Santos (ou era em São Paulo?) concretizou um pouco mais o pedido e trouxe a ideia da Universidade Aberta de Verão [UAV]. Primeiro passaram por várias ideias, inclusive a de criar uma universidade com esses conceitos. Mas dessas reflexões surgiu, depois, a ideia de fazer um curso, um programa em que mais gente pudesse viver essa experiência conosco.

E foi com esse estímulo que a gente formatou toda a UAV. Foi muito importante para nós, para o Elos, porque também nos estimulou a sistematizar essa experiência em um processo metodológico que, antes, a gente estava vivendo, mas só aí fomos sistematizar. Em janeiro de 1999 fizemos o primeiro programa, a primeira UAV.

Nesse curso juntamos duas coisas: essa demanda que recebemos, esse desejo vindo dos estudantes, com aquelas visitas nas comunidades caiçaras de norte a sul do Estado de São Paulo, quando fomos vendo que ali existia um potencial – um enorme talento – e que a maioria delas era economicamente supercomplicada.

Sempre questionávamos: o que seria se a gente levasse esse processo para dentro de uma área pobre, para uma comunidade tradicional? Existia o desejo de terminar esse ciclo do museu e ir para uma comunidade. Então, juntamos estas duas coisas – a demanda dos estudantes e o nosso questionamento – e montamos o primeiro programa a partir desses dois desejos: levar todo esse processo para uma área afastada e não luxuosa da cidade e viver uma experiência de formação com estes outros estudantes, para que pudessem replicar a metodologia nos seus

lugares de origem. Foi assim que resolvemos levar esses jovens da UAV para dentro de comunidades tradicionais já conhecidas.

No primeiro ano, trabalhamos na Praia do Góes, na Ilha Diana e no Dique da Vila Gilda, uma comunidade que também tinha pesca. Fizemos uma proposta para saber se eles aceitavam participar dessa experiência, e foi fundamental, porque começamos essa conversa com as comunidades sabendo que estávamos experimentando. Nos sentíamos bastante confortáveis em fazer a parte dos estudantes, até porque já tínhamos bastante experiência dos encontros de arquitetura, dos workshops, e do que nós estávamos vivendo dentro do MPS, mas não sabíamos, de fato, o que isso ia impactar naquelas comunidades.

Todas toparam super de braços abertos e foi incrível! Quando terminou o processo, teve um mega impacto do lado dos jovens, onde já era esperando ser bem-sucedido, mas teve também um impacto grande do lado das comunidades. As três quiseram desdobrar e tiveram continuidade. E nós falamos: “Poxa, a gente quer fazer isto!”

Nos preparamos aquele ano para dar continuidade naquelas comunidades e organizar o próximo programa, que ocorreu em 2000. Como todos já eram arquitetos, pensamos em criar uma estrutura jurídica para fazer isso e fundamos o Elos, também em 2000, justamente para dar base e consolidar as ações nessas comunidades.

Mas, ao mesmo tempo, estávamos na fase de pós-formados, pensando também em como sobreviver. A ideia do escritório surgiu porque não sabíamos muito bem como nos viabilizar economicamente e existia uma questão bem grande aí. Se hoje terceiro setor é difícil, há 20 anos atrás era difícil ao cubo! (GAUCHE, 2020)

7. A UNIVERSIDADE ABERTA DE VERÃO [2000]

Durante as férias longas de verão, estudantes de outras universidades brasileiras e da América Latina – que mantinham contato com o Grupo Reviver por meio dos Encontros Nacionais da FeNEA e dos Encontros Latino-americanos – visitavam Santos para conhecer o projeto do Museu de Pesca da cidade. O projeto ganhou visibilidade nos meios estudantis com a militância do Grupo Reviver nos SeNEMAUs e sua atuação em cargos de liderança na FeNEA. Isso levou colegas de outros escritórios modelo a sugerirem que o grupo organizasse um curso preparatório *in loco*, para repassar a experiência metodológica desenvolvida no museu aos estudantes interessados em atuar na área social.

A solicitação se deveu a uma certa urgência dos estudantes que estavam criando seus escritórios modelo, de buscar informação que pudesse estruturá-los, funcional e pedagogicamente, para desenvolver trabalhos de extensão: “Então, (...) em 1998, um grupo que estava fazendo uma reunião da COLEA¹⁰⁵ aqui em Santos/São Paulo concretizou um pouco mais o pedido e trouxe a ideia da UAV.” (GAUCHE, 2020, p. 294). Mariana relata: “Quando, nos encontros da FeNEA, mostramos o que a gente estava fazendo aqui, que era uma experiência prática, surgiu um desejo muito grande nas pessoas de lá, que vinham desde Maceió até o Rio Grande do Sul, de levar isso para as suas universidades.” (GAUCHE, 2020, p. 293).

7.1. Criação da Universidade Aberta de Verão

Para responder a essa solicitação dos colegas do movimento estudantil, em 1999 foi criada a *Universidade Aberta de Verão: Escola de Guerreiros Sem Armas* [UAV]. A primeira edição ocorreu de 9/01 a 09/02 de 2000, e desde o início a iniciativa já contemplou, além de preparação teórica, práticas de interação com a cidade de Santos.

Mariana salienta de forma sucinta a importância de organizar o curso, que carrega em si um conceito bastante amplo: “Foi muito importante para nós (...) porque também nos

¹⁰⁵ Conselho Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo. Entidade formada pelas organizações estudantis de arquitetura da Argentina - representada pela CONEA Argentina, do Chile - representado pela CONEA Chile, do Paraguai - representado pela UPEA, do Peru - representado pela FeNEA Peru, e do Uruguai - representado pelo CEDA. Originalmente, o Brasil também fazia parte da COLEA, tendo a entidade nacional, a FeNEA, sido uma de suas fundadoras. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Encontro_LatinoAmericano_de_Estudantes_de_Arquitetura#O_ELEA_da_CLEA. Acesso em 25 mar. 2020.

estimulou a sistematizar essa experiência em um processo metodológico que, antes, a gente estava vivendo, mas só aí fomos sistematizar.” (GAUCHE, 2020, p. 294). Há indícios de que a prática de participar de discussões pedagógicas nos órgãos que legislam sobre o assunto, proveniente dos cargos de decisão ocupados por integrantes do grupo na FeNEA, colaborou positivamente com este esforço de sistematização. Outra colaboração identificada, provavelmente influência de Kaká Jacupé, foi a capacidade de acreditar na realização de um sonho.

“Eu acho que o central mesmo foi o sonho. Quando teve aquele convite, lá atrás, de um encontro aqui em Santos, o primeiro passo era: ‘Vamos formar uma universidade que seja esse sonho que a gente está sonhando’”. (GAUCHE, 2020, p. 299). Mariana relembra que em 1995, quando a FAUS apresentou o projeto *Arquitetura do lado de fora* e trouxe o ENEA para Santos, os estudantes da FAUS já se questionavam: “Como a gente pode criar uma universidade onde as pessoas não sejam mais formadas tão fora da realidade quanto são hoje? Que seja um projeto de aprendizagem a partir da proposta de contemplar a prática?” (GAUCHE, 2020, p. 299).

7.2. UAV como universidade paralela

Mariana relembra que, enquanto estudantes envolvidos nos processos universitários e no movimento estudantil, os membros do Grupo Reviver tinham conhecimento prático sobre a formalização legal dos cursos: “Éramos muito ativos no movimento estudantil, participando dos órgãos que legislavam sobre universidades.” (GAUCHE, 2020, p. 299). Essa experiência deu a eles uma visão crítica sobre o processo, que os estudantes em geral não têm, e que os levou a pensar em uma universidade paralela: “Vamos criar uma universidade aberta, que seja paralela à formalidade de uma universidade.” (GAUCHE, 2020, p. 299).

O nome Universidade *Aberta* de Verão denota uma postura crítica em relação ao modelo universitário do MEC, fechado em si, baseado em grades curriculares rígidas e afastado da prática e da sociedade, que eles vivenciavam enquanto estudantes: “A UAV vinha dessa crítica: vamos fazer uma universidade que seja do jeito que a gente acredita”. (GAUCHE, 2020, p. 299). Era também o esboço de um projeto utópico de universidade, a busca de construir algo que pudesse dar resposta ao questionamento:

“Como se cria uma universidade com tudo que a gente acredita?” (GAUCHE, 2020, p. 299).

Natasha Gabriel rememora que, “enquanto estudantes de arquitetura na FAU Santos, durante todo o curso, nós participamos de vários processos de rediscussão do Plano Político Pedagógico da escola, inclusive com o professor Paulo Bastos¹⁰⁶, que foi meu orientador no Trabalho de Conclusão de Curso.” (GABRIEL, 2020, p. 301). Nessas discussões, quase sempre associadas a paralisações da FAUS, Natasha pode participar ativamente da reestruturação do curso, e desenvolveu uma postura crítica em relação a essa vivência: “Nem todas as milhares de discussões sobre o Plano Político Pedagógico que a gente sonhava para aquela faculdade¹⁰⁷ – e ainda sonha até hoje – foram viáveis.” (GABRIEL, 2020, p. 302).

Escolheu Bastos para orientá-la no TCC da FAUS, desenvolvido junto à população caiçara da praia do Góes, por dois motivos: “Ele foi um professor que abraçou muito a causa, e trazia a discussão de como, dentro do espaço universitário, nessa universidade¹⁰⁸, poderíamos atender as demandas da vida e do nosso planeta, mas não com a gente lá, dentro da sala de aula o tempo todo.” (GABRIEL, 2020, p. 302).

Ao mesmo tempo que o histórico de crises e paralisações longas da FAUS politiza os estudantes, o que consideramos positivo, gera frustração e desgaste, pois as mudanças são sempre restritas se comparadas aos esforços empenhados: “Então chega um momento em que você se cansa de ficar dando murro em pedra, e abrimos um espaço paralelo para a construção desse plano de ensino, desse processo de aprendizagem, que foi o Museu de Pesca.” (GABRIEL, 2020, p. 302). A UAV surgiu em decorrência dessa frustração, que levou os estudantes a buscarem soluções próprias para alcançar seus objetivos, movidos pela consciência de que poderiam ser protagonistas de sua formação acadêmica, apesar das dificuldades de promover mudanças: “E a própria Universidade Aberta de Verão vem para

¹⁰⁶ Formado na FAUUSP em 1960, Paulo Bastos foi professor da FAU Santos e da FAU Mackenzie. No início da carreira, construiu o Clube Paineiras do Morumbi e o Comando Militar do Sudeste, no Ibirapuera, em São Paulo. Foi primeiro lugar em muitos concursos de arquitetura e teve projetos premiados em bienais e exposições nacionais e internacionais. Foi presidente do CONDEPHAAT em 1987, quando passou a dar mais ênfase a projetos urbanísticos e patrimoniais, atuando em urbanizações, restauros e revitalizações. Participou da Operação Urbana Consorciada Água Espraiada, em São Paulo.

¹⁰⁷ A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNISANTOS, a FAUS.

¹⁰⁸ A Universidade Católica de Santos

responder a isto – muito mais no âmbito nacional e latino-americano – de criar esse espaço aberto de aprendizagem, onde o aluno é protagonista.” (GABRIEL, 2020, p. 302). Como se vê, a UAV, na prática, era tida pelos estudantes como uma universidade paralela à FAUS e na qual eles protagonizavam todo o processo e tomavam a frente nas decisões.

A autonomia e o protagonismo coletivo dos estudantes estavam a serviço de dois propósitos principais inter-relacionados: [1] reunir teoria e prática; e [2] atender populações excluídas do mercado de atuação da profissão. Cientes de que estes objetivos não eram prioritários na sua educação formal, propuseram-se a descobrir como fazê-lo, e foram encontrando, no caminho trilhado, parâmetros para enfrentar os seguintes desafios reais: [1] escolher uma área para trabalhar, no caso o MPS; [2] identificar as demandas de projeto da sociedade para essa área; [3] escolher em parceria com a comunidade um conjunto coerente de demandas para desenvolver; [4] buscar referências para a concepção e informações técnicas para execução do projeto; [5] sistematizá-las; [6] captar e gerenciar recursos humanos (parceiros, equipe técnica), materiais e financeiros para viabilizá-lo; [7] executá-lo e entregá-lo à comunidade.

Depois de percorrer todo este caminho, sistematizaram a experiência de projeto concreta do MPS na metodologia da Universidade Aberta de Verão, na qual conectaram de forma complexa conhecimentos sobre pesquisa, extensão, construção de redes relacionais, desenho de eventos, estruturação legal de cursos etc., que foram capazes de assimilar, transformar e divulgar durante os cinco anos em que estiverem envolvidos no processo.

7.3. UAV exige sistematização metodológica

A capacidade de criar uma metodologia e propor atividades de ação social e extensão para a comunidade estudantil da FAUS e de outras escolas reforçou nos integrantes do Grupo Reviver a coragem de exigir um ensino mais participativo, que os estimulasse a construir conhecimento de forma dialógica com seus pares e professores: “[O estudante] está protagonizando o ensino dele junto com o professor, junto com quem sabe. A gente sabe, a gente ensina, a gente aprende, muito nessa visão dialógica de construção do conhecimento.” (GABRIEL, 2020, p. 302). A capacidade de projetar com autonomia um museu pertencente a um órgão público, envolver no processo o apoio de profissionais e professores de gabarito e atrair verbas para sua realização torna todos os estudantes envolvidos mais cientes de que “[O estudante] também tem conhecimentos para contribuir

com o aprendizado, que ele não está ali só para receber informação, receber, receber... Ele é o protagonista também, ele faz parte!” (GABRIEL, 2020, p. 302).



Figura 44 Frente [cor] e verso do cartaz de divulgação da Universidade Aberta de Verão.

Fonte: Diretório Acadêmico Michael Leaders, da FAUS.

O protagonismo estudantil¹⁰⁹ e a vontade de fortalecer a formação acadêmica com maior liberdade de escolha, maior autonomia de ação e mais atividades voltadas para extensão deram caráter emblemático ao projeto do MPS. O modelo rapidamente se difundiu nos SeNEMAUs. Tornou-se referência nacional para os demais escritórios modelo da FeNEA, e atraiu para a Universidade Aberta de Verão estudantes que se encontravam no processo de formação de EMAUs em suas universidades, frequentadores dos encontros da federação. Esse grupo ampliado teve influência significativa, por sua proatividade, em parte da comunidade acadêmica ligada a atividades de extensão. Edgard assim comenta um dos fatores responsáveis pela força dessa influência: “Como a gente tinha muitos estudantes na FeNEA, o Rodrigo Alonso como presidente, o Renato Leal como vice e o Alexandre Esteves como diretor regional, eles faziam juntos. Então era uma forma de levar

¹⁰⁹ Reginaldo Ronconi, que fez parte quando estudante do LAB HAB da Belas Artes, estudou depois na FAUS e foi coordenador do Canteiro Experimental da FAUUSP por décadas, trata do assunto com profundidade em entrevista concedida à autora, disponível nos apêndices.

uma cultura forte”. Relata ainda que era chamado também para fazer coordenação: “Nesses encontros e nos SeNEMAUs, iam a Natasha e a Mariana, e nós coordenávamos um monte de workshops.”

Nas entrevistas e na documentação levantada, há indícios de que o EMAU Reviver teve permanência e atuação significativas no campo da extensão universitária devido a três fatores inter-relacionados: [1] A presença de Edgard Gouveia Júnior, jovem profissional experiente e engajado em ações sociais junto a comunidades, que concebeu um projeto de educação não formal e o implementou durante o processo de revitalização do Museu de Pesca de Santos, junto com o grupo, durante sua formalização; [2] A participação de três estudantes do EMAU Reviver da FAUS – Rodrigo Alonso, Alexandre Esteves e Renato Leal – em cargos de diretoria na FeNEA¹¹⁰ no período de consolidação dos EMAUs, que deu visibilidade à experiência metodológica desenvolvida no MPS a partir de workshops ministrados pelo grupo nos encontros da federação, consolidando-a e sistematizando-a para que se tornasse referência para os demais EMAUs; [3] A participação paralela de Mariana Gauche e Natasha Gabriel na liderança do EMAU Reviver e na diretoria do D. A. FAUS, que divulgou os EMAUs da FeNEA entre os estudantes da FAUS e os conectou, na prática, as ações de extensão do grupo no MPS.

Concluimos que a combinação destes três fatores principais, conectados entre si e a outros de menor importância, fortaleceu a atuação coordenada e coletiva inicial de seus membros na escala local – o MPS da cidade de Santos – e nacional, por meio dos ENEAs e SeNEMAUs, a ponto de atingir certa repercussão internacional entre os estudantes dos encontros latino-americanos. Nas edições consecutivas da Universidade Aberta de Verão, a metodologia de ação social embrionária criada pelo EMAU Reviver para o MSP atingiu certa sistematização e maturidade, mas o reconhecimento internacional só veio após ser amplamente aplicada e aprimorada por duas décadas no curso de imersão Guerreiros Sem Armas (GSA), e fortalecida pelos sete passos da filosofia Elos, que apresentaremos a seguir.

¹¹⁰ Alexandre Esteves atuou como diretor da regional São Paulo na gestão 1997/98 e diretor de relações exteriores na gestão 1998/1999.

8. SEMINÁRIOS NACIONAIS DOS ESCRITÓRIOS MODELO - SeNEMAUs

8.1. Segunda geração de estudantes

Não podemos esquecer que a história dos EMAUs começou quase dez anos antes da dos SeNEMAUs. Alexandre Esteves, que participou do EMAU Reviver desde sua fundação até quando se formou, em 1994, afirma que a partir do momento em que a experiência dos Escritórios Modelo se propagou, com ajuda do Projeto Caravanas, os EMAUs assumiram diversas formas pelo Brasil e o Programa de Orientação aos Escritórios de Arquitetura e Urbanismo (POEMA) se tornou obsoleto. Por ser estático, não servia mais para orientar os EMAUs, pois teria que ser atualizado permanentemente.

Os estudantes criaram os SeNEMAUs em 1997, e a troca de experiências diretas entre os membros dos EMAUs – que orientava efetivamente o projeto de novos escritórios modelo e reorganizava os já existentes – passou a ser documentada em atas e vídeos destes seminários anuais. Segundo afirma:

O POEMA é o projeto dos EMAUs em forma de lagarta, que se transformou no SENEMAU, e se pulverizou na troca direta de experiências, onde cada escritório modelo mostrava sua forma de trabalho. [...] Acho que, depois da criação dos seminários, não se mexeu mais no POEMA. Só se aconteceu depois de mim. (ESTEVES, 2019).

De acordo com a FeNEA, o projeto de orientação dos EMAUs parou de ser reescrito/alterado cerca de nove anos após o primeiro SENEMAU: “A última versão revisada é da gestão 2005/06, e a Carta de Definição é a que foi aprovada na plenária final do ENEA Florianópolis, em 2007” (FeNEA, s/d, s/p). A partir dos depoimentos, concluímos que, apesar de o documento continuar a apresentar os princípios fundamentais dos EMAUs, os escritórios passaram a discutir o método, resolver o que e como fazer e trocar experiências bem-sucedidas diretamente nos SeNEMAUs. Assim, a necessidade de atualizar o POEMA foi diminuindo.

8.2. Documentação dos SeNEMAUs em vídeo

Neste período de transição, além de criar, programar e produzir juntos os SeNEMAUs, os estudantes passaram a documentá-los em vídeos, cadernos, publicações em encontros de pesquisa etc. Os vídeos do I e do II SeNEMAUs¹¹¹, que fazem parte desta

¹¹¹ Documentos produzidos a partir da decupagem destes vídeos encontram-se disponíveis nos apêndices, para consulta.

etapa, chegaram às nossas mãos diretamente da coleção pessoal de Alexandre Esteves. Como estes registros foram produzidos coletivamente pelos estudantes associados à FeNEA com o intuito de documentar a história do movimento, suas cenas foram intencionalmente escolhidas para divulgá-lo e ampliá-lo, fortalecendo a expansão nacional dos Escritórios Modelo, inicialmente em contraposição ao avanço das empresas juniores.

Após assisti-los inúmeras vezes, captamos modernização na metodologia e no desenho das atividades no segundo SeNEMAU. Com apoio nas entrevistas com os estudantes e com o mentor do Grupo Reviver, presentes nos dois eventos, foi possível associar as inovações às experiências dos estudantes da FAUS durante o ELEA Chile (1995), o ENEA Santos (1995) e o projeto de revitalização do Museu de Pesca de Santos.

8.3. Estudantes da FAUS na concepção dos SeNEMAUs

Nas entrevistas realizadas pela autora entre 2019 e 2020 com Alexandre Esteves [Alê], Natasha e Mariana, três integrantes da segunda geração dos EMAUs que protagonizaram o movimento estudantil de área desde o ENEA Santos (1996) até o II SeNEMAU (1998), Edgard foi apontado como principal responsável pela concepção destes eventos, atuando em conjunto com os integrantes do grupo, que tinham a mesma autonomia que os demais membros da COMORG. Edgard comenta que realmente faziam tudo juntos e que o fato de o grupo mais jovem se envolver cada vez mais na FeNEA e no Diretório Acadêmico Michel Leaders, da FAUS, fortaleceu o movimento dos SeNEMAUs e criou uma cultura forte de modernização destes eventos.

Como a gente tinha muitos estudantes na FeNEA, o Rodrigo Alonso como presidente, o Renato Leal como vice e o Alexandre Esteves como diretor regional, eles faziam juntos. Então era uma forma de levar uma cultura forte. E ainda, nesses encontros e nos SeNEMAUs, iam a Natasha [Gabriel] e a Mariana [Gauche] e nós coordenávamos um monte de workshops. [...] Eu ia fazer as dinâmicas maiores ou então desenhava com eles, mas o Alexandre de fato pegou isso bem [...] Ele que de fato agarrou isso e forçava os SeNEMAUs a se modernizarem. Ele era muito aguerrido nisso. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 342)

8.4. Influência do ENEA Santos [1995] no II SeNEMAU [1998]

O Reviver foi um dos primeiros Escritórios Modelo da FeNEA, e seus membros frequentaram os SeNEMAUs desde o início. Em 1995, Alexandre Esteves participou do Encontro Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (ELEA) Chile, e

vivenciou as saídas a campo que o evento promoveu na cidade de Santiago, sem caráter turístico. Alê relata que, nessas saídas a campo, eles expressavam sua vontade de experimentar fazer arquitetura enquanto estudantes, discussão em pauta na França e na Argentina. Conta que ele próprio chegou ao encontro latino-americano com o seguinte questionamento: “Como é que a gente atua como estudante de arquitetura?” (ESTEVES, 2019).

Em 1998, quando era fundamental tornar o II SENEMAU mais atrativo que o primeiro e aumentar o número de participantes para expandir efetivamente os EMAUs, Alê foi convidado para coordenar os workshops e logo pensou em consultar Edgard, que tinha colaborado decisivamente com os workshops no ENEA Santos. Formado havia cerca de cinco anos, Edgard trabalhava como arquiteto do Tibá e morava no Rio de Janeiro, mas mantinha contato com a FAUS e participava de eventos da FeNEA. Certo de poder contar com seu apoio mais uma vez, Alê recebeu de Edgard a seguinte resposta provocativa: “Ótimo, você descobriu o problema, então ele é seu! Resolve!” (Cf. ESTEVES, 2019).

Perante a “firmeza” da assertiva, Alexandre resolveu encabeçar a situação. Sentou-se para pensar e escrever, até encontrar uma solução. Quando chegou a Recife, sentia-se “superpreparado”, conforme relatou à autora, e certo de que, caso precisasse, teria o respaldo de Edgard, que estava presente.

Esteves demonstra na entrevista que idealizar os workshops por si mesmo fez com que se sentisse pronto para outros desafios. Dois outros integrantes do Reviver recordam a dificuldade que tiveram para enfrentar essa fala quando jovens, mas atualmente são capazes de ver nela um encorajamento que instiga integrantes mais novos ou menos experientes à autonomia. Inicialmente empregada por Edgard, com o tempo a frase tornou-se um jargão do grupo, que ajuda a errar pouco e crescer bastante. Entretanto, exige deles muita flexibilidade, aceitação e “fibra” para enfrentar situações complexas e desafiadoras, diante das quais têm medo, com iniciativas ousadas e corajosas. Edgard nos relatou de onde vem essa fibra que marcou a formação dos estudantes mais jovens:

Eu levo um monte de jovens na favela e tenho certeza de que ninguém vai morrer. E ninguém tem coragem de fazer isso. No Reviver, eu fazia isso mesmo com eles, mas eu era mais velho, formado, se alguém fosse ser preso esse alguém seria eu. [...] O vôlei me dava coragem, me deu essa fibra que, na hora de dar medo, de querer fugir, não dá medo, ou se dá, vai com medo mesmo. Sempre me deu essa coisa de multidão, de não ter medo da cidade, do jornal, da televisão. Com quinze, dezesseis anos, eu jogava com três mil pessoas gritando

contra mim, o meu nome. Acho que a contribuição do vôlei foi essa. (GOUVEIA Jr, 2020, p. 320).

Ele reforça que sua participação no movimento estudantil, na organização das greves da FAUS e nos encontros da FeNEA, que ultrapassam seu período de estudante, foram para ele um grande aprendizado. Somado à experiência no Tibá, esse aprendizado o preparou para sua atuação em eventos ainda maiores, realizados posteriormente: “As greves da FAUS, o ELEA São Paulo e o ENEA Santos foram a minha escola de teste de coisas em larga escala. E o ELEA Chile também” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 320).

Depois de formado, devido à sua transferência para o Rio de Janeiro, muitas vezes coordenou ações e direcionou decisões remotamente. No ENEA Santos, por exemplo, controlava a sequência temporal das ações e dava todas as coordenadas das atividades para o grupo da COMORG, formado por estudantes dos anos iniciais do curso da FAUS: “Mas já estava tudo ‘gamificado’, criado, preparado. Já era uma coisa de ações reais. Eu coordenava à distância, ligava para lá, dava as diretrizes” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 320). Essa combinação de supervisão e “gamificação” se fazia mais necessária quando a ação envolvia mais novidades e maiores riscos, como nos workshops em comunidades, pois a comissão era questionada por estudantes do Brasil inteiro: “Como é que vocês sabem como entrar na favela?” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 320).

Todos os membros do Grupo Reviver, e outros estudantes ligados à FeNEA, contribuíram com a evolução dessa ideia de ampliação do sentido social da profissão e do atendimento à parte da sociedade que não tem acesso ao arquiteto urbanista até o ápice de sua consolidação legal, quando foi promulgada a legislação de Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social [ATHIS]. Por isso ela acolheu os EMAUs, em conjunto com ONGs e prefeituras, como entidade habilitada a desenvolver esse tipo de assistência a comunidades.

8.5. O primeiro SeNEMAU – Maceió, Alagoas [1997]

A seguir, fazemos uso dos vídeos cedidos por Alexandre Esteves para compreender melhor a dinâmica dos dois primeiros SeNEMAUs, acrescentando ao texto algumas informações complementares sobre as universidades que foram sede dos eventos. Detalhamos também os locais selecionados para desenvolvimento dos workshops, com dados que buscam esclarecer os motivos de sua escolha.

Fizemos questão de incluir também imagens dos participantes, identificadas sempre que possível, e das atividades desenvolvidas, mesmo as menos acadêmicas, a fim de que se possa compreender o clima do evento. A ideia é permitir uma imersão imaginária na vida desses estudantes e sentir, ainda que de leve, a vibração desses encontros, que propiciaram amizades eternas e casamentos duradouros.

8.5.1. FAU UFAL, sede do primeiro seminário¹¹²

Na FAU da Universidade Federal de Alagoas¹¹³, os primeiros projetos de pesquisa e extensão associados ao ensino datam de 1981. Atualmente, além de sete grupos de pesquisa e um núcleo de extensão, a graduação em arquitetura e urbanismo possui o LABiboca, Laboratório de Intervenções em Bairros e Ocupações de Alagoas, e um escritório modelo ativo, o EMAU BECO. O LABiboca é um laboratório de pesquisa-ação que faz projetos para os territórios da pobreza de Maceió, mapeia e divulga informações e apoia movimentos sociais.

A ampliação da produção científica da FAU UFAL na década de 1990 resultou na criação de grupos de pesquisa e de um Programa de Treinamento Especial em Arquitetura e Urbanismo, o PET-ARQ, considerado um diferencial do curso. Em 2003 foi criado o Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA); em 2011, o curso de graduação em Design; e em 2013, o doutorado em Arquitetura e Urbanismo.

¹¹² Conteúdo sintetizado a partir de pesquisa realizada em 27/07/2021 em dois sítios da web. Disponível em <https://fau.ufal.br/institucional/quem-somos> e <https://fau.ufal.br/institucional/historico>. Acesso em 12 jun. 2021.

¹¹³ A FAU UFAL resultou do desmembramento do Centro de Tecnologia criado em 1973, ancorado pelo curso de Arquitetura e Urbanismo. Em 1996, o Departamento de Arquitetura e Urbanismo [DAU], o curso de Arquitetura e Urbanismo e o Programa de Treinamento Especial em Arquitetura e Urbanismo [PET-ARQ] já ocupavam os blocos atuais, ocupando 3.650,65m² de área construída.



Figura 45 Prédio da FAU UFAL no campus de Maceió Foto: Viviane D. Disponível em <https://pt.foursquare.com/v/fau--faculdade-de-arquitetura-urbanismo/4dc2fe217d8b14fb45ed2b7e?openPhotoid=5464868d498e9ae46c3e1409> Acesso em 30 jul.2021



Figura 46 Interior da FAU UFAL. Disponível em <https://fau.ufal.br/fotos-fau> Acesso em 30 jul.2021.



Figura 47 Interior da FAU UFAL Disponível em <https://fau.ufal.br/fotos-fau> Acesso em 30 jul.2021.

O EMAU BECO desenvolve: [1] Projetos arquitetônicos para comunidades organizadas que não têm acesso ao profissional do arquiteto urbanista; [2] Projeções de documentários no CINEBECO que abordam questões sobre moradia, com roda de conversa; [4] Imersões de fim de semana, de interação entre os membros do EMAU e acolhimento dos novos integrantes; [5] Cursos de capacitação interna, com atividades.

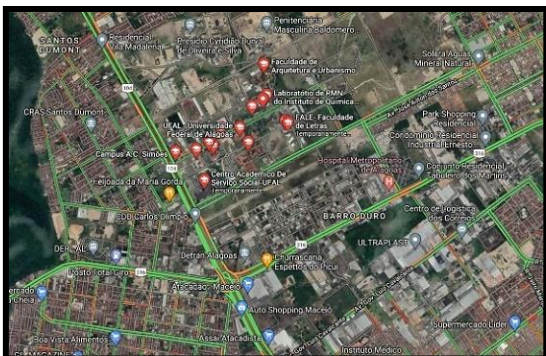


Figura 48 Foto aérea do Campus da FAU UFAL



Figura 49 Prédio da FAU UFAL. Foto: Laís Muniz . Acesso em 27 jul. 2021. Fonte Google Maps



Figura 50 Edifício do recentemente criado Laboratório de Desenvolvimento da Criatividade na FAUUFAL, inaugurado em 2019. Foto: Janyelle Vieira. Acesso em 27 jul. 2021.



Figura 51 Imagem de abertura do website do LABiboca. Disponível em <https://labiboca.wixsite.com/labiboca> Acesso em 27 jul. 2021.



Figura 52 Convite para apresentação do Projeto Arquitetônico de um Centro de Apoio na Colônia de Pescadores de Porto de Pedras, post no Instagram. Acesso 20 jun.2021.



Figura 53 Post EMAU BECO. Instagram, 2018.

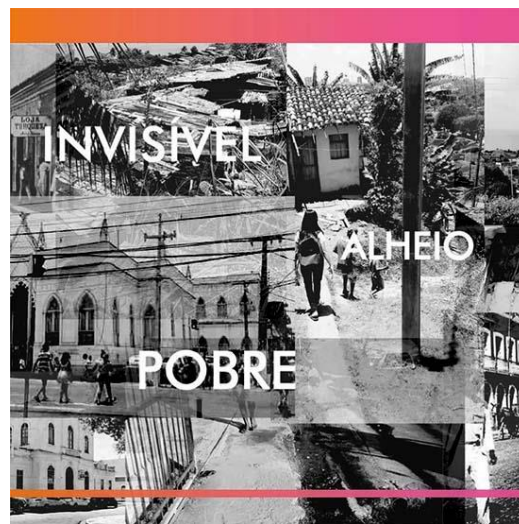


Figura 54 Post EMAU BECO. Instagram, 2018



Figura 55 Equipe do BECO da FAU UFAL



Figura 56 Imersão do EMAU BECO

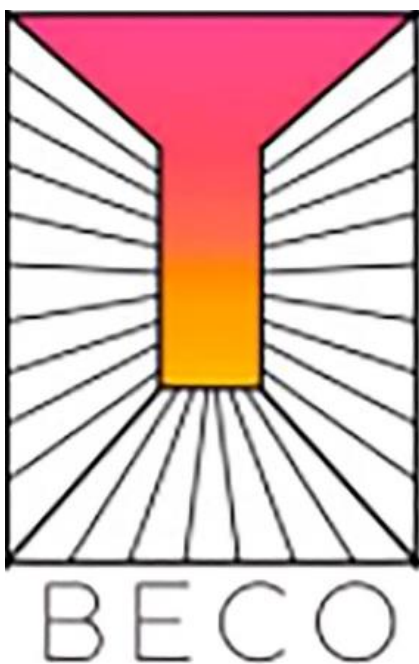


Figura 57 Logo do EMAU BECO, da FAU UFAL

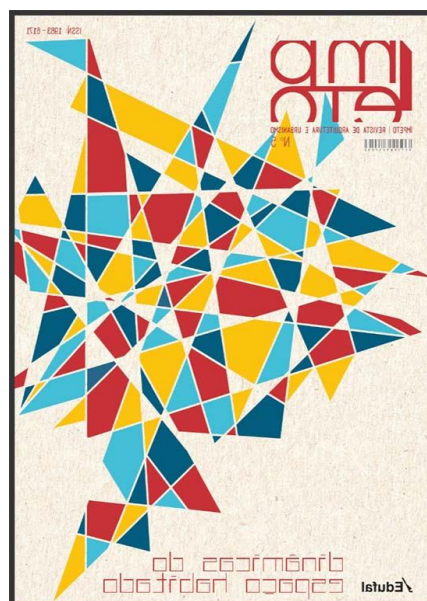


Figura 58 Revista Ímpeto
Disponível em <https://issuu.com>
Acesso 22 jun.2021

8.5.2. Os Painéis do primeiro SeNEMAU

Não encontramos registro de integração entre os estudantes e a cidade de Maceió do primeiro SeNEMAU, exceto em uma cena lúdica do vídeo, rodada na praia. Seu ponto forte são dois painéis com conteúdo teórico de orientação aos grupos em processo de estruturação de escritórios modelo.

O primeiro painel destaca o propósito dos EMAUs, central no POEMA: superar o esquecimento da questão social pelos profissionais de arquitetura e urbanismo e atender à população de baixa renda através da inclusão das comunidades organizadas (Documentário I SeNEMAU, 1997)

Considera que somente 5% das construções no mundo são projetadas por arquitetos(as) urbanistas e que a maior parte das populações sequer sabe o que eles fazem, por não ter acesso nem contato com estes profissionais.

Aponta os EMAUs entre as organizações capazes de dar mais significado social à atuação dos profissionais e ampliar o mercado a longo prazo, sem concorrer com os escritórios comerciais, pois tendem a tornar necessária a contratação de mais arquitetos pelos órgãos públicos. O argumento é que, quando população e poder público perceberem, por meio dos escritórios modelo, que estes profissionais podem melhorar a qualidade do espaço e da vida em sociedade, passarão a exigir sua presença, colaborando para que esta demanda reprimida se converta em ampliação real do mercado de trabalho.

Creem que a participação como estudantes em escritórios modelo torna-se vantagem profissional, diante da possibilidade já vislumbrada então de esse tipo de atuação se converter em mercado de trabalho remunerado, tendência prenunciada através de ONGs e órgãos públicos, âmbito em que novas possibilidades já eram esboçadas na época.

Mais dois pontos são brevemente mencionados: [1] A necessidade de testar tecnologias alternativas já existentes ou criá-las; [2] A importância de conhecer formas alternativas de gestão, assunto que seria desenvolvido no segundo painel.

Após esta fala, os estudantes discutiram: [1] A distinção entre o papel dos escritórios modelo, das ONGs e dos órgãos públicos municipais no trabalho conjunto de ação social; [2] A necessidade de garantir que o projeto dos EMAUs não fosse desvirtuado; [3] A estratégia de colocar nas universidades, com clareza, que a diferença principal entre ONGs e EMAUs é que este atende o público que não tem acesso ao profissional

arquiteto; [3] A importância de cada participante do SeNEMAU colaborar para a divulgação dos princípios do POEMA e ser reproduzidor da ideia dos EMAUs nas escolas de origem, após o seminário.



Figura 59 Renato Leal, o estudante/professor do Grupo Reviver da FAUS. Fonte: Impressão de tela do vídeo I SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

O segundo painel propõe uma estrutura funcional para os EMAUs e foi programado para o dia 28/01/1997, das 15h às 19h. Está documentado em cena de 16 minutos e dezessete segundos de duração, a mais longa do vídeo do II SeNEMAU. A seguir, resumo do conteúdo.

Renato Leal, estudante com talento de professor, conduz a apresentação com graça e maestria diante de um grupo animado e atento, que participa das dinâmicas e o escuta em meio a risos, em clima descontraído. Apoiado por outros dois, desenha muito na lousa e desenvolve três dinâmicas com metáforas que ajudam a explicar a proposta: [1] A teoria da oscilação; [2] A teoria do monomotor e da turbina; e [3] A teoria das pizzas.



Figura 60 Estudantes simulam Teoria do Monomotor. Fonte: Impressão de tela do vídeo I SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 61 Estudantes simulam a Teoria da Turbina. Fonte: Impressão de tela do Vídeo I SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

Para a metáfora da **Teoria do monomotor**, convoca três estudantes da sala, coloca um no centro e dois em volta, segurando nos ombros do primeiro com as duas mãos. Depois sugere que o estudante do centro rode no mesmo lugar sobre seu eixo e, durante um dos giros, segura-o com firmeza. Resultado: as meninas são obrigadas a parar para não cair. Todos se divertem. Então comenta que está analisando a teoria do EMAU através da teoria do monomotor, que conta com apenas um eixo central, que faz os processos girarem. Se o eixo estanca, tudo para, porque a administração toda está no centro.

A teoria da turbina. Renato anuncia que a turbina é uma estrutura “quase nuclear” e “flexível” e chama mais alguns estudantes, mas adverte que podem ser tanto dois como dez, pois, ao contrário do monomotor, não é o centro que vai girar, mas os que estão de fora, e o estudante-eixo vai apenas reagir ao movimento. Depois que o grupo simula a ação da turbina, explica que, se uma turbina não funcionar, as outras podem impedir que o avião perca altitude e caia, enfatizando a importância da descentralização.

Teoria das Pizzas. Utilizada para explicar a formação do Grupo Semente, primeiro a se formar em um escritório modelo, muitas vezes antes mesmo de sua institucionalização, e o papel do coordenador, que em geral faz parte deste núcleo seminal. O estudante desenha uma nuvem conectada a diversos círculos. Sobre o primeiro círculo, escreve “Primeiro grupo – semente”, e a nuvem, assinala “Coordenador”. Divide os círculos como se fossem pizzas, com quantidades aleatórias de fatias, representando o número de componentes dos grupos, e liga todos ao coordenador.

A seguir, comparando os GTs a pizzas e seus membros às fatias: “Nessa pizza, uma das fatias vai ser composta por um professor. Vou pôr *Professional Arquiteto*, que vai servir como coordenador da pizza, isto é, do GT”.

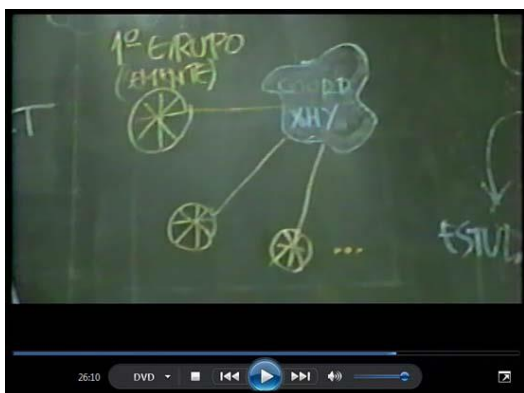


Figura 62 O primeiro grupo semente, seguido de mais dois grupos, todos atrelados ao coordenador XHY. Fonte: Impressão de tela do vídeo I SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 63 Cada grupo pizza com profissional e um estudante responsável pelo financeiro. Fonte: Impressão de tela do vídeo I SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

Associa outra fatia de pizza ao responsável pela parte financeira, que vai assinar junto com o coordenador, e afirma que as pizzas-GTs são autossuficientes. (Documentário I SeNEMAU, 1997).

Compara a estruturação dos grupos pizza ao modelo da turbina, frisando que o tema de trabalho de GT um não depende do outro, e adverte que a quantidade de grupos de trabalho cresce paralelamente ao número de projetos: “Dependendo da fome dos

clientes, o número de pizzas pode aumentar.” (Documentário I SeNEMAU, 1997). Nesta visão, os grupos são autossuficientes, inclusive na captação de recursos, e “todo mundo tem o mesmo papel, não tem diretoria de divulgação, de relação etc.” (Documentário I SeNEMAU, 1997).

O coordenador aparece como um voluntário, que não precisa pertencer ao grupo somente nem ao diretório acadêmico – pode ser simplesmente um estudante envolvido com o EMAU. Pois, apesar de, dentro da faculdade, o coordenador ser uma referência para todos os estudantes dos EMAUs, não cabe a ele distribuir projetos pelos grupos, mas apenas receber e divulgar as informações dos projetos a serem desenvolvidos, da liberação de bolsas etc.

A teoria da oscilação: Renato compara os altos e baixos pelos quais uma escola passa a uma curva senoide: “Vamos dizer que a nossa faculdade uma certa hora está muito legal, com uma galera incrível, e, de repente, broxou geral. Desceu! [...] O monomotor precisa de combustível. Parou, ele cai.” [...] O combustível seria a organização, o cuidado: “Vai ter todo mundo se organizando, todo mundo cuidando do dinheiro...” (Documentário I SeNEMAU, 1997).

Ao discutir o que significa captar recursos, destaca a importância da bolsa para os estudantes e coloca em segundo plano ter espaço físico. Alerta que uma sala na faculdade escrito ESCRITÓRIO MODELO na porta pode servir apenas para a faculdade falar que possui um EMAU ou implicar a obrigação de sempre estar funcionando:

“Fica aquele espaço ocioso e, em muitos casos, a gente pode estar projetando em um outro lugar, sem a necessidade que se tenha, a priori, um espaço ou um computador etc.” (Documentário I SeNEMAU, 1997). Defende que, quando se forma um grupo e surge um projeto, chega a hora de decidir onde desenvolvê-lo. É o momento de discutir se há lugar disponível na faculdade ou na casa de um integrante, por exemplo. Diante da possibilidade de o grupo se reunir fora, aumenta a importância de o coordenador permanecer mais na faculdade e concentrar as informações.



Figura 64 Natasha Gabriel faz comentário: “Daí, uma vez por mês os grupos pizza se reúnem e fazem uma pizzada!”.

Lembramos que, no caso do Museu de Pesca de Santos (MPS), o Grupo Reviver utilizou no mínimo quatro espaços de trabalho: [1] Um escritório a céu aberto no estacionamento do museu, que permitia acesso direto aos diretores e à obra; [2] O ateliê da FAUS, para se reunir e trabalhar o projeto; [3] O auditório da FAUS, para divulgar as ações relativas às diferentes etapas do projeto e ampliar a participação dos estudantes; [4] Um “depósito” no primeiro andar da FAUS, cedido pelo então diretor, professor Augusto Campos, para guardar o material.

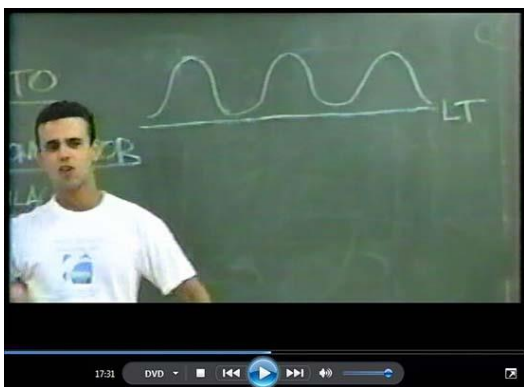


Figura 65 Renato Leal, da FAUS, apresenta teoria da oscilação. Fonte: Impressão de tela do vídeo I SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

A estrutura orgânica dos GTs. Embora o primeiro grupo a se formar não deva ter controle sobre os demais, ele pode ser visto como um grande “buraco negro do universo” e servir como uma “peneira”. Seu papel seria garantir que só entre no escritório modelo da FeNEA aquilo que está preconizado no POEMA e discutido nos SeNEMAU. O grupo semente conta com a presença do

coordenador, que detém toda a informação sobre o projeto a ser iniciado pelo novo grupo – se tem caráter social, se não está competindo com o mercado de trabalho etc. – e tem o papel de informar a todos, pois quem entra depois não participou de todas as discussões e pode não ter plena consciência de até onde o novo GT pode ou não atuar. Para manter a organicidade e o livre acesso, o GT inicial atua como semente, mantendo o DNA do EMAU durante as mudanças que vão ocorrer.

O GT do coordenador [“pizza mãe”] é importante, pois sabe se tem alguém da faculdade envolvido, quais órgãos estão apoiando, qual a relação com o Estado, com a direção da faculdade e com o diretório acadêmico. Além de analisar tudo, tem o papel de montar uma estrutura que possa prever como e quando um GT novo vai surgir. É possível que algum escritório modelo proponha que os GTs votem e elejam um coordenador, mas isso seria tão complicado quanto uma eleição do diretório acadêmico. Como a estrutura é orgânica, cada EMAU decide, na sua faculdade, como as coisas vão funcionar e cria a sua estrutura de modo diferente, a partir desta ideia principal e de outras reflexões disseminadas nos SENEMAU seguintes.

ENTREMEIO: Alexandre Esteves no 1º workshop de Uberlândia

A gente tinha um método de trabalho inicial, e o responsável por ele é o [Edgard] Júnior. Quando fomos para o 1º SENEMAU, em



Figura 66 Roda de conversa no Encontro Mineiro de Estudantes de Arquitetura, em Uberlândia (MG), durante o primeiro workshop sobre o POEMA, em 1997. Fonte: arquivo pessoal de Alexandre Esteves

Alagoas, eu já saí de lá com o convite para dar um workshop sobre EMAUs. [...] Até então não tinha claro nem para mim o que era o método de trabalho. Então eu começo a desenhar. Vou falar com o Júnior: “Então, tem esse convite. Vamos nos sentar para discutir o que tem que passar? [risos] E ele falou: ‘Se vira!’”.

Tinha uma coisa, que depois a gente foi aprimorando, que é assim: “É você que está vendo o problema? Então resolve. O problema é seu”. O Elos era uma coisa dura por causa disso. Todo mundo foi ferro e fogo ali. Então eu sentei e fui desenhar o workshop. Foi muito legal, muito bom para mim. É a forma como a gente acredita, vai aprender fazendo, vivendo.

Fomos eu e o Rafael Vaz para Uberlândia, e o Jandi mandou as pessoas para lá também. Na verdade, os participantes tiveram que passar por uma mini UAV¹¹⁴, mas era relativamente simples. Tendo estruturado antes, você passa tarefas, dá pelo menos as premissas, e as pessoas se dividem em grupo, desenvolvem os projetos e se

viram para executar. Em Uberlândia, a proposta era desenvolver um projeto para o local do nosso encontro, e eles fizeram um mobiliário externo para a Universidade

Federal de Uberlândia, UFU. Arrumaram a madeira, cortaram, fizeram tudo lá, na hora. Como o encontro era no Triângulo Mineiro, fizeram alguns encostos em forma de triângulo para colocar no gramado, onde qualquer um usava, encostava, montava. Esse foi o trabalho do grupo. A brincadeira era você ficar no gramado. Tinha uma peça para encostar e outra para se sentar. Na verdade, eles inventaram um monte de peças diferentes que, ao mesmo tempo, ficavam lá quando não tinha ninguém usando, colocadas no gramado, e formavam uma escultura. E fizeram ainda um barco, com um poema relacionado a essa escultura. Eles queriam que esse barco levasse aquilo que eles tinham vivido lá na UFU para fora, saísse da universidade.

Enquanto eles iam fazendo as peças eu ia documentando tudo, mas eles nem percebiam. A época da inocência! [risos]. Fotografamos a discussão, o andamento do trabalho, e o resultado. Eles não sabiam o que iam passar!

¹¹⁴ Universidade Aberta de Verão

Tiramos fotos do pessoal dormindo e colocamos em destaque no cartaz que eu e o Rafa apresentamos para eles, com todo o processo, para eles se darem conta do que tinham passado. Aí é que está! Para verem o método que eles tinham vivenciado e tudo o que tinham discutido. Eles já tinham gostado do processo, mas quando viram o cartaz com as fotos – a gente era sarcástico nisso – eles diziam: “Nossa, nem vi tudo isso acontecendo!”.

Esse processo a gente trouxe do MPS. Fazíamos as exposições mostrando o processo na universidade, no auditório da FAUS, para a gente se dar conta de tudo que estava vivendo e aprendendo. Consegui incorporar isso lá também¹¹⁵.

Fiz basicamente o que era feito no nosso dia a dia, nada de diferente. A diferença é que eu coloquei no papel. Não sei se alguém já tinha escrito antes. Com certeza já tinha, mas não era do Grupo Reviver. (ESTEVEVES, 2019)

Daí em diante, quando faltava alguém, o pessoal da organização da FeNEA ligava para mim ou para o Yuri e a gente chegava lá e organizava um workshop de acordo com o tema do encontro.

Em 1997, nós fomos para Porto Alegre e ficamos organizando os workshops por um mês, morando na casa de alguém. Você tem que escolher a comunidade, organizar desde o local de onde tem que sair o ônibus, quando deve chegar etc. A

gente se tornou profissional! Nossa dupla era uma máquina de método e resultado. E daí, pá! Rolou o encontro.

Como nos encontros o tema proposto era discutido o ano todo pela FeNEA, e nós íamos nas reuniões, ficava fácil saber quais eram os objetivos a atingir para cada tema. E, depois que o ENEA Santos foi para a rua, em 1995, ninguém mais conseguiu voltar. A gente ficou craque. O ENEA de Campinas (1997) é todo nas favelas! Não queremos só ir para a rua, a gente quer ir para a favela! Nos workshops a gente ocupa – ou reocupa – alguns espaços que estavam degradados, sem uso, e a comunidade toma conta de novo, usa como lhe convém. É dela, é público, é para ela, e está ali do lado.

A ideia era organizar o EMAU e passar para frente. Este era o objetivo da gente e de quem organizou o encontro em Minas Gerais. Depois a gente reformou muitas praças, ocupou. E quem ficava na cidade geralmente voltava para fazer algumas coisas. Não sei dizer se isso sempre aconteceu ou não, mas havia um comprometimento, um dos objetivos era que aquela fosse uma pedra fundamental para quem é da cidade e permanece lá depois do encontro. Quem fica já fica com uma relação estabelecida em outro patamar com a comunidade. (ESTEVEVES, 2019)

¹¹⁵ Questionado se havia sido passado algo escrito aos estudantes durante o workshop, respondeu: “Não, não, nada escrito! Esquece! Nada disso! Papel, só para desenhar! [risos] Era o fazer. Fazer juntos. Eu tenho fotos...”. O comentário indica que suas anotações preparatórias eram de uso pessoal e não foram

repassadas aos participantes. Enfatiza ainda o caráter eminentemente prático das atividades, reforçando que estes não tiveram que ler nenhum texto de referência nem apresentar qualquer trabalho escrito durante o workshop.

8.6. II SeNEMAU – Recife, Pernambuco [1998]

Este SeNEMAU foi muito significativo no processo de consolidação em nível nacional das pedagogias desenvolvidas pelo Grupo Reviver, sob a mentoria de Edgard Gouveia Júnior. A edição contou com Edgard Gouveia Júnior na mesa de debatedores, Alexandre Esteves na coordenação dos workshops, Natasha Gabriel dividindo a coordenação como peça-chave nas visitas técnicas, Rodrigo Alonso como articulador geral e mediador das discussões e Mariana Gauche, recém-ingressada na FAUS, como participante. Uma leitura sensível permite avaliar as diferentes contribuições dos integrantes do grupo e sentir o entrosamento deles entre si, com os demais participantes e com a cidade.

Segundo nos relatou Alê, houve um acidente grave no início do evento, quando um carro que trazia estudantes da rodoviária para o campus da FAUPE colidiu com um ônibus, levando uma das estudantes de Recife à morte dois dias depois, antes do encerramento das atividades. Mesmo assim, corajosamente, o espetáculo continuou.

8.6.1. FAU UFPE, sede do II SeNEMAU

O Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco [UFPE] originou-se da antiga Escola de Belas Artes do Recife, criada em 1932. No final dos anos 50, transformou-se na Faculdade de Arquitetura de Pernambuco, sediada em Olinda, no antigo seminário jesuíta, e antes do fim da década de 60 transferiu-se para o prédio do CFCH, no campus do Recife¹¹⁶. Em 1967, a Universidade do Recife foi integrada ao grupo de instituições federais do novo sistema de educação do país, recebendo a denominação de Universidade Federal de Pernambuco, autarquia vinculada ao Ministério da Educação.

Posteriormente, a FAU deu lugar ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU), sediado no Centro de Artes e Comunicação da Cidade Universitária, que oferece o curso de Arquitetura e Urbanismo, atualmente com 100 vagas. Desde 1975, o DAU conta com o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano MDU, com cursos de especialização por meio do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada

¹¹⁶ Hoje Campus Joaquim Amazonas. Sua construção começou em 1948 no loteamento da Várzea, onde funcionou o antigo Engenho do Meio

(CECI), mestrado e doutorado nas áreas de Dinâmica e Gestão da Cidade, Conservação Integrada e Projeto de Arquitetura e da Cidade.



Figura 67 Entrada do CAC UFPE Foto: Reprodução / TV Globo. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/educacao/noticia/2019/01/22/sisu-2019-tem-14284-vagas-em-seis-instituicoes-de-pernambuco.ghtml> Acesso em 05 jul. 2021.

8.6.2. Os workshops do II SeNEMAU

Os workshops em comunidades caiçaras e áreas de ocupação irregular tiveram início no II SeNEMAU e perduram até a atualidade. O vídeo do II SeNEMAU dedica 3 minutos e 13 segundos às visitas técnicas dos workshops e 2 minutos e 57 segundos à apresentação dos trabalhos neles desenvolvidos, somando 6 minutos e 10 segundos dedicados ao tema. Na opinião de Edgard Gouveia Júnior, Alexandre Esteves e Natasha Gabriel, que organizaram os workshops do II SeNEMAU e neles atuaram de forma presencial, estes se tornaram a parte mais importante do evento, por colocarem os estudantes em contato direto com a cidade e seus moradores.

A partir das edições seguintes, o grupo de estudantes da faculdade que sedia o SeNEMAU passou a manter contato e atuar nas comunidades locais visitadas após cada encontro, o que colaborou para consolidar e expandir os EMAUs. Os entrevistados afirmam que os workshops foram transpostos para os SeNEMAUS por influência do ELEA Chile e do VI ENEA, realizado em Santos, em 1995, e desde então buscam contemplar áreas de ocupação irregular da cidade, centrais ou periféricas, e assentamentos com preservação de cultura e modos de vida tradicionais (caiçaras ou indígenas, por

exemplo). Desde então, seguem presentes na programação dos seminários, que já contam com mais de 40 edições, e mantêm este intuito.



Figura 68 Áreas de estudo dos workshops do II SENEMAU

Fonte: Google Maps

O vídeo documentário do II SeNEMAU menciona quatro áreas de estudo: Igarassu, Recife Antigo, Brasília Teimosa e Ilha de Deus, todas em Pernambuco, relativamente próximas entre si. As cenas selecionadas mostram a paisagem local, os tipos de habitação, o contato com a população etc. e enfatizam reuniões dos estudantes para discussões e estudos in loco.

8.6.3. Workshop em Igarassu



Figura 69 Igarassu. Google Maps

8.6.4. A área mais distante e primeira a ser apresentada no vídeo é o município de Igarassu, na Região Metropolitana do Recife. Cortado pela BR 101, dista 27 km da capital e tem sítio histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com área de 396.202 metros quadrados. Trata-se de conjunto arquitetônico civil e religioso dos mais antigos e bem conservados de Pernambuco, provavelmente um dos motivos da sua escolha para o estudo. A cena inicial da visita técnica [6 min 27s a 6 min 52s] mostra o traslado dos estudantes ao local e a paisagem urbana de Igarassu, e

utiliza a voz de uma moradora em *off* que canta versos do Maracatu Estrela Brilhante na introdução do letreiro. A cena seguinte inicia-se com D. Nida dançando na sala de sua casa. Na cena 3, dois grupos de estudantes, em mesas diferentes, desenham em folhas de papel projetos para a área.



Figura 70 Letreiro/IGARASSU Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 71 Grupo de estudo/IGARASSU 1 Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 72 Dona Nida, do Maracatu Estrela. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 73 João e Nilcio Dias em IGARASSU. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

8.6.5. Workshop em Recife Antigo

No século XVI, o porto do Recife, ancoradouro natural da sede da capitania, Olinda, era uma língua de terra no Oceano Atlântico, cortada pelos rios Capibaribe e Beberibe. A partir de sucessivos aterros tomou a forma de uma ilha, conectada à área metropolitana por quatro pontes.

O Bairro do Recife integra, com os bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista, o sítio histórico do Recife, ou mais popularmente o Recife Antigo, que quase dispensa apresentações. Com três importantes edifícios tombados – a Igreja da Madre Deus, a

Igreja de Nossa Senhora do Pilar e o Forte do Brum –, é o próprio nascedouro da cidade, centro histórico da capital, área de forte apelo cultural e turístico.



Figura 74 Letreiro: RECIFE ANTIGO. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 75 Paisagem urbana, edifícios. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

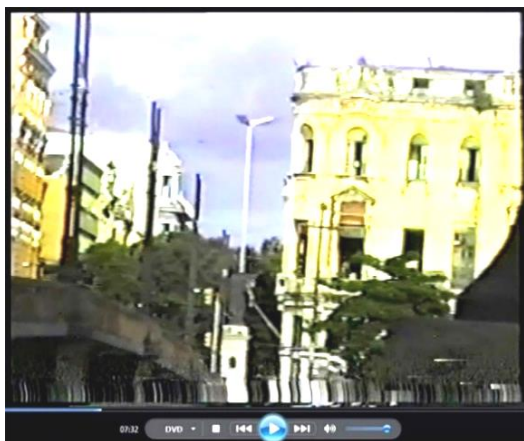


Figura 76 Paisagem do Recife Antigo. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves



Figura 77 Escultura suspensa em praça. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

Além dos edifícios citados, o conjunto urbanístico, paisagístico e arquitetônico do bairro encontra-se, segundo o IPHAN, “inscrito no livro do tombamento Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, sob o n.º 119, datado de 15 de dezembro de 1998, e no livro do tombamento de Belas Artes, sob o n.º 614, na mesma data (Processo 1168-T-852F).” (IPHAN; MEC; Programa Monumenta, s/d). Curiosamente, o ano do tombamento coincide com o da realização do II SenEMAU, que ocorreu em fevereiro.

8.6.6. Workshop em Ilha de Deus

Localizada em um dos maiores e mais importantes manguezais urbanos do Brasil, a Ilha de Deus é uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) do Recife, entre os bairros da Imbiribeira e Pina, cercada pelos rios Jordão, Tejió e Pina. Há cerca de 60 anos, quase

todos que lá moravam viviam da pesca de siris, sururus, caranguejos e unhas-de-velho e do cultivo de camarão orgânico, mas, nas últimas décadas, apenas cerca de 40% das famílias vivem destas atividades.

A população desta comunidade caiçara vem trabalhando o potencial natural da ilha por meio de experiências de imersão na cultura e vida locais, e a atividade econômica predominante da ilha tornou-se o turismo comunitário, que atrai turistas nacionais e estrangeiros com passeios de catamarã pelo rio, oficinas de gastronomia e de artesanato e alguns circuitos pedagógicos (LOURENÇO, 2018).

Na década de 1980, a Ilha de Deus era um esconderijo de criminosos com um homicídio registrado por semana, antes que os projetos de revitalização ambiental, turismo comunitário e cultura popular fossem implantados. Depois, “chegou a ficar mais de quatro anos sem registrar mortes, um reflexo da efetivação das políticas implementadas no local” (LOURENÇO, 2018).



Figura 78 ILHA DE DEUS /2020. Disponível em <https://www.brasildefatope.com.br/2020/01/09/historia-da-ilha-de-deus-e-contada-pelas-mulheres> Acesso 26 jun.2021

A construção de uma ponte de concreto ligando a ilha ao continente contribuiu com a queda da violência local. Lideranças comunitárias conseguiram, inclusive, a substituição das palafitas por casas de alvenaria. Provavelmente a combinação de comunidade tradicional encravada no mangue com mobilização social e concretização de políticas públicas de impacto positivo em área de ZEIS no final da década de 90 foi o motivo de escolha para os workshops.



Figura 79 Letreiro: ILHA DE DEUS. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves



Figura 80 Ilha de Deus - barco de pesca. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves



Figura 81 Lixo nas margens e urubu. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves



Figura 82 Habitações à beira d'água. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.

8.6.7. Workshop em Brasília Teimosa

Situada na sua zona sul, entre o bairro do Pina e o Porto do Recife, esta ocupação urbana mais antiga do Recife abraça o Recife Antigo com uma linha contínua de arrecifes paralela à orla marítima.

Na década de 1950, foi destinada pelo Governo do Estado à construção de depósitos de produtos inflamáveis, mas acabou se consolidando como bairro pela teimosia de seus ocupantes, o que levou à adição do adjetivo ao nome do bairro. Para vencer a ameaça de remoção intentada por diferentes grupos com interesses políticos e econômicos na área, a estratégia de resistência foi reconstruir as casas durante a noite, mesmo sabendo que seriam demolidas novamente durante o dia.



Figura 83 Área portuária do Recife, com navios e armazéns ao fundo. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves



Figura 84 Barco onde Natasha Gabriel mostra mapa da região e prepara estudantes para visita técnica. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 85 Estudantes acompanham a fala de Natasha. Fonte: Impressão de tela do vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves.



Figura 86 Em Brasília Teimosa, paisagem com barco branco atracado em primeiro plano e residências. Fonte Impressão de tela do Vídeo II SENEMAU. Acervo Alexandre Esteves

Vitoriosa, a população teve seu bairro urbanizado com recursos do BNH pelo projeto *Teimosinho*, que realocou as famílias da Vila da Prata em 1982, mas a área foi novamente ocupada e outras intervenções se seguiram em 1986 e 1989. Em 2004 ocorreu uma intervenção urbana de grandes proporções, financiada pelo governo federal, que implantou uma avenida à beira mar –anos depois, portanto, do contato dos estudantes do II SeNEMAU com a área.

9. LEGADO PEDAGÓGICO DO GRUPO REVIVER, FORMALIZADO NA FILOSOFIA ELOS

Como vimos, o Grupo Reviver foi um Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) criado em 1995 por estudantes que cursavam a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos (FAUS), ligados ao movimento estudantil de área, no âmbito da Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (FeNEA). Depois de trazerem o Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (ENEA) para a cidade, em 1995, esse grupo de alunos mobilizou diversos segmentos da sociedade para devolver à comunidade o Museu de Pesca de Santos (MPS), que estava em ruínas. Esta ação pública foi concebida a partir do saber compartilhado entre o Reviver, alunos e professores da FAUS, membros das comunidades pesqueiras, escolas públicas municipais e profissionais de diferentes áreas, sempre em participação aberta, via seminários e fóruns de discussão, valorizando a cultura local e os recursos disponíveis. Sua realização envolveu, além destes grupos, a diretoria do museu e diversas entidades da sociedade civil santista, além do Governo do Estado de São Paulo e da Petrobras, que, diante da organização social prévia e da divulgação pela mídia local, apoiaram financeiramente a iniciativa.

Concomitante ao desenvolvimento do projeto do MPS, o EMAU Reviver elaborou os seminários nacionais sobre EMAUs (SeNEMAUs) da FeNEA, que aceleraram a sistematização de uma pedagogia, ainda embrionária, que relacionava teoria e prática na abordagem de comunidades. O êxito deste projeto se difundiu através dos SeNEMAUs e ENEAs, que se encarregaram de propagar esta pedagogia em formação entre membros dos escritórios modelo organizados pela FeNEA e demais participantes, inclusive coordenadores e professores de FAUs e profissionais da área relacionados a projetos de extensão e ação social. Foi esta divulgação que levou estudantes do Brasil e da América Latina a manifestarem interesse em apreender a práxis de criação coletiva de projetos, que estava sendo utilizada na recuperação do patrimônio de Santos.

Em 1999, o Grupo Reviver respondeu a esta demanda com a criação da *Universidade Aberta de Verão: Escola de Guerreiros sem Armas*, chamada pelos seus membros de UAV. Desde sua primeira edição, este curso de imersão promoveu estudos teóricos, vivências de grupo e a interação dos estudantes com a cidade, por meio de ações junto

às comunidades. A proposta desta “universidade paralela” era evidenciar a importância de vivências práticas na formação integral e democrática dos estudantes de arquitetura, pauta já sustentada pelos estudantes da FeNEA e por professoras da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) desde os primeiros encontros de extensão realizados por esta entidade, entre 1993 e 1994. Dando sequência à atuação do escritório modelo da FAUS, a UAV vai desenvolver ações de extensão nas comunidades caiçaras próximas à cidade de Santos, onde promoveu a bandeira da *Arquitetura do lado de fora*, conceito trazido pelo grupo desde o ENEA Santos, edição do encontro nacional realizada na cidade em 1995.

No ano 2000, os membros do EMAU Reviver concluíram a graduação na FAUS e abriram um escritório de arquitetura e uma organização não-governamental (ONG) – o Instituto Elos – para atuar profissionalmente com ações sociais. Permaneceram juntos por cerca de cinco anos e, após uma crise interna, se reestruturaram em 2006. Essa reorganização resultou na associação com redes internacionais, como coletivos e comunidades de diversas partes do mundo, e na retomada da UAV, que adotou, dentro do Instituto Elos, o nome *Escola de Guerreiros sem Armas (GSA)*, redirecionando seu público-alvo para o extramuros do ambiente acadêmico. Desde sua criação até 2020, a UAV/GSA havia formado cerca de 700 pessoas de 50 países em cursos de imersão para atuar na área social.

Para fortalecer suas ações nas comunidades, o Elos contratou consultores nas áreas de filosofia, economia, educação e antropologia e associou a esta práxis consultiva longas reuniões internas, que passaram a chamar, entre si, de *reuniões de índio*. Por meio deste processo de aprendizado contínuo, atualizavam permanentemente sua metodologia de ação, que descende diretamente daquela desenvolvida experimentalmente no MPS.

A valorização da experiência direta na cidade, o cuidado com a metodologia e a ênfase no relacionamento humano, presentes no ideário destes estudantes desde as origens do EMAU Reviver, foram mantidas no Instituto Elos e em seu modelo de gestão, estruturado em quatro núcleos: Relacionamento, Realização, Consolidação e Design. Especialmente dedicado à criação de metodologias de aprendizado e material didático, este último núcleo é coordenado presentemente por Natasha Gabriel, sócia fundadora do Instituto Elos. Gabriela esteve entre os fundadores do EMAU Reviver, foi membro da

diretoria do D.A Michael Leaders, da DIEPE da FeNEA, da COMORG do ENEA Santos e esteve dos dois primeiros SENEMAUS.

9.1. Reviver e Elos: uma continuidade pedagógica

É possível, a partir das entrevistas, estabelecer um vínculo de continuidade entre as etapas de aprendizado autogerido dos estudantes do EMAU Reviver, desenvolvidas durante seu envolvimento no movimento estudantil, e o período de cerca de seis anos em que seus membros se mantiveram unidos no Instituto Elos.

Depois da saída de Alexandre Esteves e Edgard Gouveia Júnior, no início dos anos 2000, permaneceram juntos Rodrigo Alonso, Mariana Gauche, Natacha Gabriel e Ricardo Oliveros, que vêm sustentando por duas décadas uma práxis conjunta capaz de produzir: [1] Filosofia própria; [2] Metodologia de ação social sustentada por esta filosofia; [3] Abordagem participativa e democrática para desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos em comunidades perversamente incluídas nos processos sociais globais; [4] Produção arquitetônica e urbanística a partir de intervenções físicas na cidade de Santos.

Fundamentado em parâmetros éticos e filosóficos democráticos e equânimes, premiado por instituições nacionais e internacionais e eleito em 2017 uma das cem melhores ONGs do Brasil, o Instituto Elos segue sua trajetória de ação social bem avaliado pela sociedade, estudado pela academia e financeiramente sustentável, como atestam seus relatórios de resultados disponibilizados anualmente na rede.

Entre os principais legados do Grupo Reviver aos estudantes e profissionais da área de arquitetura e urbanismo destacamos sua práxis social em comunidades, pelo paralelismo duradouro entre sistematização pedagógica e manifestação efetiva de processos de gestão participativa no território, de forma autônoma ou em parceria com o Estado. Este legado se faz presente no MPS e em muitas praças, playgrounds, creches e hortas comunitárias construídas em processo de mutirão em comunidades caiçaras, favelas e bairros da cidade de Santos. Enquanto sócios fundadores do instituto, os ex-integrantes do Reviver continuam trabalhando este saber, consolidado em metodologia por meio da filosofia Elos.



Figura 87: Rodrigo Alonso [com a mão no joelho, ao centro] com um grupo da GSA Fonte: Instituto Elos

9.2. Premissas ético-filosóficas desta pedagogia

Rodrigo Alonso afirma: “Cremos que todos têm alto potencial de transformação. Provocar, impulsionar pelo convite para participar da transformação do nosso mundo, através dos sonhos compartilhados pelas comunidades, esta é a nossa paixão!” (ALONSO, 2017).

O relacionamento afetuoso e respeitoso entre a equipe do Elos e as comunidades se manifesta na participação voluntária e aberta e se explicita nos dois primeiros passos da sua filosofia, Olhar e Afeto: “Na verdade, o trabalho do Instituto Elos é quase que puramente estratégia de relacionamento. É a forma como a gente se relaciona com as pessoas.” (ALONSO, 2017).

Em 2000, com a criação do Instituto Elos, a práxis desenvolvida pelo Grupo Reviver no movimento estudantil desde 1995 se consolidou na Filosofia Elos, coluna dorsal de suas ações na cidade. Esta filosofia adota algumas premissas éticas: [1] Não usar as comunidades atendidas como massa de manobra; [2] Substituir as estratégias de luta pelas de convite; [3] Gerar uma mudança de cultura em que o paradigma de abundância

supere o de escassez; [4] Colocar as “mãos na massa” para a construir o melhor dos mundos com a sociedade.

Esta filosofia se organiza em sete passos: Olhar, Afeto, Sonho, Cuidado, Milagre, Celebração e Re-evolução, que trataremos adiante em detalhes.

9.3. “As pessoas não são massa de manobra para nós”

Como já foi dito, os membros do EMAU Reviver chamaram Edgard Gouveia Júnior para ajudá-los no projeto do MPS por sua atuação anterior no movimento estudantil da FAUS e nas comunidades, e por ser um tutor de fora da academia, que os deixava pensar e agir com autonomia.

Antes de se envolver com o movimento estudantil, Edgard dedicou-se à carreira de jogador de vôlei profissional, atividade que lhe abriu diversas experiências “fora da caixa”, inclusive um ano sabático antes de entrar na FAUS, em que realizou uma viagem de volta ao mundo. Vale lembrar que desde criança convivera com comunidades tradicionais e sempre se propôs a aprender com pessoas simples de outras culturas, como a nipônica e a indígena. A oportunidade de conviver com saberes e experiências destas culturas desde cedo o ensinou a não enxergar as pessoas diferentes como ignorantes e a não tentar sobrepor suas ideias às delas. Foi, em suma, uma aula prática de alteridade. Que força o conceito tradicional de *alienação das massas trabalhadoras*, corrente no movimento estudantil no final da década de 1980, poderia ter sobre ele? Desde o início de sua atuação no movimento estudantil, a questão da politização dos movimentos sociais se coloca para ele como ponto de divergência com as lideranças da FeNEA: “Os meus amigos – a Alis¹¹⁷ e o pessoal – eram muito politizados, mas eu dizia: ‘Não, não é isso’, e comecei a procurar outras formas, a focar nos ENEAs e em mudança de cultura.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 312). Embora buscasse outros caminhos, Edgard reconhecia o valor da politização praticada por alguns grupos de estudantes. Afirma, por exemplo, a positividade do trabalho Nabil Bonduki¹¹⁸ desde o Laboratório de Habitação

¹¹⁷ Diretora da FeNEA na época.

¹¹⁸ Nabil Georges Bonduki (1955 -) é arquiteto, urbanista, professor titular de Planejamento Urbano da USP, escritor com mais de 20 títulos publicados e vencedor do prêmio Jabuti em 2015 com o livro *Pioneiros da Habitação Social* (Coedição Editora Unesp e SESC). Exerceu mandato de vereador na Câmara Municipal de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores entre 2001 e 2004 e entre 2013 e 2016, quando foi relator e autor do substitutivo do Plano Diretor Estratégico de São Paulo (2014), premiado pela ONU. Foi secretário municipal de Cultura de São Paulo e é colunista da *Folha de S. Paulo*. (2017-atual) e da *Rádio USP*. (2019-atual).

da FAU Belas Artes até sua atuação como secretário no município de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina:

“Aqui [em São Paulo] tinha tido o Nabil na habitação popular, mas não era nem tanto arquitetura e urbanismo, era mais a politização dos movimentos. Eles ajudavam com isso a partir do projeto, ou seja, usavam os mutirões como objeto de politização, de organização popular, o que foi excelente (...) isso era super necessário, tanto que o Brasil mudou radicalmente quando o PT entrou.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 311).

Entretanto, a condução estratégica clássica do movimento era a luta, tida por ele como lenta e limitadora da participação mais ampla que buscava, motivo que o levou a optar pela “gamificação” e pela ludicidade. Esta tendência foi formalizada em 2002, quando cursou pós-graduação em jogos cooperativos na UNIMONTE. O curso, coordenado por Eliane Rossetti, era novidade na época, e estava ainda na segunda turma. Na ocasião, já como membro do Instituto Elos, encabeçava o projeto da UAV/GSA.

Explicita que sua proposta precisava responder à urgência das pessoas e, ao mesmo tempo, atendê-las com qualidade: “Eu queria também coisas mais rápidas. As pessoas que eu atendia não eram uma massa de manobra para mim. Eu já tinha, também, uma vontade de mudar o mundo, por isso comecei a questionar como que a gente poderia fazer coisas melhores.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 312). Tinha claro para si que o apelo de mudança teria mais eco entre os jovens estudantes: “Vamos mudar o mundo aqui e agora, enquanto estudantes. Para mim, a semente do Grupo Reviver veio deste lugar.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 314).

Compreendemos que este projeto salvífico – mudar o mundo – não era particular, mas geracional. Atingia, na década de 1990, um número significativo de jovens estudantes, que participavam de fóruns sociais mundiais e se filiavam a movimentos como o S.O.S Mata Atlântica. Ao mesmo tempo que lutavam para diminuir as desigualdades sociais e promover a justiça social, compartilhavam um ideal de sustentabilidade em nível global, que deveria beneficiar todas as formas de vida existentes no planeta. Levar estudantes de arquitetura e urbanismo à prática direta com populações marginalizadas e mal atendidas pelo poder público, fazer uso de metodologias baseadas em conceitos como

comunidade, identidade, memória coletiva, partilha etc. fazia parte deste projeto maior, cujo mote na década de 1990 era “save the planet”.



Figura 88: Abraço coletivo. Fonte: Instituto Brookfield.

A “gamificação” dos encontros e o aprimoramento dos workshops abriram uma trilha de atuação, que Edgard se prontificou a alargar com participação ativa de seu grupo de influência na FAUS: os estudantes do EMAU Reviver, do D.A Michael Leaders e do projeto do MPS, além de professores ligados à extensão e ao contato direto com a cidade, como Cassia Magaldi, Leila Diégoli e Paulo von Poser. Ele reuniu toda a sua experiência de vida para propor, como alternativa à estratégia de luta, a trilha da ludicidade, do prazer, do convite, pois acreditava que este caminho promoveria uma mudança de cultura capaz de transformar o Brasil.

No início de seu envolvimento com a FeNEA, contribuiu para viabilizar os EMAUs, possibilitar o contato dos estudantes com as populações de favelas e comunidades tradicionais e, dez anos mais tarde, para expandir nacionalmente a força dos EMAUS, através da práxis das ações sociais e de metodologias mais atraentes para os jovens, lúdicas e “gamificadas”.

Encerrou sua participação no movimento estudantil desenhando um ENEA que congregou cerca de cinco mil estudantes. A esta atuação exitosa somou-se o

crescimento do número de Instituições de Ensino Superior (IES) com cursos de arquitetura e urbanismo, que colaborou para ampliar gradativamente o público dos eventos nacionais da federação. Na década de 20 do século 21, os ENEAs reúnem, em média, mais de dez mil estudantes.

Os termos que emprega em sua entrevista levam a crer que, ao ingressar na FeNEA, já apoiava sua práxis em outras bases teóricas voltadas para a questão ecológica, que então se colocava internacionalmente. Além da ecologia, Edgard adorava festas e via na experiência teatral de seus colegas estudantes da Universidade Federal do Pará uma fonte inesgotável de riqueza para a mudança de cultura que pretendia empreender no movimento estudantil.

Neste caminho alternativo, manifesta profundo respeito pelas comunidades indígenas e nipônicas com que conviveu na infância e pelos grupos urbanos que atendeu na juventude e na fase adulta, negando-se a adotar formas de luta que pudessem manipular as pessoas. Junto com seu grupo de influência, promoveu a modernização dos encontros da FeNEA a partir da “gamificação” que implementou nas experiências de aprendizado do Grupo Reviver, nos ENEAs e nos SeNEMAUs – e depois no Instituto Elos. Quando questionado em entrevista quanto a se ver como arquiteto urbanista ou designer, Edgard respondeu: “Desenho estratégias, games e soluções que muitas vezes – e até principalmente – vêm de eu ter estado na arquitetura, de saber lidar com o complexo: ter muitas possibilidades na mão, não ficar com medo de lidar com isso e atender a todas elas.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 339)

9.4. Paradigma da abundância e o Melhor dos Mundos

Em sua palestra no Museu da Imagem e do Som (MIS)¹¹⁹ Santos, organizada por estudantes da FAUS durante a Semana de Arquitetura de 2017, Rodrigo Alonso convida a abandonar o paradigma da escassez em que fomos criados, no qual sempre “faltam coisas, a gente é limitado, e tem que se contentar em fazer um pouco melhor.” (ALONSO, 2017). Ele alerta que, ao tentar melhorar o mundo como se ele fosse uma máquina, encontrando seus defeitos e tentando “consertá-los” isoladamente, só conseguimos fazer um mundo um pouco melhor. Mas questiona: quem quer viver num mundo assim?

¹¹⁹ Museu da Imagem e do Som

Para mudar o mundo de fato é necessário mudar de paradigma. Assim, Rodrigo sugere o paradigma da abundância. (Cf. ALONSO, 2017).

Dessa forma, faz refletir sobre como tratamos diferentemente os desafios individuais e os coletivos. Na cultura competitiva em que vivemos, somos treinados a *fazer o melhor* no campo individual, baseados na abundância, e apenas *um pouco melhor* no coletivo, adotando o parâmetro da escassez. Essa postura tem consequências graves para a sociedade, porque nos impede de sonhar um futuro coletivo e, conseqüentemente, de construir uma visão positiva de futuro que possamos realizar juntos. (Cf. ALONSO, 2017). Um elemento-chave da filosofia do Instituto Elos é materializar um sonho compartilhado pela comunidade com base no paradigma da abundância. Realizar esta mudança desejada por todos exige que o grupo supere a sempre alegada falta de verbas e recursos e consiga alcançar tanto a viabilidade técnica quanto a econômica, para materializar o projeto e realizar o sonho: “No melhor mundo a gente tem recursos, tem potencial, tem talentos e pode ousar sonhar grande. Sonhar o melhor. E o sonho tem outra energia.” A partir desta constatação, ele propõe uma inversão na posição das palavras: ao invés de tentar *fazer um mundo melhor*, ou melhorado, sugere *fazer o melhor mundo*, que soa um pouco estranho, mas de forma proposital. (Cf. ALONSO, 2017).

Ele adverte que *o melhor mundo* não tem nada a ver com *mundo melhor*, sugerindo que a inversão serve para criar uma variação semântica que muda totalmente o significado do que se quer dizer. Busca, assim, chamar atenção para um fato inconsciente: “Nossas ações clássicas para *fazer um mundo melhor* costumam vir sempre no negativo: Não à guerra, fora a violência, acabar com a fome etc. Dizemos tudo que queremos destruir. Não falamos nada sobre o que queremos construir.” (ALONSO, 2017). Para ele, esta negatividade da fala fortalece uma mentalidade extremamente danosa, que nos impede de agir no coletivo da mesma forma que agimos para nós: “No individual você bate no peito e fala: ‘Eu vou fazer!’ Mas, no coletivo, a gente fala: ‘Ah, ninguém faz nada!’” (ALONSO, 2017).

Uma forma de apreciação especial, baseada na filosofia do Instituto Elos, busca capacitar as pessoas a enxergar beleza a sua volta e riqueza de recursos no meio natural, reconhecer talentos nas pessoas, sonhar e desenvolver projetos baseados na cultura local, possíveis de serem realizados por meio de mutirões ou outras formas de ação

coletiva. Estas ações, que se baseiam na construção de boas relações de vizinhança, fortalecem ainda a generosidade daqueles que contribuem para o sucesso do projeto coletivo com todo tipo de doações, que provêm de toda a sociedade, de forma ampla. Estas novas relações que se estabelecem entre os moradores e deles com a equipe do Instituto se tornaram a essência da metodologia Elos, símbolo do avanço das relações sociais em direção a uma democracia mais participativa. A partir delas chega-se a resultados palpáveis, que estimulam a união, a organização e a permanência do grupo. (Cf. ALONSO,2017).

9.5. Da estratégia de luta à estratégia de convite

“Estratégia de convite é chamar pessoas para fazer algo de positivo juntas, sem protestar contra nada, contra ninguém. O Grupo Elos tem isso como valor essencial e algo de muito poderoso.” (ALONSO, 2017).

A busca do que fazer – algo significativo para todos – se dá a partir do afeto, da escuta, da confiança. Começa pela procura da beleza e identificação das pessoas que a criam: se alguém cuida de algo que é importante para todos, se este algo nutre a nossa vida, logo surge o interesse tanto pela pessoa quanto pelo que ela faz, e ambos passam a representar algo de valioso para todos, despertando afeto. (Cf. ALONSO,2017).

A circunstância atual – de grande degradação das estruturas vigentes – não favorece negar nem destruir nada. Lutar para que os outros mudem torna-se ineficaz, pois esta luta pressupõe ter certezas e criar inimigos, sofrer riscos e perdas por causas cada vez menos claras. Tudo isso causa desgaste e desmotiva. Por outro lado, quando motivados pelo modo como uma pessoa ou grupo faz algo de positivo para todos, queremos somar, nos tornar úteis, participar do que está sendo feito e colaborar na transformação da realidade de todos. Esta mudança de paradigma, de cultura, que prevê a participação de pessoas de formações diferentes, torna-se um aprendizado para todos, sejam membros da comunidade, do Instituto, estudantes ou estrangeiros. (Cf. ALONSO,2017).

A interdisciplinaridade é fundamental na composição do grupo. Junto aos especialistas, a comunidade reúne pessoas de diversas formações e profissões, cuja presença é imprescindível. É sempre possível contar com a ajuda de bons marceneiros, pedreiros, eletricitas, pescadores que sabem construir com bambu, cozinheiras e professores, excelentes músicos etc. Não é pressuposto da participação aberta que haja afinidade ou

semelhança prévia entre as pessoas que se unem para realizar algo, ao contrário: valoriza-se a diversidade e a singularidade, por enriquecerem o convívio, o debate, a vivência e a realização. (Cf. ALONSO,2017).

Por ser algo que muitos podem fazer com prazer e sem sacrifício, as ações comunitárias acabam por deslocar para fora do centro de hegemonia formas caducas de organização, baseadas na competição e na escassez. Ao atingir mais pessoas, aceleram a transformação da sociedade. Foi com base nesta premissa que o grupo desenvolveu a estratégia de participação aberta em projetos, que possibilita a ação direta de comunidades em projetos de arquitetura desenvolvidos por elas e para elas.

A tônica é encontrar uma forma, uma solução, uma temática que motive e mobilize a todos e traga benefícios para a grande maioria. Que possa engajar pessoas – de várias religiões e ideologias, idades e nacionalidades diversas – no mesmo projeto simbólico e político de transformação da realidade de vida coletiva.

9.6. Participação aberta e diálogo horizontal



Figura 89: Participação segundo Paulo Freire. Fonte: FREIRE, 1991, p.75. Organizado visualmente pela autora em disciplina de Alexandre Saul.

“Convidar todos a participar do que está acontecendo significa ter uma compreensão ampla de que, quanto mais setores da sociedade forem envolvidos, maior o número de beneficiados e de responsáveis.” (ALONSO, 2017)

No caso de um projeto público de vulto como o MPS, toda a cidade é beneficiada e toda a sociedade é responsável. Por isso, é importante a manifestação ampla, geral e pública das intenções da comunidade. Nas comunidades caiçaras e favelas santistas, como quem escolhe o sonho a ser realizado é a própria comunidade, há um momento para começar a perceber o grupo e trabalhar as propostas comuns.

Seja qual for a escala, amadurecer um projeto coletivo implica: [1] renunciar a algumas premissas em prol de outras e a algumas ideias preconcebidas em prol das novas possibilidades que surgem da discussão; [2] estabelecer um diálogo horizontal, para que todos sejam respeitados e ouvidos; [3] possibilitar que surjam consensos reais, capazes de criar relações de pertencimento em todos os envolvidos; [4] persistir, pois o consenso nem sempre ocorre de imediato; [5] favorecer mudanças de cultura e de gestão para que o processo avance.

Valorizar a diversidade, que coexiste na associação de pessoas livres, permite realizar projetos que minimizem o sofrimento, as tensões, os conflitos, os desconfortos, o isolamento, a segregação, a exclusão, a insegurança e outras ameaças que esvaziam a vida em comunidade. Estes projetos podem ou não ter cunho arquitetônico e urbanístico. Na gestão de processos participativos é recomendável ouvir sempre mais de uma opinião – já que não há verdade universal possível – para compará-las e decidir em consenso pela solução mais justa.

Não temer apoiar-se sobre as certezas possíveis no momento presente, ainda que transitórias, pois do contrário estaremos sempre à espera do *salvador da pátria* e sujeitos a seus arroubos de heroísmo, tentativas de vingança ou retaliação por ações anteriores etc. Submersos em discussões intermináveis sobre os direitos (ou deveres) restritos a determinados grupos – em detrimento de outros – e outras mazelas da democracia representativa pura.

A democracia participativa que alguns de nós já procuram construir evita dar poder a hegemonias preestabelecidas que surgem com respostas prontas, quase sempre baseadas em interesses sectários ou próprios. Pelo contrário, fomenta o confronto de ideias, o debate, a vivência e as liberdades inventadas no cotidiano. E sonha em

relativizar também as vontades individuais de lideranças locais com conexões amplas e violentas, que muitas vezes exercem forte poder coercivo nas comunidades, e as transformam em guetos onde a maioria dos moradores vive acuada e submetida.

Em geral, enxergamos as mazelas causadas pela centralização do poder nas grandes organizações financeiras legais e nos governos, mas Michel Foucault [2005], em seus escritos, propõe dar atenção também aos poderes mais ocultos e à microfísica do poder. Com base na participação aberta e no diálogo horizontal, pode ser possível chegar a escolhas mais justas, caminho para a realização democrática de nossas cidades e para a construção da cidadania para além do papel. Isso não quer dizer que as leis não importam. Apenas quer nos lembrar que elas podem não ser fortes o suficiente para garantir a democracia. O que garante a democratização dos processos é a participação de toda a sociedade, na construção, defesa e vigilância de interesses compartilhados.

9.7. Aplicação em órgãos públicos

O processo didático-estratégico que o Grupo Reviver começou a desenhar a partir das suas primeiras experiências nos morros e mangues da cidade tomou corpo durante o projeto do MPS – sua primeira atuação como EMAU – e se sistematizou nos workshops dos SeNEMAUs. Ampliou-se com a UAV em 2000, ano que marcou a transposição deste conhecimento dos estudantes para sua vida profissional, com a fundação do Instituto Elos¹²⁰ e a abertura, em paralelo, de um escritório de arquitetura e urbanismo.

Em pronunciamento público de 2017, Rodrigo Alonso afirma que a ênfase do Instituto Elos está nas experiências de aprendizado coletivo: “A gente se apaixonou por desenvolver experiências de aprendizado. Mais importante do que as obras é o aprendizado que elas geram para o Instituto Elos, para o GSA¹²¹ e para a comunidade.” (ALONSO, 2017).

A partir de 2000, por meio do Instituto, este posicionamento pedagógico relacional, que já beneficiava comunidades, participantes da UAV e ONGs da área social, passa a contribuir também com processos participativos de gestão urbana pública. Foi quando, por meio do escritório, os integrantes do Instituto passaram a se envolver com gestões municipais progressistas para colaborar na transposição de populações de áreas de risco

¹²⁰ Formada por 27 membros fixos em 2020.

¹²¹ Curso de Imersão promovido pelo Instituto | Elos, denominado Guerreiros sem Armas.

e favelas para conjuntos habitacionais. Esta constitui uma das áreas de maior complexidade para a aplicação da metodologia, em que o papel dos membros do escritório é mediar, em processos de participação direta, a relação entre a comunidade de moradores e o corpo técnico das prefeituras, na decisão conjunta sobre os equipamentos coletivos urbanos a serem incluídos no projeto.

Desde 2017, Natasha Gabriel e Taís Polidoro participam do Conselho de Desenvolvimento Urbano de Santos (CNDU), uma instância governamental de participação cidadã na qual lideranças comunitárias apresentam questões que estão enfrentando. Os membros do Instituto Elos veem este fórum como muito importante e consideraram o convite para participar dele uma grande conquista. O Elos também passou a participar das sessões semanais da Promotoria Comunitária, promovida pela Faculdade de Direito da UNISANTOS, e a incentivar lideranças comunitárias que cultiva há 20 anos a comparecer, para conhecer mais profundamente as questões da vida urbana, seus direitos e deveres. Os integrantes do Instituto consideram esta participação uma forma de cuidar destas comunidades¹²².

9.7. Os sete passos da Filosofia Elos

Através da participação aberta e da vivência mais plena em comunidade, torna-se possível o amplo aprendizado da metodologia Elos, baseada nos sete passos de sua filosofia: [1] **Olhar**: conhecer a comunidade a partir do olhar apreciativo e abrir a participação; [2] **Afeto**: aumentar a participação e compartilhar saberes sobre um tema de interesse da comunidade por meio do contato afetivo com pessoas talentosas que produziram alguma forma de beleza local; [3] **Sonho**: definir consensualmente o sonho compartilhado que a comunidade quer realizar em mutirão junto com a equipe Elos; [4] **Cuidado**: dialogar e cocriar o projeto deste sonho a partir de maquetes desenvolvidas coletivamente pela comunidade e conseguir recursos físicos e humanos para viabilizar a execução do projeto; [5] **Milagre**: pôr a mão na massa para realizar o mutirão e construí-lo em tempo recorde; [6] **Celebração**: celebrar o novo espaço coletivo e a conquista de todos; [7] **Re-evolução**: continuar replicando e aperfeiçoando este processo de

¹²² Dados fornecidos por integrantes do Instituto Elos durante palestra realizada na Semana de Arquitetura de 2019.

aprendizado e realização sem o apoio direto do Instituto, mas sabendo que pode recorrer a ele, se necessário.

Para melhor descrever os passos, tomamos como base a palestra de Rodrigo Rubido Alonso (“A estória que nos fez Elos”) ministrada na Semana de Arquitetura da FAUS, em 2017, a convite dos estudantes, que nos levou a ingressar com o tema de escritórios modelo e pedagogias urbanas no PPGE. Neste mesmo ano, o Instituto Elos deu à autora a oportunidade de participar de três dias de mutirão do GSA, ocasião em que vivenciou a aplicação direta desta filosofia, fazendo na prática parte do GT do Largo do Machado, em Santos, que trabalhou na recuperação e pintura da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, localizada nesta comunidade tradicional, na entrada da cidade.



Figura 90: Os sete passos da Filosofia Elos.

Fonte: <https://institutoelos.org/jogooasis/> Acesso em 21 set. 2021.

Segundo artigo da imprensa local, “as grutas devocionais, de origem natural ou especialmente construídas, estão desaparecendo de Santos (...) conforme diminuem os devotos do santo homenageado e aumentam as exigências de espaço para construção imobiliária ou expansão das atividades do estabelecimento que as abriga” (A TRIBUNA, 1978). Restaurar uma delas, minimizando esta tendência especulativa de destruição do patrimônio histórico devocional, foi uma honra.

À recuperação da gruta estavam relacionados outros projetos, provenientes das discussões em forma de “Roda dos Sonhos” que ocorreram antes da nossa vinculação ao GT: a criação e execução de um playground, o reordenamento das vagas para automóveis no largo principal que dá nome à comunidade, a reordenação da coleta de lixo local e uma pintura mural coletiva com motivo floral, na qual também tomamos

parte. Estas ações foram empreendidas com “guerreiros” de diferentes partes do Brasil e do mundo, em perfeito entrosamento babélico com pessoas de todas as idades, residentes desta comunidade santista e diversos integrantes da equipe Elos. Esta oportunidade transparece também neste relato.

9.7.1. Primeiro passo: OLHAR

“Visão apreciativa sobre a comunidade e o ambiente, a fim de criar um cenário de abundância de recursos, talentos e possibilidades.” (ALONSO, 2017)

Rodrigo Alonso nos lembra que, no olhar, a proposta é encontrar a beleza. A tarefa é fazer meia hora de caminhada na comunidade e voltar com 10 expressões de beleza. Todos se dispersam pelo lugar e começam a encontrar as belezas mais clássicas: um vaso com flores em uma janela, uma esteira num centro de pesca, uma criança alegre brincando na rua ou a beleza em um ambiente. Com o tempo e a prática, supera-se o preconceito e o medo desaparece.

A estratégia implica olhar para pessoas e lugares procurando o que há de melhor. Ao



Figura 91: Participante do GSA na comunidade de olhos vendados, guiada por alguém mais experiente. Fonte. Instituto Elos.

invés de olhar o que falta, o que é ruim, o que é feio, olhar o que tem, o que é bom, o que é bonito. Ao invés de olhar a miséria das pessoas, olhar o seu talento.

“A gente fica viciado nesta coisa de olhar apreciativo. Qualquer coisa para a gente é potencial.” (ALONSO, 2017). A prática deste olhar tem múltiplos propósitos. Um deles é superar preconceitos que carregamos sobre as ocupações nas periferias. Algumas reportagens especiais, que têm sido veiculadas sobretudo em canais pagos, relatam experiências de projetos sociais bem sucedidos em comunidades, que apontam no sentido oposto às clássicas reportagens policiais de jornais televisivos. Estas tornam

público, sempre que podem, tudo que há de mais degradante no mundo, e em especial nas favelas. Olhar de fora uma comunidade desconhecida e entrar nela pode dar medo, principalmente se já ouvimos falar muito mal dela. Então, ironicamente, para praticar este olhar, os “guerreiros” do GSA são convidados a entrar pela primeira vez de olhos vendados, guiados por outra pessoa, e permanecer assim por quinze minutos. (ALONSO, 2017).

Segundo Rodrigo Alonso, entrar de olhos vendados pode transformar uma comunidade



Figura 92 OLHAR. Encontrar beleza na comunidade
Fonte. Instituto Elos

no lugar mais acolhedor do mundo. O propósito desta primeira visita em grupo ao lugar onde se pretende atuar é observá-lo, senti-lo com todos os sentidos, não só com a visão. Caminhar por ele e encontrar algo que se destaque por sua beleza. A partir desta apreciação, que em geral parte de uma escolha individual, o segundo passo será encontrar a pessoa

que tornou possível este belo resultado. Sobre este momento de primeiro contato com a comunidade, Rodrigo adverte: “Não estou dizendo que não tem coisas ruins, mas que também tem coisas boas.”

9.7.2. Segundo passo: AFETO

“Encontrar a pessoa por trás da beleza e estabelecer com ela uma relação pessoal.”
(ALONSO, 2017)

O Elos foca todo o seu trabalho na estratégia de relacionamento, na forma de se relacionar com as pessoas. Por isso, nesta etapa, os “guerreiros” se envolvem com as pessoas. O afeto vem depois do olhar apreciativo porque é o cultivo desta apreciação. Propõe conversar com a pessoa que está por trás da beleza sobre como e por que manifestou aquela beleza. Esta atitude possibilita o contato direto com os moradores para compartilhar saberes. A escuta ajuda a estabelecer relações pautadas em valores comuns, gerando confiança e desejo de cuidado mútuo, que depois fortalece a ação conjunta. Também abre caminho para a participação futura em projetos, o que assegura bons resultados de toda ordem, inclusive nas ações arquitetônicas.

Muitos grupos e pessoas de boa-fé, antes mesmo de conversar com a comunidade para estabelecer uma relação afetiva, propõem ações que demonstram uma visão depreciativa do lugar e dos moradores. É comum que, sem perceber, logo de início surjam propostas como fazer um mutirão de limpeza [porque está tudo muito sujo] ou trazer um curso para a comunidade [porque eles têm pouca oportunidade de estudar]. Apesar das boas intenções nelas manifestas, aqueles que as recebem logo imaginam que aquele grupo de fora, que vem ajudar, é mais educado, sabe mais, tem mais condição etc. e estabelece com ele uma relação hierárquica, em que não se cria afeto verdadeiro. (Cf. ALONSO, 2017)

Na vida pessoal, não fazemos amizade com pessoas nas quais só vemos defeitos, nem começamos uma relação falando tudo de ruim que vemos no outro. Mas, na área social, sem perceber, somos tentados a fazê-lo: “Para acontecer o afeto é preciso estar interessado naquelas pessoas, ver o que elas têm de bom, ver o belo nelas. Elas precisam representar algo de valioso para nós e isso vem especialmente através da beleza.” (ALONSO, 2017). Rodrigo crê que o afeto verdadeiro depende da reciprocidade: “O afeto acontece quando reconheço que aquela pessoa tem algo que me enriquece também. Caso contrário não tem como estabelecer o afeto, como estabelecer um relacionamento verdadeiro.” (ALONSO, 2017)

O afeto implica não esconder as boas ideias, como se alguém quisesse roubá-las, e visa



Figura 93 AFETO. Descobrir quem está por trás da beleza. Fonte: Instituto Elos

aumentar o número de pessoas envolvidas no processo. Mobilizar mais pessoas evita que as ideias, ao invés de sair do papel, fiquem presas em bibliotecas. O aumento do número de participantes diretos e interessados faz crescer enormemente a possibilidade de êxito do projeto, não importa sua escala de abrangência. Como o compromisso da

ação é viabilizar a “arquitetura do lado de fora” e gerar mudança na realidade através da criação conjunta do novo, é importante discutir todas as ideias para afinar de maneira

consensual um sonho que pertença a todos, o que se dá na etapa seguinte. (Cf. ALONSO, 2017)

9.7.3. Terceiro passo: SONHO

“Aqui se discute o que fazer juntos e se tenta provocar um sonho coletivo.” (ALONSO, 2017).

Para decidir o que construir, o Instituto propõe a troca do paradigma da escassez pelo da abundância, que amplia a capacidade de sonhar com o melhor dos mundos. Este passo pressupõe um amplo diálogo para se chegar ao sonho consensual, que se realiza a partir de um convite para a comunidade realizar a “Roda dos Sonhos”. Neste fórum ampliado, todos são convidados a dialogar sobre quais as melhorias mais desejadas para o bairro e descobrir sonhos compartilhados. O objetivo comum é vislumbrar um projeto que motive as pessoas a construir algo juntas.

Em comunidades pequenas, formar uma grande roda e dar a palavra a todos é uma



Figura 94: SONHO. Roda de sonhos em uma comunidade. Fonte: Instituto Elos

forma de ação direta para encontrar o sonho comum. Nela, é importante manter relações horizontalizadas e buscar condições de igualdade de voz entre os envolvidos. Se não for possível realizar a roda no próprio local do projeto, é recomendável que os interessados diretos conheçam anteriormente o local onde

será construído ou restaurado o equipamento e convocar todas as comunidades que possam ser envolvidas. Isto implica pesquisar a(s) comunidade(s) e reunir diretamente as beneficiada(s). O mais indicado é convidá-las a participar da pesquisa, da busca de recursos, das escolhas e das decisões. Envolver muitas pessoas nos temas relacionados à localização do terreno, arborização, programa de usos, materiais etc. (Cf. ALONSO, 2017).

No começo do trabalho em comunidades, quando ainda cursavam a FAUS, os estudantes do Grupo Reviver chamavam esta etapa de “projeto”. Depois, já como integrantes do Instituto Elos, perceberam que chamá-la de “sonho” traz para a roda aspectos da utopia, de fazer o melhor, e valida a questão do *melhor mundo*, que contém uma proposta

radical. Rodrigo nos fala que “para realizar um sonho a gente resolve vinte problemas no caminho sem se preocupar com eles, porque o foco, o nosso olhar, está neste futuro.” (ALONSO, 2017). A sensação de prazer que sentimos ao sonhar é, segundo ele, um incentivo indispensável para encontrarmos força e energia para realizarmos nossas utopias: “Quando a gente sonha consegue sentir no corpo como se já tivesse realizado. Não é mágico? O corpo esquenta e parece que a gente já está vivendo aquilo! E no final do sonho, com esta energia, com esta vontade, a gente começa a trabalhar para viver aquilo na realidade.” (ALONSO, 2017). A primeira provocação que se coloca na roda é perguntar o que cada participante sonha para sua comunidade e o que os membros do grupo podem fazer juntos: “Falo que o sonho. Às vezes, quanto mais impossível parece, mais dá vontade de fazer. Vira desafio.” (ALONSO, 2017). Depois, trata-se de cuidar deste sonho coletivo, até que ele esteja concluído [Milagre] e possa ser entregue à comunidade [Celebração]. (Cf. ALONSO, 2017)

Concluimos que trabalhar a “Roda dos Sonhos” na comunidade é um processo que permite encontrar propósitos comuns capazes de fazer evoluir a construção da unidade. O processo torna-se mais fácil de ativar quando há organização prévia, pois, com a prática de discutir, as pessoas se mostram cada vez mais capazes de: [1] evitar reclamações quando alguns dos participantes, apesar de interessados, não agem exatamente como os demais gostariam; [2] evitar discursos sem fim que buscam apontar os culpados pela situação ter chegado ao ponto que chegou; [3] perceber que é melhor não depender da boa vontade alheia, pois ela não nos pertence; [4] manter-se em participação ativa, para evitar que outros grupos, ativos mas alheios ao processo, o encabecem e o conduzam para onde lhes aprouver ou apontarem seus interesses. (Cf. ALONSO, 2017) Quando se trata de um projeto público, como no caso do MPS, conhecer as pessoas para quem e com quem se vai projetar implica convidar a sociedade civil como um todo para exposições públicas, para que debatam as ideias desde o início e durante o processo, e não simplesmente quando tudo já estiver decidido. Convocar as universidades, os coletivos, os políticos, as organizações da sociedade civil, a mídia [rádios, TVs, jornais], pessoas de todas as classes sociais, inclusive as mais excluídas, de todas as faixas etárias, inclusive as crianças, de todas as etnias, tanto nativos como estrangeiros. (Cf. GAUCHE, GABRIEL, JÚNIOR, 2017-2020)

9.7.4. Quarto Passo: CUIDADO

Cuidar do sonho e criar estratégias e projetos para que ele possa virar realidade.

(ALONSO, 2017)

Para decidir como dar forma ao sonho – seja ele uma área de lazer para crianças, uma



Figura 95: Moradores projetando através de maquetes Fonte: Acervo do instituto Elos.

creche, uma escola, uma ponte, um parque – chega-se à hora da arquitetura.

Lembramos que na filosofia do Instituto Elos não há arquitetura sem a transformação do espaço e das relações do lado de fora, na realidade. Por isso, esta etapa prevê encontrar um terreno

vazio que possa abrigar o projeto, identificar se está sendo utilizado pelo

coletivo ou se pertence a alguém, e em caso positivo negociar a liberação ou procurar outro, até que o espaço para realização do projeto se concretize. Implica ainda buscar recursos materiais disponíveis no local ou que possam ser obtidos através de doações.

Rodrigo enfatiza o caráter coletivo que o Instituto Elos dá ao projeto quando afirma: “A gente mergulhou bem fundo nesta estória de inteligência coletiva. Abrimos mão de projetar e falamos: as pessoas podem projetar elas mesmas. E isso se dá através de maquetes.” (ALONSO, 2017). A práxis do instituto apontou para resultados superiores com modelos tridimensionais. A dinâmica se dá com grupos de leigos da comunidade e apoio da equipe do Elos. Desenhos técnicos bidimensionais, tais como plantas, cortes e elevações, foram experimentados na elaboração do pré-projeto participativo com menor êxito, devido ao alto nível de abstração exigido para compor mentalmente as imagens, que se mostrou de acesso difícil a não especialistas. (Cf. ALONSO, 2017)

Para realização das maquetes coletivas, o terreno já deve ter sido previamente escolhido pelo grupo, nas rodas de conversa anteriores, para que seja possível elaborar várias bases idênticas sem escala técnica, mas com a declividade, dimensões e proporções aproximadas às do terreno, uma para cada subgrupo.

O desenvolvimento destes modelos tridimensionais auxilia na definição dos equipamentos e de sua posição no terreno; dos acessos; dos materiais a serem utilizados; da arborização, com critérios de insolação e sombreamento etc. Esta

definição compartilhada aumenta o pertencimento com o espaço construído e o torna mais adequado ao uso da comunidade. (Cf. ALONSO, 2017)

Mostrou-se conveniente que o grupo de interessados se reúna em um local amplo, público, onde haja espaço para trabalhar nas maquetes e discutir, como o centro comunitário da favela, a escola do bairro, o CEU ou o SESC mais próximos. Tendo em mãos o material previamente trabalhado e fornecido pelo instituto, os subgrupos discutem e montam sobre as bases sua proposta coletiva.



Quando cada subgrupo grupo chega à solução do seu modelo, todas as maquetes são apresentadas e discutidas

Figura 96: Grupo manipula material previamente elaborado pelo Instituto Elos para realizar as maquetes. Fonte: Instituto Elos

no grupo original maior, que analisa as diferentes propostas até que sejam escolhidas consensualmente as melhores soluções para cada item. Só então o grupo todo se debruça sobre uma base nova e limpa, previamente reservada, onde sintetizará as melhores soluções, e esta maquete-síntese servirá de base para executar a obra. (Cf. ALONSO, 2017).

A seleção coletiva das melhores soluções leva também em consideração outros critérios, pré-estabelecidos pelo grupo durante as rodas de conversa, realizadas antes desta fase. Em determinadas situações, quando os projetos são modestos, os recursos podem estar bem perto do terreno – por serem abundantes na natureza – ou serem obtidos através de doações da sociedade civil organizada, de “vaquinhas” virtuais, de instituições beneficentes, ONGS etc. Uma vez de posse dos recursos humanos e garantido o material – sejam bambus, pedras, palmeiras ou o que foi definido através da lista gerada a partir das maquetes –, os envolvidos partem para o trabalho em processo de mutirão, até que se realize a intervenção e a *arquitetura do lado de fora* se viabilize. (Cf. ALONSO, 2017). Nas comunidades caiçaras, por exemplo, o bambu e as redes podem ajudar a construir um playground. Todos os pescadores sabem usar estes materiais, pois faz parte de seu trabalho diário. No Sul, árvores frondosas podem servir para construir pontes, e muitos sabem mexer com madeira, pois é um material abundante no local. Pessoas generosas

são capazes de doar pianos e até terrenos para uma comunidade realizar um sonho, mas é preciso se organizar, pesquisar, correr atrás, acreditar, e passar certos momentos de tensão, na espera, na ansiedade. Mas esta é uma parte importantíssima do projeto, que não pode ser evitada. (Cf. ALONSO, 2017).

Nos projetos de maior porte, se fará necessário contratar especialistas da área de arquitetura, urbanismo, meio ambiente, topografia etc., para apoiar e acompanhar o processo técnico de projeto executivo e representação gráfica, com a contribuição de alguns usuários da comunidade. Depois, com o projeto semipronto e representado, o coletivo é chamado novamente a opinar, emitindo pareceres, fazendo revisões e ajustes – e muitas pessoas da comunidade vão se envolver diretamente na execução da obra, para garantir sua viabilidade. (Cf. ALONSO, 2017).

O projeto pode atingir também escalas diferentes, conectadas por um plano urbanístico maior, para toda uma região. Quando a escala é maior, os recursos demandados são mais vultuosos e podem envolver fomentos ou doações de organizações internacionais, ou dos diferentes escalões do governo, como por exemplo a Caixa Econômica Federal, onde existem linhas de crédito subsidiado especificamente destinadas ao financiamento deste tipo de realização. O uso destes recursos já ocorreu na viabilização de um museu, de creches e de um conjunto de edifícios residenciais, projetados pelo Elos em conjunto com comunidades organizadas. (Cf. ALONSO, 2017).



Figura 97: Caiçara cria mobiliário de parquinho utilizando bambu da região. Fonte Instituto Elos

De acordo com a escala e a complexidade, pode tornar-se oportuno criar uma equipe interdisciplinar, que envolva colaboradores financiados por ONGS ou entidades públicas, ou voluntários. Estas equipes podem envolver profissionais de várias especialidades: arquitetos urbanistas, advogados, geógrafos, engenheiros,

assistentes sociais etc., além de estudantes e estagiários destas e outras áreas. O Estatuto da Cidade prevê a criação, dentro das prefeituras, de equipes de assistência técnica [ATHIS] para fornecer apoio a grupos populares, sobretudo na criação de projetos públicos, autogeridos por comunidades.

Como toda práxis, a arquitetura tem uma parte teórica, e outra prática. Projetar é um rico processo metodológico de preparação para atingir o êxito nesta práxis. Quando é participativo, o que foi discutido, idealizado e representado pela comunidade tem que se tornar exequível técnica, estética, social, política e economicamente para responder às necessidades reais. Independente de envolver algumas famílias ou toda a cidade. O compromisso daquele determinado grupo social que criou o projeto passa a ser muito maior com a mudança do espaço e das possibilidades de vida e convivência. Diferentes dos exercícios acadêmicos, que não têm necessariamente o compromisso de sair do papel, os projetos desenvolvidos em processo de cocriação com a comunidade partem de uma necessidade real compartilhada e, ainda que não sejam considerados prioritários na visão dos representantes políticos locais, são emergenciais do ponto de vista da comunidade envolvida. Tirá-los do papel é condição absoluta e ponto de honra para o Instituto. Por isso, o passo seguinte implica pôr a mão na massa para realizar um milagre: o sonho compartilhado pela comunidade. (Cf. ALONSO, 2017).

9.7.5. Quinto Passo: MILAGRE

“O desafio de colocar a mão na massa e tornar o sonho real torna-se a parte mais emocionante da estória.” (ALONSO, 2017). Frequentemente o milagre começa em uma quinta-feira, quando o grupo se reúne para fazer o estudo, e prossegue na sexta, com a busca dos recursos. Inicialmente, não tem material, não tem dinheiro, nem mão de obra. O grupo precisa se organizar para garantir ao máximo o processo. Enfim, para viabilizar o mutirão, a comunidade toda tem que se mobilizar: conseguir doações com as redes de apoio local, fazer chegar as doações de fora até o terreno, preparar o local, avisar as pessoas, garantir a presença, ver de onde pode puxar a água etc. Garantidos os recursos e as pessoas, da comunidade e de fora dela, no final de semana – sábado e domingo – os voluntários e membros do Elos comparecem, chamam a comunidade, todos se reúnem no lugar combinado do bairro, onde vai acontecer o mutirão. E lá encontram [quase] tudo que é necessário para fazer o sonho se materializar. Sempre tem alguma coisa que falta, ou que não serve, e a equipe toda tem que enfrentar o desafio de correr atrás daquilo de última hora, antes que o comércio feche, antes que a pessoa saia de casa, antes que escureça, antes que chova e que o domingo acabe. E isso tudo faz parte. Para os novatos, sempre dá aquele frio na barriga, o medo de fracassar. Será que vamos

conseguir fazer isto sem dinheiro e neste tempo? Isso também é parte do processo. (Cf. JÚNIOR, 2020). Mas depois que todos se dispõem a colocar a mão na massa para executar o projeto, o milagre acontece. Rodrigo nos fala que, nos primórdios de criação desta metodologia, esta etapa se chamava “ação”. A palavra “milagre” veio das comunidades, quando o Instituto optou por usar palavras mais poéticas: “Mas é milagre na concepção popular da palavra – que de repente dá para fazer uma coisa que parecia impossível!” (ALONSO, 2017).

É importante analisar como o milagre se torna possível e por quê. Rodrigo comenta que o processo como um todo se pauta no paradigma da abundância e em outro modelo de relacionamento, em que cada pessoa se propõe a dar o melhor de si e buscar no outro, que está a seu lado, o melhor que ele tem a oferecer. Isso acontece na busca de soluções, na construção do consenso, no diálogo horizontal e na construção do sonho coletivo. (Cf. ALONSO, 2017).

Este é um trabalho diferente do que estamos acostumados a realizar. No nosso cotidiano, nem sempre podemos escolher com liberdade nossos espaços de trabalho, e muitas vezes esta escolha não é baseada diretamente em nossos propósitos pessoais. Também não somos incentivados a desenvolver relações afetivas fortes no

ambiente de trabalho, ou a agir colaborando e nos importando com os outros. O caminho convencional pode ser o oposto deste: climas neoliberais altamente competitivos, de alta produtividade, cercados de pessoas que não escolhemos, respondendo a ordens, geralmente de alguém que não vemos nem como mentor, nem como líder, mas como chefe. Com o tempo, a situação pode se tornar muito monótona,



Figura 98. Crianças de uma comunidade caiçara brincam no playground de bambu. E tudo foi feito com um recurso deles, tecnologia deles, conhecimento deles. Eu falo que neste momento a gente vira servente de pedreiro. Quem sabe são eles. Estamos trabalhando com o que eles têm de melhor. As crianças se envolvem, e tem todo um processo delas se apropriarem do espaço. (ALONSO, 2017). Fonte: Arquivo Instituto Elos

cada vez mais desestimulante. Quando encontramos um contexto favorável de trabalho, em que o clima é diferente, o vínculo entre as pessoas é estimulante, e delas com o que estão desenvolvendo também, todos nos sentimos menos limitados pelo isolamento e mais capazes de superar o medo. Este envolvimento muda tudo, nos torna mais conectados com o resultado e animados para dar o nosso melhor. Gera possibilidades de capacitação pessoal e coletiva e evita que nossa própria vida se torne miserável, pois nos dá ânimo para chegar juntos a resultados surpreendentes, além daqueles que imaginávamos ser possíveis. Mais pessoas para fazer significa mais guardiões para cuidar do que foi feito. Quanto maior o envolvimento, maior o pertencimento, o fortalecimento da comunidade, o aprendizado coletivo. No caso de haver excedente de pessoas querendo participar, fazer seleção por aptidão ou encaminhar o excedente para outros projetos em andamento, se houver. Usar recursos, valores culturais e relações locais é dar o devido valor à comunidade [Comum Unidade]. Valorizar os talentos e os saberes locais, soluções tradicionais aprendidas com pais e avós, ou ainda soluções vernaculares, são formas de envolver as pessoas, valorizar a beleza do que são capazes de fazer, potencializar seus saberes, valorizar seus talentos, perenizar suas técnicas, aprender com elas. Isso também gera pertencimento. (Cf. ALONSO, 2017).

9.7.6. **Sexto passo: CELEBRAÇÃO**

“Antes, era importante o marceneiro. Agora, é importante o sanfoneiro, para celebrar! A gente faz grandes celebrações.” (ALONSO, 2017).

Com o espaço pronto, chega o momento de reconhecer a importância da colaboração de cada um. Agradecer a obra recém-realizada pelo processo de mutirão e festejar para recarregar as energias e consolidar as relações. São estas celebrações que mobilizam as comunidades para continuar reunidas na descoberta de novos sonhos coletivos, a partir de novas discussões, rodas de conversa, mutirões e conquistas. Rodrigo nos fala que o Instituto Elos sempre promove com a comunidade uma festa no final destes processos. “A gente dança, brinca... Essa é a etapa mais importante, porque a gente está falando do real propósito daquilo que a gente faz: conectar o trabalho com esta dimensão quase espiritual de estímulo de vida!” Se celebrar é tão fundamental nesta metodologia, cabe a nós perguntar, afinal o que estamos celebrando? “Celebrar o mutirão deste sonho, deste anseio de felicidade, esta construção! Celebrar a vida!” (ALONSO, 2017).

Para esta etapa, recomenda-se usar o espaço aberto que a comunidade já utiliza para festas. Mas, dependendo do caso, pode acontecer no próprio espaço onde a obra foi concluída pelo mutirão, no largo onde se concentra o comércio local, na praça ou no centro comunitário. É aberta ao público, e todos os que participaram do mutirão são convidados e comparecem trazendo algo para comer ou beber, que arrumam na mesa já montada para este fim. A equipe do Elos quase sempre promove uma dança circular, ou outra dinâmica semelhante, acompanhada de música. Os moradores festeiros que foram identificados no show de talentos tocam, dançam e promovem brincadeiras.



Figura 99: Celebração de horta coletiva e pintura mural executadas em um bairro de Amsterdam.
Fonte: Instituto Elos.

As crianças são sempre as primeiras a chegar e as últimas a sair em todas as atividades propostas. Sempre comparecem e animam a festa. Muitas sozinhas, outras acompanhadas dos pais ou dos avós, correm, brincam, comem e bebem. A celebração, na verdade, pouco difere de uma festa popular comunitária. Ser praticamente igual às festas locais a torna mais autêntica. Não há nenhum tipo de discurso, fala pública ou outra forma de manifestação política dos membros da equipe Elos durante as celebrações. Como já têm vínculo com a comunidade, agem de forma absolutamente natural e discreta, diluídos nela, festejando. Alguns levam seus filhos, ou esposos(as). Algumas comunidades conseguem dar continuidade sozinhas às ações e programas iniciados com apoio do Instituto Elos e se mantêm bastante ativas depois de experimentar o sucesso de um projeto ou ação conjunta através dos seis passos acima descritos. Passam a se organizar melhor depois desta vivência e criam outras formas de continuar a transformação da sua realidade. Esta RE-EVOLUÇÃO é o desejado passo final que conecta o início ao fim do ciclo de transformação, tornando-o permanente. A

continuidade demonstra que o grupo já atingiu certa maturidade e pode dar seus próximos passos sozinho.

9.7.7. Sétimo passo: RE-EVOLUÇÃO

“Voltar ao início, continuar a evoluir, recomeçar.” (ALONSO, 2017).

Nesta etapa, espera-se que, motivada por novas necessidades, a comunidade se programe de maneira autônoma para projetar e executar novas melhorias em seus espaços públicos e privados: “Até aqui estava bom, mas a gente quer mais! A gente quer que aconteça e re-evolução, que é quando este grupo de pessoas se empolga, toma gosto com isso, e quer continuar fazendo mais!” (ALONSO, 2017).



Figura 100: Duas creches construídas no Morro da Penha com acompanhamento do Instituto Elos

Fonte: Arquivos do Instituto Elos

Aqui a gente está em Santos e faz uma creche de palafitas em cinco dias. Só que eles tomaram gosto. As pessoas se organizaram e montaram uma associação, começaram a gerenciar a creche. De repente, um ano depois, ligaram para a gente e falaram: “Poxa, a creche está cheia! Já está lotada! Com crianças de manhã. Está lotada de tarde também. E à noite a gente colocou aulas de alfabetização para adultos... No sábado conseguimos médicos para dar atendimentos grátis. E no domingo tem seção de cinema.

Precisamos ampliar. Só que a gente já pediu a creche para os empresários da cidade e conseguiu o dinheiro para fazer uma nova e maior.” Aí vem a petulância: “Vocês não são arquitetos? Então, a gente queria uma creche mais bonita agora! E aí? Vocês não podem vir aqui ajudar a gente a construir uma segunda creche?” E a gente se esforçou para fazer uma coisa bonita. Eles queriam uma área de plantio. Nós e a comunidade batalhamos juntos por um terreno junto à COHAB para ter uma horta. (ALONSO, 2017).

Por participar de todo o processo, muitas pessoas aprendem a replicá-lo e, mais do que isso, tornam-se capazes de aperfeiçoá-lo, colaborando com o desenvolvimento da metodologia de cocriação de espaços públicos e de realização da *arquitetura do lado de fora*. Deseja-se que a experiência se torne uma fonte de aprendizado para o grupo que

participa ativamente, e o capacite a empreender novas experiências similares de forma autônoma.

Rodrigo exemplifica relatando a experiência que o Instituto Elos teve no Morro da Penha, em Santos, onde desenvolveu duas creches em mutirão, a primeira em cinco dias, com estrutura de palafita, para atender demandas emergenciais. Cerca de um ano depois, juntos conseguiram um terreno e teve início a construção da segunda creche, feita de madeira, em três meses de trabalho conjunto, de forma muito semelhante àquela que os portugueses utilizavam nos chalés históricos. Esta creche da comunidade manteve, também, vários elementos da arquitetura tradicional local, entre eles a palafita, escolha que respeita a forma vernácula de construir da comunidade e favorece que mais pessoas se sintam aptas a ajudar no mutirão.

9.8. Considerações sobre estratégias participativas de ação social

Os sete passos acima descritos têm o intuito de levar uma comunidade a perceber sua beleza, seus talentos e possibilidades reais de utilizá-los. Busca incentivá-la a sentir-se capaz de criar algo a partir da união de todos, e provocá-la a realizar seus sonhos, se possível em um curto espaço de tempo, tornando realidade aquilo que a priori parece impossível, e depois celebrar este resultado.

Este processo de criação coletiva e participativa pressupõe que seja desenvolvido de forma aberta e compartilhada entre os clientes-usuários e os especialistas, desde o projeto até a execução, ou seja, desde o nível inicial mais abstrato até a concretização da obra no local. Esta particularidade é importante, pois, quando os clientes-usuários são chamados a participar do momento político de maior importância, o de tomada de decisões, fazem as escolhas iniciais que definirão o partido do projeto, o que é fundamental para que o entendam e abracem como seu.

Muitas obras do Estado construídas em comunidades são depredadas e abandonadas porque alguma opção errada – fechada, de gabinete – comprometeu o início do processo e, com isso, todo o resultado. Talvez a intervenção esteja no local errado, inibindo algum uso anterior importante para a comunidade, ou o programa não tenha relação direta com as necessidades locais. Insistir no erro inicial pode aumentar as despesas de manutenção, sem resultado positivo a longo prazo. O mais acertado, em um caso assim, seria um reinício: rever as diretrizes junto com a comunidade, para evitar novos equívocos e despesas inúteis.

Para construir *arquitetura do lado de fora* junto com as comunidades é indispensável uma discussão que abra o diálogo e contemple as três questões ontológicas do projeto: *fazer o quê, para quem e por quê?* Normalmente os presentes utilizam seu conhecimento da realidade local, da dinâmica social e das formas resultantes de ocupação do espaço para chegar em seguida às questões executivas: *onde, com que recursos e quando?* No caso do Instituto, os membros da equipe põem em pauta as soluções vernaculares e tradicionais que se adaptam à cultura e à paisagem local.

Aplicada em diversos campos, esta metodologia participativa já pode ser analisada e avaliada em sua eficácia técnica e contribuição democrática com um certo grau de distanciamento temporal, a partir do resultado obtido em experiências reais tais como os projetos habitacionais públicos desenvolvidos, construídos e já em pleno uso em cidades do Estado de São Paulo, como Ribeirão Preto e Campinas. As soluções de gestão pública participativa baseadas nessa metodologia já puderam ser socialmente avaliadas, e algumas delas foram objeto de premiações ¹²³.

9.9. Possíveis influências freireanas na metodologia Elos

Em disciplina ministrada por Alexandre Saul¹²⁴ neste programa, a autora desenvolveu um estudo para investigar possíveis relações entre a metodologia Elos e a pedagogia freireana, baseada no conceito de educação libertária ou humanizadora de Paulo Freire. Segundo Saul (2017), a educação libertária (ou libertadora) está estruturada sobre diversos conceitos de Freire: [1] Exige por parte dos sujeitos e grupos envolvidos acurada **leitura da realidade**, que contemple os conflitos e as contradições nela inseridos; [2] Requer **diálogo horizontal e escuta dialógica**, que possibilitem disputas mais leais e abertas de ideias na construção de possíveis consensos; [3] Pressupõe **formação permanente**, isto é, a disponibilidade de nos educarmos educando uns aos outros. Só assim fundamenta a construção de conhecimento crítico sobre a realidade na qual se atua individual e coletivamente, para atingirmos a **ampliação da justiça social** e favorecermos a **humanização dos indivíduos e grupos envolvidos**, e consequente transformação da vida em sociedade. Ainda que tais pressupostos também possam ser

¹²³ Destacamos o segundo lugar no Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologias Sociais, na categoria Gestão Pública, e o prêmio 'Rebeldes Com Causa', que apoia realizadores na área social no Brasil e no mundo

¹²⁴ Cursada pela autora em 2017 no PPGE da UNISANTOS.

encontrados nos escritos de outros autores, sua atribuição a Freire é corroborada pela presença de citações deste autor no POEMA, documento seminal dos EMAUs redigido na década de 1990 ao qual os integrantes do EMAU Reviver tiveram acesso.



Figura 101: Paralelo entre os sete passos da filosofia Elos e a pedagogia freireana. Fonte: a autora.

Fonte: Elaboração da autora 2017

Na trama conceitual acima, desenvolvida com apoio de Alexandre Saul na sua disciplina do PPGE, a autora tece paralelo entre as premissas pedagógicas de Paulo Freire e a filosofia Elos, para avaliar se o conceito de educação humanizadora se aplica às iniciativas de educação não formal realizadas pelo Instituto. Na estrutura estelar interna, seis crivos éticos freirianos encontram-se entrelaçados ao centro, enquanto os sete passos da filosofia Elos compõem a estrela externa. Ao redor das duas, dispõem-se textos redigidos pela autora, na cor vermelha os que sintetizam ideias do Instituto Elos e, em preto, ideias de Paulo Freire.

Apesar de vir sendo teoricamente aprimorada desde 1998, a pedagogia Elos não foi ainda formalizada em texto. Natasha Gabriel, em conversa informal com a autora¹²⁵,

¹²⁵ Realizada durante o GSA de 2017, no qual a autora participou de algumas atividades, como convidada do grupo de ex-alunos que até hoje dirige o Instituto.

mencionou que especialistas em diversas áreas do conhecimento dão suporte teórico aos diferentes programas do Instituto e, ao atuar como consultores, geram múltiplas influências no desenvolvimento da linha pedagógica e dos materiais didáticos utilizados, tanto no GSA quanto no Oásis, suas principais vivências pedagógicas.

Como os resultados alcançados pela autora nestes estudos não foram conclusivos, para dar continuidade ao tema foi realizada em 9 de março de 2020 entrevista com Edgard Gouveia Júnior, citado pelos demais integrantes como principal responsável pelo desenvolvimento pedagógico dos programas do Reviver e da fase inicial do Instituto Elos. Na ocasião, o mentor do Instituto declarou nunca ter tido contato com o autor: “Nunca li, mas todo mundo fala que é puro Paulo Freire o que eu faço. Tenho vontade de ler, mas, mesmo sem ter lido, já sou fã dele.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322) Edgard foi apontado por Alê como um mentor que sugeria leituras para o grupo, e citou entre elas “Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino. Poderíamos supor que se deleita com literatura, mas não aprecia livros pedagógicos? Na sua fala, várias vezes reitera sua autonomia intelectual e atribui à sua experiência de vida praticamente toda a sua sabedoria:

“Acho que muito desta forma de fazer veio de mim mesmo, da minha experiência, da experiência com meu pai, que vivia me jogando em comunidades caiçaras. A minha infância trouxe isso. Também convivi muito com o pessoal de fazenda, interior, mutirão. Já percebia que estas pessoas eram tudo, menos ignorantes, eram muito sábias. Era fã delas, pois tinham muito conhecimento. **A escola que nos adestrou a achar que eles eram ignorantes e a gente é bom. Mas eles sabiam muito mais do que o pessoal da escola.** Sabiam sobre lua, sobre maré, sobre como educar uma criança corretamente Como eu tinha muito conhecimento com eles desde criança, reconhecia que havia um saber incrível lá e sabia que eles são tudo, menos miseráveis.” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322).

Edgard explicita aqui seu lugar de fala, que marcou sua tutoria para com o Grupo Reviver: “Por isso, na hora deles irem para a comunidade, como era eu que tinha que desenhar, falei: ‘Vão aprender com eles’. (...). Eu tinha esse olhar positivo, por isso disse: ‘Vão olhar o que é maravilhoso neles!’” (GOUVEIA Jr, 2020, p. 322). Embora tenha cursado inclusive uma especialização, fundamenta sua conduta como tutor nestes valores, e reitera diversas vezes esta postura de relativizar o conhecimento formal, que também é intensa em Mariana Gauche, e se manifesta de maneira mais sutil em Natasha.



Figura 102 Trama conceitual freireana de educação libertadora exposta em aula ministrada pelo professor Alexandre Saul Pinto. PPGE – Unisantos, 2017
Fonte: SAUL, 2017

Pessoalmente tendemos a valorizá-la como uma conduta estratégica bastante positiva, pois assegura o cuidado de: [1] nunca abordar as populações tradicionais como massa de manobra; [2] nunca enxergar as ações de extensão como uma forma de a universidade “conscientizar” ou “instruir” pessoas não letradas através de estudantes e professores doutos, “conhedores da verdade”, seja lá o que se entenda pelo termo. Mas, no caso do Reviver, pode não se tratar só de um posicionamento estratégico.

Concluimos que, quando se trata de valorizar a construção do saber por meio da práxis coletiva, cerne desta pedagogia, pouco importa se somos mais ou menos estudados que os demais membros do grupo de ação. Fazer este contraponto é bastante útil para relativizar o saber produzido na universidade, que não está acessível a todos, e pode não coincidir exatamente com o caminho da sabedoria.

Há no grupo um olhar verdadeiramente crítico frente à educação excessivamente diretiva, inflexível, hierárquica etc. que prevalece no intramuros da academia. Os entrevistados se opõem a este modelo de forma incansável há décadas, desde que eram estudantes da FAUS, e sua voz hoje encontra eco em toda parte. Isto explica por que nenhum deles se tornou professor das redes formais de ensino, embora o Instituto mantenha vínculos muito positivos com algumas ações de extensão promovidas pela academia, como a Promotória Comunitária criada pelo curso de direito da UNISANTOS.

ENTREMEIO: Heloisa Bergamin, estudante do EMAU Mosaico

Digo que o Mosaico é esta confusão porque, às vezes, a gente se dá conta que sou eu que estou hoje aqui, mas amanhã outras pessoas que vão estar no meu lugar, falando sobre o Mosaico. Outra coisa que eu posso dizer pelos alunos: a idade do Mosaico é muito importante. Ao longo destes 15 anos ele vem se construindo e se renovando com diferentes propostas, novas temáticas e formas de atuação.

Mesmo tendo uma estrutura que se mantém, a gente procura sempre se renovar naquilo que faz. Nossos trabalhos valorizam exatamente isso: o processo de aprendizado além da academia, além do que é apresentado em sala de aula, e principalmente o que a gente aprende na rua. Essa interação é muito importante porque, às vezes, estamos aprendendo em sala de aula alguma coisa que diz respeito ao trabalho do Mosaico, e outras vezes, o trabalho no escritório modelo contribui com o que estamos vendo em sala.

Na verdade, essa prática é o ponto mais importante, porque quando um estudante entra no Escritório Modelo existe uma ampliação da visão, e a gente passa a interagir com tudo que acontece na faculdade, porque entende que ensino não é só aquilo que acontece dentro da sala de aula, é também ir a uma palestra, a um evento, a uma vivência, e não se manter ali, inerte, criticar o que está acontecendo. É entender que quem faz a faculdade é você. É você que está



Figura 103 Heloisa Bergamin
Fonte: Acervo pessoal de Heloisa Bergamin.

construindo tudo aquilo. Essa é uma das partes mais mágicas.

Na cidade de São Paulo existe uma enorme demanda de trabalho e de conhecimentos a serem trocados e solucionados, entre eles alguns que renovam a maneira de trabalhar com a comunidade. Precisamos

entender as questões do território das pessoas, a

necessidade e de onde ela vem, porque, se a gente não entender isso, como fazer um bom projeto coletivamente? Como construir alguma coisa de forma coletiva? Nessa construção entram muitas mãos de alunos, de professores, de cidadãos, e principalmente muitas coisas da realidade comum: do poder público, de outras instituições, outras demandas. Então vamos construindo isso – o EMAU mesmo – como uma forma de ampliar nosso campo de visão e nossas ferramentas de trabalho.

A FAU Mackenzie é uma faculdade forte em projeto, então por que não usar isso para instrumentalizar aqueles coletivos? O desafio é conciliar tudo isso e tentar produzir alguma forma de emancipação. Procuramos construir não só projetos na escala do edifício, mas também na escala urbana, ou metodologias, porque lidamos com o processo como reflexo daquilo que somos e produzimos. É isso que desenvolvemos, principalmente. Entendemos que esse processo não é pontual, como as coisas que acontecem em sala, nas disciplinas. Enquanto em sala de aula as coisas são muito rápidas, no Escritório Modelo elas têm outra dinâmica. Dentro da cidade, com os atores que lidamos, vemos que é

completamente diferente. Temos trabalhos que duram um, dois, três anos, é uma coisa que se estende, às vezes vai, às vezes volta. Temos essa confluência dos tempos. Por isto é importante trabalhar em comunidades organizadas, para que elas possam dar continuidade.

Sabemos que o Escritório Modelo é importante, mas existem questões para as quais não temos resposta. Se esse projeto é coletivo, quem assina? Quem é responsável? É uma coisa que a gente está construindo e muitas vezes, quando o que propomos é uma metodologia, nem precisa assinatura, apenas vamos desenvolvendo.

Nos GTs, muitas vezes, o tempo é mais corrido do que na faculdade, pois na luta com o poder público o ritmo é muito rápido e, às vezes, estamos batendo, às vezes apanhando. Um projeto que potencializa o que já tem no lugar faz as pessoas perceberem que aquele território tem potencialidades, é um lugar interessante para se viver.

Os atuais GTs do Mosaico mostram bastante diversidade no campo de trabalho. O GT Observatório trata de demandas habitacionais e de saúde; o GT Bocada trabalha em um memorial para o hip hop; o Fábrica de Restauro atua com patrimônio; o UNAS, com crianças de Heliópolis; e o GT Milton Santos projeta a cobertura de uma loja em Americana, interior de São Paulo.

As demandas chegam ao EMAU Mosaico através de um professor, ou de um membro antigo, ou de uma entidade que nos conhece, e então estudamos para ver se a comunidade é organizada e a demanda tem ligação com arquitetura. Daí montamos um grupo disposto a imergir naquilo, ciente que os resultados

podem ser ótimos – ou não, mas no final vamos chegar a um lugar que, com certeza, nenhum de nós esperava, e essa é a melhor parte.

Muitas vezes não gosto muito daquilo que estou vendo na sala de aula, mas tudo que eu estou desenvolvendo no Mosaico é fascinante! É por isso que eu não largo a faculdade, embora às vezes dê vontade! História verdadeira! [risos]

Acredito muito nessa mudança que acontece a partir de um novo olhar que se tem da realidade e da sociedade no EMAU. Quando levamos isso para a escala nacional, vemos que tem muita gente fazendo a mesma coisa, e que aquilo que desenvolvemos se torna referência em muitos outros lugares, isso é como uma explosão! É o que faz a gente continuar, esteja dando certo ou errado!

Sabemos que existem demandas pelas quais a gente precisa lutar, e a nossa forma de lutar por elas é através do projeto. O que importa mesmo é o processo. Precisamos continuar, porque essa é a força política do projeto e do movimento estudantil. No meio do ano a gente tem os SENEMAUs, momento em que nos encontramos para discutir todas as sistemáticas dos EMAUs. O próximo vai ser agora, em agosto, e estão todos convidados, porque, embora tenha essa cara de ser só para Escritórios Modelo, é bem aberto.

Fala gravada com autorização da estudante durante o II Pré-Fórum Regional de ATHIS e Extensão Universitária: Passado, Presente e Futuro, da Semana de Atividades Programadas do PPGAU-UPM, realizada no Saguão do Prédio 9 – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie. Material gráfico disponível em

<https://drive.google.com/file/d/1eNwjcaBCRMPMXo20NPxhgbMU9Mx3k96U/view>

10. REFLEXÕES VOLTADAS PARA O FUTURO DA EXTENSÃO NA FAUS

Nesta seção, buscamos retomar alguns questionamentos que nos surgiram durante o processo da pesquisa, sempre que o objeto de estudo se conectava com nossa prática docente, exercida desde 2008 em IES na cidade de São Paulo e na FAUS a partir de 2013.

Um deles se refere ao futuro que sonhamos para equilibrar o tripé da nossa universidade, por meio da criação de um curso de residência em ATHIS que pudesse atender toda a RMBS, com apoio do OBSERVA-BS, do HABITAF AUS, da promotoria coletiva da qual dispomos no curso de direito e dos coletivos estudantis e Escritórios Modelo que possam vir a surgir a partir daí. Entendemos que essa ideia encontra apoio na iniciativa de curricularização¹²⁶ da pesquisa e da extensão já em curso na UNISANTOS. Outro se dispõe a enfrentar coletivamente o desafio antigo da integração: aproximar as sequências de projeto de arquitetura e projeto de urbanismo a partir da adoção de um projeto único de extensão escolhido pelo HABITAF AUS, desenvolvido por ambas com apoio das sequências de teoria, objeto e plástica, fazendo uso da pedagogia do Grupo Reviver. Sua concepção tem como referência o TGI vertical implantado pela equipe de projeto, então liderada por José Maria Macedo¹²⁷.

Acreditamos que, por estarmos em uma universidade comunitária, criar conexões entre a práxis de projeto e as comunidades organizadas por meio de ações de extensão agregaria um selo emocional a todos, reforçando nossa tradição histórica marcada pela presença do HABITAF AUS e do EMAU Reviver. A forma ideal de fazê-lo seria dar mais autonomia aos nossos estudantes e oportunidades para que protagonizem o processo, mantendo-os atraídos e ativos.

¹²⁶ A recente revisão do PPC da FAUS que incluiu a curricularização da pesquisa, da forma como vem sendo instituída em toda a UNISANTOS, permite que experiências de formalização características da pesquisa sejam vivenciadas já nos semestres iniciais do curso de arquitetura e urbanismo, não apenas por aqueles que se filiam à iniciação científica, mas pelo coletivo dos estudantes. Desde 2017, acolhemos nos grupos de pesquisa da FAUS e de todos os cursos da UNISANTOS estudantes do ensino médio por meio de programa específico do IPECI, do qual participamos entre 2017 e 2019. Através desta experiência, pudemos contribuir para que a potencialidade acadêmica destes estudantes crescesse visivelmente em apenas um ano, favorecendo sua colocação em cursos superiores de excelência.

¹²⁷ Aluno egresso e professor da sequência de Projeto de Arquitetura da FAUS até 2021, titular do escritório Costa e Macedo. Sua tese é amplamente citada no capítulo 3 deste trabalho: A FAUS.

10.1. O selo emocional da extensão

Quando questionada sobre qual a importância das ações de cultura e extensão realizadas pela USP, a pró-reitora de Cultura e Extensão Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado respondeu: "Acredito que por meio delas estamos levando à população não somente prestação de serviços, mas principalmente acolhimento." (Conselho editorial USP INTRAGRAÇÃO, 2019, p. 14). Após focar estes benefícios alcançados pelo lado da sociedade, apontou os obtidos pela comunidade intramuros: "E mais, [por meio delas estamos] oportunizando aos nossos estudantes uma experiência única e diferenciada na sua formação acadêmica e profissional. Aqueles que se envolvem nestas atividades adquirem uma espécie de 'selo emocional' positivo em servir ao próximo, algo que levarão consigo pelo resto de suas vidas." (Conselho editorial USP INTRAGRAÇÃO, 2019, p. 14).

Nesse pronunciamento, Maria Aparecida assim analisa as conexões entre ensino, pesquisa e extensão: "Cada ação de extensão gera informações e experiências que podem nortear não só o planejamento das atividades de extensão, como também gerar pesquisa e qualificação na formação dos nossos estudantes de graduação e pós-graduação." (Conselho editorial USP INTRAGRAÇÃO, 2019, p. 15). Machado acrescenta que isso possibilita ações integradas com as pró-reitorias de Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa.

Acreditamos que a possibilidade de integrar as pró-reitorias por meio de ações de extensão pode ser a chave pedagógica de ouro para aproveitar os recentes avanços legais que elevam o percentual das atividades curriculares extensivas para 40% nos cursos das IES. No caso específico dos cursos de arquitetura e urbanismo, muitos terão que realizar mudanças curriculares e de paradigma para adaptar suas práticas universitárias à nova regulamentação de extensão com relação aos LABHABs e EMAUs.

10.2. Contribuições para equilibrar o tripé das universidades

Todo o tempo, esta pesquisa procurou contribuir com dois desafios que o curso de graduação da FAUS enfrenta na atualidade: [1] sua adaptação à nova legislação de extensão vigente; [2] a intensificação das atividades de extensão do HABITAFUS. O questionamento "até quando a extensão será tratada como a 'prima pobre' do tripé das

universidades?”, colocado por Mel Leite no II Pré-Fórum Regional de ATHIS e Extensão Universitária, realizado na FAU Mackenzie em 2019, já fazia parte de nossas reflexões desde os estudos realizados na qualificação.



Figura 104 Mesa do II Pré-Fórum Regional de ATHIS e Extensão Universitária: Passado, Presente e Futuro. Da esquerda para a direita, Maria Amélia Devitte Ferreira D’Azevedo Leite (FIAM FAAM), Heloísa Bergamin (DAFAM/FAU Mackenzie), Angélica Alvim (FAU Mackenzie) e Daniel Pansarelli (UFABC), responsável pela redação da lei de curricularização da extensão. Fonte: <http://www.athis.org.br/forum-athis/> Acesso em 22 Jul. 2019.

Quando Mel, que coordenou o Laboratório do Habitat da FAU/PUC-Campinas de 1991 a 1999, afirmou que “a extensão ainda é vista por muitos setores como a ‘prima pobre’ do tripé da universidade.” (II Pré-Fórum Regional de ATHIS e Extensão Universitária, 2019), a estudante do escritório modelo do Mackenzie Heloisa Bergamin apontou algumas formas de superar os preconceitos que rondam a extensão, que vem desenvolvendo no EMAU Mosaico:

Os conhecimentos que estamos trabalhando não são levianos, nós estudamos para praticá-los. Então, por que não publicarmos artigos a respeito daquilo que a gente fala? Procuramos estar sempre discutindo tudo aquilo que fazemos, e isso se estende também para o campo da pesquisa, com artigos publicados. É possível que vocês nos vejam nos encontros acadêmicos. (II Pré-Fórum Regional de ATHIS e Extensão Universitária, 2019)

10.2.1. Pesquisa e extensão através dos Escritórios Modelo

A formalização do conhecimento prático adquirido pelos estudantes membros dos EMAUs, defendida por Bergamini no fórum de ATHIS, implica sua dedicação paralela à pesquisa, e tende a se generalizar como forma de se conseguir algum equilíbrio no tripé de sustentação da universidade. A pesquisa passa a gerar formalização teórica das

experiências extensivas, aproximando e articulando melhor as duas atividades e divulgando resultados paralelos através de artigos, apresentações em congressos, seminários etc. Desta forma, metodologias de ação aplicáveis em comunidades, como aquelas elaboradas pelo Grupo Reviver, serão provavelmente mais difundidas e valorizadas. Essas ações paralelas transformam positivamente o tripé da universidade, integrando pesquisa e extensão, e favorecendo, também as atividades de ensino.

Mas, para que este tripé se equilibre de fato, será preciso **uma mudança de paradigma capaz de equiparar a pontuação, o financiamento, a remuneração e o apoio oferecido à extensão àqueles desfrutados pelas equipes de ensino e pesquisa**, como sugeriu há 28 anos o fórum da ABEA, durante o I Seminário de Extensão promovido pela entidade, em 1993. Essa equiparação faria justiça aos resultados alcançados pelos grupos de extensão nestas últimas quatro décadas, assim comentados por Pompéia: "As experiências com as associações pela moradia, cooperativas e outros clientes coletivos demonstram que a integração entre a universidade e a sociedade pode produzir soluções urbanas mais saudáveis e permanentes" (POMPÉIA, 2007, p. 135/136).

10.2.2. Cursos de Residência voltados para ATHIS

Em 1975, muito antes da criação dos LABHABS, um grupo de arquitetos reunidos em Vitória, na Câmara de Arquitetura do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia [CONFEA], recomendou formalmente a adoção de medidas para que arquitetos pudessem atuar em Assistência Técnica. Isso possibilitou que, em 1976, o Sindicato dos Arquitetos do Rio Grande do Sul (SAERSG) criasse, com participação do IAB-RS, a *Assistência Técnica à Moradia Econômica (ATME)*, coordenada por Clóvis Ilgenfritz da Silva, arquiteto que participou, como deputado federal pelo PT-RS, das propostas de leis federais para o tema. Porém, somente em 2006, 24 anos após a criação do primeiro LABHAB, a ATHIS foi regularizada em todo o Brasil com a aprovação do projeto de lei 6.981/2006. Para Ângelo Marcos Vieira de Arruda¹²⁸, "daí para frente a ATME entra nas escolas de arquitetura e urbanismo, passa pelas entidades do movimento social e de

¹²⁸ Arquiteto e Urbanista, graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (1979). Mestrado em Arquitetura-PROPAR, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2010). Foi Vice-Presidente do Sindicato dos Arquitetos e Urbanistas (2014-2017) e Conselheiro Titular do CAU-MS, Coordenador do GT Estudos Urbanos do IAB-SC, Vice-presidente do SASC, membro do Conselho Consultivo da FNA. Vice-Presidente do IAB-SC. Coordenador do GT Estudos Urbanos do IAB-SC.

escritórios e ONGs de profissionais que começam a ver um novo campo de ação." (ARRUDA, 2019, s/p).

Lotufo, em sua dissertação, nos lembra que "o primeiro [LABHAB] funcionou entre 1982 e 1986 no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Belas Artes de São Paulo, com objetivo de 'fornecer o serviço de arquiteto à parcela da população que não tinha acesso à arquitetura, dentro de um processo de formação por meio de ensino e extensão'" (LOTUFO, 2014, p.33). E Pompéia afirma que a ideia de se criar o LABHAB derivou da Cooperativa do Sindicato dos Arquitetos de São Paulo, que teve curta duração na década de 1970, mas forte influência nos grupos de extensão. Comenta também que muitas pessoas que atuaram nestes primeiros LABHABs depois se engajaram em setores significativos da produção habitacional do município de São Paulo, atuaram em assessorias técnicas e tiveram participação efetiva na inovação da produção habitacional brasileira (Cf. POMPÉIA, 2007). Destaca também em sua tese a importância da introdução da residência nos cursos das FAUs: "As experiências dos *Laboratórios de Habitação* demonstram que é possível introduzir, nos currículos das escolas de arquitetura e urbanismo, um tempo de serviço dedicado a trabalhos sociais, como a 'residência' exigida pelas escolas de medicina." (POMPÉIA, 2007, p. 135).

Salientamos que esse tempo de dedicação à ação social já era percebido e concebido como prioritário pelos estudantes ligados aos Escritórios Modelo da FeNEA desde 1997, conforme pudemos comprovar através da decupagem do vídeo documentário do I SeNEMAU, realizado em Maceió.

Apesar de a dedicação dos estudantes e profissionais da área à ação social vir sendo aventada há décadas, pouco foi feito até hoje para adequar os cursos de arquitetura e urbanismo para isso. Em 2006, Pompéia já apontava o caminho: "Temos de adequar a educação superior às práticas profissionais universitárias, ligadas à produção e à gestão do espaço urbano. Nesse sentido, a experiência e a prática pedagógica dos *Laboratórios de Habitação* contribuem para uma mudança de paradigmas e para a mudança curricular necessária." (POMPÉIA, 2006, p. 136)

Arruda avalia que " a Assistência Técnica para a Habitação de Interesse Social ainda não foi implantada no país" (ARRUDA, 2019, s/p) e aponta algumas lacunas que colaboram

para o descumprimento da Lei 6.981/2006: [1] a diminuição numérica dos projetos de extensão, fator que limita as oportunidades de formar novos profissionais capacitados para exercer a ATHIS; [2] o reduzido número de FAUs do país que se adaptaram para incluir "o ensino da técnica e a forma de fazer assistência técnica, como método de trabalho, visando beneficiar as famílias de até 3 salários-mínimos." (ARRUDA, 2019, s/p). O autor não menciona se as adaptações esperadas estariam relacionadas à matriz pedagógica, ao currículo, à estrutura física ou a todas estas instâncias, mas aponta um exemplo positivo já em curso: "A UFBA mantém um curso de extensão na pós-graduação que difere de tudo que existe no país, uma residência em AU voltada para a ATHIS". (ARRUDA, 2019, s/p). Acrescentamos que na pós-graduação da FAUUSP os professores Caio Santamore, Karina Leitão e Reginaldo Ronconi caminham nessa mesma direção.

10.2.3. Extensão das IES pode trabalhar junto com ATHIS

Apesar de guardarem entre si diferenças de configuração, estratégia, captação de recursos e até de objetivos, a experiência tem demonstrado ser possível criar consensos e adotar um ideário comum para que grupos de ATHIS e ONGs atuem junto com LABHABs e escritórios modelos na prestação de assessoria técnica, com equipes interdisciplinares formadas por arquitetos urbanistas, advogados, geógrafos, sociólogos, historiadores, assistentes sociais, gestores de saúde, ambientalistas etc.

Rafael Ambrósio¹²⁹, que está envolvido profissionalmente com movimentos sociais de moradia há 15 anos, nos falou em entrevista que "ATHIS não é extensão universitária propriamente dita, mas, de certa forma, tem semelhanças. Um documentário que a Usina fez traz uma fala do Pedro Arantes¹³⁰ – que agora está na Unifesp – onde ele afirma que esse trabalho de assessoria técnica com os movimentos sociais é 'conciliação de classes'". Rafael assim explica o que Arantes concebe por este termo:

¹²⁹ Professor da sequência de urbanismo da FAUS, Titular do escritório Casa da Arvore e suplente de vereador pelo Partido dos Trabalhadores.

¹³⁰ Pedro Arantes é professor da UNIFESP, doutor pela FAU-USP (2010), com pesquisa sobre as transformações na forma e nos processos produtivos na arquitetura contemporânea. Tem graduação (1999) e mestrado em políticas urbanas (2004) pela FAU-USP. É autor artigos sobre arquitetura. Desde 1999 é integrante do grupo Usina. Na Unifesp é professor na graduação e pós-graduação no Curso de História da Arte, da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Coordena o Escritório Público de Projetos de Infraestrutura da Unifesp e foi Conselheiro titular do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (mandato 2015-2017).

“Brasileiros que tiveram acesso à educação pública e gratuita – e por consequência têm uma renda maior pela formação, pela profissão – devolvem para brasileiros que não têm acesso à educação. É uma forma de conseguir pactuar isso, trabalhando de forma conjunta, para garantir o direito¹³¹”. (AMBRÓSIO, 2019, p.368).

Após desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso na UNESP junto ao MST, Ambrósio trilhou um caminho muito comum entre os estudantes extensionistas: aproveitou as circunstâncias políticas favoráveis de relação com o governo federal, que naquele momento disponibilizava verbas por meio do Ministério das Cidades, para abrir um escritório de ATHIS: “Foi aí que eu conheci a *Peabiru- TCA*¹³², a *Usina*¹³³, e uma série de outras assessorias, a própria *Ambiente*, que tem lá em São Paulo, e isso coincidiu, na época, com a formação do Ministério das Cidades, dos recursos para habitação popular.” (AMBRÓSIO, 2019, p.367).

Ambrósio relembra que estes recursos do governo federal não eram repassados para as prefeituras nem para o governo do Estado. Iam diretamente para os movimentos, dando condições para que eles o autogerissem. Segundo afirma, este repasse direto à sociedade civil organizada dá fôlego para que as assessorias técnicas se coloquem o desafio de trabalhar profissionalmente este mercado e viver desse tipo de atividade, ao mesmo tempo que consolida a autogestão para além do mutirão.

Depois de afirmar que o CAU disponibiliza 2% de sua arrecadação para promover iniciativas em ATHIS, este professor da FAUS relatou que, durante sua gestão no HABITAF AUS, contactou as prefeituras municipais de Santos, Guarujá e Cubatão para oferecer os serviços da universidade, do Laboratório, convidando os secretários municipais de desenvolvimento urbano, de habitação e de meio ambiente a pensar formas conjuntas de viabilização de projetos voltados à comunidade. A ideia era criar

¹³¹ Rafael se refere ao direito de moradia digna, previsto pela Constituição Federal de 1988.

¹³² A Peabiru é uma ONG de assessoria técnica fundada em 1993 por um grupo de profissionais – arquitetos e urbanistas, engenheiros, advogados, psicólogos, sociólogos e outros técnicos da área social – que contribuem para a oferta de habitações de interesse social, infraestrutura e equipamentos públicos e comunitários.

¹³³ A assessoria técnica Usina – ou Centro de Trabalho para o Ambiente Habitado – foi fundada em junho de 1990 por profissionais de diversos campos de atuação como uma assessoria técnica a movimentos populares. Atua no sentido de articular processos que envolvam a capacidade de planejar, projetar e construir pelos próprios trabalhadores, mobilizando fundos públicos. Foi premiada pela Federação Nacional de Arquitetos como melhor escritório do país em 2015.

formas de envolver as prefeituras, para que se tornassem também responsáveis por fazer vingar a lei de assistência técnica. Valia-se do argumento de que os projetos desenvolvidos pela universidade seriam mais baratos para elas, porque não envolvem lucro, como os projetos licitados para serem desenvolvidos por escritórios de arquitetura: “A Lei 11.888, de 2008, da assistência técnica, é uma lei que garante essa relação de convênio com a universidade sem a necessidade de se fazer licitação, ou seja, a gente pode prestar serviço diretamente.” (AMBRÓSIO, 2019, p.369). Além disso, Ambrósio aponta uma vantagem temporal: “A prefeitura ganharia em tempo, porque os processos de licitação são custosos e juridicamente lentos pela própria estrutura da prefeitura, e poderia beneficiar de uma forma mais rápida essas comunidades.” (AMBRÓSIO, 2019, p. 369). Porém, mesmo apresentando vantagens cobertas pela lei, não obteve a resposta que esperava, devido à forma como as prefeituras consultadas enxergam a questão de ATHIS: “O poder público ainda tem muita dificuldade em centralizar o trabalho, tem questões políticas envolvidas, de gente que quer ser o dono ou o autor do projeto, quer ter ganho ou colher os louros políticos daquilo. Isso dificulta as possibilidades de trabalhar de maneira transversal” (AMBRÓSIO, 2019, p. 369). Diante dessa situação, Ambrósio afirma: “Vejo uma dificuldade de pensar essa relação entre universidade, poder público e a comunidade de forma horizontal, para pensarmos juntos mecanismos de viabilizar algum tipo de trabalho que tenha a comunidade como beneficiária final.” (AMBRÓSIO, 2019, p. 369).

Assim, embora a formalização legal possibilite esse trabalho conjunto, e permita que a universidade proponha soluções para os problemas emergenciais da cidade informal através de formas partilhadas de gestão urbana para as comunidades mais carentes, a comunidade política local ainda não se mostra aberta à ideia, como avalia Ambrósio, ou não a amadureceu ainda. Seja qual for o motivo, não demonstrou estar preparada para implantá-la.

Compreendemos, como Ambrósio, que é fundamental e estritamente necessário para avançarmos nessa direção que todas as soluções sejam estudadas e elaboradas, desde o início, em conjunto, em diálogo horizontal entre prefeituras, universidades e comunidades, de maneira que se permita compreender o contexto local e as demandas por meio da fala dos moradores do lugar, ouvir seus sonhos, suas ideias e contemplar

ao máximo os desejos daqueles que ocupam o lugar e seu entorno imediato. E não basta que todos os envolvidos lidem bem com a experiência direta da cidade para que este trabalho frutifique. Mesmo que consigam se unir e juntos desvelar as relações espaciais e estruturas de poder imperceptíveis no território, será necessário abrir linhas de crédito específicas com o incentivo do governo federal, ou outros tipos de financiamento que tornem a ATHIS interessante para todos os envolvidos.

10.3. A relação dos estudantes com o HABITAF AUS

Há indícios documentais de que, em sua fase histórica na década de 1980, o HABITAF AUS viveu momentos de muita intensidade de produção e aprendizado. O envolvimento pleno dos alunos entrou em sintonia com a condução dos professores, que os apoiavam nas soluções técnicas e nas reuniões com os órgãos públicos e entidades financiadoras, permitindo que os estudantes levassem adiante de forma bastante autônoma os projetos de extensão. Anos depois, esta sintonia se perdeu, levando este LABHB à situação de ocaso, fato que contribuiu em vários aspectos com a criação do Escritório Modelo do Grupo Reviver, no mesmo período. Em entrevista à autora, Mariana Gauche afirmou que o LABHAB esteve fechado durante todo o período em que cursou a FAUS, afirmação que diverge daquela dos gestores da época, que alegam que o HABITAF AUS permaneceu funcionando, embora menos intensamente, desde que foi aberto.

Na década de 2000, uma iniciativa de retomada do HABITAF AUS conduzida por professores líderes de sequência, com produção profissional significativa e bem-vistos pelos estudantes, teve curta duração e êxito reduzido, por falta de reconhecimento e apoio financeiro da universidade.

Reginaldo Ronconi, que concluiu sua graduação na FAUS quando o HABITAF AUS era bastante ativo, após atuar por décadas como coordenador do canteiro experimental da FAUUSP, considera que, mesmo passadas quase quatro décadas da criação deste LABHAB, apenas 10% dos professores se dispõem a renunciar aos privilégios que a universidade lhes concede para garantir uma relação horizontal entre docentes e discentes nos projetos de extensão. Entende que um dos papéis centrais do canteiro é dar ao estudante segurança na ação, embora ocorram ações em colaboração com os

LABHABs, Escritórios Modelo e coletivos de extensão. Percebe que, nestes últimos, os estudantes não aceitam ser tolhidos na escolha dos projetos nem na maneira de conduzi-los, pois associam as ações à autonomia e ao protagonismo discentes. A criação do escritório modelo da FAUS alinha-se perfeitamente a estes propósitos estudantis.

10.4. Entusiasmo dos estudantes em experimentar a realidade

Pompéia comenta em sua tese (2006) que professores e alunos da FAUS já demonstravam entusiasmo com a ideia de desenvolver trabalhos práticos extramuros com tecnologias alternativas antes mesmo da criação do HABITAF AUS. Um grupo de estudantes do Diretório Acadêmico Michael Leaders fez experiências com lajes de bambu buscando realizar algo socialmente significativo por meio de um trabalho prático extracurricular, o que sugere uma iniciativa muito próxima àquelas desenvolvidas em canteiros experimentais.

Segundo Joan Villà, “eles estavam a fim de ver aquilo pronto para, depois, ir para a favela e começar a construir. Quer dizer, era uma loucura o que eles queriam fazer. Mas era extraordinariamente bonito ver aqueles moços fazendo isso”. (VILLÀ, 2003, apud POMPEIA, 2006, p. 27). Havia igual entusiasmo da parte dos professores:

"O entusiasmo do professor Antônio Bataglia, que já desenvolvia pesquisa com argamassa armada, a disponibilidade do Eng. Yopanan Rabelo, professor de estrutura, que montou com seus pares um Laboratório de Estruturas para dar apoio aos projetos do HABITAF AUS. A adesão ao projeto do LABHAB por parte dos professores de tecnologia demonstra novamente a influência do LABHAB da FEBASP: Repetia-se, claramente, a proposta pedagógica de Jorge Carón." (ROCCOY, 1995, p. 5).

10.5. O papel dos estudantes na criação do HABITAF AUS

Por tudo que o precedeu, houve forte adesão dos estudantes da FAUS ao projeto do HABITAF AUS desde o momento de sua criação. A primeira reunião preparatória deste LABHAB contou com a presença de 52 alunos e foi organizada pelo Diretório Acadêmico da FAUS durante a gestão pro-FAUS em 18 de maio de 1983 (Cf. RICCOY, 1985). Nela foi efetivada uma comissão que, em conjunto com o diretório acadêmico e professores, encaminhou um projeto para apreciação junto à diretoria da FAUS.

Destacamos que os professores ali presentes foram chamados pelo D.A. como debatedores e expositores da proposição (Cf. RICCOY, 1985), entre eles o professor Juan Villà – “que vinha de uma experiência [...] de cooperativa de arquitetos e de trabalho com comunidades apoiadas pela igreja católica” (LOTUFO, 2014, p. 32) e fora convidado no mesmo ano para coordenar o LABHAB da FEBASP. Constavam também o professor Fabio Serrano, vice-diretor da FAUS naquela gestão, e Walter Maffei, autor da primeira proposta para criação deste LABHAB, de 1982.

Na ata desta reunião (RICCOY, 1985, p. 11/12)¹³⁴, 84% dos estudantes subscritos pertenciam ao 3º e 4º anos, o que sinaliza o interesse dos discentes ainda bastante integrados ao curso e que já dispunham de certa maturidade acadêmica. Muitos deles colaboraram, em 1995, junto com o diretor da FAUS Oswaldo Correia Gonçalves e o orientador do HABITAF AUS Nilton Riccoy, da elaboração de um dossiê que reúne toda a documentação do laboratório até o ano de sua suposta “desativação”.

São eles: Alberto J. da Mota; Ana Cláudia Salles Campbell; Angeles de J. Blanco Lon; Débora Blanco Dias; Gino C. Barbosa; Marilu Lopes Santos; Maruen C. Hatem; Naicir C. Rebellato; Neusa Shimura; Ney C. Barbosa; Renato C. de Jesus; Sandra M. S. Garcia; Terezinha de J. Gravato; Walid de C. Hatem e Ricardo Caseiro Duarte. Dentre eles destacamos Ney Caldato Barbosa, professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FAUS até junho de 2019, e Débora Blanco Bastos Dias, professora atuante até 2021 da sequência de urbanismo. Torna-se impossível avaliar como o restante da escola via a criação deste laboratório de extensão, proposto inicialmente por Riccoy e por este grupo de estudantes do terceiro ano de 1983. O documento encaminhado à diretoria faz referência à “pronta receptividade do grupo presente”, mas não menciona nenhuma votação da proposta. A ata descreve a reunião em três parágrafos. No primeiro, relata uma exposição do professor Juan Villà acerca da experiência do LABHAB da FEBASP, que funcionou entre 1982 e 1986. O segundo se refere à apresentação da proposta detalhada de criação do laboratório por Maffei, com base no documento por ele formulado em 1982. E o terceiro descreve a criação da comissão que a encaminhou para apreciação do diretor da FAUS, Oswaldo Pereira Gonçalves. (Cf. ROCCOY, 1995.)

¹³⁴ Anexo I, documento. 4.

O grupo presente à reunião, que não sabemos se foi aberta, parece ter sido majoritariamente composto por alunos ligados ao D.A. e engajados na realização do laboratório. A adesão unânime justificou seu encaminhamento ao diretor e o início praticamente imediato dos trabalhos do LABHAB da FAUS: "Assim que foi aprovado o HABITAF AUS, com uma boa sala montada, logo começaram os trabalhos". (RICCOY, 1995, p. 5). Agilizado pela "vontade dos alunos" de realizar algo de concreto junto às comunidades, no segundo semestre de 1983, apenas dois meses depois da aprovação, tiveram início os trabalhos do HABITAF AUS. Como os documentos prenunciavam, os primeiros a desenvolver trabalhos junto às comunidades santistas foram os alunos do terceiro ano. Sob a orientação de Maffei e Cristina de Castro Mello, se desenvolveram atividades curriculares relacionadas à problemática da habitação e tiveram início trabalhos junto às comunidades de baixa renda de Vila Alemoa e Vila Progresso. (Cf. RICCOY, 1995): Através destes dois trabalhos curriculares e de um grupo de alunos, iniciou-se o processo efetivo de formação do HABITAF AUS, desenvolvendo pesquisa e projetos junto a estas comunidades do município de Santos.

Em 1984, pouco depois de ter sido montada a estrutura física do HABITAF AUS, chamou a atenção dos estudantes um fato divulgado amplamente pela mídia: o município de Cubatão ter sido decretado o primeiro caso de estado de emergência ambiental do Brasil. Em fevereiro do mesmo ano, o HABITAF AUS se envolveu no atendimento às vítimas de um incêndio na Vila Socó, em Cubatão, que assumiu grandes proporções: "À meia-noite a Vila era um mar de chamas, às duas horas um braseiro, às quatro horas um solo calcinado, cinzas, tocos fumegantes. O cheiro de carne queimada se sente à distância e não abandona facilmente as narinas" (CIDADE DE SANTOS, 1984, p. 1).

O grupo de estudantes deste LABHAB forneceu auxílio técnico emergencial às populações atingidas, extensivo às demais que viviam em condições semelhantes. Como nos relata Pompéia, devido à complexidade do problema, o envolvimento levou-os a vivenciar um aprendizado multidisciplinar: "O HABITAF AUS se concentrou em propor soluções para essa gente que morava em palafitas (...). Ali começou um importante trabalho de organização popular que trouxe um novo aspecto, fundamental para a eficiência do que se propunha – *a pluralidade profissional*" (POMPÉIA, 2007, p. 28). O autor enfatiza que o trabalho exigiu equipes interdisciplinares envolvendo profissionais

da área médica, de assistência social e de arquitetura: “A participação dos profissionais de outras áreas, como assistentes sociais, médicos, das prefeituras ou do governo do Estado, alimentava o conhecimento do grupo de alunos, remetendo-os a um plano ‘multidisciplinar’”. (POMPÉIA, 2007, p. 28).

Como acontece muitas vezes neste caso, a situação dos moradores não mudou radicalmente depois das intervenções, mas isso não diminui a importância da iniciativa dos estudantes. Apesar de terem sido executadas apenas algumas passarelas e um ou outro protótipo, foi um envolvimento animador para aquele grupo de estudantes que viram aquelas lajes de bambu – até então protótipos no restrito espaço da escola – sendo utilizadas na Vila Socó. Neste momento as coisas passaram a fazer outro sentido para eles. Este grupo, embora estivesse muito envolvido pelas questões técnicas, alimentava a intenção de, um dia, fazer um trabalho importante junto à população (...) Não imaginavam que um dia, mesmo sendo estudantes, poderiam ver realizados os projetos que propunham (POMPÉIA, 2006, p. 28).

Este sonho de, mesmo sendo estudantes, ver realizados seus projetos regeu toda a trajetória do Grupo Reviver, como atesta sua atuação no Museu de Pesca de Santos, e rege a dos Escritórios Modelo atuais, como comprova a entrevista de Heloisa Bergamin sobre o EMAU Mosaico, da FAU Mackenzie.

10.6. Uma diferença com relação ao LABHAB FEBASP

Pompéia ressalta que “o HABITAF AUS, mesmo sendo contemporâneo ao Laboratório de Habitação da Faculdade de Belas Artes e apesar de ter tido a participação dos arquitetos Villà e Battaglia, era de natureza muito diferente” (POMPÉIA, 2006, p. 28). Ao menos dois fatores citados pelo autor contribuíram para essa diferenciação: a experiência de colocar em prática seus conhecimentos em Cubatão, na situação emergencial de Vila Socó, e o fato de Villà e Battaglia – os dois mentores – serem menos disponíveis aos estudantes do HABITAF AUS (Cf. POMPÉIA, 2006). Por morarem em São Paulo e lecionarem na FEBASP, ambos estavam presentes em Santos só uma vez por semana, e atuavam mais em reuniões com prefeitos, secretários, COHABs e em outros momentos chave, o que favoreceu a autonomia dos estudantes santistas e tornou o LABHAB da FAUS diferente do da FEBASP (Cf. POMPÉIA, 2006).

Segundo Pompéia, “isso provocou, por parte dos alunos, uma ação mais independente, fazendo com que assumissem a responsabilidade dos trabalhos propostos; atuavam de forma autônoma, protagonista, sendo apenas orientados pelos professores.” (POMPÉIA, 2006, p. 28)

O aspecto da autoria era outra diferença fundamental. Com base em pesquisa realizada a partir de entrevistas com os professores Joan Villà, Yopanan Rebello e Maria Amélia Devide Freitas, Pompéia conclui que os estudantes da FAUS se sentiam responsáveis pelas soluções apresentadas, bem-sucedidas ou não, assumindo-se como protagonistas das ações, e não agindo apenas como mão de obra orientada. (Cf. POMPÉIA, 2006). Na FEBASP, devido à maior proximidade entre professores e estudantes, a situação era diferente. Estabelecia-se uma parceria entre eles, na qual os professores atuavam como autores orientadores, e os alunos, como coautores. (Cf. POMPÉIA, 2006). Estes diferenciais do HABITAF AUS – autonomia, protagonismo e autoria dos estudantes – vão marcar profundamente a atuação do Grupo Reviver, embora o grupo nunca tenha atuado por meio deste LABHAB, exceto Edgard, antes do ingresso dos demais, quando estudante.

10.6.1. Retomada do HABITAF AUS pelos estudantes

A história de greves do movimento estudantil na FAUS e as significativas atividades desenvolvidas por estudantes por meio do HABITAF AUS junto às comunidades santistas serviram de exemplo e referência para a criação do Grupo Reviver, e pautaram sua atuação durante o período de formação dos estudantes. A escolha de Edgard Gouveia Júnior como mentor – um colega formado – visava garantir uma liderança dialógica, pautada nos mesmos valores que se estabeleciam entre os estudantes da FeNEA, ou ainda mais democrática.

Apreendemos com esta pesquisa que, quando um grupo de estudantes assume o protagonismo da sua formação acadêmica com entusiasmo, o aprendizado tende a ser muito superior para eles, para as gerações futuras e para a sociedade. Por isso compreendemos que uma nova retomada deste LABHAB só atingirá o nível da sua histórica fase áurea se a iniciativa partir dos estudantes.

Uma saída possível é dar oportunidade de *arquitetura do lado de fora* aos estudantes desde o início da sua formação em arquitetura e urbanismo, o que muda sua forma de trilhar os caminhos da academia e de se colocar no mundo, como cidadãos e profissionais. Se ouvirmos mais os estudantes, teremos menos “buracos na grade”, e veremos que a melhor saída é não ter grades. Para isso, sugerimos mudar urgentemente nossa forma de estar na universidade como docentes, apoiando os estudantes nas suas escolhas e colaborando para que assumam as rédeas de sua experiência universitária, atualizando-a cotidianamente. Caso contrário, seremos catapultados contra as paredes e grades que construímos e mantemos há séculos.

10.7. Dificuldades dos estudantes em participar de iniciativas de extensão atreladas ao Estado

Procurando formas que poderiam permitir a curricularização da extensão, encontramos na tese de Pompéia menção a uma experiência adotada pela *Universidad Autogobierno de México*, que atrela o serviço militar a atividades sociais contempladas no currículo: "a prestação de serviços a associações populares e sindicatos da Cidade do México, incorporando o tempo do serviço militar (um ano e meio) convertendo-o em serviço social como parte da grade curricular." (POMPÉIA, 2007, p. 136).

Esta menção ao serviço militar nos levou a considerar a possibilidade de curricularização da extensão em arquitetura e urbanismo por meio de ações conjuntas com o Projeto Rondon, que despertou certo interesse dos estudantes enquanto forma de conhecer e atuar na diversidade da realidade brasileira. Segundo o site oficial do governo federal, o projeto teria nascido diretamente da iniciativa estudantil, após o retorno da Missão Zero, desenvolvida em 1967, em Rondônia: “os estudantes propuseram a criação de um movimento universitário que desse prosseguimento ao trabalho iniciado no território visitado.” (BRASIL, MD, Projeto Rondon. Grifos nossos). Segundo a mesma fonte do governo federal, a oficialização do projeto ocorreu pelo Decreto nº 62.927, assinado em 1968, após uma missão nos estados de Amazônia e Mato Grosso, que reuniu 648 estudantes e estabeleceu um Grupo de Trabalho (GT) denominado “Grupo de Trabalho Projeto Rondon”, subordinado ao Ministério do Interior.

Contrariamente, Gabriel Amato, que em sua tese de mestrado aborda o Projeto Rondon desde a sua criação pela ditadura militar, em 1967, até o fim do governo do general João Baptista Figueiredo, em 1985, do ponto de vista das relações entre o regime e os estudantes universitários, nos recorda em entrevista a Rigueira que o programa contém, em sua gênese, uma intenção estratégico-militar: “A iniciativa teve origem em conclusões de seminário sobre educação e *segurança nacional* realizado em 1966, culminando com a decisão de *aproximar estudantes e militares*”. (RIGUEIRA Jr., 2016, s/p. Grifos nossos). Nos relata ainda que “o famoso congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) desbaratado pelo sistema de repressão do regime militar em 1968, em Ibiúna (SP), tinha em sua pauta uma avaliação crítica do Projeto Rondon”. Seus estudos apontam que “os sujeitos envolvidos em suas operações (estudantes universitários, professores, militares, técnicos) constituíam suas práticas junto ao programa de extensão por meio de um imaginário nacionalista.” (AMATO, 2015, s/p.).

Constata ainda em seu estudo que, apesar da resistência das entidades estudantis ao Projeto, “até 1985, quando o regime chegou ao fim, cerca de 900 mil jovens viajaram pelo país com o Projeto Rondon” (RIGUEIRA Jr., 2016, s/p), o que considera uma adesão bastante significativa e até surpreendente. O site oficial publica, por sua vez, que em seu período áureo de atividade o programa chegou a envolver mais de 350 mil universitários (BRASIL, MD, Projeto Rondon).

Buscando compreender os motivos destes números significativos e discutir o entendimento que os estudantes tinham do país nas viagens realizadas pelo Projeto Rondon, Amato nos adverte que o interior do país era visto “ao mesmo tempo como fonte de brasilidade e como um espaço ‘vazio’ de nacionalidade que deveria ser ‘conquistado’ pelos universitários” (AMATO, 2015, s/p) e conclui que, para vários sujeitos ligados ao regime, esse imaginário nacionalista e desbravador comportava uma faceta anticomunista. O autor adverte que, embora não se possa subestimar a força das mobilizações estudantis contrárias ao regime, detectou em seu estudo “a existência de uma dinâmica social do regime político instaurado em 1964 que comportava uma diversidade de comportamentos adotados pelos universitários ao longo do tempo, tais como a adesão, a apatia, a resistência e a acomodação” (AMATO, 2015, s/p).

Segundo afirma, estes comportamentos eram matizados em várias linhas. Alguns optavam por se concentrar nos estudos e não participar nem do Projeto nem das passeatas contra o regime, enquanto outros participavam dos dois. Para muitos, era sedutora a proposta de viajar sem a família, com amigos da faculdade, conhecer lugares novos sem ter despesas, enquanto para outros viajar pelo projeto significava resistir ao regime "por dentro" (RIGUEIRA Jr., 2016, s/p).

O site oficial relata que o Projeto Rondon foi retomado em novembro de 2003, depois de extinto em 1989 e inativo por 14 anos, quando a UNE enviou documento ao então presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, pedido para sua reativação. Em decorrência, no ano seguinte um grupo de trabalho interministerial “definiu diretrizes e orientações gerais, que foram consolidadas num plano estratégico” (BRASIL, MD, Projeto Rondon), aprovado por Lula em 20 de agosto de 2004. Desde a reativação, o projeto funciona de forma ininterrupta, com ações denominadas *operações*, cujos locais e objetivos gerais são determinados estrategicamente pelo Ministério da Defesa. As universidades que se interessam em participar inscrevem seus projetos com base nessas premissas e os submetem à aprovação do ministério.

De posse dessas informações, buscamos conhecer melhor as etapas do processo e a metodologia de abordagem das comunidades atendidas, com base em artigo científico de autoria de duas docentes da UNICRUZ¹³⁵, Isadora VIRGOLIN e Marília KRUG, que coordenaram uma experiência junto ao Projeto Rondon já em sua nova fase.

¹³⁵ VIRGOLIN, Isadora. W. C. e KRUG, Marília. R. **Projeto Rondon: um relato de experiência de extensão** *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires - Ano 16 - N.º 156 - maio de 2011. Disponível em <https://www.efdeportes.com/efd156/projeto-rondon-experiencia-de-extensao.htm> Acesso em 22 abr. 2021.

VIRGOLIN tem graduação (2000) em Serviço Social pelo Instituto Superior de Ciências Aplicadas, mestrado (2006) em Educação pela Universidade Autónoma de Asunción - UAA, mestrado (2012) e doutorado (2016) em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão na Universidade de Cruz Alta, onde ministra a disciplina de Sociologia em cursos de graduação das áreas de ciências sociais aplicadas, ciências agrárias e da saúde. Na instituição, integra a Incubadora e Aceleradora de Negócios Sociais da Universidade de Cruz Alta – INATECSOCIAL, na qual coordena e desenvolve projetos vinculados ao Profissão Catador. Disponível: <https://www.escavador.com/sobre/7486188/isadora-wayhs-cadore-virgolin> Acesso em 17 out.2021

KRUG tem graduação em Educação Física Licenciatura Plena (UFEPEL, 1992); mestrado em Ciência do Movimento Humano (UFSM, 1997) e doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela UFSM (2016); é coordenadora e docente do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ; coordenadora institucional do PIBID/2018-2010; docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Atenção Integral à Saúde PPGAIS/UNICRUZ. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/2217441/marilia-de-rosso-krug>. Acesso em 09 nov. 2021

A UNICRUZ participou de duas operações: a *Centro Nordeste*, planejada em janeiro de 2010 para o município de Maravilha, em Alagoas, e a *Nordeste-Sul*, planejada em julho de 2009 para o município de Silveira Martins, no Rio Grande do Sul, com os seguintes objetivos definidos pelo Ministério da Defesa: [A] contribuir para a construção de conhecimentos de educadores, servidores públicos, agentes municipais de saúde, lideranças comunitárias, representantes da sociedade civil da cidade, buscando através do contato com estes multiplicadores locais contribuir com o desenvolvimento de ações transformadoras; [B] ações de desenvolvimento local sustentável e gestão pública, que previam a capacitação de servidores públicos e produtores locais, a organização de cooperativas, a elaboração de projetos e a realização de campanhas educativas (Cf. VIRGOLIN, KRUG, 2011). A partir deles, optaram por desenvolver suas propostas com base nas diretrizes do grupo A para os dois municípios (Cf. VIRGOLIN, KRUG, 2011) e, mediante aprovação do Ministério da Defesa, realizaram a *viagem precursora*, visita técnica às áreas programadas em que definiram as ações a serem desenvolvidas nos municípios, junto aos representantes de cada prefeitura.

Após o retorno, foram selecionados doze estudantes dos seguintes cursos: Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Biomedicina, Serviço Social, Direito, Pedagogia, Nutrição, Cosmética e Estética e Dança, por uma comissão mista de professores autores da proposta e docentes com experiência prévia em operações do Projeto Rondon, a partir de avaliação de documentação, entrevista e participação anterior em experiências em extensão. Ao avaliarem o projeto, as autoras elencaram os seguintes aspectos positivos (VIRGOLIN, KRUG, 2011, s/p):

- “Espaço privilegiado para que os universitários vivenciem diferentes realidades, colocando em prática o que aprenderam na universidade e interligando ensino, pesquisa e extensão com as demandas de uma determinada população.”
- Percepção de que “o aprendizado da universidade pode ser utilizado como um instrumento valioso na promoção social e no exercício da cidadania na medida em que acadêmicos e professores interagem com a realidade de diferentes comunidades”;

- Espaço de reflexão sobre as principais funções sociais da universidade e sobre a necessidade de contribuir na busca de soluções para os problemas sociais da população, formulando políticas públicas participativas e emancipadoras. (Cf. VIRGOLIN, KRUG, 2011)
- Possibilidade de troca de saberes entre os integrantes das equipes constituídas por estudantes de diferentes áreas e universidades;
- Importância na qualificação do professor e na formação do aluno, em intercâmbio com a sociedade, favorecendo relações interprofissionais, multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares;
- Possibilidade de formação profissional que favorece nos estudantes a reflexão sobre a sua própria construção enquanto discentes e futuros profissionais.

Apesar de os aspectos acima elencados terem pontos de convergência com os objetivos dos Escritórios Modelo da FeNEA, acreditamos que as operações do Projeto Rondon apresentam divergências com pontos centrais desta proposta estudantil, aqui estudada sobretudo no que diz respeito ao protagonismo discente, central na concepção dos EMAUs. Observamos que nem o artigo citado nem o site do governo federal mencionam como os estudantes podem computar no currículo sua participação nessas atividades, embora seja possível fazê-lo de formas diferentes, nas diversas IES.

Como trabalha apenas com linhas de projeto pré-definidas pelo Ministério da Defesa, não há possibilidade de livre escolha das comunidades pelos estudantes, nem lhes é permitido participar ativamente de todas as atividades, posto que apenas os professores participam da viagem precursora na qual se definem as ações a serem implementadas. Outra premissa dos EMAUs negada neste programa do governo federal é a livre adesão dos estudantes aos projetos, posto que não são por eles admitidos processos de seleção. O público-alvo do Projeto Rondon – os *multiplicadores do município* – restringe a visão da comunidade à postura das lideranças locais pré-selecionadas pelo poder local, o que reforça uma visão das demandas oficiais, escolhidas de cima para baixo, sempre evitada nos EMAUs da FeNEA.

Além disso, as entrevistas indicam que os estudantes têm resistência em participar de projetos de extensão liderados exclusivamente por professores, pois, em geral, trazem para sua estrutura toda a hierarquia universitária que, por princípio, lhes dá plenos poderes para centralizar todas as decisões e escolhas, relegando a participação discente ao segundo plano, limitando sua autonomia e protagonismo.

Pelo que foi estudado e acima elencado, concluímos que dificilmente os EMAUs se interessariam em participar do Projeto Rondon da forma como hoje é estruturado pelo governo federal, pois este apresenta divergências ideológicas e metodológicas profundas com a forma como estruturam suas práticas.

11. POSFÁCIO

Para dar fecho ao texto, redigimos um posfácio, por termos adotado uma metodologia, apresentada no início do trabalho, que não se propõe a afirmar ou negar uma tese, e por acreditarmos não ser necessário repetir os parágrafos de fechamento que redigimos ao final de cada tópico aqui, isolados das ideias que os geraram. Optamos por refletir sobre as sugestões levantadas pela banca na avaliação final, e sobre as ações possíveis de resposta a elas no exíguo mês que antecedeu a entrega do texto na secretaria acadêmica, para aprimorar a apresentação dos resultados. As sugestões foram por nós agrupadas em três pontos: [1] Submeter o texto a um revisor profissional; [2] Ampliar a contextualização do tema; [3] Atenuar o caráter laudatório do texto e reforçar o aspecto histórico e científico da pesquisa. Antes de avançar, apresentamos nossa banca.

11.1. A banca

Com total liberdade, escolhemos cinco professores doutores para compor a banca: quatro arquitetos e um pedagogo. Como membros externos, chamamos [1] Caio Boucinhas¹³⁶, que lecionou conosco na FIAM FAAM a disciplina de urbanismo em áreas periféricas, e [2] Luis Octavio¹³⁷, indicado por Paulo von Poser, que, por lecionar com ambos, percebeu a chance de existir afinidades entre nós, como realmente aconteceu.

¹³⁶ **Caio Boucinhas** <http://lattes.cnpq.br/4857535298020136> Possui graduação pela UFMG (1967) e doutorado pela FAUUSP (2005). Secretário de Obras e Transportes de Osasco, diretor técnico da COHAB-SP e diretor do DEPAVE da PMSP. Professor visitante no PROURB da UFRJ; convidado na FAUUSP, na graduação e pós-graduação, na FAU Anhanguera, no Mestrado Profissional de Urbanismo Projeto, Produção e Gestão do Espaço Urbano, professor da graduação em Arquitetura e Urbanismo do FIAM-FAAM de 2009 a 20018, professor convidado da disciplina de pós-graduação (AUP 5834) Paisagem e cotidiano urbano da FAUUSP. Pesquisador do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LABHAB) da FAUUSP. Desenvolve processos participativos na produção de espaços públicos. (Fonte: Currículo Lattes).

¹³⁷ **Luis Octavio Pereira Lopes de Faria e Silva (Li)** <http://lattes.cnpq.br/1819856357349357> Professor adjunto no curso de Arquitetura e Urbanismo e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo. Professor colaborador da Escola da Cidade, São Paulo, onde é coordenador na pós-graduação *lato sensu*. Doutor em 2008. Mestre em 2001 e graduado em 1989, sempre pela FAUUSP. Atua como docente na graduação em disciplinas de Urbanismo e na pós-graduação em disciplinas relacionadas à construção do habitat humano. Mantém prática profissional como autônomo e tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projetos de Edificação e de Manejo Ecológico da Paisagem. Pesquisa temas como São Paulo, desenho urbano, infraestrutura urbana, habitação arquitetura da paisagem, arquitetura tradicional, arquitetura moderna e contemporânea. (Fonte: Currículo Lattes).



Figura 105 Banca escolhida por Cláudia Braga para sua tese, defendida em 15 de dezembro de 2021. Da esquerda para a direita: Caio Boucinhas, Luis Octavio (Li), Mônica Viana, José Maria (Zema) e Alexandre Saul Pinto (suplente). Fonte: Perfil dos professores na rede.

Como membros internos, contamos com [3] Monica Antônia Viana¹³⁸, [4] José Maria Macedo Filho¹³⁹ e [5] Alexandre Saul Pinto¹⁴⁰. Os dois primeiros são nossos colegas da FAUS, e o último, nosso primeiro professor no doutorado, inesquecível para nós, pois com ele aprendemos que, se quisermos dialogar verdadeiramente, é preciso escutar nossos interlocutores de cabeça vazia, sem pensar no que vamos falar quando eles se calarem. Não nos sai da memória a sensação de respeito que sua escuta tranquila e cheia de apontamentos produzia em nossa ansiedade. Nosso primeiro aprendizado no PPG: precisamos aprender a escutar assim, um dia.

¹³⁸ **Mônica Antonia Viana** <http://lattes.cnpq.br/5785197510439617> Graduada em Arquitetura e Urbanismo (PUCC/1985); mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP/2003); e doutora em Ciências Sociais na área de Política (PUC SP/2010). Professora da FAUS, da graduação na Engenharia Ambiental e Engenharia Civil da Universidade Católica de Santos (até 2021) e da Faculdade de Ciências Sociais da PUC SP no departamento de Sociologia (até 2016). Atuou como gestora pública em várias administrações municipais e como consultora técnica nas áreas de Habitação de Interesse Social (HIS, participativo); líder do grupo de pesquisa Observatório Socioespacial da Baixada Santista da Unisantos - Observa BS (2015/2021). Prestou consultoria a órgãos internacionais, como a Secretaria Geral da Organização dos Estados Americanos - SG/OEA (2013), e ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2008/2009). Representou a UNISANTOS no Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano - CMDU do município de Santos (2017/2019 e 2019/2021) e na Agência Metropolitana da Baixada Santista - AGEM BS, para elaboração do PDUI BS na função pública Habitação e Desenvolvimento Urbano.

¹³⁹ **José Maria Macedo Filho** <http://lattes.cnpq.br/0623903334839597> Doutor em projeto de arquitetura pela USP (2020), mestre em projeto de arquitetura pela USP (2008) e arquiteto e urbanista pela Universidade Católica de Santos - FAUS (1999). Pesquisador do Núcleo de Apoio a Pesquisa, Produção e Linguagem do Ambiente Construído (NAP-PLAC USP). Professor da sequência de projeto de arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos e da Associação Escola da Cidade, em São Paulo. Sócio do escritório Costa e Macedo Arquitetos Ltda., com sede em Santos, desenvolve trabalhos na área de projetos de arquitetura e urbanismo para os setores público e privado.

¹⁴⁰ **Alexandre Saul Pinto** <http://lattes.cnpq.br/6664628457125646> Doutor em Educação. Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É docente pesquisador da Universidade Católica de Santos (Unisantos), atuando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (Mestrado e Doutorado), no curso de Pedagogia e demais licenciaturas. Faz parte do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Unisantos e coordena a Cátedra Paulo Freire dessa instituição, desde 2018. Educação Popular e Pesquisa-ação. Integra a diretoria da Associação Brasileira de Currículo (ABdC), no período 2019-2020, como coordenador de Publicações, e é editor-assistente da revista e-Currículo (ISSN: 1809-3876 - Qualis CAPES A2). É integrante do Banco Nacional de Avaliadores (BASIS), do Sistema Nacional de Avaliação Superior (SINAES), certificado pelo INEP/MEC.

Saul teve que participar de outra banca do PPGE no mesmo dia e horário da nossa, pois na outra era membro efetivo, mas ficou de dar um retorno de sua leitura, que aguardamos com interesse.

Os demais leram, compareceram e opinaram. A nosso ver, os membros de fora da UNISANTOS foram mais receptivos à forma como apresentamos os resultados da pesquisa do que os internos, mas todos foram dedicados à avaliação e abertos ao diálogo, contribuindo efetivamente com o trabalho. Gratidão a todos.

11.2. Ampliar a contextualização do tema

Quando a autora era estudante universitária, no início da década de 1980, o movimento estudantil era ainda fortemente organizado. Os líderes estudantis, polarizados entre as correntes LIBELU (Liberdade e Luta) e “Reforma”, abriam as discussões com discursos políticos bastante acalorados, que atraíam multidões ao Salão Caramelo da FAUUSP, onde as assembleias chegavam a reunir mais de 2 mil estudantes. Como a abertura política e a anistia ainda não tinham ocorrido, os “corações de estudante” ali reunidos batiam forte, tanto de emoção quanto de medo de que a assembleia fosse dispersada e os líderes, punidos. Nosso interesse pelo movimento estudantil, que nasceu neste cenário, foi fator importante na escolha do tema desta tese e recebeu atenção na nossa qualificação, em especial no capítulo 6 – *Movimento estudantil e reforma universitária*. Nesse capítulo, apresentamos um histórico do tema “democratização da universidade através dos estudantes” desde a década de 1930, que poderá ser alvo de publicação isolada, enriquecida pelas sugestões que Monica Viana então nos propôs.

O capítulo 7 – *Movimentos sociais e reforma urbana* – foi dedicado à contextualização sociológica do tema “Práticas de mobilização dos estudantes em torno de interesses comuns da sociedade, com ênfase nas comunidades perversamente incluídas no processo de gestão do Estado”, pois precisávamos compreender o papel dos Escritórios Modelo neste campo de possibilidades e suas conexões com outras instituições. Àqueles que tiverem interesse nos temas supracitados, teremos grande prazer em disponibilizar os textos por e-mail, que poderão ser usados em pesquisas acadêmicas, desde que citada a fonte. Disponibilizo meu contato: claudia.braga@unisantos.br.

Respondendo ao questionamento da banca, retomamos aqui de forma concisa apenas o contexto sociopolítico imediato em que se deu a atuação do Grupo Reviver. Esse contexto foi marcado positivamente pela retomada democrática do Estado após a promulgação da Carta Magna de 1988 e pelo surgimento de novas formas de associativismo civil, com participação mais institucionalizada no aparelho do Estado; e negativamente, pela escalada do neoliberalismo.

A década de 1990, em que se situam as práticas sociais aqui investigadas, é permeada por novas teorias e tecnologias que transfiguram a luta política em processos colaborativos organizados em diferentes escalas, da local à global, e mobilizam a sociedade em torno de interesses comuns. Maria da Glória Gohn comenta essa reorientação nos movimentos sociais, associando-a com o avanço do neoliberalismo, a absorção de mudanças na estrutura econômica mundial e seus reflexos diretos nas formas de organização mundial do trabalho (GOHN, 1995).

Enquanto antes se tratava de “lutar contra uma determinada ordem sociopolítica” por meio de embates político-ideológicos, na década de 1990 vai-se tratar de “aprender a gerar renda, aprender a se inserir numa economia desregulamentada, num mercado de trabalho sem direitos sociais” (GOHN, 2015 p. 95). A autora identifica neste período o crescimento da “capacidade de gerar processos de desenvolvimento autossustentável, com a mediação de agentes externos – **os novos educadores** –, atores fundamentais na organização e no desenvolvimento dos projetos” (GOHN, 2010). Estes buscam, basicamente, gerar processos de mudança na vida das comunidades por meio de programas de gestão participativa.

Os ativistas da década de 1990 dão continuidade a ideias políticas, filosóficas e pedagógicas locais, cristãs e freireanas da década de 1980. São herdeiros dos movimentos de educação de base e cultura popular nascidos no final dos anos 1950 e início dos 60, fortalecidos na década de 1970 por meio das CEBs¹⁴¹ e demais grupos de resistência ao regime militar. A autora destaca “a continuidade do uso do método na área da educação, não apenas nos programas de alfabetização de adultos desenvolvidos

¹⁴¹ Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, ligadas à Teologia da Libertação.

por entidades do terceiro setor e por programas oficiais nacionais, mas também na área da educação não formal” (GOHN, 2011 apud GOHN, 2016, p.87).

As ONGs e outras instituições do Terceiro Setor contribuíram para difundir um conceito de mobilização bastante diverso daquele da década anterior: “A mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade, uma sociedade decidem e agem com um objetivo comum, buscando, cotidianamente, os *resultados desejados por todos*” (TORO, 2000:12 apud GOHN, 2001 p.1212)¹⁴². Apesar de ver positividade nestes novos arranjos associativos, Gohn considera que “a ação coletiva de pressão e reivindicação, antes presente na maioria dos movimentos sociais latino-americanos, converteu-se nos anos 90 em ações voltadas para a *obtenção de resultados*, em projetos de parceria que envolvem diferentes setores públicos e privados” (GOHN¹⁴³,1997, p. 18. Grifo nosso.). Vemos aqui um reflexo de absorção da lógica neoliberal por estas entidades, que parece estar menos presente nos EMAUs que nas ONGs.

Rodrigo Alonso, como integrante do Grupo Reviver e atual gestor do Instituto Elos, destacou em palestra ministrada na Semana de Arquitetura da FAUS, em outubro de 2015¹⁴⁴, uma mudança estratégica específica que surgiu entre os ativistas do seu grupo: a “*estratégia de combate*”, focada na conscientização das massas oprimidas para lutar contra o poder instituído, na conquista de seus direitos fundamentais, seria gradualmente substituída pelo que o autor concebia como “*estratégia de convite*”¹⁴⁵, com foco na motivação de pessoas ou coletivos em participar de forma ativa e permanente da vida em comunidade, e eleger conjuntamente mudanças capazes de humanizar e dignificar sua vida e a do grupo, com base em propósitos compartilhados e consensos que transformem a realidade por meio da participação. Esta mudança está visivelmente alinhada com as tendências da década de atividade do grupo, e nos lembra que “todo quadro tem dois autores, o artista e seu século” (VEYNE, 1988, p. 34).

¹⁴² Segundo nossa pesquisa, esta configuração corresponde com exatidão ao perfil dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo Reviver após a abertura do Instituto Elos, ONG fundada por seus membros depois de formados.

¹⁴³ GHON, M. G, Teoria dos Movimentos-Sociais: Paradigmas-clássicos e contemporâneos, Loyola, 1997. <http://flacso.org.br/files/2016/10/120184012-Maria-da-Gloria-Gohn-TEORIA-DOS-MOVIMENTOS-SOCIAIS-PARADIGMAS-CLASSICOS-E-CONTEMPORANEOS-1.pdf> Acesso em 26 ago.2020.

¹⁴⁴ Transcrita pela autora, a ser publicada pela Editora Leopoldianum, da UNISANTOS, no prelo.

¹⁴⁵ Os termos foram forjados pelo Instituto Elos, e constam da sua filosofia.

11.3. Atenuar o caráter laudatório do texto e reforçar o aspecto histórico e científico da pesquisa

Este foi um comentário praticamente unânime, presente inclusive na fala de Luis Octavio, que fez uma arguição sensível e bastante favorável ao texto. Por ser geral, levou-nos a rever todo o texto e a eliminar o excesso de adjetivos antes de enviá-lo à jornalista Adriane Castilho, nossa revisora.

Nessa releitura, aproveitamos para simplificar a construção dos parágrafos e minimizar repetições, redundâncias e circularidades, problemas também levantados pela banca. Depois de reescrito, o texto se entrega mais facilmente ao leitor, porém o tom laudatório inicial permanece, quase com a mesma intensidade. E por quê? Porque a atuação deste grupo de estudantes extensionistas mostrou-se ao nosso estudo como um ponto fora da curva, que merece assim ser narrado.

Por isso reafirmamos – com base nos cargos alcançados por seus membros na diretoria da FeNEA e no Diretório Acadêmico Michael Leaders e pela documentação aqui analisada – que o Grupo Reviver teve forte liderança no processo de formação dos Escritórios Modelo no período de meados da década de 1990 até o ano 2000. Esta pesquisa buscou singularizar esta participação estratégica, contínua e coordenada de seus membros, como indivíduos e enquanto coletivo, [1] na criação dos Escritórios Modelo da FeNEA; [2] na concepção e execução dos SeNEMAUs; [3] na sistematização da metodologia de ação social que viabilizou as ações dos EMAUs na cidade; [4] e na criação de um curso de imersão, a Universidade Aberta de Verão (UAV) para capacitação de quadros sociais para atuar em comunidades.

Salientamos que sobretudo a capacidade pedagógica do grupo era reconhecida na época por seus pares, e atraía os demais EMAUs para o aprendizado e trabalho conjunto. Isso é demonstrado pela solicitação elaborada pela rede ampliada dos membros de escritórios modelo para que o Grupo Reviver organizasse um projeto educativo sobre a troca de experiências no Museu de Pesca de Santos, que resultou na UAV. Mas isso não quer dizer que não havia conflito. Os maiores conflitos localizados se davam com a diretoria da FeNEA, na pessoa de Alis¹⁴⁶, e um grupo próximo a ela que apoiava a

¹⁴⁶ **Alis Jein Josefides Scacino** Estudante de Santa Maria -RS, responsável por fazer ressurgir a FeNEA, após um acordo de auto extinção. Envolvida em cargos de liderança na entidade durante a criação e

politização do movimento, considerada excessiva pelo grupo de estudantes santistas. Os EMAUs que se afinavam mais com a orientação de Alis desenvolveram trabalhos primordiais relacionados à implantação da ATHIS em São Paulo, por meio do Peabiru e da Usina, que até hoje mantêm contato direto com estudantes extensionistas membros dos EMAUs da FeNEA, inclusive o Mosaico, do Mackenzie. Nosso contato com Alexandre, do Peabiru, durante aula por este ministrada com Caio Santamore, da FAU USP, em uma comunidade paulistana nos mostrou quão fortes na área técnica de arquitetura e urbanismo estes escritórios especialistas em ATHIS se tornaram no projeto de soluções técnicas de problemas coletivos reais em comunidades. Como afirmou Rodrigo em sua fala no MIS Santos em 2017, o Grupo Reviver enveredou por outro caminho, voltado às ações sociais pedagógicas nas comunidades, que em geral são rápidas e projetadas coletivamente, não envolvendo grandes soluções estruturais.

Com base na documentação recolhida e analisada, somada às entrevistas, podemos afirmar que a estratégia pedagógica de ação social do Grupo Reviver provou ser um *évènement* que o distingue dos outros. Neste sentido, fazemos nossas as palavras de Paul Veyne: “Toda história, mesmo que não deliberadamente, torna-se uma história comparada, isto é, uma história que separa, sabendo por que o faz” (1983, p. 49). Lembramos que “a história não estuda verdades eternas” (VEYNE, ano, p. 55) e “não é a ciência do concreto” (VEYNE, 1983 p. 58). E que que os historiadores que não desejam se perder na narração de efemérides trabalham com teorias, modelos científicos e constantes, que os ajudam a individualizar os fatos para discerni-los, e esta individualidade é relativa à problemática escolhida e a esta forma teorizada de abordá-la (CF. VEYNE, 1983). Que a partir do que aqui foi posto venham *muitos* pesquisadores por outras trilhas, descubram *muitos* indícios, e investigando com outro olhar cheguem a *outras* evidências, *outras* leituras dos fatos, *outras* verdades parciais. Ora! Esta é a maior riqueza de estudar um tema praticamente inexplorado. Isso não nos surpreende em absoluto, e com certeza será um prazer ter acesso aos seus trabalhos.

consolidação dos EMAUs. Foi homenageada em 2016 pela Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas, no 11º Prêmio Arquiteto e Urbanista do Ano, na categoria Homenagem Especial.

12. BIBLIOGRAFIA

12.1. Livros

ALONSO, R. R. **A história que nos fez Elos**. Cláudia Braga (org.): Editora Leopoldianum, no prelo.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque, BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. 2ª ed. aumentada. Rio de Janeiro: Editora UFRJ & MEC/INEP/COMPED, 2002, 1008p. BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a Teoria Da Ação**. Papyrus Editora, v. 1, f. 112, 1995. 224 p.

CAMPOS, H. **Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: Viva Voz, FALE/UFMG, 2011.

CATROGA, F. **Memória, história, historiografia**. São Paulo: FGV Editora, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

DARDOT, P. e LAVAL, **A nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DUARTE, N. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo**. Campinas; Autores Associados, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. (1968) **Investigação e metodologia da investigação do tema gerador**. In: TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo e práxis educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 95-107.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Política e educação: Ensaio**. São Paulo: Cortez, 1997.

FURET, F. **A oficina da história**. Gradiva: Lisboa, 1986

GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos Alberto. **Educação popular: utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez/Edusp, 1994.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GOHN, M. G. **A relação entre a educação popular e os movimentos sociais na construção de sujeitos coletivos**. In A Universidade como espaço de formação de sujeitos [e-book] / Ivanise Monfredini (Org.). – Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2016.

- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, M. G. **Participação**: novas e antigas concepções na Gestão Pública, Anais do IX Encontro Nacional da AMPUR: Ética, Planejamento e Construção Democrática do Espaço. Páginas 1206 a 1217. Rio de Janeiro, 28 de maio a 1º de junho de 2001. Unicamp, CNPQ.
- PIMENTA, S. G., & FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em educação**: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Loyola, 2008.
- RICCOY, N. (org.) **HABITAFUS Laboratório de Habitação Dossiê – 1985**. Relatório das Atividades Desenvolvidas no Laboratório de Habitação de 1982 a 1985. Exemplar único mimeografado. 131 p.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KONDER, L. **Walter Benjamin: O Marxismo da Melancolia**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011
- MEIHY, J. C. S. B. **Augusto & Lea**: Um caso de (des)amor em tempos modernos. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEIHY, J. C. S. B. **Canto de morte Kaiowá**: história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola; 1996.
- MEIHY, J.C.S.B., SEAWRIGHT, I. **Memórias e Narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F.; **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo, Contexto, 2007.
- MENDES Jr., Antônio. **Movimento estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MENDONÇA, N. A. **A humanização na pedagogia de Paulo Freire**, Tese (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- PASSETTI, E. **Anarquismos e Sociedade de Controle**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008
- RICOEUR, P. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000
- SOUZA, M. **A prisão e a Ágora**: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **Os Românticos: A Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo e práxis educativa**: uma leitura crítica de Paulo Freire. São Paulo: Edições Loyola, 2014

TRILLA, J. Bernet **A Educación non formal e a cidade educadora**. Dúas perspectivas (Unha analítica e outra globalizadora) do universo da educación. Barcelona: Universidade de Barcelona, 1999.

VEYNE, P.– **O Inventário das Diferenças**: História e Sociologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

VIEIRA, M.P.A; PEIXOTO, M.R.C.; KHOURY, Y.M.A. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1995.

12.2. Teses acadêmicas

AMATO, Gabriel. **Aula prática de Brasil**: ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985) (Tese de Mestrado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015

BORGES, Analu Garcia. **Território educativo**: as práticas educativas da extensão universitária e dos coletivos culturais na periferia de São Paulo. 2021. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

LEITE, Maria Amélia Devitte Ferreira D'Azevedo. **A Aprendizagem Tecnológica do Arquiteto**. 2005. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LOTUFO, Tomaz Amaral. **Um novo ensino para outra prática**: Rural Studio e Canteiro Experimental, contribuições para o ensino de arquitetura no Brasil. 2014. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MACEDO FILHO, José Maria de. **Projeto FAUS**, ensaios no campo ampliado do ensino da arquitetura em São Paulo. 2020. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

POMPÉIA, Roberto Alfredo. **Os Laboratórios de Habitação no ensino da arquitetura: uma contribuição ao processo de formação do arquiteto**. 2006. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

REBELLO, Yopanan Conrado Pereira; **Contribuição ao ensino de estrutura nas escolas de arquitetura**. 1993. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993

REBELLO, Yopanan Conrado Pereira; **Uma proposta de ensino da concepção estrutural**. 1999. (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

RONCONI, Reginaldo Luiz Nunes; GHOUBAR, Khaled. **Inserção do canteiro experimental nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo**. (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

RUGGIERO, A. S. **Jorge Carón: uma trajetória.** (Dissertação de mestrado). **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**, Universidade Estadual Paulista. São Carlos, 2007.

SILVA, Antônio Fernando Gouvêa da. **A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas.** 2004. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

12.3. Entrevistas

AMBROSIO, Rafael. *Entrevista com Rafael Ambrósio.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, 10 p., 2019.

ARRIBAS, Juan Cabello. *Entrevista com Juan Cabello Arribas.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, 11 p., 2019.

BERGAMIN, Heloisa. *Entrevista com Heloisa Bergamin.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, s/ p., 2019. [Gravação não transcrita].

BERGAMIN, Heloisa; DAVID, Carolina Vieira; SIALF, Ingrid. *Entrevista coletiva com Heloisa Bergamin* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, s/ p., 2019. [Gravação não transcrita].

CAMPOS, Augusto; SERRANO, Fábio. *Entrevista com Augusto Campos e Fabio Serrano.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, 3 p., 2018

ESTEVES, Alexandre. *Entrevista com Alexandre Esteves.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, 5 p., 2019

GABRIEL, Natasha; GAUCHE, Mariana. *Entrevista com Natasha Gabriel e Mariana Gauche.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, Santos, 28 p., 2020.

JÚNIOR, Edgard Gouveia. *Entrevista com Edgard Gouveia Júnior.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, 30 p., 2020

RONCONI, Reginaldo. *Entrevista com Reginaldo Ronconi.* [Entrevista concedida a] Cláudia Braga, São Paulo, 23 p., 2019.

12.4. Fontes web gráficas

ARRUDA, A. M, V. **Assistência técnica em habitação de interesse social dez anos depois,** 24/01/2019 <https://www.observatoriodasmetrolopoles.net.br/assistencia-tecnica-em-habitacao-de-interesse-social-dez-anos-depois/> Acesso em: 18 set. 2021

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Anais I Seminário Nacional sobre Extensão em Arquitetura e Urbanismo**, Campinas: ABEA, 1994. Disponível em: https://issuu.com/gogli/docs/caderno_14 Acesso em: 28 set. 2021

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Ensino e Aprendizagem Presencial e o papel social do Arquiteto e Urbanista**, XXXVI ENSEA -XIX CONABEA, Brasília, DF - 2017 ISSN 2177-3734, p. 41, 2017 Disponível em <https://www.abea.org.br/?p=2116> Acesso em: 28 set. 2021

BATISTA, E. F.; MELLO, A. Q. F. de. **Contexto Sociocultural a Universidade nas Atividades de Extensão: A Parceria CEFET-CRIAAD.** *Revista de Cultura e Extensão USP*, [S. l.], v. 16,

p. 34-46, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-9060.v16i0p34-46. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rce/article/view/141948>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BENJAMIN, W. (1923) **A tarefa do tradutor**. MOLDER, M. F. (trad.). disponível em: <https://c-e-m.org/centro-doc/livros-do-c-e-m/>

BRASIL. Ministério da Defesas. **Projeto Rondon**. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/projeto-rondon>

CAMPOS, H. de. **O que é mais importante: a escrita ou o escrito?** Revista USP, [S. l.], n. 15, p. 76-89, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i15p76-89. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25669>. Acesso em: 1 abr. 2021.

CELANI, Gabriela; MEDRANO, Leandro. **O Escritório Modelo Experimental da Unicamp: Um Laboratório para o Desenvolvimento de Novos Métodos e Processos de Projeto**. IV Projetar 2009. São Paulo. Disponível em : <http://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/bitstream/handle/123456789/541/%23484.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CHAGAS, E.F. **O Método dialético de Marx: Investigação e exposição crítica do objeto**. Revista Síntese, [S. l.], v. 38 n. 120, p. 1-18, 2011 Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6520_Chagas_Eduardo.pdf Acesso em: 27 set. 2021

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. **Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social: um direito e muitas possibilidades**. Brasília: CAU, 2018. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/nova-cartilha.pdf> Acesso em: 18 ago. 2019

CONSELHO EDITORIAL USP INTRAGRAÇÃO. **Entrevista: Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado**. in USP INTEGRAÇÃO: Revista da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, edição 01, Junho/2019. Disponível em https://issuu.com/uspintegracao/docs/af5_osp-integracao_e1 Acesso em 23 nov. 2021

DEVITTE FERREIRA D'AZEVEDO LEITE, M. A.; ARANTES, P. F.; RIBEIRO DOS SANTOS JÚNIOR, W. **Um projeto de práticas pedagógicas transformadoras: A formação do arquiteto e urbanista no Instituto das Cidades da Unifesp na Zona Leste de São Paulo**. Arqtextos VITRUVIUS, 2017. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/18.210/6803>. Acesso em: 10 nov. 2021

DUFOUR, Dany-Robert - **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005. Resenha de Sandra Dias, Psic. Rev. São Paulo, n. 15(2): 249-253, novembro 2006. disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/viewFile/18091/13447>

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA E URBANISMO **Carta de definição para Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo. 2007**. Disponível em: <http://www.fenea.org/artigos/cartadefinicaoemau> acesso em: 17 jul. 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA E URBANISMO **Extensão às lutas e universalização dos direitos**. Manifesto do Movimento EMAU em defesa de uma extensão popular. XXI SeNEMAU, Anápolis, jul. 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9OlisuU6UwbVU4xdzRSbTJicEU/view> acesso: mai. 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA E URBANISMO **História: Gestão 2004/2005**. Disponível em: <http://www.fenea.org/historia/Gest%C3%A3o-2004-2005> acesso em: 17 jul. 2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Projeto de Orientação a Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo**. Disponível em: <http://www.fenea.org/poema> acesso em: 17 abr. 2018.

FERREIRA, M.F. **Entrevista Fernando Catroga**. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2009. Revista Brasileira de História. 29 (58), Dez 2009 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882009000200010> acesso em: 17 abr. 2018.

FOLHA de SÃO PAULO. **Pensadores franceses lançam 'A Nova Razão do Mundo' no Brasil**; Acesso em 10/04/2016. disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/04/1759203-pensadores-franceses-lancam-a-nova-razao-do-mundo-no-brasil-leia-trecho.shtml>

FRANCO, M. A. **Pedagogia da Pesquisa**. Universidade Católica de Santos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>

FROCHTENGARTEN, F. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho**. Psicologia USP, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 125-138, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/41992>. Acesso em: 27 set. 2021

GHON, M. G, Teoria dos Movimentos-Sociais: Paradigmas-clássicos e contemporâneos, Loyola, 1997. <http://flacso.org.br/files/2016/10/120184012-Maria-da-Gloria-Gohn-TEORIA-DOS-MOVIMENTOS-SOCIAIS-PARADIGMAS-CLASSICOS-E-CONTEMPORANEOS-1.pdf> Acesso em 26 ago.2020.

INSTITUTO ELOS. **Relatório Elos 2020**: o ano do cuidado. Disponível em : <https://issuu.com/elos/docs/relatorioelos2020>

INSTITUTO ELOS. **Relatório Elos 2019**. Disponível em : https://issuu.com/elos/docs/relatorio_elos_2019

INSTITUTO ELOS. **Relatório Elos 2018**: Rumo à Maturidade. Disponível em : https://issuu.com/elos/docs/relato_riuelos2018_web

INSTITUTO ELOS. **Relatório Elos 2017**: Uma das cem melhores ONGs do Brasil. Disponível em https://issuu.com/elos/docs/relatorioelos2017_web/10

INSTITUTO ELOS. Relatório Elos 2016. Com quantos sonhos transformamos o mundo. <https://institutoelos.org/2015-2016-relatorio-elos/>

IPHAN, MEC, Programa Monumenta- BID. **Recife**. Bairro do Recife. Rotas do patrimônio. Uma viagem através da história. s/d/. 16 p. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/2_rota_patrimonio_bairro_do_recifepe.pdf

LIMA, J. C. F. de. **A memória em Alfredo Bosi**, ou, o istmo basilar do historicismo dilatado. Revista Cerrados, [S. l.], v. 21, n. 34, 2012. Disponível em : <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25774>. Acesso em: 27 set. 2021

LYRA, R. P, **Democracia Representativa x Democracia Participativa: A Representação do Estado e da Sociedade Civil nos Conselhos de Políticas Públicas**, s/d, Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/rubenspinto/rubens_democracia_repres

entativa_participativa.pdf Acesso em: 01 out. 2021.

MEDEIROS NETA, Olivia Morais. **Por uma pedagogia da cidade: espaços, práticas e Sensibilidades.** in HOLOS, Ano 32, Vol. 5, p.105 a 115, 2016 - ISSN 1807-1600. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4683> Acesso em: 27 set. 2021.

MEDEIROS NETA, O. M. de. **É possível uma pedagogia da cidade?** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 212–221, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i40.8639815. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639815>. Acesso em: 27 set. 2021

MEIRA, M. E. **Ensino de arquitetura e urbanismo. Condições e diretrizes.** Por Comissão de Especialistas de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, Maria Elisa Meira. 1867 p., CEAU, 1994

ROSA, S. (Org.). **Memória do Fórum Mundial de Educação: alternativas para construir um outro mundo possível.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/me001023.pdf>

MOLDER, M. F. **Sobre traduzibilidade e intraduzibilidades em Walter Benjamin.** Caderno de Tradução 38 (2) Mai-Ago., 2018. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/ct/a/KNQgZrt6pJ8cHwtzmvwZmcd/?lang=pt> Acesso em: 28/09/2021

NEGRO, A. L. e SILVA, S. (org.) **E. P. Thompson. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Resenha de Maria Verónica Secreto. Departamento de História-Universidade Federal do Ceará. In Revista Brasileira de História. ISSN 0102-0188.On-line versão ISSN 1806-9347 Rev. Bras. Hist. vol.23 no.46 São Paulo, 2003. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882003000200013>

OLIVEIRA, I. C. Eiras de; AZEVEDO M. N. S. **O labirinto da Extensão Universitária.** Revista: Anais do Seminário Nacional sobre Extensão em Arquitetura e Urbanismo. ABEA, 1993. Disponível em <http://pesquisadores.uff.br/researcher/isabel-cristina-eiras-de-oliveira> Acesso em: 27 set. 2021

OZZI, D.H. B.; CALDAS, W.; BORELLI, P; Wagner, C. **Política e Politização.** Revista de Cultura e Extensão USP, São Paulo, n. 16, p.11-16, mai., 2017. Disponível em : https://www.researchgate.net/profile/Christiane-Wagner-2/publication/326832272Politics_and_Politicization_Editorial/links/5b662eb3aca2724c1f22f5bd/Politics-and-Politicization-Editorial.pdf Acesso em: 19 abr. 2019

PADILHA, M. I. C. S. E BORENSTEIN, M. S. **O método de pesquisa histórica na enfermagem.** Texto & Contexto - Enfermagem [online]. 2005, v. 14, n. 4 [Acessado 10 Outubro 2021], pp. 575-584. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072005000400015> Acesso: 20 no. 2020

PASSETTI, E. AUGUSTO, A. **Limiares da liberdade.** Verve (PUCSP), v. 23, p. 161-189, 2013 Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/30590/21155>. Acesso 23 out. 2020

PINHEIRO, J. K. S, FERNANDES, T. **Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo como**

atividade de extensão universitária: métodos de aproximação entre técnicos e comunidade. XVII ENANPUR. 2017. Sessão Temática 11: A extensão universitária - perspectiva de atuação social e pedagógica. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%2011/ST%2011.3/ST%2011.3-02.pdf Acesso em: 27 set. 2021

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 21 jan. 2022

PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf Acesso 07 jan. 2022

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE RECIFE. **Visite Recife**. Disponível em: <https://visit.recife.br/turismo-criativo/ilha-de-deus>. Acesso 23 out.2021

REBELLO, Yopanan Conrado Pereira; **A concepção estrutural e a Arquitetura**. São Paulo, Zigurate Editora, 2000. Disponível em :
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5712709/mod_resource/content/2/a%20concepcao%20estrutural%20e%20a%20arquitetura.pdf

RICOEUR, P. **Memória, história, esquecimento** [comunicação]. Budapeste, 2003. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia Acesso em: 29/09/2021

RIGUEIRA, Itamar. **Estudo sobre o Projeto Rondon revela que misto de adesão e resistência marcou relação dos estudantes com a ditadura militar**. Boletim 1937. UFMG, Belo Horizonte, 25/04/2016 Disponível em :
<https://www.ufmg.br/online/arquivos/043133.shtml> Acesso: 11/11/2021

RONCONI, Reginaldo Luiz Nunes **Canteiro experimental: uma proposta pedagógica para a formação do arquiteto e urbanista**. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 17, p. 142-159, jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i17> Acesso em: 29/05/2019

RUGGIERO, A. S. (2016). **Retratos e memórias do arquiteto Jorge O. Caron**. Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online), (22), 6-21. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i22p6-21> Acesso em 22 set. 2020

SAUL, Alexandre; Saul, Ana Maria (2017), **A Metodologia da Investigação Temática: Elementos Político-Epistemológicos de Uma Práxis de Pesquisa Crítico-Emancipatória**. Revista e-Curriculum, Vol. 15, núm.2, pp.429-454 Disponível em :
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76651641009>. Acesso: 10 set. 2021.

SILVA, A.; FONTANELE, C. M., LYRA. L. E. **Desafios da extensão universitária e dos escritórios modelo nos cursos de arquitetura e urbanismo**. V.11, n. 2, 2014 Disponível <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2550/0>
 Acesso em: 27 set. 2021

THIOLLENT, M. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo Social**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 63-100, 1998. DOI: 10.1590/ts.v10i2.86781. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86781>. Acesso em: 10 mar. 2021.

VIERO, T.V. **Os bastidores de uma pesquisa em história oral: entre as memórias e histórias da criação de um museu histórico universitário.** in Anais do XIII Encontro Nacional de história oral, Universidade federal do rio grande do Sul - UFRGS, 2016. https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461357719_ARQ_UIVO_ComunicacaoEncontrodeHistoriaOral.pdf Acesso em: 27 set. 2021

VIRGOLIN, Isadora. W. C. e KRUG, Marília. R. **Projeto Rondon: um relato de experiência de extensão** in *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires - Año 16 - N.º 156 - mayo de 2011. Disponível em <https://www.efdeportes.com/efd156/projeto-rondon-experiencia-de-extensao.htm>

ZITKOSKI; J.J.; TROMBETTA, S. **Freire e Dussel: uma pedagogia da libertação a partir da América Latina.** In: FREITAS, Ana L; GHIGGI, G.; PEREIRA, T. I. (Orgs.). Paulo Freire em Diálogo com Outros(as) Autores(as). 1ªed.Passo Fundo: Méritos, 2014, v., p. 143-171. Disponível em <https://www.meritos.com.br/livros/132.php>

DIPLOMAS LEGAIS

BRASIL. **Constituição Federal.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

BRASIL. Presidência da República. Organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média Lei Nº 5.540. Brasília, 28 de Novembro de 1968 <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>

BRASIL, Presidência da República. **Lei da Assistência Técnica** Lei Nº 11.888, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 24 de dezembro de 2008, disponível em <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=258240BRASIL>,

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Cidade** LEI Nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/LEIS_2001/L10257.htm

BRASIL. Senado Federal, **Estatuto da Cidade 10 anos: avançar no planejamento e na gestão urbana.** –Gabinete do Senador Inácio Arruda. Brasília, 2011 <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385442>

BRASIL **Resolução CNE/CES 7/2018.** Diário Oficial da União, Brasília, Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior, 19 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 49 e 50. Disponível em https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwOTZC2Mb/content/id/55877808

LISTA DE FIGURAS do APENDICE

Figura 106	Espaço Elos, no morro da Nova Cintra, Santos SP. Arquitetura Andrade e Moretin. Disponível em https://issuu.com/elos/docs/relatorioelos2020 . Acesso em 27 jan. 2022.	308
Figura 107	Símbolo da Regional SP da FeNEA, criado por Alexandre Esteves. Fonte: FeNEA.	349
Figura 108	Estudantes dançando. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	378
Figura 109	Pintura ENEA Santos 95. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	378
Figura 110	Muitos estudantes para se inscrever. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	378
Figura 111	Acampamento nas salas de aula. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	378
Figura 112	Apresentação musical. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	379
Figura 113	Mural erótico no corredor das salas. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	379
Figura 114	Ator se maquiando. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	379
Figura 115	Cartaz no corredor. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	379
Figura 116	Confecção de cartazes no corredor. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	380
Figura 117	Perspectiva da Fortaleza da Barra. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	380
Figura 118	Elaboração coletiva de mapa. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	380
Figura 119	Palestrante 1. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	381
Figura 120	Palestrante 2. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	381
Figura 121	Palestrante 3 . Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	381
Figura 122	Palestrante 4 . Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	381
Figura 123	Palestrante 5. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	382
Figura 124	Palestrante 6. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	382
Figura 125	Dança do chap-chap. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	382
Figura 126	Manifestação no centro comercial expandido da cidade de Santos/SP. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	382
Figura 127	Com Kaká, encontram o ritmo da terra. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	383
Figura 128	Estudantes marcando o passo. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	383
Figura 129	Estudantes com seu parangolé coletivo. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	383
Figura 130	Danças na praça da Independência. Fonte: Print screen vídeo ENEA Santos.	383
Figura 131	Capa do vídeo VHS do I SeNEMAU, em papel Kraft personalizada. Acervo pessoal de Alexandre Esteves.	384
Figura 132	Capa e fita do vídeo originais- Acervo pessoal de Alexandre Esteves	384
Figura 133	Detalhe da capa. Fonte: Acervo pessoal de Alexandre Esteves.	384
Figura 134	Mercado: Empresas, Indústrias, Autônomos, Profissional liberal, Construtoras. Acervo pessoal de Alexandre Esteves,	384
Figura 135	Estudante de Arquitetura na laje superior do edifício. Fonte: Acervo pessoal de Alexandre Esteves.	384
Figura 136	Detalhe da capa, Sociedade Civil organizada: ONGs, Igrejas, Fundações, Federações, terceiro setor. Fonte: Acervo pessoal de Alexandre Esteves.	384
Figura 137	Lembrete Inicial I SeNEMAU. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	388
Figura 138	Data e Local do Evento. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	388
Figura 139	Alexandre Sávio da Diretoria de Extensão e Pesquisa e Taís Bio Ribeiro, Diretora Geral da FeNEA, na apresentação de abertura do encontro em um dos auditórios da FAU UFAL. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	388

Figura 140	Abertura do evento, provavelmente 27/01/97. Os palestrantes não ocupam as mesas sobre o palco, para se manterem mais próximos da plateia. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	388
Figura 141	Cartaz com a programação do evento, fixado na FAU UFAL. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	389
Figura 142	Foyer da FAU UFAL, no Campus de Maceió. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	389
Figura 143	Palestrantes, sentados informalmente em cadeiras escolares A segunda, da esquerda para a direita é Maria Elisa Meira, professora da Universidade Federal Fluminense, ligada à ABEA. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	390
Figura 144	No foyer da FAUUFAL, Marcio Onodera, diretor da FeNEAD fala sobre as diferenças entre Escritórios Modelo e Empresas Junior. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	390
Figura 145	Estudante Milena Barbalho, da UFPE ,prepara a lousa. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	390
Figura 146	Estudante não identificado, provavelmente da UFAL, apresenta o tema. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	390
Figura 147	Natasha Gabriel, da FAUS, alerta de os estudantes devem fiscalizar para não deixar que desvirtuem os EMAUS da FeNEA. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU	391
Figura 148	Da esquerda para a direita: Alexandre Esteves, Milena Barbalho e Alexandre Sávio. Este comenta que os Escritório Modelo são diferentes das ONGs, mas podem trabalhar junto com elas e com as prefeituras. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	391
Figura 149	Estudantes sentados em roda no chão, jogando escravos de Jó. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	392
Figura 150	Detalhe roda. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	392
Figura 151	Da esquerda para a direita, Rodrigo Rubido Alonso, Natasha Gabriel, Alexandre Esteves e Mariana Gauche. Todos apresentam sua experiencia no Museu de Pesca de Santos. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	393
Figura 152	Fala de Natasha Gabriel durante a apresentação. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	393
Figura 153	Foto apresentada pelo Grupo Reviver, mostra seus estudantes caminhando junto ao muro da Fortaleza da Barra, no Guarujá, rumo à praia do Góes. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	393
Figura 154	Apresentação feita pelo Grupo Reviver sobre o Projeto do Museu de Pesca no auditório da FAUS em 2000, para ampliar o movimento. Fonte: Acervo do Instituto Elos	393
Figura 155	Museu de Pesca de Santos em Ruínas, na década de 1990. Fonte: Acervo do Instituto Elos Assista ao vídeo que relata a experiência dos estudantes https://youtu.be/ICHH-UYB8_g	393
Figura 156	106 Reabertura do Museu de Pesca, em 1998. Fonte: Museu do Instituto de Pesca http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262e.htm	393
Figura 157	GT da FAUUFAL , a partir da esquerda: Álvaro Jatobá, Paula Padilha, e Fernando Honaiser. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	394
Figura 158	Apresentação do GT do Mackenzie, da esquerda para a direita: Tais Bio, Cayna e Ana Guello. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	394
Figura 159	Apresentação do GT da UFPE. Da esquerda para a direita: José Fernandes [Zé Filé], Milena Barbalho e Alexandre Sávio. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	395
Figura 160	Alexandre e Natasha na trilha do Bonete, comunidade em Ilha Bela. Atividade de Balanço do Grupo Reviver. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU	395

Figura 161	Apresentação de professor da UFAL não identificado, que circulou livremente pelo SeNEMAU. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	395
Figura 162	Natalia, Flavia Vendramini e Fabrício, do Grupo Reviver, desenhando na comunidade de pescadores da praia do Bonete, Ilha Bela – SP. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	395
Figura 163	José Fernandes [Zé Filé] e Rodrigo Alonso cantam em dueto a música criada para os EMAUS. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	395
Figura 164	Tais Bio, diretora geral da FeNEA, Cynthia, vice-diretora geral [FAU Brás Cubas] e Tayana, diretora da DIEPE [UFSC], estudam alguns tópicos sobre o tema da próxima discussão. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	395
Figura 165	Fabrício e Milena da FAUPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	396
Figura 166	Virgínia Lambert e Alexandre Sávio, da UFPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	396
Figura 167	Alexandre Esteves da FAUS Santos e estudante não identificada. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	396
Figura 168	Estudante não identificada e Fernando Honaiser. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	396
Figura 169	Rodrigo Alonso e Tais Bio. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	397
Figura 170	Grupo se prepara para apresentar Painel. Da esquerda para a direita: Alexandre Duran e Samuel, ambos da FAU Brás Cubas, Mogi das Cruzes-SP. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	397
Figura 171	Reunião de um GT. Da esquerda para a direita: Virginia [FAAP], Cayna [MACK] e Alê Esteves [FAUS]. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU	397
Figura 172	Reunião de um GT. Da esquerda para a direita: Fernando Honaiser, Rodrigo Alonso, Milena e Ana Kelly. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU	397
Figura 173	Daniel, da FAU UFA.L. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	397
Figura 174	José Fernandes e estudante não identificado. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	397
Figura 175	A palavra POEMA, sugerindo a criação de um logotipo de sentimento, representando a todos. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	398
Figura 176	Zé filé na cena final da apresentação. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	398
Figura 177	Renato Leal, da FAU Santos, é o estudante-professor. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	398
Figura 178	Renato Leal convida Samuca para ficar no centro e girar parado como um eixo, e Cynthia e Ana Kelly orbitam em torno dele, acompanhando-o. Ao fundo Alexandre Sávio, da FPE, e Rivaldo, da FAUPE, são os ajudantes do estudante-professor. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU	399
Figura 179	Repentinamente, Renato estanca este giro, segurando nos ombros de Samuca. As meninas são obrigadas a parar para não cair. A metáfora representa a Teoria do Monomotor. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	399
Figura 180	Estudantes simulam a Teoria da Turbina. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	400
Figura 181	Renato Leal, portando uma camiseta promocional do ENEA Santos, desenha uma senoide e apresenta a teoria da oscilação. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	400
Figura 182	O primeiro grupo semente, seguido de mais dois grupos, todos atrelados ao coordenador XHY. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	401
Figura 183	Cada grupo pizza com um profissional e um estudante responsável pelo financeiro. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	401
Figura 184	Uma vez por mês, estas pizzas se reúnem para um grande banquete, uma grande	401

	pizzada! Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	
Figura 185	Letreiro de uma pizzaria no caminho da praia, inserido no vídeo por fazer uma ponte com a teoria das pizzas, apresentada anteriormente por Renato Leal. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	403
Figura 186	O locutor, Fabrício Gordo. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	403
Figura 187	Guilherme Moura, da UFPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	403
Figura 188	Rodrigo Alonso, da FAUS. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU	403
Figura 189	Fernando Honaises chama a primeira cerveja. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	403
Figura 190	Alexandre Savio. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	404
Figura 191	E todos comemoram ao sol. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	404
Figura 192	Estudante não identificada. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	404
Figura 193	Tais Bio. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	404
Figura 194	Daniel, da UFAL. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	404
Figura 195	Estudante não identificada. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	404
Figura 196	Alexandre Esteves, da FAU Santos/SP. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	405
Figura 197	Ana Kelly, da FAUPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	405
Figura 198	Carina Souto Maior, da FAUPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	405
Figura 199	Flávia Guimarães, Federal de Uberlândia. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	405
Figura 200	Tayna Kadlets [UFSC]. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	405
Figura 201	Álvaro Jatobá, da UFAL. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	405
Figura 202	Jandi Caetano, da Moura Lacerda. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	406
Figura 203	Ana Guello, do Mackenzie. Print screen vídeo I SeNEMAU.	406
Figura 204	Zé Filé, da UFPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	406
Figura 205	Fernando Amaral [Tchô], da UFRGS. Print screen vídeo I SeNEMAU.	406
Figura 206	Estudante não identificado. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	406
Figura 207	Samuel, da FAU Brás Cubas. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	406
Figura 208	Alexandre Duran, da FAU Brás Cubas. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	407
Figura 209	Marcelo, da FAUPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	407
Figura 210	Cynthia, da Brás Cubas. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	407
Figura 211	Cayna, da FAU MACK. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	407
Figura 212	Yuri Moraes, da FAUPE. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	407
Figura 213	Em um hotel a beira mar, Flavinha, de Uberlândia, e Virgínia, da FAAP. Fonte: Print screen vídeo do I SeNEMAU.	407
Figura 214	Alexandre Esteves, o Alê, sacode sua camiseta em despedida, atrás de Renato Leal, ambos da FAU Santos. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	408
Figura 215	O sol se põe na praia. Silhuetas dos estudantes ao pôr do sol. Alexandre ao centro e Renato à direita. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	408
Figura 216	Estudantes acenam para a câmara. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	408
Figura 217	Uma sequência, da paisagem local semelhante à abertura, agora no lusco fusco. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	408
Figura 218	Letreiro dos créditos. [34min 9 segs.]. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	408
Figura 219	Final da gravação. Fonte: Print screen vídeo I SeNEMAU.	408
Figura 220	Capa e contracapa do vídeo. FONTE: Fita VHS do acervo pessoal de Alexandre Esteves. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	409

Figura 221	Centro de Artes e Comunicação da UFPE [CAC], onde está instalada a FAUPE Fonte: copyright Rony. Acesso em 05/07/2021: https://3dwarehouse.sketchup.com/model/38baeacb63553e9eb915b8323d76b122/CAC-UFPE	413
Figura 222	Entrada do CAC UFPE. Fonte: Reprodução / TV Globo. Pesquisado 05/07/2021. Disponível em https://g1.globo.com/pe/pernambuco/educacao/noticia/2019/01/22/sisu-2019-tem-14284-vagas-em-seis-instituicoes-de-pernambuco.ghtml	413
Figura 223	Fabiana, do Centro Universitário Moura Lacerda, descreve o programa. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	414
Figura 224	Fabiana [Moura Lacerda]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 225	Yuri [FAUPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 226	Mariana [FAUS]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 227	Rui [PUC Campinas]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 228	J. Renato [PUCCAMP]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 229	Carolzinha [FAUUSP]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 230	Dani [Anhembí-Morumbi]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 231	Guto [CESLON]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 232	Ari [UFPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 233	Ana [UFSC]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 234	Tais. [CESLON]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 235	John. [Anhembí-Morumbi]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 236	Romã. [Mackenzie]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 237	Dudu. [UFO]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 238	Nilson, da Belas Artes. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	415
Figura 239	João. [FAUUSP]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 240	Vinícius. [FAU]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 241	Marina. [Mackenzie]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 242	Gina. [FAU-UFSC]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 243	Mateus. [FAU-UPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 244	Cesar. [UFE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 245	Ali Eduardo. [Belas Artes]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 246	Priscila. [PUCCAMP]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 247	Faria. [UCG]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 248	Corina. [FAU-UPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 249	Manu. [FAUPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 250	Carina. [FAU-UPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 251	Uelma. [FAU-UPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 252	Estudante não identificado. [FAU-UPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 253	Mis. [UFPE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	416
Figura 254	Cleverton. [FURBE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 255	Michele. [UFO]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 256	Edi. [UFO]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 257	Cristian Guilherme. [FURBE]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417

Figura 258	Letícia. [URGS]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 259	Elton Rodrigues. [UFP]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 260	Bruno Capanema. [UNB]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 261	Leonel. [Uberlândia]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 262	Adriana. [UFES]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 263	Lauro. [FAUS]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 264	Gregori. [UNITAU]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 265	Estudante não identificado. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 266	Alexandre Esteves. [FAUS]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 267	Edgard. [FAUS]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU	417
Figura 268	Rodrigo. [FAUS]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	417
Figura 269	Mapa das regionais da FeNEA e localização identificada de 40 participantes do II SeNEMAU Fonte: Base da FeNEA, com elaboração da autora.	419
Figura 270	Fabiana, no pátio do CAC da UFPE, faz transição para o entremeio. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	420
Figura 271	Letreiro do II SE NEMAU. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	420
Figura 272	Fabiana, no pátio, do preenche formulário de inscrição. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	420
Figura273	Letreiro: Trabalhos Atuais. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	420
Figura 274	Apresentação da FAU Mackenzie. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	420
Figura 275	Apresentação da FAUS. Natasha Gabriel. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	421
Figura 276	Apresentação da UFP. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	421
Figura 277	Estudante Gregori, de TAUBATÉ, fala sobre o sotaque do interior de SP. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	421
Figura 278	Estudante Letícia, do Rio grande do Sul, fala sobre os costumes gaúchos. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	421
Figura 279	Cleverton apresenta trabalho do EMAU da FURB BLUMENAU. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	421
Figura 280	Trabalho do EMAU FURB BLUMENAU. Print screen vídeo II SeNEMAU	421
Figura 281	Carol e João apresentam trabalhos do Laboratório da USP. Print screen vídeo II SeNEMAU. Print screen vídeo II SeNEMAU	422
Figura 282	Priscila fala pela PUCCAMP. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	422
Figura 283	Letreiro: Escritório Modelo. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	422
Figura 284	Bruno Capanema, da UNB. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	422
Figura 285	leiteiro: Workshops. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	423
Figura 286	Translado dos estudantes. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	423
Figura 287	Brasília Teimosa, Recife Antigo e Ilha de Deus. Fonte: Google Maps.	423
Figura 288	Mapa de localização de Igarassu. Fonte: Google Maps.	424
Figura 289	Letreiro: IGARASSU. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU .	424
Figura 290	D. Nida canta e dança em Igarassu. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	424
Figura 291	Grupo de estudo /IGARASSU 1. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	425
Figura 292	Grupo de estudo /IGARASSU 2. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	425
Figura 293	Letreiro: RECIFE ANTIGO. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	425
Figura 294	Paisagem urbana, ponte e cúpulas. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	425

Figura 295	Paisagem urbana, edifícios. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	425
Figura 296	Escultura suspensa em praça. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	425
Figura 297	Ilha de Deus/2020. Disponível em https://www.brasildefatope.com.br/2020/01/09/historia-da-ilha-de-deus-e-contada-pelas-mulheres Acesso 26 jun.2021	426
Figura 298	Letreiro: ILHA DE DEUS. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	427
Figura 299	Ilha de Deus - Barco de pesca. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	427
Figura 300	Pneus e lixo nas margens. Urubus. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	427
Figura 301	Habitacões a beira d'água. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	427
Figura 302	Edgard fala dos EMAUS. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	428
Figura 303	Letreiro: Brasília Teimosa. Vista com navios e armazéns ao fundo. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	428
Figura 304	Em Brasília Teimosa, paisagem. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	428
Figura 305	Natasha Gabriel prepara estudantes para a visita técnica. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	428
Figura 306	Estudantes acompanham a fala de Natasha. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	428
Figura 307	Letreiro: PRÊMIO FeNEAD 1997. II Concurso Nacional de projetos Sociais para Estudantes de Administração. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	429
Figura 308	PRÊMIO FENAD 1997. Estudante explica sobre a premiação da Federação Nacional de Estudantes de administração. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	429
Figura 309	Estudante Yuri [UFPE] fala sobre os recifenses. Fonte:	430
Figura 310	Estudante Cristian Krambeck fala sobre gente de outras cidades e outros estados, na FURBES -Blumenau. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	430
Figura 311	Letreiro: Mesa Redonda. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	430
Figura 312	Primeiro palestrante. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	430
Figura 313	Tomada geral dos palestrantes. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	430
Figura 314	Palestrante. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	430
Figura 315	Edgard Gouveia Júnior fala sobre Escritório Modelo. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	431
Figura 316	Palestrante. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	431
Figura 317	Primeira Fala. Renato Leal, da FAUS/UNISANTOS. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	431
Figura 318	Segunda Fala. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	431
Figura 319	Letreiro: Apresentação Workshops. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	432
Figura 320	Apresentação da Ilha de Deus. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	432
Figura 321	Apresentação de Igarassu. Ana Kelly Nobrega, depois diretora da FeNEA geral. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	432
Figura 322	Apresentação de Recife Antigo. Adriana Rafti do EFES. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	433
Figura 323	Apresentação Recife Antigo2. Obregon Bambirra, da Faculdade Isabela Hendrix. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	433
Figura 324	Apresentação de Brasília Teimosa. Carol, da FAUUSP. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	431
Figura 325	Apresentação Brasília Teimosa. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	433
Figura 326	Letreiro: AVALIAÇÃO GERAL. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	434

Figura 327	Rodrigo Rubido Alonso na avaliação. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	434
Figura 328	João Petribu, Edgard Gouveia Júnior e Dani, da Anhembi, na roda de avaliação. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	435
Figura 329	Alvarenga e Carol, da FAUUSP, que toca na abertura e dá sua contribuição. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU .	435
Figura 330	Estudante Fernanda Ravanholi, PUCAMP. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	435
Figura 331	Cristian Krambeck. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	435
Figura 332	Cleveison, da FAUUE. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	436
Figura 333	Fabiana, Moura Lacerda. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	436
Figura 334	Estudante Alvarenga [Alidua], BA. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	436
Figura 335	Estudante João Piza, USP. Fonte: Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	436
Figura 336	Maurício Guerra, FAUUE Recife. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	437
Figura 337	Vinicius, FAUUE. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	437
Figura 338	Dani, Anhembi Morumbi. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	437
Figura 339	Ana Kelly Nobrega, FAUUE. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	437
Figura 340	Letreiro: Melhores Momentos. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	438
Figura 341	Dança em sala de aula. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	438
Figura 342	Dança com boi. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	438
Figura 343	Festa no saguão do CAC. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	438
Figura 344	Ação provavelmente inspirada nas experiências participativas da artista plástica Lygia Clark, que eram de conhecimento dos estudantes. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU	438
Figura 345	Várias meninas vestidas iguais, provavelmente estudantes da FAUUE, tocando repiques em plano estourado e dançando maracatu. Fonte: Vídeo II SeNEMAU.	438
Figura 346	Estudantes dançando maracatu. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU Print screen vídeo II SeNEMAU.	439
Figura 347	Grupos reunidos no ateliê da FAU UPE. Print screen vídeo II SeNEMAU Print screen vídeo II SeNEMAU. Print screen vídeo II SeNEMAU	439
Figura 348	Estudante sentada na prancheta, contraluz, observa paisagem do campus. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU	439
Figura 349	Rodrigo Alonso, estudante liderança da FeNEA, provavelmente na roda. de avaliação. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	439
Figura 350	Fabiana se alimenta, sentada na calçada. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	439
Figura 351	Estudantes entram no ônibus com rolos de projetos nas mãos. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	439
Figura 352	Arte Sacra.(não identificada)	440
Figura 353	O close de D. Nida é seguido de tomada aberta, onde ela dança batendo os pés no chão, para marcar o ritmo do Maracatu e cantar sobre a fuga de Maria e Jesus do Egito. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	440
Figura 354	Estudantes tocam Let it be, de John Lennon, enquanto uma voz em off feminina canta. Print screen vídeo II SeNEMAU. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	440
Figura 355	Estudante segura um cartaz, onde se destacam as palavras <i>Existência</i> , <i>Nenhum</i> e <i>Alguma</i> . Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	440
Figura 356	Créditos dos realizadores: Diretório ACADEMICO da FAU UFPE e centro da FAUPE [particular]. Fonte: Print screen vídeo II SeNEMAU.	440
Figura 357	Homenagem à estudante de Pernambuco que faleceu em decorrência de um acidente automobilístico, no início do II SeNEMAU. Fonte: vídeo II SeNEMAU.	440

Figura 358	A autora. Fonte: Acervo da autora	449
Figura 359	Mosaico de imagens. Fonte: Acervo da autora	453
Figura 360	Capa e miolo do livro Abstrato Carnal, 2016. Fonte: A autora	454
Figura 361	Xilozodiac: os dois lados de seu signo. Capa e páginas 8 e 9, 2016. Fonte: A autora	455
Figura 362	Exposição em Cuba, Havana, 2010. Fonte: Acervo pessoal da autora.	456
Figura 363	Exposição em Cuba, Havana, 2010 . Fonte: Acervo pessoal da autora.	456
Figura 364	Pinturas em grande formato para cenário de peça de Ibsen, em parceria com Rodrigo Lobo, 2008. Fonte: Acervo pessoal da autora.	457
Figura 365	Etnias do primeiro e sempre Brasil. Peças gravadas em cerâmica Disponível em : https://arteforadomuseu.com.br/etnias-do-primeiro-e-sempre-brasil/ Acesso 23 out. 2021	458
Figura 366	Etnias do primeiro e sempre Brasil. Projeto de Maria Bonomi. Disponível em : https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Etnias_-_Do_Primeiro_e_Sempre_Brasil,_Maria_Bonomi_(5878296046).jpg Acesso 23 out. 2021	458
Figura 367	Projeto Procuramos Ricardo. Atelier Amarelo. Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo– Grupo Dragão de Gravura.	459
Figura 368	Ações culturais do SESI, como membro do Grupo Dragão de Gravura, 2007. Fonte: Catálogo do SESI e Acervo pessoal da autora.	459
Figura 369	Projeto “Toda criança tem direito”, 2005. Fonte: Acervo pessoal da autora.	460
Figura 370	Concurso nacional para execução de esculturas no Município de Sorriso, MT, em 2004. Fonte: Acervo pessoal da autora.	461
Figura 371	Coreografia Espaço Vasado, de Débora Furquim e Ângela Nolf. Publicação em mídia impressa. Fonte: Acervo pessoal da autora.	462
Figura 372	Cenário em animação quadro a quadro para coreografia Espaço Vasado de Débora Furquim e Ângela Nolf. Fontes: O Estado de São Paulo. Caderno 2. 12/12/2003 e catálogos do Centro Cultural São Paulo.	463
Figura 373	Catálogo Espaço Vasado, Centro Cultural São Paulo, 2003. Fonte: Acervo autora.	464
Figura 374	Projeto Pedagógico Arte e Identidade, EMEDA Ellen Keller, em parceria com Gil Rodrigues, 2004. Fonte: Acervo pessoal da autora.	465
Figura 375	Mestre Meditando, Adriane Castilho e Débora Furquim. Modelagens em argila para “Nunca treze à mesa”, 2003.	466
Figura 376	Flores e esculturas entram em cena, 2003. Fonte: Jornal de Piracicaba. Caderno C2, 13/dez/2003. Acervo pessoal da autora.	466
Figura 377	Comissão julgadora da Mostra de Arte da Juventude, com Luciano Bortoletto, 2001. Fonte: SESC Ribeirão Preto.	467
Figura 378	Exposições Novelli, Centro Cultural SP. Fonte: Acervo Novell Imagem.	468

LISTA DE QUADROS DO APÊNDICE

Quadro 4	Dados do entrevistado Alexandre Esteves. Fonte: Dados fornecidos pelo entrevistado, elaborados pela autora.	346
Quadro 5	Programação do I SeNEMAU. Fonte: Dados levantados do vídeo documentário do I SeNEMAU, elaborados pela autora.	385
Quadro 6	Participantes do II SeNEMAU por ordem de apresentação. Fonte: Dados levantados do vídeo documentário do II SeNEMAU, elaboração da autora.	418
Quadro 7	Participantes do II SeNEMAU por Universidade de origem e região geográfica. Fonte: Dados levantados do vídeo documentário do II SeNEMAU, elaborados pela autora.	419

13. APÊNDICES

13.1. APÊNDICE 1: Entrevistas

13.1.1. Entrevista com Reginaldo

Ronconi

Forma é igual a estrutura.

Cláudia: Bom dia, Professor Ronconi. Antes de mais nada gostaria de agradecer a sua disponibilidade em me conceder esta entrevista, e confessar que ainda não consegui ler seu doutorado inteiro, mas já adiantei bastante. Estava relendo ontem e até trouxe este caderno, meio pesadão, para ter um roteiro de temas com os quais você poderia colaborar - todos vocês, é claro. Ontem eu estava olhando um pouco o projeto novo da UNIFESP, do Instituto das Cidades no campus zona leste, aquela parte que a Mel conversa principalmente sobre a diferença desse projeto em relação aos nossos projetos mais tradicionais, das escolas mais antigas que temos...

Ronconi: Acho muito interessante. Espero que a gente consiga vencer esse momento terrível de guerra à inteligência, para que eles consigam ir em frente com o projeto. Fundamental ser na zona leste, fundamental a proposta do Instituto das Cidades, de trazer oficialmente um olhar interdisciplinar sobre os problemas da cidade. Creio que realmente precisamos construir esta cultura no país. Aliás, a cidade de São Paulo ainda não ter isso é assustador.

Cláudia: Com certeza. Eu vi que eles têm um espaço que chama Elo, que não é só baseado em ateliê, tem também a questão da interdisciplinaridade com a Geografia, com a economia, com outras faculdades. Precisamos delas para resolver as questões urbanas que devemos tratar.

Ronconi: É verdade. Um dos pontos centrais do projeto, também, é o canteiro.

Cláudia: Eu até grifei em amarelo: proposta de canteiro experimental, ponto central da UNIFESP.

Ronconi: A gente precisa retomar essa questão de valorizar o fazer como um instrumento do saber, claro, porque toda a estrutura econômica de desvalorização do trabalho acabou contaminando o pensamento. Em uma obra convencional, você tem o engenheiro e o trabalhador operário, ambos empregados de uma mesma corporação, só que o engenheiro não se acha empregado como o operário, porque um ganha o salário por mês, o outro ganha o salário por hora, além da desigualdade de valores. Então eles não se reconhecem como parte da mesma ação. E a gente vai reproduzindo essa ideia. Você vê, nas escolas de arquitetura, a luta para a implantação do canteiro é um pouco o reflexo desta distorção de entendimento de como se produz o saber, como se constrói o conhecimento, como se tudo pudesse aparecer do plano abstrato, das ideias, como se isso fosse suficiente, e se o fazer não significasse um acúmulo de ideias, de pensamento, de evolução.

Cláudia: Esta é uma parte muito bonita do teu artigo. Até grifei no seu texto: *o canteiro como lugar de atividade plena, nem prática nem intelectual, porque essa separação na verdade não existe*. Acho você muito freireano neste ponto, de valorizar uma práxis que é teoria imbricada. Eu faço doutorado em educação, na Católica de Santos, então...,

Ronconi: Ah, que bacana...

Cláudia: Eu fiz três semestres de Paulo Freire com Alexandre Saul, li vários livros de Freire, inclusive alguns citados na bibliografia do seu artigo. É muito bacana esta visão...

Ronconi: Você vê, no trabalho com os meninos e com as meninas aqui no canteiro, atualmente temos apenas um técnico, o Romerito. E muitas, mas muitas vezes, é o olhar do Romerito que nos conduz à construção da solução de um determinado problema. Ele tem uma formação cultural, social e intelectual diferente da do estudante - que está olhando o mesmo problema - que é também diferente daquela do professor - que está olhando o mesmo problema. Se a gente pudesse congelar esses três olhares, teríamos uma fotografia de uma produção cultural acontecendo ali, naquele momento. O povo brasileiros ali, com as suas diversas informações, diversos olhares, montando uma expressão cultural. Se gente não entender isso como um processo de formação, a escola não absorver isso com um processo de formação, é triste. E mesmo aqui na FAUUSP, onde estamos trabalhando há 20 anos neste canteiro, sempre temos que explicar o tempo todo para que ele serve, qual é a proposta. Ele ainda não está completamente assimilado pela estrutura da escola. Isto aqui, onde nós temos um espaço institucionalizado pela estrutura da escola, o melhor que existe no Brasil do ponto de vista de institucionalização. Outros tentam se formar, mas às vezes não tem terreno, às vezes não tem recurso... e a gente conseguiu implantar isso aqui. Mas se essa ideia não está na proposta pedagógica...

Cláudia: É, você insiste três vezes nisto, no artigo. Li que você entra pelo currículo

em duas disciplinas do primeiro ano e em uma optativa.

Ronconi: Isso mesmo. Mas isso é fundamental, tem que estar formalmente na proposta pedagógica. E, às vezes, vai para o currículo, mas não basta.... O que adianta um artigo sobre especialização da profissão que fala do canteiro experimental, do laboratório de construção? As pessoas precisam acreditar que é isso mesmo!

A gente vem engolindo esta questão da distância do saber e do fazer por questões, às vezes, muito sutis. Várias vezes ouvimos alguém falar – *“Você está querendo inventar a roda! Ah, tudo bem, então, inventa uma roda!”*. Isto só porque alguém está passando por um processo de descobrir algo que as pessoas já sabem como é. Mas se você tentar construir uma roda usando o que quiser, não precisa se afastar no tempo, pode ser hoje, no século 21, com as ferramentas que quiser, tenho certeza de que a quantidade de habilidades, saberes e conhecimentos que você vai ter que mobilizar para construir este objeto será enorme! E mesmo sendo ele tão conhecido, um objeto que você domina em tantas escalas e dimensões de problemas e complexidades, ele te fará mobilizar tantos recursos, que dificilmente você terá aquela facilidade que imaginava, aquela facilidade que este ditado do *“reinventar a roda”* quer nos induzir a crer. Mas repetimos e aceitamos isso, às vezes, como desculpa para não fazer um percurso cujo resultado já se espera. E muitas vezes, ao realizar esse percurso, uma pessoa única, fará conexões que ninguém fez, e daí pode transformar tudo.

Cláudia: A gente nunca sabe onde um processo desse vai chegar. Isso é o mais legal.

Ronconi: É isso! E a universidade tem que estar aberta para isso. Estas pessoas que estão agora no governo, no Ministério da Educação, e querem dizer que há saberes importantes e saberes que não são importantes... Isso é uma falácia que não tem tamanho! E eu acho que estamos, de certa forma...

Cláudia: A nossa mentalidade, você quer dizer? É verdade. Trabalhei muitos anos em construtora, com personalização, mas ficava na obra, era a interface da construtora junto aos arquitetos. Trabalhei muito tempo entre pedreiros, eletricitas, marceneiros etc. Cheguei a alfabetizar três em leitura de planta, dois se tornaram mestres e um gesseiro. Tenho o maior orgulho de ter feito isso.

Ronconi: Então, você deve ter aprendido muito com o eletricitista, com o gesseiro. São saberes que a gente não tem...

Cláudia: ...estamos distantes deles, e as pessoas que saem agora daqui talvez tenham mais contato, mas eu que saí em 1985! Nossa... eu me lembro que uma vez eu tinha que quebrar uma viga - a gente tinha feito uma viga metálica e tinha que tirar a de concreto. Eu, me achando muito esperta, mandei dois pedreiros começarem a quebrar, um de cada lado, e pensei: vai ser muito mais rápido! Só que a viga ficou completamente solta, presa só na ferragem. Quando eles batiam, ela balançava, e não dava mais para quebrar. Nós ficamos 5 dias para tirar a viga de lá. E os operários sabiam que ia dar errado, mas como eu era teoricamente superior... Então, com essa questão de não ter horizontalidade nenhuma na obra, é assim. Lembro que eu cheguei a reunir toda a equipe e falei –

“Gente, é o seguinte, vocês viram o que aconteceu? Eu não tenho experiência como vocês têm de obra, então toda vez que vocês perceberem que vai dar errado, eu preciso e peço que vocês me falem, e simplesmente me expliquem como vocês fariam, e a gente vai chegar em um resultado melhor do que se eu fizer sem vocês. E a gente foi mudando um pouco essa cultura, mas foi um perrengue!

Ronconi: O que você está fazendo é produzir conhecimento, e conhecimento é produzido socialmente. A gente não produz conhecimento individualmente, porque precisamos ter o rebatimento da nossa ideia em um outro plano, em outro ouvido, para ela poder passar por uma crítica. Não conseguimos criticar a ideia genial que nós mesmos tivemos...

Claudia: [riso] É verdade...

Ronconi: A gente fica sistematicamente envolvido por ela, e a hora que você discute isso socialmente... Se você escrever um texto maravilhoso, pintar um quadro maravilhoso e deixar na sua gaveta, jamais isso se tornará uma obra de literatura, uma obra de arte. Jamais!! Ela precisa ser colocada socialmente, para o público, e as pessoas falarem – “nossa, isso me comoveu, isso aqui mudou minha vida”. Daí sim, você pode falar que é uma obra de arte, mas se não, ela não é. Individualmente isso não acontece. Então essa ideia de que a gente se debruça sobre um livro - claro, não estou dizendo que a gente não deva estudar as coisas, mas acreditar que a gente faz uma transformação individualmente, é muito equivocado. E a universidade, a faculdade, a escola, são lugares para você partilhar socialmente os mesmos interesses. O que a gente quer fazer aqui é produzir conhecimento para fazer um

mundo melhor. Na maioria dos lugares, essa ideia é clara: você quer um mundo mais inclusivo, com menos desigualdade. É para isso que a gente faz. Não temos o poder de garantir que o conhecimento será utilizado desse jeito, mas é para isso. Então a gente constrói nas escolas - em qualquer nível - um território, um suporte muito favorável a essa troca entre as pessoas. Mas simultaneamente, temos uma maneira de evitar isso culturalmente, de não deixar isso fluir.

O exercício Cartografia Urbana 2 e a questão do trabalho invisível.

Essa semana estava conversando com os estudantes. Tem um exercício que a gente faz no primeiro ano, com os meninos que estão tendo aula há dois meses, que chama *cartografia urbana*. Todas as disciplinas do primeiro semestre param uma semana e eles fazem esse exercício, que é avaliado por todas. Montamos, lá no Salão Caramelo, um mapa enorme da cidade universitária na escala 1:350, que dá para eles andarem em cima, cobrindo toda a cidade universitária e o seu entorno. O objetivo desse exercício é que conheçam e façam uma análise da área sobre todos os prismas, todas as maneiras que enxergarem, que seja possível, com orientação de todos os professores do primeiro ano. É um momento muito bacana da escola...

Cláudia: deve ser lindo!

Ronconi: É, porque sai de dentro da caixinha de cada disciplina. Uma das questões colocadas é sobre o trabalho invisível. Quem limpa a escola? Quem cuida? Quem faz a poda das árvores? Eu estava conversando com os estudantes - porque o banheiro da escola, eu conheço bem o banheiro masculino - é um lixo, em

alguns momentos do dia. Mas será que se você conhecesse o nome da pessoa que limpa o banheiro, soubesse como ela chama, onde mora, que horas acorda para ir trabalhar, e se era isso que ela queria da vida... Enfim, se você tivesse um mínimo de relação humana com essa pessoa, será que você usaria o banheiro com tanto desprezo, com tanta falta de cuidado assim? Então, esse mínimo, não é nenhum exercício de alteridade, é um mínimo olhar humano sobre o outro, né? Você passa pela escola, a pessoa está varrendo o chão e você não fala bom dia, ou boa tarde... Por que é assim? Em uma escola de arquitetura e urbanismo, aonde a gente vai, assim? Como criar um mundo melhor, menos desigual, mais inclusivo? E as relações, onde elas ficam? Como a gente consegue trabalhar essa atenção de direções tão diferentes? Você se senta na prancheta e desenha um espaço comunitário, ou um centro cultural, depois se levanta, vai tomar café e passa pelas pessoas que trabalham como se elas não existissem. A gente precisa fazer um esforço de dizer: - "olha, o trabalho é tão importante quanto pensar. O fazer e o pensar não são saberes diferentes." Mas isto está no cotidiano!

Cláudia: [lendo] "Se alguém sabe, faz. E para fazer é necessário saber. Esse é o mais alto nível de conscientização do indivíduo no homo sapiens." É uma citação sua.

Ronconi: Aqui, no canteiro, a gente explícita isso, mas eu acho que isso deve estar no cotidiano na escola. Eu perguntei para um dos alunos que estava orientando qual o nome do bedel que atende a nossa classe, aquele que liga o projetor, e tal. Ele não soube responder. Nunca se preocupou. Aqui, nessa sala que a gente está, você está vendo? Coloquei

dois tapetinhos e sempre digo: limpe os pés antes de entrar, alguém vai ter que limpar esse lugar! Às vezes, eles chegavam aqui e entravam direto, sujando. Agora já estão adestrados, mas foi um processo de reeducação com os pesquisadores do laboratório, porque até isso as pessoas de repente descolam, como se não fosse algo importante

Acho muito difícil conseguir uma relação verdadeira no projeto, no trabalho de arquitetura, se você não olhar para isso. Alguém pode achar besteira: “-você está falando uma coisa antiquada”. Eu não acho! Acho que há uma questão de reconstruir o respeito entre atividade intelectual e atividade laboral. Fomos nos distanciando de uma forma absurda, e precisamos reconectar com isso. E no nosso ofício mais do que nunca, porque a arquitetura não existe se não for materializada, senão é só um pensamento como pode ser a poesia, a pintura, o cinema. Mas para ser arquitetura, tem que ser materializada, ser protetora, não tem jeito. Portanto, é um ambiente em que a gente não pode deixar de respeitar, não se interessar, é assim. Isso me aflige, ainda. Já estou velhinho, mas estas coisas ainda me afligem.

Cláudia: [risos] Que bom, no meu entender isso é uma forma de não envelhecer. Tem outra coisa no teu artigo que eu gostei também: “O que resulta da própria dinâmica é um processo de motivação pessoal e único” Você e eu, como professores, sabemos que essa questão da motivação, do lúdico, daquilo que é potente... eu percebo que você encontra isso aqui no canteiro... Eu estive em um encontro de ATHIS no Mackenzie, que aliás, foi incrível! No primeiro dia que eu vim aqui na FAU, procurar umas coisas

na biblioteca para o doutorado, acabei indo até o LABHAB e o LABCidade, e as meninas de lá me disseram – “olha, hoje está acontecendo uma coisa que te interessa. Uma menina do escritório modelo Mosaico vai falar só sobre EMAU da FeNEA”. Eu simplesmente fui daqui direto para lá! Era a Heloisa Bergamin do Mosaico. Ela falou uma coisa que me marcou muito. Disse que, às vezes, ela está na sala de aula... aquela coisa maçante, e pensa:

- “Vou largar essa faculdade! Não estou aguentando!”

E aí, de repente, ela se envolve com um projeto no escritório modelo e não larga mais, porque tudo volta a fazer sentido. Fica super empolgada, lembra que vai precisar do diploma para fazer projetos lá fora, e começa a se interessar de novo pelo que está acontecendo na sala de aula. E, se de repente ela percebe que aquilo que o Mosaico está fazendo tem importância, começa de novo a vibrar, a se emocionar. Ela frisou esta parte:

- “Quando a gente vê que outro EMAU está trabalhando com a mesma metodologia, que a gente está virando referência para alguma coisa, é uma explosão dentro da gente e ninguém larga, nem o Escritório Modelo, nem a faculdade!”

Ela usou a palavra explosão, e as pessoas paralisaram! Umas aplaudiram, outras começaram a rir, porque ela estava sendo muito espontânea. Como você sabe, meu tema e este, não é canteiro experimental. Eu queria saber, se você sente que esta turma se empolga, se você já fez alguma vez trabalho de cultura e extensão, se você alguma vez já trabalhou com algum escritório modelo. Você pode trabalhar, por exemplo, com o Mosaico?

Ronconi: Com pessoas de fora da universidade não. O nosso contrato é de exclusividade com a USP. Mas participo de trabalhos de extensão. Se não implicar em remuneração, eu consigo fazer, mas se for algo que implica receber dinheiro de alguma forma, não. Mas, eu participo de vários trabalhos de extensão, aqui. Posso, por exemplo, ser convidado para ir a algum lugar, viajar... agora mesmo estou em um projeto com os Xavantes, do Mato Grosso.

A primeira parceria público-privada

Ronconi: Eu não sei se você sabe, mas eu coordenei o primeiro escritório de assessoria técnica aqui em São Paulo, que foi o GAMHA

Cláudia: Gama?

Ronconi: G-A-M-H-A - Grupo de Assessoria a Movimentos por Habitação. Este era um problema, porque ninguém conseguia pronunciar esta sigla! GAMHA-HA!

Cláudia: [riso] Parece uma coisa meio indiana, assim...

Ronconi: É! Ele durou 12 anos e a gente fazia o que hoje se chama ATHIS. Naquela época não tinha isso, então éramos um escritório sem fins lucrativos, que prestava assessoria a movimentos organizados na luta por habitação.

Cláudia: Na década de 1980, suponho? Antes da constituinte ou depois?

Ronconi: A constituinte de 1988? Em 1988 a gente já estava trabalhando, e coma eleição da Luiza Erundina eu fui para o Governo Municipal, onde fizemos um FUNAPS comunitário. Eu fui a pessoa que montou e coordenou o início do FUNAPS...

Cláudia: Parabéns por essa iniciativa maravilhosa!

Ronconi: Foi demais. Aquele momento era o momento da explosão!

Cláudia: É, o momento oposto ao que estamos vivendo hoje...Eu me lembro a primeira vez que eu entrei no assentamento Filhos da Terra, e vi aquele predinho construído em mutirão. O pessoal da engenharia foi fazer só a fundação, e depois eles ergueram. Eu olhei aquilo e pensei: - "Podia ser tudo assim, que coisa linda!"

Ronconi: A gente fez um projeto dentro do programa FUNAPS comunitário, o projeto era da AD - Associação Direta, lá na Rangel Pestana, bem no centro da cidade. Três lâminas... eu acho...

Cláudia: todas de habitação?

Ronconi: ... talvez 4 ou 5 andares. Não lembro mais....

Cláudia: Não faz mal, Ainda estão lá. A gente pode ir lá ver!

Ronconi: [risos] Na época, a fundação foi com estaca, por isso a gente falou que não dava para mutirão fazer. Decidimos contratar uma empreiteira, só que ela atrasou a obra quase 6 meses. Então o pessoal do mutirão falou: - "Não, pode mandar embora que a gente faz". A gente resolveu apostar, e eles fizeram. A assessoria contratou o que precisava de equipamento e os prédios estão lá. Então é assim, a capacidade que a população tem de superar os problemas...

Cláudia: ...é linda!

Ronconi: Estas pessoas vivem apesar do Estado. Não é que o Estado ajuda, ou pelo menos não atrapalha... Ele atrapalha!! Mas elas conseguem! Imagina a capacidade que essa população tem de superar os problemas, de sobreviver nessa situação absurda. Então, quando você dá um mínimo de estrutura, quando

cria um ambiente de suporte mínimo, as respostas podem surpreender muito.

O FUNAPS comunitário, por exemplo, queria mudar alguns paradigmas. O primeiro paradigma a mudar era: o dinheiro do Estado, que é produzido socialmente através dos impostos, vai tradicionalmente para a mão da empreiteira. Ela faz a casa, e a demanda aceita esta casa, vai morar nela, porque não resta mais nada. Daí, se ela tem um projeto adequado, ou está num lugar adequado, possível, não interessa. Enfim, todos os problemas que a gente já conhece:

Cláudia: Zero de participação,

Ronconi: Zero! Então esse era o primeiro paradigma a ser quebrado: não passar o dinheiro para a empreiteira, passar direto para a associação, para os mutirantes contratarem o arquiteto e, se precisassem, a mão de obra especializada.

O segundo paradigma a ser quebrado era a área. No programa, nós queríamos que as casas tivessem no mínimo 60 m². Naquela época, a COHAB fazia 24m², ou 32m². O Jânio Quadros, antecessor da Erundina, tinha feito casas de 18 m². A gente queria, no mínimo 60 m², para que a casa desse condições para as pessoas criarem a sua família, para as crianças poderem estudar num ambiente e a mãe cozinhar em outro, enfim, para se ter um mínimo de função pensada no projeto. Existiram mutirões que, com o mesmo dinheiro, construíram 74 m²! É surpreendente! É só você dar um mínimo de suporte! Porque era um suporte realmente mínimo. Cada casa custava US\$ 6.000! Imagina! Se a gente transpuser para o dinheiro de hoje, dá quase nada!

Cláudia: Dependendo do câmbio uns R\$18.000, R\$20.000, com muita sorte R\$25.000.

Ronconi: Claro, esse dinheiro ainda não monetizava o valor do trabalho do mutirão, as horas que a população está colocando ali, porque não é um trabalho de graça! Se ela conseguisse vender essa hora no mercado de trabalho, esse preço mudaria. Acho que esta foi a primeira parceria público-privada que a gente fez. Claro que ninguém valorizava o trabalho do mutirão, mas se você computa a monetarização deste trabalho, vê o quanto aquele sócio - o mutirante - colocou no projeto, na forma do seu trabalho. Nessa sociedade, é isso que vale.

Lutar contra esta desvalorização, quebrar esses paradigmas era muito importante para formular esta política habitacional. E, no fundo, o que a gente estava tentando fazer era valorizar o saber das pessoas, valorizar a sua capacidade de ação. Naquela época, eu nem pensava em dar aulas, trabalhava só com os mutirões. Virei professor tarde. Estou aqui há 20, 21 anos. E quando vim para cá, na minha cabeça estava muito claro o que os estudantes precisavam. Porque nós trabalhávamos com bastante estudantes no GAMHA, e eles chegavam na obra sem ter a menor ideia da diferença entre o que é a cal e o que é o cimento, por exemplo. E mesmo na hora do projeto...

Então, também era um trabalho de formação. Assim como era preciso discutir com os mutirantes uma série de metodologias de obra - mesmo eles sabendo muito mais de obra do que os estudantes — era necessário fazê-lo também com aqueles estudantes e arquitetos recém-formados, que vinham trabalhar conosco.

Quando eu entrei aqui, é óbvio que não tinha na cabeça o desenho desse canteiro experimental, mas como já tinha a experiência dos mutirões, então tinha ideia de que esta era uma questão importante a ser trabalhada, dentro da escola.

O erro é importantíssimo para a construção do conhecimento

Percebi, através desta experiência com os mutirões, que para construir habitação, para resolver um problema, no fundo se mexe com as mesmas questões que enfrentamos aqui, não é diferente. Claro que lá tudo é feito com urgência, porque as pessoas precisam morar, mas esta urgência eu procuro evitar aqui!

Cláudia: No canteiro experimental pode errar, não tem as mesmas consequências. Imagina quando eles estão montando uma palafita, com os filhos esperando para entrar, e em uma semana vai começar o mês de março, e vai chover. Daí tem que ter precisão...

Ronconi: É, ai não pode errar! Tem que ser rápido! No canteiro não tem data, e tem que ser assim. Aqui a gente até deseja o erro, porque o erro é uma oportunidade de compreender o caminho. Podemos acertar uma solução de primeira em algo que nunca fizemos, só que nunca vamos saber se aquele caminho é o certo!

Cláudia: É verdade...

Ronconi: Porque você pode ter acertado por acaso. Alguma coisa que fez, e não percebeu, resultou correta. Mas se você não percebeu o que fez, a chance de repetir certo novamente é bem pequena. Ao passo que, quando a gente erra, vai detalhando o caminho:- “Olha, não faz isso assim, isso não é desse jeito, procura fazer de outro jeito...”

O erro é importantíssimo para a construção do conhecimento. Aqui no canteiro, ele acontece a toda hora, e isso é desejável. Claro que isso não pode acontecer na realidade, você tem que....

Cláudia: Mas também acontece na real, e a gente corrige a tempo... corre atrás!

Ronconi: Também ocorre, claro...

Escritórios modelo e canteiros experimentais dão segurança ao estudante.

Ronconi: Mas eu acho que o escritório modelo e o canteiro experimental, enfim, os laboratórios nas escolas de uma forma geral, constroem no estudante uma segurança da ação...Porque não adianta. Se você vem aqui no canteiro, constrói uma parede e por exemplo, essa parede cai, mas depois a reconstrói, e aprende como fazê-la... ou se pensa em fazer uma cobertura e constrói ela aqui, você sai transformado como pessoa, e como arquiteto também, é claro. E como construtor muito mais! Você sai com segurança na sua ação, nas suas decisões.

E os jovens que nós recebemos aqui estão cada vez mais distantes dessa vivência. Não são jovens que construíram o seu carrinho de rolimã. A geração que chega agora é diferente, e aqui há essa oportunidade de sair mais seguro. Acho que esta é uma obrigação que a escola tem! As escolas públicas, e confessionais também, têm um compromisso claro com a sociedade. A hora que a gente batiza o menino aqui como arquiteto ou como arquiteta, você está dizendo para a sociedade que eles estão prontos para agir nesta sociedade, trabalhar bem com ela, para fazer direito, tanto técnica quanto eticamente. A pessoa tem que sair minimamente segura, um ser social com o mínimo de segurança para agir, para

acreditar na própria ação. E para isso, acho que o canteiro contribui muito.

Neste espaço que nós estamos, tudo foi construído por estudantes, em quatro disciplinas. Aqui tem cerâmica armada, pré-moldado, tem argamassa armada, taipa..., tijolos feitos com resíduo. E as turmas foram passando por aqui, por esse processo inteiro. Esse projeto existe na cabeça de todas as turmas, ordenou a cabeça de todas elas. Nós estamos trabalhando dentro deste lugar que foi construído por estudantes. E, de vez em quando, eles voltam aqui para ver o lugar: - “Ah, eu estava com saudades!”

Cláudia: Têm uma vinculação, claro...

Ronconi: É, tem um vínculo afetivo, mas além desta vinculação, tem um pouco de orgulho de ter construído, de ter trabalhado. Olha essas mesas! São de argamassa armada, feitas por alunos do primeiro ano, e agora são parte da mobília da escola deles.

Cláudia: É fantástico, isso, não é?

Ronconi: Construir esse orgulho pelo próprio trabalho é vital, eu acho. Você tem que ter orgulho do teu ofício, do teu trabalho. Temos que fazê-lo bem, e isso tem que nos orgulhar. Temos que ter orgulho de ser um bom arquiteto, de ser um bom construtor. Se você olhar os grandes profissionais em qualquer área, todos têm orgulho, não deixam o seu trabalho malfeito. O trabalho tem que ser bem-feito! A gente tem que construir isso nos estudantes, também.

Cláudia: Sabe essa disciplina que a Karina Leitão dá com o Caio Santamore? Eu estive com eles esse sábado, fomos em um lugar chamado Vila Esperança. Fica para lá do Grajaú, eles têm uma iniciativa lá, estão dando um curso de formação para as pessoas do local. Este sábado eles

chamaram um senhor na faixa dos 60 anos para dar aula de como cortar um piso, bem cortado, com aquele diamante, usando o método da alavanca. só com um sargento e uma madeirinha com uma cava. Ele chamou os dez alunos para cortarem tiras fininhas, de dez cm, e todos conseguiram! A gente aplaudia, festejava! Depois soube que ele era pedreiro e hoje tem dois cursos superiores por EAD: é pedagogo e fez também gestão ambiental. Ele já está dando aula no EJA. Me falou que o Caio Santamore mudou a vida dele:

- “Parei de beber e fazer outras coisas, comecei a estudar e hoje dou aula, até ajudei a construir a minha paróquia”. Ele fez questão de mostrar as fotografias da igreja para mim, que ele tinha ajudado a construir no bairro dele, com vitrais e tudo. Era exatamente este orgulho, igualzinho ao que você está falando aqui, de ter podido participar daquilo. E isso acontece com a professora, com o aluno, com o técnico também! Quer dizer...

Ronconi: Claro, é vital. E com os moradores também! Você vê! Nos projetos de mutirão, são raras as pessoas que vendem a casa depois de tudo pronto. É diferente, porque ali há uma sedimentação desse esforço, desse orgulho de ser construtor da própria casa, de ser o administrador da casa, de ter sido o cara que participou do projeto, que discutiu o projeto. É muito diferente do projeto que a empreiteira fez e já estava lá, o cara só entrou porque não tinha outra alternativa... Então, tudo isso a gente podia resumir em respeito humano. É assim, porque tem que ter respeito nas relações profissionais, nas relações sociais.

Cláudia: Entra aí a horizontalidade, que o Paulo Freire tanto fala.

Ronconi: Era nisto que eu ia chegar. Ele usa tanto as palavras *amorosidade* e *respeito*, são as duas expressões que estão em toda a obra dele. Impossível trabalhar arquitetura sem olhar o trabalho da construção com respeito. Eu acho... com esta história do canteiro experimental, eu virei o cara do canteiro! Mas eu digo, o tempo inteiro, que sou professor de arquitetura!

Cláudia: [riso]

Ronconi: Eu trabalho no departamento de tecnologia, mas isso é um acaso. Em São Carlos, eu estava no departamento de projetos, em Taubaté, trabalhei no de urbanismo. Quer dizer, sou professor de arquitetura. E arquitetura não pode prescindir de um olhar interessado na construção, comprometido com a com a construção.

A arquibancada da Escola Nacional Florestan Fernandes, ao lado do campo Sócrates Brasileiro, em Guararema.

E esse fazer... isso que tem aqui atrás, esses bancos, são protótipos de um coletivo livre, aqui da FAUUSP, para uma arquibancada da Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema. Lá só tem craques brasileiros, então não era para ter o desenho de uma arquibancada convencional. Além de ser um lugar onde as pessoas pudessem se sentar para assistir os jogos, devia servir também para fazer pequenas reuniões, por isso ela está implantada ao lado do campo Sócrates Brasileiro. Como é projeto de um coletivo livre, não foi desenvolvido em nenhuma disciplina. Os alunos se reuniram, a Karina trabalhou nisso, e eles vieram para cá. Nós discutimos o projeto nessa mesa, eles iam lá construir as coisas, e voltavam para discutir. E depois, com isso um pouco dominado, levaram a ideia lá. Podiam desenvolver mais, se a

gente tivesse mais tempo, mas tinha essa coisa da urgência...

Cláudia: [risos] Já tinha gente esperando para sentar!

Ronconi: É uma experiência que transforma a cabeça do estudante, que empodera. Quando falo dessa questão da segurança, a expressão contemporânea hoje talvez seja empoderamento. Eles falam: - “Eu sei como faz com o tijolo, sei fazer argamassa, sei como faz concreto, sei o que é argamassa armada, já fiz uma sondagem de solo, medi granulometria... Todas estas questões que vão ser tecnicamente refinadas mais tarde, ele pôde experimentar no canteiro. É como quando você transforma farinha e ovos em espaguete pela primeira vez! A sua vida muda, você não é mais escravo de nenhum fabricante de espaguete! Se você tiver farinha e ovo, você faz a sua massa! Você se liberta, sai da posição de consumidor ignorante.

Cláudia: Uma coisa é um processo que você não domina, mas se você passa a dominá-lo, vai inclusive olhar os espaguetes que estão por aí de forma mais crítica, é claro. Na verdade, já começa a enxergar de outra maneira. Poder falar:

- “Não, este aqui apesar de ser grão duro, está grudando....”

Ronconi: Isso, é isso.

Cláudia: No seu texto que eu realmente li, porque a tese eu ainda não li...

Ronconi: É tudo a mesma coisa, eu escrevo sempre a mesma coisa!

Cláudia: Neste artigo a palavra estudante aparece milhares de vezes! Sinto que existe uma preocupação humana com estas pessoas que vêm aqui, passam por uma experiência ímpar, que muda a vida delas. Eu me lembro como eu era antes

da FAU e depois da FAU. Fiquei 6 anos aqui, descobrindo coisas, pessoas, processos, descobrindo formas de pensar diferentes da minha família, fazendo viagens etc. Enfim, descobrindo a vida! Então, quando peguei o tema do EMAU, fiquei pensando: por que na FAU, que é tão marcante, não tem um escritório modelo? O que você acha? É por causa destes coletivos?

Porque os estudantes não querem professores nos seus coletivos de extensão.

Ronconi: A gente tem um coletivo aqui que chama FAU Social.

Cláudia: Que é dos alunos?

Ronconi: Os coletivos são sempre dos estudantes, e eles têm uma bandeira que, eu acho, é agitada... de uma maneira... muito radicalmente, que é contra os professores. Eles não querem saber de professor.

Cláudia: Isto é outro assunto que eu quero levar com você!

Ronconi: Então, aqui, a gente tem um coletivo que chama FAU social. Tem também alunos que tentaram organizar um escritório modelo. Nem sei se eles foram muito para frente, do ano passado para cá. Vieram conversar algumas vezes comigo, depois não voltaram mais.

Cláudia: Sabe o nome de algum aluno que eu pudesse localizar?

Ronconi: Não. mas o *FAU Social* você encontra na internet.

Cláudia: E através deles dá para chegar a esse escritório, encontrá-los?

Ronconi: É, exatamente. Você vai encontrar os outros. Veja, comecei a fazer individualmente uma ajuda num orfanato, um abrigo aqui na Lapa. Eles tinham lá um problema ... e estavam naquela situação trágica, de todos esses

abrigos, onde existem pessoas bem-intencionadas, mas não há estrutura. O caso chegou para mim porque eles tinham um quarto com 6 meninas morando, e não cabiam, estava uma coisa... E uma pessoa que eu conheço falou assim:

“- Não quer ajudar? Ver se dá pra fazer alguma coisa, aqui?” Daí eu comecei a ver, e fui visitar o Abrigo e comecei a ver... só que o problema não era só um quarto, o problema estava em tudo!

Cláudia: Vamos ter que começar tudo de novo!

Ronconi: Isto! Então trouxe esse problema para o *FAU Social*, e eles estão lá. Nem sei como estão fazendo, mas sei que eles estão lá. Vieram umas duas vezes conversar comigo, mas como eles têm essa coisa de quererem andar muito sozinhos, só aparecem quando têm um problema sobre o qual não conseguem entender nada. Acho isso positivo, mas... também... podia ser melhor, um trabalho em conjunto.

Cláudia: Não sei se você conhece o POEMA? É um documento da FeNEA, o Projeto de Orientação aos Escritórios Modelo. Se você pega a versão final no site da FeNEA, vai encontrar lá que quem escolhe os projetos nos EMAUs são os estudantes. É uma premissa. As votações são todas assim, se tiver um professor o voto dele vale um, mais vão ter 200 estudantes, ou 20, ou 8. Sempre tem mais estudantes. O professor vai ser minoria absoluta o tempo todo. É um documento muito bacana, bem escrito e tal, mas não é bem uma situação de igualdade... eles criaram uma situação até desigual, eu diria, para inverter um pouco esta estrutura que vivenciam aqui dentro da universidade, que é muito autoritária.

Ronconi: Não acho que seja desigual, acho que isso não é ruim, é importante. Eles são estudantes, estão discutindo questões... é que, às vezes, o professor deveria participar da discussão.

Cláudia: Para entrar com a sua experiência, talvez?

Ronconi: É, para compartilhar...

Cláudia: Nos EMAUS ainda têm a figura do professor, mas nesses que são chamados de coletivos, não tem mesmo, mas notei que eles agem...

Ronconi: Tem!!! Eles dizem que não tem, mas tem! Eles aparecem para pedir alguma coisa, sim!

Claudia: Só que oficialmente - não tem!

Ronconi: É, só oficialmente. Agora, por exemplo, não sei o que está acontecendo lá, eles sumiram. E daí, por uma questão de respeito ao trabalho deles, eu também não vou mais lá no orfanato, perguntar como está. Poderia ir fazer um *bypass*, mas não faço, porque se eles estão lá, eles estão fazendo.

Cláudia: Então você está dando um voto de confiança, também.

Ronconi: Tenho que dar, senão não vai. Isso faz parte do ofício de professor, se você não confiar nos alunos, a coisa não anda.

Cláudia: Deixa andar. É assim.

Ronconi: Enfim, eu acho que aqui poderia ter uma forma mais agregadora. Eu entendo um pouco a reação deles, porque não são todos os professores que estão dispostos a esse tipo de relação. Aqui, podemos contar nos dedos. Tem o Caio Santamore, a Karina Leitão, a Luciana, tem sei lá, 10 ou 12 professores que topam esse trabalho, essa relação com os alunos. Nós somos 150 professores, então são 10% no máximo, que estaria... Então, eu entendo um

pouco, também, o cuidado os estudantes: - "De repente a gente fica escravo de um professor, fazendo alguma coisa..."

Mas então, como estava te dizendo, tem este Escritório Modelo que estava se formando aqui. Eu acho que ele teve alguns momentos mais tensos entre os estudantes... e acho que o surgimento da FAU social não foi muito à toa...

Cláudia: É uma dissidência desse grupo FAU Social?

Ronconi: Não sei se é uma dissidência, mas a FAU Social não se organiza como escritório. O outro queria se organizar como escritório, ir para o mercado e ter relação com as empreiteiras, as construtoras, com os fabricantes de material, tinha uma visão....

Cláudia: ...mais de...

Ronconi: ...de mercado.

Cláudia: Então por isso que não fechou, porque no EMAU isso é rechaçado. A população que o EMAU da FeNEA atende é exclusivamente aquela que não tem acesso ao arquiteto, que não pode pagar. Isto está colocado nas premissas básicas. E então, se você é remunerado, se atende outras classes sociais, não é reconhecido pela federação.

Ronconi: Não sei como se desenvolveu...

Cláudia: Você só é EMAU FeNEA se a FeNEA achar que você é, então ela mesmo vai fazer a estruturação jurídica junto com você, para que o grupo esteja dentro daquele padrão.

Ronconi: É. Isso eu sei. Eu participei de alguns SeNEMAUS, fui falar em alguns SeNEMAUS e conheci um pouco.

Cláudia: Desculpe, eu não sabia. Não estou querendo ensinar o que é...

Ronconi: Não, não, só para eu concluir! É por isto que tenho dúvidas sobre o desenvolvimento do escritório modelo.

Não sei como está, então você podia descobrir isso, até, na hora que conversar com o pessoal da FAU Social. Eles certamente saberão o que aconteceu, porque o FAU Social é mais desta vertente. Então, acho que eles são mais EMAU do que seriam os outros, que tem o nome de escritório modelo. É isso que eu queria dizer para você.

Cláudia: Entendi...

Ronconi: Eu acho que eles têm mais esta aproximação. E têm feito bastante coisas. No site mostram algumas coisas que fizeram. E têm uma sistemática, de se reunirem anualmente, para escolherem quais projetos entram, porque os projetos têm um prazo de duração dentro do FAU Social, que pode ser prorrogado ou não, dependendo da organização deles. Eles fazem uma seleção de projetos, porque há um represamento de demanda, que precisa ter uma seleção. É bacana!

A experiência de Ronconi como estudante no LABHAB da Belas Artes

Então, para mim a escola podia ser muito mais coisas assim, do que essas caixinhas de disciplinas que a gente está obrigado a ministrar. Porque eu fiz parte do laboratório de habitação lá na Belas Artes...

Cláudia: O histórico!

Ronconi: Sim, o histórico.

Cláudia: Aquele que se baseava no Lefebvre, no livro *O canteiro e o desenho*, Li várias coisas sobre vocês! Não estou aqui por acaso...você foi muito bem indicado!

Ronconi: [riso] Estava no primeiro semestre da escola, não, acho que eu já estava indo para o segundo, não me lembro mais, porque lá era anual. E a gente começou a trabalhar na *favela*

Recanto da Alegria. Eu ficava direto lá na obra e nós tínhamos uma casa, que a gente ia construir, que tinha uma fundação que teria uma fundação direta, uma sapata corrida. Eu estava lá com os mutirantes, e nós estávamos cavando a fundação, mas no meio do desenho da projeção da sapata corrida encontramos uma fossa negra. Não dava para apoiar a fundação nela, daí não tinha a menor ideia... eu imaginava que tinha que fazer uma viga para passar aquele terreno, mas...Daí, eu peguei a motinho que usava na época, voltei para a escola – que era lá na Pinacoteca – e encontrei o professor de estruturas, que era o Yopanan.

Cláudia: Nossa! Esse está citado em todos os artigos! Ele é vivo,

Ronconi: É sim, ele é demais! Você podia conversar com ele É uma pessoa que é um prazer, vale a pena um dia,

Cláudia: Ele deu aula na FAU Santos, também, de tecnologia, e está junto com a Mel em alguns artigos...

Ronconi: Ele é um marco! Ele é uma grande influência na formação da Mel. Bom, mas aí encontrei o Yopanan e expliquei a dificuldade para ele que falou: - “Não, vai fazer uma transição dessa aqui para lá”, e me ensinou. Foi assim que eu aprendi, no primeiro ano de escola, a calcular essa transição e a viga bi apoiada, que era algo que o currículo só iria me ensinar - se eu tivesse vontade de aprender, é lógico - no terceiro ano. Claro que não houve nenhum problema de aprender no primeiro ano. Então tinha ali o questão real, o problema trazendo para o estudante, naquele momento, a necessidade de aprender. E daí as explosões acontecem, porque você está precisando aprender, precisando resolver aquele problema. Então, eu acho que a escola podia se organizar sempre em

torno de uma questão como essa. Imagina, se você tem uma urbanização de favela, naquele caso do Recanto eram 37 habitações, é um problema que cabe dentro de uma universidade! Você poderia ter alunos do primeiro ao quinto ano trabalhando todas as disciplinas naquele lugar, aquele sendo um problema para ser resolvido pela escola. Naquela ocasião, não tínhamos a premência ainda de prazos de um financiamento, porque o que tínhamos era um financiamento da prefeitura, que era muito pequeno, que daria para construir uma casinha de 5X5 metros, 25 m². Mas lá todas as casas foram maiores, porque a população tinha algum dinheiro economizado ou capacidade de endividamento. Acho que teve quatro famílias que ficaram no espaço mínimo, porque estas famílias que eram o *lumpem* do *lumpem* de lá, gente que já estava desempregada, virando alcoólatra, ou já era, daí não tinha nenhum recurso nenhum. A casa deles foi a menor, que era só com financiamento da prefeitura. A escola de Arquitetura poderia ser construída sobre problemas reais Mas então, no laboratório da FAU Belas Artes, existia uma motivação dos estudantes, da gente e dos professores que estavam lá, que era movida pelas situações. E todas as situações que a gente tem que discutir em arquitetura estavam lá. Talvez não todas, claro. Sei que havia algumas questões de teoria, de história que a gente não conseguia fazer o link imediato ali...só imediato, porque se procurasse, se tivesse esse olhar, o link seria realizado. Mas as FAUs podiam se montar assim, com alguns problemas que a gente escolhesse na escola, com diversas ordens de complexidade, e a gente ter

níveis orbitais, aqui, de disciplinas zanzando por esses problemas O estudante entrava, passava pelo problema, voltava para um nível orbital, se informava, voltava para o problema... Cláudia: Como seria isso? [Oferecendo seu caderno de notas] Vamos desenhar... [risos] Pode virar a página.

Ronconi: É, tem um desenho que eu faço... Eu quero discutir isso, porque se um dia eu resolver fazer uma livre docência, esse seria o assunto. Pega alguns problemas - não importa quantos ou quais - que você pudesse ter interesses. Poderia se pegar um problema de restauro - para discutir questões de história, um problema de circulação - para discutir urbanismo, um problema de construção, não importa. E você tivesse níveis orbitais aqui nesses problemas, [mostra no desenho que está realizando]. Então você imagina, as disciplinas do primeiro semestre do primeiro ano andando por aqui normalmente, como disciplinas que elas são. As do segundo ano, e assim você vai colocando. As da pós-graduação...andando por aqui. E daí você pega um estudante, que entra com 17 anos, e ele vem para esse problema. Ele começa a fazer algumas disciplinas e volta para esse problema, e faz outra disciplina, e vai para cá [problema], e vem para cá [disciplina]. Um estudante mais velho, que entre com maior vivência, ele faz uma disciplina aqui, faz essa, faz esta outra, e vai lá para o problema [ele risca as orbitas e o vai e vem no desenho]. Um estudante do quinto ano, ou da pós-graduação pode vir para esse problema, colaborar em uma disciplina, e assim a gente teria diversos desenhos acontecendo aqui, com os caminhos diferentes de cada estudante. Porque as

peças são diferentes. Veja, aqui na FAU...

Aqui na escola agora, por exemplo, nos últimos anos a gente está aberto para o ENEM, para a política de cotas, então a escola está mudando. As classes estão mudando. A minha tem sotaques do Brasil inteiro e está muito mais colorida do que era no passado.

Cláudia: Minha mãe faria o seguinte comentário: - "Louvado seja Deus!

Ronconi: É verdade...

Cláudia: Custou, por que quando eu fiz, sabe quantos negros tinha na FAU? Dois.

Ronconi: É assustador!

Cláudia: Um era filho de caminhoneiro com professora, o Antônio, e o outro era filho de segurança com doméstica, o Pedro, que foi meu sócio. Ele já tinha entrado primeiro na geologia e não gostou. Imagina a capacidade do cara! Vem da escola pública entra na geociências e no ano seguinte, na FAU. E os dois são formados. Em 150 alunos

Ronconi: Num país como o nosso.... Hoje, se você olhar para nossas fotos de formatura, elas estão muito mais coloridas. A gente aumentou o espectro de diversidade sobre todos os sentidos, na escola. E isso é super rico. E você pega todos esses alunos, desse espectro de diversidade, e quer que todo mundo fique na mesma caixa. Impossível, não é? Se você tivesse uma coisa assim, como estamos imaginando agora, você daria possibilidade para diversas experiências criarem o próprio caminho de formação.

Sobre o papel do canteiro experimental neste tipo de formação.

Cláudia: E qual seria o papel do canteiro experimental da FAUUSP neste desenho que você fez?

Ronconi: Acho que o canteiro se enquadra aqui! Isto aqui vira o canteiro [Mostra no desenho a área que representa o problema real escolhido. Você tem um trabalho, mas poderíamos ter um canteiro experimental aqui, aonde a pessoa vem e se prepara para entrar nesses lugares.

Cláudia: Ou desenvolve primeiro aqui no canteiro, antes de desenvolver lá, como você fez com aquela viga bi apoiada que o Yopanan te ensinou.

Ronconi: Foi o que aconteceu com estes bancos aqui: foram pensados aqui no canteiro, e depois levados para lá. Mas os meninos e as meninas, de uma forma geral, trazem essa vontade de experimentar aqui, antes de aplicar em algum lugar... mas quem traz isso é quem já passou pelo canteiro, quem não passou, não traz. Mas hoje todos os alunos passam pelo canteiro, pelo menos um ano.

Cláudia: É, isso está na lei, mas o pior é quando fica só na letra da lei e acaba não virando essa explosão que a gente quer que vire, essa emoção!

Ronconi: Mais veja, por exemplo, eu trabalho com 150 alunos do primeiro ano e um técnico, então eu ainda acho que alguém pode não se interessar pela experiência. Eu não consigo motivar igualmente a todos, porque o menino ou a menina pode chegar aqui, seu lá, a aula é na segunda-feira e no domingo brigou com o namorado ou com a namorada, e vem para cá, mas não está a fim. Está revoltado, está bravo, ou está atravessando algum problema mais sério, como uma doença na família, ou está esgotado de ter estudado para uma prova, o que se vai fazer. E com 150 estudantes, você não tem o contato, mas individual com cada um, você não sabe

como se aproximar. A minha estratégia aqui é construir uma experiência comum entre os estudantes para, a partir dela, tentar trabalhar um pouco esse interesse neles.

Cláudia: E alguns vão se interessar mais, outros menos, isso é muito natural. Queria ver se eu achava o apontador porque a nossa ponta já está indo embora. [interrupção na gravação]

Cláudia: O que me trouxe aqui foi que todo mundo me disse que eu tinha que que te conhecer e falar com você. Você foi citado por cinco pessoas diferentes como uma fonte imperdível...

Ronconi: É ilusão, as pessoas falam. Se você quiser outro lápis eu te empresto. Pode usar o meu Eu não tenho apontador.

Cláudia: Eu percebi pelas leituras que fiz até agora, que foram poucas, ainda estou no recorte, vou fazer a qualificação o ano que vem.

Ronconi: Você está fazendo aqui?

Cláudia: Não, estou na Católica de Santos, na educação.

Ronconi: Você mora lá em Santos?

Cláudia: Moro metade lá, metade aqui. Estou nesta situação, agora.

Primeiro, eu percebi que existe uma entrada histórica no meu tema pelas matérias de AUT [sequência de tecnologia]. Quer dizer, desde o LABHAB da Belas Artes, alguns professores ligados às matérias de AUT começaram a perceber este desligamento da prática com a teoria, que a práxis do profissional estava comprometida por causa desse desligamento e começaram a tentar corrigir isso, através de experiências que aconteciam, às vezes de forma ainda muito incipiente, mas foram crescendo... e vieram a viral algo que hoje a gente chama de canteiro experimental. Eu

entendi um pouco assim, resumindo o resumo da ópera. Aí entram as figuras da Mel, do Yopanan, entra o próprio Lotufo, várias pessoas que você teve como professor, que também fizeram parte da tua formação, e te fizeram o que você é hoje. Então existe essa ligação forte entre o canteiro experimental e as matérias de AUT lá atrás, ou não?

Ronconi: Eu não chamaria de AUT, assim, porque inclusive lá na Belas Artes não se usava a divisão em departamentos. Eu talvez chamasse isso de uma postura profissional, porque o Yopanan é um engenheiro, o Vitor Lotufo é um arquiteto, a Mel é arquiteta, os três com olhares convergentes sobre o processo de formação. Acho que é uma postura de compreender que a arquitetura engloba o saber e o fazer num corpo único. Acho uma deformação, o que acontece aqui na FAU, de dividir em departamentos... de história, de projeto e de tecnologia, porque essas coisas...

Cláudia: Têm que estar juntas, né...

Ronconi: É, essas coisas têm que orbitar simultaneamente no teu objeto de ação, que é o teu projeto, o teu problema! Você não pode isolar os aspectos. Claro, pode isolar para olhar analiticamente, ali onde você precisa fechar o foco, saber qual como é o vínculo de uma estrutura, ou qual a referência teórica e histórica mais importante, mas é essa coisa como um todo que vai formar a arquitetura, ou não?

Cláudia: Que é o que a gente chama de formação...não é global que eles falam, agora me fugiu a palavra!

Ronconi: Generalista?

Cláudia: É, formação generalista! Tem a ver com isso ou não?

Ronconi: Eu acho que é generalista, mas precisa tomar cuidado porque muitas vezes as pessoas falam generalista para dizer algo sem profundidade, e eu não acho que é isso! Prefiro chamá-la de complexa, ao invés de generalista. A complexidade mostra a possibilidade de você trabalhar profundamente num campo multifacetado. Isso é complexo, não é?

Cláudia: Você adota o termo **transdisciplinaridade**, ou não?

Ronconi: Algumas vezes eu falo, quando você sai de um objeto específico e vai buscar em outra disciplina. Por exemplo, quando o Lelé, projetava os hospitais, ele fazia um voo transdisciplinar, porque ele ia lá na medicina, para compreender como funcionava a medicina e trazer para sua proposta de arquitetura. O Lelé fez tanto isso que, quando ele estava doente, falava para mim: - “Eu discuto meu tratamento com o médico, se ele está fazendo certo, ou não está!”

Cláudia: [riso]

Ronconi: E eu dizia: - “mas você não é médico!”. E ele: - “Como não? Já entendo tanto quanto eles!” Mas era uma brincadeira dele, para dizer a força dessa coisa de você ir.... mergulhar naquele problema. Esse é o passaporte que a arquitetura nos dá. Você vai projetar uma cozinha e entra no mundo dos cozinheiros, até acaba achando que vira cozinheiro, ali na hora que está fazendo. Não vira, é óbvio, mas você fica tão envolvido naquele problema...

Mas então, voltando, eu não acho que seja AUT. porque AUT dá um carimbo, assim como se fosse... eu acho que isso nasce de um olhar, de uma postura um pouco mais integrada sobre o que é o projeto de arquitetura.

Cláudia: Entendi. É que sendo engenheiros ou arquitetos, eles estavam vinculados às matérias de tecnologia, e por isso eu usei o termo, mas eu já risquei e já substituí por essa outra ideia.

Ronconi: Mas então, se a gente chama sistemas estruturais uma matéria de tecnologia, por quê?

Cláudia: Aqui na FAU a gente tinha um problema muito sério, que quem dava as matérias relacionadas à tecnologia - resistência dos materiais, estruturas etc. - eram todos os engenheiros da POLI.

Ronconi: Ainda é assim.

Cláudia: E quando eu fiz, aqui era assim. Lá na FAUS aconteceu um problema... não sei se você conhece o Ricardo Granata?

Ronconi: Ricardo Granata... o nome não me é estranho, mas eu não estou localizando....

Cláudia: Eu e o Apoena... Ele você conhece?

Ronconi: O Apoena, sim.

Cláudia: Estava tendo um problema com as matérias de estrutura na FAUS. Os alunos estavam revoltados e boicotavam os engenheiros. Eles não iam na aula, tiravam zero e batiam forte, forçando a situação, se movimentando. Então o Apoena, que trabalhava com projeto e eu com urbanismo, conhecíamos o Granata por causa das interfaces que as nossas coisas têm. Ele é arquiteto de formação e ocupava na FMU a tua posição, tudo que estava relacionado com estrutura, com o canteiro e com maquetes caia nele. Nós o indicamos para a FAU Santos e ele hoje é professor de estrutura e responsável pelo laboratório de maquetes lá. Inclusive refez toda a maquetaria, criou até o projeto. Acho que isso foi importante para os alunos. Como patrono da turma

de 2018 ele fez um discurso superbacana sobre essa questão de associar a prática com a teoria e ver a estrutura como algo que a gente precisa ter conhecimento também, que não é só delegar, porque todos os bons arquitetos discutem a estrutura com os engenheiros que se abrem para o diálogo. Agora o Granata está na Escola da Cidade, sendo reconhecido, lá também, como uma pessoa muito próxima deste fazer.

Ronconi: Aqui no primeiro ano, o pessoal até brinca que eu crio um mantra com os alunos, que é *“forma é igual a estrutura”*. Procuramos trabalhar isso com eles, e agora até brinco, mesmo, falo para eles levantarem a mão e repetirem: *“forma é igual a estrutura”*. Porque não existe nada que não tenha uma estrutura que lhe dê a forma, nada! Um poema, uma música, um quadro, um desenho, uma obra de arquitetura. Então, por que achar que a estrutura está dentro de um pedaço, que é tecnologia? Não é isso, isso só permite uma deformação, que as vezes chega... aqui é raro, mas já aconteceu de chegar um aluno, no final do TFG, e falar: - “Professor, meu projeto está aqui. Eu queria saber como eu lanço a estrutura”. E aí, quando você ouve algo assim, você diz: - “A escola inteira errou com você! Você não tem culpa! A escola é a culpada, mas você não podia falar isso, essas coisas não são separadas”

Cláudia: Dá até desespero,

Ronconi: Dá desespero porque a gente olha para a própria estrutura de ensino e se pergunta: - “onde está o erro? O que aconteceu? Este é o olhar correto!

Agora nós estamos com problema aqui, por exemplo, de um professor da Poli que reprovou 60% de uma turma. A turma se rebelou e pediu revisão de prova. Ele deu, mas quem tinha tirado 3,1 foi para 3,2.

Mas como você muda um décimo? Não mudar seria melhor, mais honesto. Então, não pode ser assim. A formação não pode ser colocada nesses termos. Por isso que eu ousei falar para você: - “Revisa um pouco esta coisa, não pode ser AUT. Não é isso, é uma postura, é como você se coloca, é o começo da nossa conversa, sobre as relações humanas. Como você se coloca frente ao programa, como você olha isso.

Cláudia: “A postura diante do problema desconhecido, que irá determinar a capacidade de superação”

Ronconi: ... acho que é um pouco isso mesmo.

Cláudia: Palavras suas.

Ronconi: Então, essas pessoas que você citou... esta é a minha turma, né?! Você sabe como a gente se chama? A gente se chama de gambá!

Cláudia: [gargalhada] Por quê?

Ronconi: Porque a gente vai se reconhecendo pelo cheiro. Esse é um outro gambá, que apareceu aqui. [mostra o senhor sentado na sala, trabalhando] Por isso, porque ele veio cheirando aqui.

Cláudia: Ele tem uma cara ótima!

Ronconi: A estória do Fernando é muito interessante. Posso contar rapidinho a sua história?

Fernando: Pode!

Ronconi: O filho dele, estuda aqui, na Biologia e Fernando é uma dessas pessoas super... e falou assim: - “Meu filho está estudando na USP. Como posso retribuir isso pra USP? Ele é um engenheiro mecânico de formação, é um geômetra de paixão. Andando aqui pelo canteiro ele achou coisas que ele via na casa dele. E ao vir aqui percebeu que eu fiz parte do projeto da casa dele! Ele comprou uma casa que o Victor Lotufo, eu e o João

Marcos projetamos. Foi um pouco isso. está ajudando aqui. Foi um pouco isto, uma postura dele de querer...

Fernando: Eu senti o cheiro!

Todos: [risos]

Ronconi: Esse é o próprio gambá! Sentiu o cheiro de outro gamba e se aproximou, e está conosco há 4 anos, aqui, pesquisando no laboratório.

Fernando: Daqui a pouco vou me formar!

Ronconi: Seu filho já se formou, não é? E tem desenvolvido todo o trabalho com a gente, que é basicamente focado em como nós trabalhamos com os estudantes, como a gente constrói modelos com estudantes, como aprendemos coisas, como damos vazão para a curiosidade, e tal. Eu acho que isso é uma postura de olhar o mundo. Acho que o Fernando, o Victor, o Yopanan, olham o mundo de uma maneira muito parecida. Eu, a Mel, o João Marcos, a Karina e o Caio somos assim, Ainda bem! Está cada vez maior o número de pessoas que a gente vai reconhecendo que podem somar nessa transformação que achamos que tem que acontecer, em algum momento, vai acontecer: recuperar essa unicidade entre o saber e o fazer, entre o falar e o ouvir, entre planejar e executar, essas coisas têm que andar sempre juntas. Não podem ser dissociadas. Sempre há espaço para você olhar em módulo um problema, olhar analiticamente, e é preciso que exista esse espaço, mas no nosso ofício, temos que olhar o problema com complexidade. Quais as questões que interferem? E a partir daí temos que aprender a priorizar, nessa complexidade, quais as ações que conseguimos executar, num primeiro momento, e como a gente deixa suporte para um segundo, um terceiro, ou quarto momento poderem acontecer. Eu dou

uma disciplina na pós-graduação que chama *Pedagogia aplicada à Arquitetura e Urbanismo...*

Cláudia: Era meu próximo assunto! Eu vi e eu falei: “-vou fazer”, mas estava escrito “não aceitamos alunos especiais.”

Ronconi: É uma bobagem, isso, mas...

Cláudia: Aí já dei uma broxada, assim...

Ronconi: Mas sabe por quê? É uma disciplina que vem muita gente fazer, inclusive de outros cursos, porque ela está vinculada a bolsa da CAPES. Então, se a gente vai... hoje, quase não tenho lugar na sala de aula. Então, se abre para aluno especial, a gente às vezes não consegue atender direito. Bem. Por isto que ela não é aberta a alunos especiais. Pode ser um erro, mas enfim, a gente fez porque dávamos aula na FAU Maranhão, onde a sala era menor ainda e tínhamos alunos no corredor. Eu acho horrível isso. Não faz sentido. Não é a proposta da disciplina! Uma disciplina de pedagogia não pode assumir isso, que alguém fica de qualquer jeito.

Cláudia: Todas essas pessoas que você chamou de gambás têm uma pegada pedagógica forte, que eu percebi. Não conhecia a Mel pessoalmente, conheci agora, quando ela falou no Seminário de ATHIS no Mackenzie, antes da Heloisa do Mosaico. A fala dela é uma fala super de educadora!

Ronconi: Ela tem um trabalho muito bacana. O doutorado dela, você já leu?

Cláudia: Por enquanto só dei uma puxada no texto do doutorado, nas falas dela sobre extensão, mas ainda não li tudo. E já achei muito bacana.

Ronconi: Mas agora vou te dizer por que eu lembrei da pós-graduação. Uma aluna dessa turma falou assim: - “Não professor, mas se a gente ficar achando

tudo muito complexo, de repente a gente não faz nada!” E que falta, então. uma outra ferramenta, que é como a gente prioriza a ação dentro da complexidade. A complexidade não pode te imobilizar! Ela serve para dar mais consistência para a tua ação. Entender a complexidade ajuda você a formar uma ação mais consistente. Se você torna um problema muito simples, a tua solução também vai durar quanto tempo? Vai ser também uma solução muito inconsistente. Talvez você pode dar a sorte de fazer uma solução boa, mas é difícil. Então você pega, por exemplo, a grande discussão de hoje em dia, que é o WhatsApp. Todo mundo resolve o mundo no WhatsApp, crítica o outro, julga: – “é o Diabo!” Ou então: - “É um anjo”. Mas na verdade, que consistência tem uma discussão como esta? É muito... Eu acho que quando substituímos a expressão *generalidade* por *complexidade* nos aproximamos mais de qual deve ser o esforço pedagógico na formação do arquiteto urbanista.

Cláudia: Pensando nesses pedagogos históricos - os gambás, como você diz - eu estava tentando construir na minha cabeça como tudo isso que estou estudando - que está ‘fora do EMAU’ - poderia ter uma interface com o Escritório Modelo. Eu percebo, lá no Mackenzie por exemplo, que tem alguns professores que aceitam muito bem - talvez parte desses 10% que tem essa postura específica que você falou - que apoiam essa visão, que têm essa complexidade, que percebem que a extensão, além de ser importante para a FAU devolver para o mundo o que o mundo deu para ela - que foram todos os recursos para que ela existisse - ainda propicia toda essa forma de ver o mundo, de ver o problema arquitetônico, a

carreira, de ver o estudo de uma forma muito mais coesa e complexa, com muito mais sentido, como você coloca na sua fala e nos teus escritos. Isso tudo não existia lá no início, quando o EMAU foi criado, como eu te falei. [Interrupção na gravação]

Ronconi: Mas são duas formas de fazer a mesma coisa...

Cláudia: Entendi.

Ronconi: Mas com interesses diferentes. Só é possível ter este tempo dentro da universidade. Se eu tivesse uma família querendo morar aqui, eu não podia me dar ao luxo de trabalhar com os estudantes no ritmo do aprendizado deles. Essa é uma questão que a gente precisa pensar muito, quando a gente aproxima o problema real da formação. Precisamos ter bem delimitado quais são os campos de problemas reais que nos interessam, ou que são possíveis enfrentar sem prejuízo à formação. Há um ganho enorme em colocar o estudante frente à urgência do mundo, um ganho pessoal de formação muito grande, mas é preciso conseguir medir até onde este ganho não prejudica o resto do processo de formação, que também precisa acontecer. O médico não pode sair da faculdade só sensibilizado pela dor do outro. Tem que sair humanizado pela dor do outro, mas instrumentalizado cientificamente para poder agir contra essa dor, resolver isso. Esse passo de sair da estrutura formal de ensino para essa outra, um pouco mais ativa, um pouco mais integrada, é difícil. Precisamos mensurar essas coisas, para não perder nem de um lado, nem do outro.

Cláudia: A Mel, junto com a Heloísa do Mosaico...elas levaram um pouco essa discussão de que o tempo da realidade é um e o tempo de aprendizado da

academia é outro, e que uma das coisas mais difíceis de resolver é sempre esse encontro da urgência com a iniciação, com o começo de um aprendizado.

Ronconi: Então, aquilo que eu te contei que aconteceu comigo, na estória do Yopanan, destrói a ordenação regular que uma escola tradicional tem. Precisamos ganhar essa mobilidade: - “Ah, o aluno só vai aprender movimento de terra no terceiro ano.” Não, ele pode aprender isso no primeiro, no segundo, no quinto. Temos que conseguir ganhar essa mobilidade. Por isso, pensar de uma forma mais complexa a formação é melhor do que ficar nessa estrutura matricial, que já contaminou todo mundo há muito tempo. Mas precisamos criar ferramentas para dar a universidade um olhar mais universal sobre os problemas.

Cláudia: Entendo que esse elo que a UNIFESP está propondo – Que é um pouco atelier, um pouco escritório, um pouco canteiro, ele já está fazendo aquilo que eu sugeri ser possível, e vou tentar repetir agora, porque não gravou. Seria essa ligação entre os escritórios modelos dos alunos da FeNEA, aquilo que estamos chamando ATHIS - Assistência Técnica à Habitação de Interesse Social, os canteiros experimentais e todos os professores -estejam eles ligados ao departamento de projeto, de tecnologia, ou de história – que tenham postura de compreender a arquitetura como um saber que também é um fazer, quer dizer, que exige tanto a prática quanto a teoria. É uma práxis, no sentido total, como algo único. Não podemos dissociar, porque dissociar pode criar um aluno frágil, que quando for enfrentar a vida real da profissão, não vai ter proatividade, vai ter uma insegurança... Enfim, ele não vai ter

todos esses fatores que você estava mencionando antes.

Ronconi: Esta é a questão. Imagina como a gente mensura isso! Temos que ir tentando fazer, tentando mudar essas coisas. E saber que isso é um alento. Um *fresh* pode acontecer nas escolas, para todo mundo. Mas é um processo lento. Aqui no canteiro, já fazemos uma experiência de casamento com uma disciplina do primeiro ano de história, em um exercício. É a segunda vez que fazemos esta junção, aqui na minha disciplina do primeiro ano. Estamos discutindo arcos e história discute o Parthenon. Montamos juntos um exercício para as duas disciplinas. Os alunos fazem um trabalho e recebem duas notas. E nesse olhar das disciplinas, a gente entrou numa viagem de pesquisar o Parthenon, e acabamos descobrindo uma série de coisa que a gente sabia mais ou menos e não tinha muito interesse, remontando uma aproximação para esta questão muito interessante. E que nos prendeu a atenção de novo, como se olhássemos este assunto pela primeira vez.

Imagino que o professor também pode se alimentar desta reordenação. Porque uma coisa eu acho, que eu digo: no canteiro experimental os professores deveriam trabalhar com construções que eles não dominam. Eu nunca fiz uma laje plana aqui no canteiro, porque você já fez tantas, que é capaz de você olhar uma que o aluno esteja fazendo sem muita atenção. Aqui sempre procuramos trabalhar com coisas mais novas, ou coisas que já foram feitas, mas de jeitos diferentes, porque assim o professor fica superatento, porque também não tem experiência daquilo, não tem a ilusão de dominar aquele conhecimento... a gente

nunca domina, mas se ilude que domina. De certa forma, essa reordenação do ensino pode trazer isso para o professor, permitir que ele enxergue algo de um ponto de vista que ele nunca tinha enxergado. Na hora em que você discute um assunto que domina, que dá aula, com outro, um colega que não olha do mesmo ângulo, mas de um outro ponto de vista estruturado por anos, pode descobrir uma abordagem que nunca teria ocorrido a você, e se interessar de novo por um assunto que já estivesse lhe cansando.

Então imagino que essa rearticulação no processo de ensino pode ser um rejuvenescimento da cabeça sobre o problema que a gente trabalha. E todo mundo pode ganhar muito com isso. Claro que é uma mudança que dá medo. Vimos agora, conversando com os professores de história sobre o Parthenon, alguns que falavam: - “Mas eu não entendo da construção, eu não sou da construção, é bom vir aqui...” Os professores mais tradicionais têm um certo receio de se expor, frente ao aluno, como alguém que não sabe, que ainda está aprendendo alguma coisa. Esta é a melhor maneira de se expor, mas alguns colegas ainda não conseguem, têm medo de fazer isso. E é um pouco natural. Mas você acha que o professor de história nunca teve a curiosidade de saber mais sobre a construção de uma obra como o Parthenon? Claro que sim! Claro que ele sabe muito sobre a construção, que ele tem uma série de abordagens que talvez não sejam como o arco se transforma no processo de construção, mas estas outras visões ajudam todos a compreender melhor como se construiu esse período da humanidade, da história. Então, na hora que abrimos isso, eu acho que é um

é uma atração que pode nos fascinar novamente sobre algo que se julgava meio empoeirado, guardado. E a gente se fala - “Caramba! Nunca tinha olhado desse jeito!” Olha que maneira bacana de poder....

Cláudia: É verdade! Lá na FAUS a gente juntou a disciplina de urbanismo V, do quarto ano, com mobiliário urbano, também do quarto. Como eu estou nas duas, sou o pivô, estou fazendo a junção. Vamos ver. Tenho dois parceiros nesta empreitada. Um é o Rafael Ambrósio, que trabalhava com o Peabiru, com a Usina, conhecido na cidade de Santos como um cara que faz mobiliário urbano, principalmente parklets e também é suplente de vereador pelo PT. A outra é a Clarissa Duarte, que fez mestrado e doutorado aqui na FAUUSP em urbanismo, e manja muito mais sobre Baixada Santista do que eu. E a integração está dando super certo. Eles fazem uma prancha de mobiliário e uma prancha de proposta urbana e nós três analisamos juntos, numa avaliação única. Nesta etapa, nota de mobiliário é a mesma que a de urbanismo. Aliás, isso era uma reivindicação deles, de tentar integrar, porque eles faziam 25 trabalhinhos por semestre, como eu fazia aqui, quando fiz FAU!! Mas nós já tínhamos percebido, também, a interface e já tínhamos essa vontade de integrar, mas não sabíamos como....

Ronconi: É esta questão da complexidade do problema, na hora que você faz isso você permite que os trabalhos sejam olhados por diversas disciplinas.

Cláudia: E que os estudantes tenham mais tempo para ser desenvolvê-lo. Antes da integração, nunca chegamos à escala 1:500 no trabalho de urbanismo, e agora, estamos atingindo o detalhamento! Eles

fizeram maquetes de tudo, em escala 1: 5 e projeto executivo com direito a 3D com render. O resultado foi muito bom para todos nós, e surgiu uma enorme diversidade nos temas dos parklets. Lembro de um que era para levar os pets, outro para cortar cabelo de pessoas de rua... Em certos grupos surgiram usos mais sociais, de acordo com os bairros onde seriam instalados os equipamentos.

Ronconi: Então, está vendo? Isto são soluções mais consistentes, que só um olhar mais complexo permite. A hora que você fala de criar só parklets para barzinho, o indivíduo está lucrando, ali. Mas se você fala: - “Não, eu posso ter outras atividades de interesse mais social”, é uma solução mais consistente e um olhar mais complexo permitiu que ela aparecesse.

Cláudia: Eles também exploraram mais a legislação, foram entrevistar pessoas, e saíram um pouco daquela proposta básica, padrão, da sala de estar para ampliar o barzinho. Atualmente tenho feito um apoio gráfico a todos os alunos de TCC, em uma disciplina nova de plástica criada para este fim. E uma vez, uma menina me falou assim: - “Ah, eu removi todo mundo, e coloquei nestes predinhos”. Eu estava ali só para analisar a prancha síntese acabei falando: - “A sua prancha está visualmente ótima, mas conversa um pouco mais com o seu orientador sobre a sua proposta, porque ela está superficial para a complexidade deste assentamento. Aí ela ficou me

olhando meio séria... Nós temos procurado fazer com que mais professores olhem para o trabalho do aluno. Então, a gente faz duas pré bancas, e eu deixo para o aluno escolher que professor que ele quer que veja o seu trabalho além de mim. Então, as vezes entra o Granata, quando o estudante fala: “- Eu quero que ele fale um pouco mais sobre essa questão da construção, das soluções técnicas, porque ele é bom nisso, e é bom de projeto” Como entende de estrutura, dá sempre uns palpites legais.

Ronconi: Bacana, quatro olhares para o mesmo projeto.

Cláudia: Às vezes, os estudantes repetem a banca, às vezes querem que outra pessoa veja, mas isso garante pelo menos uma avaliação mais equânime também, porque tem professor que é mais severo, outro que é menos exigente, e tem aluno que tira nota 8 com um trabalho medíocre, enquanto outro tira 8 com o trabalho muito mais desenvolvido. Quando três olham antes, a gente ser um pouco mais justo.

Ronconi: Você toma um café, Cláudia?

Cláudia: Tomo! Queria já te agradecer pelo tempo que me dedicou Nossa!

Ronconi: Tive muito prazer em conversar! Temos várias opções, do café expresso intenso ao café com leite.

Cláudia: Olha, sou viciada em café, o que você for tomar, eu te acompanho...

13.1.2. Entrevista com Natasha Gabriel e Mariana Gauche

Participação social não é luxo, é direito!

Na manhã do dia 6 de março de 2020, Mariana Gauche¹⁴⁷, Natasha Gabriel¹⁴⁸, Bruno Matinata¹⁴⁹ e eu nos reunimos em Santos, na sede do Instituto ELOS, bairro do Boqueirão, cerca de duas quadras da FAUS. Demos início a nossa conversa procurando juntos, no Caderno do II Seminário sobre Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo,¹⁵⁰ nomes dos integrantes do escritório modelo da FAUS – o Grupo Reviver - nas equipes de trabalho do encontro.

Natasha: O Rodrigo¹⁵¹ estava?

Cláudia: Acho que o nome dele não consta, nem o do Alê.¹⁵²

Mariana: Mas o Rodrigo era o Diretor Nacional da FeNEA¹⁵³ nesta época, então ele estava lá...

Cláudia: Esta Milena era da DIEPE¹⁵⁴,?

Mariana: Não, neste momento ela foi como membro do laboratório de arquitetura da PUCCAMP. Lá ela conheceu este mundo do escritório modelo.

Cláudia: Já neste encontro do Recife?

Mariana: Olha! O Rodrigo aparece aqui, na concepção e produção de textos e no grupo de trabalho do CONEA, e na

comissão organizadora, junto com a Ana Kelly e a Fabi, porque ele era da diretoria geral da FeNEA. E o Alê e a Milena fizeram parte de uma das diretorias. O Rodrigo também já tinha sido da Diretoria do D.A. da FAUS.

Cláudia: do Michael Leaders?

Mariana: Isso. O Rodrigo fez parte da diretoria do D.A. antes da Natasha.

Natasha: O Rodrigo é mais velho. Ele entrou antes que eu. Entrei no início de 1995 e Mariana em 1996.

Mariana: O Rodrigo entrou no segundo semestre de 1993.

Natasha: Ah, é? Eu diria que foi em 1994...

Mariana: Não. O Rodrigo é do segundo semestre de 1993. Eu sei por que ele foi para aquele famoso ENEA da USP, em 1993. E o Alexandre eu acho que entrou no segundo de 1994.

Claudia: E aí vocês foram se envolvendo também nesta ordem...

Natasha: É, logo que entrou, cada um foi se envolvendo...

Cláudia: Entendi. Então vocês se conhecerem mesmo lá dentro.

Natasha: E o Alexandre entrou entre a Mariana e o Rodrigo.

Mariana: Nossa, que estranho não aparecer o nome do Alê em nenhum

¹⁴⁷ Ex-aluna da FAUS, ex-diretora do Diretório Acadêmico Michael Leaders da FAUS, membro fundador do EMAU Reviver e do Instituto Elos, onde hoje é responsável pela Diretoria Administrativa Financeira.

¹⁴⁸ Ex-aluna da FAUS, ex-diretora do Diretório Acadêmico Michael Leaders da FAUS, membro fundador do EMAU Reviver e do Instituto Elos, onde hoje é responsável pelo núcleo pedagógico e de projetos.

¹⁴⁹ Responsável pela área de comunicação do Elos.

¹⁵⁰ Cuj sigla é EMAU

¹⁵¹ Rodrigo Rubido Alonso, ex-aluno da FAUS, ex-diretor

do Diretório Acadêmico Michael Leaders - FAUS e ex-diretor regional e nacional da FeNEA. Atual responsável pela Diretoria de Relações Institucionais.

¹⁵² Apelido de Alexandre Esteves, ex-aluno da FAUS, ex-diretor da FeNEA Regional São Paulo, ex-integrante do EMAU Reviver e fundador do Instituto Elos. Atua em escritório próprio, na Vila Madalena, SP.

¹⁵³ Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo

¹⁵⁴ Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da FeNEA.

lugar, só aqui, na coordenação dos workshops!

Cláudia: O Alê comentou em entrevista que participou de todos os workshops de escritório modelo desde o primeiro, com a Natasha e com você, Mari.

Mariana: Esse caderno aqui já é do segundo encontro, que já tem este material, é estruturado. O primeiro, de Alagoas em 1997, foi bem informal. Foi quando se começou a levantar esta estória, que foi em 1997.

Natasha: Então, Rodrigo é do primeiro semestre de 1994 e Alê é do segundo semestre?

Cláudia: Mais o interessante, que inclusive o meu orientador, que é da área de história, achou muito legal, é como estas coisas todas estão conectadas, interligadas...

Natasha: Uma vai puxando a outra, desencadeando a outra.

Cláudia: Acho que eu consegui, mais ou menos, mostrar este encadeamento no texto. É claro que não como vocês veem, porque vocês vivenciaram, mas eu tento fazer esta relação na ordem cronológica, como aconteceu. Então vai ficar fácil para vocês.

Natasha: A gente vai ter que gastar miolos para lembrar de todas as datas! Já faz tempo!

Cláudia: Não! Eu tenho alguns documentos que foram localizados durante a pesquisa do IPECI, que vão ajudar. Por exemplo, um ofício assinado

pela Natasha, como membro da comissão organizadora do ENEA Santos, tão antigo que está datilografado em máquina de escrever...

Mariana: Nossa!

Cláudia: No documento da minha qualificação tem um trecho de dez páginas, da 126 a 136, tem um título: *EMAU Reviver, trajetória histórica*, que vocês vão precisar revisar para mim. Depois vem outro sobre vocês: *O legado do EMAU Reviver*, que parte de quando trabalhavam com as comunidades caiçaras, depois entra no projeto do museu¹⁵⁵ de pesca, em seguida vem o Jandi convidando vocês para o primeiro encontro sobre EMAUS, em Alagoas...

Mariana: O Jandi?

Cláudia: Sim, Jandi Caetano. O Alê relatou que foi o Jandi que convidou vocês para o encontro de Alagoas. E vocês três foram.

Natasha: Eu estou concordando. Vou acreditar porque o Alê tem uma memória que eu não tenho. Que nós três fomos para Alagoas, me lembro perfeitamente, mas quem convidou, quem deixou de convidar...

Mariana: Ah, eu acho que sei o que aconteceu. A gente foi em um outro encontro anual da comissão, um CONEA, onde tinha um grupo que estava começando a pensar em escritórios modelo. Pode ser que o Jandi estivesse neste grupo. Eu lembro que o Christian Krambeck¹⁵⁶ estava, ele até aparece aqui

¹⁵⁵ O Museu do Instituto de Pesca é um importante veículo de divulgação técnico-científica na área da pesca, da aquicultura e da biologia e ecologia aquáticas. Pertence ao *Instituto de Pesca*, órgão de pesquisa científica em recursos aquáticos renováveis, que integra a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta) da Secretaria de Agricultura e

Abastecimento do Estado de São Paulo. Acesso 24/03/2020. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262e.htm> Acesso em 10 nov. 2020.

¹⁵⁶ Estudante de Blumenau, membro do EMAU da FAU-FURB. Disponível no Caderno ano 1/ N 1 do II Seminário Nacional sobre Escritórios Modelo em Arquitetura e Urbanismo, Recife, PE, 1998

no caderno. Talvez o Jandi fizesse também, para mim foi uma surpresa.

Cláudia: O Alê menciona este CONEA, sim.

Natasha: Na verdade o ENEA e o CONEA acontecem juntos.

Cláudia: Sim, o Alê menciona que é no mesmo lugar, um em sequência do outro. Aliás, ele também fala um pouco da relação com a Universidade, a questão de que a FAUS via o EMAU de um jeito, a reitoria via de outro...

Natasha: Então... é até uma ironia do destino eles publicarem este livro... não investiram nada.

Cláudia: Eu sei. Isso já está na palestra do Rodrigo, também.

Natasha: Então, tem essa relação delicada com a FAU Santos, aliás, com a FAUS não, com a UNISANTOS. Porque foi muito difícil, foi realmente um trabalho de resistência a gente emplacar um projeto destes de extensão universitária e fazer o que a gente fez sem o apoio da universidade. Tivemos o apoio voluntário da Leila¹⁵⁷ e da Cássia¹⁵⁸, que se disponibilizaram a ir ao Museu, e do D.A. Michel Leaders. Estas eram as pessoas

que mais apoiaram e que abraçaram a causa mesmo, em relação ao Reviver.

Mariana: [abrindo uma gaveta do armário da sala onde estamos]. Esta gaveta tem cada coisa... Este é o projeto do ENEA Santos, que foi onde tudo começou.

Cláudia: Este eu já escaneei. Tinha um exemplar dele no D.A. Michael Leaders. É maravilhoso, esse projeto. Tem até algumas páginas que fazem parte do meu trabalho de qualificação: referências, citações da Lina...

Natasha: É, a Lina Bo Bardi era uma referência para a gente.

Mariana: Adoro este material

Cláudia: Quando dei de cara com esse material, nossa! A citação da Lina, o histórico todo...

Natasha: Esse histórico aqui ajuda muito para você, né? Já é um início para o período antes do ENEA Santos.

Cláudia: Sim, entrevistei o professor Fábio Serrano e o professor Augusto Campos em relação a essa questão....

Natasha: Augusto foi muito parceiro.

Mariana: Muito parceiro mesmo. O único diretor da faculdade que deu uma abertura, que cedeu.

¹⁵⁷Leila Regina Diégoli foi presidente do Conselho Municipal de Proteção e Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo, [2001/2003] e professora contratada da Universidade Católica de Santos [1990 a 2019]. ministrou na FAUS aulas nas disciplinas Projeto de Restauro Arquitetônico I e II, foi chefe do Departamento de Teoria da Arquitetura de 1988 a 2002, coordenadora do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos entre 2006 a 2009 e do Curso entre os anos de 2010 e 2013, além de docente integrante do Conselho de Ensino e Pesquisa entre os anos de 2010 a 2013 e coordenadora, em parceria com a Prof.ª Dr.ª Cássia Magaldi, do curso de especialização em Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico desde 1997.

¹⁵⁸ Cássia Regina Carvalho de Magaldi foi corresponsável pela gestão do Curso de Especialização em Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico, no nível Lato Sensu (janeiro 2001-junho 2019) e líder do grupo de pesquisa Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico da Universidade Católica de Santos. Professora responsável por diversas disciplinas sobre patrimônio cultural, restauro e tecnologia da restauração. Especialista em Restauração de Monumentos e Conjuntos Monumentais pela Universidade Complutense de Madrid (1978). Coordenadora do Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico do CAU/SP. Disponível em <https://www.escavador.com/sobre/2345829/cassia-regina-carvalho-de-magaldi> Acesso em 11 nov.2020.

Foi o único investimento que a faculdade fez, dar bolsa monitoria, que era um valor baixo. Já existia essa cláusula, você podia ser aluno monitor, a gente conseguiu essa bolsa, na época, para quem estava fazendo parte do projeto do museu.

Cláudia: A bolsa era do HABITAFUS?

Natasha: O HABITA estava fechado!

Mariana: Eu não vivi isso. O HABITA era da época do Edgard, acho até que do Rodrigo, mas não existia mais. Eu não vivi com o HABITAFUS, não tive HABITA na época que eu estava na faculdade. O que eu soube é que, depois que a gente já tinha saído, a Leila e a Cássia - e não sei mais quem - puxaram essa história de volta.

Cláudia: O Zé Maria Macedo...

Mariana: Isso! Mas ele já tinha se formado, já era professor. Mas na época em que vivemos o Museu de Pesca não tinha HABITA, tanto que a gente foi até meio nostálgico, porque queríamos usar a sala que era do HABITAFUS como a sala sede do Museu. Um dia conseguimos um pedaço desta sala com Augusto, que era como se fosse a área de um banheiro. A gente trabalhava no ateliê, ou no próprio museu, e guardava as coisas do Museu lá na sala. Mas numa segunda-feira - tem até fotos históricas - a gente chegou na faculdade de manhã e estava tudo aberto, porque iam fazer o laboratório de informática. Abriram, pegaram todas as nossas coisas, puseram tudo para fora. Foi...(silêncio)

Cláudia: Traumático...

Mariana: Histórico.

Natasha: Era sempre tudo muito difícil. Tudo o que a gente queria, não era viável. Se a gente queria fazer uma viagem, uma exposição, ir a um seminário ou organizar um, nunca tinha apoio. Nem apoio oficial

técnico. O que havia mais era a disponibilidade e a boa vontade dos professores, o que não mudou muito, né? (risos)

Cláudia: Então podemos considerar a relação de vocês com o HABITAFUS só uma menção? Vocês sabiam que ele tinha existido e que ele tinha sido importante?

Mariana: Ah, sim! O Edgard participou na época do HABITAFUS, eu acho que o Rodrigo também, não sei direito, mas eu mesma só ouvi histórias.

Natasha: É, acho que veio muito esta imagem, quando surgiu a ideia de fazer a revitalização do Museu de Pesca, teve muito isso. Aliás, acho que as pessoas que você deve realmente entrevistar são a Leila e a Cássia, que acompanharam a nossa trajetória. Tem fotos da gente com elas. Foram elas que foram ao museu dar uma aula de restauro, de patrimônio histórico lá, foram elas que realmente se envolveram com este grupo de jovens, ao longo do processo de restauro.

Cláudia: Tem um capítulo da palestra do Rodrigo que tem o nome das duas.

Natasha: Acho que Cássia e Leila são as pessoas mais importantes. Nem consigo pensar que elas não sejam entrevistadas! São as maiores referências para nós.

Cláudia: Eu vou entrevistá-las! Já liguei para a Leila e ela já se ofereceu. Vamos marcar um almoço. Falou que foi uma experiência muito importante para ela e que vai ter prazer em falar sobre isso.

Natasha: Que legal! Eu acho que elas trouxeram muito essa coisa de “vamos resgatar o espírito do HABITAFUS”, de como as coisas se davam antes. Viram no projeto do museu uma oportunidade de resgatar este espírito, de realmente levar a arquitetura para o lado de fora.

Cláudia: Legal. O Alê falou que existiu uma primeira geração dos escritórios modelo - que foi a que escreveu o POEMA¹⁵⁹ - e uma segunda, que desenvolveu os EMAUS nos SeNEMAUS. Eu gostaria que vocês comentassem um pouco isso. Como percebem estas duas gerações? Vocês duas pertencem só à segunda ou também à primeira? Quem pertenceu à primeira? Vocês se lembram de alguma coisa?

Natasha: Nossa, fico espantada com a memória do Alê! E olha que eu sou boa de memória!

Cláudia: Vocês acham que existiram estas duas gerações?

Natasha: Sim. Porque quando a gente foi para o seminário, já existia alguma coisa escrita sobre o POEMA, né?

Cláudia: O Alê usou esses termos: A primeira geração dos EMAUS é aquela que escreveu o POEMA e a segunda geração é aquela que construiu os escritórios, através dos SeNEMAUS.

Mariana: Na verdade, é assim, existe este caderno em algum lugar, talvez o Alexandre tenha. eu acho que estavam o Cristian, o Jandi ...

Cláudia: Será que não era este? o Alexandre me emprestou, este e disse que era o primeiro caderno dos SeNEMAUS. (mostro um livreto com capa de papel Kraft)

Natasha: Não, não era. Este eu tenho...

Cláudia: Apesar do Alê ter me passado este livreto, realmente eu não achei nada de específico sobre o POEMA nele.

Mariana: Este aqui a gente já está!

Natasha: O Alê guarda mais coisa do que eu!

Mariana: Não guardo nada. O Rodrigo tem uma caixa histórica lá em casa. Talvez, se abrir aquelas profundezas, esteja lá.

Cláudia: Aqui (mostro novamente o livreto com capa de papel Kraft) aparece o seu nome Natasha, bem no começo...

Natasha: Ah, então eu participei (risos).

Claudia: Sério, aqui na contracapa!

Natasha: Participava da diretoria de pesquisa e extensão (DIEPE da FeNEA), mas o que eu fiz, o que eu deixei de fazer... eu já não lembro mais! Essa história do primeiro, do segundo, do terceiro SeNEMAU...

Cláudia: Esquece essa questão de primeira geração, segunda geração. Isso não é o mais importante.

Natasha: Eu não me lembro, mas agora estou puxando pela memória, porque eu sou uma pessoa de boa memória. (15:30)

Cláudia: O importante é que o Edgard participou da redação do POEMA.

Mariana: Acho que o Edgard participou do POEMA como consultor. Mas tudo isso começou aqui no ENEA Santos, em 1996. Ele nos ajudou na coordenação dos workshops do encontro, desenvolvendo as atividades junto com a gente. Fizemos como se fosse um mini GSA (Guerreiros em Armas), puxando uma atividade prática nas comunidades caiçaras aqui de Santos, onde já estávamos trabalhando. O Edgard e o Ricardo Oliveros foram nossos mentores, e o Ricardo está conosco no ELOS até hoje. Depois do encontro nacional de Santos teve o primeiro encontro para discutir EMAUS.

¹⁵⁹ Programa de Orientação aos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo, escrito por estudantes da FeNEA

Cláudia: Isto foi em Alagoas ou em Recife?

Mariana: Em Recife! E foi muito legal. A gente foi muito para ouvir. Acho que aí entra o que o Alexandre está chamando de segunda geração. E que, neste momento, a gente falou: grupo que está estudando escritórios modelos aqui está estudando muito a parte burocrática, dentro das universidades, quais eram as brechas das legislações internas, como as universidades podem apoiar com espaço, como os estudantes de arquitetura não podem atuar concorrendo com o mercado do profissional etc. Estavam discutindo junto ao CREA, esta parte mais cabeça. Então, a ideia do encontro de Maceió, Alagoas, era para discutir essas normativas. Mas aí tivemos um tempo para contar nossa história.¹⁶⁰ Tanto que teve um momento, dentro do encontro, que era para cada grupo trazer o que estava vivendo, onde trouxemos o que estávamos vivendo aqui em Santos. Mas essa primeira fase do escritório modelo era muito para discutir “legalidades”, o que pode o que não pode, o que a gente tinha que exigir da faculdade, o que não podia exigir.

Cláudia: Eu fiquei com a impressão, depois da entrevista com o Alê, que a maior contribuição que vocês deram foi nessa questão da metodologia.

Mariana: A experiência prática!

Natasha: A experiência prática que gerou também uma metodologia! E que foi muito inspiradora para todos os outros escritórios modelos. É um pouco isso que o Alexandre fala. A gente chegou lá em Alagoas em 1996 começando o projeto do

Museu, em um processo bem adiantado... assim, andando muito rápido, mas ainda achando que estávamos começando agora: “a gente vai lá para aprender como é que as pessoas estão fazendo”. E quando chegamos lá, as pessoas ainda estavam muito no mundo das ideais, não tinham um projeto claro, nem um contexto em que gostariam de experimentar isso, nem a metodologia de como estavam trabalhando. Foi então que percebemos: “Poxa! a gente achou que ia vir aqui para aprender, mas, no final nós estamos compartilhando nossa experiência”, a gente meio que estava...

Mariana: ...um pouco mais à frente...

Natasha: Lá percebemos que estávamos um pouco mais à frente. Foi uma surpresa para nós entender que essa experiência de extensão universitária do Museu poderia, realmente, se transformar em um escritório modelo, que poderia ter outros projetos...

Mariana: (Interrompe com um documento na mão). Olha gente, olha aqui! O POEMA surgiu na DIEPE, quando o Jandi fazia parte da diretoria, com o pessoal do sul, a Tatiane. Eu até estive naquele CONEA, em Florianópolis, em 1995. foi ali que eu acho que surgiu este texto, desse grupo de trabalho.

Natasha: Em 1996 a gente fez uma revisão desse texto, nós trabalhamos nisso.

Cláudia: Isto é interessante. Em 1996 foi revisto o POEMA?

Natasha: Sim, a gente fez uma atualização, uma revisão.

Mariana: Olha. é que agora não é o melhor momento, mas quem deve ter

¹⁶⁰ Existe registro esta passagem no vídeo do SeNEMAU de Recife, com apresentação de slides e fundo musical do Beto Guedes.

tudo isso mais organizado, por que a gente ainda não estava nesse começo...

Cláudia: Você participou dessa atualização do POEMA Natasha?

Natasha: Eu fico muito insegura de dizer que eu participei, mas este histórico aqui, acho ele bem lúcido e bem apropriado, porque traz aqui: “as discussões em torno desse projeto (o POEMA), ocorridas nos encontros e conselhos de estudantes arquitetura entre os anos de 1993 e 1996 culminaram na realização do primeiro seminário nacional sobre o escritório modelo de arquitetura, em Alagoas em janeiro de 1997.”

Cláudia: Oba! isso eu posso citar.

Natasha: O histórico traz isso. Na realidade eu participo desde 1995. Comecei no Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura de 1995, e no ENEA isso já vinha sendo trazido nas plenárias. Depois participei - quando o Rodrigo assumiu a presidência da FeNEA - diretamente do grupo da diretoria de pesquisa extensão – a DIEPE. Foi aí que aprofundamos o conceito. Por isso eu queria lembrar quando o Rodrigo assumiu.

Mariana: Então, eu sei. Quando eu entrei na faculdade, em 1996, o Rodrigo era da Diretoria Regional de São Paulo (gestão 1995/1996). Depois, em 1997, ele assumiu a Diretoria Nacional da FeNEA (gestão 1997/1998), a Thais passou para ele. Ela foi diretora nacional em 1996, está aqui. (Mariana mostra o caderno do SeNEMAU)

Cláudia: É, os documentos ajudam a gente a se localizar. Vocês já ouviram falar do Ronconi e Lotufo? Sabem quem são? Têm contato?

Mariana: Sim, Tomaz Lotufo.

Cláudia: Vocês ouviram falar deles lá, naquela época?

Mariana: O Tomaz Lotuffo é nosso contemporâneo, da nossa geração, mas de quem você está falando? Lotufo pode ser o pai ou o filho.

Cláudia: Do pai, que trabalhou com canteiros experimentais onde também são feitas atividades ligadas à extensão, e do Ronconi, que hoje é responsável pelo canteiro experimental de obras da FAUUSP.

Natasha: Ah, estamos falando do filho, o Tomaz, que também participava. Ele era muito deste movimento.

Mariana: Não, mas ele não era muito dessas comitativas, ele era muito participativo e atuante ...

Natasha: nas oficinas...

Mariana: Isso, nos encontros, como oficina.

Cláudia: Tomaz tem uma tese de mestrado sobre canteiros experimentais...

Natasha: Por causa do pai dele, que é o Vitor Lotufo.

Cláudia: Isso. Vítor é o pai. Quem fez o mestrado foi o filho, inclusive porque o pai tinha contribuído com isso, e ele fala algumas coisas do pai. Então vocês não tiveram contato com o pai, mas sim com o filho, nos encontros da FeNEA.

Natasha: É, a gente tem uma relação de amizade com o Tomaz até hoje. Inclusive já fizemos projetos juntos. Ele foi para a Guiné-Bissau comigo. Ele é bem próximo da gente, o Lotufo.

Cláudia: Cito ele direto no meu trabalho, acho o trabalho dele muito bacana.

Natasha: Se você quiser o contato dele, eu até posso te dar, porque ele é muito próximo da gente.

Cláudia: O Ronconi eu já o entrevistei. Ele fez FAU Santos! Se transferiu da Belas Artes (FEBASP) para a FAUS naquele momento de crise política da ditadura militar, em que fecharam a escola. Ele tem textos muito interessantes sobre o papel da prática na formação do arquiteto. Mas agora, gostaria que vocês falassem um pouco sobre quem foi Rafael Antunes Vaz.

Mariana/ Natasha: Ele era do grupo também.

Natasha: Ele é do grupo que iniciou o projeto do Museu de Pesca, é da mesma sala da FAUS que a Mariana.

Mariana: É, ele estava junto comigo. Acho que o Rafael também era da minha chapa do diretório acadêmico, não era?

Natasha: Era, era da sua chapa, acho que junto comigo. Ele ficou no museu não o tempo todo, mas quase. Acho que ele ficou até 1998/99. **Mariana:** Acho que ele saiu antes, em 1997.

Natasha: Não, porque me lembro que ele estava naquele momento da inauguração e acompanhou bastante o projeto.

Cláudia: Ele ainda está em contato com vocês? Chegou a participar do ELOS?

Natasha/Mariana: Não, ele não participou.

Cláudia: A Fabiana Barbosa, vocês já falaram no começo, né? Foi ela que, depois do primeiro workshop, virou diretora da DIEPE e teve muito contato com o Alê. Vocês ainda têm contato com ela, hoje?

Mariana: Não, a Fabi mudou totalmente de área. Hoje ela é professora de yoga.

Natasha: Foi com ela que a gente fez o primeiro mutirão de praça da nossa história!

Mariana: Foi em um ENEA, né?

Natasha: Aconteceu dentro do Encontro Regional de Estudantes Arquitetura (EREA) de Ribeirão Preto. Foi o primeiro encontro em que a gente puxou um mutirão de praça. Lembro que a gente falou: “Uau, isso aqui... com um monte de estudantes de arquitetura! Era uma praça enorme!

Mariana: Aquela foto é maravilhosa! Você tem esta foto mosaico?

Natasha: É Linda! É uma colagem!

Cláudia: Ainda não! Oba, então, aqui, tem uma imagem que eu posso incluir, para ficar mais bacana. Mas tenho uma foto legal, de uma roda de conversa de outro encontro, que o Alê me passou.

Natasha: A gente tem muita imagem, podemos olhar o que cabe.

Cláudia: O grupo que oficializou o EMAU Reviver era o mesmo que tinha organizado o ENEA Santos, com algumas modificações, não é isso?

Mariana/ Natasha: [uníssono] Não, não era o mesmo!

Mariana: Várias pessoas que saíram do ENEA Santos estavam no Reviver, mas o ENEA foi um movimento muito maior, tinham várias outras pessoas que estavam no encontro e não foram para o Reviver.

Natasha: Foi um momento, também, em que aconteceu uma troca de geração. Grande parte das pessoas do grupo que organizou o ENEA Santos se formou durante o processo, porque você leva quase dois anos para organizar um encontro destes. E no grupo tinha gente que já estava formada quando fez parte – o Edgard, o Ricardo Oliveros – gente que veio para contribuir com esta organização. E aí o Renato Leal, o Rodrigo Alonso, a Simone...

Mariana: Na época deste encontro, quem estava na diretoria do diretório acadêmico da FAUS era o Rodrigo e o Renato, que aliás participou também super ativamente do Museu de Pesca. Eles eram os dois coordenadores do ENEA. Acho que também tinham algum cargo na FeNEA, não sei ao certo. Tinha também o Edgard, que era uma espécie de mentor. Ele já morava e trabalhava no Rio de Janeiro, e eles trocavam bastante ideias. E o Ricardo Oliveros, que também era formado, fez toda a parte de comunicação. Depois, tinha toda uma multidão para organizar o encontro, muita gente apoiando na parte das oficinas, enfim...

Cláudia: Aí é COMORG¹⁶¹ inteira, né?

Natasha: Exatamente.

Cláudia: Eu achei no livreto do ENEA Santos todos os nomes da comissão, fiquem tranquilas.

Natasha: Deste grupo mais central do ENEA Santos, quem foi para o Museu, para o Grupo Reviver, foi o Rodrigo Alonso, o Renato Leal, a Lela, eu e o Edgard. Acho que foram essas as pessoas que estavam desde o começo no ENEA Santos e depois foram para o Museu.

Cláudia: Quem é a Lela?

Mariana: Maria Aurélia Gagliardi¹⁶²

Natasha: Nossa, é difícil o nome dela.

Cláudia: Ah, já cruzei com ela nos documentos.

Mariana: A Lela foi diretora do Diretório Acadêmico da FAUS, junto com a Natasha.

Natasha: Isso mesmo. Ela ficou comigo. Era da minha chapa.

Mariana: Ela também fez parte do ENEA Santos e foi para o museu. Então, eram

essas pessoas. Aí, quando eu entrei na faculdade, entram outras. Algumas da minha turma e algumas da turma da Natasha.

Cláudia: Entre elas, o Alexandre Esteves?

Mariana: Não, o Alê entrou em uma outra levada. No comecinho mesmo, ele não participou. Entrou quase um ano depois.

Natasha: E daí o Renato saiu, né?

Mariana: Não, o Renato saiu bem depois.

Natasha: Ele saiu logo depois daquele momento de apresentação do projeto. Tanto é que ele nem acompanhou as obras, não tem foto dele nas obras.

Mariana: Não, o Renato saiu bem no comecinho. Ficou só no primeiro ciclo.

Natasha: No momento que a gente apresentou o projeto, naquela primeira exposição que fizemos com o Museu aberto, tem várias fotos onde ele está. Depois tem um monte de fotos do Museu aí, que a gente pode olhar, também. (0:30:22)

Cláudia: Oba, legal. Agradeço. Confesso que vi os trabalhos de conclusão de curso de todos vocês e peguei para ler, porque tinha curiosidade de saber o que vocês estavam estudando. Estão todos lá, na biblioteca da FAUS. No TCC do Edgard, a Ana Elena Salvi estava na banca e fez elogios estratosféricos a ele. Ela afirma que Edgard tinha uma visão cosmogônica e filosófica diferente etc. Ele tirou nota dez com louvor. Percebi que todos vocês eram muito estudiosos, talvez menos o Rodrigo, não é? Me pareceu que ele era um pouco mais desencanado...

Natasha: Ele não era mais desencanado.

Cláudia: Menos teórico, vamos dizer assim?

¹⁶¹ Comissão organizadora do encontro ENEA SANTOS

¹⁶² Hoje é sócia da GAKI arquitetura e engenharia, em Cerquillo, Estado de São Paulo.

Natasha: Ele estava fazendo duas coisas ...

Mariana: Na verdade, vou fazer a defesa do Rodrigo. De fato, de todos nós ele foi o que mais se envolveu na Federação Nacional. Participou de discussões no CAU, em todos estes órgãos. Ele viajava muito, ficava em Brasília. Ele perdeu mais de um ano...

Natasha: ...um ano ele perdeu com a FeNEA e seis meses ele perdeu com o ENEA Santos. Tanto que, no final das contas, ele se formou comigo, na minha turma.

Cláudia: Ele se formou seis meses depois do que deveria, é isso?

Natasha: Não, ele se formou um ano e meio depois, no final de 1999, comigo.

Cláudia: Entendi, por causa desse envolvimento com as entidades...

Mariana: Isso. O Rodrigo foi o que mais viajou para fora de Santos por causa do movimento estudantil. Teve um período que ele até se afastou mais do Museu. Quando assumiu a diretoria nacional da FeNEA, tinha que participar de todos os encontros e de todos os conselhos nacionais. E, por estar na diretoria, também se envolveu bastante com o movimento estudantil latino-americano. Participava dos COLEAS¹⁶³, dos ELEAS¹⁶⁴. Se você observar o calendário anual, tem um encontro regional para cada região - são cinco regiões - e mais um encontro nacional. Fora isso, tem o latino-americano. São, portanto, sete encontros por ano, e cada um deles tem, pelo menos, três encontros de preparação. Enquanto diretor nacional, ele tinha que participar, pelo menos, destes dez.

Cláudia: Nossa! Jesus! Veja, para quem está olhando de fora, a impressão que dá - que foi um pouco confirmada pelo Esteves, mas não completamente - é que cada um de vocês exercia diferentes lideranças. O Edgard era uma liderança de um tipo, e o Rodrigo, de outro. A Natasha de outro tipo, e você Mariana, de outro ainda.

Mariana: Você está falando da época da FeNEA ou na época do Museu?

Cláudia: Não, estou pensando na FAUS...

Mariana: Ah, sim. São pessoas completamente diferentes. De perfis bem diferentes.

Cláudia: Me falem um pouco dessas diferenças. Acredito que vocês só atingiram este resultado positivo que tiveram por que conseguiram compor um grupo heterogêneo, que ao mesmo tempo se afinou muito, onde cada um tinha uma qualidade diferente. Se todos tivessem as mesmas qualidades, o mesmo perfil, não teria virado tudo o que virou. Penso que o respeito pela diferença é que fez virar, e isso é muito bacana. Eu entendi assim. Então, aos poucos eu me dei conta que o Edgard tinha essa postura mais geral, mais filosófica. O Rodrigo, um perfil mais político e vocês traziam uma coisa mais executiva: "Vamos fazer! Se é para fazer, vamos fazer e pronto! Mas gostaria de saber como vocês enxergam essa questão.

Mariana: Faz sentido essa sua avaliação, acho que faz. Não sei te explicar assim, tão de bate pronto, mas acho que a gente teve durante toda a formação outras pessoas que também participaram, desde o começo do museu. Nós fomos os que ficamos, desde o começo até hoje, mas

¹⁶³ Conselho Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo

¹⁶⁴ Encontros Latino-americanos de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo

essas outras pessoas, que participaram por um tempo, foram influência para esse equilíbrio também. Se nós formos pensar no perfil de nós cinco, no começo do ELOS, acho que faz sentido essa avaliação que você faz. Acho que o Edgard trazia - e trouxe por muito tempo - essa parte mais utópica, talvez mais...

Natasha: ...uma visão de mundo...

Mariana: É, de se lançar mais para um desafio. Acho que ele dava mais uma encorajada. O Rodrigo... (grande silêncio) ... trazia mais um aprofundamento... não sei... isso que você sintetizou, de ser mais político, dependendo do que a gente entenda por política, acho que faz sentido. Eu diria que ele traz, talvez, essa questão das relações. Ele aprofundou alguns conceitos. Acho que ele gosta disso e, até hoje, traz essa questão de aprofundar mais os conceitos. Se olhar o começo, meu e da Natasha, o Alê também era bem executivo, bem mão na massa, né?

Natasha: Na verdade, eu acho que esses papéis vão se moldando conforme os grupos. No início, logo nos primeiros meses de 1995 quando entrei na faculdade, num belo dia de sol eu estava lá, na escadaria, meio que conhecendo as pessoas quando chegam o Renato e o Rodrigo, querendo me conhecer, mais por aquela questão de eu ser “bixo”.¹⁶⁵ Daí me convidaram: “você não quer participar da comissão organizadora do ENEA Santos?” Eu estava na faculdade há dois meses, bem nova lá, mas falei: “Ah, tá bom, eu quero!” E aí eu fui para a comissão, querendo me envolver na cidade - eu sou de São Paulo – querendo conhecer pessoas, fazer coisas, e até

mesmo decidir se eu ia continuar ou não na universidade, porque sempre pensei em fazer FAUUSP. Eu tinha passado no Mackenzie, mas não queria fazer lá. Eu vim para Santos porque sabia que foram os professores da USP que desenharam todo o projeto pedagógico de Santos. Foi isso que me levou a vir, e com este processo de entrar na comissão organizadora, eu super me envolvi. Acho que tenho esse perfil bem responsável, nesse sentido de fazer as coisas, de me comprometer, de organizar. Eu assumi toda a parte das oficinas do Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura. E todo mundo falou: “Ah, que legal, essa pessoa que acabou de entrar na faculdade, com esse nível de organização, de sistematização, com esta articulação do poder de visão do todo. Organizei todas as oficinas e garanti o público, porque as oficinas eram de manhã e mesmo depois de festas, que iam até a madrugada, eu tinha que garantir esse público. Foram as oficinas que mais deram certo na história de todos os ENEAS, pelo menos era isso que eles contavam. Foi um sucesso. As oficinas eram muito legais e bem variadas. Oferecemos desenho em aquarela, história em quadrinhos, cartum, produção de bonecos de espuma com o Jandi, construção de forno com o Tomaz Lotufo. Inclusive foi aí, nesta oficina de construção do forno, que conheci o Tomaz.

Mariana: Não, dessa vez o Tomaz não está. Ele é da minha turma!

Natasha: Não Mari, eu acho que ele é da minha, mas enfim... E aí, dentro deste universo todo, foi muito bacana

¹⁶⁵ Caloura da FAUS. Grafado com X nos documentos da época.

presenciar essa diversidade. Acho que foi me impulsionando, pelo menos falando da minha história. Nossa, que legal, quase mil estudantes de arquitetura vivenciando a cidade, indo para a rua. Neste ENEA nós levamos as pranchetas para a rua... acho que foi inovador.

Cláudia: ... e atravessaram o canal do estuário de madrugada levando as pranchetas da FAUS para a Ilha Diana! Alguém já me contou...

Natasha: É, a gente fez de tudo. Levamos os estudantes nos cortiços, na bacia do mercado, no Dique da Vila Gilda para ver as palafitas. Fomos para o Museu de Pesca em ruínas, e até fizemos uma instalação cultural com o Ricardo Velasco¹⁶⁶ e com um pessoal bem interessante. Foi nesta oficina do ENEA Santos que conheci, realmente, o museu! Foi neste momento do workshop, da oficina, a primeira vez que eu me deparei com o museu. E me chamou muita atenção aquela estrutura toda, aquela fachada, o esqueleto da baleia. Quando acabou o ENEA Santos, em julho (ou agosto?) de 1995, rolou de repente toda aquela energia de pensar que a gente levou a faculdade e todas aquelas pessoas - praticamente mil estudantes - para a rua, para vivenciar o que é arquitetura do lado de fora. E no segundo semestre esse grupo pós ENEA Santos começou a pensar: “E agora? O que a vamos fazer para dar continuidade a esta experiência?” E, também em 1995, quando estava no fim do primeiro ano, aconteceu uma mudança de gestão e eu me envolvi mais diretamente com o Diretório Acadêmico da FAUS. Passamos

todo o segundo semestre procurando lugares onde poderíamos atuar para experimentar montar um grupo de extensão universitária. Visitamos e mapeamos lugares estratégicos, que tinham sido trabalhados durante o ENEA Santos: voltamos ao centro, à bacia do mercado, ao Dique da Vila Gilda... Foi revisitando esses lugares que encontramos o Museu de Pesca. Tínhamos interesse em saber como estava a situação lá e fomos conhecer os diretores – Antônio Carlos Simões e Roberto da Graça Lopes. E, nesta conversa, eles se mostraram abertos a estabelecer uma parceria com os estudantes, com a universidade. Roberto nos contou de um movimento em prol do museu que o Rotary Clube estava promovendo – *Dois reais é pouco, quero meu museu de pesca vivo* e, nós nos envolvemos, neste primeiro momento, nesta campanha, fazendo pedágio e vendendo selos no semáforo. Foi muito positivo, este primeiro movimento de apoio ao patrimônio histórico e, a partir disso, estabelecemos uma relação com o diretor do museu, e ele nos pediu para pensar um projeto bem simples para o museu. Ele não tinha grandes pretensões nem expectativas e, do nosso lado, também queríamos pensar em projetos para aquele espaço. E foi aí que surgiu o Grupo Reviver. Foi a primeira vez, bem no início de 1996, né, Mari? Em 1995 já tínhamos feito algumas coisas e, em 1996 foi que, realmente, a gente estabeleceu o grupo Reviver. Neste momento convidamos um grupo de estudantes para participar e tivemos clareza de que precisaríamos de apoio técnico, porque

¹⁶⁶ Arquiteto formado pela FAUS que atua como designer de interiores em escritório situado no Gonzaga, na cidade de Santos, SP.

estávamos, na maioria, no segundo e no primeiro ano da faculdade. Havia uma expectativa de ter um apoio maior da universidade, e começamos a empreender. Convidamos o Junior¹⁶⁷ para nos acompanhar, porque ele já estava formado.

Mariana: A gente tinha também uma preocupação grande de não ficar como estagiário de um professor. Queríamos ser protagonistas desta história! Então surgiu a ideia de convidar alguém de fora da faculdade. Sabíamos da história de trabalhos com grupos que o Edgard tinha desenvolvido, porque tinha também esta preocupação...

Natasha: ...de confiança, por causa daquela relação do ENEA.

Mariana: Nós não queríamos ser estagiários, queríamos experimentar uma nova forma de arquitetura, que era o que estava impulsionando este questionamento que já vinha pulsando dentro da FAUS desde as greves, muito antes de eu estar na faculdade. Poder ter espaço para experimentar uma aprendizagem de arquitetura diferente. Era isto que estava nos impulsionando desde antes mesmo do ENEA Santos. Como poderíamos discutir arquitetura, discutir a cidade. Quem vai usar estes prédios? Como podemos ouvir deles mesmos como se discute isso? Tirar deles mesmos as respostas de como poderia ser esta discussão, para a gente sair dessa coisa que vem de fora, uma arquitetura pronta. Os professores tinham a tendência de conduzir os processos dentro da universidade assim, e nós

queríamos poder viver arquitetura de outra forma, de discutir mesmo. Então tivemos este cuidado de trazer alguém de fora – o Edgard - que pudesse respeitar este processo. E nesta época ele estava morando no Rio, trabalhando no Tibá, e estava para ir para a Alemanha, inclusive. Convidamos para que ele viesse, pelo menos, passar um tempo aqui em Santos para dar um apoio, mas no fim ele...

Cláudia: ...mergulhou no projeto.

Mariana: É, foi isso.

Cláudia: Ele conta exatamente isso em um depoimento que deu para o Museu da Pessoa, que encontrei na internet e escutei. É muito bonita esta decisão dele.

Natasha: Eu acho isso que a Mariana traz muito legal. Todo este movimento se deu no Museu, mas poderia ter acontecido em qualquer outro lugar da cidade, no sentido de que aquilo que realmente queríamos era experimentar e aprender arquitetura de outra forma, para além das quatro paredes da faculdade. Isso ficou muito pulsante desde o ENEA Santos, aquela vontade de levar as pranchetas para a rua, de experimentar a vida real, projetar para pessoas reais e não só para aquelas que estão no padrão do Neufert¹⁶⁸, homem padrão com 1,80m de altura, magro, mulher de 1,60m. Queríamos ir além, vivenciar a realidade na sua plenitude e na sua diversidade, que não é só quem mora na praia, mas quem mora nas palafitas, nas vilas de pescadores, enfim, todas estas possibilidades. E o Museu de Pesca de Santos foi a porta de entrada para isso, a oportunidade. A janela que se abriu e nós

¹⁶⁷Edgard Gouveia Júnior, arquiteto urbanista formado pela FAUS, liderou o EMAU Reviver no projeto coletivo de revitalização do Museu de Pesca entre outros e foi sócio fundador do Instituto Elos. Fez mestrado em jogos interativos

na Universidade São Judas UNIMONTE e concebeu o Oasis.

¹⁶⁸ Natasha se refere ao livro *A Arte de projetar em Arquitetura*, de Ernst Neufert.

aproveitamos. Se você conversar com o Roberto da Graça Lopes e o Antônio Carlos Simões, que eram do Instituto de Pesca, vai adorar a conversa. Eles vão te trazer muitas informações. Foram pessoas que nos deram a oportunidade de experimentar, que acreditaram na juventude e compraram a ideia. No começo, com um certo receio, pediram só um projetinho básico, mas depois viram que a ideia cresceu. Nós fizemos um projeto mínimo, um médio e um ousado, e no dia que estávamos apresentando para os dois diretores, chegou o responsável técnico do Condephaat.

Mariana: Como ele se chamava mesmo?

Natasha: E depois nós o acompanhamos muito tempo. Quando fizemos a apresentação, ele estava lá, presente, e viu os três projetos. Ficou realmente surpreso. Adorou. Foi uma coincidência do universo! Os diretores tinham muito medo de que o Condephaat não concordasse com as propostas feitas, mas as professoras de restauro da FAUS - Cássia Magaldi e a Leila Diégoli - acompanharam este processo, dando suporte na parte mais técnica, de patrimônio. Quando os diretores do Museu perceberam que o responsável do Condephaat topou, foi uma surpresa e um encorajamento para eles, no sentido de bancarem apresentar o projeto para o Diretor do Instituto de Pesca, que era o responsável mor e ficava em São Paulo. A partir deste ponto, a coisa foi crescendo: o estudo preliminar teve a aprovação do Condephaat, passou pelo diretor do Instituto de Pesca e, próximo ao período de eleição, o então Governador Mário

Covas aprovou uma verba para a reforma do Museu, e passamos a detalhar o projeto. No começo, era uma 'reforminha' muito básica, mas tínhamos desde o início a ideia de engajar a sociedade santista neste processo de revitalização, por isso a construção do projeto foi muito participativa. Chamamos nosso grupo de Reviver para trazer vida para este patrimônio, resgatá-lo a partir das histórias e memórias das pessoas. Nesse processo, organizamos oficinas com as crianças das escolas, uma colônia de férias com apoio do Rotary, e fizemos todo um processo de pesquisa, junto às comunidades tradicionais aqui do entorno, para resgatar quem eram os principais doadores do museu e qual a relação destas comunidades com ele. Fomos visitar várias comunidades próximas que tinham muito vínculo com o Museu e doavam muito acervo para ele, por serem de pescadores, como a Ilha Diana e a Praia do Góes.

Cláudia: O Góes foi tema do seu TCC.

Natasha: Isso! A Praia do Góes, especificamente, era uma comunidade que tinha muito vínculo com o Museu de Pesca, desde a Escola de Aprendizes de Pesca. Lá também funcionou uma escola, acho que de ensino médio, durante um tempo, e eles doavam muita coisa para o museu, de acervo, dos peixes, porque eles eram pescadores e tinham um vínculo com aquele patrimônio histórico, com aquele edifício. Depois fizemos encontros com moradores antigos, que gostavam do Museu e iam sempre lá, e demos início a um processo de coleta das histórias da memória do edifício¹⁶⁹ com

¹⁶⁹ O Museu de Pesca teve sua origem no antigo Gabinete de História Natural, que possuía grande coleção de espécimes marinhas do Atlântico Sul. Ocupa terreno que abrigava, no século XVIII, o

Forte Augusto, que cruzava fogo com a Fortaleza da Barra, preservada do outro lado do canal. Em 1894 o forte foi destruído e a Marinha lá inaugurou, em 1908, um prédio para instalar a

estas pessoas que quando crianças tinham ido visitar o MPS e agora levam seus netos. Foi todo um resgate do acervo do próprio museu e de imagens também, inclusive no Arquivo Memória¹⁷⁰. Fizemos, enfim, um grande resgate da história do museu. Depois, ocorreram as oficinas e as conversas com os pesquisadores do próprio Instituto de Pesca, que funciona nos blocos anexos que circundam o edifício do Museu. Fizemos um AFETO¹⁷¹ com os pesquisadores para entender um pouco o que gostariam de ver naquele museu, o que seria interessante. E como ali cada um é especialista em um animal, em um ecossistema, era muito interessante conhecer também um pouco deste mundo da biologia. E, do lado do futuro, do que é o novo, fizemos oficinas especialmente com as crianças e atividades para pessoas com deficiência, incluindo deficiências visuais e físicas. Naquela época, a preocupação com acessibilidade era muito rara. Isso era ainda muito novo. Em 1995 ninguém falava nem em rampa, quanto mais em criar um lugar acessível para a pessoa com deficiência visual poder visitar um museu, pensar como ela poderia visitar e

viajar na história de um museu. E as crianças também: como trazer o caráter lúdico para contemplá-las no museu? Estes aspectos vieram principalmente da experiência do Roberto e do Antônio Carlos, que se interessavam muito com a educação ambiental e com esta ampliação de público. E, por outro lado, o Edgard também trouxe muito esta ideia, e nós fomos integrando estes diversos aspectos, das comunidades tradicionais, da diversidade dos públicos, do patrimônio histórico, e, sobretudo o aspecto da memória, isto é, o fato do museu ser, ao mesmo tempo, um patrimônio histórico e um patrimônio afetivo. Pesquisamos qual a importância dele para quem vivenciou aquele patrimônio. Foi muito interessante fazer este projeto porque, para além do que era exatamente correto, as pessoas se lembravam das luminárias, do piso de madeira etc. No projeto houve todo um esforço para chegarmos àquela área que chamamos de “Museu Antigo”, que traz este resgate da museografia da época, com aqueles mobiliários mais pesados, as mesmas luminárias, tudo super fidedigno. Estudamos fotos da museografia do museu antes de ser fechado¹⁷² e

Escola de Aprendizes Marinheiros. Em 1931, o edifício vai abrigar a Escola de Pesca e mais tarde, o Instituto de Pesca, ligado ao Governo Estadual, que pesquisa e estuda a vida marinha. Em 1942, um esqueleto de baleia de 23m passa a ocupar três salas do Museu, onde está em exposição até hoje. Fechado em 1987 devido a um ataque de cupins, reabre em 1998 transformado em um dos melhores centros de educação ambiental do litoral, que recebe cem mil visitantes/ano. Disponível em <http://www.vivasantos.com.br/museudepesca/pag/01.htm> Acesso 29 nov.2020.

¹⁷⁰ A Fundação Arquivo e Memória de Santos é uma instituição que trabalha no gerenciamento dos arquivos públicos da Prefeitura de Santos e com a memória documental e iconográfica da

Cidade, garantindo a salvaguarda, a preservação e a disseminação desse patrimônio. Disponível em <http://www.fundasantos.org.br/page.php?203> Acesso em 24 mar.2020.

¹⁷¹ Termo que nomeia uma das etapas da metodologia de abordagem de projetos coletivos do Instituto Elos, advinda da experiência do grupo Reviver.

¹⁷² O Museu de Pesca de Santos (MPS) fica na Avenida Bartolomeu de Gusmão, 192, Ponta da Praia. Ficou interditado de 5 de fevereiro de 1987 (...) até 1998, quando reabriu após a recuperação do prédio e do acervo. Acesso em 23 mar. 2020. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262a.htm> Acesso em 24 mar.2020.

trouxemos este resgate. Aquele mobiliário original foi todo restaurado, em parceria com o SENAI. Utilizamos, também, o que sobrou do acervo. Então, fomos assim engajando diferentes agentes da sociedade santista: o SENAI entrou com o restauro do mobiliário, os pesquisadores entraram com todo o seu conhecimento na área de biologia, as comunidades tradicionais com toda a sua história, trazendo ainda alguns objetos. Inclusive, uma das doações para o museu foi uma rede de algodão feita pelos moradores da Praia do Góes. Feita como se fazia antigamente - com os chumbos de barro e a tintura do jacatirão¹⁷³ - gerou todo um processo de resgate deles, que foi muito legal. Por outro lado, também envolvemos diferentes grupos de universitários: o pessoal da arquitetura da FAUS e o da engenharia da Universidade Santa Cecília, junto com o Eng. Professor Pedro Marcão, que é professor da faculdade.

¹⁷³ Esta matéria tintorial provém da casca do jacatirão-açu, árvore que ocorre desde o nível do mar, no litoral das Regiões Sul e Sudeste até 1.450 m, em Minas Gerais. Produzia cor preta, usada para tingir as redes de pesca, quando eram feitas de algodão. Adultas, atingem até 25 m de altura e 120 cm de diâmetro. Disponível em <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/286658/1/circotec119.pdf> Acesso em 23 mar. 2020.

¹⁷⁴ “Silvio Galvão, então cenógrafo da TV Cultura, criou o cenário do programa Castelo Rá Tim Bum. Recebeu do Grupo Reviver a proposta de não colocar a mão em nada, apenas preparar um grupo com pessoas da cidade para fazer a maquete do fundo do mar do Museu de Pesca de Santos. A ideia dos estudantes era que quanto mais a população participasse, mais cuidaria, depois. Em seleção pública por aptidão, foram escolhidas sessenta pessoas, que Galvão formou e acompanhou no trabalho de execução do diorama. Ao combinar trabalho técnico apurado e caráter lúdico, o resultado superou as expectativas. Extraído da palestra de Rodrigo

Cláudia: Eu já falei com ele. É o responsável pelo escritório modelo. Achei ele muito legal.

Natasha: Ele é maravilhoso. Trouxemos também, quando fomos pensar a ala lúdica das crianças, o Silvio Galvão¹⁷⁴. Ele é um grande cenógrafo¹⁷⁵.

Claudia: Também já pesquisei muito sobre ele. Ele está vivo? Acho que vou entrevistá-lo.

Mariana: Acho que está no Pará.

Cláudia: Achei depoimentos dele na internet falando sobre o projeto do Museu, sobre o envolvimento dele....

Natasha: Ele é maravilhoso! Inclusive, tem depoimentos dele na internet dizendo que abraçou o projeto do MPS como se fosse sua Capela Sistina. É muito lindo este processo dele. Até morou, durante um tempo, em um alojamento ao lado do Museu. Formou muitas pessoas de Santos, artistas locais, artesãos, pessoal da universidade, da arquitetura, como Paulinho Ramires¹⁷⁶, o Luizão¹⁷⁷...

Alonso no MIS Santos, promovida pelos estudantes da FAUS na XXV Semana da Arquitetura.

¹⁷⁵ Um dos principais projetos do grupo Reviver consistiu na transformação de uma grande área do Museu (mais de 25% de seu espaço de exposições) em espaço de aprendizado destinado basicamente, porém não exclusivamente, às crianças. Essa área, denominada Ala Lúdica Petrobras, foi inaugurada em 29 de junho de 1998. Nesse local, as crianças se locomovem ao nível do porão do edifício, cruzando seus agora descobertos arcos, hoje integrantes do novo cenário museográfico. Nesse espaço lúdico, a criança pode perceber quanta beleza e minúcias há na complexa e organizada vida sob as águas. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262e.htm>. Acesso em 23 mar, 2020.

¹⁷⁶ Paulo Ramirez cursou a FAUS no mesmo período e participou das ações do Reviver.

¹⁷⁷ Luís Moreira participou das ações do Reviver e cursou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no mesmo período.

Abrimos uma oficina de formação no SESC, que entrou como entidade parceira, para as pessoas se inscreverem lá, no workshop de formação para a construção do diorama, que foi a forma escolhida para representar o ecossistema marinho¹⁷⁸, com participação de todos os biólogos do instituto de pesca. Escolhemos representar no diorama os quatro ecossistemas marinhos da região - o mangue, o costão rochoso, a praia e o fundo do mar¹⁷⁹ - e as relações biológicas entre os animais e o ambiente. Então cada um daqueles dados tem histórias das relações entre eles. E tudo isso foi construído com a sociedade santista, com o Silvio Galvão em oficinas. Ele criou um laboratório....

Claudia: Era dentro do Museu, este laboratório?

Natasha: Sim, era ali naqueles anexos, na parte de trás do Museu. Então todo o processo de construção durou mais de seis meses...

Mariana: Não, mais de um ano!

Natasha: Porque teve todo um tempo de pesquisa, em que eles foram até mergulhar para conhecer o Costão. Depois, na fase dos protótipos, ensaiaram todas estas relações biológicas com o acompanhamento e a aprovação dos biólogos - que diziam isto sim/isto não. O

resultado foi tão real, tão fidedigno à realidade do ecossistema, que muitos biólogos vão lá, até hoje! E usam o diorama para dar aula, por conta disso! Foi muito interessante. O projeto do Museu tinha quatro alas: a ala lúdica incluía o diorama, a sala do barco e a sala do capitão. Esta sala surgiu das lendas¹⁸⁰ que resgatamos do MPS. Fizemos toda uma pesquisa com os funcionários do Museu e encontramos a dona Giselda, cuidadora lá, que conhecia todas as lendas do capitão que, supostamente, morava no museu e era um fantasma. Reunimos todos estes aspectos, que achávamos muito ricos, e trouxemos para a museografia, também.

Cláudia: Esta era a ala lúdica. E quais eram as outras três?

Natasha: Fora a ala lúdica, tinha a sala do museu antigo, a de mamíferos – aquela dos gol e dos leões marinhos, que tem o esqueleto da baleia - e uma ala de exposições temporárias, que tinha uma grande coleção de tubarões e hoje fica no térreo. E uma sala de fotos também. Acho que as três alas são mais fixas e a de baixo muda mais.

Mariana. Toda esta história você já tem, não é?

Cláudia: Não com este nível de detalhe. Tinha um arcabouço, pelo qual eu estava

¹⁷⁸ Silvio Galvão realizou diversos trabalhos e montagens em modelos museológicos, como o Presépio Napolitano, no Museu de Arte Sacra de São Paulo; o Ecossistema Marinho com 490 modelos realistas, no Museu de Pesca de Santos; e a “A Lavagem do Ouro do Século XV”, no Museu da Moeda, da Fundação Itaú. Disponível em <http://www.silviogalvao.com.br/> Acesso em 14/12/2020.

¹⁷⁹ A ala lúdica compreende três salas: Sala da Praia: representação de quatro ecossistemas marinhos do litoral paulista (manguezal, costão rochoso, praia arenosa e fundo do mar), constituindo um cenário, que mostra a importância da preservação dos

ambientes para o equilíbrio geral; Sala do Barco: sonhos com piratas, noções de navegação, de marinharia, regime de marés e ventos etc. A pesca, o mergulho, o uso do mar e a necessidade de uma convivência harmoniosa e construtiva do homem com o ambiente aquático; quarto do Capitão: atração com base na figura lúdica de um antigo capitão, que, segundo a lenda, protege o Museu. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262e.htm> Acesso em 24 mar.2020.

¹⁸⁰ A principal cuidadora do MPS, D. Giselda e demais funcionários do museu contam que teria havido lá um capitão fantasma, que gerou muitas lendas.

tentando juntar. Mas é importante este relato detalhado. Quanto mais detalhes, mais história. É muito bacana.

Natasha: E em 2000 a gente inaugurou. Na verdade, o projeto deixou de ser só uma reforminha simples e virou uma coisa muito maior, inclusive com um aporte de verbas da PETROBRAS, através da Associação...

Mariana: Mas nem todo o projeto que fizemos foi executado.

Claudia: Teve restrições por causa de dinheiro? Ou por quê?

Natasha: Principalmente por falta de recurso, no paisagismo.

Mariana: E teve uma questão importante, que era um objetivo nosso. Foi a quebra de paradigma. Os diretores do museu achavam que não podiam sonhar, nem ousar tanto. Não tinham este potencial de sonho, queriam só uma reforminha, e nós fomos estimulando a sonhar mais. Isso foi muito importante, porque quebrou vários preconceitos, como esta sensação de não poder ir além, de não poder sonhar. O próprio governo do Estado, que tinha investido um tanto, teve que refazer uma parte da obra- o piso da sala da baleia -, o que virou uma estória famosa. Quando estávamos correndo com o projeto, o governo autorizou e executou este piso sem o vidro previsto em projeto. Pensamos que seria muito difícil fazer com que o Estado, justo ele que não queria inicialmente investir nada, refizesse o que já estava feito, tendo trabalho dobrado. Parecia impossível, mas a gente insistiu e foi indo até abrirem o piso conforme o projeto. Isso foi uma quebra de paradigma, mas este paradigma ainda é bastante profundo: a manutenção do MPS não é o que a gente sonha e o museu continua fazendo parte da Secretaria de Agricultura do Estado de

São Paulo, ou seja, não tem ninguém ligado diretamente à área de cultura na equipe. Foi pedra bem bruta que tivemos que lapidar, mas tem coisas que ainda ficaram para uma próxima leva! (risos).

Claudia: Nem tudo foi vitória?

Mariana: É, mas nos sentimos bem orgulhosos.

Cláudia: Já que vocês aprofundaram tão bem essa questão do museu de pesca, eu gostaria de aprofundar um pouco mais a relação do museu com a Universidade Aberta de Verão (UAV), ou seja, com o Guerreiros sem Armas e, depois, com a constituição do instituto ELOS. Pelo que eu entendi, a UAV, inclusive o nome, tem uma intenção de sintetizar todo esse processo de vocês, desde o diretório acadêmico da FAUS até o Elos. Ela não tem só a ver com o museu, mas com toda essa história que a gente está falando e reconstruindo.

Mariana: Acho que a relação é direta. Tem tudo a ver com a história do POEMA, dos encontros dos escritórios modelos de arquitetura. Quando, nos encontros da FeNEA, mostramos o que a gente estava fazendo aqui - que era uma experiência prática - surgiu um desejo muito grande nas pessoas de lá, que vinham desde Maceió até o Rio Grande do Sul, de levar isso para as suas universidades. Eles queriam experimentar disto e então a gente começou a receber direto bastante gente, aqui em Santos. Vinham estudantes do Brasil inteiro todos os feriados, nas férias, passar uma temporada aqui em Santos para ver de perto isso que a gente estava revolucionando. E, começou a surgir um desejo muito grande, e com ele os pedidos: "A gente quer viver isso também!". As pessoas queriam saber mais: Como vocês fizeram isso? Como

foram para a cidade? Como estão praticando?

Natasha: Nas férias, né...

Mariana: Então, começamos a receber toda esta gente que vinha para cá e, num dado momento, em 1998, um grupo que estava em São Paulo fazendo uma reunião do Conselho Latino-americano¹⁸¹ concretizou um pouco mais o pedido e trouxe a ideia da UAV. Primeiro passaram por várias ideias, inclusive a de criar uma universidade com esses conceitos, mas dessas reflexões surgiu, depois, a ideia de a gente fazer um curso, um programa em que mais gente pudesse viver parte desta experiência, viver junto conosco. E foi com este estímulo que a gente formatou toda a UAV. Foi muito importante para nós, para o ELOS, porque também nos estimulou a sistematizar essa experiência em um processo metodológico que, antes, a gente estava vivendo, mas aí fomos sistematizar. Em janeiro de 1999 fizemos o primeiro programa, a primeira Universidade Aberta de Verão. Neste curso juntamos duas coisas: essa demanda - ou esse desejo que recebemos dos estudantes - com aquelas visitas que fizemos quando fomos percorrer todas as comunidades caiçaras de norte a sul do Estado de São Paulo, que a Natasha comentou antes. Ao conhecer essas comunidades, fomos vendo que ali existia um potencial - um enorme talento - e que a maioria delas era economicamente supercomplicada. Nós sempre nos questionamos: o que seria se a gente levasse esse processo para dentro de uma área pobre? Ou para uma comunidade tradicional? Porque nosso próximo passo era estar em um lugar superluxuoso da

cidade – o Museu – em uma área nobre, mas o que aconteceria se a gente levasse isso para um outro contexto? Existia esse desejo de terminar esse ciclo do Museu e ir para uma comunidade. Então, juntamos estas duas coisas – a demanda dos estudantes e o nosso questionamento - e resolvemos já levar esses jovens da Universidade Aberta de Verão para dentro de comunidades tradicionais que a gente conhecia. E montamos o primeiro programa a partir destes dois desejos: levar todo esse processo para uma área afastada e não luxuosa da cidade e viver uma experiência de formação com estes outros estudantes, para que pudessem replicar a metodologia nos seus lugares de origem. No primeiro ano, trabalhamos na Praia do Góes, na Ilha Diana e no Dique da Vila Gilda - uma comunidade que também tinha pesca e onde já tínhamos um relacionamento anterior. Fizemos, então, uma proposta para saber se eles aceitavam participar desta experiência, e foi fundamental, porque nós começamos esta conversa com as comunidades sabendo que estávamos experimentando. Nós nos sentíamos bastante confortáveis em criar a parte dos estudantes, até porque já tínhamos bastante experiência dos encontros de arquitetura, dos workshops, e do que nós estávamos vivendo dentro no museu, mas não sabíamos, de fato, o que isto ia impactar naquelas comunidades. Todas toparam super de braços abertos e foi incrível! Quando terminou o processo, teve um mega impacto do lado dos jovens – onde já era esperado ser super bem-sucedido - mas teve também um impacto muito grande do lado das comunidades.

¹⁸¹COLEA, Conselho Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo

As três quiseram desdobrar e tiveram continuidade. E nós falamos: “poxa, a gente quer fazer isto!” Nós nos preparamos aquele ano para dar continuidade naquelas comunidades, organizar o próximo programa, que ocorreu em 2000. Também foi quando nós consolidamos o processo, porque depois de fazer a UAV em 1999 e em 2000, tínhamos estudantes formados fazendo os trabalhos, mas também seis comunidades impulsionadas querendo desdobrar. Estas comunidades já estavam demandando um acompanhamento e chegou o momento que nós precisávamos formalizar. Os cinco membros do grupo já estavam formados, fui a última. Como todos já eram arquitetos, pensamos em criar uma estrutura jurídica para fazer isso e fundamos o ELOS nesta hora, em 2000, justamente para dar base e consolidar as ações nestas comunidades. Mas, ao mesmo tempo, estávamos na fase de pós-formados, pensando também em como sobreviver. Então, montamos um escritório de arquitetura junto com o Elos e passamos a ter duas estruturas jurídicas: o escritório de arquitetura e uma ONG: o Elos. A ideia do escritório surgiu porque não sabíamos muito bem como fazer para nos viabilizar economicamente e existia uma questão bem grande aí: se hoje o terceiro setor é difícil, há 20 anos atrás era difícil ao cubo!

¹⁸² Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Santos (1986), especialização em Política Habitacional e Urbana pelo IHS - Institute for Housing and Urban Development Studies (Rotterdam, 1992) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003). Foi secretária de Desenvolvimento Urbano e Habitação da Prefeitura de Santo André. Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal do

Natasha: E era mais difícil ainda explicar a ação social, que era o que a gente fazia.

Mariana: Por um tempo acreditamos nessa estratégia: com o escritório vamos nos manter financeiramente para poder fazer o ELOS, mas não era bem assim. E foi também muito legal, porque tivemos um reconhecimento, não da faculdade, mas dos professores. Vários professores, que nos acompanharam nesta jornada toda, nos apoiaram. E aqui destaco totalmente a importância de Rosana Denaldi¹⁸², que foi a madrinha do ELOS.

Natasha: E parceira também, no final do museu

Mariana: Porque ela participou no final do Museu, mas também no começo de uma revolução da gestão de esquerda, quando Celso Daniel assumiu a prefeitura em Santo André e estava buscando uma real participação da comunidade. Aí começou a surgir esta procura de projetos que tivessem participação e a Rosana viu - nessa nossa experiência do ELOS e do Reviver - um super potencial de levar esta prática para os processos de urbanização de favela, e nos convidou para trabalhar em alguns projetos de pós-ocupação. Esta era uma visão que o Celso Daniel tinha bem forte, de que não adiantava levar as pessoas para o conceito de população urbanizada - dando esgoto, água, infraestrutura pura - sendo que elas continuavam se sentindo favela, e a cidade continuava olhando para elas

ABC, vinculada ao Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas e ao Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento e Gestão do Território. Tem experiência na área de habitação e planejamento urbano, atuando principalmente com os temas: política habitacional, urbanização de favelas, gestão urbana e ambiental, planejamento urbano e regional.

como favela. Celso Daniel foi bem revolucionário nesta questão de pensar como poderia se trabalhar a pós-ocupação. E a Rosana, enquanto secretária de Desenvolvimento Urbano e de Habitação da Prefeitura de Santo André, viu um mega potencial neste trabalho que a gente estava fazendo, e quiz levá-lo para estes processos. Esta experiência foi um divisor de águas! Fizemos vários projetos com a Prefeitura de Santo André e acabamos ganhando bastante *know-how* nessa área, por isso seguimos fazendo esses projetos de arquitetura. No final das contas, fizemos esses contratos jurídicos com a prefeitura pelo nosso escritório de arquitetura, mas tudo isso era também muito ligado ao que fazíamos no ELOS. Só que estava dentro de um projeto de urbanização do governo. Depois, quando entraram as novas políticas de participação do governo Lula¹⁸³ e isto foi ficando mais necessário, fomos vendo que escritórios de arquitetura que já desenvolviam projeto de urbanização há muito tempo tinham medo de fazer projeto participativo e não sabiam dessas

questões idealizadas que nós tínhamos desenvolvido para fazer essa parte do *tête-à-tête* da pós ocupação. Acabamos trabalhando diversas vezes para estes escritórios de arquitetura que não saiam das quatro paredes, que nos contratavam só para fazer a parte de pós ocupação. Então, ficamos muito conhecidos nesta área, e por causa destes trabalhos o projeto do Guerreiro Sem Armas ficou um tempo parado, de 2000 a 2006. A gente fez a próxima edição em ...

Natasha: 2007.

Mariana: Não sei se você quer detalhar também essa parte do Elos na sua pesquisa, mas tivemos mil dificuldades para dar continuidade em 2006 à demanda dessas comunidades que tínhamos começado a atender. Fora o desafio de conseguir nos viabilizar economicamente, nós estávamos envolvidos com projetos de reurbanização e com dificuldade de retomar a Universidade Aberta de Verão. Então, em 2005 e 2006, quando a gente foi pinçado por uma rede Americana chamada Instituto Berkana¹⁸⁴, a UAV se

¹⁸³Mariana Gauche cita aqui o projeto *Elos no Canteiro Mais Cultura, desenvolvido* no âmbito do programa firmado entre o MEC e o MinC [portaria interministerial Nº - 6 de 20/08/2015,] denominado *Mais Cultura*, que tinha como principal objetivo a descentralização da cultura pelo país. Através de um convênio, o Elos desenvolveu ações de mobilização social e iniciativas comunitárias com agentes culturais e moradores do entorno dos futuros Centros Culturais e Bibliotecas em construção. Nesta gestão do governo federal, o Instituto Elos tomou parte da criação de vários conselhos nacionais, entre eles o *Conselho de Povos e Comunidades Tradicionais*, e de outras iniciativas e programas de incentivo à participação social e à economia solidária, tais como o Programa Nacional de Alimentação Escolar com fornecimento de produtos da agricultura familiar e o Programa do

Semiárido, com a construção de cisternas, entre outras ações.

¹⁸⁴ Fundado em 1991, o *Berkana Institute* é uma fundação pública que durante três décadas de pesquisa e contribuição tem procurado entender como a vida se organiza e aplicar esses aprendizados à liderança, em comunidades e organizações. Sua comunidade global se expande e se aprofunda em paralelo ao compromisso em servir. Disponível em <https://berkana.org/who-we-are/our-history/> Acesso em 20 nov.2020.

O nome do Instituto Berkana, advindo das runas do Futhark Antigo, corresponde à letra B deste alfabeto e oráculo de origem nórdica e representa a árvore Bétula, cuja capacidade de espalhar-se rapidamente e de ser a primeira a brotar na primavera está historicamente associada ao simbolismo feminino do nascimento, crescimento e renovação. Na cultura Celta, quando um novo

consolidou um pouco mais. Não sei se você já ouviu falar sobre a Berkana?

Cláudia: Não, ainda não.

Mariana: Era um instituto americano que tinha um programa chamado *Berkana Exchange*, dedicado à busca de metodologias espalhadas pelo mundo que tivessem um grande potencial de troca. Eles se dedicavam a pesquisar essas organizações, pinçar esses processos e promover a troca entre eles. Nós começamos a participar disso em 2005 e em 2006 já estávamos bem ativos. E, através do Edgard,¹⁸⁵ entramos também pela Ashoka¹⁸⁶, e assim fomos nos conectando a redes mais amplas e...

Natasha: internacionais...

Mariana: E todas elas foram nos trazendo impulso, nos encorajando, trazendo reconhecimento para o ELOS e valorando também o que é hoje o Guerreiro sem Armas. Se, por um lado, com esta internacionalização recebemos estímulos para retomar o Guerreiro sem Armas - “você precisam fazer isso de novo! A gente quer viver isto” - por outro, a gente estava num momento muito frágil do ELOS. O Alexandre¹⁸⁷ já tinha saído, a Natasha tinha ido passar um tempo fora, estávamos eu, o Rodrigo e o Edgard, só. Foi um momento de bastante instabilidade, de decisão, de ou vai ou racha. E, apesar de parecer louco, foi

nesse momento que a gente precisou se perguntar: “o que nos conecta aqui? Qual o projeto que é o coração da gente?” E percebemos que a Universidade Aberta era o coração, o projeto que ia fazer a gente se reconectar. Estávamos em uma fase bem desconectada. Isso vai nos unir – nós três - e botar as coisas de pé de novo. E com o apoio desse Instituto Berkana - a segunda madrinha da gente, que nos encorajou e nos ajudou a mobilizar recursos - nós retomamos o guerreiro em 2007, já em escala mundial, trazendo pessoas ligadas às redes da Berkana e da Ashoka. Daí para frente o crescimento foi exponencial, porque essas redes, que hoje são a rede do Guerreiros e do ELOS, já abrangem mais de 50 países. Em 2006, este impulso foi muito significativo para que tomássemos esse rumo. De lá para cá, mantivemos a frequência de execução do programa GSA e tivemos, no começo, uma edição a cada dois anos. Mas a gente variou. Depois, fizemos a cada um ano e meio e, a partir de 2017, assumimos fazer anualmente. Hoje, existe esta visão de que o GSA é o programa que nos alimenta e onde atendemos 100% do nosso propósito. Ele tem esse equilíbrio entre a parte de educação, de formação, e o impacto nas comunidades.

projeto está sendo considerado, Berkana indica um resultado prático tangível, a ser implementado imediatamente. Disponível em <https://www.vivernatural.com.br> Acesso em 13 jun. 2021.

¹⁸⁵ Edgard Gouveia Júnior. [ver nota 21]

¹⁸⁶ A Ashoka, considerada a 5ª ONG de maior impacto social no mundo, segundo a publicação suíça NGO Advisor, foi pioneira no campo do empreendedorismo social. É uma organização sem fins lucrativos que lidera um movimento global para criar um mundo no qual todas e todos se reconheçam como agentes de transformação

positiva na sociedade. Criada em 1980 na Índia e presente desde 1986 no Brasil, atua como um importante elo de pessoas, organizações e setores, criando redes e vínculos que proporcionem o fortalecimento de uma massa crítica capaz de incidir em políticas públicas e em instituições, produzir conhecimento e dar visibilidade a soluções inovadoras e de impacto sistêmico para problemas sociais. Disponível em <https://www.ashoka.org/pt-br/country/brazil> Acesso em 06 jun. 2021.

¹⁸⁷ Alexandre Esteves. Ver nota anterior.

Natasha: Só resgatando um pouco a questão dessa construção da metodologia. Desde a criação do Guerreiro sem Armas que ele é, realmente, uma união de tudo que fomos vivenciando durante os anos anteriores, na perspectiva e no conceito de arquitetura do lado de fora. Ao propósito de ir para o território, de aprender no território e não dentro da sala de aula, se soma à perspectiva da participação social, de como eu posso incluir as pessoas no processo de projeção coletiva, de construção de um projeto de arquitetura. Esse aspecto, a gente vivenciou muito no Museu de Pesca: o processo metodológico de como eu saio do zero, de um edifício em ruínas, e consigo promover um processo participativo para desenvolver um projeto, consigo mobilizar também recursos e toda uma sociedade em torno desta causa. Para além da arquitetura, é ver como o arquiteto se transforma em um mobilizador de causas e como essas duas coisas se juntam: o projeto em si, mas para além disso, como o arquiteto vira um mobilizador social. Quando veio o momento de criar a Universidade Aberta de Verão, foi uma junção realmente destas experiências: de ter virado uma referência, do projeto do Museu ter ido em 1998 para a Bienal de Arquitetura, de apresentá-lo na Bienal Internacional de Arquitetura, em vários congressos e encontros de arquitetura. Ver que ele virou uma referência e, por outro lado, este desejo de consolidar, realmente, essa experiência metodológica de aprendizado. Inicialmente focamos muito

nos estudantes de arquitetura da América Latina que, por conta da FeNEA, eram a nossa rede. Depois, percebemos que este processo de aprendizagem podia servir a qualquer profissional que queira trabalhar com a vida real, com os desafios que temos na nossa vida, na nossa humanidade e no planeta. Então, a Universidade Aberta de Verão tornou-se também a consolidação desse processo pedagógico. Entre a primeira UAV, em 1999, e a Escola de Guerreiros, em 2007, trabalhamos fortemente com comunidades locais, que foram o nosso segundo Museu de Pesca. No Dique da Vila Gilda, construímos uma creche em sistema de mutirão e depois, um projeto cultural - o Arte no Dique - que culminou na construção deste Centro Cultural que está lá até hoje e atende muita gente. Trabalhamos muito também com as comunidades caiçaras. Na Praia do Góis, participamos da construção do atracadouro, continuamos o processo de criação e consolidação da Associação de Moradores, da organização do abastecimento de água e da destinação dos resíduos, e um jornalzinho de resgate das memórias das histórias do bairro. Na ilha Diana, continuamos um processo em torno da frente d'água, que teve início com o Guerreiros sem Armas, mas eles continuaram a arrumar toda aquela contenção, por conta da maré. Fizemos muita coisa neste período, entre 2000 e 2007, para consolidar. No final, toda esta experiência, todas estas práticas, se consolidaram em 2008 na metodologia que nós temos hoje. Em 2003 fizemos o primeiro Oásis¹⁸⁸, que foi a Praça do

¹⁸⁸ O Oasis é uma vivência intensiva de cinco dias integrais, concebida para gerar nas lideranças o desenvolvimento das habilidades necessárias para agir em ambientes complexos. Marcada pelo

aprendizado através da ação, proporciona que os participantes interajam com jovens do programa Guerreiros Sem Armas e moradores de comunidades locais e conduz os participantes a

Paquetá, que nos trouxe uma outra perspectiva de como poderíamos fazer intervenções rápidas de mobilização social, com impacto em um curto prazo.

Natasha: O Oasis surgiu nesta perspectiva do curto prazo, porque os processos anteriores - do Dique e no Paquetá - foram processos muito longos, experiências de quatro anos, de muitos empreendimentos e várias iniciativas. O jogo Oasis veio para dar vazão à ideia de como eu posso fazer uma iniciativa em curto espaço de tempo, a partir da mobilização social. Então, entre 2007 e 2008, a gente passa a ter essas duas perspectivas, a de curto prazo e a de longo prazo de mobilização social em torno do projeto. Falo isso só para completar essa parte da metodologia.

Cláudia: Então, vamos à última pergunta, mas é claro que, se quiserem fazer qualquer comentário ou acréscimo depois, fiquem à vontade. Eu gostaria que vocês duas explicassem melhor a escolha do nome *Universidade Aberta de Verão - Escola de Guerreiros sem Armas*, porque conforme foi comentado aqui, percebi que a palavra “universidade” não está aí por acaso, é uma palavra-chave dentro da concepção do programa que hoje chama só Guerreiros sem Armas, mas foi Universidade Aberta de Verão. Por quê?

Natasha: Porque eles vinham trabalhar no museu nas férias, nos feriados. Recebemos muitas visitas da América Latina...

vivenciam a Filosofia Elos, reconhecida pelo pragmatismo e poder de sensibilização de lideranças para o desenvolvimento de uma cultura de abundância e de colaboração impulsionando mudanças positivas. Esta vivência é hoje denominada Elos Novos Líderes. Anos depois, foi criado por Ricardo Oliveros o Jogo Oasis, uma ferramenta de apoio à mobilização cidadã para a realização de sonhos coletivos.

Mariana: Eu acho que o central mesmo foi o sonho. Quando teve aquele convite, lá atrás, de um encontro aqui em Santos, o primeiro passo era: “vamos formar uma universidade que seja este sonho que a gente está sonhando”.

Natasha: Que contemple a prática...

Mariana: Como a gente pode criar uma universidade onde as pessoas não sejam mais formadas tão fora da realidade quanto são hoje? Que seja um projeto de aprendizagem a partir desta proposta, de contemplar a prática? Estávamos muito envolvidos - ou viciados, sei lá - em processos universitários, porque éramos muito ativos no movimento estudantil, participando dos órgãos que legislavam sobre universidades - eu não, mas os outros. Então, a UAV surgiu dessa história: vamos criar uma universidade aberta, que seja paralela a formalidade de uma universidade. A UAV vinha desta crítica: vamos fazer uma universidade que seja do jeito que a gente acredita. Começou assim: “Vamos pedir ajuda para o pai, para a mãe, arranjar um terreno não sei onde.” O nome *Universidade* surgiu pela nossa crítica, pelo grupo que sonhava com isso, pelo questionamento. É uma ligação direta: todo este desdobramento dos encontros trazia um questionamento das universidades. Era uma resposta a isso: como se cria uma universidade com tudo que a gente acredita?

Natasha: E durante...

Composto por jogadores e comunidades, o jogo considera uma definição ampla de comunidade que envolve diversos atores, como moradores, ONGs, governo local, lideranças e empresas. Concebido para ser de uso livre e praticado de forma totalmente cooperativa, para que todos realizem, juntos, algo em comum. Disponível em <http://www.institutoelos.org/games/games/view/jogo-oasis> Acesso em 06 jun.2021.

Mariana: Depois, quando transformamos a UAV na Escola de Guerreiros sem Armas, foi porque ela começou a criar uma força muito grande no processo de transformação. Desde o começo, a UAV foi criada cruzando a metodologia que estávamos desenvolvendo no Museu com a *pedagogia indígena*. O Kaká sempre foi um inspirador para nós! Já era parceiro desde o início, no ENEA Santos¹⁸⁹.

Natasha: No ENEA Santos o Kaká estava presente e deu palestra.

Mariana: É, ele já estava conosco, desde lá atrás. Então, já tínhamos este desejo de cruzar a parte técnica, de processo, de chegada na faculdade, de projetar etc., com a parte de *desenvolvimento pessoal*.

A pedagogia indígena veio para isso, para pensar como você traz esse desenvolvimento, esses ritos de passagem, essas coisas. Kaká veio acomodando este desejo em cada etapa da metodologia¹⁹⁰, e segue conosco até hoje.

Natasha: É isso, *desenvolvimento pessoal e de comunidade*, inspirado nas comunidades tradicionais. Como que estas comunidades têm um sistema...

Mariana: ...não da comunidade inteira, mas deste grupo participante, por exemplo...

¹⁸⁹ Em vídeo localizado na internet sobre o ENEA Santos, há uma cena curta onde Kaká conduz uma dança de conexão com o ritmo da Terra com os estudantes. Sentado no primeiro banco do que poderia ser uma capela, ele marca o ritmo com um instrumento indígena, batendo os pés e cantando, e todos o acompanham. Cena localizada entre 1:15s e 1:37s; Disponível em <https://youtu.be/Onpmgfjkpuc>, Acesso em 10 out. 2020

Kaká Werá Jacupé é um escritor, ambientalista e conferencista brasileiro indígena do povo tapuia, nascido em São Paulo, para onde seus pais migraram, vindos do interior de Minas Gerais. Há 20 anos dirige o Instituto Arapoty, organização que difunde os valores da cultura indígena. Foi provavelmente através do contato com ele que o grupo de estudantes do EMAU Reviver começou a valorizar o sonho: “O sonho tem muitos níveis. E um dos níveis possíveis que o sonho pode nos levar é ao nível do não tempo – onde não tenho presente, passado e futuro. Nessa dimensão do não tempo, realmente é possível captar possibilidades de situações ou fatos que estão no campo (...) E se a pessoa ou a cultura tem realmente essa compreensão de níveis que são possíveis de atravessar, de que a consciência pode atravessar, por meio do sonho, então ela traz essa informação antes que necessariamente ela venha a acontecer. Isso também não significa dizer que é inevitável. Nós temos exemplos até mesmo bíblicos desses sonhos premonitórios, como o próprio apocalipse. O que é a narrativa do apocalipse que aconteceu há dois mil anos? João

entrou em um estado de percepção dessa dimensão, mas de uma maneira tão ampla que ele anteviu e captou algo que estava em curso, mas que, na escala do tempo do aqui-agora, levaria milênios para se manifestar. Então não é bem uma espécie de oráculo no sentido de adivinhação, mas no sentido de percepção de algo que já está no campo. Seu especial: Medicina Indígena - Kaká Werá, de 16 de agosto de 2013 conta hoje com 19.850 visualizações., Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=uK_NzCqvtiU Acesso 10 out. 2021.

Kaká no Roda Viva da TV Cultura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iwU5KNMf014>; Acesso em 09 jan. 2017

¹⁹⁰“Eu costumo fazer a Roda de Sonhos em vivências que realizo, seguindo a ideia de que quem escuta não interpreta. Só escuta. O que acontece é que, quando a pessoa narra o seu sonho, quando ela verbaliza, ela cria uma possibilidade de compreender o sonho. Quando ela narra, ela vai contando e, de repente, diz: “Ah! Estou entendendo tal coisa”, porque desentope esse canal. O problema do ser humano, da pessoa mais da cidade, é que esse canal onírico não é exercitado. Então ele não consegue compreender o sonho”. Material disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/> Acesso em 21 abr.2021.

P.S. Há uma foto no Instituto Elos que retrata uma grande roda dentro do mar, na praia de Santos, onde Kaká e os participantes do Guerreiros sem Armas parecem estar dançando.

Natasha: ...em termos de solidariedade, de participação social, de relação com o ambiente, diferente do meio urbano...

Mariana: Exato. Deixa só eu completar o pensamento. Então, isso veio desde o começo, quando chamava *Universidade Aberta de Verão: Escola de Guerreiros sem Armas*. Tinha estes dois nomes. O primeiro e o segundo encontros tinham universidade no nome, e nós os chamávamos de UAV. Depois, em 2005, nós nos envolvemos com pessoal do *Berkana Institut*, do qual participava um grupo da Índia bem atuante, que tinha um questionamento muito forte sobre as entidades de formação tradicional. O grupo reunia muitos intelectuais - pessoas bem profundas - e queria quebrar com a escolarização. Apoiava a não escolarização. Participamos muito deste debate, desta troca, e começamos a refletir que o programa não precisava estar engessado dentro da universidade, que vinha arraigada de um conceito. E até 2000 estávamos falando com um público universitário. Era principalmente voltado para a arquitetura...

Natasha: Mas depois a gente abriu ...

Mariana: Mas tinha também a presença, por exemplo, de administradores, economistas. Embora tivesse poucas vagas para outros, a gente falava para um público universitário. Mas quando conectamos essa outra rede, começamos a ver que, neste programa, ser universitário não era uma linha de corte que fazia sentido. Estávamos trabalhando com pessoas que tinham um desejo, uma prontidão para fazer transformações. Era um público que tinha muito mais a nossa

busca, pessoas que davam um sentido para isso, e esta busca não tinha nada a ver com o quesito de estarem na universidade. Começamos a ver que não fazia muito sentido esse nome "universidade" como uma grande marca. Estes questionamentos, que nós começamos com o pessoal da Índia, batiam também com a nossa forma de perceber e a partir de 2006/2007 a UAV passou a ser mundial. Não tinha mais o foco nem nos universitários, nem na arquitetura, mas nós continuamos adorando que venham arquitetos.

Natasha: Aliás, hoje é o problema contrário! A gente fica buscando os arquitetos...

Mariana: Continuamos gostando, correndo atrás dos arquitetos, mas não faz parte da premissa. O programa não foi feito para isso. Os primeiros programas tinham esta busca do desenho mais técnico, de descobrir as técnicas, mas hoje estamos muito mais nas relações. O GSA perdeu esse foco ...

Natasha: Mas ainda tem um pouco de tecnologias construtivas...

Mariana: É, mas nos primeiros GSA era mais...

Natasha: ...tinha uma pesquisa que era muito mais ligada nestas questões. A Mari já falou quase tudo, mas acho que tem duas questões que eu poderia acrescentar. Uma é essa da universidade. Enquanto estudantes de arquitetura na FAU Santos, durante todo o curso nós participamos de vários processos de rediscussão do Plano Político Pedagógico da escola, inclusive com o Paulo Bastos¹⁹¹,

Ibirapuera. Foi primeiro lugar em muitos concursos de arquitetura e teve seus projetos premiados em muitas bienais e exposições nacionais e internacionais. Foi presidente do

¹⁹¹ Formado na FAU USP em 1960, Paulo Bastos foi professor da FAU Santos e da FAU Mackenzie. No início da carreira, construiu o Clube Paineiras do Morumbi e o Comando Militar do Sudeste, no

que foi meu orientador no Trabalho de Conclusão de Curso. Ele foi um professor que abraçou muito a causa, e trazia a discussão de como dentro do espaço universitário, essa universidade¹⁹² poderia atender às demandas da vida e do nosso planeta, mas não com a gente lá, dentro da sala de aula o tempo todo. Claro que, como você bem sabe, nem todas as milhares de discussões sobre o Plano Político Pedagógico que a gente sonhava para aquela faculdade¹⁹³ - e ainda sonhamos até hoje - foram viáveis. Então, chega um momento em que você se cansa de ficar dando murro em pedra, e abrimos um espaço paralelo para a construção deste plano de ensino, deste processo de aprendizagem, que foi o Museu de Pesca. E a própria Universidade Aberta de Verão vem para responder a isto, muito mais no âmbito nacional e latino-americano, de criar esse espaço aberto de aprendizagem, onde o aluno é protagonista, ele não está ali só para receber informação, receber, receber... Ele é o protagonista também, ele faz parte! Está protagonizando o ensino dele junto com o professor, junto com quem sabe. A gente sabe, a gente ensina, a gente aprende, muito nesta visão dialógica, de construção do conhecimento.

Mariana: Cláudia, estou preocupada com o horário. Daqui a pouco eu vou ter que sair. Tem mais alguma coisa que você queira saber?

Cláudia: Não exatamente. Mas vim sem limites, vocês é que vão impor o limite de vocês.

Natasha: Eu queria trazer essa perspectiva de que quando estudantes a gente participou muito de discussões na universidade, para discutir o plano pedagógico, a revisão do plano da FAUS Santos e que...

Mariana: Ah, isso desde o começo, com a história das greves. As greves foram bem marcantes para uma geração anterior à nossa, inclusive...

Natasha: Mas a gente também fez greve!

Mariana: Não, estou pensando na geração do Ricardo Oliveros, do Edgard¹⁹⁴... acho que o Rodrigo¹⁹⁵ participou também das greves. Teve uma que foi bem forte, e depois tiveram outras, que a gente participou. Acho que tínhamos um papel de tentar trazer... nós não fomos rebeldes de fazer esse processo fora, ficamos o tempo todo tentando trazer...

Natasha: ...para dentro da FAUS

Mariana: Até tem uma das estratégias, não sei se você viu, acho que tem umas fotos...

Natasha: ...que eram os seminários na escola...

Mariana: ... a estratégia do Museu, acho que isso é bem legal. Nós começamos em um grupo de sete, mas tínhamos um combinado entre nós de que a cada seis meses faríamos um seminário interno da FAUS, no auditório, poder dividir com o máximo de pessoas o que estávamos

CONDEPHAAT em 1987, quando passou a dar mais ênfase a projetos urbanísticos e patrimoniais, atuando em urbanizações, restauros e revitalizações. Participou na Operação Urbana Consorciada Água Espreada. Faleceu em 1912, mas seu escritório continua trabalhando nos projetos em andamento e em novas solicitações.

¹⁹² A Universidade Católica de Santos

¹⁹³ A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNISANTOS, a FAUS.

¹⁹⁴ Edgard Gouveia Jr.

¹⁹⁵ Rodrigo Rubido Alonso

fazendo lá, para todos entenderem o que era o Museu e para convidar pessoas novas. Assim, pelo menos a cada seis meses fazíamos uma prestação de contas para a comunidade da FAUS, para dizer: “olha está rolando isso, tem espaço para entrar neste tema, naquele outro tema”. E sempre entrava gente. Tanto que, no total, cerca de 150 alunos passaram pelo processo, nesses quatro anos. Tudo isso porque a nossa ideia era tentar unir. Era que pudéssemos viver esse processo não como numa bolha separada da faculdade. Então decidimos ir fazendo, mostrando e convidando, porque sabíamos que, se a gente fosse convidar no primeiro dia, todo mundo ia achar uma loucura e ninguém iria. Então teve de tudo. Gente que ficou seis meses, gente que ficou três anos, não era um ciclo fechado, mas teve gente que foi mudando...

Cláudia: A própria Chris Macedo¹⁹⁶ me relatou que participou durante um tempo.

Mariana: a Chris participou do jardim, do paisagismo.

Natasha: É, muita gente se engajou neste processo de alguma forma, mas também teve gente que não quis se engajar. E está tudo bem, também. Cada um tem seus interesses, e os interesses de seus momentos de vida. Acho que sempre tem este limiar. E volta e meia ressurgia aquela discussão: “mas isso não devia ser os arquitetos fazendo? Vocês são só estudantes! É isso. Como é uma profissão viva, você só aprende praticando, como na medicina. Acho que, atualmente, essa discussão que a gente enfrentou lá atrás

já está bem ultrapassada. Hoje você vê não só os laboratórios, mas todos esses projetos de extensão como por exemplo o Clínica da Família, onde o pessoal já está clinicando no primeiro e segundo anos da faculdade de medicina, indo numa UBS¹⁹⁷. Na arquitetura é a mesma coisa. Quando se fala só em estágio de arquitetura e urbanismo, lembro sempre dos professores falando: “você não se forma em arquitetura e urbanismo em cinco anos, vai se formar realmente depois de cinco anos de prática”. Para você ganhar essa experiência, essa bagagem, precisa de cinco anos, então no total são dez para você se formar arquiteto, dependendo da área que você vai atuar. E essa residência de arquitetura e urbanismo é muito difícil realmente. No estágio, o estagiário fica só desenhando, fazendo CAD¹⁹⁸, e faz muito pouco do que precisa para se formar profissional de arquitetura e urbanismo. Então eu acho isso, nós sempre trouxemos a experiência das comunidades tradicionais, dos povos originários, muito nesta perspectiva e nessa discussão do espaço urbano. O que essas comunidades tradicionais de povos originários têm para ensinar para a nossa sociedade? Como é que essa forma de organização e de viver no planeta pode contribuir para aprendermos a nos organizar e viver na cidade? Sempre considerando que todo esse processo de migração da área rural para a urbana aconteceu agora, muito recentemente na história deste planeta. Este é um aspecto que até hoje valorizamos, porque realmente temos muito o que aprender

¹⁹⁶ Cristiane Macedo formou-se na FAU Santos na mesma turma de Mariana Gauche. Atualmente leciona na sequência de plástica da escola e coordena o LAVUCS: Laboratório de Artes Visuais da Universidade Católica de Santos.

¹⁹⁷ Unidade Básica de Saúde do SUS, Sistema Unificado de Saúde do Brasil.

¹⁹⁸ Programa de computador que a maioria dos escritórios de arquitetura utilizam para desenvolver representação técnica dos projetos.

com estas comunidades. Se hoje, quando se fala em mobilização social, em participação social, tudo isso soa muito batido, é porque já virou moda fazer a praça tal com participação social, lá em São Paulo. E se hoje é quase condição, quase o básico e super atual o arquiteto não ser só aquele que faz o projeto no seu computador, mas ser também aquele arquiteto cidadão, que vai discutir arquitetura do lado de fora, a gente fica muito contente porque...

Cláudia: Porque vocês fizeram história! Por isso estamos fazendo a história de vocês! Temos que fazer a história de vocês no sentido em que, se isso mudou, vocês contribuíram para essa mudança...

Natasha: ...para essa mudança. Exatamente

Cláudia: É importante explicar para as pessoas que é através dessas experiências que as pessoas enfrentam, que as coisas mudam.

Mariana: Claro.

Natasha: Exatamente. Esta valorização... É claro que as coisas são um conjunto de

fatores. Se você pega a Usina¹⁹⁹ e as cooperativas na época da gestão da Luiza Erundina na Prefeitura de São Paulo, com foco em habitação social, no mesmo período nós estamos aqui em Santos, fazendo espaços como o Museu e as intervenções nas comunidades locais, neste mesmo arco de participação social. Também participamos deste movimento na gestão do Celso Daniel em Santo André, quando ele implementou uma série de processos participativos, que depois foram adotados pelo governo federal na gestão do Lula. Realmente, acho que o Brasil não é mais o mesmo, porque nós implementamos aí, nesses últimos anos, uma série de processos participativos....

Cláudia: Pessoalmente, considero o trabalho participativo de pós ocupação em conjuntos habitacionais que vocês fazem incrível.

Natasha: Além dos conjuntos habitacionais, participamos da gestão do *Mais Cultura*²⁰⁰, na época do Gilberto Gil²⁰¹, com os projetos de levar a

¹⁹⁹ Fundada em junho de 1990 por profissionais de diversos campos de atuação como uma assessoria técnica a movimentos populares, a Usina CTAH tem atuado no sentido de articular processos que envolvam a capacidade de planejar, projetar e construir pelos próprios trabalhadores, mobilizando fundos públicos em um contexto de luta pelas Reforma Urbana e Agrária. Já participou da concepção e execução de mais de 5.000 unidades habitacionais, além de centros comunitários, escolas e creches e de planos urbanísticos, projetos de urbanização de favelas. Auxiliou também a formação e organização de cooperativas de trabalho. Disponível em <http://www.usina-ctah.org.br/> Acesso em 26 nov.2020.

²⁰⁰ “Porque, mesmo excluído, o povo brasileiro sempre teve e sempre foi a grande fonte de criatividade e inovação em matéria de cultura. Nossos ritmos, nossas vozes, nossos modos de vida, nossas técnicas construtivas, nossos sabores e nossos usos cromáticos – todas essas tantas

formas e jeitos de ser brasileiro – tudo isso foi reinventado e remixado pelo processo anônimo de trocas horizontais dessa gente pouco privilegiada pelo dinheiro. Esta rica experiência sempre aconteceu mesmo sem o reconhecimento e apoio do Estado. **O programa Mais Cultura** quer alterar esse contexto de ausências institucionais sem, contudo, tirar da sociedade seu protagonismo absoluto de fazer e refazer a cultura. E isso é expresso na afirmação contemporânea do acesso através dos equipamentos, dos instrumentos, dos recursos, das estruturas institucionais que dão condições à formação, à leitura, às artes e aos saberes tradicionais.” Fragmento discurso do ministro Gilberto Gil no lançamento do Programa Mais Cultura. Brasília, 4 de outubro de 2007. Disponível em <http://cultura.gov.br/324992-revision-v1/> Acesso em 26 nov. 2020.

²⁰¹ Gilberto Gil (1942), um dos líderes do Tropicalismo, perseguido pelo governo militar por supostas atividades subversivas, exilou-se em

participação social para o canteiro de obras, antes do equipamento público ser construído. Não sei se você já ouviu falar deste projeto?

Cláudia: Não, mas vou pesquisar.

Natasha: Este foi um programa bem grande, nacional, que nós participamos. Muita coisa nós fomos levando para a política pública e, hoje, quando vemos todo esse movimento, eu fico muito contente que chegamos nesse momento em que participação social não é luxo, participação social é direito!

Mariana: A gente podia dar um desses (folhetos gráficos do programa) para a Cláudia, o que você acha Natasha? Nós não temos muitos, mas ...

Natasha: Na FAU Santos não tem? Lembro de ter levado...

Cláudia: Eu devolvo junto com o material do Alexandre, não precisa ficar comigo. Agora, só para fechar, queria perguntar o que vocês acham que levou vocês a se envolverem nisto, posto que com 17, 18 anos, vocês poderiam ter se envolvido com tantas outras coisas possíveis e incríveis, não é?

Natasha: A minha resposta é tranquila, tenho certeza: foi por conta dos meus pais. Eles foram supermilitantes, altamente engajados no movimento pela democracia, na época da ditadura e, por conta deles, eu participei de todas as manifestações, das Diretas já... Meus pais eram educadores, eu me envolvi em uma série de ações em escolas públicas... Sempre participei de muita coisa com eles, sendo criança, sendo jovem. Tenho

certeza de que não é por acaso que tenho esse ímpeto para o social e para trabalhar com pessoas. Além da minha vocação de gostar de desenhar. Meu pai fez artes plásticas e minha mãe é geógrafa.

Cláudia: Risos. (não posso segurar o riso, ao pensar que também sou geógrafa, artista plástica, e gosto muito de desenhar).

Natasha: Então, na real, eu vou te explicar: eu olhei o que eu gostava da Geografia. Minha mãe trabalhava muito com estudo do meio e eu ia com ela nas excursões. Conheci todos esses lugares incríveis, desde cavernas, manguezais, até comunidades. Eu também acompanhava meu pai - que gostava de arte, de fotografia, de desenhar, pintar... E a junção dessas duas coisas virou o que é a arquitetura e urbanismo. Enfim, é isso.

Mariana: Quanto a mim, acho que tinha ansiedade disso. Eu também cheguei na FAUS com uma incumbência dos meus pais. Minha mãe também era professora, e quando fez minha matrícula na faculdade falou: “olha, Mariana, a gente quer investir em você para ser arquiteta, mas quero muito que você não se esqueça das ... não faça só arquitetura de rico. Quero te deixar essa cutucada”.

Natasha: A gente tem uma história muito parecida!

Mariana: E isso foi fundamental, tanto que se reflete na minha aproximação com a Rosana Denaldi, que já trabalhava com favelas e foi minha professora no primeiro ano. Tive uma conversa com ela e, depois disso, acabamos ficando muito

Londres. Assumiu o Ministério da Cultura em 2003, na primeira gestão de Lula na presidência da República, onde permaneceu até 2008. Na sua gestão são reconhecidos como Patrimônio Cultural Brasileiro o samba de roda, o frevo, a pintura corporal dos índios e a capoeira.

Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,veja-perfil-de-gil-e-relembre-sua-gestao-no-ministerio-da-cultura,214714> Acesso em 26 nov. 2020.

próximas, foi muito nesta toada. Minha mãe queria muito que eu trabalhasse com as escolas públicas, porque ela tinha uma indignação: por que as escolas públicas têm que ser cinza, fechadas? Ela me cutucou bastante para isso. Meu pai e minha mãe também sempre falavam isso: “Na faculdade, você não vai aprender na sala de aula”. Minha irmã, por exemplo, passou em jornalismo na UNESP e meu pai não deixou ela ir por conta disso: “Como você vai aprender jornalismo numa cidade do interior? Jornalismo se aprende nos bares, nos teatros, no cinema, não é dentro das universidades”. Isso era uma coisa bem clara lá em casa: você tem que participar das coisas para poder aprender. A vida da universidade não é dentro da sala de aula. E eu morava naquele prédio marrom ao lado da faculdade...

Natasha: A gente brincava que a Mariana morava no ateliê ...

Mariana: Durante a faculdade morava em uma República, então a minha casa durante os cinco anos da faculdade era a FAUS. Cheguei super sedenta, queria aprender, queria entrar na oportunidade que aparecesse e peguei um bonde, porque a FAUS estava fervida neste momento pós ENEA Santos, tinha um clima muito bom. Passava o tempo inteiro ali, bebendo daquela energia. Acho que cheguei não só com este histórico dos meus pais, mas também com uma energia para fazer, energia mesmo, disposição, e cheguei em um momento oportuno, em que isso estava pulsando. Se eu chegasse com tudo isto, mas em um momento de marasmo, não sei como seria. Quando eu conto da faculdade para outras pessoas, mesmo as daqui do ELOS, vejo que o período da universidade foi muito bom para mim, muito estimulante, todos esses

encontros. Eu já quis ir ao primeiro encontro regional da FeNEA logo que entrei, acho que da minha turma só foram umas três pessoas, as outras começaram a ir mais para frente. eu me lembro que foi minha mãe que me estimulou: “vai para o encontro, porque lá você vai conhecer outras pessoas, de outros lugares”. Acho que isso foi muito deslumbrante, foi muito legal. Eu estava numa fase muito feliz. Estávamos em um momento ímpar, que juntou coisas que já vinham desde a minha formação - valores e construção da pessoa - com oportunidades. É isso que penso, hoje, sobre o meu momento na universidade. Nossa, se eu tivesse estudado, por exemplo, no Mackenzie, em São Paulo, o que eu estaria fazendo hoje da minha vida? Não sei se estaria fazendo isso que eu estou fazendo agora, que eu gosto e acredito. Por mais que eu tenha este valor, que eu tenha esta coisa aqui dentro, que eu acredite...

Natasha: O ambiente favoreceu muito

Mariana: Acho que fomos muito felizes. Caímos numa época muito boa da faculdade e os amigos que eu fiz aqui, a oportunidade que eu tive aqui, tudo isto foi fundamental para a minha vida. Vejo que o período da universidade é decisivo para os jovens e adultos que estão naquele momento, e quero pensar em oportunidades boas para as minhas filhas.

Natasha: É verdade. A gente pintava e bordava naquela faculdade. Fazia festa, exposição... Trouxemos... e fizemos muita coisa, produzimos bastante. Tínhamos uns professores como o Paulo von Poser e o Douglas, que traziam também essa parte de desenhar a cidade. Bom, eu sou suspeita para falar do curso de Arquitetura e Urbanismo de Santos, né? Acho que ela te dá uma liberdade, mas ao

mesmo tempo, por não ter tudo, acaba trazendo para nós, também, esta vontade de rebeldia...

Mariana: ...de buscar.

Natasha: Se a gente tivesse uma faculdade que entregasse tudo, talvez, não tivesse sido a melhor opção.

Cláudia: Eu entrei em décimo lugar no Mackenzie, uma escola de arquitetura que tem tudo, mas meu pai falou: “Não vou te matricular porque você vai entrar na USP”. E não matriculou. Eu fiquei apavorada, depois passei na USP e fui embora.

Mariana: Ele já sabia...

Natasha: que tinha uma filha inteligente...

Mariana: Para eu ir para o Mackenzie, meus pais não me apoiaram em nada, por causa do histórico da ditadura.

Cláudia: Imagino, porque tinha aquela coisa com a FAU da Maria Antônia, dos coquetéis Molotov...

Natasha: Eu, na largada, não quis fazer Mackenzie por conta de saber que era um curso muito mais ...

Cláudia: ...técnico.

Natasha: Isso, e por conta do histórico.

Cláudia: Entendo. Mas acho que hoje o Mackenzie está muito diferente, e mudou para melhor. Meu contato com Heloisa Bergamin, estudante que lidera o Mosaico, me ensinou isso. O Mosaico, dentre os escritórios modelo de faculdades particulares, é um dos EMAUS mais fortes do Brasil. Eu só queria agradecer muitíssimo por tudo que vocês me falaram...

Mariana: Obrigada a você também, achei superimportante. É bem legal esse processo todo de valorizar...

Cláudia: Eu queria contar para vocês que, quando entrei no doutorado, logo depois da palestra do Rodrigo no MIS Santos em 2017, foi porque eu queria fazer simplesmente a história do ELOS. Mas eles não deixaram, porque isto não é um tema acadêmico de doutorado. Poderia ser de mestrado, pois seria o que eles chamam de estudo de caso, mas eu não podia voltar para o mestrado, nem podia fazer dois mestrados. Aliás, meu mestrado é em Geografia, inclusive.

Natasha: É, que coincidência.

Cláudia: Então comecei por onde? Pelas reformas universitárias. Construí um histórico de como elas aconteceram, porque queria entender qual era a participação dos estudantes neste processo. Depois, fui puxando o tema de vocês e os dois compuseram minha qualificação, que vou defender dia 30 de setembro. Mas talvez no texto do doutorado propriamente dito, possa incluir muito mais detalhes sobre o EMAU Reviver e voltar um pouco a minha ideia original. Não sei, mas mediante a gravação de hoje, talvez consiga.

Natasha: Que legal!

Cláudia: Porque agora, que eu já fiz uma coisa mais genérica, posso fazer uma mais específica.

Mariana: Que bom. Obrigada Cláudia, eu fico superfeliz mesmo. A gente não é muito bom de registro, é legal ter alguém que esteja fazendo isso.

Cláudia: Vou levar estes documentos, mas logo trago todos de volta. Muito obrigada. Então vou encerrar a gravação. Estou com medo de perder tudo!



Figura 106 Espaço Elos, no morro da Nova Cintra, Santos SP. Arquitetura Andrade e Moretin. Disponível em <https://issuu.com/elos/docs/relatorioelos2020> Acesso em 27 jan. 2022.

13.1.3. Entrevista com Edgard Gouveia Junior

As pessoas que nós atendíamos não eram uma massa de manobra para nós.

O contexto antigo

Quando você fala EMAU já abrem muitas coisas na minha cabeça logo que entrei na faculdade a primeira coisa que me lembro foi no Habitafaus, quando fui para o primeiro ENEA, em 1989 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Meu primeiro ENEA. Sou dez anos mais velho que o pessoal do Elos. Entrei na faculdade em 1988. Na época deles eu acho que o HABITAFaus não estava mais aberto. Talvez eles tenham tentado abrir de novo. Não tinha escritórios modelo, era laboratório de habitação. Aliás, quando eu entrei já estava fechado, existia antes de mim e, até onde eu sei, foi um movimento que surgiu da Belas Artes. Dos os nomes que me lembro, cito o Nabil Bonduki e algumas amigas minhas que também participaram lá. E o outro laboratório era na PUC. Os dois eram bem famosos. Na PUC tinha o Lotufo e o João que depois formaram a USINA, que existe até hoje como assessoria. São nomes que eu ouvi na minha época. E nasceu em Santos também, porque Santos estava bem progressivo, então estava tendo o mesmo movimento também, mas ficou menos famoso depois, por causa que ele não continuou nas assessorias. Depois os outros laboratórios viraram assessorias, se envolveram também com os mutirões da gestão da Erundina, em São Paulo. E a história foi por aí.

Santos não continuou muito, morreu ali, ficou um tempo parado, aí vários grupos já não vinham, tentavam fazer alguma coisinha, ficavam um tempo e paravam. Tinha uns professores de urbanismo bons em Santos. Eles tentavam provocar, atrair, dar suporte, mas também ninguém queria abraçar. As vezes algum professor abraçava um pouco, ficava um ou dois meses e depois não aguentava. Acho que eles não eram remunerados para isso. Quando fui ao primeiro ENEA, nós fundamos a FeNEA²⁰² e registramos ela com este nome. Antes, tinha um outro nome. Terminamos o Estatuto e registramos a FeNEA. Cheguei lá e eram oito ou nove horas de reunião do conselho por dia, onde já se conversava bastante sobre a importância de se fazer escritórios modelo, mas apesar de aparecer o tema, naquele ano não aconteceu. Eu fui ao primeiro encontro e não sabia de nada. Estava no segundo semestre do curso da FAUS²⁰³, sem saber o que era arquitetura, mas adorei aquelas discussões sobre qualidade de ensino.

O conselho reunia estudantes do Brasil todo. O Luís Dias e o André Goldman, da USP, são nomes fortes no assunto, que continuaram muitos anos na FeNEA e a Lara também participava. A Maura e o Tulio, da PUC de Campinas, alunos mais velhos, eram muito bons nesta discussão, e depois trabalharam na Usina. Lembro também da Laila e de um pessoal da Paraíba, e do Artur, de Belém, tinha que fazia o papel do Baco nas festas. E não dá para esquecer da Silvia Rola, de Alagoas, que era uma piadista. O Mauro Resnytzky, do Rio de Janeiro, que agora deve estar em Hong Kong²⁰⁴ e o Paulinho, que hoje em dia

²⁰² Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo,

²⁰³ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos

²⁰⁴ Diretor fundador da Girimum Architects, é formado em arquitetura pela Federal do Rio de Janeiro, Master na Architectural Association

é professor ou diretor da Universidade de Caxias do Sul. Lembro da Kiomi de Santa Catarina, e de outros. Com certeza a mais poderosa de todas era a Alis, mas ela foi da segunda geração com a Silvia. Ela foi um nome muito forte na FeNEA, nestes movimentos dos escritórios modelo, também.

Enfim, em 1990, no ENEA São Paulo e nos CONEAS entre 1989 e 1991, nós começamos a discutir muito que o movimento estudantil tinha que focar ali, nos EMAUS²⁰⁵. E tinha uma vontade de fazer: “está legal a discussão, mas vamos fazer. Se é importante, não vamos voltar daqui a um ano aqui para discutir sobre a importância disso de novo, vamos botar a mão na massa.” Eu já tinha o HABITAF AUS, aquele laboratório que era uma sala que ficava sempre fechada, quase um depósito, bem em frente à porta da minha sala do primeiro ano. Então eu ficava pensando: vamos voltar, reabrir! Mas na época eu era jogador profissional de voleibol, estava jogando ainda, e pensava por outro lado: “garoto, não vamos puxar isto ainda!” Quase ninguém da FAUS ia nestes encontros, ela não tinha tradição nisso, lá era só eu. O pessoal ia sempre para a INTERFAUS (0:6:44), que era farra - Sexo, drogas e Rock-and-roll - e um pouquinho de esporte. Eu fui porque o Luca, um transferido da FAU São Carlos e está no Canada agora, levou uma turma para o ENEA, gente que tinha recém entrado na Faculdade, do primeiro semestre. Eu estava no terceiro. E foi excelente, incrível. Fomos por causa dele, e não por uma tradição da faculdade, mas a partir daí virou uma tradição, porque nós

começamos a divulgar na Faculdade e sempre ia gente de Santos. Lotava. Foi assim que entrei na FeNEA e nunca mais sai, mesmo depois de formado. Mas lá, neste CONEA²⁰⁶ começou esta discussão que não era exatamente dos EMAUS no começo. Acho que quem trouxe foi a Maria Elísia Meira, uma professora da UFE, e a Valesca. Esta era uma dupla infernal. As duas brigavam sempre juntas. A Maria Elísia- baixinha, mais gordinha, brava - era uma metralhadora de conhecimentos que ficava muito na ABEA²⁰⁷. A Valesca era ruiva, alta, forte, bonitona, toda Barbie, uma patricinha que se fazia de perua de propósito! Mas quando ela brigava! As duas ganhavam tudo juntas! Elas quebravam o pau! A Maria Elísia já morreu, mas a Valesca deve estar viva até hoje. As duas começaram a defender os escritórios modelo, porque não queriam que fossem empresas juniores. Não se pode entrar para competir com os escritórios, porque se não dava um pau. A briga era essa: você tinha que aprender na prática, mas não podia pegar trabalhos de escritório. E nós fomos um pouquinho nesta linha.

Já no começo, eu voltei para a faculdade e reabri o HABITAF AUS. Eu e o Luca, com mais duas pessoas. As pessoas caíram, mais a gente continuou. Começamos a fazer projetos para as favelas de Santos, no Dique da Vila Gilda. Então foi um tesão ter que ir para a favela, ver isso. A gente teve que se comprometer, porque não tinha ninguém que fazia de fato, nenhum professor orientando. Começamos a investigar juntos essa história e eu voltava para os CONEAS e começava as discussões. Lembro bem que o pessoal de Pernambuco

School of Architecture, Londres. Reside e atua em Hong Kong.

²⁰⁵ Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo

²⁰⁶ Conselho Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo

²⁰⁷ Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura

que disparou na frente. Quem puxava era o Alexandre, mas o sobrenome eu não vou lembrar. Esta época era 1991, 1992, quando eu era da FeNEA também. A USP de São Carlos também tentou armar alguma coisa, mas os mais fortes, que sempre tentavam, eram da FAU Pelotas, onde estavam a Alis e a Nara Gilles. Agora a Nara está em São Paulo e continua trabalhando com habitação e urbanismo. Acho que é professora em universidades, também. Então ficaram as universidades de Pelotas e Campinas, a Federal de Pernambuco, (0:10:00) a FAU Santos e a UFSC, de Santa Catarina, onde a Kiomi, e uma geração que veio com ela, manteve. A USP tentou um pouquinho mais parou, a Paraíba também deu uma morrida e de Belém não saiu muita coisa. Mas aí, quando teve a época do EMAUS, a gente foi cultivando espalhando até que chegou uma hora que explodiu! Antes os encontros eram assim: oficinas de manhã, turismo a tarde, palestras à noite e festa a madrugada toda. Ninguém dormia. Começamos a fazer altos encontros. Os alunos nem sabiam que o encontro podia sair para fora e a gente começou a levar e armar exposições, trazer apresentação de trabalhos, também. Mas no começo não ia quase ninguém, só os CDFs. Não é possível que todo mundo que quer estudar arquitetura não queira fazer isso! Nos encontros, ninguém quer perder tempo, então começamos a deixar as apresentações mais sedutoras e fomos criando uma maneira de tornar isso popular. Eu trabalhava muito essa parte. Bom, aí está dado o contexto antigo.

A melhor forma de mudar o Brasil

Eu peguei os EMAUS porque eu continuei na faculdade e foi surgindo isso, mas os EMAUS foram uma oficialização que aconteceu na geração do Alexandre

Esteves. A gente foi brigando com isso e eles continuaram brigando. (0:11:30) A nossa parte foi popularizar essa história de fazer estes jovens trabalharem com favelas e populações tradicionais carentes, quando não tinha ninguém que estimulasse isso, em quase lugar nenhum. O Nordeste tinha um pouquinho mais de tradição nisso, porque lá tem tanta gente pobre que eles tinham que se mexer e a cultura está anos luz a frente. Mas em São Paulo e Rio de Janeiro, o que existia? Aqui tinha tido o Nabil na habitação popular, mas não era nem tanto arquitetura e urbanismo, era mais a politização dos movimentos. Eles ajudavam com isso a partir do projeto, ou seja, usavam os mutirões como objeto de politização, de organização popular, o que foi excelente. `Nós tínhamos uma posição técnica: vamos fazer projetos de qualidade para as favelas. Então, foi aí que eu me envolvi, mas sempre fui muito crítico. Achava que isso demorava muito e ficava muito nos processos internos, mais se ajudando. Tanto os estudantes quanto o professor querendo fazer moral que estavam lá, e todo mundo com muito orgulho da gente, mas nós não entregávamos muita coisa para as comunidades. Eu tinha a sensação de que podíamos entregar muito mais, e mais rápido. Este sempre foi meu incômodo tanto em relação ao que eu via na FAU Santos (0:12:36), quanto nos ENEAS, mas nos encontros, pelo menos, eles eram mais técnicos. Na Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo -como eram mais politizados e tinham envolvimento com o governo - eles discutiam e entregavam projetos habitacionais. Mas a gente queria ser a aquela coisa romântica, como a FAUUSP, mesmo porque a maior parte dos professores da FAUS também dava aula lá. Eu desconfiava que estava

perdendo tempo ali. Tinha entrado na faculdade com 17 anos, mas larguei no mesmo ano e fui jogar vôlei profissional. Só voltei com 23 anos. Guardei um dinheiro e larguei o vôlei profissional cedo, para fazer FAUS. Então, eu pensava: não vou voltar para fazer as coisas mais ou menos! E eu já tinha, também, uma coisa de querer mudar o mundo, por isso comecei a questionar como que a gente poderia fazer coisas melhores. E, junto com essa estória, vinha a frustração - não uma frustração, mas uma sensação - de que mesmo que os laboratórios de habitação e extensão fossem muito bem estruturados, seriam uma questão mais política como proposta de mudar o Brasil, politizada e político partidária também. Claro que isso era super necessário, tanto que o Brasil mudou radicalmente quando o PT entrou, mas eu queria também coisas mais rápidas. As pessoas que eu atendia não eram uma massa de manobra para mim. Eu achava que era preciso usar muito os estudantes, mas mesmo se um por cento da faculdade entrasse para o HABITAF AUS, contando mais os professores de urbanismo da USP, seria muito pouca gente para fazer uma mudança no Brasil. E eu queria mudar o Brasil mesmo! Então percebi que precisava atrair mais gente para os encontros, e comecei a estudar isso. Os meus amigos - a Alis e o pessoal - eram muito politizados, mas eu dizia: “não, não é isso”, e comecei a procurar outras formas, a focar nos ENEAS e em mudança de cultura. Eu era bastante popular. Primeiro, porque não tinha nenhum negro e eu era um negro alto, que fazia jogos e brincadeiras e jogava voleibol. Então todo mundo vinha muito para cima de mim e minha voz era bastante ouvida. Precisava trazer mais gente para os ENEAS e comecei, eu mesmo, a fazer designs e defendê-los nos CONEAS. Comecei a

questionar: “Como assim? Por que que vai muito mais gente para o INTERFAU do que para o ENEA? O INTERFAU lotava e o que era farra - Sexo, drogas e Rock-and-roll - e um pouquinho de esporte. Mas agora vão mais de dez mil. Eu terminei com um encontro de cinco mil. Então, a questão era como fazer para as apresentações de trabalhos serem um tesão? Como é que faz para as festas serem mais tesão ainda. Como a gente faz para as oficinas do ENEA serem incríveis? Tinha umas oficinas que lotavam, como a do Jandi, que fazia bonecos de espuma. Descobri que o Jandi não aprendeu com o Artur, mas com o Xexéu. E o Alê Esteves colou nele - adorava ele - e começou a fazer também, e passou a fazer chapéus... Então o Jandi era o papa das oficinas, mas o que pouca gente sabe é que ele era o neto, a terceira geração, porque antes dele tinha o Xexéu - que é do Pará e acho que já faleceu também - e antes do Xexéu, o Arthur.

O Xexéu era muito bom! Foi da minha época. Suas oficinas eram uma desculpa para criar conexões entre as pessoas, ele já tinha essa intenção clara de fazer o encontro que quem olhava de fora sentia, mas ele, talvez, sem se desse conta. Além de fazer as oficinas de manhã, fazia e usava chapéus de espuma que emprestava para os outros. Ele era do teatro. (0:15:40) O pessoal de Belém tinha muita coisa do teatro. Então eu ficava olhando aquilo e estudando: por que as oficinas dele tinham 80 pessoas e atraíam cada vez mais gente e a dos outros no máximo doze? O Jandi foi um que colou e aprendeu com ele, seguiu a tradição. As oficinas dele lotaram também e até hoje ele trabalha com bonecos na Europa e na América Latina. Nestas oficinas já estava presente a questão de construção de comunidade. Muito do que usei no ELOS e uso até hoje vem dessa raiz,

da junção, deste comprometimento social que, na minha geração, estava presente nos laboratórios de habitação como o HABITAFUS, a na geração seguinte - do Alexandre e do Rodrigo - já estava no EMAUS.

Como o bastão passou da primeira para a segunda geração.

Eu fui apresentando o pessoal novo para as pessoas, levando para os encontros, para os CONEAS. Na verdade, eles entraram forte antes mesmo de ir para os CONEAS. A primeira vez que levei o grupo foi em 1993, no ELEM São Paulo. Foram o Rodrigo, a Natasha e a Mariana.²⁰⁸ Lembro que eu vi o Rodrigo na faculdade - nem sabia quem era, com cara de novinho, e perguntei: você não vai para o ELEM? Ele ficou meio sem ação, acho que não era muito fã, mas na hora ele foi. Lotou! Foi um monte de gente. E isso, segundo ele, mudou a vida dele. Aliás, mudou a vida de todo mundo. Acho que foi assim que eu passei o bastão da primeira geração para a segunda. Fui apresentando o grupo primeiro para os encontros, e só depois convidei para conhecer o CONEA. Se não, eles ficavam só na bagunça e não na discussão! o Alê Esteves era CDF. Apesar de ser meio malandro e gostar de beber, gostava muito de estudar. Aliás, ele adorava os dois extremos. Foi um cara que abraçou bastante. Ele agarrou. O Rodrigo Rubido foi da mesma gestão da FeNEA que o Renato Leal. Os dois eram os tops, ambos de Santos! O Rodrigo foi diretor-geral e o Renato diretor de outra coisa, de pesquisa, acho. Montaram um time muito bom e usavam sempre estas dinâmicas. Fizeram uma gestão incrível! E nesse momento já

tinha o Reviver. e eu já tinha me formado. Sai de Santos fui para o Tibá, no Rio de Janeiro, e lá eu completei a minha terceira fase de formação. A primeira foi minha experiência na FeNEA, nos COLEAS e laboratórios de habitação, essas atividades mais técnicas de políticas – A segunda foram os ENEAS mesmo, que eu comecei a organizar com design de eventos. Pesquisava como fazer para as pessoas ficarem amigas mais rápido, como fazer as faculdades que não se conversavam passarem a conversar etc. Fazia o desenho estratégico, junto com alguns amigos, entre eles o Mauro Resnitsch, da UFRJ, o Túlio da PUC de Campinas, o Humberto, o Arthur, o Paulinho, eles eram nomes fortes. O Mauro era do Rio e tinha este olhar mais romântico do encontro, da comunidade. Nossa ideia era pesquisar como os encontros podiam ser mais mágicos, porque se eram mágicos para nós, não eram para muita gente. Então, começamos a levar palestras, por exemplo. O Túlio também gostava de ficar construindo comunidade. Uma vez fizemos um acampamento em Parati, reunindo várias faculdades, e ele tinha aquela coisa de agregar chamando as pessoas: “Vamos fazer não sei que lá juntos?” E ia propondo as atividades: “Você pega a madeira, você vai buscar água...” Tudo isso nós fomos percebendo depois, eu e o Mauro, só prestando atenção. O Humberto, outro nome forte da FeNEA, hoje é professor da Universidade Federal da Bahia, acho que é diretor lá. Aliás, outro deus negro que surgiu antes de mim. Ele era um cara alto, superinteligente, um lorde, fazia teatro. Apesar de ter bem poucos negros na Arquitetura, os poucos que tinham se

²⁰⁸ IV ELEM realizado pela COLEA, com o tema: Arquitectura Latinoamericana. Un mosaico de culturas

destacavam. Na Universidade Federal Fluminense tinha um núcleo político bom, que também brigava pela qualidade de ensino. A Maria Elisa e o Geraldo, que era negro também, faziam parte de lá. A Alis, o Paulinho, o Geraldo, o Mauro eram todos da minha geração. Se você entrevistar a Alis, ela fecha a rede inteira, porque atravessou tudo! Terminou a faculdade, mas foi da FeNEA até depois de mim. Ela continuou em contato. É muito amiga da Maria Elisa e da Valesca. Sabe essa história de cabo a rabo. Está bem viva, mora no Uruguai. e pode te contar histórias incríveis. Outro amigo nosso era o Gino, de Maceió que namorou com a Alis. Ele também é um cara legal e bem forte para falar sobre EMAUS. E o outro Mauro, da Federal de Minas Gerais, que também continua essa questão política na universidade. Mas, enfim, vou deixar isto para a Alis!

Arquitetura pode ser muito mais.

Mas saindo do plano geral e vindo para nós, a minha contribuição específica, tanto para o Reviver quanto para a FeNEA, foi este olhar mais criativo – porque criativo todo mundo é - mais utópico, fora da caixa, que era entender que arquitetura podia ser muito mais. Com este olhar de jovem menos politizado, mas que quer questionar de verdade, eu chamava os outros: “Vamos usar o poder que a gente tem. Se a gente usasse as nossas festas? As palestras às vezes estavam lotadas, mas a coisa mais poderosa que tinha nos encontros eram as festas. Eram uma energia! Por que não usar essa mesma energia para fazer transformação? Se aqui todo mundo é apaixonado por arquitetura – e disso não temos dúvida - por que os encontros não conseguem fazer nada sério de arquitetura?” Porque era sério. Nas

oficinas de maquete, fotografia etc. era onde acontecia mais arquitetura, onde acontecia melhor. Ao mesmo tempo, entendi que nos encontros, nesta época, vinham umas duas mil, três mil pessoas. Era o evento que reunia mais gente, do Brasil inteiro. Era muito estratégico! Aquilo que fizéssemos lá, o próprio encontro disseminaria. Era muito estratégico. Nós precisamos mudar o Brasil. Se essas faculdades de arquitetura inteiras quisessem mudar o Brasil, a gente mudaria, mas enquanto estudantes, porque depois que a gente entrar para o mercado, não consegue mais fazer. Eu tinha essa coisa muito clara para mim e trouxe para a FAUS: “Vamos mudar o mundo aqui e agora, enquanto estudantes”. Para mim, a semente do Grupo Reviver veio deste lugar. E para descobrir como eu podia fazer no Reviver, usei muito da minha experiência, por que eu já tinha me formado e ido para o Tibá, onde aprendi várias coisas de trabalho de grupo, dinâmicas etc. O Tibá foi uma formação incrível para mim. Foi o Mauro Resnitsch. que me levou para lá, [...] mudei para lá em 1993, quando eu e a Marcia fomos contratados, mas já ia para lá desde 1990. Nós levamos muita gente da FeNEA para conhecer o Tibá, a gente lotava o Tibá, eu e a Marcia, convidando jovens do Brasil inteiro, que a gente conhecia nos encontros. O Rodrigo pegou esta época, ele foi quando eu já estava lá. A Maria na e a Natasha não chegaram a ir. Agora está ótimo também.

As greves da FAUS

E outra formação importante foram as greves. Na FAUS tinha dois meses de greve, uma vez por ano. Durante a greve, eu ficava por lá, porque pagava a faculdade do meu bolso. Foi lá que eu experimentei todo o

poder que a gente tinha. No começo, era de praxe parar e fechar a rua, mas não adiantava nada. Só de olhar para nossa roupa o pessoal já sabia que a gente tinha dinheiro e até o reitor sabia que a gente ia fechar a rua por três dias e depois partir todo mundo para o litoral norte. Em vez disso, resolvemos fazer uma coisa maior: começamos a fazer oficinas. Começamos a desenhar a greve, como se fosse divertido. Lembro de um movimento que ficou bem famoso: “A FAUS tá mau”. Foi o movimento que revolucionou, porque todo mundo se deitou para gente e fez tudo que a gente queria. O Ricardo Olivéros e eu nos sentamos no ateliê com o pessoal e falamos: “gente assim não vai dar”. (...) A greve era uma coisa assim. Tinha uma pressão, a gente era ameaçado. A própria universidade fazia umas pressões veladas, porque começamos a fazer uma coisa que ninguém fazia: Ao invés de fechar a avenida, começamos a organizar greves com oficinas. por que os professores chamam a greve, mas quando ela começa, o que eles fazem? Deixam os alunos brigando por eles e pelo salário deles. A primeira vez, fui ingênuo e não entendi. A segunda também não, mas a terceira vez, quando descobri o que era, fui à sala dos professores e dei um pito neles, porque eu era super CDF. Fiquei até meio sem graça, porque ninguém falava. Lembro que alguém tentou me peitar - acho que era o Artigas, mas eu esculhambei pesado mesmo. Queria que os alunos entendessem que fiquei o tempo todo puxando greve para esses professores e depois descobri que eles faziam greve mesmo: não iam lá na FAUS, nem na reitoria. Ficavam na sala dos professores esperando a gente se mexer. Já sabiam que, a partir dali eu ia brigar só por nós, não por eles, mas não tinham o que fazer. Fui

topetudo mesmo, mas como eu era CDF, não tinham como me derrubar. (...)

Quanto às oficinas, foi muito design estratégico. Eu ficava pensando: “o que a gente pode fazer que mexe com as pessoas e com a cidade?” Antes da greve do “A FAUS tá mau” eu era inocente, mas pensei: esse reitor não é fácil a igreja católica não é besta! A gente vai ter que lutar melhor. Fui para o ateliê e o meu olho ficou assim [Edgard arregala os olhos]. Sentei-me e pensei: “O jogo é assim? Então eles vão entender de onde está vindo!” E, a partir daí, foi coisa de 007. Tínhamos uma turma boa: o Rodolfo Onaka sobrinho do Rui Otake (0:33:22), o Caio Ribas, que hoje é um designer famoso e faz branding de classes. Ele foi o primeiro a arrancar no Brasil com isso, está famoso. A Márcia e o Ricardo Olivéros. o Ricardo é muito inteligente, muito estratégico. Nós três, eu, Olivéros e a Márcia Gouvêa, somos os mais atacados. Alguém delatou que éramos os líderes. Começamos a transformar as assembleias de greve- que normalmente são a pior coisa que existe - até fazê-las ficar bem divertidas. Começávamos a greve com shows. Durante a assembleia, o Ricardo usava o slogan “a FAUS tá mau”, fazia receitas, lia horóscopo para as pessoas. Era engraçado, e como aluno é besta, eles falavam: “você precisa ver o que está acontecendo, vai que é o máximo!”. Pintamos a escultura do A da entrada - que tradicionalmente era vermelho - metade de amarelo, e escorremos o vermelho, como se fosse sangue escorrendo, deixando uma poça. Como o A ficava bem em frente à avenida e o portão não tinha aquela grade - era aberto. Ficou descendo a tinta pelas escadas e todo mundo que passava pela cidade olhava. Até saiu na capa do jornal! É claro que podíamos ter pintado durante a greve, mas queríamos

fazer segredo! Se ninguém soubesse o que era, nem quem tinha feito, dava mais chances... coisa de filme! Eu tinha ideias que davam certíssimo! Lembro que falei: “nós não vamos parar a avenida, mas vamos parar avenida!”. E todos perguntavam: “como assim?” Fiz uma oficina de pintura de muro (0:35:27) Na época tinha um muralista famoso em Santos, que estava pintando os muros da cidade e usava também aquele espaço branco dos postes. Chamamos o artista para participar, mas não ele conseguia vir, estava sempre ocupado. Então conversamos e ele apoiou. Fomos pintando todos os postes da Avenida Conselheiro Nébias, naquela parte mais fininha, dentro do Jardim. Todo mundo parava para ver a gente pintando coisas maravilhosas. Paramos a avenida inteira, não só o trecho em frente à faculdade, só que ninguém reclamava. O pessoal buzina, batia palmas, perguntava o que nós estávamos fazendo. E logo veio a televisão, o jornal, a rádio. E a pergunta era: “mas por que vocês estão aqui?” E nós fazíamos o que estava combinado: sorriamos e dizíamos: “Não está tendo aula. Os professores não tão dando aula, estão em greve”. E a televisão filmava nossas caras ingênuas. E ninguém ficava passado com a gente. Todos falavam: coitadinhos dos alunos, eles estão dando um presente para a cidade. Mas nossos pais ficaram passados! Já que os professores não ensinaram nada para gente, eles tiveram que aprender conosco. O reitor chamou a gente rapidinho para conversar, nem precisamos pedir uma reunião com ele. Lembro que, no começo, ele pensou que era só isso, mas tínhamos mais ações, várias propostas. Começamos fazendo murais e seminários no centro histórico da cidade e depois tivemos a ideia de chamar arquitetos famosos para dar

EJ 08 oficinas. O Ruy Ohtake veio dar palestra na faculdade e adorou a proposta. Então, falou para o Oscar Niemeyer, e ele também veio e Lúcio Costa só não veio porque estava bem doente. Eu sapateava! Adorei! Pensei: “a gente vai ter a aula que a gente quer! Não precisa ter aula dos professores, vamos ter aulas melhores!”. Eram umas aulas maravilhosas, com professores incríveis. Os nossos professores começaram a ficar desesperados, com medo de que a reitoria não os deixasse voltar ou, se continuasse assim, tivessem que voltar sem aumento. Por outro lado, a reitoria também ficou com medo, porque percebeu que estávamos ficando muito populares. Como o Ricardo Olivéros falava muito bem e quando o reitor ia nas assembleias, era ele que falava, conduzindo o debate. Aparecia todo elegante, todo gay, sempre de echarpe e eu ficava no meio da multidão, só observando, lendo tudo. Mas no meio da terceira assembleia, eles sacaram que era eu e ficavam me olhando lá da frente. Deu medo, porque a gente tinha uma estratégia de triangular as coisas. Porque a gente vivia numa situação meio de 007, mesmo. Eu achava que podiam expulsar a gente. Ameaçaram a mãe da Márcia, que trabalhava na reitoria. Ela recebeu um telefonema anônimo, dizendo: “você sabe que a sua mãe trabalha na reitoria...” A mãe e a tia dela trabalhavam na reitoria. Desesperada, ela queria largar tudo! Não pensávamos que eles iam fazer isso com estudantes. Aí a gente ficou **** e falou: “agora que a gente vai detonar! O Ricardo era meio bélico, mas eu falei: “não precisa fazer nada bélico. Vamos fazer design. Vai doer mais se a gente fizer umas coisas bem sutis que eles não imaginam, nem sabem de onde vem”. E com isso, a gente bombava de sair nos jornais!”. Eu não me

lembro do nome do reitor nessa época... Meu Deus, como é que eu fui esquecer o nome dele ele? Era um excelente advogado, mas era terrível. Tinha cara de contador, com um narigão, parecia um corvo, um lobo, e nós detonávamos com ele assim mesmo. Mas a gente venceu tudo. Ele reformou o laboratório de fotografia, comprou dez máquinas novas e daí para frente, tudo o que pedimos, ele fez. A partir desta fase pegamos uma tecnologia de greve e de repente me toquei: Cara, isto dá para mudar o mundo! Tanto que, na greve seguinte fui além: “Vamos fazer isso direito. As favelas precisam da gente. Vamos fazer na greve o que temos feito no HABITAF AUS!” Daí nasce, para mim, os guerreiros sem armas. Entendi que podíamos fazer arte e construir! Fizemos murais, intervenções nas favelas, pintamos, fizemos projetos -na época eram projetos - quando eu ainda era estudante. E tudo isto faz um link com a fase do Tibá, quando eu já não estava mais na faculdade, e vim fazer o ENEA Santos.

O ENEA Santos

Mas só depois que eu já estava no Tibá, que já tinha saído da FAUS, nós conseguimos trazer o Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura para Santos, uma cidade pequenininha, que não tinha nada, quando era sempre numa capital, de preferência no Nordeste, coisa que ninguém jamais tinha imaginado que podia acontecer. Nós ganhamos pela proposta! Quem escreveu o caderninho com a proposta do ENEA foi o Spetto. Acho que escreveu inteiro. Nunca mais cruzei com ele, mas ele e o Renato Leal foram os primeiros a ter computador na faculdade, talvez em Santos. Sei que hoje o Spetto é videomaker e trabalha com

projeções gigantes²⁰⁹. Em 1994 o Spetto colou em mim e falou que ia trazer o encontro para Santos, mas eu disse a ele: “Você está louco Spetto, ninguém vai topa vim pra cá”. Ele insistiu. Spetto não era CDF nem era de FeNEA, nunca ia no COREA. Ele repetiu bastante, mas era apaixonado por Santos e cismou que queria levar aquela festa a cidade. Como já conhecia a gente, veio com a ideia de fazer com o tema “*arquitetura do lado de fora*”. Como sou bom de fazer coisas rápidas e ele não sabia como fazer, então comecei a dar dicas ideias e ele, de como fazer atividades na cidade. Ele ficava pegando no meu pé, colou do meu lado e foi arrancado de mim, e fui ajudando. Escreveu o projeto muito baseado na minha tese. Na verdade, Spetto me ajudou minha tese, que ele lia, imprimia e ficava diagramando. Varava a noite comigo, e às vezes eu morria e ele ficava no computador dele, me ajudando. Naquela época, eu não tinha nem computador para digitar. Ele acompanhou comigo essa história do agir, do sair para fora, e se inspirou para fazer o projeto do ENEA Santos. Depois defendeu na plenária geral, Santos ganhou e quando ele voltou para Santos, largou. Daí o Renato Soares, que era do Reviver, pegou para fazer. Quando o Renato agarrou, eu fui para Santos ajudar eles, porque ele era muito novinho, eu ainda estava no Tibá. Ai, aquela geração bem novinha – Natasha, Rodrigo, Alexandre, Mari -, que ainda estava no segundo ano da faculdade, caiu para dentro. Então o ENEA foi uma boa experiência. Muita coisa que eu aprendi nas greves, na FeNEA, no Tibá, eu juntei no ENEA Santos. Foi primeiro exercício nosso,

²⁰⁹ Spetto montou a equipe de artistas visuais que trabalharam na abertura das olimpíadas do

Brasil, no Rio de Janeiro, a convite do diretor do Fábio Soares.

a primeira experiência de pegar muitas coisas que tínhamos aprendido e juntar.

Posição da FeNEA quanto ao tema

Sabia que a FeNEA ia engolir eles. Na época a Alis era a diretora e ninguém comprou a ideia de fazer o encontro do lado de fora, porque se uma pessoa tomasse um tiro ou fosse sequestrada numa favela, acabou-se a FeNEA. Desde os anos que eu participava, eles diziam a que a universidade tinha que ir para fora, para a favela, e ficavam pressionando os reitores para nos mandar para a favela. Mas na FeNEA, onde a gente tinha poder, ninguém queria mandar. Acho que o reitor pode até ter medo de algum estudante ser morto, mas a gente, que é jovem e inconsequente, não vai testar? Quando entendi o que estava acontecendo, fiquei mais passado ainda e pensei: “agora vai rolar essa parada!” Então, mesmo estando fora da FeNEA, quando foi para fechar o ENEA eu voltei, porque sabia que, caso não voltasse, a Alis ia engoli-los. Porque na federação tinha essa coisa: “se formou, tem que sair. Eu saí fora, mas a Alis, mesmo se formando, não saiu e continuou fazendo política! Então eu ensinava: “olha, eles vão fazer isso, e vocês façam assim”. Vim para Santos, peguei o Rodrigo, a Natasha, a Mariana e fomos ver as comunidades. Mostrei para eles como é que dava para fazer e onde e como dava para ir. Mostrei comunidades caiçaras, cortiços, favelas, o Dique da vila Gilda... Aliás, apoiei também com a parte de marketing, de design: “Vai por mim e traz os estudantes. Vai ser uma experiência fora

da caixa! A gente vai ficar famoso para sempre!” E batata! Foi exatamente o que aconteceu. Eu sabia que as pessoas iam amar, mas se a gente propusesse para todos fazerem, eles não iam fazer o que a gente fez. Eram esperadas três mil pessoas para o ENEA Santos, não teríamos nem ônibus para levar todos. Então falei: “Vamos fazer com pouca gente, mas vamos encher essas pessoas de mordomias. E quem ver o pessoal pegando esse ônibus maravilhoso vai perguntar: que pessoal é esse? É o pessoal do workshop”. Ricardo Olivéros, que é excelente em comunicação, também ajudou muito. Se você achar o *Manual de Sobrevivência do ENEA 95*, pegue, pelo amor de Deus! Parece que desapareceu, mas talvez o Rodrigo ou Renato tenham. Está assinado pelo Ricardo. Este ENEA quebrou muita coisa. O ENEA São Paulo também. Eu fiz design nesse ENEA, com um grupo do qual participavam a Silvana Beraldo e a Luciana, da Belas Artes. Um pessoal que como eu era mais revoltadinho. A FeNEA tentava calar essas pessoas, mas ninguém vinha para cima de mim, porque eu era CDF e certinho - não cheirava, não fumava, nada. Então, sempre existiu esse respeito comigo. Eu também era muito popular porque fazia as danças - o berequetê²¹⁰ - então todo mundo vinha atrás de mim e ninguém brigava comigo.

O material gráfico do encontro

Quando o Spetto voltou, começamos a fazer toda a parte gráfica. Tínhamos que arrasar e ele era muito bom. Falei para ele

²¹⁰ O termo dialoga com as referências dos estudantes de arquitetura. Vem de uma dança tupi, desenvolvida pelos índios que detinham o conhecimento da construção de ocas para comemorar a finalização de uma obra e adorar aos deuses. Sempre é realizada em trotes e encontros estudantis dos quase arquitetos e nos

encontros regionais e nacionais, onde estudantes se encantam com a criatividade do evento em todos os detalhes Disponível em <https://revistagambiarra.com.br/site/danca-diferente-do-berequete/>

Acesso em 7 set. 2020.

que nós, que tínhamos colocado aquele pessoal novinho na situação de pressão, tínhamos que ajudar. A essa altura, ele já devia estar no terceiro ano, porque quando ele me ajudou na tese, ele estava no segundo. Nos ENEAS nunca existiu antes aquela qualidade gráfica. As pessoas recebiam o material - o caderno de patrocínio, a convocatória, o cartaz - e achavam uma coisa do outro mundo. Naquela época, a impressão era sempre preta sobre alguma cor ou branco sobre alguma cor, mas o Spetto usou três cores, o que era inesperado, um marco. Fizemos uma coisa artesanal, em serigrafia colorida - imagina! - e mandamos para todo mundo. Era fatal. A gente se matou para fazer, mas fez. Então isso já começou a criar uma expectativa nas pessoas, apesar de ser em Santos. Quando elas começaram a ver o material gráfico perceberam que as oficinas do encontro eram muito conceituais: todo mundo que escrevia a oficina tinha que mostrar por quê. Criamos cinco temas, os mesmos dos workshops: cidade, arquitetura social, memória, patrimônio e educação. O Spetto escrevia muito bem e era bem conceitual. Era tudo muito forte conceitualmente. Tanto que entrou para esse negócio de vídeo.

Cláudia: Acredito, porque foi o Spetto que encontrou a citação do Bruno Zevi que fala da arquitetura do lado de fora. No caderno tem esta citação do Bruno Zevi e uma da Lina Bo Bardi, sobre arquitetura social e o papel do arquiteto

Edgard: É, deve ter sido ele. Acho que o ENEA Santos foi em 95, pois ainda estava no Tibá, onde fiquei de 1993 a 1996. Entrei na FAUS em agosto de 1988, mas resolvi ficar um ano a mais, para poder fazer aquela tese e me dedicar às ações que eu estava fazendo pelo Brasil inteiro. Encerrei as matérias e fiquei só com a tese, por isso

em vez de me formar no meio de 1992, me formei em 1993. Este ENEA foi um bom formador. O Rodrigo trabalhou nele, a Natasha, já a Mariana acho que estava mais aproveitando, porque era o primeiro ano dela na FAUS. Mas essa geração bem novinha, que ainda estava no segundo ano da faculdade, já caiu para dentro. Sou bem mais velho que o pessoal do Elos. Dez anos mais velho que o Rodrigo, que é o mais velho de lá. Ele é mais velho que a Natasha, que é mais velha do que a Mariana e que a Tais, que é mais nova ainda. O Alê Esteves estava na classe da Natasha, mas ele também é mais velho. Não tenho certeza se ele também estava junto nessa época. Ele entrava no D.A e ficava ouvindo tudo.

O IV ELEA (São Paulo, 1993)

No ELEA São Paulo foi uma boa experiência, antes do ENEA Santos. Eram esperadas quase cinco mil pessoas. Geralmente o país anfitrião organiza tudo, mas nós fizemos cada país organizar dez oficinas, como forma da Federação Latino-Americana ficar mais conectada. Na época, tinha muita briga política, um país que não gostava do outro, e achamos melhor organizar juntos, de verdade, porque os Conselhos Latino-Americanos existiam só para fazer tipo, só para constar. Na realidade, todo mundo só ficava exigindo do coitado do país sede. Não é legal, assim. Parecia comitê olímpico! Por isso pensei que talvez não desse para construir o encontro inteiro juntos, mas as oficinas são a parte mais complicada. Fazer oficinas legais é muito caro! Então propusemos que cada país trouxesse e bancasse suas oficinas e seus palestrantes, porque se não ficava muito custo para a gente. E foi um sucesso. Os encontros latino-americanos eram de 2000 a 1800 estudantes. A gente estava esperando três mil pessoas para poder

arrasar entrar para a história e lotou. Fez um boom de última hora e reunimos cerca de 4.800 estudantes na FAUUSP. Bombou e nós quase nos ferramos! O reitor queria botar a gente para fora.

Claudia: Eu soube. Quebrou muita coisa?

Edgard: Não, não quebrou muita coisa. Foi pouca.

Acho que bombou só pela forma como estava sendo organizado, porque São Paulo não era muito atrativo. A gente fez tudo com tão pouco dinheiro. O espaço não comportava tanta gente e quebraram algumas coisas, o reitor queria tirar a gente de lá, mas não foi muita coisa, não.

Claudia: Edgard, você acha que entrou tua experiência de esportes, nisso que você está chamando de design de eventos ou design de metodologia?

Edgard: Boa, vou responder. Não, esporte não. Na minha tese eu pensei bastante e veio toda a minha trajetória, de como eu fui me construindo para ser esta pessoa que eu sou agora, que tem coragem de fazer o que eu faço. Eu levo um monte de jovens na favela e tenho certeza de que ninguém vai morrer. E ninguém tem coragem de fazer isso. No Reviver, eu fazia isso mesmo com eles, mas eu era mais velho, formado, se alguém fosse ser preso esse alguém era eu. Ou no Museu de Pesca, quando eu pensava: “esse negócio pode cair!” Aquelas vigas todas, a baleia pendurada, o piso de vidro, se alguém perguntasse: quem é o responsável, não seria o Rodrigo, a Mariana, a Natasha, que estavam no segundo ano da faculdade. Eu segurava este peso. O vôlei não me ajudou no design, o ingrediente do vôlei nisso tudo foi a ousadia. Eu nem tinha o *building* de grupo, que foi do Tibá e da FeNEA. O vôlei me dava coragem, me deu esta fibra que na hora de dar medo, de querer fugir, não dá medo, ou se dá, vai com medo mesmo.

sempre me deu essa coisa de multidão, não ter medo da cidade, do jornal, da televisão. Com 15, 16 anos, eu jogava com três mil pessoas gritando contra mim, o meu nome. Acho que a contribuição do vôlei foi essa. Escrevi sobre o vôlei na minha tese de pós-graduação em jogos cooperativos, na UNIMONTE. Foi na turma 2, não lembro o ano, talvez em 2002, mas já estava trabalhando no ELOS. Agora já deve estar na turma 20, mas a coordenadora - Eliane Rossetti - tem esse documento, onde falo também um pouco da minha infância e do Guerreiro Sem Armas (GSA).

Cláudia: Você estudou no Vila Rica. Li nas entrevistas que você deu no *Museu da Pessoa* e entendi um pouco como você é, esta parte antiga. Eu procuro me preparar para não dar trabalho para as pessoas (risos).

Edgard: É, doutorado é bom para isso. Mas fechando, então, as greves da FAUS, o ELEA São Paulo e o ENEA Santos foram a minha escola de teste de coisas em larga escala. E o ELEA Chile também. Eu mandei por exemplo, um bando de gente para lá, sem estar lá para coordenar. Dá medo. E se dá um pepino? Os coordenadores do ENEA Santos eram todos do primeiro ou segundo ano da faculdade. Então o pessoal do Brasil inteiro perguntava: “Como é que vocês sabem como entrar na favela? Eles controlavam tudo, “hoje vocês vão fazer isso”, depois aquilo, mas já estava tudo ‘gameficado’, criado, preparado. Já era uma coisa de ações reais. Eu coordenava à distância, ligava para lá, dava as diretrizes: Mas no ENEA Santos todo mundo ainda entregava o resultado como projeto. Era uma semana de ação, que gerava a entrega de um projeto para a comunidade. Nem o HABIATFAUS fazia isto em uma semana, nestes lugares todos. Só que eu sabia que iam ser os melhores alunos do Brasil. Eram

vários grupos, tinha a questão da inscrição e a gente fez toda essa coisa de sacanagem, de propósito, e aconteceu exatamente como imaginávamos. Todo mundo chegava comentando: “Aí, você não sabe o que aconteceu lá na comunidade!” E as pessoas nos xingavam, porque todo mundo queria ir e não podia. Fizerem até greve na entrada dos ônibus e alguns falavam: “este aluno já foi ontem, agora tem que dar oportunidade para outros! Democracia”. Mas como eu era muito popular e muito querido, argumentava, com aquela cara de Ricardo Olivéros: “mas vocês tinham que se inscrever”. E eles argumentavam: “Ah, mas ninguém leu!” e eu respondia: “Mas tinha que ler! Você vai no ano que vem, vai ter novamente em outra faculdade, porque isso realmente vai virar tradição!”

Cláudia: Isso deve ser importante, porque você, Natasha e Mariana mencionaram. O Alexandre me disse que, depois do ENEA Santos, ninguém mais fez ENEA sem ter ações do lado de fora, nas comunidades. Disse que virou tradição.

Edgard: É, nenhum outro. Foi uma virada total. E eu vivi isso e fui embora. Não vivi tanto o pau que eles tiveram que enfrentar nos CONEAS e nos COLEAS. Existia todo um processo em cima deles: “vocês estão loucos, as pessoas vão morrer!” Era uma pressão pesada. E quando eu não ia, era mais pesada ainda. Então, quando eu percebia que eles estavam quase desistindo, eu ia. Fui em dois CONEAS aquele ano. E a cada dois meses tinha um. E todos pressionando-os para não fazer do lado de fora. Então junta tudo isso e vem o reviver.

O legado do EMAU Reviver

Cláudia: Pelos documentos que encontrei, pelo que li, acho que se não tivesse havido o Grupo Reviver, não poderia ter havido o

Instituto ELOS, me parece, pelo que eu li, que foi uma transposição direta, inclusive pelo que o Alexandre Esteves - que eu considero uma referência - me relatou.

Edgard: É, foi direta. Sem o Reviver não teria havido Elos. O Reviver até que merece uma atenção boa, porque a gente nunca deu. Nós pulamos tão direto para o Elos, mas o Reviver foi muito poderoso. Na verdade, o nome do Grupo Reviver foi o Renato que deu, além de criar o logotipo, uma mandala. A ideia, acho que veio da Natasha e de uma outra menina da sala dela, ou mais avançada. Acho que a Mariana não estava no começo.

O Museu de Pesca de Santos

A Natasha, que é bem CDF, soube da história do museu de pesca estar detonado, com cupim, e teve uma reunião em que o Rotary Club chamou ONGs no próprio museu e fazer a campanha com o Rotary, aquela estória dos “dois reais é pouco” Essa época a Natasha que viveu, eu estava no Tibá (1:02:00) Sei que tinha umas pessoas do D.A. FAUS na época. a Natasha, a Glauce e o Rodrigo, que se não estava no começo, mas entrou logo depois. Elas participaram da reunião do Rotary com o pessoal das ONGs. Eles fizeram um selo para vender, mas só rendeu R\$10.000, um dinheiro que só dava para pintar a fachada do museu de branco. O Rotary já imaginava que não ia pegar dinheiro para reconstruir o museu, mas queria fazer uma pressão, para sair no jornal, na televisão, para o Covas, que era santista e governador na época, fazer alguma coisa, o que não rolou. E acabou que foi morrendo. Mas a Natasha agarrou isso e os diretores – Antônio Carlos Simões e Roberto - viram.

O diretor do Rotary era da família Smolka, proprietária do Colégio Carmo. Era meio rude, grosseiro, e chegou mandando, questionando como os diretores do museu

tinham deixado a edificação chegar naquela situação, chegou muito crítico. Como os diretores ficaram temiam que ele dominasse tudo - porque chegou ocupando o espaço - deram força para a Natasha e para as meninas do D.A. da FAUS. Perguntaram se elas queriam fazer um projeto para o museu. Como a intenção era ter mais entidades fazendo, ter um coletivo de entidades, penso que o convite foi para dividir um pouco o poder do diretor do Rotary. Até onde eu lembro, ele pediu para elas fazerem um projeto de mobiliário e elas vieram me chamar. Eu não estava lá, estava no Tibá e ia estudar na Alemanha. Penso que foram me chamar por causa do ENEA Santos, porque eu que treinei o grupo quando eles eram muito novinhos e ajudei a coordenar as atividades nas comunidades. Mas foram eles que coordenaram os workshops., quando todo mundo, mesmos os mais velhos, morria de medo de fazer ações nas comunidades, inclusive os professores. Na verdade, eu já sabia que tinha que ser gente que não sabia o que estava fazendo para dar certo. Como eles eram todos mais novos e não tinham ideia de como era difícil, ficou fácil para eles fazerem. E eu já tinha o design de como fazer a coisa de uma forma que eles mesmos tivessem a resposta. Não precisavam ser professores, só precisavam dar a missão-gincana e ter a resposta. Dá a missão, vai e faz, depois volta para se sentar junto e conversar, e vai adquirindo conhecimento. Muito conhecimento do ELOS veio deste lugar, do deixar fazer. Esse é um processo de aprendizagem, não de 'ensinagem'.

Cláudia: Tem Freire na sua história?

Edgard: Nunca li, mas todo mundo fala que é puro Paulo Freire o que eu faço. Tenho vontade de ler, mas mesmo sem ter lido, já sou fã dele. Acho que muito desta forma de

fazer veio de mim mesmo, da minha experiência, da experiência com meu pai, que vivia me jogando em comunidades caiçaras. A minha infância trouxe isso. Também convivi muito com o pessoal de fazenda, interior, mutirão. Já percebia que estas pessoas eram tudo, menos ignorantes, eram muito sábias. Era fã delas, pois tinham muito conhecimento, a escola que nos adestrou a achar que eles eram ignorantes e a gente é bom. Mas eles sabiam muito mais do que o pessoal da escola. Sabiam sobre lua, sobre maré, sobre como educar uma criança corretamente.

Como eu tinha muito conhecimento com eles desde criança, reconhecia que havia um saber incrível lá e sabia que eles são tudo menos miseráveis. Por isso, na hora deles irem para a comunidade, como era eu tinha que desenhar, falei: vão aprender com eles. Não falei como aquela professora que os vê como coitados, nem como o médico, que pesquisa quantas pessoas apanharam, quantas crianças morreram. Eu tinha esse olhar positivo, por isso disse: vão olhar o que é maravilhoso neles! Foi o que eu fiz no teste final da minha tese, que fiz na favela. Eu já fazia a entrevista desse lugar, do sonho. Então só de eu falar a partir deste outro lugar, as pessoas já se transformavam, contavam outras coisas, menos a miséria delas. A minha tese foi solitária, não tinha ninguém lá comigo. Ouvi histórias, memórias, ouvi sobre a tradição dos enfeites. E esta abordagem teve participação do Célio Pimenta que foi meu professor de história da arte na FAUS. Tenho que citá-lo.

Claudia: Ele é marido da Selma Pimenta, que dá aula no programa de pós em educação que eu faço na UNISANTOS. Já fiz disciplinas com ela.

Edgard: Era o cão, a versão masculina da Ana Helena. Terrível! Pior que ela. Ele, no primeiro semestre, dava notas baixíssimas para a metade da sala, 1,5 e zero. E ninguém conseguia discutir com ele. Ele tinha uma fama de mau! Acho que ele se divertia tirando um sarro da nossa cara (risos) e ninguém, nem a reitoria, conseguia discutir com ele porque ele bombava todo mundo. E tem mais, ele não dava aula expositiva. Dizia: “leiam e as pessoas acabavam lendo, porque tinham tanto medo dele. E quem não lia, tomava zero. A Ana Elena também era assim, dava notas bem baixas.

O Celio ele fez...eu estava no meio da faculdade e já tinha esta coisa de ir para fora por causa dos ENEAs, e teve uma hora que a gente quis fazer uma exposição no São Francisco. Eu uso isso até hoje, que ele me deu. Então, eu comecei a testar com a gente mesmo, criei um grupo – eu, a Márcia e o Caio Ribas e mais três pessoas – e chamamos uns jornalistas e declaramos que íamos fazer a exposição, e *A Tribuna* colocou em destaque. só que não tínhamos dinheiro e fomos correr atrás de patrocínio. Nós pensamos: “vamos colocar no jornal, porque aí a gente tem que fazer, se não vai pagar o maior mico!” Acabou que não conseguimos patrocínio e não fomos, mas tentamos até morrer! (risos). Mas esta coisa de se jogar foi interessante. *A Tribuna*²¹¹ queria que a gente escrevesse, fizesse um ‘tempo a tempo’ para eles publicarem no jornal. Primeiro Celio nos perguntou se era sério que nós íamos fazer, e depois levou a gente para a sala e falou: “Anotem”. E deu umas dicas, a partir de um projeto dele: Os temas eram: adornos, encontros e tribos...Ele nos aconselhou registrar tudo o que fosse decoração,

desenhar os enfeites do jardim, da porta, aonde fosse. Fotografar e desenhar tudo. “O desenho é bom porque vocês têm que observar, ficar um tempo lá”. Na questão das tribos, sugeriu que observássemos como e onde as pessoas se reuniam, mas todo tipo de reunião, até em volta da mesa do bar, e registrássemos. E tinha um terceiro ponto, que achei muito poético. Depois eu chamei de *Tribos, Ritos e Territórios*. Ele repetiu: “registrem, registrem”, mas só falou isso. E tudo sem olhar no nosso olho, depois coçou a barba e parou. Claro que a gente queria mais informação, porque estávamos indo sozinhos para longe fazer isso, mas ele disse que era só, e quando ele parava, era melhor ir embora. Mas mesmo o Célio ajudando, não deu mesmo.

Edgard: Quanto ao Reviver, o grupo merece um estudo bem legal sobre tudo que a gente fez, as técnicas, como desenhávamos os workshops. Acho que nunca foi feito.

As bases da metodologia do EMAU Reviver

Cláudia: De tudo o que eu li sobre o Grupo Reviver, o ponto central mais obscuro é a questão da metodologia. Eu tive acesso ao caderno de metodologia do ELOS, que basicamente replicava os sete passos da filosofia, transpostos para a metodologia. Mas acho que aquilo é muito pouco, perto do que vocês conseguem como resultado. O que que você pode me contar sobre isso?

Edgard: Eu posso falar mais. Agora eu posso falar mais da metodologia. É muito empírico, muito intuitivo, e tem uma parte que não é deles, por exemplo, o design da metodologia do Reviver fui eu que desenhei e eles a viveram e assimilaram ela e estas coisas que eu ia desenhando vinha

²¹¹ Principal jornal impresso de Santos, na época.

muito d que eu vivi. Na metodologia do ENEA Santos, eu desenhava o que estava por trás e mostrava para eles o que era mais fácil de fazer, o que estava na superfície, para eles não ficarem com medo de não dar conta de tudo isso aqui. Por exemplo, hoje em dia, como eu desenho? Como vou codificando isso? Talvez você vá encontrar um pouco disso na minha tese de jogos interativos, mas lá fiquei ainda muito na metodologia do ELOS. Esta coisa do *Olhar, Afeto, Sonho, Cuidado, Milagre, Celebração, Re-evolução*. Eu que fui cunhando isso, a partir de uma coisa que as comunidades falavam: “vocês têm um olhar diferente”. Entendi que se eu explicasse desse jeito, todas as pessoas iam entender o que fazíamos, e fui cunhar este design. Antes a metodologia do GSA não era isso. Era *Percepção, Informação, Reflexão, Proposição e Ação*. Se você pegar o primeiro GSA tinha a *Semana da Percepção*, a *Semana da Informação* etc., herança que veio de um amigo da Marcia Gouveia que desenvolveu um trabalho em Brasília, onde teve contato com um japonês era incrível com dinâmicas de grupo. Acho que se chamava Sato²¹². Se precisar eu pergunto para ela. Na época, eu acompanhava também o trabalho de uma

amiga minha - Alexandra Reschke²¹³, que foi ministra de Patrimônio da União, diretora de habitação em Santo André e coordenava mutirões na época da Erundina. Veio do Rio Grande do Sul, era jovem e muito poderosa.

Cláudia: Mas quem será este Sato? É japonês!

Edgard: O japonês entendia de dinâmicas e fazia umas coisas meio fora da caixa. Parece que, naquela época, eram muito comuns trabalhos de grupo e, segundo Sato falou para a Marcia, que trabalhou com ele, que qualquer coisa que o ser humano faz, ele passa por cinco estágios. Primeiro você percebe, depois se informa, aí reflete para elaborar a proposta, e finalmente parte para a ação. Então eu usei este *frame* para coordenar todo o processo, quando eu era coordenador do Reviver e propunha a metodologia para trabalhar com eles: *percepção, informação, reflexão, proposição e ação*. Na época eu era recém-formado, mas já tinha quase três anos de prática no Tibá e voltei porque eles pediram para eu coordená-los no museu. Na verdade, a Natasha pediu. No início estávamos em três, mas o grupo foi crescendo até chegar a quase 60

²¹² Ademar Kyotoshi Sato (29/01 1942). Estudante de Economia e Direito, participa dos movimentos estudantis, da ação católica universitária (Teologia da Libertação) e, com o Golpe Militar, exila-se no Chile, onde é preso e levado a um pelotão de fuzilamento. Solto em seguida, retorna ao Brasil, é preso novamente na Bahia e retorna a São Paulo, no início dos anos 80, onde dá aulas na PUC/SP, envolve-se com o movimento pelo novo sindicalismo no ABC Paulista, com a CUT e com o PT. Em 85, um ex-aluno assume como Ministro do Planejamento e o convida para morar em Brasília, onde acaba colaborando em 1995 com Cristovam Buarque no Governo do Distrito Federal. Em 1998, tornou-se monge budista,

após concluir estágio nos mosteiros de São Paulo e Kyoto, Japão. Hoje atua no Templo Shin Budista Terra Pura, em Brasília.

²¹³ Alexandra Reschke atuou em políticas públicas de acesso à terra e à moradia por 30 anos, optando pela governança colaborativa. Colaborou com a criação da política de urbanização de favelas em Santo André, que se desenvolveu em três períodos. O primeiro corresponde ao primeiro mandato de Celso Daniel (1989 a 1992), o segundo devido à interrupção dos trabalhos durante a gestão Brandão desenvolve-se de 1997 a 2008 e o terceiro após 2008. Inicialmente trabalhou como assistente do Zóccchio, assumindo depois a diretoria. Escreveu um livro intitulado “A flor da cura”, onde relata como venceu um câncer.

peças. Então fui estruturando. Foi meu primeiro exercício, onde eu juntei tudo aquilo que eu sonhei, que eu vi e que fiz na FeNEA. E agora o que eu faço aqui com eles, aqui?” Era o meu teste, por isso não fui para Alemanha. Naquela hora eu pensei: “Esses moleques podem entregar este museu pronto e eu posso provar que o jovem pode ser muito poderoso”. Atualmente, do jeito que venho percebendo o que eu desenho, o que estava por trás disso era como eu poderia libertar o poder natural dos jovens. Então, o que está na metodologia? Eu não invento, eu observo coisas que já existem: em que lugares os jovens já são poderosos? Em que situação eles dão conta de coisas que ninguém nem imagina? Em que lugar que aquilo que a gente quer que aconteça já acontece? Isto eu penso para jovens, crianças, executivos, em qualquer jogo que eu vou fazer. Esta é a pergunta que me faço primeiro hoje em dia, depois de muitos anos de trabalho e saindo deste sete passos do Elos, eu fecho em 4 passos: *fast, free, fun e fantastic*, isto é rápido, divertido, sem botar a mão no bolso e o resultado tem que ser espetacular! Por trás de todo o design que eu faço, desde a faculdade, o que eu já fazia para o pessoal querer ir às assembleias e nas viagens da FAUS? Para a gente conseguir público, tinha que acontecer alguma coisa fantástica lá. Hoje eu fecho nestes quatro efes, porque é mais fácil, mas quando na faculdade, pode até ter mais alguns efes. Se fosse para fazer alguma coisa no centro da cidade, tinha que ser gratuito. Todo mundo pagava faculdade, mas não pagava para ir ao centro. Logo percebi que, se tivesse que pagar, as pessoas não iam. Hoje, se eu faço um convite que seja

rápido, divertido, que não precisa colocar a mão no bolso e o resultado vai ser épico, todo mundo vem. O Carnaval é assim, a Festa Junina é assim, o mutirão é assim. Quais são as situações humanas e que qualidades essas ocasiões têm que fazem as pessoas se engajarem e querer fazer?

Cláudia: Então são estes quatro efes – *fast, free, fun, fantastic* - que estruturam a sua metodologia de uma forma geral?

Edgard: É isso que estrutura a minha forma de agir no mundo, os meus convites. E se você olhar nos Guerreiros sem Armas, tem isso. Em um mês você tem que construir alguma coisa naquela comunidade. E no Oasis também. Não pode colocar a mão no bolso e o resultado tem que ser épico. Então, é fantástico. E tem que ser grátis, porque a gratuidade te coloca em uma situação fora do comum. É outra atmosfera. Porque parece impossível, é milagre.

Cláudia: A gratuidade tem este poder. É como a verdade, que em si já tem esse poder...

Edgard: Exato. São essências humanas. São chaves, na verdade. O rápido e o divertido são chaves que *Unlock the human spirit* – é que em inglês é mais fácil de falar, mas enfim – abrem, destravam, liberam o espírito humano, o potencial humano, o maior poder humano.

Porque a educação te travou, a sociedade te travou, tua família te travou. Você não pode/ você não sabe/ você não tem o suficiente/ você não pertence/ você não é/ você não tem. Todas essas coisas, tudo que você não/não/não vai te travando, te diminuindo. Então, para isso estude/ consuma/ abaixe a cabeça e trabalhe todas as suas horas de vida. Então

quando isto vai tirando todo o seu poder - e mais do que o seu, o nosso poder, porque nós somos seres gregários – quando nos separa dos outros, isso nos diminui e nos deixa facilmente domáveis. Não sei o quanto isso é proposital, o quanto não é. E não importa o quanto é intencional, o quanto foi sem querer, mas eu fui aprendendo. Mas eu acho que tem muita gente que sabe disso. A televisão faz isso com você: ensina a ter para ser. (1:20:20) Então, ou você se rende a isso – porque sozinhos não temos força para nos opor – ou você tem essa força e se opõe - mas a tua comunidade toda em volta acredita nisso. E, como somos seres gregários, você pode até não se render a isso, mas vai achar sempre que está traindo. Vai conviver sempre com o peso: “estou traindo a vontade do meu pai, da minha mãe, estou traindo meus amigos”. É como se eles te dissessem o tempo todo: “você podia estar muito melhor, você não se concentra.” Ou seja, você paga um preço social por isso ou se isola.

Edgard: Você está me entendendo?

Cláudia: Estou! É verdade! Não tenho televisão

em casa e tem muita gente que não dorme lá porque sem o barulho da televisão não consegue dormir! Pode?

Edgard: Então, como eu comecei a trabalhar com crianças e com adolescentes. tive que reduzir os 7 passos do Elos, porque era muita coisa. No começo era só *fast, free e fun* – rápido, divertido, e sem botar a mão no bolso. Depois é que eu percebi que faltava o fantástico, porque tinha que ser uma aventura épica. Como assim, fazer uma praça em um final de semana? Não dá! Mas aí a gente vai lá, dá aquele gás, e faz o milagre. Se eu te chamar para fazer

isso é um sacrifício, um sofrimento, você vem? Não! Tem que ser divertido! Gincana, mutirão, Carnaval. É farra! Como a gente consegue dançar oito horas seguidas à noite, e ninguém fala: “DJ por favor, dá um tempinho, espera um pouquinho para eu descansar!”. Você vai, se senta um pouco, mas de repente toca aquela música que você gosta e lá vai você de novo. O que é que tem, ali na festa, que faz você ir além? Quais são as qualidades do humano que fazem você transcender? Porque meu compromisso sempre foi salvar o mundo. Como é que a gente salva Biosfera dessa praga que nós somos? Se a gente estiver na nossa melhor versão, na versão melhor de nós mesmos, a gente não é essa praga. Então, se eu olho para trás e vejo - é muito intuitivo - o que que eu estava fazendo quando fazia greve na FAUS? O que eu estava fazendo quando observava os ENEAS? Por que me chamava a atenção o Xexéu fazendo os bonecos? Por que eu queria fazer coisas fantásticas? Por que no ELEA queria fazer uma abertura mágica para mostrar que a gente é América todo mundo junto? Por que que eu convidava indígenas, caiçaras, quilombolas e poetas para falar nos encontros, quando todo mundo só queria ver arquitetos famosos? Eu e a Silvana começamos a insistir que tinha que chamar poetas e músicos incríveis, que falam sobre o espaço, sobre o humano, sobre a sociedade, para abrir nossas cabeças como arquitetos, porque o arquiteto é plural. Antes, era só arquitetos famosos que chamavam. E até hoje nos encontros e congressos de arquitetura, o que é que a gente vê? No máximo um antropólogo, um sociólogo, o resto...

Cláudia: Ou um geógrafo, minha formação de mestrado é em Geografia. Adoro Geografia.

Edgard: É uma delícia! eu comecei a gostar por causa do Milton Santos

Cláudia: Fui aluna dele, na Geografia da USP. No meu texto da qualificação tem uma citação dele que tirei do POEMA. Quando meu orientador fez a leitura fez uma observação: “sensacional”

Edgard: Que demais!

Cláudia: Nela o Milton diz que não existem comunidades excluídas, o que existe são comunidades perversamente incluídas. Você Lembra disso?

Edgard: Não.

A transição do POEMA para os SeNEMAUS

Cláudia: Você ajudou a escrever ou participou do POEMA de alguma forma?

Edgard: A redação foi em Recife?

Cláudia: Pelo que eu sei, começou em 1994 e terminou com a publicação, quando pararam de atualizar, foi em 2007.

Edgard: Em 2007 eu não estava, mas em 1994 eu podia estar, porque eles me chamavam para todos os eventos e o encontro dos EMAUS em 94 foi em Recife, e eu estava desenhando.

Cláudia: Você foi em muitos SeNEMAUS? Ou quem pegou mais foi a segunda geração? A geração do POEMA é a primeira, não é?

Edgard: É sim.

Cláudia: Você pertence, teoricamente, à primeira geração...

Edgard: Sou de antes da primeira. A primeira foi a dos EMAUS, que o Alexandre já estava, não é?

Cláudia: É, o Alexandre participou da FeNEA em 1999, na Regional São Paulo, como Rodrigo na Diretoria Geral, e depois da diretoria de eventos internacionais...

Edgard: É, eu e o Alexandre estávamos juntos na organização do Encontro Latino-Americano que rolou no Chile.

Cláudia: No X ELEA, realizado em 2000, em Concepción? **CONFIRMAR.**

Edgard: É, este ELEA teve estas histórias todas, que eles já te contaram.

Cláudia: O Alexandre Esteves acha que o POEMA se tornou obsoleto depois que começou o movimento dos SeNEMAUS. A partir de então as pessoas começaram fazer e discutir juntas, a trocar experiências diretamente e a documentar, gravar os SeNEMAUS. Depois faziam cadernos, publicações mais curtas ou vídeos, e ninguém mais queria mexer no POEMA. Depois que os SeNEMAUS pegaram mesmo, o POEMA funcionou mais pelos princípios e o “como a gente vai fazer”, todos os escritórios trocavam e aprendiam nos SeNEMAUS.

Edgard: Ele é autoridade nisso, porque eu não estava mais na FeNEA. O pessoal me chamava para todos os encontros por causa das dinâmicas, porque o Tibá era famoso. Mas eu só ia fazer as dinâmicas - eu e a Márcia Gouveia - ou o design do evento, cocriar o evento. O Alexandre sempre me chamava. Quanto a metodologias, a gente tinha muita valorização, por criar encontros muito humanos, fazer o pessoal se conectar, se apaixonar pela experiência. E por fazer tudo durar. Eram grupos que ficavam e duravam, não saíam. Isso vinha muito da gente do Tibá. Já existia na gente antes, e depois do Tibá, mais ainda. Santos ficou muito famoso na FeNEA por causa disso. Tanto é que todos eles viravam diretores gerais ou vice-presidentes.

Reviver e ELOS: Conexão entre metodologias

Cláudia: Na qualificação eu faço essa conexão histórica entre as descobertas do grupo. Acho que tudo começou no ENEA Santos (1995), que levou as descobertas do Museu de Pesca, que levou à oficialização do Reviver (1998) e às ações em comunidades, que levaram à criação da Universidade Aberta de Verão/GSA (1999/2000). Depois, como resultado de tudo isto, criaram o ELOS (2000) e a coisa foi dando resultados cada vez melhores, crescendo em espiral, a partir da experiência daqueles resultados anteriores. Este continuum crescente é importante, porque aqui, no Brasil, a gente tem a sensação de que a roda está sempre rodando para trás, e isso cansa. Então, quando a roda começa a rodar no sentido certo - como se fosse a Roda da Fortuna, quando você sai de fora e começa a rodar perto do eixo, que a roda não fica passando mais por cima de você - o alívio que isso provoca, o descanso, que paz que isso dá! E esta sensação boa te dá energia para fazer as coisas, para continuar fazendo, por que você não está mais dando murro em pedra...

Edgard: É. Tudo era amarrado. Para mim era assim: a FeNEA mostrou uma boa parte, mas o Tibá tinha essa coisa da gente ir construindo rápido! E destruindo! A gente quebrava a casa, depois reconstruía e tudo andava! Isso é muito inspirador. E os mutirões também. Uma vez fiquei uns três anos trabalhando na Associação dos Cortiços do Centro de Santos, eu e o Alexandre, depois ele desistiu e eu fiquei. foi barra. O Rodrigo, que sempre tem umas perguntas boas e umas aberturas boas também, foi lá e falou: “O que é isso? Escreve isso para

gente poder continuar, se você parar, se for embora, não sei o que fazer”. Eu achava que toda a nossa metodologia era nossa. A gente foi desenhando juntos, fazendo as coisas juntos. Ele falou para escrever a metodologia que eu estava usando com os meninos dos cortiços, pediu porque eu já estava conversando de ir embora e ele já estava percebendo. Então tomei um susto. Por causa desta fala dele, comecei a entender que eu poderia estar fazendo alguma coisa de diferente. Perguntei: como assim Rodrigo? Mas fui olhar e vi. É verdade, a gente não está fazendo isso aqui da mesma forma. Tinha muita coisa que eu improvisava. Desenhava, mas chegava na comunidade, fazia diferente. Fazia como no Guerreiros sem Armas. O que acontece ali você tem que fazer girar. Ainda achava que era a nossa metodologia, mas quando vi que meus amigos ficaram espantados... porque ninguém domava os jovens de lá, nem os pais deles. Ninguém conseguira tirar nada dos moleques do cortiço e, de repente, eles começaram a fazer teatro, praça, centro cultural, mas tudo rapidinho e abundante.

Nos primeiro GSA a Natasha teve muito problema na comunidade dela, porque a gente tinha que se dividir. Ela foi coordenar um bando de gente fera que tinha pagado para vir - durante um mês, porque não era uma semana, como no ENEA - e teve muito pau. Parece que o grupo da Mariana que foi mais fácil. Ela ficou com o Rodrigo na Ilha Diana no primeiro ano, a Natasha e o namorado dela, acho, na Praia do Góes. Eu e o Alexandre Esteves no Dique da Vila Gilda, porque lá era um lugar mais perigoso e ninguém queria bancar aquilo. E como minha tese foi lá, nós fomos. Foi assim

que comecei a perceber que eu tinha alguma coisa que faz falta. As vezes o pessoal ainda fala: “não é a mesma coisa sem você, Edgard”. Mas a metodologia está lá, está bem consolidada e se espalhando no mundo inteiro. Depois, passei a mesma metodologia para o OASIS em 2003, [Checar] quando fiz a pós-graduação em jogos cooperativos.

Jogo Oasis: Uma compactação do GSA

Cláudia: Acho que o jogo Oasis é o que eu menos conheço do ELOS. Tem muita coisa disponível sobre o Guerreiros sem Armas, mas sobre o Oasis não encontrei quase nada.

Edgard: Sobre o Oasis, você vai descobrir mais segredos se tiver tempo de me entrevistar. Como nasce o Oásis? Fiz a pós-graduação em jogos cooperativos, depois a *Projeto Cooperação*²¹⁴, que é uma das maiores empresas do Brasil neste ramo, me chamou para trabalhar lá. Ela que coordena a Pós-graduação em jogos cooperativos da UNIMONTE, O *Inácio SOBRENOME*, maior expertise do Brasil e CEO da empresa me chamou, chapado com a minha pós e com minha tese. Na época que eu fiz só tinha em Santos, depois passou a ter também em Florianópolis e São Paulo, e em Brasília e no Rio de Janeiro, onde tem até hoje. A empresa chegou a ter cinco cursos de pós-graduação no Brasil. Quando eu fui para lá eles tinham oficinas de dois dias que eram muito poderosas para mexer com as pessoas. Depois, as oficinas foram para 8 horas e em seguida passaram para quatro horas, e as pessoas se transformavam totalmente. Aí eu pensei: o Guerreiro sem Armas e muito caro, só fazemos uma vez por ano, gastamos muito e, depois, não temos

dinheiro para a ONG sobreviver o resto do ano. Nós também tínhamos o escritório, fazíamos projetos de urbanismo que eram bem legais, mas não dava para todo mundo sobreviver do social. Nesta época estávamos nós cinco: Rodrigo, Natasha, Mariana, Alexandre e eu. Fui o primeiro que não aguentei, larguei o escritório e fui para a favela. Mas continuei com eles o tempo inteiro. Depois o Alexandre também largou. Nós dois queríamos fechar o escritório, mas as meninas - que eram mais responsáveis - diziam: “não, não pode”. Nosso escritório tinha criado um nome, porque no começo a gente estava fazendo uns projetos bem legais em Santo André e em São Bernardo, que os professores passavam para a gente. A gente até fazia as maquetes, os projetos, *brain storm*, mas não queria ficar tocando projeto. Um dos projetos foi premiado. Era um sucesso, nos primeiros anos de faculdade, mas elas também estavam querendo vir para favela! No final, ficaram as duas tocando o escritório para sustentar todos nós. O Rodrigo também vinha para a favela, tentava fazer o meio de campo, mas trabalhar, não trabalhava. Então Natasha e Mariana estavam me sustentando, indo para Santo André pegar projeto, quando o meu projeto (Oasis?) começou a ganhar muito dinheiro com as empresas. Peguei o conhecimento deles e passei a colocar no público que podia pagar bem. Na época já tinha empresas procurando a gente, no Elos, mas não queríamos nem saber. Passei a achar que estávamos em crise, porque começamos a discutir e apareceu a possibilidade da gente se separar. Eles diziam que era

²¹⁴ <https://projetooperacao.com.br>

insustentável e eu afirmava: “é sustentável, dá pra ser”. Eles contrapunham: “não, você está louco!” Falei que no Projeto Cooperação já acontecia isso, mas eles não queriam nem ouvir falar no que eu fazia lá, não queriam dar moral nem espaço para a empresa. Acho que estavam sentindo que, um dia, eu ia largar, sair. Eu queria, por outro lado, trazer as novidades todas de lá, mas uma hora cansei de tentar discutir com eles.

Coincidiu que, na mesma época, o Célio Nori, gerente adjunto do Sesc que gostava muito da gente, fez um convite para participarmos da Semana da Cidadania²¹⁵ que ia ter várias atividades programadas pelas ONGs e por coletivos, no SESC Santos e pela cidade também. Um pouco antes o pessoal do cortiço tinha vindo nos procurar para pedir ajuda, mas eu e o Alexandre dissemos que a gente não dava conta de fazer um projeto no cortiço. Lembro que foi emocionante a forma como souberam fazer o apelo. Acho que nos viram no jornal e descobriram onde era o nosso escritório e fizeram o pedido através da Samara²¹⁶.

Claudia: Eu conheci a Samara. Ela é poderosa! Edgard: Poderosíssima. Grande figura, de um espírito! Eu quase disse sim, porque digo sim para tudo, mas como não dava mesmo, eles foram embora. Então, quando o Célio nos fez este convite - aliás, ele é um cara bem legal para você conversar - lá fomos eu e

o Alexandre, porque a gente adorava pôr o pé na lama. (risos) Aliás, o Alexandre também fez a pós dele no Dique da Vila Gilda, algo bem poético. E nós dissemos para o Nori que aceitávamos, mas que não íamos fazer um workshop ou uma palestra, queríamos fazer uma intervenção nos cortiços, que eu já tinha desenhado. E ele gostou. Eu queria usar essa festa, este grande evento que era da cidade inteira, para levar um bando de gente lá para fazer uma construção, um mutirão. E o pessoal do Elos disse: Edgard, você ficou louco. Para fazer este negócio, precisávamos de umas quatro semanas. Tem que passar pela primeira fase, pela segunda fase...” E eu, sempre meio utópico, meio louco, respondi: “eu sei gente, fui eu que desenhei, mas, dá!”. Estava focando no que eu fazia no Projeto Cooperação. Lá o que a gente costuma fazer em dois dias no ELOS, eu fazia em quatro horas. Por isso falei: “em dois dias eu faço”. Então eles me disseram: “vai sozinho!”. E eu fui, mas chamei mais gente: os alunos. O pessoal veio e eu fazia umas reuniões maravilhosas. Como nas greves da FAUS. Eu sabia fazer isto! E comecei a desenhar.

Fazíamos as reuniões à noite, no nosso escritório, e eles ficaram com muita inveja. Aí o pessoal se empolgou: “ai, que demais, a gente precisa entregar isso!”. A data final começou a chegar perto e, no final, a gente fez uma metodologia que era essa (1:37:35)

²¹⁵ Durante o lançamento do Guia de Cidadania em 2001, Célio Nori referiu-se à Semana da Cidadania promovida pelo Sesc santista em dezembro de 2000, que através de exposição de trabalhos, palestras e outras atividades, envolveu mais de 60 organizações da RMBS. Nori afirmou: Esperamos que o Sesc possa ser a

caixa de ressonância do trabalho de todos. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/ano01/0102c030.htm> Acesso em 23 out. 2020.

²¹⁶ Líder da Associação dos Cortiços do Centro de Santos.

Como é que faz o Guerreiro sem Armas em dois dias? Se a gente se organizar, a gente faz, enxuga isso. Temos que conseguir fazer em dois ou três dias o fazemos em um mês, então podemos vender para as empresas, porque elas não querem ficar quatro semanas com a gente. E isso vai vender como no Projeto Cooperação, que é caríssimo. Eles tinham projetos com um valor maravilhoso, mas o nosso também era incrível. Então o Oásis nasce daí. Foi aí que desenhei as cinco etapas do Oásis, as mesmas do Guerreiro sem Armas, menores e empacotadas. Como é que faz para fazer uma fase que durava três dias no GSA, como o olhar, em apenas quatro horas? Ou duas horas? Não precisa mais do que isso! Daí veio a ideia da gincana, onde você tem uma hora para trazer o maior sapato da cidade, e traz. É agora! Sempre me inspirei nessas metáforas. Você tem que ir buscar em algum lugar! Se alguém falou que isso é impossível, eu vou buscar aonde isso já foi possível e o resultado foi incrível.

Experiencia de vida na criação do método.

Mas tem algumas coisas que você não vai encontrar de onde sai, aquilo que sai da minha experiência, por exemplo, Quantos, antes do ELOS, viveram mutirões, quantos e quantas vezes conviveram com comunidades caiçaras? Quando criança eu vivia no meio de índios, de caiçaras, experiências a que meus pais me expuseram...

Cláudia: Porque, quando, de que forma seus pais expuseram você a isso?

Edgard: Nas férias, em fins de semana!

Cláudia: Você morava em apartamento, em Santos, aí nas férias ia dar esses passeios?

Edgard: É, as férias inteiras. Meu pai tinha uma casa no meio do mato, em uma barragem, perto de Parelheiros, do lado da aldeia indígena. Tinha que passar pelos índios para chegar lá. Tinha um monte de japoneses em volta, que plantavam chá e tinham granja. Eles não falavam uma palavra de português e a gente convivia com eles. Era lá que a gente ia passear, almoçar. Tinha essa exposição com o diferente. Às vezes eu ia fazer uma puxada de rede, quando eu era moleque, em Iguape porque meu pai tinha essa relação com caiçaras. Então foi me dando essa experiência de ficar à vontade no meio da favela, com gente muito simples. e a vontade com gente muito rica, e essa diversidade em que a gente foi vivendo me trouxe experiência. E aí veio o voleibol ...

Cláudia: Desculpa, você tem irmãos?

Edgard: Tenho duas irmãs, uma mais velha e uma mais nova.

Cláudia: E elas, que também passaram por essas experiências?

Edgard: Sim, por tudo isso.

Cláudia: Elas têm algum trabalho parecido com o seu? Como foi que elas usaram isso?

Edgard: Elas têm um trabalho religioso. Minha família é testemunha de Jeová, elas fazem um trabalho de pregação, em Santos, indo de casa em casa, além do trabalho social, que também vai muito nessa área. Elas fazem muitas construções de novos salões de reunião e quando tem alguma tragédia na cidade, fazem mutirões para reconstruir as casas. Acho que também vem daí, da nossa infância. (1:42:46). Mas quanto ao ELOS, o que todo mundo viveu bem, por exemplo, foi o ENEA Santos. Ou, por exemplo, essa coisa da percepção, reflexão, ação etc., que foi o design, a

metodologia do Museu de Pesca de Santos, que permaneceu até o fim das obras do museu. Mas a base anterior - do olhar, do afeto, do sonho - eles não tinham vivido.

Cláudia: Então foi depois do GSA que mudou para os 7 passos da filosofia?

Edgard: É, talvez. Os dois primeiros GSA ainda trabalhamos com percepção, informação etc. Só mudou para olhar, sonho etc. quando eu comecei a dar palestras sobre o GSA, para torná-lo público. De tanto dar palestras, fui escolhendo nomes para explicar o que a gente fazia para os diferentes públicos: olhar, afeto. Tanto que, durante muito tempo, foi uma polêmica. A Natasha, que adora teoria, queria dar palpite: “Afeto? Não, não é afeto”. Mas como era eu quem dava as palestras, falei: “você quer ir dar a palestra?” Sei que ela tem pavor de palco! Depois, foi com o milagre. Ricardo Olivéros disse: “não é milagre, não caiu do céu, as pessoas tem que ralar, suar o tempo inteiro para fazer aquilo”. Como era ele que escrevia os textos da gente, era uma briga: “Milagre, não! Me recuso!”. Eu respondia: “Mas ninguém imagina que vai sair pronto. Depois vai ficar famoso, todo mundo vai colar nisso.” E colou.

Cláudia: Soube que vocês faziam umas reuniões de índio, daquelas que tem hora para começar e não tem hora para acabar. Isso devia ser um desgaste muito grande!

Edgard: Era prazeroso. A gente se desgastava, mas não sentia. Tínhamos muito propósito. Eu não saía. Ficamos viciados nisso desde a FeNEA. Os COLEAS são intermináveis! Nós éramos bem treinados, bem adestrados a sobreviver e gostar deste horror. Quem vem de fora, morre. Não entende. É uma cultura que

a gente tem, mas temos que tomar cuidado. Adoramos discutir, discutir, discutir, discutir. Não temos um método de engenheiro, de administrador, que fecha. Deve ser assim até hoje. Talvez não se discuta muito mais, porque se a Mariana falou isto e a Natasha ou alguém mais contestou, a gente já sabe que vai ficar duas horas escutando só os dois, e já fica quieto. Porque aí de você se tentar cortar, falar alguma coisa, então fica mais uma hora quebrando o pau e depois mais duas horas falando só os dois. As vezes tem que entrar mais gente, mas normalmente, o restante fica quieto, melhor não falar nada. Acho que é assim, ainda. Mas a gente tinha resistência a isso. Faz parte da dinâmica.

Jogos interativos e carreira solo

Cláudia: Vocês são amicíssimos até hoje, não é?

Edgard: Somos, mas eu desapareci um pouco, mas é família, família cara. Dei uma cortada porque eu tinha medo de não.... primeiro que eu fui viajar e fiquei dois anos fora

Cláudia: Para onde você foi?

Edgard: Fui dar a volta ao mundo.

Cláudia: e não parou em lugar nenhum, só rolou?

Edgard: Não, rolei, rodei tudo, só voltei no final, mesmo. Mas eu parei porque já achava que estava pouco. Para mim, o GSA estava pouco, o Oásis estava pouco. Eu estava querendo achar uma forma.... Eles queriam me matar. Diziam: “Edgard, a gente está ganhando o prêmio no Brasil inteiro, prêmios internacionais, nossa metodologia ainda é de ponta até hoje, depois de 10 anos!” E verdade, até hoje, para muitas pessoas, inda é. Sempre fui muito inconformado, porque para mim o foco

não é fazer uma metodologia maravilhosa nem servir o mundo da melhor maneira que eu posso. É salvar a Biosfera. O Oásis está maravilhoso o GSA está maravilhoso. Legal! Reconhecimento no mundo inteiro, dinheiro, mas a favela do Dique está maior do que era e a Amazônia, queimando. Eu olhava para isso e falava: “gente não é pra isso que a gente está aqui, pelo menos não é para isso que eu estou aqui.” Eu via assim, mas eu achava que ia atrapalhar. E teve uma hora, foi uma cena, que fez eu mudar total e entender exatamente o que estava acontecendo, o que eu queria! Nas reuniões, eu sabia pegar no pé, botar fogo em todo mundo para a coisa andar. Pressionava até certo ponto, o quanto o pessoal aguentava, mas quando percebia que estava enchendo o saco, parava. Está bom aí. Até que uma certa hora eu falei para o Rodrigo: “não faz sentido isso aqui. Me explica. A gente forma 60 guerreiros por ano no GSA, mas quantos estão fazendo um impacto poderoso? Tudo bem que o GSA mudou a vida deles, isso vai ter impactos sutis, mas quantos estão indo lá e transformando as suas realidades? É um mega investimento que a gente faz neles, e que eles fazem também. Por que só tem ELOS em Santos? Cadê os outros grupos tão poderosos ou mais poderosos do que o ELOS? Até apareceram uns dois ou três, mas quando começaram a surgir, ficamos com medo. Não tem nada que ficar com medo, tem que botar mais times de ELOS no Brasil inteiro, porque nós não damos conta nem de Santos, quanto mais do Brasil! Eram essas coisas que...não eram incoerentes, pois sei que eles são maravilhosos, tem um

coração gigante e fazem o máximo que podem, mas para mim, não dava. Quando começou a vir a internet e eu vi o Projeto cooperação e percebi: tem que ser mais rápido. Com o Oásis mostrei que dá para fazer em uma semana, em três dias ou até em dois dias o que no GSA fazíamos em um mês e foi legal. Foi dito e feito, porque começamos a ganhar dinheiro com ele. O Oasis vai para um lado, para o outro, e faz. Dá dinheiro para nós e é uma coisa que as pessoas podem comprar, porque um mês de GSA as pessoas não compram. E com o Oasis, dá para ajudar todo mundo, ele dá dinheiro para o GSA, também. E o que os guerreiros iam fazer depois do GSA, outro GSA? Não dá! Eu ficava pensando nisso. Depois eles perceberam...

Claudia: O Oasis é um produto melhor?

Edgard: É um pacote melhor, é um produto. É vendável. Porque o *Guerreiros sem Armas* não é um produto, é um processo. Mas o Oásis é uma oficina, então vai se criando uma metodologia e fazendo publicação. Agora eles perceberam, mas no começo...

Cláudia: Mas você acha que o Oasis tem mais efeito em termos de Biosfera do que o GSA?

Edgard: Eu acho que o Oasis tem mais! Teria que estar sendo mais bem usado. Eu não sei o que o Oasis está fazendo agora. O Elos, eu sei que está fazendo bastante coisa.

Claudia: Porque normalmente as coisas mais rápidas não têm a mesma profundidade que as coisas mais lentas. Para mim que sou da antiga, tenho 57 anos...

Edgard: Eu tenho 54, vou fazer 55. Eu sei, estamos próximos

Cláudia: Somos da mesma geração. Fomos parar no Tibá na mesma década, mas você entende o que eu quero dizer?

Edgard: Entendo, mas você já sabe que está errado, né?

Cláudia: Não sei, eu tenho essa angústia ...de não saber. Eu só funciono meio que absorvendo aos poucos...

Edgard: Eu sei. É o nosso jeito, mas não é mais o jeito que o mundo funciona.

Cláudia: Não, a molecada está em outra vibração já faz tempo.

Edgard: É Google, WhatsApp, Instagram, Waze, RBNB, Uber, é outro mundo. (1:48:28) As coisas estão mais aceleradas. E tem que ser mais acelerado, porque a Amazônia está queimando rápido. A gente está matando Amazônia antes de ter tudo isso. Não é que tenha que ser rápido, tem que ser ágil. Mesmo que você peça um Uber bem devagar: U -B – E -R, ele chega em dois minutos (risos). Ficamos dando essa desculpa: “é muito rápido para mim, a minha geração...” sinto muito!

Cláudia: É, dá para usar Uber. Eu uso muito bem.

Edgard: Claro que dá. Você quer usar. É tudo muito legal, é outra velocidade, é outro mundo! Não dá mais para fazer arquitetura na prancheta. Eu até hoje ainda não aprendi AutoCAD, e nem quero. Adoro desenhar a mão, ainda mais que desenho muito bem. Quem desenha mal deve estar adorando tudo isso, porque agora até desenha melhor que a gente, mais bonito. Mas na faculdade, quem não desenhava bem olhava para nossos desenhos e achava lindo. Depois do AUTOCAD, do 3D ...

Cláudia: Entrei na FAU porque tirei

nove de linguagem arquitetônica. Se não, estava até hoje batendo na porta! Me ferrando!

Edgard: Pois é. É isso. Muita gente.

Cláudia: Nossa! Estamos há quase duas horas falando. Deixa-me ver se não estou esquecendo nada. Quando você falou que teve contato com o Lotufo, era o pai ou o filho?

Edgard: Com ambos. O pai, Vitor, e o Thomas.

Cláudia: O Thomas fez uma tese de mestrado sobre canteiros experimentais na FAUUSP, orientado pelo Nabil Bonduki. O Vitor trabalhava com isso. Eu peguei e li.

Arquitetura do lado de fora, hoje.

Cláudia: Além deste trabalho que eu estou desenvolvendo com vocês, pesquiso sobre como a extensão se desenvolveu no curso de arquitetura e urbanismo.

Edgard: Meu Deus, você está tendo que se matar!

Cláudia: Eu tenho a maior admiração por quem faz. Gosto de fazer alguma coisa também. Já entrei em favelas com 50 alunos várias vezes, com o Caio Boucinhas²¹⁷, nas aulas de urbanismo em áreas periféricas. Íamos sempre com um guia local fazendo comentários dos lugares. Caio e eu meio em off, só vendo. Fizemos em Perus e na área de desmatamento da Cantareira, em uma ocupação chamada Filhos da Terra, onde o Dênis, que era da idade dos alunos e morava lá desde que nasceu nos serviu de guia. Rolou uma conversa horizontal, de igual para igual. Foi sensacional.

²¹⁷ Professor doutor da FAUUSP, pesquisador dos LABHABS desta faculdade.

Cláudia: Quando entrevistei a Natasha e Mariana perguntei por que o GSA, no início, chamava *Universidade Aberta de Verão: Escola de Guerreiros sem Armas*, elas me explicaram que vocês ficaram o tempo todo cutucando a reitoria da UNISANTOS e a diretoria da FAUS porque queriam criar um curso melhor, uma faculdade melhor. Mas eles ainda não tinham cabeça para isso e não entendiam que não queríamos fazer outra faculdade melhor fora dali, era lá dentro mesmo. Achei sensacional esta preocupação. Queriam fazer uma universidade, paralela e aberta, para complementar a formação de todos, ir além daquele feijão com arroz de uma faculdade de arquitetura, e não só para os estudantes da FAUS, para todos os estudantes.

Quando mais eu estudo a FAUS e tudo o que ela foi, me dou mais conta da sua franca decadência. (1:54:58) Em 2019 não conseguimos fechar uma turma noturna de primeiro ano, o que gerou um buraco na grade! Quando os alunos quiserem ir para o noturno para fazer estágio o que a gente vai dizer? Desculpe, foi engano? Então, Só para fechar esta conversa, usando teu último gás, queria saber se você tem alguma ideia de como tornar a escola de arquitetura mais envolvida com a favela, com mais ação social. Na sua visão, como poderia ser uma escola de arquitetura hoje? Atualmente, a Escola da Cidade, além de não ter mantenedora, trabalha integrada por temas e os alunos viajam muito. É

inovadora, mas lá o curso de arquitetura custa praticamente a mesma coisa que um curso de medicina. Eu estaria fora dessa escola, porque nasci filha de bancário com dona de casa! Você entendeu o que eu quero dizer?

Edgard: Entendi.

Cláudia: Você acha que dá para fazer uma escola de arquitetura interessante com os teus quatro efes? Quase gratuita, fantástica, divertida e rápida? Você, mesmo trabalhando fora da Universidade, tem algum palpite, algum projeto ou ideia que possa ser aplicado dentro da universidade?

Edgard: Tenho. Eu não faria para dentro, eu não teria paciência de fazer para dentro, mas tenho ideias. Mas não sei se vocês vão querer fazer, e quando eles fizerem, vai ser tarde demais. Vai ter muito mais buraco na grade. Está tudo obsoleto. (1:55:49) O Célio Pimenta já falava isso faz tempo. A faculdade devia ser dois anos e meio no máximo, e sai fora. Tudo que você aprende lá dentro tem que ser mais rápido. Lembro que com um ano e meio de curso eu queria sair fora. Eu fui ver como estava na FAUUSP, porque antes queria fazer lá e achava que ainda podia ser melhor. Na época, falei com três professores da FAUS e foi o Célio Pimenta que me convenceu a ficar. Ele me disse: “fica, porque infelizmente este mundo é muito legalista e nesse país você vai precisar do diploma. Isso eu questionei, porque eu adorava o José Zanine Caldas²¹⁸, que não era

²¹⁸ **José Zanine Caldas** Belmonte-BA (1919-2001) paisagista, maquetista, escultor, moveleiro e arquiteto autodidata. Promoveu de forma singular a integração do **artesanato** tradicional brasileiro e do modernismo. Nos anos 60, a

convite de Darcy Ribeiro, integrou o corpo docente da UnB, mesmo sem diploma, como professor de maquete. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Zanine_Caldas Acesso 26 out. 2020.

diplomado e foi arquiteto honoris causa. Mas o Célio me disse: “aqui você não para aprender arquitetura. Se você quer aprender arquitetura, pega um semestre e vai trabalhar com um mestre marceneiro, no outro vai aprender com um mestre ferreiro, aprender sobre os materiais, sobre as técnicas.” Só pelo cheiro o carpinteiro sabe qual é a madeira, a gente não sabe. Depois, vai aprender a construir. E me deu vários livros sobre construção para ler. Foi maravilhoso! Lembro de um bem antigo, sobre palácio - *Os Sete pilares ...* - que era de um autor grego. Maravilhoso. Falava sobre os segredos da profissão de arquiteto e afirmava a necessidade de aprender um ofício. Tinha uma carta que dizia: “se você quer ser arquiteto...”, que era muito forte. Lembro que Célio concluiu: “Não sai, fica aqui e faz isso rápido. Para você é fácil, você tira boas notas, não vai ser nenhum sacrifício. Faz isso aqui, leva de letra”. Daí, como eu podia pagar, podia ficar, fiquei. Ele me deu uma outra visão. Comecei a conhecer outras coisas. Foi daí que eu fui procurar o Tibá. ele falou: A faculdade é muito boa porque você faz a rede, a tribo. Aqui você vai encontrar um monte de gente que gosta da mesma coisa que você. Olha que maravilha! A FAUS é legal para isso.” E foi engraçado, porque ele nunca falava nada de positivo. Estávamos eu e ele sozinhos na sala dos professores esse dia que ele falou. E eu ri, porque ele acabou me fazendo rir. Foi ele que me fez ficar, mas já naquela época me falou que a faculdade devia ter só dois anos, dois anos e meio no máximo e que se eu colasse na biblioteca, aprenderia toda essa bobagem que os professores ensinam

aqui. E me disse: “O melhor não é nem o projeto. O melhor é você botar a mão na massa e construir! Lá que você vai aprender de verdade”. E o Johan fazia isso no México. Ele também falava que para aprender isso, o melhor é andar pelo mundo, por isso que eu queria sair. Cláudia: Aquele Manual do Arquiteto Descalço é só isso.

Edgard: Só isso. Lá que o Johan se encontrou. Ele veio para o Brasil para fugir da Holanda, porque aqui os modernistas faziam coisas incríveis. Todo mundo falava da arquitetura do Brasil, na época. e ele queria aprender o que se estava fazendo aqui. Ele tinha, como o Lotufo, essa coisa do canteiro. Mas enfim, eu acho que ...

Cláudia: você acha que existiu na tua formação alguma influência daqueles professores que escreveram *O Canteiro e o Desenho*? O Sérgio Ferro, esse pessoal, você sentiu alguma influência daí?

Edgard: Não, foi tudo muito mais teórico. A gente conversava sobre isso na FeNEA. Como foi na nossa época, um pouco antes, o pessoal falava: “vamos ler o Lotufo.”. Veja bem, é legal, mas o que a gente faz com isso? O sucesso no ENEA era construir o forno a lenha. Todo encontro o pessoal da PUC construía um forno a lenha em três dias, depois queimava o forno e fazia pizza. E o ENEA todo comia pizza. Eram centenas de pessoas. Fazíamos uma vaquinha de R\$ 5,00 e depois todo mundo comia. Era só o pessoal da PUC que comprava os ingredientes e fazia. E eram uns meninos lindos, só meninos, e o Thomas era um deles. E as meninas ficavam todas em cima deles e os gays também. Depois, a pizza era de graça (risos). Esta era a tradição da PUC: todo semestre os

calouros fazerem pizza. Os mais velhos ensinavam e a tradição ia passando de geração em geração. Não sei se ainda tem

Cláudia: Era que nem o banho do laguinho da FAU?

Edgard: Isso, que nem o banho do laguinho. Será que ainda tem?

Cláudia: Acredito que sim. Quando eu era caloura, eu fiz.

Edgard: Tomara que ainda tenha, não é bom tirar essas tradições. Agora, respondendo a tua pergunta, sim existe uma universidade para isso. Seria como um Guerreiro sem Armas, talvez o mesmo ritmo, mas o GSA traz muito mais coisas. Eu faria uma sequência de desafios, que é o que eu já faço com os jovens e as crianças agora. É uma jornada de aprendizagem que chamo de Jornada X. Cada semestre eu faria x temas específicos, por exemplo: “esse semestre o tema vai ser a favela do Dique, e tudo gira em torno dela. É uma experiência viva. É lá que você vai fazer cálculo, materiais, fazer sistemas, fazer clima, sei lá. E vai encontrar pessoas que choram, que riem, que te alimentam. A outra jornada vai ser uma comunidade Caiçara, a outra os cortiços, a próxima no centro histórico. Assim lidariam com os problemas do mundo, com coisas reais. É vivo. Daí eu escolheria temas...

Outra coisa, história da arte seria com aquela família que tem uma história, ou com uma mulher que faz cerâmica em tal lugar... para eles poderem fazer associações daquela arte, daquela cerâmica, com outras coisas. Para a coisa ter contexto, história viva. Daí o aluno vai procurar no YouTube, no Google Earth para comparar as ações. Em que outros lugares do mundo têm essa cerâmica? Qual a relação que isso

pode ter com Arquitetura? Deixar o aluno ficar com a cabeça louca, sabe. Todo mundo adora isso. E depois, tem que se encontrar. Eu desenharia uma coisa assim: agora você se solta, relaxa, vai caminhar, fica solto e depois, na semana que vem, eu e todos os seus professores vamos estar aqui de novo. Vocês, alunos, ficam aí e eu volto. A gente se encontra bem aqui, daqui a uma semana. Voltar e ficar batendo papo com eles, assim, que nem eu estou aqui, com você. Todo mundo adora isso! Sei lá, eu faria uma coisa assim. Cada semana teria uma missão, entregar tal coisa.

Estou falando isso pensando no museu de pesca. No começo, a gente ia uma vez por semana e eu fazia isso com eles. Fornecia uns dados, e ia fazendo eles se aprofundarem em cada tema. Não ensinava nada para eles. Não aprendi museografia na faculdade, não sabia nada. Também não sabia nada de Museologia, muito pouco de iluminação, nada de iluminação em objetos. Na FAUS e na USP a coisa era uma coisa bem aberta, você ia navegando meio assim... mas fazer, não fazia. E lá no museu, a gente fazia com eles! Era uma aventura! Acho que a tua resposta é isso, o que foi no museu de pesca. Cada semana a gente criava aventuras para eles.

Cláudia: E aí, no caso, os resultados iriam ficando nas comunidades

Edgard: É isso.

Cláudia: E teria uma espécie de *Mãos na Massa*, para ajudar as pessoas a fazer?

Edgard: Claro. Bota trezentas ou quinhentas pessoas por semestre para mudar a vida, a realidade, daquelas pessoas! Se um GSA, muda a vida de

uma comunidade com sessenta pessoas, imagina uma faculdade por semestre!

Cláudia: Tudo isso voltado, então, para o pessoal carente?

Edgard: Não só pessoal carente, dá para mudar a vida da cidade. Começaria com os carentes, porque essa é a realidade do nosso país. A gente está formando gente para que, para a Faria Lima? Não está, certo? Mas é assim que o sistema funciona, quer formar gente para a elite, para Faria Lima mesmo. A Unicamp não quer, mas tem faculdades que não têm esse compromisso. Nós não estamos resolvendo o problema do nosso país e nem temos técnicos que saibam fazer isso! Por isso sobra para o Instituto Elos formar estes jovens. É isso. O design está totalmente obsoleto.

A Universidade está totalmente obsoleta?

Há quanto tempo existe Universidade? Grade curricular! É prisão mesmo (risos). Eu faria diferente. Hoje todo mundo fala de *'gameficação'* e as escolas já estão fazendo isso, porque são mais soltas. Mas na universidade é outra coisa. Tem o reitor, toda uma estrutura. Não vão deixar. Mas as universidades europeias estão fazendo cursos de três anos, dois anos. e já estão falando em cursos picados de um ano e meio. Os jovens, principalmente, não vão. Os jovens europeus são inteligentes.

Cláudia: Muitos jovens que têm 22, 23 anos hoje não têm recursos para dedicar cinco anos só a sua formação, pois têm que trabalhar e ajudar no sustento da sua família. Outros podem, mas não têm paciência de ficar cinco anos numa faculdade, nem que os pais paguem. Não veem sentido nisto ou não se sentem atraídos, e se você insistir, te respondem:

“nem morto!”. Querem outros tipos de experiência. Ser tatuador, por exemplo, trabalhar em um estúdio, viajar, trabalhar no exterior etc. Concordo que temos que melhorar muito a escola se quisermos atrair mais gente.

Edgard: Se não melhorar, vai ficar que nem discussão de pai e filho em torno do vídeo game. É outro mundo. Onde está o *Wase* da universidade onde está o *WhatsApp*? É muito arcaico. Ninguém se dá conta que estamos lidando com gente muito jovem, que não aguenta isso. A FAUS vai ter muito mais buraco na grade, se não se reinventar! E eu tenho vontade de ir lá na universidade convencê-los? De dar aula lá? não.

Cláudia: Pelo visto, nenhuma. Mas no começo deste ano, na última reunião que tivemos com o reitor, ele relatou sua participação em um seminário que reunia universidades novas, de capital aberto na bolsa de valores, estas que estão comprando todas as outras - que eram familiares - e fazendo conglomerados. Achei importante isso, o nosso reitor ter tido coragem de ir conhecer esta nova realidade, sobre a qual temos tantos preconceitos. O reitor nos relatou que fazem reuniões maravilhosas, onde até o design em círculo da sala demonstra grande preocupação com a inovação, Trabalham com estes desenhos que você mencionou, fazem uso da *"gameficação"* e estão apostando tudo nessa vertente de reformulação total, pesada da universidade, não apenas modernização, reforminha. Para coordenar esse processo de transformação, contratam com pessoas mais ou menos do teu perfil para coordenar. Provavelmente por necessidade financeira, pois para manter o dinheiro das pessoas lá, precisam fazê-

lo render. Pessoalmente, senti que o reitor mudou de opinião em relação ao que está acontecendo, ele que via isto tudo como uma catástrofe. Agora, isso elimina professores como eu, por exemplo. Assim que a Laureate assumiu a FMU, fui direto para o alçapão, junto com muitos outros professores que tinham mais de cinquenta anos. Alguns doutores! No banco do sindicato só vi gente de cabelo branco. Este setor valoriza muito mais a agilidade, a inovação, do que o nosso tipo de experiência, é obsolescência programada. (...) Eu concordo com a questão da agilidade e sem dúvida entendo que podemos fazer as coisas com calma, usando as novas ferramentas mais ágeis. Não sei como é que fica, mais acredito que estarão os professores mais jovens estão mais aptos a embarcar nesta transformação, que aliás, está acontecendo bem rápido, mas não na UNISANTOS. São estas multinacionais do ensino que tem dinheiro para entrar com as ferramentas de ponta. E onde isso vai dar? Nós vamos ficar sabendo daqui a uns três alguns anos, talvez.

Edgard: É. Já dá até para prever algumas coisas, que já estão acontecendo, em alguns lugares, ou dá para aprender, se você tirar pela lente do humano. Porque já está acontecendo em outros lugares, é bem previsível, dá para visualizar.

Cláudia: Essa história do Comum, por exemplo, não sei como você está acompanhando o que Laval e Dardot, estão escrevendo. Estes dois franceses têm um livro de 400 páginas onde vão trazendo a história do Comum na Europa desde quando as pessoas jogavam o gado em pastos comuns, antes de serem cercados e se poder falar: “isso é meu”. Vão trazendo a história do espaço

comum, do fazer comum, do decidir comum. E depois relatam como foi entrando o mercantilismo, o capitalismo, a privatização, até chegar no tudo privado do neoliberalismo. Então, eu acredito que pode vir um ciclo de retorno ao Comum, que não vai ser aquele comunismo que a gente imaginava. Vai ser um outro Comum – um comum de comunidade - como o ELOS, o comum do índio, do roceiro, do pessoal lá do interior, que se conhece. Mas como que a universidade vai se apropriar disso, eu não tenho ideia.

Edgard: Acho assim que tem algumas coisas que é bom a gente parar e olhar. Eu não olho para a universidade, porque entendi que ela é muito lenta há muito tempo, já antes do Museu de Pesca. Aliás, antes mesmo de fazer o museu. quando era estudante já pensava: “aqui eu vou gastar muito tempo”. Eu tinha uma dúvida: quero aprender a arquitetura que eu quero, ou eu quero transformar aquela universidade para fazer dentro dela tudo o que eu quero?

Cláudia: Edgard você se considera arquiteto hoje? Como você se vê nessa questão profissional?

Edgard: Não, eu não atuo como arquiteto. Eu sou arquiteto, me formei arquiteto, tenho os talentos para isso, mas estou muito mais próximo do designer. Desenho estratégias, games e soluções que muitas vezes - e até principalmente - vêm de ter estado na arquitetura, de lidar com o complexo: ter muitas possibilidades na mão, não ficar com medo de lidar com isso e atender a todas elas. Mas me sinto muito mais designer do que arquiteto, ou bioarquiteto, uma designação lá do Tibá que chega mais próximo do que de fato me sinto. Mas nem paro, nem penso

muito, vou sendo. Não paro para classificar isso. Às vezes alguém me pergunta, e eu falo arquiteto urbanista. Ajuda, dá um status. E as pessoas falam: você é arquiteto? pensei que você era educador ou sociólogo (risos). Eu até gosto de ser arquiteto e de me apresentar como arquiteto urbanista. Mas não. Eu acho que a gente não vai... Eu acho que a universidade já está obsoleta. Talvez ela se reinvente rápido, algumas já estão se reinventando. Agora, a universidade católica está em um lugar difícil, tudo amarra. E a igreja católica se renova muito rápido. Olha esta troca de papa! A Igreja vai e muda, daí manda a inovação para a universidade, que vem atrás, acompanhando, entrando nesta cadeia, mas não com a mesma rapidez. A universidade não está acompanhando a velocidade de inovação do Vaticano. Eles são muito inteligentes. Se ela conseguisse seguir o Vaticano, ia se renovar mais rápido. Olha o papa, saindo deste lugar e apoiando os gays, apoiando o aborto. Olha a virada! Como ele solta e força no ecumênico, se encontra e colabora com outras religiões...

Cláudia: Agora, vai ter um encontro de educação dentro do Vaticano que foi convocado pelos árabes, porque eles querem aprender com os católicos. Fiquei sabendo na UNISANTOS. Vai ser um encontro ecumênico, em que o Vaticano está encampando todas as tendências religiosas.

Edgard: Se a universidade se pautasse por isso, se transformava rápido! Agora, talvez não tenha cabeças tão inteligentes, tão chaves. Porque já estão naquela situação de poder, e quando você está num lugar de poder, fica mantendo o poder, não quer muita mudança. Quem vai mudar são os jovens, que estão nesses grandes grupos de educação, são pessoas que enxergam um Airbnb²¹⁹, que é o maior fornecedor de hospedagem do mundo, sem ter um imóvel, usando estas coisas rápidas, com outra economia. Se alguém contasse esta história há 20 anos atrás, em uma ficção futura, o pessoal ia falar: “você está louco, isso não acontece. Como que eu vou abrir minha casa para receber um estranho?” Mas hoje, você abre a sua casa para um estranho sem estar lá, e ele cuida muito bem dela. Todos eles, porque o lugar de segurança está em outro lugar. Então tem que sair deste lugar para outro. Com o Uber a mesma coisa. O Uber está conseguindo transportar mais gente que o taxi sem ter nenhum carro. Como assim eu vou botar gente no meu carro e não sou taxi? Vou ser assaltado, estupro. Não. Não dá para prever a reinvenção. O Rodrigo fez uma frase maravilhosa: “não dá para querer ajeitar o cocô ou enfeitar o cocô”. O cocô está fedendo. Então você fala: “deixa eu dar um jeitinho, e bota umas flores nele, coloca um perfume” (risos) Não adianta. Vira cocô! Troca! Não vai adiantar! Então, o jovem não quer isso.

²¹⁹ O nome ‘Airbnb’ vem da junção das palavras em inglês air (ar) com a sigla bnb (bed and breakfast), categoria de estabelecimentos que oferecem pernoite com café da manhã. Esta plataforma digital chamava-se inicialmente Airbed & Breakfast. Atende pessoas que desejam alugar acomodação por temporada, fora de hotéis e pousadas convencionais em

todo o mundo, procurando promover experiências únicas a seus hóspedes. Há 14 anos em atividade, hospedou milhares de pessoas e gerou mais de US\$ 110 bilhões em ganhos para os anfitriões. Disponível em olhardigital.com.br/2021/10/21/internet-e-redes-sociais/o-que-e-airbnb/ Acesso em 17 jan.2022.

Quem passou por lá aturou isso. Todos nós aturamos isso. Nós fomos superfelizes na FAUS por quê? Por causa da faculdade? Não. Por causa das aulas? Não. Dos professores? Não! A gente aturou aquilo lá porque tinha outras compensações. E as pessoas sabem disso: “Vai aturar porque vale a pena!” E enquanto você aturar e pagar, está ótimo. Mas a sociedade não ficou melhor quando nós passamos por lá. E o papel social da universidade? Então, quase sempre houve a necessidade de outro projeto. O projeto não é esse. (2:16:41). Vão morrer essas pessoas que estão aí, vem a CRONOS, vem a SOMA, compra tudo e revoluciona, porque as pessoas não estão preparadas.

O papel de cada um na construção coletiva

Cláudia: Tem só mais uma coisa. Na entrevista do Alê Esteves ele afirma que você era o mentor do Grupo Reviver, fazendo aportes teóricos através de leituras indicadas e colocando o grupo a par do que acontecia nos fóruns ao redor do tema de extensão

Edgard: Olha, que bom, que engraçado...

Cláudia: Só para você ter uma ideia do que eles falam! No texto da qualificação eu pesquisei como você era visto pelos colegas e pelos professores, para justificar porque, você foi chamado de volta depois de formado para organizar uma coisa tão importante na escola. Para isso cito o texto de avaliação da Ana Elena Salvi no seu Trabalho de Conclusão de Curso, onde ela comenta a sua postura, sempre reflexiva e questionadora em relação ao universo

tecnológico, social e filosófico. (leio para Edgard algumas das citações onde menciono seu trabalho motivacional, sua filiação à arquitetura como experiência coletiva, sua busca pela ampliação do significado da profissão através do atendimento de populações excluídas, seu aceite do projeto do museu de pesca, deixando de lado a bolsa de estudos na Alemanha). Estes são os trechos em que eu mais falo da sua pessoa. Agora eu preciso te ler um trecho para que você me diga se é uma grande besteira que eu inventei ou se tem fundamento no que vocês vivenciaram, se não vou criar mentira em vez de história. *”Conclui-se, pela documentação apresentada, que o EMAU Renascer teve permanência e atuação significativas devido ao fato de ser fortalecido por três fatores inter-relacionados: 1) A presença de um jovem profissional experiente e engajado nas questões que se pretendia desenvolver - Edgard Gouveia - que contribuiu com o bom encaminhamento de um projeto de educação não formal que se desenvolveu ao mesmo tempo em que o grupo se formava – o Museu de Pesca de Santos; 2) A participação paralela de três estudantes da FAUS no EMAU Reviver e em cargos de diretoria na FeNEA²²⁰ durante o período de sua formação, que permitiu que a experiência metodológica desenvolvida no projeto do MPS fosse divulgada em workshops nos encontros promovidos por esta entidade, dando-lhe visibilidade e tornando-se referência nacional para os demais EMAUS e internacional através dos Encontros Latino Americanos;*

²²⁰ Alexandre Esteves atuou como Diretor Regional São Paulo na Gestão 1997/98 e de Diretor de Relações Exteriores na gestão

1998/1999. Não dispomos ainda de dados sobre os demais estudantes.

Edgard: É, como a gente tinha muitos estudantes na FeNEA, o Rodrigo Alonso como presidente, o Renato Leal como vice e o Alexandre Esteves como diretor regional, eles faziam juntos. Então era uma forma de levar uma cultura forte. E ainda, nesses encontros e nos SENEAMAUS, iam a Natasha e a Mariana e nos coordenávamos um monte de workshops. E me chamavam também para fazer coordenação dos workshops.

Cláudia: Mas você já no Tibá, fazia a distância.

Edgard: Eu até ia fazer as dinâmicas maiores ou então desenhava com eles, mas o Alexandre de fato pegou isso bem, talvez ele tenha citado assim. Ele que de fato agarrou isso e forçava os SeNEMAUS a se modernizarem. Ele era muito aguerrido nisso.

Cláudia: Na verdade, em todos os momentos ele falou que você é que concebia, Edgard. E inclusive me contou que, uma vez, quando ele foi dar o primeiro Workshop sobre os EMAUS e resolveu te perguntar o que deveria fazer você respondeu: “se vira, você que descobriu o problema, então resolve”. Ele me relatou que foi a melhor coisa que aconteceu, porque ele foi obrigado a sentar, pensar, escrever e fazer. Por isso, quando chegou lá, estava superpreparado. Mas sabia que tinha o seu respaldo, que se ele precisasse, podia te perguntar. Você fez com que ele sentisse que podia fazer.

Claudia: *(retomando a Leitura): 3. A participação paralela de Mariana Gauche e Natasha Gabriel na diretoria do D. A. FAUS e a na diretoria do EMAU Reviver, conectando na práxis os estudantes da FAUS aos EMAUS da FeNEA. A combinação destes três fatores principais, associados a outros*

de menor importância, deu consistência ao grupo, possibilitando atuação coletiva e coordenada de todos os seus membros atingindo desde a escala local - da cidade de Santos - à macrorregião, até a América Latina.” (2:23:49)

Edgard: Isso mesmo.

Cláudia: Está correto isso?

Edgard: Corretíssimo. Nunca tinha pensado nestas três sobreposições, mas estava mesmo. Faz sentido.

Cláudia: Quer dizer... eu fico pensando assim: se a Natasha e a Mariana não tivessem assumido o D.A., se o Alexandre e você não tivessem se unido para fazer os workshops, se o Rodrigo Rubido não estivesse assumido a diretoria e depois puxado o Alexandre, será que teria tido a repercussão que teve? A importância que teve?

Edgard: Você está falando dos EMAUS, não é?

Cláudia: Sim! Porque eu entendo tudo isso como uma história coletiva. Senão tivesse Edgard, não teria rolado, mas se não tivessem as outras pessoas ... (2:29:27) Eu falei para as meninas que agora eu percebo que vocês todos tinham personalidades muito diferentes. Elas eram muito executivas - é para fazer vamos fazer - e o Alexandre Esteves também puxava para esse lado. Já você, Edgard, era o cara mais utópico, o que dava a visão cosmogônica geral, ampliando a visão deles, fazendo relações entre coisas aparentemente distantes, que talvez eles não conseguissem fazer o link sozinhos naquele momento. Você abria o mundo para eles, fazia com que chegassem a uma escala que eles não chegariam sem você. Vejo assim seu lado utópico. E tinha também os meninos mais políticos, como o Rodrigo Rubido, que conseguiam

fazer as coisas pelo lado oficial, porque se não tivesse alguém com o peso oficial, isso seria uma coisa mais a margem, que ficaria meio de lado. Os próprios perfis e as próprias experiências ajudaram a fechar. Você hoje me trouxe mais detalhes, todo esse panorama da tua experiência infanto-juvenil, de onde vem esta capacidade de falar tanto com o papa quanto com o roceiro, que de certa forma me confirmou o que eu entendi: as experiências pessoais diferentes, os próprios perfis e personalidades diferentes, fizeram com que vocês fossem se posicionando onde era importante se colocar. E como todo mundo conversava, conseguia se respeitar, ter coesão e manter um objetivo comum- o que é quase impossível em uma situação de diferença – a coisa fechou.

Edgard: É verdade, foi uma constelação incrível. É isso mesmo. Se você coloca todo mundo junto, um falando do outro, sempre o visionário era eu mesmo. A Natasha e a Mariana sempre segurando, dando um passo atrás e segurando, se preocupando com a conta de luz, se vai ter papel no próximo encontro. Desde o Museu de Pesca sempre preocupadas com a logística: “como é que a gente vai viajar?” Pensando se estávamos levando lanche, se não ia faltar nada. Tinha muito isso. O Rodrigo fazia muito esta ponte também, de pegar esta coisa mais espacial e traduzir, de explicar. Ele é muito bom de conceito. Por exemplo, quando a gente chegava um nome e dizia: “tem que ser esse”, ele que dizia: “explica desse jeito”. Eu explico, também, e as pessoas vão na minha, ficam sonhando na minha palestra, mas depois que acabava, nós íamos perguntar para o Rodrigo: “o que foi que

aconteceu?” E era ele que parava e explicava. E o Alexandre já tem as duas coisas. Ele cuida da casa, não quer ficar parado no conceito. O Rodrigo gosta do conceito, das palavras, A Natasha gosta de escrever para passar para os outros, da metodologia, A mariana gosta de tudo muito bem estruturado, com base. E o Alexandre bota fogo nisso.

Cláudia: Ele entusiasma as pessoas?

Edgard: Não é tanto entusiasmo, mas também é entusiasmo. Ele por exemplo, pegou tudo isso e levou para os SeNEMAUS.

Cláudia: É um afinco?

Edgard: o Alexandre é prático e rápido! Com ele era assim: “Isso aqui tá uma bagunça, ninguém vai arrumar?” E arrumava o escritório inteiro num dia. Mas, por outro lado, se a Natasha queria dar palpite quando ele estava fazendo, ele dizia: “não, Natasha, você não quis arrumar”. E se a Natasha retomava: - “mas calma, vamos discutir!”, ele respondia: “não Natasha, você não quis arrumar então me deixa, depois se você quiser refazer o que eu arrumei, você arruma, mas não vai contar comigo”. Ele falava assim. (risos) E o Rodrigo, no dia a dia, ficava botando panos quentes: “não gente, não vamos discutir.” E o Alexandre empolgava “e aí gente, como vai ser o próximo projeto, quando vai ser?”

Cláudia: Muito Talento, não é? Vocês que usam a palavra. Talento, amor e coesão.

Edgard: Família, família, família. A gente foi muito próximo. E a Taís... não tem Taís aí? Ela é muito mais nova, é uma mistura de vários, ela tem quase tudo dentro dela. Ela só não é muito visionária. Ela veio e organizou o D.A. inteiro da FAUS. A gente nunca tinha conseguido registrar

o estatuto. Em seis meses ela registrou. Ela é presidente do ELOS, atualmente...

Cláudia: A Thais Polidoro? Eu conheço. Não tinha ninguém fraco, ali, não é mesmo? Cada um com um talento um pouco diferente do outro.

Autonomia e protagonismo

Edgard: É, eram todos excelentes no que eram. E o ENEA Santos e o Museu de Pesca revelaram tudo. E tem mais. Além de tudo isso que você falou, tem as experiências radicais. Tudo isso aflorou com o ENEA Santos em 1995. Eles viraram gente grande neste encontro. Quando foram para o museu, já estavam bem, estavam confiantes para fazer o que quisessem, e não só em Santos. De criancinhas, viraram gente grande, ficaram famosos porque botaram o Brasil inteiro nas costas. O pessoal batia palma para eles, no final. Acho que passar por essa forja de dois projetos grandes foi forte. O ENEA Santos foi a experiência preponderante. Eles tinham qualidades de organização, mas não exerciam. Até o Alexandre, que era o mais rápido de todos, mesmo assim veio brincar de “me ensina aí, Edgard Gouveia Júnior”. Este processo que o Alexandre te relatou, de eu dizer “se vira”, todos eles passaram.

Cláudia: o Alexandre me falou que era muito duro no ELOS, porque tinha este jargão: “você descobriu este problema, ótimo! Então ele é seu, resolva”. (risos). É verdade? consta?

Edgard: (risos) Consta. Ele pegou muito forte isso. Ele sempre repetia isso, mas para gente era: “Ninguém falou que ia ser fácil. Se for para ser perto, simples e fácil, a gente nem sai de casa”. Este sim era o jargão coletivo mesmo, comum, de todo mundo. A gente só queria pepino!

Cláudia: Perrengue!

Edgard: A gente só se divertia com pepino. Manda pepino, se não a gente volta para as aulinhas de inglês (risos). Na verdade, era uma amiga da minha sala, que falava isso. Quando eu contei para eles, reagiram assim: Ah, então é por isso!”.

A Mariana é muito certinha. Tudo tem que ser programado e cumprido conforme o combinado. Ela uma vez, no Museu de Pesca, veio reclamar comigo: “a gente não combinou isso”. Nós estávamos lá atrás, no corredor do anexo e ela debatendo, debatendo. Ela choramingava, se fazendo de coitada: “a gente não combinou isso”. Realmente, era muita pressão. Até que eu respondi: “Mariana, a gente não combinou que a gente ia ser feliz.” (risos) Não sei de onde eu tiro essas coisas, mas foi impressionante, porque ela parou. Ela ficava querendo que eu organizasse as coisas para eles, mas eu falava: “vocês são adultinhos! Não vou fazer como os seus pais, nem como os seus professores. Vocês têm que se organizar. Vocês sabem se organizar. E se não se organizarem, vão pagar o mico.” E ela insistindo comigo, porque queria que eu resolvesse o problema deles. Era menininha, tinha 18 anos, mas eu falei: Mariana, você é a mais organizada aqui. Você acha que eu vou organizar? Você que vai organizar isto”. Ela deu mais uma choradinha: “Mas tenho que me desenvolver...” Nestas ocasiões eu sempre falava: “você quer que eu vá pra Alemanha?” (risos). Durante um ano funcionou, depois eles desencanaram. Mas quando foi para fechar o contrato com a Petrobras, eu mandei eles irem. E quando foi para falar na televisão, também mandei eles e disse: “Não adianta eu aparecer, vocês é que tem que aparecer. Sou o chefe, mas eu não vou lá.”

Cláudia: E você nunca se arrependeu de não ter ido para Alemanha?

Edgard: Nunca. E nunca mais fui.

Cláudia: Nem depois, na volta ao mundo?

Edgard: Ah, sim, muitas vezes. Mas só passear e não peguei a bolsa.

Cláudia: Nossa Edgard, você está com os olhos vermelhos! Vou te levar para casa!

Edgard: É melhor, lembrei que amanhã tenho reunião bem cedo com um peruano, no café da manhã. Vou tentar resolver pepino...

Quadro 4: Dados do entrevistado Alexandre Esteves			
NOME	JOSÉ ALEXANDRE DE OLIVEIRA ESTEVES	Entrevista 03	AUTORIZADA
EMAU	REVIVER - Membro fundador	Via CELULAR	DATA 04/09/19
FeNEA	GESTÕES 1997/98 e 1998/99 Diretor Responsável da FeNEA São Paulo Gestão 1997/98 Diretor de Relações Exteriores na 1998/99		
POEMA	JÁ EXISTIA QUANDO ENTROU PARA O EMAU (criado uma ou duas gestões antes)		
SeNEMAU	PARTICIPOU DO 1º, 2º e 3º		
DOCS citados	1) Vídeos do 1º e do 2º SeNEMAU; com Esteves. 2) Atas dos primeiros seminários; não estão redigidas, nem corrigidas. Ver com o DIEP – Diretoria de Ensino Pesquisa e extensão da FeNEA. Liderança da DIEP na época: Renato Conde e Fabiana (Talvez estejam no IAB SP e na UNB)		
Pessoas citadas	<ul style="list-style-type: none"> • Ronconi e Lotufo, como referências para a 1ª Geração. Edgard serve de ponte para a 2ª geração. • Edgard Gouveia Jr, como antecessor, que participou da criação do POEMA; • Jandi, que orientou a 1ª Reunião sobre o POEMA em 1996, no ENEA Fortaleza • Fabio Serrano e Augusto, vice-diretores da FAUS, que viabilizaram sua participação no ME, financiando suas viagens quando era diretor da FeNEA • Natasha Gabriel, Mariana e Rodrigo Alonso, colegas de FAUS e membros do EMAU Reviver 		
Fonte: Dados fornecidos pelo entrevistado, elaborados pela autora.			

13.1.4. Entrevista com Alexandre Esteves

O Poema é o projeto dos EMAUS em forma de lagarta, que se transformou no SeNEMAU

1995 ELEA Chile – Encontro Latino-americano de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

Alexandre participou. “Neste ELEA O encontro sai para a cidade. A gente se perguntava: “Como é que a gente atua como estudante de arquitetura? A discussão estava rolando fora [do Brasil], na França, na Argentina... e vem para dentro. A vontade de experimentar fazer arquitetura enquanto estudantes”.

1995- ENEA Santos – Anterior à criação dos SeNEMAUS

Alexandre participou e ajudou a organizar, como membro do EMAU Reviver. Seguiram o rastro do EEA. Chile, que ocorreu no mesmo ano. Propuseram como tema *Arquitetura do lado de fora* e programaram diversas atividades na cidade

1996 ENEA FORTALEZA - Anterior à criação dos SeNEMAUS

Alexandre participou. Houve uma 1ª Reunião sobre o POEMA; O estudante Jandi orientou a conversa. Alexandre afirma que foi uma roda de discussão para construção de diretrizes do EMAU: “O EMAU era só conversa. As ideias iam surgindo na hora, a partir da discussão”.

1997 – 1º SeNEMAU. - ALAGOAS

Alexandre, Mariana e Natasha participaram pelo EMAU Reviver – Santos.

“O primeiro SeNEMAU foi bem caótico, porque as pessoas foram lá para receber informação, e a FeNEA não tinha informação. Então fomos produzir a informação. Esta foi a construção, e depois de um ano, já tinha.”

“No começo, muitos tentaram fazer EMAUS e não conseguiram. O Mackenzie tentou, queria reformar aquele castelinho da Rua Apa²²¹, embaixo do Minhocão, em São Paulo. Não conseguiram. Muitos estudantes participavam, montavam um EMAU e não durava nem três meses”.

1998 - 2º SeNEMAU – Recife

Natasha e Alexandre Esteves foram dar um Workshop sobre metodologia de trabalho. Vários membros de EMAUS já tinham visitado o Museu de pesca em Santos, entre eles estudantes dos EMAUs de Recife (UFPE ou FAUPE), LABHAB da PUCAMP e L’Habitat da USP. “*Outros starts*. O grupo já fazia trabalhos e o método que utilizava no projeto do Museu de Pesca se tornou referência nacional para os EMAUS”.

1999 - 3º SeNEMAU – PALMAS – Foi o último seminário do qual Alexandre participou antes de se formar, no qual não deu palestra. Era então Diretor de Relações Exteriores da FeNEA, cargo que o deixava menos em relação com

as pessoas e responsável em organizar o ELEA Salvador, segundo a ser realizado no BRASIL. Recorda que Tocantins, cidade planejada, ainda estava em início de ocupação, com a maioria dos terrenos vazios, reduzindo-se a poucas construções, reunidas em uma vila preexistente.

Sobre o POEMA

Alexandre afirma que, a partir do momento em que a experiência se propagou— com ajuda do *Projeto Caravanas*²²² - os EMAUs assumiram diversas formas pelo Brasil, e o POEMA, se tornou obsoleto. Por ser estático, não servia para orientar os EMAUS, pois teria que ser atualizado permanentemente. Os estudantes optaram, então, por realizar a troca de experiências diretas entre os membros dos EMAUS através de seminários anuais. Criaram os SeNEMAUS em 1997, que passam efetivamente a orientar o projeto de novos EMAUS e reorganizar os já existentes, através da discussão direta, que era documentada em atas. Segundo ele, “O Poema é o projeto dos EMAUS em forma de lagarta, que se transformou no SeNEMAU, e se pulverizou na troca direta de experiências, onde cada escritório modelo mostrava sua forma de

²²¹ O Castelinho da Rua Apa é um imóvel localizado na confluência da Rua Apa com a Avenida General Olímpio da Silveira e ao lado do Elevado João Goulart, no município de São Paulo. Trata-se de uma construção residencial de 1912. De 1982 em diante a residência encontrava-se abandonada e servia de depósito para catadores de papel e em 1991 foi aberto processo de tombamento do imóvel, que se concretizou em 2004. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelinho_da_ru_a_Apa Acesso em 12 set. 2019.

²²² Iniciativa da FeNEA para divulgar seus projetos por todo o Brasil, inclusive os EMAUs.

“O Projeto Caravanas surgiu da necessidade de estreitar os laços entre a FeNEA e suas bases, os Centros e Diretórios Acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo, buscando um contato direto com os estudantes. Essa articulação pode ser feita de diversas formas, de acordo com a realidade das regionais e das próprias faculdades. Seja através de visitas da Diretoria da FeNEA, onde os diretores buscam participar do dia a dia de cada Instituição e divulgar os trabalhos e projetos da Federação ou com a organização de oficinas e debates.[...]” Disponível em <http://www.fenea.org/projetos/Caravanas>. Acesso em 12 set. 2019.

trabalho. [...] Acho que depois da criação dos seminários, não se mexeu mais no POEMA. Só se aconteceu depois de mim” Esteves acha possível localizar estas atas, com ajuda dos demais envolvidos.

Sobre o EMAU Reviver

“O Reviver não era nada. Ele não era da universidade. A gente começou a sair no jornal de tudo quanto é lado. Até a hora em que eles tiveram que nos assumir. Nos deram uma sala a mais, além do D.A e da Atlético, no segundo andar, a direita. Não sei se ainda é do mesmo jeito lá hoje. E começaram a nos bancar” Esteves declarou: “A gente se obrigava a fazer palestras frequentes para ampliar e divulgar o projeto [do Museu de Pesca]. Mais de 100 pessoas, por baixo, passaram pelo processo do Museu. Os mais velhos coordenavam os grupos. Eu coordenei o de paisagismo. Roberto de Sá²²³ participou. Eu não entendia nada de Paisagismo, mas entendia de coordenação de grupos. O paisagismo do museu nunca foi executado, mas até hoje eu sei um monte de nomes de plantas, que eu aprendi na época. Era uma overdose. A gente era [estudante] de igual para igual, mas tinha que cuidar de todo mundo. Você não é professor. Edgard tinha se formado em 1992. Ele teve contato com Ronconi e Lotufo, que foram referências para a primeira geração [do Projeto de orientação dos EMAUS?]. Edgard veio trazendo este bastão pra gente. Eu me formei em 1994.”

²²³ Paisagista de renome em Santos.

²²⁴ Batida feita com polpa de melancia, leite condensado, vodka ou cachaça, e gelo. É servida na própria casca da fruta, que é aberta para

Alexandre participou do EMAU Reviver desde sua fundação até se formar em 1994, e do Instituto Elos por 4 ou cinco anos [ca. 2000 a 2004]. Mudou-se de Santos em 2004 para abrir escritório em São Paulo, com colegas da Faculdade de Arquitetura da Belas Artes, que conheceu quando atuava no Movimento Estudantil

Foi da geração que deu o nome para o D.A da FAUS. “O Michael [professor Michael Leaders] era o rei da Chopada. Levava melancia atômica²²⁴ para a faculdade. Foi ele que fez o projeto do prédio [da FAUS]. Demos o nome dele em vida para o D.A”.

Sobre a FeNEA:

Alexandre Esteves participou ativamente da FeNEA por três anos, de 1997 a 1999. Foi eleito Diretor Responsável da Regional São Paulo, no EREA de meados de 1996 e assumiu quando Rodrigo [Rubido Alonso] assumiu a Diretoria Geral da FeNEA na gestão 1997/98. Segundo Esteves, “Esta diretoria levou a metodologia usada no projeto do Museu de Pesca [de Santos] para o Brasil todo e para a própria forma de gestão da FeNEA”.

NA Gestão seguinte de 1998/99, Esteves foi Diretor de Relações Exteriores, quando Ana Kelly Nobrega era Diretora Geral.

“Fabio Serrano e Augusto, vice-reitores da FAUS, são figuras que foram fundamentais para que nós fizéssemos as coisas. A universidade pagava todas as minhas viagens enquanto eu era diretor da FeNEA. Nunca era passagem

extração da poupa e depois tampada novamente e furada, para receber os canudos que dão acesso à bebida.

aérea, era de ônibus, mais pagavam traslado, estadia e alimentação. [...]. A gente era ‘bocado’. Não tinha medo. Mas eles gostavam da gente. Eles foram que nem pais. Tiveram paciência para não nos podar. O que se colocava na nossa frente, a gente contornava. Tínhamos centenas de referências, e uma delas eram as propostas²²⁵, de Ítalo Calvino, onde ele usa o símbolo da água, que transborda, preenche e contona.”

“Se eu te contar tudo que nós fizemos você não vai acreditar [...] Teve um ano que, dos 365 dias, eu passei 146 fora de Santos. Nós reformulamos o estatuto da FeNEA; criamos o processo dos SeNEMAUS, com oficinas fora; propusemos o Seminário de Iniciação Científica, que só aconteceu mais tarde, com discussões para quem queria participar de grupos de pesquisa; o projeto da Semana de Arquitetura nasceu na nossa gestão Qual das duas gestões? Os símbolos das Regionais foram os diretores regionais que criaram. Criei o da regional SP com a torre mais alta [...]”. Em que ano criaram as regionais? Esteves explicou que a FeNEA não é reconhecida pela UNE, porque é um ‘Movimento de Área’, isto é, uma Federação só de Diretórios e Centros Acadêmicos da área de Arquitetura e Urbanismo. Perguntei: É uma dissidência da UNE?



REGIONAL
SAO PAULO

Figura 107: Símbolo da Regional SP da FeNEA, criado por Alexander Esteves. Fonte: FeNEA.

E ele respondeu” A gente não tem nada contra eles, mas eles têm contra a gente”

Considera que os principais projetos da FeNEA são os encontros nacionais. [ENEAS e EREAS]. “Todos os encontros explodiram na nossa gestão”. O número de participantes cresceu em São Paulo, mas a nível nacional o crescimento porcentual foi muito maior. Completar com dados e data.

A gente participava até da ABEA²²⁶, fazendo ‘auê’ para que eles não aprovassem o que a gente não queria. Com apoio da Marisa [Sobrenome?] e do Goliardo, que era do Mato Grosso, inserimos [o projeto da FeNEA para os EMAUS]

²²⁵ Calvino, Ítalo, 1923-1985 Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas / Ítalo Calvino; tradução Ivo Barroso — São Paulo : Companhia das Letras, 1990,

²²⁶ Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura

13.1.5. Fala de Heloisa Bergamin

A gente sente uma explosão dentro da gente, e não larga nem o Mosaico, nem a faculdade.

Digo que o Mosaico é esta confusão, porque as vezes a gente se dá conta que sou eu que estou hoje aqui, mas amanhã podem ser outras pessoas que vão estar no meu lugar, falando sobre o Mosaico. Outra coisa que eu posso dizer pelos alunos: a idade que o Mosaico tem é muito importante. Ao longo destes anos todos ele vem se construindo, e se renovando com diferentes propostas, diferentes temáticas, mas principalmente com diferentes formas de atuação. Mesmo tendo uma estrutura que se mantem, a gente procura sempre se renovar naquilo que faz.

Aliás, nossos trabalhos valorizam exatamente isso: o processo de aprendizado que temos além da academia, além do que é apresentado em sala de aula, e principalmente o que a gente aprende na rua. Esta interação é muito importante porque, às vezes, estamos aprendendo em sala de aula alguma coisa que diz respeito ao trabalho do Mosaico, e outras vezes, o trabalho no escritório modelo contribui com o aquilo que a gente está vendo em

sala, também. Na verdade, esta prática é o ponto mais importante, porque é muito bonito ver como a gente interage com tudo que acontece na faculdade. Quando um estudante entra no Escritório Modelo existe uma ampliação da visão, porque a gente entende que ensino não é só aquilo que acontece dentro da sala de aula. Ensino também é você ir a uma palestra, a um evento, a uma vivência, e criticar o que está acontecendo, não se manter inerte. É você entender que quem faz a faculdade é você. É você está construindo tudo aquilo. Acho que esta é a uma das partes mais mágicas.

Procuramos estar discutindo sempre tudo que a gente faz, e isso se estende também para o campo da pesquisa. Como a Mel²²⁷ falou, muitas vezes a extensão é vista como patinho feio. Tudo bem, então por que nós não fazemos pesquisa? Por que não publicamos artigos a respeito daquilo que a gente fala? Porque os conhecimentos que estamos trabalhando não são levianos, a gente estuda para praticá-los. Existem professores que nos apoiam, então por que não publicar isso, não ir a eventos acadêmicos? Por que não expor o que é o ²²⁸EMAU, criar uma rede? Aliás isso é uma coisa que o Mosaico e outros EMAUs vêm fazendo. É bem capaz que

²²⁷ Prof. Dra. Maria Amélia [Mel] Leite, que participou da mesa redonda sobre ATHIS e fez a fala anterior.

²²⁸ Espalhados por diversas faculdades de arquitetura do país, estudantes vêm se organizando em entidades consultoras sem fins lucrativos que disponibilizam seus serviços a comunidades que necessitam de orientações na área de arquitetura e/ou urbanismo. O EMAU é um projeto da FeNEA e surge a partir do momento em que um grupo de estudantes se une com interesse e determinação em busca de

uma educação libertária. A relação entre as pessoas, o desejo coletivo e o espírito de grupo são os primeiros e principais impulsos para a realização dos trabalhos e do funcionamento do EMAU, que tem como principal característica ser um ambiente de trabalho compartilhado de maneira horizontal e plural, possibilitando a plena atuação de seus integrantes e seu crescimento junto às comunidades com que se relaciona.

<https://mosaicoemau.wixsite.com/mosaico/escritorio-modelo> Acesso em 15 mai.2019.

vocês nos vejam nos encontros acadêmicos, com artigos publicados, pois penso que assim podemos mostrar uma parte do que a gente faz, que busca principalmente esta troca, a interação.

A cidade de São Paulo apresenta uma escala muito grande. Existe uma enorme demanda de trabalho e de conhecimentos, que podem ser trocados, e principalmente solucionados. Vamos mostrar alguns aqui, que renovam a maneira como trabalhamos com a comunidade. Entender as questões do território das pessoas, a necessidade e de onde ela veio, por que se a gente não entender isto, como fazer um bom projeto? Como a construir uma coisa de forma coletiva? Entendemos que este processo não é uma coisa pontual: “-Ah, agora vamos chegar, fazer o projeto e ir embora”, como as coisas acontecem dentro das disciplinas, Temos trabalhos que duram um, dois, três anos, é uma coisa que se estende, e as vezes vai, as vezes ele volta. Temos esta confluência dos tempos. Enquanto em sala de aula as coisas são muito rápidas, no escritório modelo elas têm outra dinâmica. E as vezes dentro da cidade, com os atores que a gente lida, vemos que é completamente diferente. Por isto é importante trabalhar em comunidades que sejam organizadas, para que possam dar continuidade.

A FAU Mackenzie é uma faculdade forte em projeto, então por que não usar isso para instrumentalizar aqueles coletivos? O desafio é conciliar tudo isso e tentar produzir alguma forma de emancipação.

Vamos sempre tentando construir, não só projetos na escala do edifício, mas também na escala urbana, ou metodologias. Por que a gente não lida com o processo como reflexo daquilo que somos e produzimos? Eu acho que é isso principalmente o que a gente desenvolve.

Projeto em construção, metodologia, autoria coletiva e responsabilidade técnica.

A gente sabe Escritório Modelo importante, mas uma das questões é: Se este projeto é coletivo, quem é responsável? Quem assina? Também não temos a resposta para estas perguntas! É uma coisa que a gente está construindo e muitas vezes, quando é uma metodologia, nem precisa assinatura, vamos desenvolvendo. Como fazer projetos? Como fazer projetos coletivamente?²²⁹ Entram muitas mãos de alunos, de professores, de cidadãos, e principalmente muitas coisas da realidade comum: do poder público, de outras instituições, outras demandas. Então vamos construindo isso - o EMAU mesmo - como uma forma de ampliar nosso campo de visão e nossas ferramentas de trabalho.

Muitas vezes eu talvez não goste daquilo que estou vendo na sala de aula, mas tudo que eu estou vendo dentro do Mosaico é fascinante! É por isso que eu não vou largar a faculdade. [risos] Estória verídica! As vezes da vontade. Acredito muito nesta transformação, não é nem transformação, mas nesta mudança que acontece a partir de um

²²⁹ **Escolha dos projetos.** 1. O escritório não concorre com o mercado profissional de arquitetura e urbanismo; 2. Os trabalhos são selecionados através de Assembleia Geral; 3. Os

trabalhos são voltados às comunidades que não tenham acesso ao mercado profissional; <https://mosaicoemau.wixsite.com/mosaico/escritorio-modelo> Acesso em 15 mai.2019

novo olhar que se tem da realidade e da sociedade.

[referência nacional, satisfação, processo, força política, movimento estudantil, demandas, lutas, projeto]

E quanto levamos isso para a escala nacional, vemos que tem muita gente fazendo a mesma coisa, e que aquilo que fazemos se torna referência de trabalho em muitos outros lugares. Isso é como uma explosão! É isso que faz a gente continuar, esteja dando certo ou errado! Sabemos que existem demandas pelas quais a gente precisa lutar, e a nossa forma de lutar por elas é através do projeto. O que importa mesmo é o processo. A gente precisa continuar, porque esta é a força política do projeto e do movimento estudantil.

Funcionamento do Mosaico

Vamos mostrar como o Mosaico funciona. Para quem não sabe, ele é uma referência nacional porque é um escritório modelo muito ativo no movimento estudantil, muito organizado, porque são quinze anos de história que estamos organizando. Nosso **núcleo estruturador**, que na minha humilde opinião se assemelha muito a uma vivência de escritório, tem função burocrática. Cuida da infraestrutura que a gente tem na FAU, dos computadores, do arquivo onde estão as nossas memórias, de anotar reuniões e fazer os pedidos, e deste diálogo com a faculdade. Como esta

vivência é importante para todo mundo, este núcleo é rotativo, dura só um ano.

Cada grupo de trabalho [GT], onde trabalhamos diretamente as demandas, é muito específico as vezes isolado, então a **Festa do Laranja** é um momento que temos para confraternizar, trocar experiência: “- Nossa, a gente nunca trabalhou deste jeito, por que a gente não faz algo parecido?” Temos também o **Dia D**, que são os dias de discussão, que trazemos sempre o tema que está mais em pauta para Mosaico. Agora, por exemplo, estamos muito envolvidos com o Fórum de ATHIS²³⁰, porque sábado vamos propor uma oficina e queremos debater não só como podemos contribuir para o fórum, mas como o fórum contribui para o Mosaico. Queremos ter base e trocar conhecimento sobre isso. A gente tem os ULIBUS, que são os momentos que a gente tem para sair nos fóruns, ...para a disciplina, né? No começo do semestre, sempre temos os nossos **meses de imersão**, para chamar novos alunos, explicar o que é o Mosaico e o que a gente faz, e no final da história, todo mundo sai confuso, e vai para o Mosaico tirar as dúvidas, porque a gente é superaberto. É só ir à nossa reunião no do 3º andar do prédio da FAU, na nossa portinha, que vai ser super bem recebido. E embora a gente esteja meio isolado lá, e, somos superabertos....

Agora vou falar sobre os GTs²³¹ atuais do Mosaico e mostrar a diversidade do

²³⁰ Fórum de ATHIS onde aconteceu esta fala

²³¹ Os GTs são os Grupos de Trabalho do Mosaico. São frentes de trabalho formadas por um grupo de alunos responsáveis pelo desenvolvimento de um projeto. Cada grupo realiza reuniões para o melhor andamento do projeto, e seus horários e datas são definidos

livremente pelos integrantes do GT. Durante as reuniões gerais o progresso do projeto é colocado em pauta, trazendo ao escritório seu feedback.

<https://mosaicoemau.wixsite.com/mosaico/grupos-de-trabalho>. Acesso em 15 mai.2019

campo de trabalho de cada um²³². No **GT Observatório**²³³ tratamos de uma demanda habitacional, e de uma demanda muito importante no território de saúde. No GT, muitas vezes, o tempo é mais corrido do que na faculdade, pois na luta com o poder público o ritmo é muito rápido e as vezes estamos batendo, as vezes apanhando. O projeto tem uma cara mais forte, de fazer as pessoas tem um motivo de estar ali, e perceberem que aquele território também tem potencialidades, é um lugar interessante para viver. Então, por que não fazer um projeto que potencialize o que tem lá??

O **GT BOCADA** tem parceria com o *Portal Bocada Forte* para a criação de um memorial do hip hop, uma cultura que nasceu no centro da cidade, no Largo de São Bento. Ele é bem novo e interessante, e tem toda esta questão da cultura na cidade. Como o centro é um lugar cheio de cultura, de relações, a questão é de que forma estas manifestações culturais, que já existem, podem ser exacerbadas.

O **GT FABRICA DE RESTAURO** foi trazido pela prof. Nádia, com parceria do

Laboratório de Extensão do Mackenzie, onde a gente busca atender as dinâmicas do território em consonância com as questões de patrimônio, o que é difícil. Enquanto a gente fala: “Ah! aqui vamos restaurar tudo!”, as pessoas que vivem naquele patrimônio estão com a casa caindo, como se sabe. Elas é que sabem as demandas, sabem o que estão passando. Logo, é com elas que precisamos conversar para entender esta dinâmica.

O **GT UNAS**, desenvolve uma ação com as crianças do *Centro de Crianças e Adolescentes de Heliópolis* e o **GT MILTON SANTOS** estuda a cobertura de uma loja no município de Americana.

Acho importante destacar aqui como estes GTs chegam até o Mosaico, seja através de um professor, um membro antigo, ou de uma entidade que conheça o Mosaico. Vamos tentando sempre alinhar nestas temáticas: se é uma comunidade organizada e se tem ligação com arquitetura, montamos um grupo de pessoas dispostas a imergir e trabalhar naquilo, porque pode dar resultados ótimos e ser construído - ou não, pode se estender por seis meses - ou não, pode dar certo ou não. Mas no

²³²Quem participa? Todos da comunidade acadêmica podem ser membros do escritório, participando de suas reuniões. Todos os integrantes do escritório têm o mesmo nível de decisão, de modo a proporcionar um debate mais aberto e igual entre todos, seja professor, estudante. <https://mosaicoemau.wixsite.com/mosaico/escritorio-modelo> Acesso em 15 mai. 2019.

²³³ O GT Observatório é um GT de pesquisa e projeto que surgiu de uma parceria com o Grupo de Pesquisa da FAU-USP, Observatório das Remoções. A proposta dos Observatórios das Metrôpoles é de produção de um levantamento colaborativo de informações sobre os conflitos metropolitanos em todo o Brasil, de forma que

essa informações possam ser trocadas em uma rede nacional de dados. O Mosaico começou a se inserir nessa rede com a finalidade de contribuir para o banco de dados bem como realizar projetos de arquitetura e urbanismo que possam ser usados como justificativa e defesa legal para as comunidades e movimentos envolvidas em determinado conflito, fazendo com que o projeto seja uma ferramenta de luta contra os processos de disputa territorial dentro da metrópole. Reunião: segunda-feira, 18h.

<https://mosaicoemau.wixsite.com/mosaico/gt-observatorio-2017-Atual> Acesso em 15 mai.2019.

final, com certeza, vamos chegar a um lugar que nenhum de nós esperava, e esta é a melhor parte.

Eu acho que é isso. Só esqueci de falar de uma coisa. Que no meio do ano a gente tem uma coisa que são os Seminários Nacionais dos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo - os SeNEMAUs, momento em que a gente se encontra, todos e discute todas as sistemáticas dos EMAUS. O próximo vai ser agora em agosto, e estão todos convidados, porque embora tenha esta cara de ser só para escritórios modelo, é bem aberto.

13.1.6. Entrevista Juan Cabello Arribas

O arquiteto está em uma nuvem ainda, ele tem que baixar.

Claudia: Boa Tarde, Juan. Antes de tudo, eu quero agradecer sua disponibilidade em atender o convite deste grupo de pesquisa do IPECI para falar sobre suas experiências de pesquisa e extensão aqui na FAUS da UNISANTOS. É muito interessante, particularmente para nós, essa questão da transdisciplinaridade do grupo de pesquisa que encabeça - Superestúdio Transdisciplinar - porque, de todos os grupos que nós levantamos, este é o único que apresenta essa característica. Então, ficamos curiosos em saber mais, sobretudo se a transdisciplinaridade já está estruturada e se vocês têm captado alunos de outras faculdades.

Juan: Olha, Claudia, obrigado por se lembrar de mim para falar. A criação do grupo Superestúdio Transdisciplinar vem de uma necessidade de juntar pontos de vistas diferentes sobre o projeto de Arquitetura. Porque o projeto de arquitetura atualmente está engavetado, está isolado do resto das disciplinas e é por isso que eu acho que ela está em crise. Então, nosso projeto de grupo de pesquisa partiu da ideia de complementar enfoques - diferentes focos do projeto - para se complementarem e trocarem ideias, porque muitas vezes nas diferentes gavetas onde nos colocaram - nós arquitetos - estamos isolados. Portanto, os diálogos dentro do grupo são bem abertos.

Tudo isso vem do meu histórico, quando me animaram a lançar o grupo de pesquisa - que foram meus colegas de projeto - eu comecei a pesquisar muito

cedo, há 20 anos, em Portugal, depois já desenvolvi meu doutorado em Madri e em Londres, mas a minha pesquisa sempre foi ver a Arquitetura desde fora da Arquitetura, portanto, sempre senti necessidade de entender a Arquitetura longe dela e procurar onde, em que campos se falava da Arquitetura... Bom, o resultado é o seguinte Cláudia, não dá mais para falar de projeto de Arquitetura como um fenômeno isolado. Quando fiz meu doutorado, consegui comprovar - frente a uma banca muito rigorosa, vinda dos Estados Unidos, da Inglaterra, de Portugal e da Espanha, claro - que os congressos internacionais de Arquitetura caíram, em 1956, pela transdisciplinaridade entre Artes Plásticas, Ambiente, Geografia e Arquitetura. E foi por isso que acabou o movimento moderno oficialmente.

Tudo tem a ver, também, com os diálogos contínuos que eu tenho com meus colegas arquitetos. A prática profissional mudou. Já não é mais uma prática da Arquitetura isolada. Eu intervenho como arquiteto desde um ponto de vista muito mais abrangente. Para mim, a palavra do século XXI, no mundo da Arquitetura, já não é mais o espaço e sim a Geografia. E já não se fala nem de uma Geografia territorial, é uma complexidade muito maior. Portanto, temos que analisar a atualidade desde pontos diferentes de vistas para conseguir atuar como Arquitetos, porque quando transformamos um ponto desta geografia, muda outro.

Então, justamente o superestúdio tem que pensar na área de atuação do arquiteto de uma maneira muito mais complexa. Não é complicada, não se pode cair neste erro de que complicada

é complexa. Não! A complexidade é simplesmente um pouco mais...digamos que propicia processos muito mais elaborados, muito mais rigorosos. Porque complicado não é, mas dá mais trabalho.

Claudia: Você entende complexidade mais ou menos como o Morin?

Juan: Complexidade para mim é uma somatória de muitas variáveis que estão em contínua transformação, onde o tempo é simultâneo, e onde uma mudança bioclimática faz que o dia a dia de uma pessoa mude, ou vice-versa. Como o cotidiano de uma pessoa e seus hábitos fazem com que o bioma se deforme.

Claudia: Fora as interfaces entre todas estas variáveis!

Juan: Já não se pode falar só de espaço, para mim é muito claro - e esta é tese que estou defendendo no meu pós-doc. no Rio de Janeiro - como o arquiteto atual está fincado na ideia do espaço, ainda não passou para a ideia contemplativa da paisagem, e muito menos ainda para uma ideia de Meio Ambiente. Portanto, enquanto o arquiteto não entender o espaço de atuação da Arquitetura - que é o meio ambiente - nunca entenderá que a Arquitetura já não produz espaços, nem produz arquitetônicas, senão que produz atmosferas, que são recintos dentro do meio ambiente respiráveis e benéficos para o Homem e o entorno. Já não se pode isolar o Homem do entorno.

No grupo superestúdio interdisciplinar, somos todos professores vindos de diferentes áreas, mas sobretudo atuamos no campo do projeto. Damos aulas de projeto - a maior parte de nós - mas temos outras pessoas que dão aulas

em outros cursos: no curso de Filosofia, de Música - que é a Ana Elena. O Professor Granata, por exemplo, dá projeto de arquitetura, mas desde o ponto de vista da Tecnologia, da elaboração do Design, que é o que ele gosta.

Então, resumimos a pauta do grupo em cinco linhas de pesquisa que são: 1. Arquitetura e Pedagogia; 2. Arquitetura e Tecnologia; 3. Arquitetura e Pensamento ambiental; 4. Arquitetura/Patrimônio; 5. Arquitetura e Manifestações artísticas. Com isso, que são só 5 guarda-chuvas, achamos que temos todo o âmbito desta transdisciplinaridade bem agarrado. Qualquer tema que entra nesses cinco pontos é o que hoje em dia define o nosso ambiente habitado.

Claudia: E eu entraria na arquitetura e pedagogia....

Juan: A Sociologia, por exemplo, entra em Pensamento Ambiental, porque o meio ambiente já não é mais a "verdolatria", já não é mais o verde e a palmeira, o ambiente é o Homem como extensão dos seus arredores e vice-versa, os arredores como extensão do ser humano. Então, conseguimos juntar tudo.

Hoje em dia temos pessoas que estão trabalhando sobre Pedagogia, sobre a FAUS, que é o Professor José Maria, sobre Intervenção no Patrimônio Histórico Moderno, que é o Professor Apoena, e temos ainda os Professores Denis e Sebastian que trabalham sobre como interpretar de novo o patrimônio moderno para criar outras estratégias de projeto e, eu que trabalho de uma maneira muito, mais muito transdisciplinar no Dique da Vila Gilda.

Estamos fazendo um levantamento desde a unidade residencial até a estrutura macro da favela aquática, e vice-versa, como da estrutura macro territorial chegamos até o cotidiano de uma pessoa. Então é um vai e vem realmente, que é transversal, porque a palavra do século XXI para a arquitetura é transversalidade, que é o que nós chamamos, no grupo, como transdisciplinaridade. Porque se passou das disciplinas, da especialização nos anos 90, para multidisciplinaridade da primeira década dos anos 2000 e agora não se pode mais falar de compatibilidade entre as disciplinas, ou de interdisciplinaridade, agora nós nos apoiamos sobre uma base transdisciplinar. O tema da economia, por exemplo, é transversal a todas as disciplinas. Seja de qualquer matéria. O cotidiano, o conceito de respirar entram em todas as disciplinas, o próprio conceito de ensino, pesquisa e extensão, eles são transversais e atravessam em todas as disciplinas. Desde quando eu fiz a banca para acessar aqui [na FAUS] em 2016, eu já defendia esta transdisciplinaridade, portanto, ela já está funcionando. Nosso grupo de pesquisa está agora com 17 alunos pesquisadores. Nem todos têm bolsa, e eles estão bem animados. Somos sete professores de pesquisa, dentre os quais três doutores: Ana Elena Salvi, Juan Cabeças e Fernanda Brito.

Claudia: Ele é um grupo do IPECI? Ou da FAUS?

Juan: É um grupo da FAUS que está homologado pelo IPECI, está listado no CNPq. Ele está completamente certificado. Então, como eu também pertencço ao HABITAFUS - o laboratório de assentamentos humanos [urbanos,

como eles dizem, mas eu gostaria de chamar de humanos] - eu estou animando as pessoas, para que, quando mandarem um projeto de IC ou de IT, para ganhar uma bolsa, já pensem como essa pesquisa vai reverter sobre a sociedade, ou seja, não adianta fazer um projeto “cabeçudo” de pesquisa científica, se ele não vai ter uma compensação social. Apesar de ainda estar muito novo no Brasil, no meu escritório profissional, sempre fazemos, uma vez ou duas vezes por ano, um projeto de compensação social, quer dizer, comunidades que não estão com capacidade de trabalhar com arquiteto, nós doamos um projeto. E venha quem quiser do campo profissional [reclamar], porque nós não ganhamos, então não estamos fazendo concorrência ilícita. São pessoas que estão perdidas nas mãos de Deus e a gente chega lá e faz assistência, que nem é técnica, é a elaboração de um projeto e depois, eles se viram, vão procurar fundos. Então, a pesquisa hoje em dia, mais do que nunca, e no Brasil, ela tem que provocar extensão com a comunidade.

A minha linha de pesquisa, que estamos terminando agora o levantamento, lá no dique da Vila Gilda, vai provocar um manual de autogestão, auto política e autoconstrução, porque não nos interessa desenhar, já vimos que não dá para desenhar uma favela. Mas ela existe! Então, estamos confrontando um problema da realidade. Existe, está fora de lei, mas como estava lendo outro dia em uma conferência que fui, se falava que 30% da população de São Paulo mora em 10% do território.

Claudia: [assobio] uau!

Juan: Então assim, o que quer dizer isto? A irregularidade e a improvisação

têm que ser temas para a pesquisa direta. Então, estamos realmente pesquisando para ver como nosso projeto de pesquisa pode dar um fundamento para criar só conhecimento, mas já não é só conhecimento em si mesmo, é conhecimento para nós como arquitetos - para transformar as práticas de projeto de Arquitetura - e conhecimento para os moradores que estão lá, para eles sentirem, primeiro, que tem apoio, e, segundo, tem um manual para se organizarem. Porque todos os dias morrem pessoas não só de doenças, mas de “desaparecimento” de casas - porque o mar sobe e leva casas - de incêndios causados por curtos-circuitos na rede elétrica- porque eles não têm uma base técnica. Então, vamos ter uma base técnica de autogestão. O projeto que vamos apresentar - que eu já apresentei agora, para desenvolver junto ao IPECI no próximo ano - vai ser como evoluir de um levantamento tecnológico de lá, dizendo que aquilo não funciona e dizendo como fazer funcionar. Já temos tudo isso preparado, para criar o manual, criar esta base técnica de autogestão, e ajudá-los a se organizar. No próximo projeto, espero ganhar bolsa para ter mais alunos.

Claudia: Você tem dezessete alunos agora?

Juan: Não, não. Na linha de pesquisa, eu tenho sete.

Claudia: E eles são todos da FAUS?

Juan: Todos da FAUS. E isto está sendo um pouco difícil, Cláudia. Desde o HABITA, que é onde eu trabalho, está sendo muito difícil juntar os grupos de pesquisa da própria FAUS, porque somos incompatíveis em horários. Na

quarta-feira, que é quando todo o meu grupo de pesquisa vem, a gente marca um horário e os outros grupos não vem, e não podem mesmo vir, por que tem outras obrigações. Então fica muito difícil juntar todos os alunos, O que acontece... Imagina isso. E a nossa ideia desde o Habita é conectarmos aos grupos de pesquisa da universidade através do IPECI e inseri-los em um grande grupo multidisciplinar. E aí sim fazer estratégias, transdisciplinares. Este é um dos nossos objetivos como Habita. E eu já, desde o meu grupo de pesquisa estou levantando a mão e dizendo: - “não queremos ficar isolados, queremos falar com vocês!” Uma das questões que acho fundamentais seria, desde o IPECI, já começar a estabelecer reuniões, uma ou duas por ano – uma só seria suficiente - para que todo mundo saiba o que o outro está fazendo. Mas não aquela coisa cheia de blábláblá. Não. Usar uma forma bem sucinta: - Gente, esta pessoa está fazendo tal coisa, neste lugar, com esta ideia que se procura para a extensão. Só isso. Porque meu tema aqui é transformar pesquisa em extensão.

Claudia: Você sabe que agora há uma nova lei de extensão que determina que 10% das atividades das disciplinas cursadas têm que ter o formato extensionista, fora de sala de aula. Como você acha que esta lei se refletirá nesses projetos de pesquisa e extensão que você está desenvolvendo? Que efeito isso teria na prática?

Juan: Olha, nós já vamos fazer isso no próximo semestre. Nós já fizemos em todo este último ano o levantamento do Dique, vamos levar todos os alunos do terceiro ano para fazer propostas para o Dique da Vila Gilda, não de habitação,

mas de equipamentos, porque o problema da favela não é habitação. A habitação, o problema que tem é que está em condições paupérrimas, mas o problema principal social é que não tem equipamento. Em tão, como não tem equipamento, eles estão isolados de tudo. A única coisa que tem lá é a Arte no Dique. E agora abriram um Bom Prato, bares e pontos de venda de drogas. Não tem uma biblioteca, não tem nada! Equipamento é fundamental. A minha ideia desde o grupo, desde a minha linha de pesquisa é claramente do arquiteto, em menos de 10 anos, estar só desenhando infraestrutura. Porque o espaço já tem, está faltando infra. E nada melhor que o arquiteto começar a desenhar isso. O segundo semestre do terceiro ano é fazer fincar pé em um programa que não existe, e que tem este viés de infraestrutura.

Chega de fazer museu e casa de cultura, a cidade está cheia de casa de cultura e estão vazias, que não têm ninguém. Os museus estão vazios. Em São Paulo não, que lá estão cheios, que falta espaço. Mas em Santos os espaços culturais estão vazios. Então imagina poder criar outro tipo de arquitetura, ou digamos, outro pensamento de arquitetura em que, no mesmo elemento você esteja beneficiando o meio ambiente e a sociedade. É uma infra nova. Está é a transdisciplinaridade. Eu estou muito perdido, mas no último trabalho, agora, já estamos no lugar. Por isso estou no pós-doutorado estudando Sérgio Bernardes. Porque o cara trabalha isso desde o primeiro projeto, ninguém leu isso assim. Ninguém percebeu este viés. E eu descobri isso, apresentei o projeto de pesquisa lá na PUCRJ e eles ficaram assim, surpresos. Por que o cara falou

assim:- “Ai, ai, um utópico.” Não! Ele está falando isso desde o primeiro projeto dele. E ninguém pegou. Por quê? Porque você tem que entrar na complexidade. Porque os projetos de pesquisa, que depois dão nestas extensões um pouco Naïfs, né, têm muito assistencialismo. A extensão não pode ser assistencialista, tem que ser motivadora. – “Aí coitadinhos...” Não! Não pode ser só isso. E o Sérgio Bernardes, que quase foi prefeito do Rio de Janeiro - ele apresentou candidatura - desde o começo está dizendo isso: - “Temos que juntar o entorno com as pessoas em uma coisa que chama meio ambiente ou geografia, como você quiser”.

Cláudia: Meu mestrado é em geografia urbana, não sei se você sabe, fiz lá em Santa Catarina.

Juan: Eu brigo. Eu gosto de brigar. Eu gosto de brigar com urbanistas. Quando têm miolo eu gosto de brigar, né? Não podemos concordar sempre. Tem pares que estão utilizando na pesquisa palavras antigas. Cidade é uma palavra antiga. Quando 84% da população mundial vive em cidades - e são todas diferentes – cidade já não é uma palavra. Praça é uma palavra antiga. Como é que se fala de praça? O que é uma praça? E continua se falando estas coisas. Por exemplo espaço público...

Claudia: Você faz uma comparação entre equipamentos e espaço público?

Juan: Não, eu questiono que como se continua falando estas palavras, esses termos na produção de Arquitetura, a Arquitetura não avança.

Cláudia: Porque fica amarrada nos conceitos anteriores....

Juan: É. São anteriores, porque espaço público não existe mais, a Internet e o

Wi-Fi roubaram a presença mesmo do ser humano, como é uma praça onde as pessoas... como é uma praça de um aplicativo de internet? Qual é esta praça? Ou seja, a própria realidade atual está questionando o próprio espaço urbano. O Urbano, que também é uma também é uma palavra estranha, porque tudo é urbano. Agora estamos num onde até aqui é urbano, o resto, não é. O rural sumiu, né? Não tem uma meia medida, as cidades médias já são urbanas, mas são outro urbano. Essa grande conurbação está fazendo que tudo esteja se dividindo em dois polos muito claros: O que é urbano e o que não é.

Cláudia: Pouquíssima coisa não é...

Juan: A revisão dos termos, das palavras desde a transdisciplinaridade é muito importante. Eu falo de geografias habitadas, e as pessoas falam assim: - "Nossa, do que você está falando?" Ou então falo de atmosferas, e a mesma pergunta surge. Porque não se fala mais de urbano, não se fala mais de cidade. O espaço público já não existe, sobretudo no Brasil. É puro fluxo. Quem fala da experiência urbana do carro? Ninguém! E, no entanto, as pessoas passam em média três horas por dia no trânsito. Como é que se vive uma cidade desde o carro? Isso não está estudado. Não está.

Cláudia: E é um tema incrível!]

Juan: Eu acho que eu cansei, tive um "piti", uma crise com a arquitetura. Quando terminei o meu mestrado eu falei assim:

- Bom, acabou! Eu não consigo mais fazer arquitetura com tudo isso. [risos]. Então, vou ter que me reinventar! Chega. Dei um chega para lá. Eu venho de uma formação muito clássica de Madrid, muito técnica, tecnológica. Eu

fui estagiário durante seis anos. Eu tinha meu escritório, mas estagiei seis anos, que é um estágio grande. Mas claramente eu tive que dizer não à prática tradicional de Arquitetura. Porque não funciona mais. E você vê nos Trabalhos de Conclusão; ou seja, um TC de centro cultural. Para que que eu quero um Centro cultural? Para que eu faço uma praça? Eu sempre pergunto aos alunos:- "Vocês fazem praça. Vocês vão em praças?" Eles respondem: - "Não." Então por que vocês estão projetando uma praça? (risos)

Entendeu? Porque não quer dizer que um projeto com uma praça seja melhor que um que não tem. O problema é que a atitude crítica é o fundamento do nosso grupo de pesquisa. Mas a crítica não é uma coisa negativa, é uma forma de revisar. Os ingleses não falam de *critics*, falam de *review*, e *review* é fazer uma revisão das coisas, ou seja, é sempre...

Cláudia: atualizar?

Juan: E já não é atualizar. Não se pode ir comendo tudo que nos falam. Vamos falar não, e começar a analisar realmente o que estão nos transmitindo, porque a publicidade as mídias, tudo isso, eles têm... Como dizem, o diabo está sempre trabalhando. A assim, de pronto saltamos de estar trabalhando em uma prancheta a estar desenhando um PDF em um celular. Assim! [gesto de estalo com as mãos]. Foi automático, então temos que dizer: - "Espera! Espera". Precisamos esperar! Calma. Para um pouco. Vamos ver o que está acontecendo. E acho que, às vezes, criamos pequenos atritos com as pessoas, mas assim, os alunos estão recebendo esta mudança de uma

maneira impressionante. Na revisão que estamos fazendo no grupo de professores de arquitetura, todos nós falamos, E isso é uma coisa muito boa, toda a grade de projeto está junta, estamos todos juntos no grupo de pesquisa, do primeiro até o quinto semestre. Então, o que acontece? Todos nós estamos fazendo uma revisão na sequência de projeto de Arquitetura, do primeiro ao quinto ano da grade. Do primeiro semestre está o professor Sebastian, do segundo o professor Denis, do terceiro eu e o professor Zé Maria, no quarto está o professor Apoená. Bem ou mal estamos levando de uma maneira muito mais orgânica os temas. Porque eles estão vendo o que cada um está pensando, através do grupo de pesquisa.

Claudia: Vão fazendo os links todos, as interfaces todas...

Juan: os alunos sabem. Ou seja, as vezes eles não veem o que você está pensando, mas sabem qual é o seu campo de ação. E estes campos estão se complementando. Até chegar o momento em que desta complementaridade vamos passar para a transdisciplinaridade. Não tem outra hipótese, todas as universidades que frequentei em Londres e Portugal, de 2004 a 2010, estão indo nesse caminho.

Claudia: Mas por exemplo, se você precisar ou quiser um aluno de psicologia, eu posso vir e apresentá-lo ao grupo? E ele se incorporaria ao grupo se ele pudesse vir neste horário?

Juan: Excelente! Não tem problema! É engraçado que antigos alunos da FAUS estão vindo nos procurar para estar pesquisando conosco. Quando estive estudando em Londres [2004-2010], fiquei seis anos conectado a duas

instituições que, por acaso, não eram da Arquitetura, mas do mundo da Arte, da crítica de arte: a Tate Modern e White Chapel Gallery, e já não se fala mais de multidisciplinaridade, só se falava de interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade. O tema do medo, por exemplo, aparece na imagem, na Arquitetura, aparece em tudo.

Cláudia: São temas humanos, né? Que são transversais...

Juan: Sim, são humanos. Eu tinha comentado que uma amiga minha que saiu de Cambridge agora e foi para a Universidade de Lisboa. Ela trata do tema do herpes. Em 2005 estava em Cambridge falando do herpes, mas no âmbito cotidiano: o que ela comia, que roupa usava, se viajava etc. Tudo isso para falar do herpes. Ou nós começamos a entender que Arquitetura tem que se atualizar e entrar neste viés, ou a arquitetura vai continuar a produzir caixas de concreto isoladas, com patologias, aonde depois ninguém vai!

Claudia: As pessoas não se sentem bem? Já não sei se não se sentem bem... sei que elas... O arquiteto está em uma nuvem ainda, ele tem que baixar, porque a Arquitetura se faz a partir do interior da sociedade e não para a sociedade, ou seja, você tem que bolar o programa de Arquitetura com a comunidade do lado. No nosso programa de Vila Gilda, nós nos reunimos, no mínimo, mais de dez vezes com as lideranças. Agora que já sabemos o que as pessoas precisam, no semestre que vem vamos tentar dar uma solução e tentar incluí-los na solução, para que deem a solução para o seu próprio problema. Isso é um desafio, mas a extensão sem desafio não tem graça. Quando entrei na FAUS, em

2016, fiquei isolado porque vinha falando de coisas estranhas, e os estudantes verbalizaram: - “Não estou entendendo este homem”. Mas agora, temos sete alunos fazendo pesquisa sem receber bolsa. Os alunos cada vez mais me procuram para entender do que eu estou falando. Este ano tive oportunidade de orientar quatro alunos de TC fantásticos, ‘super’ ligados, que não estão mais pensando só em centro cultural. Fazem trabalhos de conclusão cujos temas são: Identidade, Erosão Marinha, Casa Grande e Senzala e Infraestrutura Socioambiental. Onde estes temas encaixam na Arquitetura? Eles não encaixam!

Claudia: Mesmo nós já tivemos temas como os refugiados ...

Juan: Mas, sim, estes são temas que também são transversais...

Claudia: O próprio tema do Tiago Zatti, transversalíssimo... Você viu onde o Tiago Zatti está hoje? Como curador no Instituto Tomie Otake! Nós produzimos também este tipo de pessoa, de profissional.

Juan: A história é que, para benefício da FAUS, este viés diferente de formação é importante e deve ser reforçado, porque diferencia a instituição dentre as faculdades da baixada santista. Isso não quer dizer que não estamos fazendo pesquisa essencial. Estamos fazendo sim, mas de outro ponto de vista mais abrangente, que sobretudo quer capturar outros tipos de técnicas, porque o arquiteto sobretudo é um técnico, é uma pessoa muito sensível. Como explicar? O arquiteto pode atuar desde as artes plásticas até a história passando pela filosofia até a ética. Ele pode atuar com todo o resto, porque justamente a nossa formação faz com

que consigamos entrelaçar e arquitetar conexões.

Cláudia: Conexões. Acho que esta é uma palavra transversal...

Juan: Conexões e mediações!

Cláudia: Eu acho que esse material sobre extensão, que estamos produzindo, pode vir a trazer novas pessoas para o seu grupo de pesquisa, não é?

Juan: Ah! Eu espero. Isto é um pouco aflitivo, os alunos, quando nos veem pela FAUS, todos querem vir, porque nós fazemos o trabalho com eles. Eles não trabalham fora. Isso de levar os alunos da FAUS para a favela aquática o ano inteiro, levando “porrada” né, você sair do seu banho quente e...

Cláudia: É Hardcore.

Juan: E levar pistola, como eu já levei, na cara e nas costas.

Claudia: Não aqui, né? Lá no Dique da Vila Gilda?

Juan: É hardcore. A realidade é esta, esta é a realidade. Tem 60.000 pessoas morando lá, são 15.000 famílias, com uma média de 4 pessoas por família. Verdade que agora tem muito abandono, a densidade baixou. Tem muitas casas vazias, por isso se produzem tantos incêndios. É engraçado, a favela melhora quando entra o HIS, porque eles pegam o HIS, vão para casa, ligam, assinam, alugam lá e voltam para a favela. Então a qualidade da favela aumenta, porque essa renda que eles têm do aluguel, vão aplicar lá de alguma maneira. No mês de dezembro, levamos o mês inteiro pensando como deveríamos refazer um deck, e quando chegamos lá, ele estava refeito, tal e qual nós tínhamos falado com eles. Então pensamos: está funcionando. Nós não queremos mais

maquiar! Cada um que faça sua casa como ele gosta e pode. Não queremos maquiar nada, mas das questões de infraestrutura, chegar lá e estar lá um dia e, dois meses depois chegar lá e ouvir dizer que aquela menina que vimos brincando morreu de leptospirose, não é legal. Dessas coisas queremos cuidar, e o arquiteto não quer atuar nestas coisas, porque tem responsabilidade. Então estamos nessa.

Cláudia: Eu quero só fechar com uma pergunta sobre formação humana. Nós formamos técnicos, e como você mesmo falou são pessoas muito sensíveis. Formamos cidadãos, professores, pais, mães etc. Como é que você acha que essa experiência de extensão participa da formação de nossos estudantes como seres humanos?

Juan: Diretamente, porque, pelo menos neste grupo de pesquisa que nós temos, esses guarda-chuvas diversos, vão diretamente tocar essas pessoas, diretamente. Nesta Pedagogia, o aluno se encontra a partir do ponto de vista do professor e do aluno. Portanto, ele sente a horizontalidade, que é super aplaudida, tanto que isso acontece nas nossas aulas de projeto. Somos horizontais, nós temos um ateliê de projeto. Não é uma aula do tipo blablabá e vamos embora. Sentamos todos em uma mesa horizontal. A minha cadeira tem a mesma altura. E depois, a extensão faz com que as pessoas se aproximem da realidade. Quanto mais conseguimos trazer nossos alunos para a vida real, acho que vão ser melhores como seres humanos, do que estarem ali isolados. Sobretudo porque a Arquitetura isolada cria bichos. Tem muitas universidades que são muito

boas, mas que são isoladas... Bichos! Que só falam de espaço, espaço, espaço, corte... Tá bom, tudo bem, e o resto? Cadê a complexidade que envolve toda a Arquitetura? E eu sou bem forte, Cláudia, e vou... quando, outro dia, me convidaram para dar uma palestra [risos] questioneei tudo e preguei com cravo: tum, tum, tum... eu peguei minhas anotações e fui, uma por uma, nossa! O cara ficou assim.... Bom, Cláudia, tem o cara que não está pesquisando, mas está atuando como arquiteto e tem o cara que está atuando menos como arquiteto, mas que está pesquisando. A minha ideia da Arquitetura está mediando pesquisa e trabalho. Hoje em dia, não se pode estar trabalhando com Arquitetura sem estar pesquisando! Você fica obsoleto. Se você sabe tudo sobre o plano diretor, mas não sabe o que está rolando no lugar em que você o está aplicando, para quem você está trabalhando? Hoje, o escritório é um laboratório.

Cláudia: Você, que já trabalhou fora do Brasil, na Espanha, em Portugal, acha que a nossa faculdade tem uma tendência maior em se ligar a extensão do que as outras, em Portugal e na Espanha, onde você já trabalhou? Como você sente a FAUS nesta questão?

Juan: Olha, hoje em dia, estou ligado a duas universidades que tem extensão, que são a UNISANTOS e a PUC do Rio. A PUC tem plataformas em quase todas as favelas do Rio de Janeiro.

Cláudia: O que são essas plataformas?

Juan: São pontos para ouvir as pessoas. As pessoas têm uma carência de serem ouvidas. Elas fazem um levantamento do diagnóstico atual, atualizadíssimo. Eu fui agora, em maio, visitar uma

[plataforma] na Rocinha, para saber o que é uma plataforma de extensão.

Cláudia: Interessante este nome, plataforma...

Juan: Foi assim que eu chamei, porque eles chamam verdade, estas plataformas de pontos da PUC. Então você vê os lugares onde a PUC RIO está atuando. E não é assistencialismo, eles fazem levantamento atualizado da realidade.

Claudia: E, com estes levantamentos, eles conseguem fazer alguma coisa de extensão?

Juan: Total, que não seja já...

Cláudia: Com financiado pelos dos próprios moradores?

Juan: Não, não! Tem financiamento. Mas mesmo que não seja já, vão poder atualizar o poder público das coisas que estão acontecendo. Porque ninguém entra para fazer levantamento. Essas pessoas não existem, não tem CEP, nem endereço, nada. E a regularização fundiária é muito lenta. Como você vai fazer regularização fundiária é muito lenta. Tem uma unidade, e amanhã, ela não existe mais lá? Você vai fazer o levantamento de uma família, e amanhã ela não está mais lá. Eu acho que, em um país como o Brasil, a universidade tem que ser - além de uma criadora de cérebros e tudo que você quiser, e tal - ser um grande esforço de capacitar alunos de qualquer área para doar parte de sua vida nesta extensão. Aliás, acho que a generosidade é o tema do século XXI, neste país. Ninguém aguenta mais. Então eu consigo ser generoso do ponto de vista profissional. Acho que isso faz parte do mundo do pesquisador. Pesquisar, escrever um texto para publicar... é engraçado que a extensão não seja paga academicamente. Só se

paga o artigo em que você publica em uma revista. Não se paga o projeto de estar trabalhando com uma comunidade. Já estou há 3 anos com este projeto de pesquisa, aqui, com esta comunidade...

Cláudia: E por que você escolheu essa especificamente?

Juan: Olha, primeiro porque me chocou muito, segundo porque tive uma oportunidade através do Professor Rafael Ambrósio de entrar em contato com uma liderança, que se multiplicou em quatro outras lideranças. Estamos trabalhando com uma socióloga, que soube do projeto e está trabalhando com a gente. Eu não entendo como as pessoas podem continuar trabalhando na cidade de Santos e não olhar para lá. E aquilo também é a cidade. Claro que me chocou muito. Estamos fazendo a pesquisa e já chegamos até Manaus, até Salvador, até o Nordeste, porque todas estas palafitas foram construídas pelos filhos que nasceram em palafitas na Amazônia, no Pará, na Bahia...Eles são modelos tropicais, que me interessam, porque eles estão muito mais adequados nas palafitas, com estas condições que eles constroem, do que nas casas que são construídas pela HIS. Eles já vêm com uma genética, uma climática. Acho que é mais ou menos por aí. É pena que tudo isso seja "na raça", mas é generosidade que não é para ser paga. Se não, está profissão não é generosa. Pensar que toda visita, toda reunião que fazemos lá na Vila Gilda, está fora do horário de qualquer aluno, de qualquer professor. Já fizemos mais de 50 horas de trabalho não pagas, fora deslocamento, fora viagens, fora doar seu tempo, que você está utilizando nisso e não outra coisa.

Acho que o tempo é uma das coisas mais importantes que nós temos, isso não tem preço. Poder chegar as 9h da manhã, em uma favela, e ficar 3 horas falando com eles, coisas assim como: “Ah, vocês não acham que vocês poderiam pensar as coisas desse jeito...” E aí, as pessoas falam “Nossa, você tem razão. Pode ser, não tinha pensado desse jeito”. Porque as pessoas não são burras, nada, nada burras. A história é que elas não têm como se conectar, mas burras, não são! São pessoas bem pragmáticas. Uma pessoa com 18 anos que constrói sua casa em cima da água... Eu queria ver qualquer aluno da universidade construir sua casa em cima da água com 18 anos! E com duas crianças esperando a casa ficar pronta para não apanhar chuva. Eu acho que esta realidade esteve escondida durante muito tempo. Tem uns dispositivos socioeconômicos que fazem que sequer... ou seja, o Brasil é branco, é rico e é loiro, e é isso. E age. Eu sou um pouco mais de revisão e para mim é completamente o caso contrário. Também tem, mas está crescendo cada vez mais este descontrole e o tipicamente brasileiro, o que é? É resultado de todo um processo social de finais do século XIX, que todos sabemos o que é. E vamos em frente, que continua a vir gente. Então, imagina que a gente empodera o meio ambiente de uma favela e eles ficam com infraestrutura, e começam a comer bem, a pensar bem, e começam...o que acontece com eles? Então por trás de toda pesquisa e de qualquer extensão tem um de pouco potencial ideológico. Veja, dizem que a pesquisa não pode ser ideológica, mas sempre ela é, porque

você estuda isso, e não aquilo. Então você já está atuando ideologicamente.

Cláudia: Só no recorte da pesquisa e já foi para onde você acredita, né...

Ao menos isso, né? Se é uma coisa que você faz por amor à arte, que pelo menos você internamente seja coerente com você. Engraçado que eu pensava que era sozinho assim, mas agora tenho sete alunos. Então a coerência se estende também para os alunos. Mas você, educando, está fazendo uma extensão de valores, de valores humanos. Eu acredito que um aluno que esteve dois anos dentro de uma favela, fazendo pesquisa, vai sair da universidade com outra visão.

Claudia: Com certeza. Algumas pessoas que estudam aqui já estão vindo de lá - de morros e de favelas - através de bolsas, financiamentos etc. e isso muda um pouco a mentalidade internamente. Claro, tem que mudar. Não pode ser só ...ricos, tem que ter de tudo.

Claudia: Eu trabalho com extensão desde os 17 anos de idade, através das CEBs, que foram uma das primeiras formas de retomada democrática. Têm lugares onde eu fui aos 17 anos que eram barracos de madeira e hoje são bairros consolidados, com asfalto, água, esgoto etc. A periferia anda...

Juan: Mas os ricos não moram melhor, as casas dos ricos são “uma bosta”, estão maquiadas, né?

Cláudia: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Juan: Não, já falei demais [risos].

Claudia: Então, muito obrigada, Juan.

13.1.7. Entrevista com Rafael Ambrósio.

A grande mudança, agora, é que a universidade tem o compromisso de fazer extensão.

Claudia Cláudia: Boa tarde, Rafa. Não é bem uma pergunta, peço para que comente um pouco sobre a nova Resolução N°7 do MEC que no artigo 4º prevê que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% do total da carga horária curricular estudiantil dos cursos de graduação. Gostaria que você nos dissesse o que vai mudar na FAUS com esses 10% de extensão. (07:10) Você não fez FAU SANTOS, né?

Rafael: Não, estudei em Bauru, na UNESP. Lá, principalmente por ser uma universidade pública, essa questão da extensão é colocada como uma necessidade, por ser seu papel devolver o conhecimento que se produz, para a comunidade. Eu me lembro que havia a maior cobrança dos alunos em querer trabalhar extensão com a comunidade do entorno, mais do que com o própria organização da faculdade, por mais que tivesse um ou dois professores super interessados.

É mais ou menos como ainda acontece hoje. Para mim o grande desafio é como mostrar - não só para os discentes, mas para os docentes - a necessidade de se fazer extensão dentro da universidade. Porque não fica claro, as vezes nem para o docente - quanto mais para o aluno

que entra - o papel da extensão para além do ensino, no tripé da educação, a questão da ligação entre pesquisa e da extensão. Na UNESP, trabalhou-se com extensão universitária informalmente. No 4º e 5º anos eu me envolvi com o MST. A gente trabalhava com projeto de assentamento em ocupação de área que eles tinham recebido do Estado. Depois, o meu TCC foi em uma comunidade indígena, aqui em Peruíbe, já fruto dessa discussão de levar conhecimento acadêmico à comunidade. Então não era extensão formalizada, mas enraizou - nos alunos da época - o dever de levar o conhecimento acadêmico para fora da universidade. Isso sempre permeou a minha atividade profissional. Eu me formei, fui trabalhar com movimento de moradia.

Cláudia: Dentro ou fora do governo?

Rafael: Sempre fora. Eu fundei juntamente com outros alunos da FAUS, a Thaís Polydoro, o Diego Rozo, a Elza Correia, o Fabio Prado, uma assessoria técnica - a Ambienta - e a gente ficou de 2004 a 2014 dando assessoria para movimentos de moradia. Um deles, era de a Associação Cortiços do Centro (ACC), de Santos, que resultou em um projeto de habitação para eles, mas a gente deu assessoria para mais dois ou três movimentos em Santos e Praia Grande. Chegamos a fazer estudos preliminares para projetos de habitação popular para a União de Luta dos Cortiços em São Paulo. (10:00). Foi aí que eu conheci a Peabiru²³⁴, a Usina²³⁵,

²³⁴ A PEABIRU é uma ONG de assessoria técnica fundada em 1993 por um grupo de profissionais - arquitetos e urbanistas, engenheiros, advogados, psicólogos, sociólogos e outros técnicos da área social, que contribuem para a oferta de habitações de interesse social,

infraestrutura e equipamentos públicos e comunitários.

²³⁵ A Assessoria técnica USINA - ou Centro de Trabalho para o Ambiente Habitado - foi fundada em junho de 1990 por profissionais de diversos campos de atuação como uma assessoria técnica a movimentos populares. a

e uma série de outras assessorias, a própria Ambiente, que tem lá em São Paulo e isso coincidiu, na época, com a formação do Ministério das Cidades, dos recursos para habitação popular. Então nós tínhamos uma condição muito mais fácil de relação com os governos, para captar recursos para esse tipo de projeto. O Governo Federal passou a ter recursos para produção de habitação que ia direto para os movimentos - não passava nem pela Prefeitura, nem pelo Governo do Estado. Foi quando se consolidou a questão da autogestão, para além do mutirão.

Claudia: Isso foi durante a gestão da Erundina na Prefeitura de São Paulo, ou foi depois? Você lembra?

Não, já depois. Erundina foi a primeira experiência de mutirão, entre 1989 a 1992, na época do Nabil Bonduki²³⁶. Aqui em Santos, a gente tinha também, na mesma época, o governo da Telma de Souza²³⁷, que trabalhou a questão do mutirão, sendo o embrião para discutir autogestão. Depois, quando a autogestão meio que vira uma política de governo, principalmente Federal - que arrastou a CDHU²³⁸ aqui em São Paulo, as outras companhias estaduais, as próprias prefeituras e a COHAB – criando assim condições dos movimentos fazerem

autogestão de recurso. Isso deu fôlego para as assessorias técnicas, que se colocam justamente esse desafio: trabalhar no mercado profissionalmente, para viver deste tipo de assessoria. Acho que, agora, isso está muito pior. Regredimos em vinte, trinta anos. Ao mesmo tempo, eu queria já entrar nessa discussão da ATHIS²³⁹, que é a Lei 11.888 de 2008 da assistência técnica. Ela garante a necessidade de o Estado prover recurso para projetos de habitação para famílias que não tem recursos. Não sei se vocês já ouviram falar em advocacia pública, a gente vê muito em filmes, quando a pessoa não tem dinheiro pra contratar advogado e o Estado tem que dar o advogado. A lei da assistência técnica é mais ou menos isso, para população de baixa renda ter acesso a um arquiteto. Se a pessoa não tem dinheiro para contratar um arquiteto - e moradia é um direito garantido na Constituição - então o Estado tem que prover um meio para que aquela pessoa acesse o trabalho do arquiteto.

Cláudia: Só pra deixar claro então, a própria comunidade organizada recebia essa verba e pagava vocês.

Rafael: É, a assessoria, o projeto, a execução...

Usina atua no sentido de articular processos que envolvam a capacidade de planejar, projetar e construir pelos próprios trabalhadores, mobilizando fundos públicos. Foi premiada pela Federação Nacional de Arquitetos como melhor escritório do país em 2015.

²³⁶ Professor da FAU-USP, onde fez mestrado e doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas e atualmente é Professor Titular de Planejamento Urbano. Foi Superintendente de Habitação Popular do município de São Paulo (1989 à 1992) e vereador do mesmo município (2001-2004).

²³⁷ É uma pedagoga, professora universitária, advogada e política brasileira. Foi eleita

vereadora pela primeira vez em 1982. Já exerceu mandato na Assembleia Legislativa (eleita em 1986), interrompido em 1988, quando assumiu a Prefeitura de Santos. Em 2010, elegeu-se deputada estadual

²³⁸ Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano da Secretaria da Habitação do Estado de São Paulo.

²³⁹ Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social. É entendida pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil como um direito do cidadão.

Claudia: Como se fosse um cliente coletivo?

Rafael: Aí assim, apesar da lei ter praticamente dez anos, nem o governo do Estado, nem os municípios aportaram recursos. Santos, por exemplo, tem uma lei municipal de ATHIS e nunca colocou um real pra oferecer esse tipo de serviço para a população de baixa renda. O que está acontecendo é que, na realidade, uma geração que trabalhou com isso está passando. Agora precisamos de novos arquitetos recém-formados que atuem nessa área, e a condição dos municípios terem recurso e vontade política pra fazer esse tipo de trabalho está pior, em função do quadro político que a gente tem hoje. ATHIS não é extensão universitária propriamente dita, mas, de certa forma, tem semelhanças. Um documentário que a Usina fez mostra uma fala do Pedro Arantes²⁴⁰ – que agora está na Unifesp – onde ele afirma que esse trabalho de assessoria técnica com os movimentos sociais é “conciliação de classes”. Brasileiros que tiveram acesso à educação pública e gratuita - e por consequência têm uma renda maior pela formação, pela profissão - devolvem para brasileiros que não têm acesso a educação. É uma forma de conseguir pactuar isso, trabalhando de forma conjunta, para garantir o direito. Fazendo um paralelo com a universidade, as públicas têm a obrigação por legislação de fazer esta

devolutiva. Agora, as universidades privadas - e principalmente a UNISANTOS que é uma universidade comunitária - precisam ter essa porcentagem de trabalho na área de extensão, justamente para levar o conhecimento acadêmico para comunidade. Especificamente, aqui no HABITAFUS - que é o laboratório de habitação do qual faço parte há cerca de um ano, quando fui convidado pelo reitor para ocupar esse espaço - era justamente para se pensar em projetos de extensão de uma forma que fosse gratuita pro cliente, para comunidade, mas que não fosse um trabalho feito de graça dentro da universidade. Assim, seria gratuito para quem recebe, mas quem fornece estaria sendo remunerado de outra maneira. Dentro desse quadro, o meu pedido era justamente estreitar laços com as Prefeituras, nessa área de urbanismo, para tentar formar convênios de trabalho conjunto nas áreas, por exemplo, de urbanização de favelas, de questões ligadas a habitação, a produção habitacional. Trabalhar para que isso resultasse em projetos de extensão, na prática. Então ano passado fizemos contatos com a Prefeitura de Santos, São Vicente, Guarujá, e agora mais recentemente de Cubatão, fazendo relação com secretários municipais - seja de desenvolvimento urbano, de habitação, de meio ambiente – e oferecendo serviços da universidade, do Laboratório, para

²⁴⁰ Pedro Arantes é Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), doutor pela FAU-USP (2010), com pesquisa sobre as transformações na forma e nos processos produtivos na arquitetura contemporânea. Tem graduação (1999) e mestrado em políticas urbanas (2004) pela mesma faculdade. É autor de diversos artigos sobre arquitetura. Desde

1999 é integrante do grupo Usina. Na Unifesp é professor na graduação e pós-graduação no Curso de História da Arte, da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Coordena o Escritório Público de Projetos de Infraestrutura da Unifesp e foi Conselheiro titular do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (mandato 2015-2017).

pensar formas conjuntas de viabilização de projetos que tivessem como beneficiário final a comunidade. Neste ano, o que temos visto é que as Prefeituras não enxergam isso de uma forma [positiva], em que elas também se tornariam responsáveis por fazer a lei de assistência técnica vingar. O que eu vejo é uma dificuldade de pensar essa relação entre universidade, poder público e a comunidade de forma horizontal, para pensarmos juntos mecanismos de viabilizar algum tipo de trabalho que tenha a comunidade como beneficiária final. Por exemplo, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU/SP) ²⁴¹ ano passado lançou um edital de ATHIS aberto, para quem quisesse desenvolver trabalho relacionado a habitação. (20:00) Essa área tinha uma série de recursos. O CAU/SP, por exemplo, tem uma regra de colocar 2% do que arrecada para isso. Eu vejo que os municípios também deveriam pensar em uma maneira de separar recursos de orçamento para o caixa desta lei, para remunerar por exemplo a universidade para desenvolver trabalhos junto às comunidades.

O trabalho desenvolvido pela universidade é mais barato do que se fosse licitado pelo mercado, porque não tem a questão do lucro envolvido, para desenvolver no escritório de Arquitetura. A Lei 11.888 de 2008 da assistência técnica é uma lei que garante esta relação de convênio com a universidade sem a necessidade de se fazer licitação, ou seja, a gente pode prestar serviço diretamente. A

prefeitura ganharia em tempo, porque os processos de licitação são custosos e juridicamente lentos pela própria estrutura da Prefeitura e poderiam beneficiar de uma forma mais rápida estas comunidades. Tem também a questão de como a Prefeitura vê. O poder público ainda tem muita dificuldade em centralizar o trabalho, tem questões políticas envolvidas, de gente que quer ser o dono ou o autor do projeto, quer ter ganho ou colher os louros políticos daquilo, isto dificulta as possibilidades de trabalhar de maneira transversal. Apesar da gente ter garantido isso por lei, eu não percebo vontade política dos municípios em trabalhar como uma destas pernas, porque eles ainda enxergam a universidade mais como fonte de trabalho gratuito - para fornecer informações e trabalho - para eles depois desenvolverem com a comunidade. As leis, nós temos. Acho difícil regredir nisso do ponto de vista jurídico de cancelar esse tipo de lei, até porque as leis municipais e estaduais estão respaldadas por uma lei federal. Mas, ter recursos e conseguir encaixar esta engrenagem é o grande desafio. A UNISANTOS tem convênio com todas as prefeituras da baixada, para realizar uma série de serviço dentro dos mais variados cursos que ela dispõe, mas esbarra nisso: Não tem um trabalho de captação de recursos para viabilizar isso. A Prefeitura não tem interesse e a gente não tem perna.

Cláudia: Em um seminário sobre ATHIS realizado no Mackenzie²⁴² dia 14/06 foi colocada uma pergunta muito

²⁴¹ CAU-SP

²⁴² O II Pré-Fórum Regional de ATHIS e Extensão Universitária "Passado, Presente e Futuro" foi realizado gratuitamente e aberto ao público.

Realizado entre 16 e 19 de maio, a fim de aproximar os grupos de extensão universitária e entidades profissionais que trabalham com

interessante sobre a lei de extensão atual: “Muito bem, está lá no papel, mas para tirar do papel, nós precisamos de recursos.” Um dos redatores da lei, Daniel Pansarelli explicou que não se trata de colocar mais horas de atividades no curso para incluir a extensão. Ao contrário, de tudo que o curso é hoje, 10% têm que sair da sala de aula e passar a ser relacionado com extensão. Ele vê a possibilidade de a Caixa Econômica Federal, a Petrobras e outros órgãos do governo federal destinarem 0,5% do que arrecadam para dar um início ao processo, e depois, conforme as coisas forem se organizando...

Rafael: Se pegarmos de 2010, quando veio a lei para cá, a gente vem num processo de aprimoramento dessas engrenagens. Por exemplo, o governo federal bancou que os municípios fizessem seus planos municipais de habitação, uma série de diagnósticos. De 2009 a 2012, a grande maioria dos municípios com mais de 20000 habitantes fez planos locais de habitação, o de Santos é de 2009. Então, estes planos dariam uma indicação das necessidades do município e insumos para que o município possa também captar recurso. Agora, o cenário que a gente tem é de devastação.

Então, se a Caixa Econômica Federal, antes, era um banco público que fomentava uma série de ações sociais, hoje, está se discutindo a privatização da Caixa. O Banco do Brasil começou a entrar nessas áreas também, principalmente da cultura e, agora, cessaram os recursos e está sendo discutida também a privatização do

banco. A Petrobras cortou recursos de uma série de ações culturais e ambientais, também está na lista das privatizações possíveis. A gente regrediu tanto que, para discutir órgãos públicos fomentando tudo isso, temos que discutir antes a garantia de que esses órgãos não sejam privatizados. Está tudo congelado. Então o desafio é maior. (26:05) Do ponto de vista da relação com o poder público, o cenário hoje é bem pior. Eu não sei de que maneira, por exemplo, as universidades vão precisar se moldar a essa nova realidade ou pensar alternativas, que não sejam de tirar dinheiro do bolso, no momento em que diminua ainda mais o número de alunos, e diminua a arrecadação. As universidades públicas não, elas têm que produzir. Tudo bem que passam por um processo de sucateamento, mas essa perspectiva da oferta de extensão para comunidade está muito mais consolidada. Então, é um enigma. É um momento de rediscutir os arranjos possíveis para se financiar e viabilizar a extensão para a comunidade.

Se pensarmos que esses órgãos estatais, que estão na mira das privatizações, têm uma linha de governo que ainda pensa em diminuir direitos, então, pensar que a gente tem um governo amigo do direito à moradia é ser inocente, pensar que vamos ter um governo que pensa em valorizar o salário-mínimo para aumentar a renda, para possuírem acesso ao consumo de material de construção e ao consumo de projeto de um arquiteto para construir a casa, é inocência nossa, também. É uma série de arranjos todos conectados que

passam por uma linha de governo que não é favorável a isso tudo.

Cláudia: Será que, como existe incentivo à pesquisa através dos órgãos estatais - CAPES, CNPq etc. - não vão ter que aparecer também órgãos de fomento à extensão? Da mesma forma que a pesquisa anos atrás também não tinha fomento, e agora tem bem mais?)

Rafael: Não tem mais recursos para o ano que vem [2020], o Governo Federal zerou. O meu irmão é professor na federal de São Carlos, ele é professor dedicação exclusiva e pesquisador. Ele vem desenvolvendo um projeto de pesquisa lá há 8 anos. Para esse ano e para o ano que vem, ele tinha 80.000 para gastar com bolsas. O governo depositou a primeira agora em Março, cancelou o resto e recolheu o que depositou, e isso é para o Brasil inteiro. Então, como brigar por um cenário de criação de agências de fomento de extensão, se as de pesquisas são minadas também?

Claudia: Sim, concordo. Eu estou falando quando mudar esta situação, não estou falando que vamos conseguir fazer isso agora...

Rafael: Sim, mas o debate passará por isso. De qualquer maneira, se isso - que se faça extensão - é uma deliberação, uma cobrança do MEC, de uma maneira ou de outra, eles vão ter que, pelo menos, maquiá que vão fazer isso.

Cláudia: E isso tem três anos para acontecer. Porque já estamos em 2019 e foi em dezembro de 2018 que passou a lei. Então, em dezembro de 2021 a lei já terá que estar agindo. As escolas terão que estar adaptadas a isso.

Rafael: Precisa ver se acontecerá como outras políticas públicas. O governo cobra que se faça, não dá meios de se viabilizar e, no final, dá mais 5 anos de prazo, sucessivamente. Então ficam dando prazos, porque você não ajuda a resolver a problema.

Cláudia: Essa questão do tempo foi mencionada também no Seminário do Mackenzie, mas de outro ângulo. A professora Mel²⁴³, que participou muitos anos do LABHAB da PUCCAMP e trabalha com extensão desde 1974, enfatizou na sua fala no Mackenzie sua preocupação com a diferença entre o tempo real e o tempo da academia e nos desafiou também, dizendo que três

²⁴³ Maria Amélia Devitte Ferreira de Azevedo Leite, professora doutora hoje responsável pela extensão em arquitetura e Urbanismo da FIAM-FAAM colocou no Seminário de ATHIS da FAU MACK três questões: 1) A dificuldade de adaptar o tempo real ao tempo acadêmico, pois os alunos e professores só estão disponíveis, normalmente, durante oito meses no ano e os projetos iniciados dificilmente podem parar nas férias. Quem já trabalhou com extensão muitos anos sabe que a extensão não para: não têm férias, não tem Natal, não tem Ano Novo, porque as pessoas precisam das coisas sempre. Isso é complexo. 2) A gente começou na década de 1970, durante a Ditadura Militar, em um momento completamente desfavorável, mas não ficou parado, se não, não teria acontecido tudo de bom que aconteceu também. Temos

que continuar tentando levar as coisas, da maneira que dá, sempre. 3) Quais poderiam ser as temáticas futuras de extensão, compatíveis com o século XIX? É preciso fazer uma lista de temas. O Mackenzie, que já têm um EMAU forte - o Mosaico - um corpo de professores e alunos pesquisadores fortes, deve fazer Uma lista do que pode ser feito, do que já foi feito, em termos de assistência técnica, por esses grupos que são precursores. Quais são as já abordadas pelos EMAUs, pelos próprios estudantes organizados pela FeNEA? É preciso preparar o campo, para começar a achar uma saída, nem que seja pela lei Rouanet, com financiamentos que sejam gerais para a sociedade, não específicos para a extensão universitária.

anos é muito pouco para reorganizarmos todo o currículo para adaptá-lo a nova lei, mas que não podemos ficar parados. Então, gostaria que você falasse sobre o que está sendo feito aqui na FAUS de concreto, para tentar responder à esta lei. Além da reabertura do HABITAFUS, que esteve praticamente desativado por anos, a sua contratação e do Juan como professores pesquisadores.

Rafael: No início do ano, foi pedido um levantamento de pesquisas que estão sendo feitas e uma avaliação de que maneira essas pesquisas podem virar extensão, ou seja, a partir do que está sendo pesquisado, o que pode ser transformado em um projeto de extensão e colocado em prática. A encomenda do HABITAFUS é que, tendo interesse dos professores líderes de pesquisa, a gente contribuiria para pensar em projetos de extensão junto com eles. Fora isso, às vezes, surgem demandas de fora para dentro. No início do ano, o IPECI nos deu o desafio de pensar como funcionaria o EMAU²⁴⁴ dentro do HABITAFUS. O curso de engenharia está fechando uma proposta de EMAU. A ideia é que se faça um EMAU integrado, mas a gente precisa fechar uma proposta para ver como que enquadra. (36:50). Lembrando que não é papel do EMAU prestar serviço terceirizado para quem deveria estar contratando um arquiteto no mercado.

Cláudia: Alguns programas de extensão pensam que talvez seja o caso de atender alguns clientes que podem pagar, recebendo para custear os outros

que não podem pagar. Chamam isso de Projeto Robin Hood. Mas o atrito com escritórios de Arquitetura seria, a meu ver, inevitável e infinito. (37:50)

Rafael: As próprias assessorias técnicas - e nós aqui em Santos, na Ambienta, fazíamos isso. Participávamos de licitações. Elaboramos muitos projetos de urbanização de favelas, de regularização fundiária, estudo de habitação com prefeituras e entrava [na concorrência junto] com as empresas para ter recurso, para ficar fazendo trabalho gratuito para os movimentos de moradia. Na realidade, é isso que viabiliza as assessorias. Você trabalha com quem pode pagar e separa uma parte do tempo para trabalhar de graça, o que também não é o ideal. A lei de ATHIS veio para tentar fechar esse circuito, ou seja, há uma lei que faz com que o município pague esses profissionais para prestarem o serviço, sem ônus para as comunidades, mas está apenas no papel. (38:55)

Cláudia: O que vocês estão analisando é para saber se aqui é possível ou não ter esse tipo de abordagem Robin Hood?

Rafael: A gente não tem ainda formato definido para o EMAU. Então, o encaminhamento é ver como isso está sendo proposto na engenharia para ver se há convergência, para checar se está de acordo com o que se pensa de um EMAU de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudia: Na verdade, são os alunos que propõem o EMAU e não a universidade...

Rafael: Por isso a gente tem que ver como isso vai ser. Se for deixar para

²⁴⁴ Escritório Modelo da Arquitetura e Urbanismo, projeto da Federação nacional dos estudantes de Arquitetura e urbanismo – FeNEA – organizado pelo POEMA, Programa de

orientação dos Escritórios Modelo da Arquitetura e Urbanismo.

iniciativa dos estudantes hoje... Há uma dificuldade atualmente em os alunos conseguirem estruturar o D.A. Cabe à universidade o papel de incentivar os alunos, mas a gente também precisa compreender qual é o nosso formato. Pensando na velocidade das coisas, se conseguirmos esse ano terminar com um formato de EMAU definido para apresentar para os alunos no segundo semestre, para ver quem topa, já é um ganho.

Cláudia: Essa discussão já podia ser horizontal, já podia se perguntar aos alunos que tipo de extensão eles querem.

Rafael: Isso tem que partir do IPECI, não parte da gente.

Cláudia: Sim, estou falando em termos gerais, como proposta da questão da horizontalidade. Os EMAUs do Mackenzie e da PUCAMP, por exemplo, foram propostos por alunos. Dentro do ENEA, aquele encontro nacional da FeNEA que nós já sediamos aqui²⁴⁵, que nasceu a ideia do núcleo inicial do EMAU Reviver, criado pela Mariana, a Natasha e o Edgard, que depois virou o Instituto Elos, quando eles se formaram. Não podemos esquecer que já tivemos EMAU forte aqui na FAUS e que o habita foi um dos primeiros Laboratórios de extensão criados no Brasil. Uma coisa que dificulta a questão é que os professores

permanecem, mas os alunos vão trocando. (41:45)

Rafael: Assim, vem uma determinada geração e cobra que a universidade dê suporte para o EMAU, mas essa turma que cobrou vai embora, a universidade montou uma estrutura que não é mais de interesse dos próximos alunos. Se deixar só para os alunos e não institucionalizar... aí é que está o desafio...

Cláudia: Isso raramente acontece, pois os alunos que participam chamam os outros. O que percebo²⁴⁶ é que no começo eles recusam um pouco a ajuda dos professores, porque querem ser autônomos. Depois, percebem que não têm como ser totalmente autônomos, que para ter um espaço dentro da universidade eles precisam da ajuda dos professores, e acabam fazendo uma boa coligação. E os EMAUs que têm permanecido são os que possuem uma integração muito forte entre professores e alunos. Mesmo assim, os alunos vão trabalhar de graça. Como você garante bolsa para eles? Se a pesquisa é feita com bolsa, a extensão não deveria também ser feita com bolsa? Então, aqui está um início de discussão para a gente ver.

Cláudia: Acho, pessoalmente, que não precisa ser a mesma entidade, nem a mesma sede. Elas podem estar ligadas, em termos de atuação, mas o EMAU da Engenharia estar ligado ao curso de

²⁴⁵ O XIX ENEA, intitulado “Arquitetura: Do lado de fora”, foi realizado em Santos, pela FAUS. Localizou-se na Escola Estadual Dona Escolástica Rosa, dos dias 16 à 23 de junho de 1995. A maior parte das aulas foram ministradas do lado de fora da faculdade, em ambientes como favelas e comunidades pesqueiras. Os objetivos foram: apresentar e discutir métodos de ensino; conhecer distintas propostas arquitetônicas nos

meios estudantil e profissional; promover troca de informações; mostrar situações modelo de transformação dos ambientes urbanos e tornar evidente a diversidade cultural.

²⁴⁶ Através das entrevistas sobre o tema que estou desenvolvendo para o meu doutorado na Pós-graduação em Educação, com temática sobre os EMAUs.

engenharia, e a da FAUS, ao de Arquitetura. Ai, se a Arquitetura, por exemplo, está desenvolvendo um projeto que precisa de pré-cálculo estrutural para orçamento, a engenharia desenvolve esta parte. Ou um projeto que precisa de topografia, eles se envolvem, criamos um GT²⁴⁷ mix. Por outro lado, eles pegam um projeto pela topografia e descobrem que precisam da gente para a parte arquitetônica, e a gente trabalha nisso. O Curso de Direito – que já tem uma extensão bem-organizada - entraria nas questões de legislação fundiária, direitos do cidadão etc. E pensaríamos as coisas de forma transversal, como sendo uma coisa só, talvez dos três coligados, cada um em sua especialidade. A Heloisa do EMAU Mosaico (Mackenzie) me relatou²⁴⁸ que, mesmo a FAU sendo um curso muito pesado, com alta carga de trabalho, os alunos se entusiasmam pelas vivências do EMAU e querem fazer parte. Quem entra está normalmente no 1º, 2º ou 3º ano e muitos trabalhos de conclusão têm ficado positivamente contaminados com as atividades de extensão. Que existam professores mais ligados a extensão, outros menos, é normal, quanto aos alunos, a continuidade [no Mosaico] se dá através da divulgação “boca a boca” e da semana de imersão, uma atividade de chamamento que eles fazem cada vez que entra a turma nova. Foi isso que garantiu a continuidade do Mosaico Mack, de 2003 a 2019. Mais de quinze anos de história.

Rafael: Era legal entender o papel da universidade nestes 16 anos de EMAU, desta relação. Se eles garantiram apoio

até, por exemplo, às vezes, na propaganda. Porque se você tem uma gestão que entende que isso é importante para a universidade, mesmo que você passe um período com poucos alunos, com falta de interesse, a universidade sabe que uma hora aquilo aflora de novo e volta, não é?

Cláudia: E não podemos esquecer da avaliação do MEC de cinco em cinco anos. Então, se o apoio não for pelo mesmo motivo que se espera das Federais - isto é, por perceber que elas devem devolver para a sociedade o que a sociedade está pagando para mantê-las – será por percebermos que também as particulares, sobretudo as comunitárias, vão ter que cumprir essa nova lei para atender os critérios de avaliação do MEC atrelados a ela. Pois quem não fizer isso, quem não se adaptar à lei, vai ter notas mais baixas, ou seja, vai começar a ter menos alunos. Temos que torcer para não virar uma coisa burocrática, quando deveria ser mais uma oportunidade para fortalecer a iniciativa dos professores e dos alunos que acreditam na extensão.

Rafael: O processo ainda está muito no começo, né? Primeiro as universidades têm restrições ou dificuldades em colocar recurso nisso, o que é o normal. Só que, ao mesmo tempo, elas vão passar pela responsabilidade de serem cobradas por não ofertar.

Cláudia: Aí, com os investimentos, a nota sobe, acarreta a vinda de novos alunos, e com o aumento das classes e consequente entrada de recursos, surgem mais fundos para a extensão. E a roda gira para frente.

²⁴⁷ Grupos de trabalho através dos quais os EMAUs atuam.

²⁴⁸ Nas entrevistas que realizei para o meu doutorado.

Em universidades públicas a maioria dos professores têm dedicação exclusiva, plano de carreira, mas nas particulares quase não tem isso, a gente ganha pelo horário que dá aula. E aqui surge também outro desafio: se aparecer um trabalho específico [um projeto], como é que a gente faz, sem remuneração - nem para a equipe, nem para os docentes - para ficar aqui à tarde? Acho que essa necessidade a gente pode, aos poucos, ir colocando. (49:30) É a universidade que vai sentir onde que ela quer estar nessa vitrine, de ofertar extensão, ou não. Acho que o desafio para os próximos dois ou três anos é tentar fechar um mecanismo para fazer a roda girar.

Cláudia: Conversei com algumas pessoas que fizeram parte de EMAUs e hoje trabalham em grupos de pesquisa e extensão e laboratórios formalizados da universidade²⁴⁹. O Lotufo²⁵⁰ estudou o canteiro experimental da FAUUSP, que têm este tipo de canteiro, ligado às disciplinas de AUT, que simula alternativas estruturais e desenvolver pesquisas para alguns projetos de extensão. Na verdade, existem várias formas de se tratar a relação entre universidade e seu extramuros, algumas tocadas diretamente pelos alunos,

²⁴⁹ Em pesquisa realizada nos órgão de extensão da FAUUSP para o meu doutorado, estive em dois laboratórios - um de urbanismo e um de habitação. O de Urbanismo é socorrista e o de habitação é diferente. As pesquisadoras que me atenderam comentaram que o seu envolvimento com o tema começou através de um grupo de extensão ligado ao grêmio, que era independente da universidade. Como não existia EMAU na FAU, elas atendiam a comunidade carente das comunidades próximas à cidade universitária gratuitamente, por mera disponibilidade, porque já tinham certa preocupação social. Depois de formadas, vieram trabalhar no LABHAB da FAUUSP, porque tem

como os EMAUS, outras pelo corpo docente com participação dos alunos, em uma situação de menor autonomia destes, e os canteiros experimentais, as pós-graduações em ATHIS etc. Então, fica essa decisão, o que nós vamos atacar primeiro?

Rafael: É, a grande mudança é que a universidade agora tem o compromisso de fazer extensão, então essa mudança de comportamento é a discussão no momento. Pensando do ponto de vista da universidade, precisa se decidir o que ela vai investir para garantir a extensão, que agora ela é obrigada a ter [10% do currículo], e antes não era. Por exemplo, os alunos da USP faziam por conta, não entrava em currículo, não contava para universidade, não contava para a nota do MEC, para nada, era uma atividade informal.

Cláudia: Será que a atividade do EMAU reverte em alguma recompensa acadêmica?

Rafael: Então, deveriam contar como hora de extensão. Os alunos vão ter que cumprir horário de extensão, então é uma maneira de fazer cumprir.

Cláudia: Eu acredito que, mais para frente, essa lei pode dar uma força para os EMAUs e para os alunos interessados

um perfil de atuação parecido com o idealizado e experimentado por elas neste período de formação.

²⁵⁰ LOTUFO, Tomaz Amaral. Um novo ensino para outra prática: Rural Studio e Canteiro Experimental, contribuições para o ensino de arquitetura no Brasil. Dissertação de Mestrado defendida em 21/03/2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Orientador Bonduki, Nabil Georges, Área do Conhecimento Habitat Banca examinadora: Bonduki, Nabil Georges (Presidente), Lopes, João Marcos de Almeida, Ronconi, Reginaldo Luiz Nunes

em ATHIS, ou em outras formas de atuação na área social. E cada universidade, dependendo do seu contexto, da sua inserção - pública, privada confessional, privada comunitária etc. - vai escolher meios diferentes para responder a esses 10%. Mas o que ficou muito claro para mim é que nós não vamos aumentar a carga nem expandir o currículo. O curso de arquitetura não terá cinco anos e meio! Ou seja, vamos transformá-las didaticamente: a permanência em sala de aula vai diminuir 10% e com isso algumas atividades tradicionais dos alunos - ouvir, anotar e comprovar através de provas - também. As atividades de extensão podem dinamizar e atualizar a universidade, aumentar a proporção de experiências urbanas práticas e com elas a compreensão dos conteúdos teóricos, através da vivência real. A gente vai fazer a práxis, que é a teoria unida à prática, que é saber e saber fazer.

13.2. APÊNDICE 2: Vídeos

Em 2019, realizamos com Alexandre Esteves a primeira entrevista deste trabalho, na Vila Madalena, São Paulo. Na ocasião, este egresso da FAUS, membro do Grupo Reviver e sócio fundador do Instituto Elos, mencionou ter em seus arquivos duas fitas VHS documentais sobre os dois primeiros seminários de compartilhamento de informações entre escritórios modelo de arquitetura e urbanismo da Federação Nacional dos Estudantes da área- SeNEMAUs - realizados no final na década de 1990. Na segunda entrevista, meses depois, Alexandre disponibilizou os dois vídeos originais à autora, e teve início a mobilização para decupagem do material que agora apresentamos. Em seu primeiro depoimento, Alexandre foi categórico ao afirmar que, depois que os SeNEMAUS tiveram início, o Programa de Orientação aos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo – POEMA - ficou obsoleto, pois o contato direto dos estudantes envolvidos nos encontros era mais dinâmico, intenso e direto que a atualização permanente do documento. Este, entretanto, se mantinha como um referencial, por conter princípios básicos dos EMAUS.

Diante desta revelação, vinda de alguém que vivenciou o processo, a autora, que vinha centrando esforços em localizar edições atualizadas do POEMA, resolveu rever os rumos desta pesquisa e dedicar-se ao estudo dos primeiros SeNEMAUS, cuja importância tornou-se inegável. Aprofundar o tema através dos vídeos revelou-nos o protagonismo dos membros do Grupo Reviver e outros estudantes da FAUS não só nestes dois primeiros encontros, realizados em Maceió e Recife, mas em todo o processo inicial de consolidação dos

EMAUS a nível nacional. Inicialmente procurou-se assistir aos vídeos e relacioná-los com as informações já compiladas sobre o assunto, provenientes de entrevistas e documentos escritos, mas logo seguiu-se a questão: como torná-los úteis as pesquisas futuras? Dar forma documental e palatável a este tipo de fonte nunca dantes trabalhada foi um desafio enfrentado com prazer, pois transformou-se em processo permeado de escolhas criativas e envolvimento. Optou-se por transcrever a maioria das falas e associá-las sempre aos seus oradores e por criar alguns quadros elucidativos, organizando melhor as informações. As áreas das visitas técnicas de Recife receberam estudos complementares, que buscam o porquê de sua escolha para os workshops. Os quatro dos estudantes da FAUS presentes no II SeNEMAU foram entrevistados pela autora, e nos passaram alguns dados importantes nas entrevistas. Segue-se o resultado, que está povoado de imagens. As que não têm fonte explicitada, foram capturadas do vídeo de referência e possuem minutagem, para permitir acesso direto à cena, caso seja do interesse dos futuros pesquisadores. Agradeço a Alexandre por nos ceder os vídeos e contribuir para o entendimento do evento, que aliada à colaboração de Natasha Gabriel, Edgard Gouveia Júnior e Mariana Gauche, tornou este estudo mais interessante para as futuras gerações de estudantes extensionistas. Incluímos nesta seção, como introito um vídeo sobre o ENEA Santos localizado no Youtube, que nos mostra as cenas mais lúdicas deste encontro. Bom proveito.

13.2.1. Vídeo ENEA SANTOS 1995

PROCESSO ANOS
INCRÍVEIS - 1ª
TEMPORADA

Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=Onpmgfjkpuc> Acesso em 13 set. 2020.

Informações Técnicas:

Web-série | Digital | Cor | 4x3 | 2.0 | 3' p/ ep - 15 episódios | 2011 |

Ficha Técnica:

Produção: Processo MultiArtes

Direção: Fábio Allon

Fotografia: Imagens de arquivo.

Duração 2min25s

Descrição e minutagem:

0:00 / 0:40– Letreiros. Processo MultiArtes Anos Incríveis. Vídeo Inverso [#15] ENEA Santos II (1995).

0:42 / 0:55 – CENA 1 – Flashes Internos introdutórios, 1 min 4 segs.

Flashes sucessivos de cerca de meio segundo cada, dando uma ideia geral do clima do evento;

0:42 Flash 1 - Festa nas arcadas do Escolástica Rosa. Estudantes dançando;

0:43 Flash 2 - Escultura;

0:44 Flash 3 - Estudante com cabelo colorido; **0:45 Flash 4** – Mural cômico/erótico no corredor das salas do Escolástica Rosa.

0:45 Flash 5 - Jovens dormindo acampados no chão da sala de aula;

0:45 Flash 6 - Espécie de ponte ou passarela de juncos; **0:46**

0:45 Flash 7 – Estudante cuja camiseta tem estampada a bandeira do Brasil deitado sobre um cartaz com os dizeres: “ENEASANTOS: INFORMATIVO”;

0:46 Flash 8 – Cartaz com os dizeres “ENEM + MORRÃO”;



Figura 108 Estudantes dançando

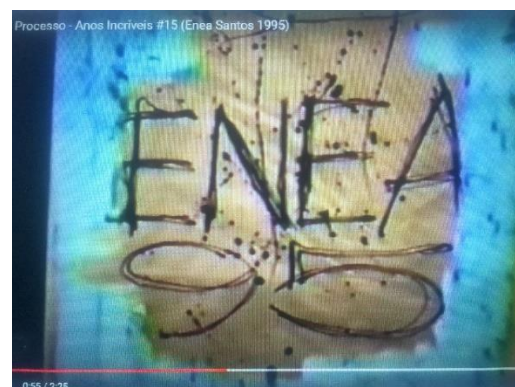


Figura 109 Pintura ENEA Santos 95



Figura 110 Muitos estudantes para se inscrever.



Figura 111 Acampamento nas salas de aula

0:46 Flash 9 – Estudante ator em um “camarim” improvisado se maquiando;

0:47 Flash 10 – Estudantes tocando percussão em sala de aula;

0:47 Flash 11 – Parede com cartazes;

0:47 Flash 12 – Estudantes de costas no saguão. Pilar iluminado ao centro, sendo pintado? Caixas com bebidas no chão. (Preparação para a festa?)

0:48 Flash 13 – Apresentação musical. Auditório com pintura abstrata em azul claro e branco atrás da mesa. Dizeres: XIX ENEA – 102 anos. Dois estudantes a contraluz, um no violão, outro ao microfone. [PRINT]

0:48 Flash 14 – Closes de rostos de estudantes;

0:49 Flash 15 – Sala de aula/dormitório com estudante negro em plano frontal, meio corpo, mostrando um presente em forma de Pênis embrulhado com fita.

0:49 Flash 16 - Cartaz no piso preto e branco do Escolástica Rosa mostra a imagem em linguagem de cartum de um homem dentro da privada, com os dizeres: “Não somos porcaria? Na privada!”

0:50 Flash 17 – Estudantes com chapéus de palha fazem uma apresentação de dança (regional?) na sala dos arcos do Escolástica Rosa, os demais estudantes formando um círculo entorno deles;

0:50 Flash 18 - Close de uma estudante

0:50 Flash 19 – Estudantes colocam papel vegetal sobre um mapa;

0:51 Flash 20 – Estudantes juntos, mais ou menos em fila se maquiando

0:51 Flash 21 - Detalhe de cartaz com a programação do dia 18/07, com os dizeres: “Habitação Popular – Lúcia Mascaro, Patrimônio – Renata de



Figura 112 Apresentação musical



Figura 113 Mural erótico no corredor das salas



Figura 114 Ator se maquiando



Figura 115 Cartaz no corredor

Almeida; Cultura e Identidade – Elomar Figueira;

0:51 Flash 22 – Três estudantes dançando

0:52 Flash 23 – Perspectiva da Fortaleza da Barra, Ponta da Praia, Santos, em aquarela colorida mostrando o mar, a capela e as muralhas em primeiro plano. Em segundo, a fortaleza com suas arcadas, e em terceiro o morro.

0:52 Flash 24 – Estudantes observam instalação de arte com projeção de luzes e sombras montada em um canto de parede.

0:53 Flash 25 – Close de um palestrante, com microfone na mão, ao fundo cortina azul. Senhor de meia idade, com cabelo comprido bigode e cavanhaque levemente grisalhos.

0:53 Flash 26 – Estudante falando ao microfone;

0:53 Flash 27 – Cartazes com desenhos de planetas e seus habitantes. Dizeres: “Planeta Gelion, Povo Telerj; Planeta Nenloth, povo Mearas”.

0:54 Flash 28 – Mão de uma estudante dentro de cuia/cabaça.

0:55 Flash 29 – Cartaz abstrato pintado em laranja, azul e preto com respingos a moda Pollock. Dizeres: “Enea 95” em nanquim preto.

0:56 / 1:10 – CENA 2 – EXTERNA, 14 sg. Santos/SP, Estudantes no miolo central da Praça Independência, dançando cantando e batendo palmas no jogo cantado do chap-chap²⁵¹.. Variante da

²⁵¹ Chap-chap: jogo cantado aplicado em programas de atividades lúdicas. “Fui pra Nova York visitar a minha mãe e ela me ensinou a dançar o chap-chap dança do chap-chap, dança do chap-chap, dança do chap-chap auê ui!” Em “chap-chap” o objetivo principal é trabalhar a dança de uma maneira cooperativa, pois todos devem realizar o movimento que o companheiro está sugerindo, porque vai chegar



Figura 116 Confeção de cartazes no corredor



Figura 117 Perspectiva da Fortaleza da Barra



Figura 118 Elaboração coletiva de mapa

a hora que o seu movimento também vai ser executado por todos. CUSTÓDIO, V. S.. Marília, 2002. Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91279/custodio_vs_me_mar.pdf?sequencia=1 Acesso em 28 dez.2020.

letra: Pula chap-chap, rebola, chap-chap, abre chap-chap, chap-chap auê! Manifestação com letreiro digital com os dizeres: “Enea DO LADO DE DENTRO”. À direita estudantes carregam uma maquete. Globo terrestre?

1:11 / 1:14 – CENA 3 - 3 segs.

Três estudantes se sucedem para falar o tema do encontro “Enea Santos: ARQUITETURA DO LADO DE FORA”.

1:15 / 1:38 – CENA 4 – Interna, 23 segs.

Capela do Escolástica Rosa, próximo Kaká Wera Jacupé usa uma espécie de maraca com penas para marcar o ritmo de um paço de dança. “*Pé direito à frente, depois o pé esquerdo. Só batendo, tocando. Porque a gente vai achar o ritmo da mãe terra.*” Corte/ fundo preto. Câmera mostra estudantes de pé, nos bancos da capela, avançando e recuando o passo no ritmo do canto de Kaká; “Aê, Aê. **1:39 / 1:43 – CENA 5** – Interna, 4 segs.

No mesmo auditório com pintura abstrata em azul claro e branco, câmera mostra um palestrante de meia idade [identificar] sentado à mesa falando ao microfone, mas o que se escuta é a melodia cantada por Kaká na capela. Close neste mesmo palestrante, sucedido por outro close em membro da mesa, uma mulher mais jovem, de franja [identificar]. Corte com fundo preto.

1:44 / 1:46 – CENA 6 – INTERNA, 2 segs.

Nos corredores do Escolástica Rosa, com seu piso em quadrados P&B, estudante pincelando papel em tons de azul e Laranja. Corte. Três estudantes imprimindo em silkscreen o logotipo do encontro em sacolas de pano. O canto de Kaká permanece ao fundo.

1:47 / 1:50 – CENA 7 – INTERNA, 3 segs.

O mesmo palestrante da cena 1/ flash 0:53 reaparece, agora sentado em uma



Figura 119 Palestrante 1



Figura 120 Palestrante 2



Figura 121 Palestrante3



Figura 122 Palestrante4

cadeira de braços de madeira bem antiga, falando ao microfone, com mesa de auditório ao fundo. Close nele, com cortina azul ao fundo.

1:51 / 1:53 – CENA 8 – INTERNA, 3 segs.

Estudante pinta a mão de preto. Corta. No corredor com piso em quadrados P&B, cinco estudantes elaboram um cartaz. Dizeres: “TEMÁTICO”

1:54 / 1:57 – CENA 9 – INTERNA, 3 segs.

Palestrante mulher, de meia idade, fala ao microfone aos estudantes sentados no chão de assoalho, em círculo.

1:58 / 2:00 – CENA 10 – INTERNA, 2 segs.

Praticamente repete o Flash 20 da cena 1 [minutagem 0:51] mostrando os mesmos estudantes aglomerados, mais ou menos em fila (provavelmente para inscrição em workshops). Corte. Grupo de estudantes vestidos de branco com crachás (organizadores?) cercados dos demais estudantes que assinam lista de inscrição/participação em palestra ou evento

2:01 / 2:04 – CENA 11 – INTERNA, 3 segs.

Palestrante calvo, falando ao microfone e balançando negativamente a cabeça.

2:05 / 2:08 – CENA 12 – EXTERNA, 1 seg.

Estudantes erguem um objeto colorido feito de papel ou pano, por fios. É semelhante a uma pipa, uma nau? O grupo veste o objeto e assim unido, caminha pela Praça da Independência

2:05 / 2:10 – CENA 13 – INTERNA, 5 segs.

Retorno à cena da palestra. O palestrante ao lado do anterior fala ao microfone, seguido por outro membro mais jovem, sentado na ponta da mesa [identificar].

2:11 / 2:14 – CENA 14 – EXTERNA, 4 segs.

Retorno à cena dos estudantes na Praça Independência, que usam o objeto



Figura 123 Palestrante 5



Figura 124 Palestrante 6



Figura 125 Dança do chap-chap



Figura 126 Manifestação no centro comercial expandido da cidade de Santos/SP.

como uma espécie de parangolé. Corte/preto.

2:15 / 2:18 – CENA 15 – EXTERNA, 3 segs.

Repetição da estrutura da CENA 3, onde três estudantes se sucedem para falar o tema do encontro “Enea Santos: ARQUITETURA DO LADO DE FORA”, montada com outras pessoas.

2:19 / 2:25 – Letreiros de fechamento.
[www.processo.art]



Figura 127 Dançam na praça da Independência



Figura 128 Encontram o ritmo da terra



Figura 129 estudantes marcando o passo



Figura 130 Estudantes com parangolé coletivo

13.2.2. Vídeo do I SeNEMAU. 27 a 29 de janeiro de 1997, Maceió – Alagoas.

A capa do vídeo do I SeNEMAU nos traz informações interessantes pois reúne anotações manuscritas sobre os assuntos dos dois painéis teóricos que constituem o cerne do evento. Além disto, tem como base o papel Kraft, que está presente na maioria dos cartazes



Figura 131 Capa do vídeo VHS do I SeNEMAU, em papel Kraft personalizada, Acervo pessoal de Alexandre Esteves

das apresentações dos grupos de trabalho [GTs] e reúne fotos dos participantes em atividades lúdicas e acadêmicas, tornando-se uma espécie de mapa mental do seminário, provavelmente produzida durante o encontro, pelos próprios estudantes.

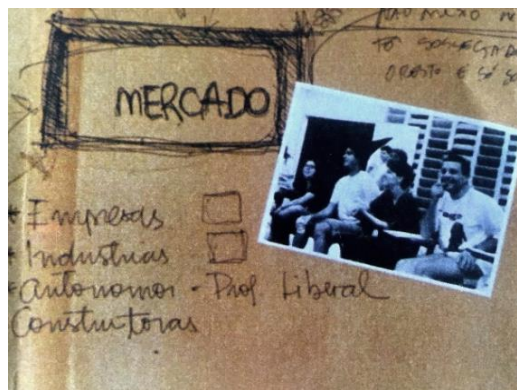


Figura 134 Mercado: Empresas, Indústrias, Autônomos, Profissional liberal, Construtoras. Acervo pessoal de Alexandre Esteves



Figura 132 Capa e fita do vídeo originais- Acervo pessoal de Alexandre Esteves



Figura 135 Estudante de Arquitetura na laje. Acervo pessoal de Alexandre Esteves

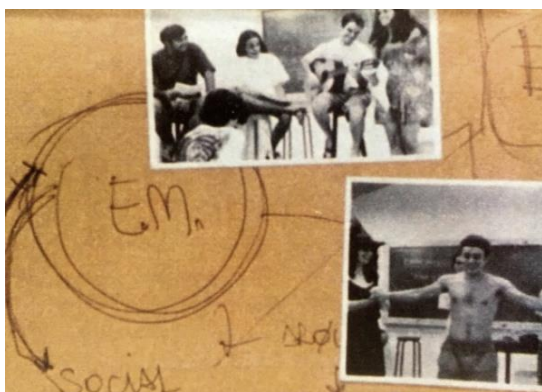


Figura 133 Detalhe da capa mostra Rodrigo e Zé Filé. Acervo pessoal de Alexandre Esteves.

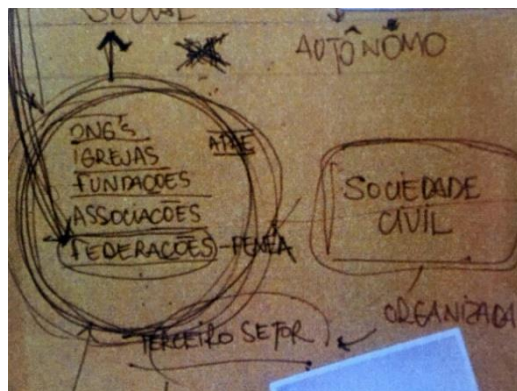


Figura 136 Detalhe da capa, Sociedade Civil organizada: ONGs, Igrejas, Fundações, Federações, terceiro setor.

Ficha Técnica do Vídeo Documentário

Data do Evento: de 27 a 29 de janeiro de 1997

Local do Evento. Maceió – Alagoas.

Tempo de gravação do vídeo: 31 min 30 segs.

Realização:

DAFAM-Diretório Acadêmico Faculdade de Arquitetura do Mackenzie

DAU – UFAL. - Universidade Federal do Alagoas

Súmula:

Optou-se por dividir o vídeo em 4 partes: EMAU-POEMA, SEMINÁRIOS, CONFRATENIZAÇÃO e ENCERRAMENTO, mais dois entremeios. Dois painéis concentram o conteúdo teórico e as experiências dos Grupos de trabalho [GTs]. Intercalados às cenas longas, os entremeios comentam e complementam estes painéis através de linguagens lúdicas, e sintetizam as iniciativas de teorização através da música e de jogos interativos.

A CENA 2 da segunda parte é a mais longa e oferece orientação aos grupos que estavam iniciando o processo de estruturação de Escritório Modelo [EMAs], ao propor uma estrutura

funcional para eles. A forma interativa de exposição deste conteúdo, com participação ativa dos estudantes torna este painel muito interessante, motivo da sua transcrição mais detalhada. As cenas curtas da Parte 3 buscam registrar a integração entre os estudantes e deste com Maceió e associam às cenas externas na praia a apresentação de um manifesto poético, que busca sintetizar a experiência deste SeNEMAU. É neste momento que se apresenta uma sequência de closes dos participantes, que funciona quase como uma apresentação e precede o encerramento, marcado pela simbologia do pôr de sol.

Quadro 5: Programação do I SeNEMAU			
	SEGUNDA 27/01	TERÇA 28/01	QUARTA 29/01
9:00 as 15:00	INSCRIÇÃO	1º PAINEL	GRUPOS DE TRABALHO
15:00 as 19:00	ABERTURA	2º PAINEL	PLENÁRIA DE SISTEMATIZAÇÃO
20:00	MESA REDONDA	LIVRE	LIVRE

Fonte: Dados levantados a partir do vídeo documentário do I SeNEMAU, elaborados pela autora.

Roteiro e Minutagem:

PRÓLOGO

[00:04 a 00:25] PRÓLOGO/CENA 1/ Telas-letreiro do I SeNEMAU/Fundo Musical: Música regional instrumental. Paisagem de cerrado, gravada provavelmente do ônibus.

PARTE 1/ABERTURA

[0:26 a 1:05] PARTE 1/ABERTURA/Cena 1/Histórico dos EMAUS/som direto. Em auditório da Universidade Federal do Alagoas, dois estudantes fazem apresentação sobre histórico dos EMAUS da FENA.

[1:05 a 1:12] PARTE 1/ ABERTURA/Cena2/ Programação/ som de fundo instrumental. Mostra a programação do I SeNEMAU afixada na FAU UFAL

[1:13 a 1:19] PARTE 1/ABERTURA/Cena 3/espço do foyer vazio/ som de fundo instrumental.

[1:19 a 1:21] PARTE 1/ABERTURA/Cena 4/Estudante entra no espaço improvisado como dormitório dos participantes/som de fundo instrumental.

[1:26 a 1:54] PARTE 2/ ABERTURA/Cena 5/ Estudante fala sobre a diferença entre EMAUS e Empresas Junior/ som direto.

PARTE 2/ 1º PAINEL

[01:55 a 07:20] PARTE 2/ 1º PAINEL/ Cena 1/ /Apresentação do POEMA/ som direto. Estudante apresenta conteúdo teórico sobre os propósitos dos EMAUS expressos no Projeto de Orientação aos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo da FeNEA - POEMA / som direto.

[7:20 a 7:48] PARTE 2/ 1º PAINEL/ Cena 2/ comentários. Natasha Gabriel adverte sobre escolas que começam a desvirtuar os EMAUS FeNEA/ som direto.

[7:49 a 8:18] PARTE 2/ 1º PAINEL/ Cena 3/ comentários. Estudante ressalta a importância do SeNEMAU para divulgar o projeto da FeNEA e corrigir a rota dos ENAUS/ som direto.

[8:19 a 9:01] PARTE 2/ 1º PAINEL/ Cena 4/ comentários. Estudante comenta as diferenças entre EMAUs e ONGs/ som direto.

ENTREMEIO 1/ ATIVIDADE LÚDICA/Escravos de Jó. [9:02 a 9:22] som direto

PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS [9:22 a 11:47]

[9:22 a 10:43] PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 1/ Grupo Reviver/ Estudantes falam sobre sua experiência no escritório modelo da FAUS/som direto

[10:44 a 10:50] PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 2/ Grupo Reviver/ Projeção de slides na parede da sala/Fundo Musical: Sal da Terra. [10:51 a 10:55] PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 3/ Grupo Reviver/Comentário da plateia/ Fundo Musical: Sal da Terra.

[10:55 a 11:26] PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 4/ Outros GTs se apresentam, mas sem som direto. Fundo Musical: Sal da Terra.

[11:25 a 11: 27] PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 5/ movimento na plateia entre as apresentações Fundo Musical: Sal da Terra.

[11: 28 a 11: 36] PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 6/ mais GTs se apresentam sem som direto Fundo Musical: Sal da Terra

[11: 37 a 11:47] PARTE 3/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 6/ Projeção de 3 slides na parede da sala, o último branco, sugerindo o fim do carretel e das apresentações /Fundo Musical: Sal da Terra.

PARTE 4/DUETO MUSICAL dos ESTUDANTES [11:48 a 14:38]

[11:48 a 12:48] PARTE 4/DUETO MUSICAL DOS ESTUDANTES/ Cena 1/ Rodrigo no violão e José Fernandes da UFPE [Zé Filé] no vocal, apresentam em dueto uma canção recém composta sobre a Estrutura Funcional dos EMAUs. Som direto.

[12:48 a 13:15] PARTE 4/DUETO MUSICAL DOS ESTUDANTES/ Cena 2/ público conversa em duplas e faz anotações sobre o tema da canção na lousa / dueto musical dos estudantes em off

[13:13 a 13:17] PARTE 4/DUETO MUSICAL DOS ESTUDANTES/ Cena 3/Pessoa na rua com chapéu de espuma, provavelmente produzido na oficina do Jandi/ dueto musical dos estudantes em off.

[13:18 a 14:01] PARTE 4/DUETO MUSICAL DOS ESTUDANTES/ Cena 4/ Cinco grupos de estudantes [GTs] preparam cartazes para a apresentação/Fundo Musical de estudantes em off.

[14:02 a 14:38] PARTE 4/DUETO MUSICAL DOS ESTUDANTES/ Cena 4/Rodrigo e José Fernandes [ZÉ Filé] voltam à cena para finalizar a canção. Som direto.

PARTE 5/2º PAINEL

[14:39 a 30:56] PARTE 5/2º PAINEL /Cena 1/ Gestão dos EMAUs -Estrutura Funcional/ som direto.

PARTE 6/CONFRATERNIZAÇÃO E MANIFESTO POÉTICO

[30:57 a 33:14] PARTE 6/Confraternização e Manifesto poético/Cena 1/ /Estudantes na praia /som direto seguido de declamação do manifesto poético em off.

ENTREMEIO 4/CENA INTERNA. [33:15 a 33:18]

[33:19 a 34:39] PARTE 6/ Cena 2/Encerramento/Estudantes acenam ao pôr do sol. Declamação do manifesto poético em off

PRÓLOGO/CENA 1/ Telas-letreiro do I SENEMAU. [00:00 a 00:25]

O vídeo parece ter todas as suas cenas gravadas in loco no estado de Alagoas, durante o I SeNEMAU. Tem início com um take de 25 segundos de paisagem tomada à luz do dia, provavelmente gravada de um ônibus, durante a movimentação dos estudantes nas cercanias do campus da UFAL, situado às margens da BR 104 Norte, próximo ao trevo de cruzamento com a rodovia 316. Ao fundo, música instrumental regional

reforça o calor do mês de janeiro. Aos poucos, algumas construções vão se misturando à vegetação típica local, indicando a proximidade da cidade de Maceió. A cena de encerramento guarda algumas semelhanças com a abertura. Nela a paisagem local ressurge, só que desta vez tomada depois do pôr do sol, do lusco-fusco do anoitecer à escuridão noturna que dará fecho ao vídeo.



Figura 137 Letreiro Inicial I SeNEMAU



Figura 138 Data e Local do Evento.

PARTE 1/ABERTURA/Cena 1/Histórico dos EMAUS [0:26 a 1:00]

A primeira cena apresentada depois do letreiro mostra dois estudantes palestrando sobre o histórico dos Escritórios Modelo da federação Nacional dos Estudantes [FeNEA].

Supõe-se que esta fala tenha acontecido na segunda-feira, dia 27/01/1997, e feito parte das atividades de ABERTURA, que começaram as 15 h



Figura 139 Alexandre Sávio da Diretoria de Extensão e Pesquisa e Taís Bio Ribeiro, Diretora Geral da FeNEA, na apresentação de abertura do encontro em um dos auditórios da FAU UFAL.



Figura 140 abertura do evento, provavelmente 27/01/97. Os palestrantes não ocupam as mesas sobre o palco, para se manterem mais próximos da plateia.

Transcrição da fala do Estudante: “Eu vou explicar o que é o seminário. Em 1994, a partir de uma diretoria que foi criada na FeNEA - a diretoria de Extensão [DIEPE] - surgiu esta ideia de escritório modelo, e isso foi trazendo um convívio desta história nas plenárias da federação. Então, a partir da

divulgação deste projeto, vimos que tinha muita gente querendo mais detalhes, querendo montar estes Escritórios Modelo nas suas escolas. E já tinha gente que estava montando, mas de forma ainda dispersa, atingindo rumos que não estavam se amarrando com o projeto da FeNEA.”

PARTE 1/ ABERTURA/Cena2/foyer da FAU UFAL/ Programação [01:00 a 01:15]

A segunda cena é uma tomada diurna do prédio da FAU UFAL, mostrando o foyer central que dá acesso aos blocos e a programação do evento, afixada em

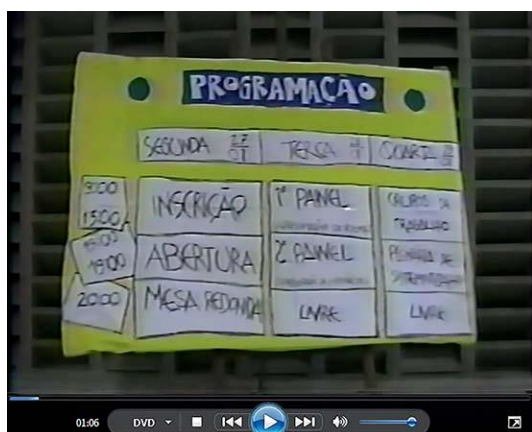


Figura 141. Cartaz com a programação do evento fixado na FAU UFAL.

uma empena vertical vasada, de combogós de concreto, provavelmente no mesmo ambiente



Figura 142 Foyer da FAU UFAL, no Campus de Maceió.

PARTE 2/ MESA REDONDA/Cena 1/ EMAUS e Empresas Junior [01:16 a 01:56]

Prevista para segunda-feira, dia 27/01/1997, as 20 horas. Este take noturno no foyer central retrata momento informal de conversa entre os quatro palestrantes, informalmente sentados em cadeiras escolares. Maria Elisa Meira, a segunda da esquerda para a direita, líder da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo [ABEA], pesquisadora dedicada ao estudo de pedagogias aplicadas ao

ensino nas FAUs, influenciou a primeira geração de estudantes a optar por desenvolver dos Escritórios Modelo²⁵² em lugar de Empresas juniores. O frame a seguir acompanha a fala de Marcio Onodera, estudante do curso de economia e membro da Federação Nacional de estudantes de Economia e Administração [FeNEAD], sobre as diferenças entre Escritórios Modelo [EMAUS] e Empresas Juniores.

²⁵² Ver sobre este assunto o item 4.2.6. desta tese, intitulado Uma “dupla infernal” da ABEA.



Figura 143 Palestrantes. A segunda, da esquerda para a direita é Maria Elisa Meira, professora da Universidade Federal Fluminenses ligada à ABEA.

Transcrição da fala do Estudante: “A diferença entre escritório modelo e empresa júnior é o foco de direcionamento do trabalho. O Movimento Empresa Júnior original insere o trabalho dos estudantes no

PARTE 3/ 1º PAINEL/ Cena 1/Apresentação do POEMA. [01:57 a 09:01]

Painel realizado em uma sala da UFAL, provavelmente na terça-feira, dia 28/01/1997 das 9:00 às 15:00, Dois estudantes apresentam o Projeto de Orientação aos EMAUS para cerca de 20 outros sentados em roda, que ouvem e formulam questionamentos. A apresentação teórica sobre os propósitos dos EMAUS expressos no

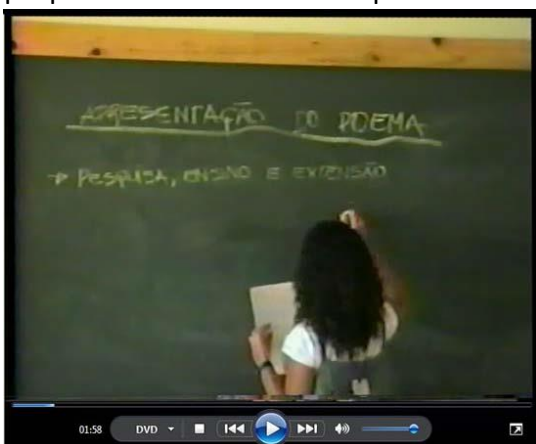


Figura 145 Estudante Milena Barbalho, da UFPE prepara a lousa.



Figura 144 No foyer da FAUUFAL, Marcio Onodera, diretor da FeNEAD fala sobre as diferenças entre Escritórios Modelo [EMAUS] e Empresas Junior

mercado, e o Escritório Modelo é um “desvirtuamento bom” deste movimento, porque o trabalho dos estudantes seria voltado para a comunidade organizada.”

POEMA, destacando a ampliação do campo de atuação do arquiteto urbanista, através da inclusão no futura das comunidades organizadas não tem acesso ao serviço deste profissional ao mercado de trabalho. Sugere formas alternativas de gestão e tecnologias alternativas.



Figura 146 Estudante não identificado, provavelmente da UFAL, apresenta o tema

A seguir, sùmula do conteúdo e questões levantadas:

Propósito dos EMAUS expresso no POEMA. Superar o esquecimento da questão social pelos profissionais de arquitetura e urbanismo e a falta de atendimento à população de baixa renda, economicamente empobrecida.

EMAUS e ampliação do Campo de atuação profissional. Somente 5% das construções no mundo são projetadas por arquitetos. Buscar ampliação do campo de atuação. O arquiteto não tem intervenção nas favelas e não se cria um mecanismo para passar a ter. Através de escritórios modelo de extensão, os estudantes universitários podem chegar a este público que não sabe o que é arquitetura. Isso significa uma

EMAUS e metodologia: O estudante/professor está falando sobre adquirir novos conhecimentos, testar formas alternativas de gestão, usar ou criar tecnologias alternativas.

Natasha Gabriel, da FAUS alerta [7:20 a 7:48]: “...a gente ter consciência de que este projeto que estamos fazendo não vai ser desvirtuado, entendeu? Estar preocupado sim, e estar fiscalizando. Porque está acontecendo isto, já! Tem escolas em que o EMAU está sendo



Figura 147 Natasha Gabriel da FAUS: alerta de os estudantes devem fiscalizar para não deixar que desvirtuem os EMAUS da FeNEA.

vantagem profissional pois este mercado de atuação pode se converter em mercado de trabalho, com possibilidades abertas tanto nas ONGs quanto em órgãos públicos.

EMAUS e ampliação do mercado de trabalho. Se favelados entrarem em contato com os arquitetos e perceberem que estes podem melhorar a qualidade do seu espaço e, com isso, sua qualidade de vida, vão começar a exigir a presença deste profissional. Esta demanda se converterá em mercado de trabalho, sendo necessário contratar mais arquitetos. Portanto, os EMAUS não concorrem, mas ampliam o mercado de trabalho;

desvirtuado por questões de orientador, questões pequenas, que estão levando o nome do Escritório Modelo e estão desvirtuando tudo!” Outra estudante completa: [7:49 a 8:19] O projeto ainda está em divulgação. Se este trabalho, se isto aqui [aponta para a lousa com as anotações do primeiro painel] estiver claro para todo mundo, se quando este seminário acabar todo mundo vai ser reproduzido da ideia quando voltar para a sua escola”



Figura 148: Da esquerda para a direita Alexandre Esteves, Milena Barbalho e Alexandre Sávio.

Alexandre Sávio acrescenta: “A gente não é uma ONG. Estamos trabalhando dentro da universidade, mobilizando em movimento de pesquisa, trabalhando dentro do Escritório Modelo. É um trabalho de cunho social, né? A ONG também tem um trabalho de cunho social, que se difere, mas muitas vezes o pessoal confunde o trabalho do EMAU com o da ONG. Podemos conversar na mesa redonda sobre esta distinção de modelos. Como o EMAU pode trabalhar em conjunto com ONGs ou prefeituras, sem ocupar o papel delas?”

Clareza do Papel do EMAU: Atender o público que não tem acesso ao profissional arquiteto. Se isto for colocado com clareza nas universidades, já é um primeiro passo para não desvirtuar. Têm pessoas que ainda confundem os EMAUS com ONGs. É necessário esclarecer como o escritório modelo pode trabalhar em conjunto com as ONGs, porque elas também fazem trabalho social. Este painel pretende mostrar as experiências que já estão sendo implantadas neste sentido.

ENTREMEIO 1/ ATIVIDADE LÚDICA/Escravos de Jó. [9:02 a 9:22] som direto

Atividade lúdica, coordenada por Rodrigo Alonso, em sala de aula da UFAL



Figura 149 Roda. Todos jogando escravos de Jó.



Figura 150 Detalhe roda.

PARTE 4/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 1/ EMAU REVIVER [7:00 a 09:27]

Grupo do EMAU REVIVER – FAU SANTOS. Rodrigo Rubido Alonso, Natasha Gabriel, Mariana Gauche e Alexandre Esteves apresentam sua experiência no Museu de Pesca de Santos. O grupo associa a fala com uma projeção de slides. No final, momento da fala de Renato Leal, é projetada a foto de um grupo de estudantes caminhando em uma trilha, no morro da Ponta da Praia, em Santos, com destino à Praia do Góes. Súmula do conteúdo e questões apresentadas pelos membros do EMAU Reviver:
Rodrigo: Abre sua fala com um alerta

aos grupos que estão fazendo o estatuto para dar início ao processo de criação de um EMAU. Questiona como as pessoas entram no Escritório Modelo, e ressalta a importância de ter uma metodologia aberta, que permita a entrada de cada vez mais pessoas no projeto. Conta que o Grupo Reviver apresentou seminários sobre o desenvolvimento do MPS para a faculdade, no auditório, pois queria que as pessoas que entrassem no projeto já tivessem um conhecimento prévio.



Figura 151 Da esquerda para a direita, Rodrigo Rubido Alonso, Natasha Gabriel, Alexandre Esteves e Mariana Gauche.



Figura 152 O Grupo Reviver apresenta sua experiência no Museu de Pesca de Santos. Fala de Natasha Gabriel na apresentação.



Figura 153 Estudantes caminhando junto ao muro da Fortaleza da Barra Grande, no Guarujá, rumo à praia do Góes.



Figura 154 Apresentação do Grupo Reviver sobre o Projeto do MPS no auditório da FAUS em 2000.



Figura 155 Museu de Pesca de Santos em Ruínas na década de 1990. Fonte: Acervo do Instituto Elos Assista ao vídeo que relata a experiência dos estudantes https://youtu.be/ICHH-UYB8_g Acesso em 13 out. 2020



Figura 156 Reabertura do Museu de Pesca, Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0262e.htm> Acesso em 13 out. 2020.

Natasha: Afirma que no POEMA, desenvolvido pelos estudantes, o EMAU não é visto uma entidade separada da faculdade. Grupo Reviver sonha levar esta discussão para dentro da sala de aula, envolver as pessoas dos departamentos, ligar o EMAU a atividades de estágio – posto que existe um acompanhamento - e relacionar o seu desenvolvimento com a pesquisa e com o currículo, que no momento está sendo rediscutido na FAUS, com participação dos estudantes, inclusive membros do grupo. **Renato Leal:** Relaciona a participação nos EMAUS e no presente SeNEMAU à criação de uma memória coletiva indelével, motivada

por uma experiência inesquecível: “E se tudo sair uma merda, pelo menos você vai estar convivendo com pessoas que você nunca vai esquecer na sua vida, vai estar vivendo coisas que você nunca mais vai esquecer”. Este trecho do vídeo tem como fundo a música de *Sal da Terra*, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos²⁵³ Depois da fala de Renato Leal, a mesma música modula e varia em volume. Ora se sobrepõe as falas dos outros estudantes, ora não, até fade off. Estes grupos fazem uso da lousa e de cartazes para expor suas experiências, agindo de forma semelhante àquela adotada em seminários anteriores às tecnologias digitais.

PARTE 4/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 3/ Outros GTs [7:00 a 09:27]

Apresentações de outros grupos de trabalho, sobre trabalhos realizados por escritórios modelos nas suas FAUs de origem



Figura 157 GT da FAUUFAL , Alvaro Jatobá, Paula Padilha, e Fernando Honaiser



Figura 158 Apresentação do GT do Mackenzie, da esquerda Tais Bio, Cayna e Ana Guello ,

²⁵³. Por sintetizar ideais que compunham a pauta central dos Fóruns internacionais realizados na década de 1990, esta canção serviu de hino para esta geração

Anda! /Quero te dizer nenhum segredo/Falo desse chão da nossa casa/Vem que tá na hora de arrumar/Tempo! /Quero viver mais duzentos anos/Quero não ferir meu semelhante/Nem por isso quero me ferir/Vamos precisar de todo mundo/Pra banir do mundo a opressão/Para construir a vida nova/Vamos precisar de muito amor/A felicidade mora ao lado/E quem não é tolo pode ver/ A paz na terra amor/O sal na

terra/A paz na terra amor/O sal da/Terra! /És o mais bonito dos planetas/Tão te maltratando por dinheiro/Tu que és a nave nossa irmã/Canta! /Leva tua vida em harmonia/E nos alimenta com seus frutos/Tu que és do homem, a maçã/Vamos precisar de todo mundo/Um mais um é sempre mais que dois/Pra melhor juntar as nossas forças/É só repartir melhor o pão/Recriar o paraíso agora/Para merecer quem vem depois/Deixa nascer, o amor/Deixa fluir, o amor/Deixa crescer, o amor/Deixa viver, o amor/O sal da terra. Destacamos em negrito o trecho utilizado no vídeo



Figura 159 Apresentação do GT da UFPE. Da esquerda para a direita José Fernandes {Zé Filé}, Milena Barbalho e Alexandre Sávio.



Figura 160 Alexandre e Natasha na trilha do Bonete, comunidade em Ilha Bela., Atividade de Balanço do Grupo Reviver.



Figura 161 Apresentação de professor da UFAL que circulou livremente pelo SeNEMAU.



Figura 162 Natalia, Flavia Vendramini e Fabrício, do Ggrupo Reviver, desenhando na comunidade de pescadores da praia do Bonete, Ilha Bela – SP.

ENTREMEIO 2/DUETO MUSICAL. [9:28 a 12:00]

Dois estudantes, voz e violão, apresentam, na sala de aula da FAU UFAL, uma canção falada sobre como montar um EMAU. Segue a letra:



Figura 163 José Fernandes [Zé Filé] e Rodrigo Alonso cantam em dueto a música criada para os EMAUS. A música perdura até o fim da cena.



Figura 164 Tais Bio, diretora geral da FeNEA, Cynthia, vice-diretora geral [FAU Brás Cubas] e Tayana, diretora da DIEPE, [UFSC] estudam alguns tópicos sobre o tema da próxima discussão.

“ESTRUTURA FUNCIONAL DOS EMAUS” [Letra]

Se você quiser aprender a montar um Escritório Modelo /Estrutura funcional é aqui na FAU Palmas / uwouou

Para montar esta tentativa de escritório modelo/você tem que ter responsabilidade, identidade/ uwouou

Mas quanto à estrutura funcional/ ela tem que ser flexível e adaptável /às diversidades internas do projeto nacional/ uwouou

E que possibilite a participação de todos os membros/em todas as fases do projeto/ e não centralize na mão de alguns objetos/ uwouou

E todas as discussões sejam compartilhadas/ divididas de acordo com os interesses, as potências e as disponibilidades de cada um de vocês/uwouou

O escritório modelo, quanto a sua estrutura é funcional/ ele deve ser transparente, deve ser acessível a todos os membros do curso/ e de outros cursos também/ uwouou

Ele tem que atender as fases de recepção/ de análise/ de encaminhamento do projeto/ entendido/ obrigado/ uwouou. [Aplausos]

As imagens a seguir são exibidas durante a apresentação.
Destaque para algumas duplas de estudantes na plateia



Figura 165 Fabrício e Milena da FAUPE



Figura 166 Virgínia Lambert e Alexandre Sávio da UFPE



Figura 167 Alexandre Esteves da FAUS Santos e estudante não identificada.



Figura 168 Estudante não identificada e Fernando Honaiser.



Figura 169 Rodrigo Alonso e Tais Bio.



Figura 170 Da esquerda Alexandre Duran e Samuel, ambos da FAU Brás Cubas, Mogi das Cruzes-SP.

PARTE 4/SEMINÁRIOS dos EMAUS /Cena 3/ Reunião dos GTs [7:00 a 09:27]

Permanece, ao fundo, a musical do dueto sobre estrutura funcional dos EMAUS em off, enquanto o vídeo mostra os grupos de estudantes, nos seus “dormitórios” improvisados na FAU

UFAL ou no Foyer, preparando cartazes para apresentação dos grupos de trabalho, prevista para quarta-feira 29/01

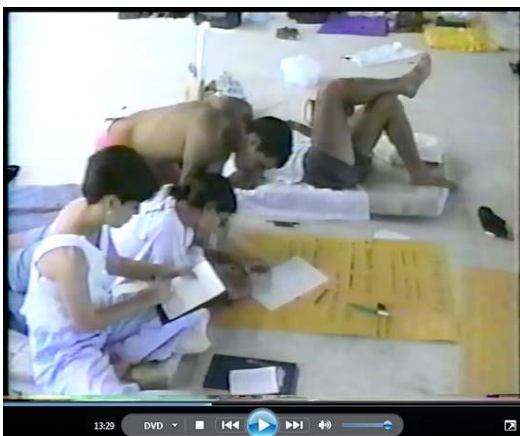


Figura 171 Reunião de um GT. Da esquerda Virginia [FAAP], Cayna [MACK] e Alê Esteves.



Figura 172 Reunião de um GT Fernando Honaiser, Rodrigo Alonso Milena e Ana Kelly



Figura 173 Daniel, da FAU UFAL



Figura 174. José Fernandes ao violão

ENTREMEIO 3/FINAL DO DUETO MUSICAL. [9:28 a 12:00]

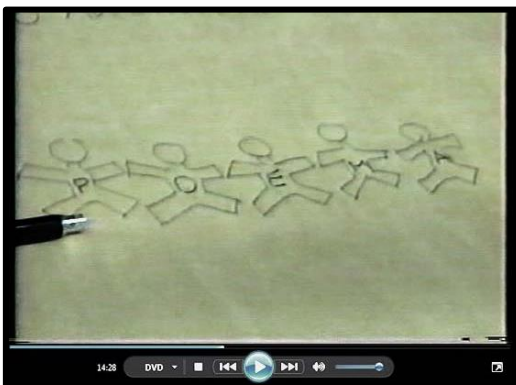


Figura 175 POEMA Logo representando todos

Os dois estudantes finalizam sua apresentação musical e a câmera dá close em um desenho a mão onde cada letra da sigla do Programa de Orientação aos Escritórios Modelo de Arquitetura e urbanismo – POEMA -



Figura 176 Zé filé na cena final da apresentação.

aparece escrita no corpo de uma figura humana estilizada, sugerindo a criação de um logotipo de sentimento, onde um dos integrantes brincando, representa toda a comunidade reunida no SeNEMAU.

PARTE 5/2º PAINEL /Cena 1/ Gestão dos EMAUs -Estrutura Funcional/ som direto. [14:39 a 30:56]



Figura 177 Renato Leal, da FAU Santos,

Prevista para terça-feira, 28/01/97, o segundo dia do evento, das 15:00 às 19:00, esta atividade é responsável pela cena mais longa do vídeo, com duração de 16 minutos e dezessete segundos. Um grupo de três estudantes a conduz, mas apenas um - Renato Leal, membro fundador do Grupo Reviver - aparece apresentando o conteúdo, sempre

apoiado pelos outros dois. Renato era, entre todos os integrantes do Grupo Reviver, o que melhor conhecia os dirigentes da FeNEA, por conta de ter sido coordenador geral do Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo de 1994 – o ENEA Santos. Por conta de sua experiência, tinha sido chamado a falar sobre o quem os EMAUS e como poderia ser a sua estrutura funcional. Entretanto, segundo afirma Alê Esteves²⁵⁴, depois os estudantes perceberam que não seria formatando uma regra que a FeNEA iria constituir uma rede nacional de escritórios modelo, mas sim fazendo com que todos os interessados no assunto se encontrassem nos SeNEMAUS para discutir:

²⁵⁴ Informação concedida à autora sem 01/out/2021, por telefone



Figura 178 Samuca fica no centro e girar parado como um eixo, e Cinthya e Ana Kelly orbitam em torno dele, acompanhando-o Alexandre Sávio das FPE e Rivaldo da FAUPE, são os ajudantes.

“Neste primeiro encontro, havia uma necessidade de formatar, mas depois jogamos isto fora, o que fortaleceu muito os SeNEMAUS”. Este grupo que se formou neste SeNEMAU vai conviver por quatro anos nos EMAUS e nas atividades da FeNEA e muitos destes No vídeo, Renato Leal se mostra um excelente professor. Desenha na lousa o tempo todo e chama outros estudantes para participam de dinâmicas muito interessantes, que ajudam a visualizar as metáforas que utiliza para explicar a estrutura funcional dos EMAUS. Utiliza basicamente quatro: a teoria da oscilação, a teoria do monomotor, a da turbina e a das pizzas. Enquanto conduz a apresentação com graça e maestria, o grupo permanece ouvindo-o muito animado, em meio a risadas frequentes:

Ele obedece, rodando sobre si mesmo e carregando as meninas pela mão, que giram em torno dele. Renato comenta: “Esta é a teoria do monomotor: tem um eixo central e a hélice. Se o eixo para - ao dizê-lo, segura firme nos ombros do menino que está girando e as meninas são obrigadas a parar para não cair - a hélice para também”. A explicação



Figura 179. Repentinamente Renato estanca este giro, segurando nos ombros de Samuca, e as meninas são obrigadas a parar para não cair. A metáfora representa a Teoria do Monomotor.

estudantes virão a formar os quadros de diretoria da federação. Ana Kelly passara a diretoria Geral para Rodrigo Rubido Alonso, que por sua vez o passará a Ana Kelly. Renato Leal será vice de Rodrigo e Alexandre Esteves diretor da Regional São Paulo.

Teoria do monomotor. Renato, apoiado por seu grupo de trabalho, desenha na lousa. Anuncia que pesquisou a teoria do monomotor e que para demonstrá-la fará um experimento, para o qual necessita de três voluntários. Surgem três estudantes da plateia e ele coloca um menino no centro - você fica aqui - e as duas meninas em volta - vocês seguram com as duas mãos na mão dele. Então explica ao estudante que está no centro: “agora só você roda em círculo” e adverte para que rode no mesmo lugar.

prosegue: “a gente está analisando a teoria do EMAU através da teoria do monomotor. Tendo o núcleo administrativo geral, ele vai fazer os processos girarem, porque a administração toda está aqui. Aponta para o estudante do centro e dispensa os três, agradecendo. [APLAUSOS]



Figura 180 Estudantes simulam a Teoria da Turbina.

A teoria da Turbina.

“E tem uma teoria quase nuclear. O átomo, no microscópio, vira uma nuvem [desenha uma nuvem na louça e a pinta com giz azul por dentro] a seguir, pede mais cinco voluntários, mas surgem só quatro meninas da plateia. Ele solicita um homem, mas dois estudantes se levantam ao mesmo tempo e ele os acolhe dizendo: “Podem ser seis pessoas, essa é a vantagem da teoria que eu vou explicar agora! Ela não precisa ter um número exato de componentes, porque é uma coisa flexível. Tanto podem ser dois como dez”. Coloca uma das meninas no centro e fala: “agora é o contrário. Não é ela que vai segurar os elementos, são os elementos que vão pôr a mão no ombro dela, e agora os que estão de fora que vão girar. O grupo fica girando, gira diversas voltas, ele deixa girar mais algumas vezes e declara. “Vamos parar!” As pessoas se sentam, ele agradece e acrescenta: “Essa é a teoria da turbina [risos na plateia] porque dentro da turbina, ela é um monomotor, só que o avião não tem uma turbina só, tem várias. Então, se uma turbina não funcionar, as outras podem salvar o



Figura 181 Renato Leal, portando uma camiseta promocional do ENEA Santos, desenha uma senoide. E apresenta a teoria da oscilação.

avião. Mas, se for da TAM, aí cai mesmo!” [risos]

Teoria das Pizzas. [019:37]. O estudante/palestrante continua o desenho da nuvem iniciado anteriormente e pintada de azul, conectando a ela círculos divididos por linhas que passam pelo seu centro. Sobre o primeiro círculo escreve: “Primeiro grupo –semente”. E dentro da nuvem azul escreve: Coordenador.

“O que acontece? Vou detalhar! Como vocês sabem, pizza pode vir dividida em 4, em 8 ou até mesmo em 16 fatias. Nessa pizza, uma das fatias vai ser composta por um professor. Vou pôr *Professional Arquiteto*, que vai servir como coordenador da pizza. Ele é o tomate. E tem uma estudante que faz parte da pizza - como todos os outros - mas fica responsável pela parte financeira, porque não dá para ser anarquia total, graças a Deus! Mas lembrem-se! Vai ser esse estudante que vai assinar junto com o coordenador, no caso da conta do banco. Por quê? Porque essas pizzas são autossuficientes.

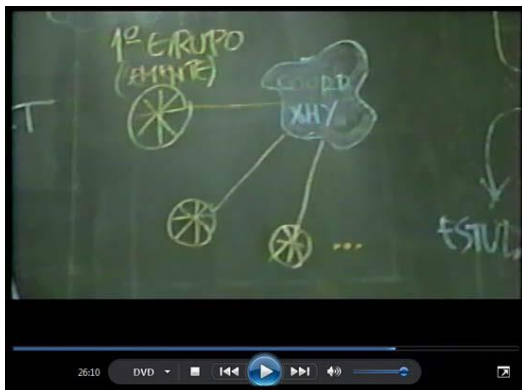


Figura 182 O primeiro grupo semente, seguido de mais dois grupos, todos atrelados ao coordenador XHY.

O sabor de uma pizza não depende do sabor da outra, por isso é como a teoria da turbina. Uma turbina pode funcionar sozinha, ela não depende da outra! Mas é lógico que duas turbinas funcionam bem melhor, então, dependendo da fome dos clientes, o número de pizzas pode aumentar. Todo mundo aqui tem o mesmo papel, não tem diretoria de divulgação, de relação e o cacete [risos]

A teoria da oscilação: O estudante/professor desenha na lousa uma senoide com a linha de Terra e diz: “A gente tentou também um inimigo natural da teoria do monomotor.

Figura 184 Uma vez por mês estes GTs se reúnem para um grande banquete, uma grande pizzada!



Esta teoria da oscilação é um processo natural, que se desenvolve dentro da faculdade. Vamos dizer que a nossa faculdade uma certa hora está muito legal, com uma galera incrível, e repente, broxou geral. Desceu! [faz um



Figura 183 Cada grupo pizza com profissional e um estudante responsável pelo financeiro.

gesto que acompanha a descida da senoide]. De repente entra uma galera [sobe no desenho da senoide] daí esta galera sai, e [desce com o giz no desenho da senoide] ou seja, fica aquela coisa! [faz um gesto em forma de senoide com a mão e a plateia fala] - Sobe e desce! O monomotor precisa de combustível, ele não é aquela coisa assim [faz um gesto de rodar sobre um eixo, dando trancos, parando e girando]. Parou, ele cai e aí é ****! Parou, caiu! [Risos e aplausos na plateia]. Vai ter todo mundo se organizando, todo mundo cuidando do dinheiro, só que essa pessoa vai assinar cheques, porque tem que ser uma pessoa só. A pizza só vai existir quando houver projetos, entendeu? **A formação do Grupo semente com a presença do coordenador.** A primeira pizza vai surgir, e ela se forma com o número de componentes e com o coordenador XHY ajudando. Mas se pintar um projeto, quem vai chamar quem? Por isso gente criou o coordenador XHY, porque este coordenador vai, dentro da faculdade, servir de referência, vai receber as informações de um projeto que possa estar sendo desenvolvido etc. O coordenador pode ser um membro do grupo semente, isto é, da primeira pizza,

ou um membro do D.A., ou um aluno que não seja nem da pizza nem do D.A., apesar de que a gente acha legal que seja alguém que está envolvido com uma coisa. Ele vai ser só uma pessoa de referência, não vai estar lá pegando o projetinho e distribuindo para a galera. Não! Ele vai ser um voluntário que, quando chega a informação, seja da secretaria, da faculdade, da universidade, vai divulgar na universidade e nós, os grupos, vamos nos formar. É isso. Autossuficiência da pizza. Bom, a pizza está clara? Então essa pizza vai correr atrás de captação de recursos.

Captação de recursos. O que é captar recursos? É a bolsa, o espaço físico, porque se você abre uma sala na faculdade e coloca lá, na porta, - ESCRITÓRIO MODELO - daí a gente fica com a obrigação de sempre estar funcionando. Pior, o escritório pode não estar funcionando e a tua faculdade falar: “Olha isso aqui, que legal este é o escritório modelo!” Fica aquele espaço ocioso, e em muitos casos, a gente pode estar projetando em um outro lugar, sem a necessidade de que, a priori, se tenha um espaço, ou um computador, isto e aquilo etc. A gente precisa do seguinte: você forma um grupo, apareceu um projeto, daí você vai negociar tudo isso, ver se há necessidade de um espaço na faculdade etc. Então, o pessoal novo, que está entrando agora, não participou desta discussão e a gente não sabe se ele vai ter plena consciência, pelo menos a princípio, de até onde ele pode projetar ou não, pode atuar ou não. Então, o coordenador XHY, no caso, vai dar este toque, tem toda a informação: se tem caráter social,

se não está com competindo com o mercado de trabalho, vendo se é um projeto social etc. Isto ele vai repassando, vai divulgando. Isso vai mudando, entendeu? É uma estrutura orgânica. A pizza do coordenador vai saber se tem alguém da faculdade ou não envolvido, quais órgãos eles estão apoiando, se pode, ou se tem um espaço no lugar que você vai desenvolver o projeto. Pode ser que vá todo mundo trabalhar na casa de alguém, isso é o grupo que decide! Por isso que tem a nossa nuvem Bob, porque ele vai estar na faculdade e vai concentrar as informações.

Papel do grupo semente e do coordenador na estrutura orgânica dos GTs.

Porque a pizza do coordenador XHY não tem controle sobre as outras pizzas. Ela pode ser vista como um grande buraco negro do universo, que pode servir como uma peneira. Por que só entra no buraco negro isso que a gente está discutindo aqui, entendeu? Porque a pizza dele sabe qual a relação com o estado, com a direção, com o próprio D.A.... Porque tem gente que é do D.A. mas não é do Escritório Modelo, e pode ser que o D.A. apoie ou não. Por isso a pizza mãe é o X da questão, entendeu? Ela que vai analisar isso tudo, para tentar montar uma estrutura que, por exemplo, sabe como e quando vai ter uma pizza nova. Você pode propor que as pizzas votem e elejam um coordenador, só que a gente sabe que é complicado, é como eleição do D.A... Cada um sabe, na sua faculdade, como a coisa funciona. Aí sim, cada um vai criar a sua estrutura, entendeu? Aqui, a gente está dando só a ideia principal.

Parte 3/CONFRATENIZAÇÃO/CENA 1/ Todos na praia + Manifesto poético.



Figura 185 Letreiro de uma pizzaria no caminho da praia, inserido no vídeo por fazer uma ponte com a teoria das pizzas, apresentada anteriormente por Renato leal.

Nas cenas que seguem, os estudantes aparecem na praia, na faixa de areia. A câmera passeia por todos que, tomando sol e cerveja, conversam em pequenos grupos, sentados em cadeiras de praia ou deitados ao sol, em cangas. Um dos estudantes começa uma brincadeira, se fazendo de radialista e sai entrevistando um dos colegas.

Depois entra uma voz em off: “Aqui é da Suor MTV, quem fala Fabrício Gordo. Qual crime você vai mandar? Mandar para quem? Diga seu nome? CORTE SECO. Em seguida, as cenas da praia procedem mudas e, ao fundo surge o som do manifesto poético sobre EMAUS



Figura 186 O locutor, Fabrício Gordo



Figura 187 Guilherme Moura, da UFPE



Figura 188 Rodrigo Alonso da FAUS



Figura 189 Fernando Honaises chama a primeira cerveja



Figura 190 Alexandre Savio



Figura 191 E todos comemoram ao sol



Figura 192 Estudante não identificada



Figura 193 Tais Bio

MANIFESTO POÉTICO. Recitado. Autoria de Paulo Bastos.

Uma intenção vaga ou declarada de mudança
 Vai aqui o nosso manifesto
 Neste porto abarcam aqueles que navegam,
 procuram, e quem sabe encontrem o inconformismo.
 Deixamos saudosas as referências já conhecidas
 e que cerceiam para a busca de uma nova
 fome tal contra a atual, seca e apática, previsível é o futuro
 Trata-se da lição da pouca ação.



Figura 194 Daniel, da UFAL.



Figura 195 Estudante não identificada.



Figura 196 Alexandre Esteves. FAUS, Santos/SP



Figura 197 Ana Kelly da FAUPE



Figura 198 Carina Souto Maior, da FAUPE.



Figura 199 Flávia Guimarães, de Uberlândia,

Seja como for, d'um gesto se fez o POEMA.

Nossa nau que, ser errante, convive e procria com questão universidade/sociedade.

Enfrenta e defende que a teoria se atire à comunidade
como a amante nos braços de um apaixonado.

A gramática da arquitetura, disse alguém, é a política.

Ninguém o disse? Que fique aqui dito!

Mesmo por que, saber deles e lutar com os problemas da nossa aldeia
Será a regência para construí-la.



Figura 200 Tayna Kadlets [UFSC].



Figura 201 Álvaro Jatobá da UFAL.



Figura 202 Jandi Caetano, da Moura Lacerda



Figura 203 Ana Guello do Mackenzie



Figura 204 Zé Filé da UFPE



Figura 205 Fernando Amaral, [Tchô] da UFRGS

Será também nosso desejo de êxtase que os aldeões se abracem.

Assim, o nosso corpo, os nossos desenhos,

o corpo deles, a carência.

Filantropia, hipótese primeira, não. [0:30:14]

Além do compromisso com o ser humano,

nossa nau quer se alimentar do exercício do aprendizado originado nesta experiência

Antes de irmos mais adiante, somos uma possibilidade viva de concretização,

depositada pouco a pouco na discussão, contrária a exclusão.



Figura 206 Estudante não identificado.



Figura 207 Samuel, da FAU Brás Cubas,



Figura 208 Alexandre Duran, da FAU Brás Cubas.



Figura 209 Marcelo da FAUUE.



Figura 210 Cynthia, da Brás Cubas.



Figura 211 Cayna, da FAU MACK.

Pois uma nau que não conhece as próprias fragilidades, seria partida
Somos, de fato uma única tripulação,
a qual tendo o céu como uma bandeira,
leva esse POEMA, a mais consciente intenção deste projeto



Figura 212 Yuri Moraes da FAUUE.



Figura 213 Em um hotel a beira mar, Flavinha de Uberlândia e Virgínia da FAAP.

Paulo de Barros

Parte 4/ENCERRAMENTO/CENA 1/DESPEDIDA e CRÉDITOS

Vozes distantes: “Olha a conta!”, falas inaudíveis. Fade off. Tempo total [0:31:31]



Figura 214 O sol se põe na praia. Silhuetas dos estudantes ao pôr do sol. Alexandre ao centro e Renato à direita



Figura 215 Alexandre Esteves, o Alê da FAUS, sacode sua camiseta em despedida. Atrás de Renato Leal, ambos da FAU Santos.



Figura 216 Eles acenam para a câmara



Figura 217 Letreiro dos créditos.



Figura 218 Uma sequência, da paisagem local semelhante à abertura, agora no lusco fusco



Figura 219 Final da gravação.

Agradecemos a Alexandre Esteves, que se propôs a identificar os participantes deste SeNEMAU para a autora. Este colaborador incansável nos relatou que só pôde fazê-lo pois mantém contato frequente com o grupo até o presente, através do FACEBOOK.

13.2.3. Vídeo do II SeNEMAU.01 a 04 de fevereiro de 1998, Recife -Pernambuco. II Seminário Nacional sobre Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo

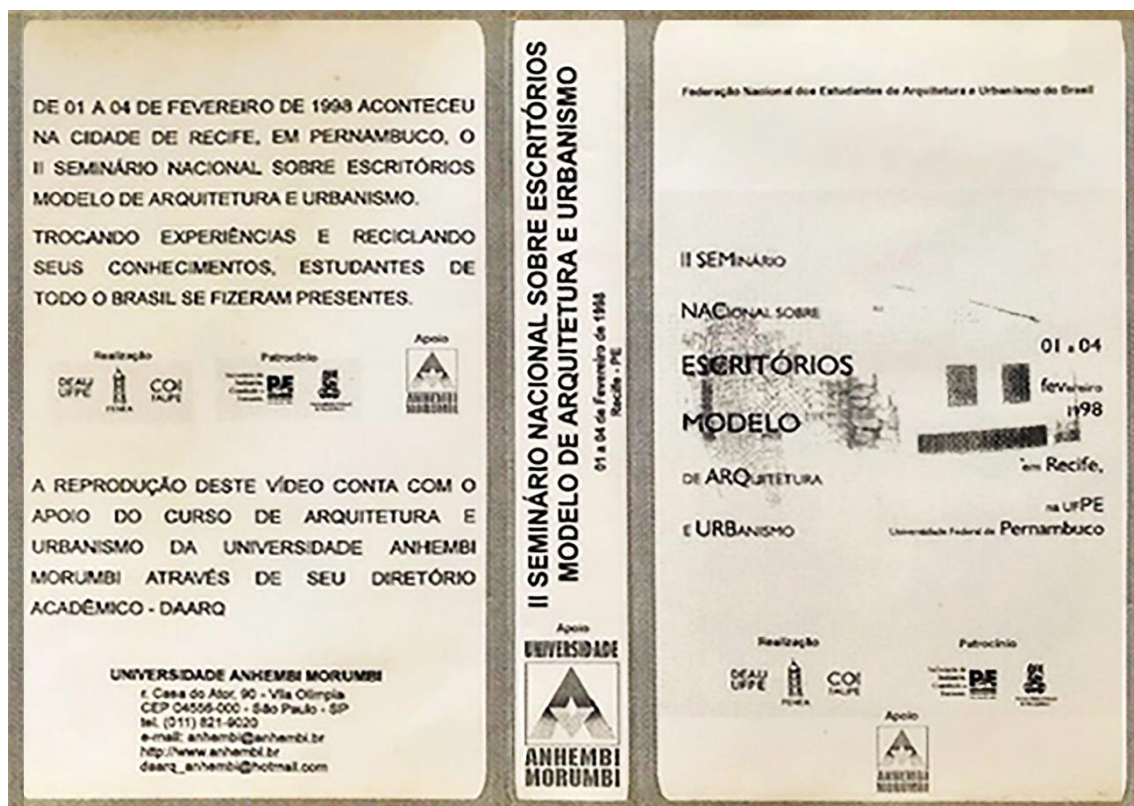


Figura 220 Capa e contracapa do vídeo FONTE: Fita VHS. Acervo pessoal de Alexandre Esteves.

1. Ficha Técnica

Tema: Documentário sobre o II Seminário Nacional sobre Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Federação Nacional dos estudantes - FeNEA.

Duração: 23 min 50 segs.

Data do evento: 01 a 04/ FEV/1998

Local: Recife/PE

Cenas internas: Centro de Arte e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco [UFPE]. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo [FAUPE], Recife/PE.

Cenas Externas: Recife Antigo, Ilha de Deus, Igarassu e Brasília Teimosa,

Realização: FeNEA, DEAU-UFPE, COI FAUPE

Imagem, roteiro e direção: ROSA CALDAS (081) 4419307

Edição: Gustavo de Melo/ Telefone Colorido Cine/ Vídeo

Agradecimentos: CREA Pernambuco, Sindicato dos Arquitetos-PE, IAB-PE, Federação Nacional dos Arquitetos, Secretaria Municipal de Educação e Turismo – Recife, Secretaria Estadual do Comercio e Industria - PE, Eliane Revestimentos Cerâmicos, Adroaldo Tapetes, D. Maria José, Projeto Virtus, Companhia Trápia de Dança e Batuque Estrelado.

Patrocínio: Secretaria de Industria, Comercio e Turismo de Pernambuco

Secretaria Municipal de Educação e Turismo – Recife

Apoio: DAARQ – Diretório Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi

Súmula:

Para fins deste estudo, optamos por dividir o vídeo em nove partes, respeitando sua estrutura original, marcada por telas-letreiro que intitulam as sequências²⁵⁵ como segue: [1] Trabalhos atuais; [2] Workshops; [3] Prêmio FeNEAD; [4] Mesa Redonda; [5] Escritório Modelo; [6] Apresentação Workshops; [7] Avaliação Geral; [8] Melhores Momentos; [9] Créditos Finais e Homenagem de Encerramento. Destas algumas são desenvolvidas em cena única, outras em diversas cenas²⁵⁶, e suas telas-letreiro ora têm fundo preto chapado, ora fundo com imagem referente ao assunto que surgem em fade in e marcam visualmente a transição de conteúdo. Em ambos os casos, o texto é apresentado em letras brancas, todas minúsculas, aparecendo em fade in.

Duas cenas precedem o título e, por este motivo, foram denominadas **prólogo: a cena I** resume o programa do seminário e a **cena II** apresenta seus participantes. Mesmo curtas, muitas cenas são entremeadas de flashes e esquetes curtíssimas que fazem a transição entre os assuntos, ora sugerindo continuidade, ora corte abrupto entre eles, dando mais movimento às sequências. Optamos por denominá-las **entremeios**. Nomeamos apenas a parte 9 e os entremeios, que não estavam tituladas no original.

As cenas externas se passam no Recife, capital do Estado de Pernambuco, Brasil, a sua maioria nas áreas de estudo dos workshops do evento: Recife Antigo, Ilha de Deus, Igarassu e Brasília Teimosa, abrangendo desde braços

estuarinos de mar com palafitas e conjuntos habitacionais formais ao fundo, até áreas então degradadas do centro histórico. Consideramos internas as que se passam nas dependências no CAC, Centro de Artes e Comunicações da Universidade Federal de Pernambuco, [UFPE], onde funciona a FAUPE, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, mesmo que o ambiente seja aberto ou semiaberto. Nesta, os três espaços protagonizados são: [1] sala de aula com uma grande lousa pintada na parede e carteiras de braço dispostas em círculo; [2] ateliê amplo, sem janelas, mobilhado com pranchetas de fórmica branca, onde paredes de concreto - muitas delas com pinturas e grafites - são entremeadas por áreas compostas por elementos vazados, para circulação de ar; [3] pátio aberto e coberto, semelhante a um foyer de acolhimento.

As falas parecem resultar de gravação direta, são curtas, geralmente interrompidas pela trilha sonora que cresce em volume ocultando as vozes, tanto dos palestrantes quanto dos entrevistados. Podem também ter início antes do personagem que afala aparecer na tela, e desaparecer subitamente em corte seco ou em fade off. A trilha sonora é composta, prioritariamente, de música regional pernambucana, predominando intensamente o maracatu. Aparentemente, há maior sofisticação neste vídeo, se comparado ao do I SeNEMAU, provavelmente devido a presença de profissionais da área na equipe, registrada na ficha técnica.

²⁵⁵ Nomeamos apenas as partes 9 e 10, que não estavam tituladas no original. As demais seguem com os títulos originais.

²⁵⁶ Baseamos a divisão de cenas na definição de Jacques Aumont "um segmento que mostra uma ação unitária e totalmente contínua, sem elipse nem salto de um plano ao outro".

O tema central - Escritórios [e laboratórios] de extensão em arquitetura e urbanismo - assume vários caracteres a ele relacionados, que funcionam quase como subtemas: [1] Interação dos estudantes, provenientes de diversas regiões do país entre si, compreensão desta diversidade e do ideal identitário que os une: o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo [EMAU]; [2] Interação dos participantes com a cidade do Recife, através de coleta de dados visuais da paisagem urbana e registros de arquiteturas locais, sobretudo das áreas de projeto e intervenção dos workshops; [3] Interação dos grupos com os moradores destas áreas, via entrevistas gravadas in loco; [4] Apresentações do material levantado nas visitas de campo às áreas de estudo, acompanhada de relatos/reflexões/avaliações sobre as intervenções projetadas; [5] Desenvolvimento de projetos em grupo, tanto nas dependências da UFPE quanto em residências nos bairros estudados, provavelmente cedidas temporariamente pelos moradores; [6] Relação prévia do estudante com o mercado profissional, presente sobretudo nas mesas redondas de debate com profissionais, provavelmente arquitetos, professores e membros dos órgãos locais relacionados à profissão [IAB, Sindicato dos arquitetos urbanistas etc.] ou patrocinadores; [7] Formas de atuação social das federações nacionais de estudantes de outras áreas, presentes no subtema Prêmio FeNEAD 97 e nas apresentações de trabalhos de estudantes de outras áreas, nas apresentações iniciais; [8] Atividades culturais e de lazer, como jogos interativos e de contato, festas, apresentações de música e dança etc. Através das falas, gestos, atitudes e

vestimentas, em todo o seu percurso o vídeo sugere descontração e horizontalidade nas relações. As lideranças propõem dinâmicas de convívio que buscam dar caráter lúdico e leveza às atividades, além de garantir a integração de todos. Falam pouco, fazem junto e se colocam como parceiras. A busca de gamificação do evento permite que o ideal de transformação - que inspira as ações sociais - também contemple o desenvolvimento pessoal, o transformar-se através desta experiência pessoal e coletiva. A abordagem multiescalar adotada nas apresentações e debates mais formalizados, favorece tanto a percepção complexa das potencialidades do escritório modelo, quanto de seus limites. Assim, enquanto o tema geral é tratado de forma dialógica entre estudantes, líderes estudantis mais experientes da FeNEA, profissionais das associações e patrocinadores, associa-se o aprendizado formal do tema à reflexão mais ampla sobre como a vida em comunidade - a vida de todos - pode transformar a de vida cada um, e vice-versa,

Mas parece ser principalmente nos workshops que todas as vivências se integram para ampliar as possibilidades de autoconhecimento. Mediante o contato direto com a realidade do Recife e com seus moradores, as experiências práticas desenvolvidas com comprometimento e responsabilidade em áreas críticas da cidade informal, e sua interação com as reflexões desenvolvidas no campus da FAUPE, tudo faz sentido. Assim, tudo corrobora para que, na avaliação final, os estudantes demonstrem seu duplo entusiasmo mediante as descobertas tanto pessoais quanto profissionais e

acadêmicas que o seminário lhes proporcionou. As cenas curtas finais dos Melhores Momentos [Parte 8], são as mais diversas entre si e as mais divertidas. Entre os quinze esquetes, que relatam momentos de informalidade do encontro, onze locadas no campus e quatro na cidade, predominam atividades lúdicas – festas e mini shows - que demonstram os talentos extras dos estudantes. Estes que vão muito além da arquitetura: dança, canto, audições de piano e flauta etc. Algumas destas cenas ocorrem antes ou depois das atividades de apresentação de resultados, proporcionando maior leveza ao encontro.

Estudantes da FAUS no II SeNEMAU

Quatro líderes estudantis da FAUS Unisantos estiveram no II SeNEMAU - Edgard Gouveia Júnior, Rodrigo Alonso, Natasha Gabriel e Alexandre Esteves. Todos tinham feito parte da comissão organizadora [COMORG] que durante dois anos preparou o do ENEA Santos, junto com líderes da FeNEA e estavam desenvolvendo juntos o restauro e recuperação do Museu de Pesca de Santos, projeto coletivo que gerou o EMAU Grupo Reviver. No II SeNEMAU, Rodrigo - então Diretor Regional São Paulo da FeNEA - participou da comissão

organizadora e foi responsável pela concepção e produção de textos. Alexandre foi Coordenador de Workshops, Edgard, que já era formado e trabalhava no Tibá²⁵⁷, fez uma fala na PARTE 4/ MESA REDONDA/CENA 1/ e outra no ENTREMEIO 4/ O TEMPO DOS EMAUS, e junto com Rodrigo conduziu a Avaliação geral. Natasha preparou estudantes para a visita técnica na Parte2/WORKSHOPS/BRASÍLIA TEIMOSA/ CENA 1/ e junto com Edgard e Alexandre respondia, segundo entrevistas concedidas à autora, pela concepção dos workshops do II SeNEMAU de Recife, adaptando a metodologia desenvolvida em Santos, em experiências anteriores.

Os três Estudantes da FAUS que foram à Recife como participantes - Mariana Gauche, Lauro e Renato Leal – também eram ligados ao EMAU Grupo Reviver, ao projeto do museu e ao Diretório Acadêmico Michael Leaders, que foi encabeçado primeiro por Rodrigo, depois por Natasha e em seguida por Mariana, em três gestões consecutivas. Eram todos, portanto, engajados tanto no Movimento estudantil de área [FeNEA] quanto em projetos de extensão.

²⁵⁷ Tibá-- Instituto de tecnologias Intuitivas e Bioarquitetura é um centro educacional de ecologia aplicada e arquitetura de baixo impacto fundado em 1987 pelo arquiteto e urbanista

holandês Johan van Lengen, lenda do movimento de sustentabilidade ao redor do mundo e autor do Manual de Arquiteto Descalço



Figura 221. Centro de Artes e Comunicação da UFPE [CAC], onde está instalada a FAUUEPE copyright Rony. Disponível em <https://3dwarehouse.sketchup.com/model/38baeeeb63553e9eb915b8323d76b122/CAC-UFPE> Acesso em 05 jul.2021:



Figura 222 Entrada do CAC UFPE Foto: Reprodução / TV Globo. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/paranambuco/educacao/noticia/2019/01/22/sisu-2019-tem-14284-vagas-em-seis-instituicoes-de-paranambuco.ghtml> Acesso 05 jul. 2021

4. ROTEIRO E MINUTAGEM

PRÓLOGO/ Total 2 min. 32 segs. [0:45 à 3:07]

PRÓLOGO/CENA 1/Conteúdo do II SeNEMAU. [1:08 à 1:19]

PRÓLOGO/ CENA 2/ Participantes [1:20 à 3:07]

ENTREMEIO 1/INSCRIÇÃO/ Total 10 seg. [3:08 à 3:17]

PARTE 1/ TRABALHOS ATUAIS/ Total 2:37min. [3:18 à 5:55]

PARTE 1/TRABALHOS ATUAIS/CENA1/Apresentação. [3:18 à 4:17]

ENTREMEIO 2/ DE TODOS OS LADOS [4:18 à 4:40]

PARTE 1/TRABALHOS ATUAIS/ CENA 2/EMAUS [4:41 à 5:54]

ENTREMEIO 3: EMAUS e Responsabilidade Social [5:55 à 6:25]

PARTE 2/ WORKSHOPS/Total 3min. 13 seg [6:26 à 9:39]

PARTE 2/WORKHOPS/CENA 1/IGARASSU/externa [6:27 à 6:52]

PARTE 2/WORKSHOPS/CENA 2/ IGARASSU/ D. Dina [até 6:59].

PARTE 2/WORKSHOPS/CENA 3/IGARASSU/Estudos/ [6:59 à 7:22]

PARTE 2/WORKSHOPS/CENA 4/RECIFE ANTIGO [7:25 à 7:52]

PARTE 2/WORKSHOPS/CENA5/ILHA DE DEUS/ [7:55 à 8:20]

ENTREMEIO 4/ O TEMPO DOS EMAUS [08:21 à 9:39]

PARTE 2/WORKSHOPS/CENA 6/BRASÍLIA TEIMOSA/ [9:00 à 9:39]

PARTE 3/ PRÊMIO FeNEAD/ Tempo Total 30seg. [09:40 à 10:10]

PARTE 3/ PRÊMIO FeNEAD/Cena Única/Apresentação/

ENTREMEIO 5/ DE TODOS OS LADOS.[10:11 à 10:35]

PARTE 4/ MESA REDONDA/Tempo Total 53 segs.

PARTE 4/ MESA REDONDA/CENA Única / Falas dos palestrantes. [10:36 à 11:29]

PARTE 5/ESCRITÓRIO MODELO/ Total 52 segs. [11:30 à 12:22]

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS [12:23 à 15:19] Total 2:57 min

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/CENA 1/Ilha de Deus [12:23 à 12:49]

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/CENA 2/Igarassu [12:50 à 13:10]

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/CENA 3/Recife Antigo [13:10 à 13:55]

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/CENA 4/Brasília Teimosa/ [13:56 à 15:19]

PARTE 7/AVALIAÇÃO GERAL/ Tempo Total 4 min.44 segs. [15:20 à 20:04]

PARTE 7/AVALIAÇÃO GERAL/Cena Única/ Roda de conversa [15:20 à 20:04]

PARTE 8/MELHORES MOMENTOS/ Cena 1/ dança [20:05 até 23:03]

PARTE 9/CREDITOS FINAIS e Homenagem / [23:04 à 23:50]

PRÓLOGO/ Tempo total 2 min. 32 segs. [00:45 até 03:17]

PRÓLOGO/Cena 1/Conteúdo do II SeNEMAU.

Nesta cena Fabiana Barbosa, membro da Comissão Organizadora do II SeNEMAU, descreve o cronograma do evento, como se estivesse falando ao telefone com um interessado.

"Oi, são quatro dias. Acaba na quarta-feira. A tarde tem workshops, e de manhã tem apresentação dos escritórios modelo, dos laboratórios de habitação, das iniciativas de trabalho social do Brasil todo, de patrimônio histórico e tal. E a noite, um dia são mesas redondas, e no outro são apresentações de iniciativas sociais de outros cursos".



Figura 223 Fabiana, do Centro Universitário Moura Lacerda descreve o programa.

PRÓLOGO/ CENA 2/ Participantes [01:20 à 03:06] = 1 min. 46 segs.

Os participantes do II SeNEMAU se apresentam, dizendo nome e universidade de origem. por ordem de entrada em cena, incluindo alguns membros da comissão organizadora. Estudantes da UNISANTOS, aparecem com borda vermelha.

Alexandre Esteves associa o fato de haver quatro participantes da Universidade Federal de Uberlândia [UFU] neste SeNEMAU ao fato de o primeiro workshop sobre o POEMA ter sido por ele ministrado Uberlândia MG, no Encontro Mineiro de Estudantes de Arquitetura realizado em 1997.

Ressaltamos que a UFU foi a única universidade mineira a participar deste SeNEMAU e que só a FAUS e as duas faculdades de Arquitetura de Pernambuco juntas tiveram representação maior que Uberlândia neste encontro.

PRÓLOGO/ CENA 2/ Participantes [01:20 à 03:06] = 1 min. 46 segs.



Figura 224 Fabiana [Moura Lacerda]

Figura 225 Yuri [FAUPE]

Figura 226 Mariana [FAUS]



Figura 227 Rui [PUC Campinas]

Figura 228 J. Renato [PUCCAMP]

Figura 229: Carolzinha [FAUUSP]



Figura 230: Dani [Anhembi-Morumbi]

Figura 231 Guto [CESLON].

Figura 232: Ari [UFPE]



Figura 233: Ana, UFSC

Figura 234: Tais, CESLON

Figura 235: John, Anhembi-Morumbi



Figura 236: Romã, do Mackenzie

Figura 237: Dudu da UFO]

Figura 238 Nilson, da Belas Artes

PRÓLOGO/ CENA 2/ Participantes [01:20 à 03:06] = 1 min. 46 segs.



Figura 239 João da FAUUSP



Figura 240 Vinícius, da FAU-UPE



Figura 241 Marina, do Mackenzie



Figura 242 Gina, da FAU-UFSC



Figura 243 Mateus, da FAU-UPE



Figura 244 Cesar, UFPE



Figura 245 Ali Eduardo, Belas Arte



Figura 246 Priscila, PUCCAMP



Figura 247 Faria, de UCG



Figura 248 Corina, da FAU-UPE



Figura 249 Manu, FAUPE



Figura 250 Carina, FAU-UPE



Figura 251 Uelma FAU-UPE



Figura 252 [sem nome] da FAU-UPE

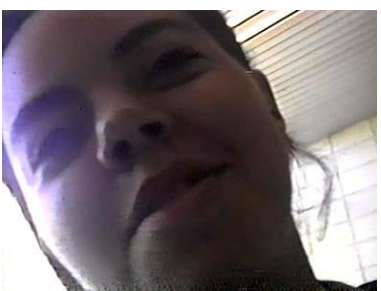


Figura 253 Mis, da UFPE

PRÓLOGO/ CENA 2/ Participantes [01:20 à 03:06] = 1 min. 46 segs.



Figura 254 Cleverton, da FURBE



Figura 255 Michele, da UFO



Figura 256 Edi, da UFO



Figura 257 Cristian Guilherme, FURBE



Figura 258 Letícia, URGS



Figura 259 Elton Rodrigues, da UFP



Figura 260 Bruno Capanema, UNB



Figura 261 Leonel, de Uberlândia



Figura 262 Adriana, UFES



Figura 263 Lauro, da FAU Santos



Figura 264 Gregori, da UNITAU



Figura 265 não identificado



Figura 266 Alexandre da FAUS

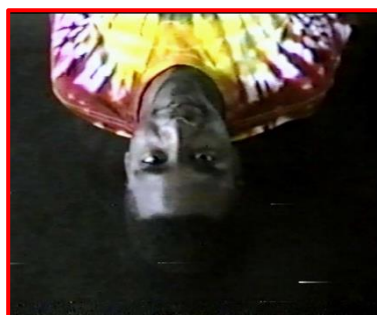


Figura 267 Edgard da FAUS



Figura 268 Rodrigo R. Alonso FAUS

Quadro 6: Participantes do II SeNEMAU por ordem de apresentação. Estudantes da FAU UNISANTOS em negrito]	
Fabiana, Moura Lacerda	Yuri, da FAU-UPE
Mariana da UNISANTOS	Rui, da PUC de Campinas;
José Renato da PUCCAMP	Carolzinha, da FAUUSP
Dani, da Anhembi-Morumbi, de São Paulo -SP;	Guto, da CESLON, Centro de estudos Sociais de Londrina;
Ari da UFPE	Ana da UFSC
Tais da CESLON, [Londrina];	John, da Anhembi-Morumbi
Romã, do Mackenzie;	Dudu da UFU; Uberlândia;
Nilson, da Belas Artes;	João da FAUUSP;
Vinícius, da FAU-UPE	Marina, do Mackenzie;
Gina, da FAU-UFSC;	Mateus, da FAU-UPE;
Cesar, UFPE	Ali Eduardo, Belas Artes;
Priscila, da PUCCAMP;	Faria, de UCG
Corina, da FAU-UPE;	Manu da FAUUPE;
Carina, da FAU-UPE	Uelma FAU-UPE;
[sem nome] da FAU-UPE;	Mis, da UFPE
Cleverton, da FURBE	Michele, da UFU
Edi, da UFU;	Cristian Krambeck FURBE;
Letícia, da URGs;	Elton Rodrigues, da UFP
Bruno Capanema, da UNB;	Leonardo, UFU, Uberlândia;
Adriana, da UFES, no Espírito Santo	Lauro, da UNISANTOS ?
Gregori, da UNITAU;	Renato, da FAU Santos;
Alexandre da FAU Santos	Edgard da FAU Santos
Rodrigo R. Alonso FAU Santos	
<p>Fonte: Dados levantados a partir do vídeo documentário do II SeNEMAU, elaborados pela autora.</p> <p>P.S. Foi impossível apurar se todos os participantes gravaram vídeos de apresentação, por isso não sabemos, ao certo, quantos estudantes participaram do II SeNEMAU.</p> <p>Este quadro insere os líderes da FeNEA, responsáveis pela organização e gestão do evento, bem como os integrantes dos escritórios modelo que estavam participando pela primeira vez do seminário.</p>	

Quadro 7: Participantes do II SeNEMAU por Universidade de origem e região geográfica.			
Quant.	Universidade de origem	Cidade - Estado	Regional - FeNEA
11	FAU-UPE	Recife-PE	Nordeste
4	UNISANTOS	Santos-SP,	São Paulo
3	PUCCAMP	Campinas -SP;	São Paulo
2	Anhembi-Morumbi	São Paulo - SP	São Paulo
2	Mackenzie	São Paulo - SP;	São Paulo
2	FAUUSP	São Paulo - SP	São Paulo
2	Belas Artes	São Paulo - SP	São Paulo
1	Moura Lacerda	Ribeirão Preto - SP	São Paulo
1	UNITAU	Taubaté-SP	São Paulo
1	UFES	Espírito Santo, Vitória.	Leste
3	UFU	Uberlândia, MG	Leste
2	UCESLON	Londrina- PR	Sul
2	UFSC	Florianópolis-SC	Sul
2	FURBE	Blumenau - SC	Sul
1	URGS	Rio Grande do Sul - RS	Sul
1	UNB	Brasília-DF	Centro
1	UCG. [Católica]	Goiânia - Goiás	Centro
1	UFPA	Belém, PA	Norte

Fonte: Dados levantados a partir do vídeo documentário do II SeNEMAU, elaborados pela autora.

No quadro acima, observa-se que estavam presentes estudantes das seis regionais da FeNEA. Segundo esta cena de apresentação, o evento reuniu quarenta e três participantes de dezenove universidades do Brasil, distribuídos espacialmente como segue:



Figura 269 Mapa das regionais da FeNEA e localização identificada de 40 participantes do II SeNEMAU
Fonte: Base da FeNEA, com elaboração da autora

ENTREMEIO 1/INSCRIÇÃO [03:07 até 03:17] Tempo total 10 seg.



Figura 270 Fabiana no pátio da CAC da UFPE faz transição para o entremeio. Sua imagem permanece ao fundo, enquanto o letreiro do II SeNEMAU surge em fade in encerrando o prólogo. Têm início as cenas propriamente ditas: Trabalhos atuais, Workshops, Prêmio FeNEAD, Mesa Redonda, Escritório Modelo, Apresentação Workshops, Avaliação geral, Melhores Momentos e Créditos com Homenagem.

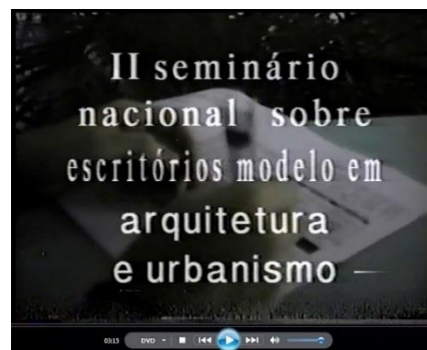


Figura 271 Letreiro do II SeNEMAU



Figura 272 Fabiana, no pátio do preenche formulário de inscrição.

PARTE 1/TRABALHOS ATUAIS/ Tempo total 2min. 37 segs. [3:18 à 5:55]

Os trabalhos, provavelmente apresentados em no auditório do CAC FAUPE, fizeram uso de projeção ou cartazes. Na primeira etapa, são trabalhos dos escritórios modelos de três universidades: FAU Mackenzie,

FAUS UNISANTOS e FAUUFPE. Natasha Gabriel, da FAUS, fala sobre conciliar o homem, a natureza e a cultura local, referindo-se provavelmente as comunidades caiçaras da cidade de Santos

PARTE 1/TRABALHOS ATUAIS/CENA 1/Apresentação/interna [3:18 à 4:17]



Figura 273 Letreiro: TRABALHOS ATUAIS.



Figura 274 Apresentação FAU Mackenzie



Figura 275 Apresentação UNISANTOS. Natasha Gabriel



Figura 276 Apresentação UFP

ENTREMEIO 2/ DE TODOS OS LADOS.

[4:18 à 4:40]

Dois estudantes falam sobre regionalismos das áreas de onde provém.



Figura 277 Estudante Gregori, de TAUBATÉ, fala sobre o sotaque do interior de SP



Figura 278 Letícia, estudante do Rio grande do Sul fala sobre os costumes gaúchos.

PARTE 1/TRABALHOS ATUAIS/CENA 2/Escritórios Modelo [4:41 à 5:54]



Figura 279 Cleverton apresenta trabalho do EMAU da FURB BLUMENAU



Figura 280 Trabalho do EMAU FURB BLUMENAU



Figura 281 Carol e João apresentam trabalhos do Laboratório da USP

EMAUS da FURB, da USP e da PUCCAMP apresentação sua produção em apenas 1min. e 13 seg. O TEMPO QUE o vídeo



Figura 282 Priscila falando pela PUCCAMP

concede às exposições. por se tratar de tema relevante do encontro, nos pareceu exíguo.

ENTREMEIO 3: EMAUS e Responsabilidade Social

[5:55 à 6:25]

Bruno Capanema, da UNB, discorre sobre EMAUS, formação do estudante, área social, contribuição com a

sociedade e responsabilidade social do estudante universitário.



Figura 283 Letreiro: Escritório Modelo

"O escritório Modelo, pelo que eu entendo, foi até agora para fazer uma ação entre o estudante de arquitetura e a área social, que andava meio esquecida há um tempo atrás, e que é um fato muito importante a formação



Figura 284 Bruno Capanema, UNB

do estudante. Até porque a gente tem que dar um certo retorno à sociedade. Nós somos uma minoria que pode estudar na universidade. A gente está aprendendo muita coisa., e pode contribuir muito com a sociedade."

PARTE 2/WORSHOPS

Tempo total 3min. 13 seg. [6:26 à 9:39]



Figura 285 letreiro: Workshops



Figura 286 Translado dos estudantes

Segundo entrevistas concedidas à autora, na opinião de Edgard Gouveia Junior e Natasha Gabriel, estudantes da FAUS UNISANTOS que organizam os workshops do II SeNEMAU e neles atuam

presencialmente, esta é a parte mais importante do evento, por colocar os estudantes em contato direto e real com a cidade e seus moradores



Figura 287 Brasília Teimosa Recife Antigo, Ilha de Deus e. Fonte: Google Maps.

Afirmam que os workshops foram transpostos para os SeNEMAUS por influência o VI ENEA, realizado em Santos, em 1996, e buscam – desde então, contemplar áreas de ocupação irregular da cidade, centrais ou periféricas, e assentamentos com preservação de cultura e modos de vida tradicionais [caiçaras ou indígenas, por exemplo]. E desde então, os workshops seguem presentes na programação destes seminários que já contam com mais de 40 edições, e mantém este

intuito. O vídeo enfatiza este caráter através do trabalho realizado pelas equipes de estudantes nas quatro áreas de estudo dos workshops: Igarassu, Recife Antigo, Brasília Teimosa e Ilha de Deus, todas no estado de Pernambuco, relativamente próximas entre si. As cenas selecionadas mostram a paisagem local, os tipos de habitação, o contato com a população etc. e enfatizam reuniões dos estudantes para discussões e estudos in loco

PARTE2/WORSHOPS/CENA 1/
IGARASSU/externa [6:27 à 6:52]

A mais distante e primeira a ser apresentada no vídeo é o município de **Igarassu**, que pertence ainda a Região Metropolitana do Recife. Cortado pela BR 101, dista 27 km da capital e possui sítio histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com área de 396 202 metros quadrados.

Seu conjunto arquitetônico civil e religioso é um dos mais antigos e bem conservados do Estado de Pernambuco, provavelmente um dos motivos da sua escolha para área de estudo dos workshop



Figura 288 Mapa de localização de Igarassu
Fonte Google Maps

PARTE 2/WORSHOPS/CENA 2/
IGARASSU/ D. Dina /interna [até
6:59].

A parte 2 começa com tomada de paisagem urbana de Igarassu, seguida de corte para cena do traslado dos estudantes para o local. A transição seguinte inicia-se com a voz de D. Nida

em off, que canta versos do Maracatu Estrela Brilhante, que será citada na Parte 8 deste vídeo, entre os Melhores Momentos do II SeNEMAU. É a partir do canto de D. Nida que seguir surge dançando na sala de sua casa, que se introduz o letreiro IGARASSU.



Figura 289 letreiro: /IGARASSU



Figura 290 D. Nida canta e dança em Igarassu

PARTE 2/WORSHOPS/CENA 3/IGARASSU/Estudos/interna [6:53 à 7:22]

Na cena 3, dois grupos de estudantes reunidos em duas mesas diferentes, discutem e desenham sobre folhas de papel grandes, provavelmente projetos para a área.



Figura 291 Grupo de estudo /IGARASSU 1.



Figura 292 Grupo de estudo /IGARASSU 2.

PARTE 2/WORSHOPS/CENA 4/RECIFE ANTIGO/externa [7:25 à 7:52]

Recife nasceu no início do século XVI como porto, ancoradouro natural da sede da capitania, Olinda. Inicialmente era apenas uma lingüeta de terra, banhada pelo Oceano Atlântico e cortada pelos rios Capibaribe e Beberibe mas, através de sucessivos aterros tomou forma a de ilha, conectada à área metropolitana por quatro pontes..



Figura 293 Letreiro: RECIFE ANTIGO



Figura 294 Paisagem urbana, ponte e cúpulas.



Figura 295 Paisagem urbana, edifícios



Figura 296 Escultura suspensa em praça.

O Bairro do Recife integra - com os bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista- o sítio histórico do Recife, ou mais popularmente o **Recife Antigo**, que quase dispensa apresentações. Com três importantes edifícios tombados - a Igreja da Madre Deus, a Igreja de Nossa Senhora do Pilar e o Forte do Brum - é o próprio nacedouro da cidade, centro histórico da capital, área de forte apelo cultural e turístico. Além dos edifícios citados, o conjunto urbanístico

paisagístico e arquitetônico do Bairro encontra-se, segundo o ISPHAN, “inscrito no livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, sob o n.º 119, datado de 15 de dezembro de 1998 e no livro do Tombo de Belas Artes, sob o n.º 614, na mesma data (Processo 1168-T-85)”²⁵⁸. Curiosamente, o ano do tombamento coincide com o da realização do II SeNEMAU, que ocorreu em fevereiro.

PARTE 2/ WORKSHOPS/ILHA DE DEUS/CENA5/cenário/ext. [7:55 à 8:20]

Localizada no centro de um dos maiores e mais importantes manguezais urbanos do Brasil, a **Ilha de Deus** é uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) do Recife, entre os bairros da Imbiribeira e Pina, cercada pelos rios Jordão, Tejió e Pina. Em 2021, os pescadores que lá estão há cerca de 60 anos vivem

principalmente da pesca de siris, sururus, caranguejos e unhas-de-velho e do cultivo do camarão orgânico, mas a atividade econômica predominante não é mais esta. Nas últimas décadas, a Ilha vem se tornando uma referência na experiência de turismo comunitário e apenas cerca de 40% das famílias ainda vivem da pesca.



Figura 297 ILHA DE DEUS/2020. Disponível em

<https://www.brasildefatope.com.br/2020/01/09/historia-da-ilha-de-deus-e-contada-pelas-mulheres>

Acesso em 30 jan. 2022

²⁵⁸ Recife. *Bairro do Recife*. In encarte Rotas do patrimônio. Uma viagem através da história,

IPHAN, Monumenta e Ministério da Cultura do Brasil. p. 14.

A população desta comunidade caiçara vem trabalhando o potencial natural da ilha através de experiências de imersão na cultura e vida locais, que atraem turistas de diversas partes do país e do mundo com atividades como passeios de catamarã pelo rio, oficinas de gastronomia e de artesanato e alguns circuitos pedagógicos²⁵⁹. Segundo Vanessa Gonzaga, na década de 1980 a Ilha de Deus era um esconderijo de criminosos com um homicídio por semana, antes que os projetos de revitalização ambiental, turismo comunitário e cultura popular fossem implantados. Depois, a Ilha “chegou a

ficar mais de quatro anos sem registrar mortes, um reflexo da efetivação das políticas implementadas no local”²⁶⁰. A construção de uma ponte de concreto ligando a Ilha ao continente contribuiu com a queda da violência local. Lideranças comunitárias conseguiram, inclusive a substituição das palafitas por casas de alvenaria. Provavelmente a combinação de comunidade tradicional encravada no mangue com mobilização social e concretização políticas públicas de forte impacto positivo em área de ZEIS no final da década de 90, deve ter sido o motivo de escolha para os workshops.



Figura 298 Letreiro: ILHA DE DEUS



Figura 299 Ilha de Deus -Barco de pesca



Figura 300 Pneus e lixo nas margens, urubus



Figura 301 Habitações a beira d'água

²⁵⁹ Disponível em <https://visit.recife.br/turismo-criativo/ilha-de-deus> acesso em 30. Jan. 2022

²⁶⁰ Disponível em <https://visit.recife.br/turismo-criativo/ilha-de-deus> acesso em 30. Jan. 2022

ENTREMEIO 4/ O TEMPO DOS EMAUS

[08:21 até 9:39]



Figura 302 Edgard fala dos EMAUS

Acontece que exatamente o cara da escala macro não está consequente hoje. (Risos) Muitas vezes a gente não sabe trabalhar com o tempo. Não existe essa de que não tem tempo. Tem um tempo, e o tempo corre: Eu preciso de uma hora para fazer isto aqui! A gente olha, e pode até jogar um pouquinho para frente. O escritório modelo trabalha com vários tempos. Tem o seu tempo de produção, tem o tempo da comunidade que precisa de uma resposta, tem o tempo do patrocinador, que quer exigir alguma coisa, e geralmente a gente - o estudante, o arquiteto - pode se dar ao luxo de falar: "Não dá tempo de fazer este projeto, então eu vou esperar outro.

PARTE 2/WORKSHOPS/BRASÍLIA TEIMOSA/ CENA 6/ Cenário [9:00 à 9:39]



Figura 303 Letreiro: Brasília Teimosa. Vista com navios e armazéns ao fundo, aparentemente tomada a partir da água, ou de margem próxima. Provavelmente o porto de Recife.



Figura 304 Em Brasília Teimosa, paisagem com barco branco atracado em primeiro plano e residências irregulares, algumas em construção, em segundo. A imagem não permite saber se é a margem do mar aberto ou do canal.



Figura 305 Barco branco em um braço de mar ou rio onde a estudante Natasha Gabriel ostra um desenho, ou mapa da região e prepara estudantes para a visita técnica.



Figura 306 Estudantes acompanham a fala de Natasha e observam a paisagem, enquanto fundo da cena se transforma na correnteza daquele rio.

Brasília Teimosa é a ocupação urbana mais antiga do Recife, situada na sua zona sul, entre o bairro do Pina e o Porto do Recife, abraçando o Recife Antigo com uma linha contínua de arrecifes paralela à orla marítima

A área, destinada pelo Governo do Estado à construção de depósitos inflamáveis na década de 1950, acabou se consolidando como bairro pela teimosia de seus ocupantes. A estratégia de resistência foi reconstruir as casas durante a noite, mesmo sabendo que seriam novamente demolidas ao longo do dia. Assim a população superou a ameaça de expulsão intentada por diferentes grupos com interesses políticos e econômicos na área e, vitoriosa, teve seu bairro urbanizado pelo projeto denominado *Teimosinho*, com recursos do BNH, que relocou as famílias da Vila da Prata em 1982. Mas a área foi

novamente ocupada e outras intervenções se seguiram em 1986 e 1989. O II SeNEMAU, que ocorreu em 1998, não conheceu a modificação urbanística da sua orla marítima, grande intervenção urbana que ocorreu em 2004 quando o Governo Federal implantou uma avenida à beira mar, que hoje conta com comércio de frutos do mar e restaurantes. As ruas do bairro já foram cenário de vários filmes, entre os quais destacamos *Deus é brasileiro* (2003), de Cacá Diegues; *Amor, plástico e barulho* (2013), de Renata Pinheiro; *Olhos azuis* (2009), de José Joffily; *Avenida Brasília Formosa* (2010), de Gabriel Mascaro, e mais recentemente *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho com participação de Sonia Braga. Alexandre Esteves faz menção a esta filmografia²⁶¹ quando perguntado sobre como haviam sido escolhidos os locais dos workshops.

PARTE 3/ PRÊMIO FeNEAD/ Tempo Total 30seg. [09:40 à 10:10]

PARTE 3/ PRÊMIO FeNEAD/Cena 1/Apresentação/ interna



Figura 307 Letreiro: PRÊMIO FENAD 1997. II Concurso Nacional de projetos Sociais para Estudantes de Administração.



Figura 308 PRÊMIO FeNEAD 1997. Estudante explica sobre a premiação da Federação Nacional de Estudantes de administração

A Gestão 1997/1998 foi sediada em Recife / Pernambuco, dirigida por Rui Mesquita, do D.A. FCAP. No período, houve crescimento do número de projetos e importantes cerimônias de entrega do Prêmio FeNEAD. A ligação entre a FeNEAD e a FeNEA justifica a divulgação do prêmio no II SeNEMAU.

²⁶¹ Disponível em <https://poraqui.com/boa-viagem/brasil-teimosa-e-os-filmes-rodados-em-suas-ruas/> Acesso em 18 out. 2021

ENTREMEIO 5/ DE TODOS OS LADOS.

[10:11 até 10:35]

Depoimentos de dois estudantes, um do Recife e um de Santa Catarina.



Figura 309 Yuri [UFPE] fala sobre os recifenses.



Figura 310 Estudante Cristian Krambeck fala sobre gente de outras cidades e outros estados, na FURBES -Blumenau.

PARTE 4/ MESA REDONDA/Tempo Total 53 segs. [10:36 à 11:29]

PARTE 4/ MESA REDONDA/CENA 1/ Falas palestrantes [10:36 à 11:29]



Figura 311 Letreiro Mesa Redonda



Figura 312 Primeiro palestrante



Figura 313 Tomada geral dos palestrantes



Figura 314 Palestrante



Figura 315 Edgard Gouveia Júnior [FeNEA FAUS]
O Escritório Modelo tinha um objetivo muito claro quando ele foi criado - e é bom a gente ter claro qual é este objetivo, de fato, que é capacitar os estudantes de arquitetura a estas variáveis.



Figura 316 Palestrante.

PARTE 5/ESCRITÓRIO MODELO/Tempo Total 52 segs. [11:30 à 12:22]

Dois estudantes destacam a importância deste contato prévio com a realidade, experiência, vivência de arquitetura. Afirmam ter vindo ao SeNEMAU para buscar orientação, ideias que possam aprimorar o que fazem nas suas universidades de origem.

PARTE 5/ESCRITÓRIO MODELO/CENA 1/Visão dos estudantes



Figura 317 Primeira Fala. Estudante não identificado

"Por que é boa esta relação mais próxima com o mercado de trabalho? Na faculdade, a gente ignora uma série de fatores que, na verdade, não tem como você ignorar, porque se você tentar ignorar, eles vão ficar bem ali, na tua frente, te cobrando. Vão ficar bem evidentes. Quando você entra em contato com a realidade, quando você trabalha com o real, você não tem como fugir deles"



Figura 318 Segunda fala Estudante não identificado

"Eu acho o escritório modelo uma proposta super válida, uma forma de estar dando aos alunos uma experiência de trabalhar com isso e vivenciar um pouco mais a arquitetura. Esobre o trabalho que a gente desenvolve, a gente veio aqui para buscar uma ideia e desenvolver alguma coisa, para aprimorar o que a gente faz na nossa FAU e levar isso para lá."

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS [12:23 à 15:19] Total 2min. 57 s.

Na UFPE, os grupos apresentam projetos para as áreas de estudo em Recife com desenhos fixados na lousa. As falas são cortadas pelo crescer da música de fundo e a seleção dos assuntos recai principalmente sobre o contato com aos moradores e

associações locais, a responsabilidade dos estudantes no processo e as descobertas metodológicas provenientes da realidade. Algumas abordam características físicas dos projetos, que aparecem nas pranchas.



Figura 319 Letreiro: Apresentação Workshops

Fala 1: "O impacto do homem com o meio, do homem com o homem, observar os locais de encontro nestas comunidades" [voz em off]



Figura 320 Apresentação Ilha de Deus

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/CENA 1/Ilha de Deus [12:23 à 12:49]

Fala 2: "A gente acha que a gente tem que pensar duas vezes - ou mais - antes de entrar em uma comunidade, em uma realidade, e explorar esta realidade para aprender, pensando só na gente. Porque a gente causa expectativa, esperança, e depois vai embora"



Figura 321 Apresentação Igarassu Ana Kelly Nobrega, depois diretora da FeNEA geral

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/CENA 2/Igarassu [12:50 à 13:10]

Fala 3: "Na nossa avaliação, nós terminamos concluindo que estamos preparados para voltar ao nosso escritório modelo (risos), por este negócio de trabalhar em grupo, de ser sério com o tempo, de ser prático e objetivo, mas sem cortar nada importante. Acho que é isso, né?"



Figura 322 Apresentação Recife Antigo, Adriana Rafti do EFES



Figura 323 Apresentação Recife Antigo2, Obregon Bambirra da Faculdade Isabela Hendrix

PARTE 6/
APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/CENA
3/Recife Antigo [13:10 à 13:55]

Fala 4 "...trabalhado, e o outro lado, tinha sido um pouco esquecido. Apesar de ser um ambiente de praça, onde tinham árvores e sombra, as pessoas não costumavam frequentar lá. Então, a gente se preocupou em melhorar este lado e fazer com que todos os dois lados fossem agradáveis.

Fala 5: "Com o passar do tempo, você tentando procurar um caminho, ele não vai estar na sua frente à primeira vista. E você vai percorrendo o caminho que você acha, vai procurando os melhores meios e seguindo a trilha porque, depois de cada curva, no final das contas você vai encontrar alguma coisa, você vai chegar em algum lugar. Isso que para mim ficou aqui deste seminário."

PARTE 6/APRESENTAÇÃO WORKSHOPS/C.4/Brasília Teimosa [13:56 a 15:19]

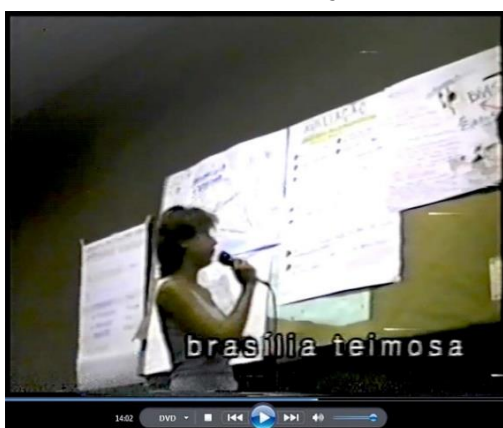


Figura 324 Apresentação Brasília Teimosa Carol, da FAUUSP."



Figura 325 Apresentação Brasília Teimosa Flavinha, da UFU Uberlândia

Fala 6: Então, quais foram as coisas que a gente reparou em cada um destes públicos, para poder atender? A gente viu que o pescador, a vida rude que ele leva, que é muito difícil, a gente não teria condições de minorar, de melhorar de qualquer jeito. E eles já têm uma associação lá. Esta é uma característica interessante de Brasília Teimosa,

que eles têm associação de mulheres, de moradores e de pescadores. Então eles já têm um lugar para se encontrar, para se recrear, para conversar, que é um jeito de suavizar um pouco a vida que eles têm. As casas são muito pequenas e quentes e as crianças só têm a rua, que é bem estreita para brincar. Aliás, ficam todas as mães lá, assim, observando as crianças. Mas eles não têm um espaço maior, e o desejo de várias crianças que a gente entrevistou lá era um parque."

Fala 7: o que mexeu com a gente. O grupo - não só os subgrupos, mas o grupo inteiro - foi muito interessante, porque tinha gente de várias regiões. O contato pessoal com os moradores, a gente achou fantástico, porque muita gente ainda não tinha feito este tipo de trabalho. E vivenciar o local, também"

PARTE 7/AVALIAÇÃO GERAL/ Tempo Total 4 min.44 segs. [15:20 à 20:04]

Na UFPE, para avaliação geral do seminário. Todos sentados em roda no chão, se concentram de olhos fechados, ao som da flauta de Carolzinha e depois, um a um, prestam seus depoimentos. Pelas respostas selecionadas, imagina-se que tenha sido formulada uma

questão única para todos. Como Edgard e Rodrigo da FeNEA estão na roda, conduzindo provavelmente a atividade, podemos supor que partiu deles a questionamento que a norteou, que não é contemplado na cena.

PARTE 7/AVALIAÇÃO GERAL/Cena 1/ Roda de conversa

[15:20 à 20:04]



Figura 326 Letreiro: AVALIAÇÃO GERAL



Figura 327 Rodrigo Rubido Alonso na avaliação

PARTE 7/AVALIAÇÃO GERAL/ continuação.

O conjunto das respostas sugere que a questão versava sobre o que teria sido mais marcante para cada um neste SeNEMAU, o que os estudantes iriam levar para suas FAUs e para sua vida. O vídeo exhibe apenas a avaliação de onze

participantes, apesar de existirem 43. Não se conhece o critério de seleção, mas supõe-se que as falas mais significativas para os realizadores [FeNEA, COI e DEAU da UFPE] estejam presentes



Figura 328 João Petribu, Edgard Gouveia Júnior, E Dani da Anhemi, aluno da FAUS/UNISANTOS na roda de avaliação.



Figura 329 Alvarenga e Carol, da FAUUSP toca na abertura e depois da sua contribuição.

Fala 1: " Durante este tempo eu fui sacando que esta coisa de amor pelo meu laboratório foi se reforçando um pouco, na medida em que eu fui sentindo quantas coisas que a gente fez, que na verdade não são muitas, são algumas coisas, que dá para contar nos dedos de uma mão. (Carol)



Figura 330 Estudante Fernanda Ravanholi PUCAMP

Fala 2: "E agora parece que as coisas estão se esclarecendo. Então, o que eu vou levar do seminário é uma visão do total, assim [faz um movimento amplo com as mãos]. E o workshop - eu nunca tinha participado de workshop, também - que eu acho que foi fundamental, começou a abrir os olhos de como se trabalha em um escritório modelo."



Figura 331 Cristian Krambeck.

Fala 3: E a gente volta para lá, para o Centro, com uma vontade a mais, com um tesão a mais, com aquela coisa de que, apesar dos problemas a gente pode fazer, e consegue, é so questão de saber como. É só uma questão da gente aprender a mostrar para as pessoas o lado bom da coisa e, aliás, todas as coisas tem seu lado bom. Com a ação da FeNEA, a gente está conseguindo ver e mostrar melhor este lado bom"

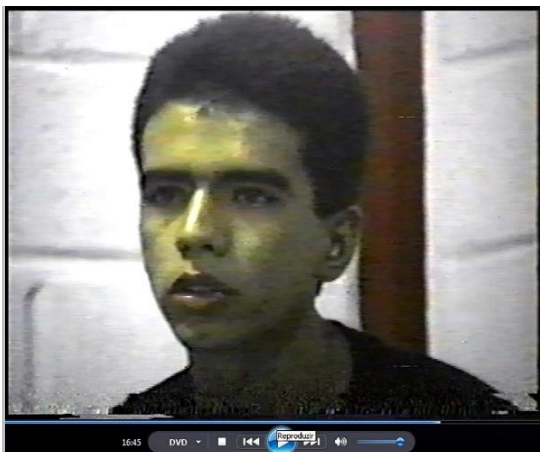


Figura 332 Cleveison da FAUPE.

Fala 4: Eu saio daqui com a ideia de que se a gente quiser se soltar para fazer qualquer coisa em benefício de alguém, é só a gente ter força de vontade e fazer."



Figura 333 Fabiana, C.U. Moura Lacerda.

Fala 5: "...deixa de fazer as coisas com a tal da leveza, e sobe de vagar, caminhando, às vezes, devagar e pesado. E as vezes é só questão de você parar, limpar a cabeça, e pensar mais claro..."



Figura 334 Estudante Alvarenga [Alidua] BA.

Fala 6: "E vou para casa mais uma vez, confiante e acreditando que somos capazes, realmente, de fazer um mundo em paz. Que só depende da gente. e eu acredito muito na gente".



Figura 335 Estudante João Piza USP.

Fala 7: "E neste seminário, apesar do tanto que eu já tinha aprendido, aprendi mais ainda. E o que mais cresceu neste seminário foi trabalhar em grupo, administrar o caos, sendo que você não tem controle sobre o caos. Por isso que é o caos. Você é só um cisquinho ali no meio, e tem que contribuir com a sua parte para que todos os cisquinhos produzam um negócio legal, no fim. Então, estou voltando feliz pra caramba!



Figura 336 Maurício Guerra FAUPE secretário ou diretos de MA em Recife

Fala 8: “A oportunidade imensa da gente não errar mais. Errou, errou pra caramba! errou muito! Mas de repente você sabe que este erro foi maravilhoso, no momento em que você aprendeu. Se teve este erro, e ele serviu para aprender, então maravilha!”



Figura 337 Vinicius da FAUPE.

Fala 9: “Eu acho que a vida da gente é um grande vazio, e a graça dela está em abraçar estas causas. Você quer crescer, querer dar mais. E para que isso aconteça, acho que falta um clima, um sentimento de unidade, de mais gente. Não pode ser uma pessoa sozinha, tem que ser muita gente, entendeu? Acho que um encontro como este é importante por conta disso.

Fala 11: “Isto é bem importante. Que de repente você se responsabiliza por algo e você não tem noção de que, de repente, alguém está dependendo deste algo que você se responsabilizou. E que esta sua responsabilidade é tamanha, que possa estar interferindo em um projeto que é comum, de todos.



Figura 338 Dani da Anhembi

Fala 10: “Não era um dos meus primeiros objetivos. e com tudo que eu passei aqui, que eu vivi aqui, eu acho que vai ser um dos meus primeiros objetivos, pelo menos.... não sei se a concretização do escritório modelo na faculdade, mas pelo menos a mobilização que eu vou tentar fazer, ou a briga que eu vou comprar, a minha parte eu vou tentar fazer do meu jeito!”



Figura 339 Ana Kelly Nobrega da FAUPE.

A minha preocupação - não é bem preocupação - minha ideia é de como a gente vai passar isto para os demais. Nós, que vivenciamos isto, e a Federação [FeNEA] também para que aqueles que não participaram deste II Seminário, não dá para esperar até um terceiro SeNEMAU acontecer para que este Projeto de orientação aos escritórios modelo [POEMA] aconteça, né?

PARTE 8/MELHORES MOMENTOS/ Cena 1/ dança [20:05 até 23:03]

Composta de quinze cenas curtas, mostra momentos de descontração e alguns miniespectáculos produzidos pelos estudantes, que se intercalam às demais atividades.



Figura 340 Letreiro: MELHORES MOMENTOS.



Figura 341: Dança na sala de aula

Cena 2/ Boi [20:19]



Figura 342 Dança com boi.



Figura 343 Festa no saguão do CAC.

Cena 4/ Toque Corporal [20:35]



Figura 344 Ação semelhante às experiências participativas da artista plástica Lygia Clark, conhecida pelos estudantes. [correlação voluntária e dialógica entre corpos] Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/39875> Acesso 22 dez. 2020

Cena 5/Repiques [20:42]



Figura 345 Várias meninas vestidas iguais, provavelmente estudantes da FAUPE, tocando repiques em plano estourado e dançando maracatu

PARTE 8/MELHORES MOMENTOS/CONT./ Cenas 6 a 11/ [21:00 a 21:46]

Cena 6/Festa [21:00]



Figura 346 Estudantes dançando maracatu.

Cena 7/Atelier [21:07]



Figura 347 Grupos no ateliê da FAU-PE.

Cena 8/Contemplação [21:32]



Figura 348 Estudante sentada na prancheta, contraluz, observa paisagem do campus.

Cena 9/Avaliação [21:35]



Figura 349 Rodrigo Alonso, estudante liderança da FeNEA, provavelmente na roda de avaliação.

Cena 10/Comendo na rua [21:38]

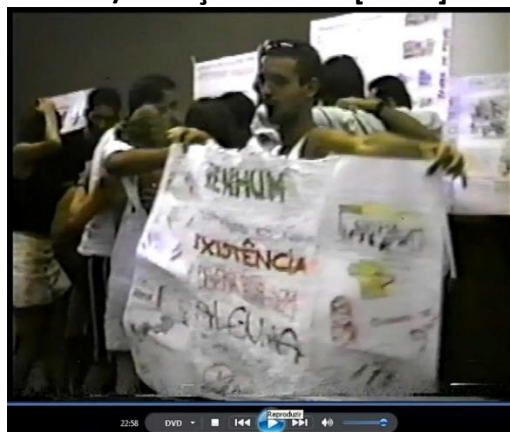


Figura 350 Fabiana come sentada na calçada.

Cena 11/Pegando o ônibus [21:43]



Figura 351 Estudantes entram no ônibus com rolos de projetos nas mãos,

Cena 12/ Retábulo [21:47].**Figura 352** Arte Sacra**Cena 13/ Dona Nida [21:55]****Figura 353** Depois do close, D. Nida dança batendo os pés no chão, para marcar o ritmo do Maracatu e cantar sobre a fuga de Maria e Jesus do Egito.**Cena 14/Let it be. [22:31]****Figura 354** Estudantes tocam Let it be, , enquanto uma voz em off feminina canta**Cena 15/ Abraço Coletivo [22:45]****Figura 355** Cartaz onde se destacam as palavras EXISTÊNCIA, NENHUM e ALGUMA.**PARTE 9/CREDITOS FINAIS e Homenagem / [23:04 à 23:50].****Figura 356** créditos: dos realizadores Diretório ACADEMICO da FAU UFPE e centro da FAUPE [particular].**Figura 357** Homenagem à estudante de Pernambuco que faleceu em decorrência de um acidente automobilístico no início do SeNEMAU.

13.3. APÊNDICE 3: Textos humanos demais para mostrar na academia

13.3.1. Momento pandêmico em primeira pessoa: vivendo no limite

Em janeiro de 2020, depois de passar duas semanas com minha mãe na Unidade de Terapia Intensiva, ela faleceu. Quando foram suspensas as aulas presenciais na universidade católica onde leciono, 13 de março, uma sexta-feira, assumi perante a minha família a responsabilidade de tomar conta do meu pai de 89 anos e de sua casa durante a quarentena, que como se sabe, virou uma epopeia interminável, que dura até hoje. Como o risco de contaminação era enorme, sobretudo para aqueles que utilizam o transporte coletivo, deixei os cuidadores, dois fixos e dois folguistas, e a cozinheira recebendo seus salários em casa e assumi suas funções. Remotamente, continuei tocando como podia a minha vida, priorizando as atividades acadêmicas: aulas remotas de projeto de Urbanismo, Mobiliário Urbano e Desenho da Cidade no curso de Arquitetura e Urbanismo; participação em dois grupos de pesquisa, um da graduação e um do doutorado, redação da qualificação do doutorado em educação apresentada, remotamente e aprovada dia 30 de setembro de 2020, com 28 pessoas presentes.

Como meu pai era do grupo de risco e não havia vacina, não saíamos do edifício onde estamos confinados, em São Paulo. Banco, farmácia ou padaria, nem pensar. Tudo em domicílio. Pisei na rua quatro vezes em 2020: dentista, batizado da sobrinha neta, aniversário de meu pai e visita ao sobrinho neto. Sentia muitas dores nas pernas, costas e braços, devido às tarefas domésticas e tive que apelar para remédios homeopáticos, para me manter em funcionamento. Cuidar sozinha do meu pai era bem difícil, pois

ele estava acostumado a ser atendido imediatamente e me chamava sem parar, interrompendo minhas tarefas domésticas e acadêmicas. Como moro sozinha desde os 23 anos, ser interrompida a todo instante me enlouquecia. Dormia 4,5 horas por dia e estava sempre exausta, correndo atrás das camas por fazer, da roupa para estender no varal, da comida no fogo, do banheiro sujo, da geladeira vazia. Quando estava à beira de um ataque de nervos disse para mim mesma: Chega! Preciso dar uma virada! Mas como? Parei para pensar: o que fazer para sair desta vida? A resposta bateu rápida no meu íntimo: carinho, atenção, tai chi e meditação. Até rimou! Retomei as práticas zen diárias abandonadas na pandemia e fui aos poucos fazendo que meu pai compreendesse que sua situação tinha mudado temporariamente e que ele precisava mudar também. Com o passar dos meses, mudei de atitude: aprendi a impor menos e aceitar mais. Ele, como me ama e é inteligente, também mudou. Isto, aliado a aquisição de alguma experiência nas tarefas domésticas, me deu mais disposição e me abriu algum tempo livre – um a zero para mim! Como o isolamento social me impedia de gastar meu tempo livre conversando com gente de carne e osso e lendo livros de papel, passei a pesquisar meios remotos para diminuir meu isolamento. Como evito televisão e telefone sempre que posso, pois me aborrecem, cai na rede.

A primeira virada: Tai Chi e Meditação pela rede

Minha preferência por levar a vida sempre no presencial me fez enfrentar a Covid -19 encurralada, sem senha da

internet para compras online ou transferências por PIX, dependendo dos outros para tudo. Aliás, confesso que não acompanhei de perto os dados da pandemia. Apesar de tudo, tentei ignorar as disputas políticas acerca das vacinas, os conflitos econômicos contidos nos *lockdowns* e nas ajudas de custo do governo, as tragédias na região norte por falta de oxigênio etc. No entanto, elas me chegavam aos ouvidos de diversos modos, e claro, me botavam para baixo. Para me manter à tona no mar das desgraças ditas e repetidas em todos os jornais, assistia apenas algumas 'LIVES' para aprender como nos proteger do Coronavírus SARS 2, sempre ministradas por médicos infectologistas, nunca por políticos.

Na tentativa de superar meu ódio às telas, passei a visitar virtualmente meus antigos mestres de Tai Chi, Jerusha Chang e Gil Rodrigues, através de seus sites e conversas por zap. Gil então me convidou a participar de uma série de LIVES que estava promovendo, mas inicialmente recusei, afirmando falta de tempo, mas na verdade, tinha medo de me dar mal. Logo depois refleti que, pressionada pela necessidade de retomar as aulas de modo remoto tinha conseguido aprender a operar com o Google Meet entre os dias 13 [sexta-feira] e 16/03/2020 [segunda-feira], com a ajuda do técnico da universidade, que instalou o programa e dos colegas, pelo WhatsApp. Lembro que quando criei o primeiro link, não acreditei muito que ao clicar nele na manhã seguinte, cairia no mesmo lugar que meus alunos, mas BINGO! Deu certo. É verdade que falei com o áudio mutado por algum tempo, mas, logo que me avisaram, abri o microfone. Fiquei meio sem graça, dei risada, eles riram também. Ninguém

sabia direito o que fazer - nem eu, nem eles - e aos poucos aprendemos juntos, e ensinamos uns aos outros, pelo grupo de *WhatsApp* dos professores. Mais confiante, resolvi rever minha posição e entrei em contato com Gil, rezando para ainda dar tempo, e deu. Combinamos tudo que era necessário sobre a *LIVE* e desta vez, quando recebi o *link*, sabia que ao clicar nele cairia no lugar certo. A participação dos alunos do Gil, aliada à adesão de meus amigos e familiares, fez desta experiência um motivo de empolgação que me conectou ao mundo por duas semanas, a de preparação, anterior à *LIVE*, e a posterior, de empolgação pelo resultado. Gil mandou depois um zap, elogiando minha fala! Dois a zero para mim!

Enfrentando a Covid dentro e fora de mim

Dia 12 de outubro de 2020 contraí o vírus. Perdi o olfato, entrei em pânico e imediatamente apelei para meu sobrinho médico e para Nossa Senhora Aparecida. Me neguei a ir ao hospital fazer o exame, como Dr. André me sugeriu, com medo de passar para a doença para o taxista ou para o atendente, ou de contrair o vírus lá, caso estivesse sã. Meus irmãos me abasteceram de congelados, jornais, dinheiro etc. Leda, minha vizinha de andar, trazia feijão fresquinho e colocava sobre a cadeira de rodas de meu pai, sempre fechada no corredor. Depois de escutar seus passos se afastando, eu abria, pegava a vasilha quentinha e via ela acenar da porta. Como não pude me isolar no quarto, pois meu pai não podia cuidar de mim, decidi usar máscara o dia todo e não me sentar à mesa com ele. No restante, continuei tocando a vida, fazendo as tarefas da casa mais lentamente, usando os congelados e

dando minhas aulas a distância. Fornecedores da feira e entregadores da padaria, que já me serviam antes, me salvaram na situação, subindo até a minha porta e colocando o pedido e a máquina de cobrança na cadeira do corredor. Depois que se afastavam os 2 metros, respeitando o distanciamento social, eu colocava a máscara dupla de pano e o visor de acrílico por cima, e trazia as sacolas e a maquininha para dentro. Passava o cartão e devolvia a máquina higienizada com álcool no mesmo lugar. Conto com estes colaboradores até hoje, com quem continuo trocando pedidos entremeados por figurinhas e gifs da minha coleção. Tenho atualmente mais de cem imagens, incluindo as que meu sobrinho Leandro Ribeiro desenvolveu especialmente para mim! Não consigo mais encerrar uma conversa sem elas. Quando, depois de duas semanas deste vai e vem, me dei conta de que estava melhorando sem ir para o hospital, comecei a ficar mais leve. Os sintomas foram passando, mas a perda de olfato retornava às vezes do nada, me fazendo crer que tinha contraído o tal vírus novamente, e reascendendo o pavor. Até que minha prima Marcela Franco, que já tinha sido contaminada e tinha se curado em casa, me explicou que isso era parte da sequela, que o processo era assim mesmo. O cansaço durou quase dois meses, durante os quais não descii ao pátio do prédio para fazer meu Tai Chi. Mesmo assim, lembro da sensação de gratidão a Nossa Senhora por estar viva, sem sequelas graves e sem ter contaminado meu pai. Foi esta a graça que pedi no seu dia, e creio que fui ouvida.

No final de 2020, meu pai teve um AVC isquêmico, que nos levou a passar quase uma semana no hospital. Passei dois dias

e duas noites com ele e na terceira chamei de volta Gabriel Tomba, há três anos nosso cuidador da manhã, para dormir com ele no hospital. Depois, cedemos o carro que pertencera a minha mãe para ele se deslocar de sua casa até a nossa com segurança, e ele pode reassumir o trabalho, porém no turno da noite, para que eu pusesse dormir melhor. Com sua ajuda, voltei a descer para fazer Tai Chi as sete horas da manhã, antes que os outros moradores chagassem ao térreo, esquema que mantive por meses. Graças a Deus e a Julinha, nossa fisioterapeuta, meu pai retomou os movimentos da mão direita rapidamente, embora a perna ainda esteja um pouco mais pesada do que já era antes. Mas ele está bem-humorado, dorme bem, se alimenta bem e evacua bem, o que já está de bom tamanho para seus noventa anos. Estas duas bençãos de cura me fizeram refletir bastante, buscando agradecer e devolver para o mundo a energia boa que vibrava em mim. Presa em casa, optei por coisas bem simples

Segunda virada: ajudando estudantes pela rede

Passei a ocupar meu tempo livre cozinhando melhor, cumprindo [um pouco] melhor as tarefas domésticas [com exceção da faxina] e acolhendo impecavelmente os alunos que me procuravam pelo Zap, querendo retomar as tarefas após períodos de ausência por perda de avós, pais ou parentes menos próximos, quase sempre pela Covid. O resultado era bom demais para mim, e acredito que para eles também. Trocando mensagens de voz e texto, percebi que alguns tinham agora a responsabilidade de ajudar os pais nas tarefas domésticas, na manutenção da casa e no cuidado dos

doentes, o que reduzia seu tempo livre para os estudos, tornando a situação deles muito semelhante à minha. Outros estavam inclusive em dificuldades no emprego, mas tinham que mantê-lo para ajudar financeiramente em casa, com a renda de trabalhos em home office ou em obras. Outra situação relatada, com a qual pouco ou nada pude colaborar, era a perda de convivência afetiva e sexual com os respectivos namorados /namoradas, que acabava frequente em separação. Tempos difíceis para o amor e difíceis para novos encontros, apesar dos inúmeros programas remotos para este fim. Estar só afetava psicologicamente adolescentes, jovens e adultos solteiros.

Do meu lado, tento me centrar onde posso resolver, abrindo mais os prazos, reexplicando exercícios em encontros individuais pelo Google Meet, enviando mensagens de orientação pelo zap e oferecendo algum apoio nas tarefas. Os estudantes sempre me retribuía com carinho, perguntando pelo meu pai, e até passamos a trocar vídeos, e-books, músicas etc., ajudando-nos e apoiando-nos mutuamente. Isto fez com que eu passasse a receber carinho especial da parte dos alunos, alguns inclusive já formados, o que me faz muito bem até hoje. Com a troca de mensagens, comecei a valorizar mais o esforço que estavam fazendo para continuar estudando, apesar da situação, e procurei melhorar minhas aulas.

Terceira virada: upgrade no meu equipamento

Aliás, no meio deste processo de reconexão, meu laptop tomou um banho de Coca-Cola gelada em um domingo fatídico, encharcou o teclado e começou a falar em línguas, todas elas desconhecidas para mim. Tive que correr

atrás de um computador às pressas, já com os programas instalados, pois dava aula na terça-feira de manhã! A resposta veio de uma eterna amiga da FAUUSP, que me trouxe pessoalmente seu laptop reserva com tela *touch*, que em seguida acabei comprando. O meu 'novo' equipamento me facilitou muito a vida na hora de corrigir planchas de projeto. Comecei a perceber que estava começando a gostar da brincadeira e a admitir que, no atual frígido dos ovos, melhor o contato remoto do que o isolamento! Adaptei-me, apesar das limitações e incômodos, à fisioterapia do meu pai pelo Zoom, aos encontros com familiares e amigos pelo WhatsApp, a comunicação e os atendimentos dos estudantes por e-mail e a correção de tarefas pelo Moodle, que já usava antes para disponibilizar conteúdo. Pesquisei receitas e exercícios na internet, fiz cursos de meditação online, apresentei trabalhos a distância em seminários de Educação, participei de plenárias de urbanismo, visitei pirâmides, museus e exposições de arte virtualmente, selecionei vídeos e músicas para animar minhas aulas etc. Mas, de tudo que fiz a distância, o que mais preencheu meu vazio foi dar aulas de desenho na FAUS, o que retomo com detalhes a seguir.

Quarta virada: tentativa de melhorar minhas aulas remotas em 2020

Na nossa Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, as aulas de projeto de urbanismo para o oitavo semestre têm duração de cinco horas aula, menos os vinte minutos de intervalo. [250 minutos = 4 h e 30 min.]. Começam às 18:30 e terminam, teoricamente, às 23h. No regime presencial, o tempo passa voando. Eu e minha dupla - quase sempre somos dois professores - trabalhamos

juntas o tema teórico da aula no laboratório de informática da 18:30 até as 8:40h, usando a lousa e projetor, depois descemos quase todos para a cantina no intervalo, encontramos os colegas das outras turmas, tomamos um café e trocamos uma ideia com outros professores. Voltamos as 21:00 horas para orientar as equipes, uma por uma, na pesquisa e na realização do projeto, até cerca de 22:40 horas, quando os funcionários do laboratório gentilmente começam a desligar as máquinas para conseguirem bater o ponto as 23 horas, quando finalizava o expediente. Como até 2020 morava há cerca de oito quadras do campus, seguia até em casa sozinha, a pé pela avenida coalhada de estudantes. Quase sempre chegava cansada, faminta e feliz, tomava um lanche e ia dormir, mas uma sexta por mês, íamos jantar - eu e a minha dupla - e como às vezes decidíamos tomar um vinho, eu só chegava depois da uma da madrugada, mais feliz ainda.

Na primeira vez que dei esta aula de Projeto de urbanismo pelo Google Meet para uma turma reduzida a apenas 18 estudantes, sozinha, olhando para aqueles círculos de cores forte com letras brancas no meio, que escondiam estudantes mudos, mas não incógnitos, com seus nomes e sobrenomes escritos por extenso, pensei seriamente em pedir demissão. Apesar de serem todos meus ex-alunos, praticamente não respondiam às tentativas de diálogo que eu fazia para ouvir suas vozes conhecidas. Estávamos todos baratinados, murchos, cansados e atônitos. Inclusive eu. Desisti de conversar e projetei um Power Point no modo janela, como havia programado, para abrir o debate, dois estudantes comentaram e o assunto morreu. A bola voltou para mim. O tempo não passava e

eu não aguentava mais falar sozinha. Como preencher o vazio? O silêncio infernal? Chega, não nasci para isso! As 20h decretei intervalo antes da hora, e quase fui me esconder no banheiro para não chorar na frente do meu pai. Meu Jesus! Não vou aguentar.

As 20:20 deveria voltar, só não sabia como. Tinha que pensar uma saída criativa. Como tocá-los? Revi o tema da aula: Portos do mundo - discutir intervenções urbanísticas em áreas portuárias para torná-las menos isoladas da cidade, mais atrativas e humanas. Humanas? Lembrei-me de Paulo Freire - meu mestre e guru - e veio na minha tela mental a trama conceitual construída e exposta por Alexandre Saul na primeira disciplina que cursei no doutorado, em 2017. Abri o documento e lá estava ela -

Figura 13: Trama conceitual freireana sobre educação libertadora. Liguei a câmera as 20:30 e perguntei algo assim:

- Alguém aqui mora em algum dos sete bairros próximos ao porto de Santos, onde vamos intervir no semestre que vem?

Alguns responderam sim e um levantou a mão eletrônica. Perguntei então:

- O porto atrapalha muito a vida de vocês?

Começaram a surgir reclamações. Fui sutilmente pondo lenha na fogueira e instrumentalizando o diálogo com os termos técnicos, com a legislação etc. Os que moravam em outros bairros começaram a fazer perguntas para os primeiros, e as respostas surgiam rápidas e indignadas. Diálogo horizontal, pensei, e simplesmente deixei rolar. Falaram dos caminhões estacionados de forma irregular na rua, atravancando o tráfego, dos muros altos que isolam o porto e não nos permitem ver o mar, do cheiro insuportável que os armazéns de grãos

exalam quando venta, dos vetores peçonhentos que estes atraem para as residências próximas, do avanço dos usos portuários sobre as áreas residenciais, do barulho que os containers produzem durante a noite etc. Tive que interrompê-los para passar a tarefa do próximo encontro, mas nenhum deles abriu a câmera, nem no momento mais acalorado da discussão. Caramba! Quando fechei a câmera as 22:30h, ainda meio tensa e com dor no maxilar direito, sorri para a telinha e rezei em voz alta:

- Bendito seja Freire!

Meu pai me olhou da poltrona e perguntou:

- Está tudo bem, filhinha?

- Ainda não, Bambino, mas acho que vai ficar.

Quinta virada: Revendo o Curso de Arquitetura e Urbanismo em 2021

Normalmente, as aulas começam na primeira semana de fevereiro, mas em 2021 começaram em março, devido ao vai não vai da retomada das aulas presenciais, conduzido pelo mapa das cores da SARS - 2. Mas no início de fevereiro, fomos chamados – professores de todos os cursos - a participar de uma espécie de formação continuada no campus central. A reforma curricular, em curso há 4 anos, tinha sido concluída e nós, que tínhamos participado lá no início, precisávamos ser informados das novidades e preparados para os inúmeros novos procedimentos que dela surgiram. A maior novidade geral era a

curricularização da pesquisa, que me empolgou bastante, mas havia também a introdução de disciplinas E.A.D comuns a todos os cursos, abordando inteligência emocional e formação em pesquisa, que sinceramente olhei bem de soslaio, principalmente quando soube que os conteúdos viriam de fora, e já tinham sido contratados prontos, dos pacotes da SAGA²⁶². [Abre parêntesis: Desde que dezenas de professores titulados com cerca de 50 anos - inclusive eu - foram demitidos de uma universidade quando esta foi comprada por uma empresa de capital aberto na bolsa de valores, tenho sérias ressalvas à contribuição que megaempresas internacionais têm dado à educação brasileira e mundial. Esclareço: não sou contra à gameficação, nem o ensino remoto em si, mas precisamos pensar o que fazer com o vasto campo de possibilidades aberto por estes recursos, para evitar que as universidades sejam apenas mais uma forma de concentrar dinheiro na mão de poucos, a meu ver o maior problema global contemporâneo. Do que servem programas e máquinas se não damos valor à experiência dos nossos professores, ao saber acumulado pela nossa cultura, à nossa práxis e à dos estudantes? Para responder aos sonhos dos jovens contemporâneos, é urgente rever [e superar] os modelos competitivos, tanto os introjetados na subjetividade docente, quanto os estabelecidos nas nossas instituições. Será que o discurso do Comum, aparentemente incorporado ao ideário

²⁶² SAGA. Cursos presenciais e online. Você pode estudar presencialmente em uma das nossas 16 unidades nas principais regiões do Brasil ou aprender online através da nossa plataforma acadêmica digital. A SAGA é parceira da Adobe, da Autodesk e da Pixologic, maiores empresas de softwares de Computação Gráfica do mundo. E

tem parceria com a Epic Games, a produtora da renomada Unreal Engine. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=SAGA&og=SAGA&ags=chrome..69i57j46j0j46i0j46l4j0.1975j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 03 mai. 2021.

dos agentes financeiros da educação – nos fará passar pela necessária mudança radical de paradigmas que nos propõem Laval e Dardot²⁶³? Ou pela valorização real do Humano pelos humanos, proposta por Paulo Freire no conceito de Educação libertadora!? Como resistir ao fogo cruzado vindo do MEC, hoje totalmente dominado pelas forças das universidades ‘predadoras’, que a bel prazer desenham nossas leis? Fecha parênteses]. Desculpe o desabafo.

Mas, como eu ia dizendo, na nossa FAU a reestruturação de 2021 foi mais profunda. A matriz curricular do curso foi alterada em vários parâmetros: carga horaria menor, com aulas de segunda a sexta [antes tínhamos aulas aos sábados], créditos e nomes de disciplinas alterados; entregas de trabalhos trasladadas do Moodle para o sistema da instituição [totalmente remodelado, inclusive com novo design]; introdução do Trabalho docente efetivo, realizado fora do tempo de aula; reformulação da relação entre atividades práticas e as teóricas, em benefício das primeiras etc. Avalio que a grande maioria das mudanças apontam na direção correta de adaptação à realidade dos estudantes e à nossa própria. A maioria delas foi sugerida pelo Núcleo Docente estruturante composto pelos discentes doutores, que trabalharam loucamente para compor tudo isso. A transformação mais esperada foi o estabelecimento oficial das cinco sequências com a qual já trabalhávamos informalmente há anos: Projeto de Arquitetura, Urbanismo, Tecnologia, Plástica e Teoria. Para que possam medir o peso desta conquista, informo que esta

luta - pela oficialização das sequências e reorganização do curso para valorizá-las na estrutura curricular - atravessou pelo menos as últimas três coordenações. Adotar uma temática para cada ano do curso, permitindo maior integração entre as disciplinas do mesmo semestre, foi outra evolução animadora alcançada.

Sexta virada: Desenhar a cidade em situação de Lockdown.

Neste momento de virada, fui chamada a reassumir a disciplina de primeiro ano que ministrei ora em dupla, ora em trio, entre 2013 e 2018. A disciplina mudara de nome para ‘*Plástica: o desenho da cidade*’, mas seu objetivo continuava sendo o mesmo: criar com os estudantes um processo contínuo de descoberta e investigação da cidade e do corpo humano, ampliando neles [e em nós] a capacidade de observar, designar e criar. Utilizava-se para isso, há mais de 30 anos, o desenho de observação direta a mão livre, o que implica desenhar a cidade *in loco* e o corpo humano a partir de um modelo vivo. Mas como fazer isto em plena quarentena? Percebi que esta resposta era o que esperavam de mim. Em conversas remotas com meus dois parceiros, chegamos à conclusão que, em caso de manutenção do isolamento social, só nos restaria desenhar a cidade por intermédio do *Google Street View*, e o que se seguiu foi o lockdown, como era de se imaginar. Quanto ao corpo humano, ao invés de partilharmos da companhia de Juliano Olivier ao vivo e em cores no atelier, tivemos que nos virar com vídeos de suas performances e imagens de fotógrafos profissionais, o que gerou resultados superiores aos

²⁶³ Se gostaram, sugiro ler *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*, de Christian Laval e Pierre Dardot.

esperados, em termos de interesse dos estudantes. Fora isto, ainda disponibilizei para a turma uma série de desenhos realizados em sessões ao vivo com nosso modelo. Ficamos duas horas entretidos, comentando-os um a um, o que nunca tinha conseguido fazer no ensino presencial. Discutíamos todos juntos, analisando os parâmetros compositivos, como tomada de cena, escorços etc., e questões técnicas: o claro/escuro, o uso da linha e da massa na representação das formas musculares, a diferença de resultado plástico quando se desenha com grafite branco sobre papel preto ou, contrariamente, com carvão sobre papel branco etc. Mas a discussão mais interessante foi sobre o nível de abstração das imagens, ou seja, o quanto devemos nos ater à realidade, o quando podemos imaginar, obliterar, esconder, alterar, apenas sugerir... Esta discussão, que sempre levamos quando desenhamos nosso querido Juliano presencialmente, brotou de uma provocação didática muito usual. Tinha

montado no PowerPoint dois desenhos da mesma pose em cada página, sempre realizados por pessoas diferentes. Cada vez que mudava a tela, eu sugeria que os estudantes discorressem sobre o que estavam vendo. Com o passar dos slides, fomos percebendo que, ao comentar um mesmo desenho figurativo, as pessoas o viam de forma diferente, sobretudo os mais livres. Quando eles perceberam e comentaram o fato, perguntei:- Por que será que vemos de forma distinta, se é a mesma imagem?

E as respostas nos abriram um mundo de possibilidades inauditas, poéticas, surpreendentes, complexas, enfim, emocionantes. Se considerarmos que estávamos vendo desenhos que não tinham sido feitos por eles, como normalmente são, o resultado pode ser considerado mais apropriado para uma aula de teoria e história da arte, mas como não me dedico especialmente a colocar saberes dentro de caixas, aproveitei o momento!

13.3.2. Trajetória pessoal

CLAUDIA BRAGA
(Santos/ SP, 1962).

Sou arquiteta, artista plástica e geógrafa urbana de formação. Católica, e disléxica de nascimento, e acima de tudo, generalista. Tendo a crer que tudo o que me interessa é inter-relacionado não apenas dentro, mas também fora do meu ser. Quando me formei em artes visuais pela ECA/USP (1996) já era arquiteta pela FAU/USP, (1985) e mestre pela UFSC. em desenvolvimento regional e urbano (1990).

Atualmente leciono disciplinas de plástica e urbanismo na UNISANTOS, onde faço parte do Laboratório de Artes Visuais – LAVUCS e do grupo da pesquisa Patrimônio e Pertencimento, com os professores Cesar Bargo e Cesar Capasso da arquitetura, Leandro, da área de história, e muitos estudantes de vários cursos.

Tenho estúdio próprio desde 2000 em São Paulo- ATELIER OROZIMBO [ATO] onde desenvolvo projetos de arte e arte-educação, envolvendo desenho, gravura, pintura, modelagem, cerâmica e fotografia.

O **objetivo deste mini Memorial** é mostrar algumas atividades de arte pública, para me fazer conhecer com mais inteireza pelos colegas do meio acadêmico, que ainda não tiveram acesso à produção que desenvolvo no atelier.

Quando tenho oportunidade, ilustro livros, como *Abstrato Carnal escritas do corpo*, e escrevo também alguns, como o XILOZODIAC, destinado ao público jovem, com textos e ilustrações minhas.

Participo de projetos expositivos coletivos, nacionais e internacionais, com trabalhos que integram gravura, desenho e fotografia através de recursos digitais. Entre eles cito aqui:



Figura 358: A Autora

Projeto Volante (Brasil e Canadá, 2012) de Cleiri Cardoso;

Circulando Em Grandes Dimensões (Brasil e Europa, 2009 a 2012), de Regina Carmona;

Cubo Libro na 29ª bienal de São Paulo, com curadoria de Marilá Dardot (São Paulo, 2011);

Edição Número Zero: La Havana, E Travessia (Cuba, 2010), com curadoria de Daniel Garcia,

Projeto Novelli Imagem no Centro Cultural São Paulo, 2000), com curadoria de de Luciano Bortoleto.

Adão E Eva No Paraíso (MT, BRASIL, 2004); esculturas em exposição permanente em espaços públicos:

Etnias Do Primeiro e Sempre Brasil, de Maria Bonomi, como colaboradora (Memorial da América Latina /2008);

Cidades Mediterrâneas, trabalho individual em cerâmica (São Paulo, SP, 2011).

Toda Criança Tem Direito, em parceria com Isabelle Benard. em 2006, com premiação da Secretaria do Estado da Cultura,

Procurando Ricardo, com Cleiri Cardoso, Yili Rojas e Luciano Ogura, (Grupo Dragão de Gravura - Atelier Amarelo) em 2005.

Fiz duas residências artísticas em Havana, Cuba, onde tenho obras de arte interativas em coleções públicas.

Selecionei atividades desenvolvidas entre 2000 e 2016, que organizei em ordem cronológica decrescente. Optei por titular, datar e legendar as imagens de referência.

Foi uma compilação interessante, que me permitiu perceber claramente a relação que guardam não só com minha história pessoal, mas com a história do país, e com as instituições as quais estive ligada

Espero que gostem.

Bom proveito!

Mini histórico das oportunidades didáticas que já tive, ressaltando alguns mestres.

Fui alfabetizada foneticamente pelo Método Montessori enriquecido por Helena Lubienska de Lenval, logo que foi introduzido no Brasil por **Edith Dias Meneses de Azevedo**, diretora da Escola Experimental Irma Catarina, onde cursei do pré à oitava série, nas décadas de sessenta e setenta.

Aos 16 anos, antes de entrar na FAUUSP, ingressei em uma Comunidade Eclesial de Base em Santo André, bairro de Vila Palmares, cujo responsável era **Pe. Rubens Chasseraux**²⁶⁴.

Este, identificando minha inaptidão para as frentes de luta perigosas, me encaminhou para um projeto de alfabetização de adultos, onde permaneci de 1979 a 1983. Aprendi muito nas reuniões com o coordenador do projeto, **Fernando Perillo da Costa** - discípulo direto de Paulo Freire, doutor em sociologia da comunicação e coordenador do curso de sociologia da UNIP. Lembro bem quando ele, percebendo meus 'dotes' artísticos, logo me incumbiu de desenvolver todo o material gráfico para o curso. Criamos juntos o gabarito plástico com letras adequadas à alfabetização pelo método Paulo Freire, cartazes em grande formato com imagens coloridas e palavras separadas por sílabas.

Esta primeira experiência pedagógica me colocou em contato com a professora da

comunidade, Maria da Graça, que me integrou ao grupo. Sou grata a estes três idealistas, por me introduzirem no universo real das comunidades, que até hoje me interessa e anima.

Terminado o curso da FAU, fui convidada a trabalhar com **Joaquim Guedes**, meu professor de urbanismo, que junto com **Candido Malta Campos** me apresentou ao Curso de Mestrado em Desenvolvimento Urbano e Regional da Universidade de Santa Catarina, onde desenvolvi, com o apoio do CNPQ, minha dissertação de mestrado. Na ocasião estudei as estratégias utilizadas pelos diferentes grupos sociais organizados na ocupação irregular de áreas de preservação permanente na cidade de Florianópolis.

Devido ao tema, me envolvi com lideranças locais, participei de reuniões regionais, frequentei centros comunitários, ajudei a segurar faixas, entendi estratégias coletivas de ocupação, e li muito sobre globalização, pois minha orientadora, **Maria Adélia de Souza**, era discípula de **Milton Santos** desde os tempos de Sorbonne, e me recomendou seus cursos condensados de extensão. Grande sorte a minha! Fiz todos que ministrou na Faculdade de Ciências e Letras da USP. Pessoa sensível e cordial, este brilhante generalista me cativou, e com ele fiz aprendizados de valor inestimável para

²⁶⁴ "Aos 75 anos, padre Emilio Rubens Chasseraux só perde o bom-humor quando recorda das cinco prisões e dos dias sombrios que passou preso na sede do Dops (Departamento de Ordem Política e Social). O santista veio parar em Santo André no início da década de 1960, quando foi ordenado padre sob a bênção de um menino de rua, com uma batina emprestada. Anos depois, seria preso pelo delegado Sérgio Fleury por ser considerado subversivo. O único pecado do sacerdote era organizar os moradores da favela na Vila Palmares que buscavam melhorias de vida. O barraco onde posteriormente seria construída a Igreja era o quartel-general de discussões dos movimentos

contra a ditadura. (...) O senhor que hoje inspira vida pelo sorriso, admitiu que pensou em suicídio durante uma sessão de tortura. A história do padre Rubens foi a primeira a ser relatada aos pesquisadores do 'Acorda ABC', elaborado pela Associação Centro de Memória do ABC. O trabalho pretende publicar um livro sobre os perseguidos pelo regime militar que ainda moram na região". Disponível em <http://www.dgabc.com.br/Noticia/100476/-tive-a-sensacao-que-eu-ia-me-matar-> Acesso em 22 jan. 2020

minha dissertação e para minha vida, pelos quais agradeço a ambos até hoje.

Voltando a São Paulo, ingressei em 1990 no Curso de licenciatura em Artes Plásticas, onde estudei com **Rosa Iavelberg**, livre Docente do Curso de Pedagogia. Sob sua coordenação desenvolvi meu estágio obrigatório na Escola da Vila, dando aulas de arte para a sétima série do ensino fundamental. Depois, por seu intermédio, ingressei como estagiária no educativo da Galeria do Memorial da América Latina, onde montava exposições e fazia monitoria. Agradeço à Rosa por estas duas oportunidades didáticas enriquecedoras.

Quando me formei na ECAUSP em 2000, montei um ateliê coletivo chamado ATO – Atelier Orozimbo – com Luciana Camuzzo e Luciano Bortoletto, onde atuo até hoje.

No atelier, desenvolvi em parceria com **Isabelle Benard**, que já era arte educadora e arte terapeuta, um projeto sobre os dez direitos da criança aprovados pela ONU em 1959, chamado Toda criança tem direito, que nos rendeu em 2006 o prêmio de incentivo a ações culturais da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo.

Todas as atividades foram gratuitas e aconteceram em parques públicos nas cinco regiões de São Paulo, durante os finais de semana. O projeto envolvia dinâmicas públicas de discussão com crianças e adultos, cocriação de pinturas coletivas sobre os dez temas, e distribuição comentada de folders. Agradeço à Isabelle a minha quarta experiência didática pública e coletiva importante.

O ATO abrigou também várias reuniões do **Grupo Dragão de Gravura**, um coletivo que reunia quatro artistas gravadores que gostavam de trabalhar na rua: Cleiri Cardoso, Yily Rojas, Luciano Ogura e eu. Juntos fizemos 400 retratos dos pedestres que abordávamos nas praças e parques da cidade. Juntos, desenvolvemos um projeto chamado *Procurando Ricardo*, inspirado

em um jovem habitante da Praça da Sé, que retratamos e depois perdemos de vista. Com ele fomos selecionados para o Atelier Amarelo, espaço de produção artística da Secretaria do Estado da Cultura onde **Maria Bonomi** era a principal curadora.

Em 2005, Maria me convidou para sua equipe do projeto **Etnias do Primeiro e Sempre Brasil**, que era liderada por artistas latino-americanos – Leonardo Ceolin e Carlos Pedreanes, e recebia artistas brasileiros de origem indígena, onde trabalhei com criação coletiva. Juntos produzimos vários painéis de bronze e cerâmica que ocupam permanentemente a entrada do Memorial da América Latina, na Barra Funda, em São Paulo.

Em 2009, depois de passar curtos períodos lecionando em duas universidades paulistas [Belas Artes e São Marcos] passei a fazer parte do corpo docente da FMU/FIAM FAAM, onde permaneci até 2016. Lá, minha experiência mais gratificante foi ministrar a disciplina de Urbanismo em Áreas Periféricas com o **Caio Boucinhas** que, além de possuir formação ampla e impecável, tinha muitos anos de experiência em desenvolver políticas públicas para comunidades. Entramos diversas vezes com mais de 50 alunos em favelas de São Paulo e, graças a ele, participei de audiências públicas de discussão coletiva de projetos com grupos de moradores. Como Caio foi um tutor incrível, convidei-o para minha banca de doutorado!

Com o curador cubano **Daniel Garcia** participei em 2010, do projeto *Edición Número Cero: La Habana*, iniciativa do *Centro de Arte Contemporânea Wifredo Lam*, instituição organizadora da Bienal cubana. Voltei a Cuba em 2013, quando desenvolvi dois workshops abertos a público e ministrei, no Instituto de Arte de

Havana, uma aula sobre a participação de Fernando Marques Penteado na XXX Bienal de São Paulo. Agradeço ao Daniel por estas duas experiências didáticas, sétima e oitava no geral, primeira e segunda no exterior.

A esta altura já tinha percebido que este tipo de experiência coletiva que envolve cidade e arte pública estava se repetindo na minha estória profissional, e que ao mesmo tempo que eu as criava, elas iam me formando, como pessoa e como profissional.

Quando conheci o **Instituto Elos**, em uma palestra da Semana de Arquitetura da FAUS, percebi que poderia aprender muito com eles. Senti ao mesmo tempo uma afinidade processual - didática e afetiva - e uma empolgação pela temática da ação social na cidade, que já me era cara.

Como Rodrigo Alonso me autorizou a transcrever sua fala, conheci **Bruno Matinata, Natasha Gabriel, Mariana Gauche**, e demais membros da equipe. Este contato me fez decidir, a partir do relato histórico que me fizeram sobre o Grupo de extensão que criaram na FAUS, transformá-los no meu tema de Doutorado.

Como professora da FAUS, entendi isto poderia contribuir para dinamizar os cursos que ministro, e enriquecer meus conhecimentos sobre experiências de ação integrada na cidade.

Sonho com a ideia de mobilizar estudantes - a partir de ideias politizadas de ciência e arte - para atuar em escritórios modelo de arquitetura e urbanismo semelhantes ao EMAU Reviver. Pensei em aproveitar da incerteza que nos é contemporânea para tentar construir não só uma escola melhor, mas a melhor escola que pudermos conceber, pensando formas colaborativas e horizontais de atuar com a população brasileira que não tem acesso nem à universidade nem aos nossos serviços profissionais como arquitetos.

Se os estudantes quiserem revitalizar edifícios públicos, ou atuar nos bairros continentais de São Vicente, ou nas comunidades caiçaras, ou onde quer que seja, para lá dividirem ideias, educarem e serem educados, experimentar conceitos e metodologias, conectar pessoas e fazer descobertas que vão mudar sua vida para sempre, gostaria de tentar passar por isto junto com eles.

Vamos às imagens!



Figura 359: Mosaico de imagens

LEGENDA:

[1] "Cidades Mediterrâneas", cerâmica. 2011. Col. Extra Virgem. [2] "Corações Cubanos", gravura digital, 50 X 70 cm. 2011. Col. particular; [3]. "Toda criança tem Direito", 2006, arte educação, com Isabelle Benard. [4] "Serie Conchas. Peça 1", modelagem em argila, 1994. Col. da artista. [5] Cerâmica utilitária de alta temperatura, 32 cm. [6] Cubo Libro 4 X 4 - Instalação, 2013. Acervo Museu Simon Bolívar. Havana [7] Etnias do primeiro e sempre Brasil. Atelier Maria Bonomi, 2008, Col. Memorial da América Latina [8] Adão, escultura em concreto. Col. Prefeitura Município de Sorriso, 2004, 9. Exposição no Museu Simon Bolívar. Havana, Cuba [9]. Exposição no Museu Simon Bolívar. Havana, Cuba [10]. Ação Pública do Grupo Dragão de Gravura. Parque Ibirapuera, 2005.

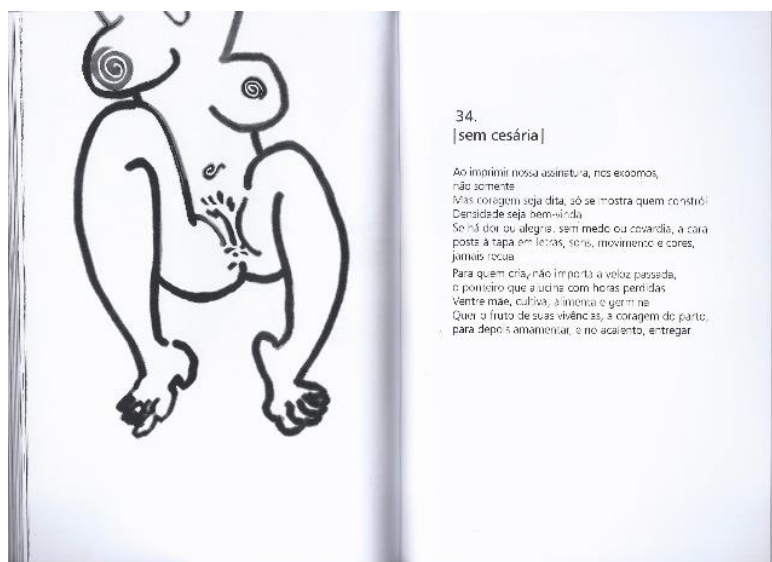
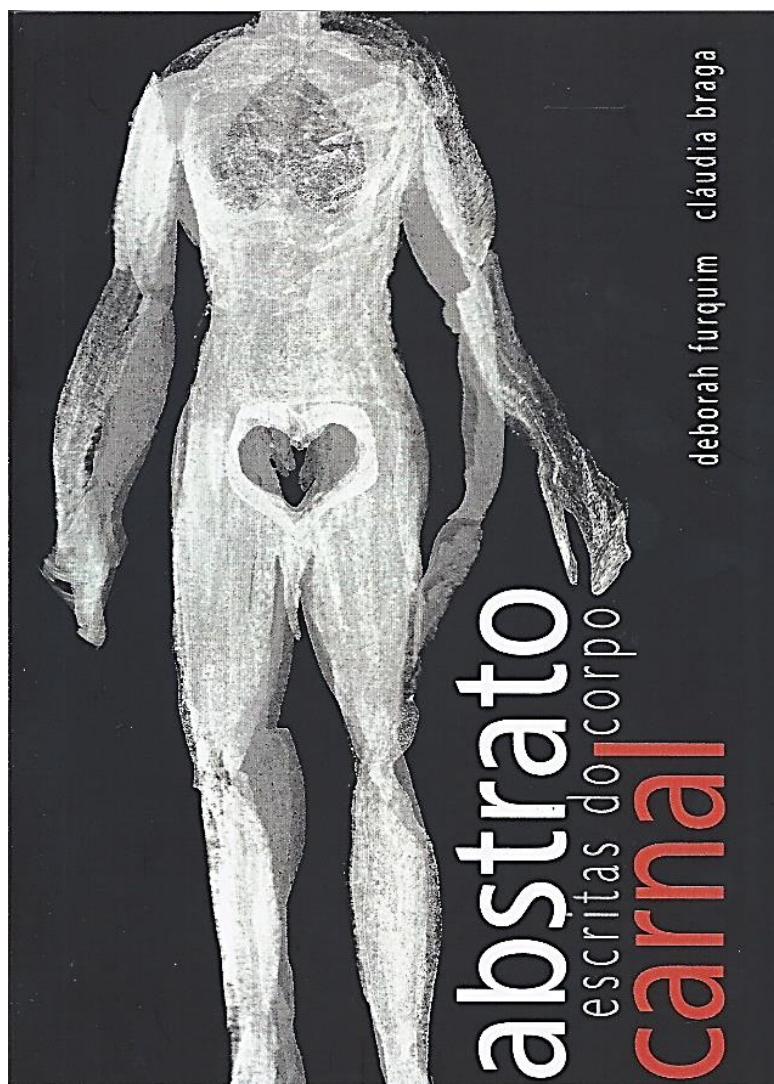


Figura 360: Capa e miolo de Abstrato Carnal, 2016.

Livro Composto por cinquenta e sete poemas de Deborah Furquim, todos ilustrados com imagens minhas em preto e branco. Lançado na Livraria Blooks do Shopping Frei Caneca.



Figura 361: Xilozodiac: os dois lados de seu signo. Capa e páginas 8 e 9. 2016

Livro de bolso para público jovem, 33 páginas



edición número cero la Habana I

Exposición colectiva y concierto musical realizado por artistas brasileños y cubanos.

EXPOSICIÓN
Casa del Benemérito de las Américas Benito Juárez
29 de enero al 29 de febrero. Inauguración: 29 de enero 4:00 pm

CONCIERTO
Teatro del Museo de Bellas Artes Edificio Arte Cubano
31 de enero a las 7:00 pm

Artistas:
Angela Barbour
Arthur de Araújo
Bruno Oliveira
Claudia Braga
Claudia García
Catharina Suleiman
Conrado Zanotto
Daniel García
Fabiola Notari
Fabio Betitto

Fernanda Eva
Jean Philippe
Kiki Bedouret
Marco Ponce
Marcus Simon
Mari Dias
Nelson Aguilar
Paloma Perez
Sumitra
Tatiane Freitas
Thiago Navas

Curadora e idealización:
Daniel García

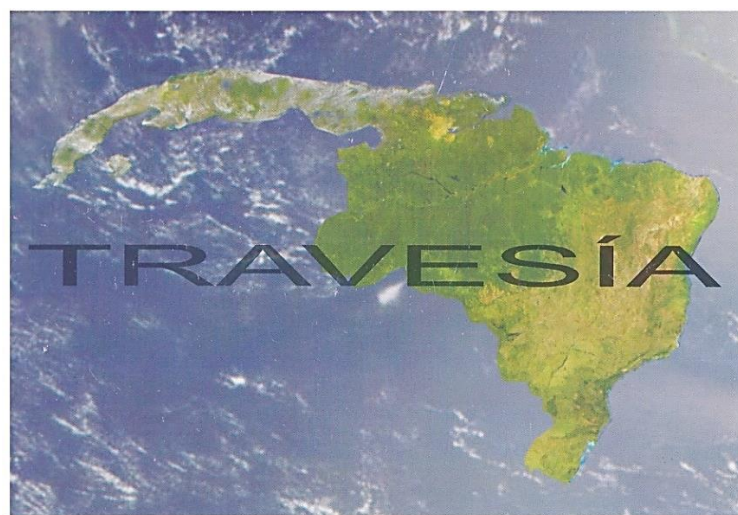
Producción ejecutiva:
Paloma Perez

Coordinación general:
Arlette Castillo

Diseño Gráfico:
Darwin Fornés

ATELÉ LE PROTOCOL
OFICINA DEL HISTORIADOR DE LA CIUDAD DE LA HABANA
Casa del Benemérito de las Américas BENITO JUÁREZ
MUSEO DE BELLAS ARTES
OFICINA LEO BROUWER

Figura 362 Exposição em Cuba/Havana, 2010.



TRAVESÍA

Exposición colectiva de artistas brasileños en Cuba
Casa Museo Simón Bolívar . Ciudad de la Habana . Cuba
Del 8 al 17 de julio de 2010

Artistas participantes

Claudia Braga
Lourdes Sakotani
Ernesto Bonato
Antonio Goper
Cleirí Cardoso
Fabrício Lopez
Luiza Sandler
Flavio Castellan
Biba Rigo
Fabio Miki
Otávio Zani

Coordinación general: Onedys Calvo Noya
Especialista, Oficina del Historiador de la Ciudad

Curadoría: Daniel García Fernández
Coordinador Atelier LE PROTOCOL, São Paulo

Inauguración
Jueves 8 de julio de 2010
Hora: 4:00 pm
Lugar: Casa Museo Simón Bolívar
Calle Mercaderes 158-160
La Habana Vieja
Ciudad de la Habana
Cuba.

Realización
ATELÉ LE PROTOCOL

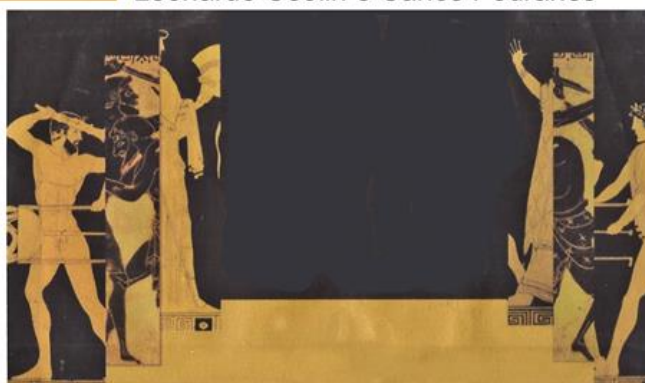
OFICINA DEL HISTORIADOR DE LA CIUDAD DE LA HABANA
CASA MUSEO SIMÓN BOLÍVAR
Impresso

Figura 363: Exposição em Cuba/Havana, 2010 .

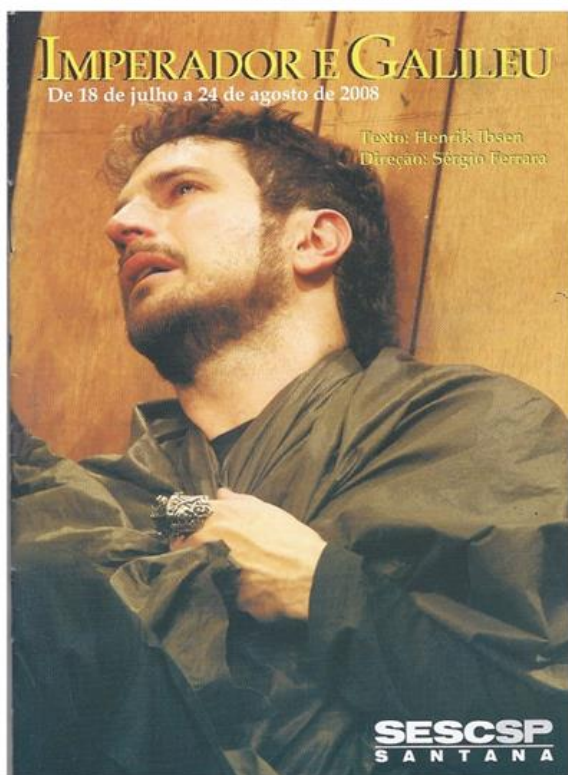


Pinturas de Cláudia Braga e Rodrigo Lobo, para as 'pernas' do cenário.

Projeto do cenário, detalhe das 6 pernas Leonardo Ceolin e Carlos Pedrañes



Catálogo da peça, com caco Ciocler na capa e página c/ créditos no interior



Ficha Técnica

Serviço Social do Comércio
Administração Regional no Estado de São Paulo
Presidente do Conselho Regional: Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional: Danilo Santos de Miranda

Superintendentes: Administração: Luiz Deoclécio Massaro Galina / Técnico-Social: Joel Naimayer Padula / Comunicação Social: Ivan Paulo Giannini / Gerentes: Ação Cultural: Rosana Paulo da Cunha / Adjunto: Paulo Casale / Assistentes: Flávia Carvalho / Estudos e Desenvolvimento: Marta Colabone / Adjunto: Andréa Nogueira / Artes Gráficas: Hélcio Magalhães SESC Santana: Cristina Riscalla Madi / Adjunto: Mauro César Jensen.

Imperador e Galileu

Texto: Henrik Ibsen / Direção: Sérgio Ferrara

Imperador Juliano Caco Ciocler / Máximo - O Mago de Éfeso Sylvio Zilber / Bispo Maris da Calcedônia Abrahão Farc / Tribuno Decêncio Júlio Machado / General Joviano Igor Kovalewski / General Salúcio Ronaldo Oliva / Bispo Gregório de Nazianzo Nelson Peres / Soldado Persa Joaz Campos / Princesa Faustina Liza Scavone / Calisto o criado Dan Rosseto

Tradução: Fernando Paz / Ass. Direção: Joaz Campos / Figurino: Márcia Orsini / Ass. Figurino: Kassen Ghandour / Iluminação: Carlos Vilela / Cenário: Carlos Pedrañez e Leonardo Ceolin / Pinturas: Cláudia Braga e Rodrigo Lobo / Adereços: Luis Rossi / Sonoplastia: Sérgio Ferrara / Ed. som: André Pereira / Fotos: Jefferson Pancieri / Prep. Vocal: Edi Montecchi / Ass. Imp: Sheila Grecco / Ass. Divulgação: Sara Stopazzolli e Simone Fantini / Design Gráfico: João Roncato / Rev. Texto: Amanda Flausino / Op. Luz: Emerson Fernandez / Op. Som: Eduardo Guedes / Contra-regra: Emerson Nigro / Marceneiro: Marcelo Mossmann / Camareira: Maira José Lima / Ass. Produção: Maiara Paiva, Priscilla Freitas e Cristiane Malta / Dir. Produção: Roberto Malta e Elder Fraga / Produção: Fraga e Ferrara Produções Ltda. e Mais Cultura e Entretenimento

Figura 364: Pinturas de grande formato para cenário de peça de Ibsen, com Rodrigo Lobo, 2008.



Figura 365:Etnias do primeiro e sempre Brasil. Peças gravadas em cerâmica coletivamente



Figura 366 Etnias do primeiro e sempre Brasil. Projeto de Maria Bonomi. Peças em bronze

Memorial da América Latina – S P

2007 –Projeto Etnias do Primeiro e Sempre Brasil. Exposição permanente no Memorial da América Latina. R. Prof. Wilfrides Alves De Lima - Barra Funda, São Paulo, Brasil

Esta foi uma das experiências profissionais mais intensas da minha carreira, no qual participei como artista plástica, na equipe de Maria Bonomi, que concebeu o projeto. Convivemos em processo de criação coletiva em um grupo de 12 pessoas, entre artistas, estagiários e técnicos, de diferentes nacionalidades, inclusive de. Tivemos também oportunidade de conviver com artistas de origem indígena duas tribos

indígenas brasileiras, que executaram conosco algumas das placas hoje em exposição permanente no memorial da América Latina, na Barra Funda, SP.

A entrada do Memorial da América Latina vira um mural esculpido com a história do Brasil e suas diferentes etnias, novamente uma obra de caráter público de Bonomi em São Paulo. “Na ocasião, os índios Guaranis das tribos “Aldeia Krukutu” e “Aldeia Tononde Porá” explicaram ao governador a execução da gravação de suas placas alegóricas. Emocionado pelo tema indígena, o governador solicitou à artista que criasse uma placa contando a história de um jovem índio que, no tempo do descobrimento, foi levado para a Espanha, sendo criado em Valladolid, e que lutou fortemente pela sua etnia, posteriormente, no Brasil. Aconselhou-a que entrasse em contato com Frei Betto para colher todos os detalhes, visto que é profundo conhecedor desse assunto. Estava exposta no túnel da entrada principal do Memorial, a declaração de Oscar Niemeyer.” Disponível em <https://arteforadomuseu.com.br/etnias-do-primeiro-e-sempre-brasil/> Acesso 23 out. 2020

Declaração Universal dos Direitos da Criança

A Assembleia Geral da ONU recomenda que se dê a mais ampla divulgação possível ao texto desta Declaração.

8
A CRIANÇA, EM QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA, DEVE SER **A PRIMEIRA A RECEBER PROTEÇÃO E SOCORRO.**

7
TODA CRIANÇA TEM DIREITO À **EDUCAÇÃO GRATUITA, A BRINCAR E SE DIVERTIR,** PARA DESENVOLVER SUAS APTIDÕES, SEU SENTIMENTO DE RESPONSABILIDADE MORAL E SOCIAL, E SUA CULTURA.

4
TODA CRIANÇA TEM DIREITO À **ALIMENTAÇÃO, SAÚDE HABITAÇÃO E RECREAÇÃO.** PARA CRESCER SAUDÁVEL, ELA E A MÃE DEVEM TER **CUIDADOS MÉDICOS** ANTES E DEPOIS DO PARTO.

5
TODA CRIANÇA COM QUALQUER **DEFICIÊNCIA,** FÍSICA, MENTAL OU SOCIAL, TEM DIREITO À **TRATAMENTO, EDUCAÇÃO E CUIDADOS ESPECIAIS.**

3
TODA CRIANÇA TEM DIREITO, DESDE O NASCIMENTO, A TER UM **NOME** E UMA **NACIONALIDADE.**

1
TODA CRIANÇA TEM IGUAL DIREITO A TODOS OS DIREITOS CITADOS AQUI, **SEM DISTINÇÃO DE RAÇA, RELIGIÃO, NASCIMENTO OU NACIONALIDADE.**

10
TODA CRIANÇA TEM DIREITO À **PROTEÇÃO CONTRA QUALQUER DISCRIMINAÇÃO.** DEVERÁ VIVER EM UM AMBIENTE DE COMPREENSÃO, TOLERÂNCIA, AMIZADE ENTRE OS POVOS, PAZ E FRATERNIDADE, E DESENVOLVER TODO SEU POTENCIAL, PARA O BEM DE SEUS SEMELHANTES.

9
TODA CRIANÇA TEM DIREITO À **PROTEÇÃO CONTRA O ABANDONO, A CRUELDADE E A EXPLORAÇÃO.** NÃO SERÁ JAMAIS OBJETO DE TRÁFICO. NÃO PODE TRABALHAR ANTES DA IDADE MÍNIMA, NEM FAZER NADA QUE POSSA ATRAPALHAR SUA EDUCAÇÃO, SAÚDE OU SEU DESENVOLVIMENTO FÍSICO, MENTAL E MORAL.

6
TODA CRIANÇA TEM **DIREITO AO AMOR E À COMPREENSÃO.** DEVE CRESCER SOB A PROTEÇÃO DOS PAIS, SEMPRE COM MUITO AFETO, PARA DESENVOLVER HARMONIOSAMENTE SUA PERSONALIDADE.

2
TODA CRIANÇA TEM DIREITO A SE DESENVOLVER FÍSICA, MENTAL, MORAL, ESPIRITUAL E SOCIALMENTE DE FORMA SÁDIA E NORMAL, EM CONDIÇÕES DE **DIGNIDADE, LIBERDADE, E IGUALDADE DE OPORTUNIDADES.**

GOVERNO DO ESTADO DE **SÃO PAULO** SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Este projeto foi realizado com o apoio da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo www.todacrianca.art.br projeto@todacrianca.art.br

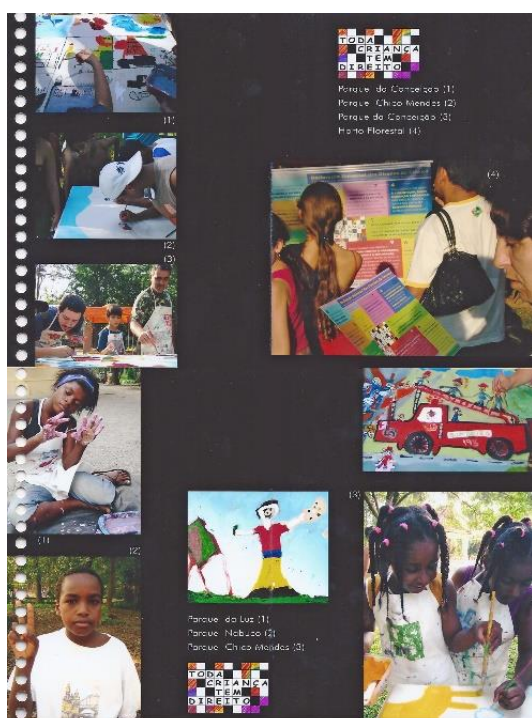


Figura 369: Projeto “Toda criança tem direito, 2005. Este é sem sombra de dúvida meu projeto mais importante na área de arte-educação. Já comentei um pouco sobre ele no projeto. Mantivemos num site ativo com imagens e comentários da população por mais de dois anos. Muito boa a experiência de ser premiada com educação!



Figura 370 Concurso nacional para execução de esculturas em Sorriso/MT, 2004



2005 O feminino na dança - Centro Cultural São Paulo Apoio de criação p/ Onze minut



2004 Cenário para Espaço Vazado 2 Criação em imagem- vídeo no Balé da Cidade

Prêmio do CCSP delinea novos rumos da dança

É permite aos vencedores, como Sandro Borelli, dar continuidade a sua arte

HELENA KATZ
Especial para o Estado

NUM ano de conquistas expressivas por parte da comunidade de dança da cidade de São Paulo, como a consolidação do novo coletivo Mobilização Dança, coube ao Centro Cultural a mais importante iniciativa local em termos de política pública: a adição de um Prêmio Estimulo à sua já estável programação anual de dança (Feminino na Dança; Masculino na Dança; Solos, Duos e Trios; Semanas de Dança). Escolhidos por uma comissão formada por Christine Greiner, Lia Rodrigues, Cássia

Navas, Marcos Bragato e Renata Xavier, os cinco trabalhos selecionados foram exibidos na Sala Jardel Filho.

O prêmio possibilitou que artistas como Sandro Borelli (*O Abutre*), Angela Nolf/Deborah Furquim (*Espaço Vazado*) e Miriam Druwe/Renato Jimenez (*Problemas Humanos, Poemas Urbanos*) revelassem saudáveis mudanças em seus percursos criativos. Permitiu também que Cristian Duarte (*Alta Necessidade*) pudesse dar continuidade ao processo iniciado em *embodied*, sua produção anterior, e Umberto da Silva (*Handicap*) conseguisse, finalmente, iniciar um processo, de fato, autoral, para selar sua volta ao Brasil, depois de uma longa residência na Alemanha.

A primeira cena de *Alta Necessidade* é daquelas que qualificam como genial o seu processo de investigação. Quem carecer de um impecável

Fotos Divulgação



Sandro Borelli (*O Abutre*) (E) e momento do espetáculo *Espaço Vazado* (acima): propostas que revelam maturidade e merecem celebração e apoio

exemplo da relação entre teoria e prática encontrará nela tudo o que precisa. Tal processo, que se iniciou no excelente *embodied* (2002), não estancou lá, mas, felizmente, fez do seu

ção de Cristian Duarte continua apresentando-o como um intérprete de qualidade singular. Ideias preciosas e soluções instigantes.

Foi preciosa a oportunidade de conhecer *O Abutre*, de Sandro Borelli, simultaneamente ao espetáculo que sua companhia, a FAR 15, apresenta no seu novo espaço, o Viga. A pesquisa sobre Kafka iniciada em 2002, com *Metamorfose*, chega agora a uma economia concisa de gestos que valoriza a dramaturgia em desenvolvimento. Há uma espécie de ênfase na fisicalização que prescinde do tipo de narrativa dramática que vinha marcando as produções de Borelli. Uma espécie de limpeza de excessos que se vê também no intérprete, que adensou a sua qualidade.

Angela Nolf e Deborah Furquim deram um salto qualitativo com *Espaço Vazado* – um nome que, de fato, identifica o que dançam. Tudo gira em torno do espaço como uma questão cênica, não como um lugar a ser povoado com passos de dança. E as soluções que propõem para a relação entre corpo, espaço e imagem como que

inauguram uma fase muito promissora. As duas intérpretes estão no melhor do seu desempenho e a dança que produzem respira amadurecimento.

Miriam Druwe também revela uma auspiciosa mudança de foco em *Problemas Humanos, Poemas Urbanos*. Todavia, há que atentar para os dois tipos de proposta que resultou: a pantomima sem brilho, que se contrapõe à construção de uma possibilidade de identidade gestual.

Handicap, de Umberto da Silva, um senhor intérprete, ainda parece um primeiro rascunho do que deverá surgir dessa intrincada proposta. Revisitar o Babilô do histórico *Le Jeune Homme et la Mort* (1940), de Roland Petit, ao lado do texto de Von Hacker dos anos 70 sobre embarço e obstáculo na criação resultou em uma proposta que merece ser continuada.

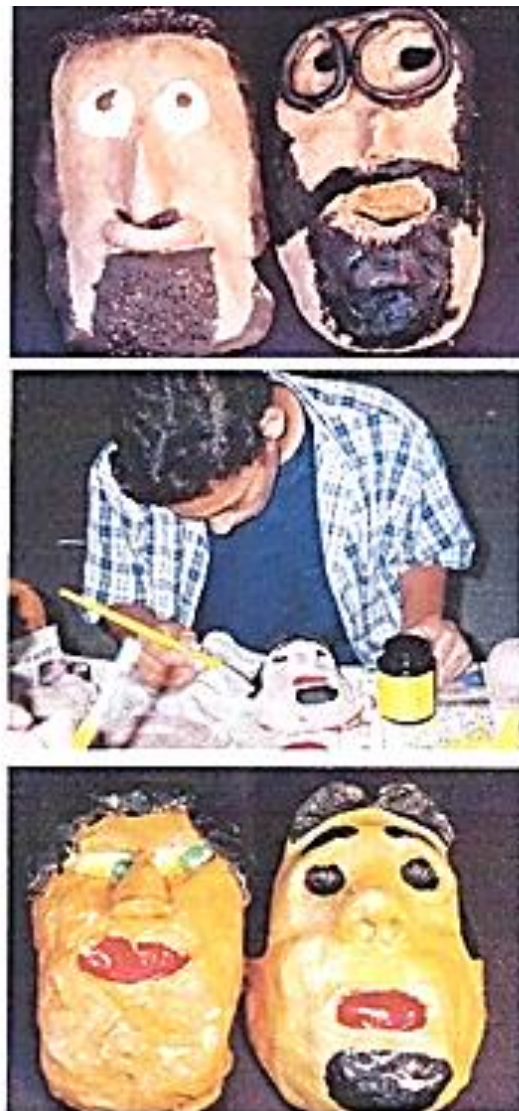
Um saldo e tanto para esse primeiro Prêmio Estimulo – uma iniciativa digna da melhor celebração e de apoio incondicional.

O Estado de São Paulo - Caderno 2 - 12/12/2003

Figura 371: Espaço Vasado. Publicações em mídia impressa. Deborah Furquim é uma parceira de trabalho que me acompanha há mais de quinze anos. Comecei fazendo cenários para suas coreografias, e em 2016 fizemos o livro 'Abstrato Carnal.'



Figura 372: Cenário em animação quadro a quadro para coreografia de Débora Furquim e Ângela Nolf Espaço Vazado.



EMEDA HELLEN KELLER Arte & IDENTIDADE

Durante projeto desenvolvido no EMEDA Hellen Keller nos anos de 2000 e 2001, envolvendo Artes Plásticas E Artes Marciais (Tai Chi Chun), percebemos grande interesse dos alunos pela prática de modelagem em argila. Na delicadeza das peças que contam sempre um pouco da estória de cada aluno, na atenção dedicada às propostas, um grande envolvimento estava sempre presente, e acreditamos tê-lo documentado nas fotos que ilustram estas páginas .

Depois de tentarmos, sem sucesso, em 2003 obter apoio da Petrobras para o projeto, retomamos agora, apoiados pela equipe da escola e acreditando no envolvimento mútuo para dar continuidade ao trabalho. Buscaremos apoio junto à sociedade civil para ampliar o alcance da proposta, atendendo um número maior de alunos e envolvendo outros artistas, parceiros do Atelier Orozimotrio, que vêm enriquecer o projeto com suas valiosas contribuições.

Figura 374: Projeto Pedagógico Arte e Identidade, EMADA Ellen Keller, 2004



Figura 375 Mestre meditando, Adriane Castilho e Débora Furquim. Modelagens em argila para “Nunca treze à mesa., 2003.

ura

SÁBADO, 13 DE DEZEMBRO DE 2003 C-3

ARTES PLÁSTICAS

Flores e esculturas entram em cena

Mostras exploram as temáticas da primavera e do seres humanos

Foto: Fábio Mendes

SÉRIE
A modelo, Claudia e a peça começando a surgir do bloco de argila

EM SEQUÊNCIA
A artista mede a modelo para dimensionar o bloco

FINAL
Em primeiro plano, Claudia e a peça recém começada

FOCO: "Serimaginário" reúne artistas que trabalham juntos em um ateliê em São Paulo, e que pela primeira vez se encontram em uma exposição. As obras primam pela originalidade. O trabalho de Claudia Braga, por exemplo, inclui uma composição com fotografia, escultura em bronze, além de modelagens de cabeças de seres humanos em tamanho natural. A piracicabana Luciana Camuzo participa com sete pinturas da série "Abissais", cujas telas são produzidas sobre papel a partir de tramas de linhas.

Já Luciano Bortolotto, que já produziu vários outdoors em Piracicaba, trabalha com uma técnica mista sobre madeira para exibir seres que ficam na fronteira entre o humano e o fantástico. "Como trabalhamos com temáticas parecidas, resolvemos nos unir para montar uma única exposição", diz Claudia, que tem 20 anos de carreira e se formou em artes plásticas pela Escola de Comunicação e Artes (ECA), além de arquitetura, também pela Universidade de São Paulo, (Claudia Rangel).

SERVIÇO: 2ª Mostra da Primavera. Até o dia 30, no Armazém 14 do Engenho Central. A exposição pode ser vista de ter. a sex., das 10h às 19h. Sob. a dor., a les., das 13h30 às 20h, com entrada franca. "Serimaginário". Até hoje, no Espaço Aberto Stella Ferraz: rua Regenerio Feijó, 1048. Informações pelo telefone 3422-1237.

Figura 376 Flores e Esculturas entram em cena Jornal de Piracicaba, 2003.

Para realizar uma instalação com referência no tema da Santa Ceia, doze modelos posaram para mim por cerca de seis horas. reunia 13 cabeças de argila em tamanho natural, apoiadas sobre cadeiras de bar viradas sobre uma mesa de madeira. Em Piracicaba, SP. Ao Lado, , três das cabeças expostas.

mostra de arte da Juventude
ribeirão preto 2001

mostra
8 a 23 de novembro • 2001

SESC
SÃO PAULO

Luciano r.
Rua N.º
-080- São Paulo.

M P R E S S O

Comissão

Mostra de Arte da Juventude 2001

por Luciano Bortoletto / Cláudia Braga

O material que recebemos, com obras de 88 artistas, compõe uma amostragem significativa do momento atual da produção brasileira, reunindo tendências e linguagens variadas e formando um conjunto de qualidade.

No processo de seleção, procuramos manter esta diversidade, selecionando os trabalhos mais expressivos de cada tendência, segundo critérios de unidade e coerência interna, poética própria, temática relevante e resolução técnica de qualidade.

Quando todos estes critérios foram contemplados, incluímos os três trabalhos apresentados pelo artista, para que o público possa ter um entendimento completo da obra. Dentre estes, escolhemos os dois artistas a serem premiados, Romilâne e Alex, pela qualidade do conjunto das obras, ressaltada pela economia de meios.

Procuramos ser imparciais quanto às tendências exploradas, à escolha dos materiais, à procedência e à temática. Nos momentos de dúvida, consultamos apenas a idade do participante, para avaliarmos a "maturidade" da produção, pois a mostra compreende artistas de 15 a 30 anos.

A seleção das obras foi antes de mais nada um prazer. A qualidade e a diversidade do conjunto dos trabalhos resultaram na inclusão de 36,6% dos artistas, com 78 obras selecionadas entre pintura, gravura, desenho, colagem, escultura, objeto, instalação, fotografia, vídeo e assemblage.



Foto: Pimenta

• Luciano Bortoletto é artista plástico, coordenador de *Oficina de Outdoor*, com formação em Artes Plásticas pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp). Professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). Participa e realiza exposições coletivas e projetos de educação visual.

• Cláudia Braga é artista plástica e arquiteta, com formação pela Universidade de São Paulo. Desenvolve trabalhos de escultura e fotografia em ateliê próprio e também atua profissionalmente na área de comunicação visual impressa e on line.

Figura 377: Comissão julgadora da Mostra de Arte da Juventude, com Luciano Bortoletto.2001.



2000 Novelli Imagem Centro Cultural São Paulo Estudos e fotos da instalação

Figura 378: Exposições Novelli, Centro Cultural SP

Em 2000 participei da seleção do projeto Novelli Imagem do CCSP e tive dois projetos selecionados: “ Namoro Fantático” e “ O cego, o surdo, o mudo e o felizardo”.

Os dois foram montados atrás do Centro Cultural São Paulo, na fachada da Av. 23 de Maio. A montagem do ‘Namoro’ foi mais complexa, pois tivemos que imendar os cinco painéis de poydoor e colocar os apliques. A equipe da Novelli era muito boa, e eu acompanhei a montagem dos dois. Ficaram dois meses em exposição cada um. Adorava passar para vê-los antes de ir dormir, pois a avenida é caminho de volta para casa.

